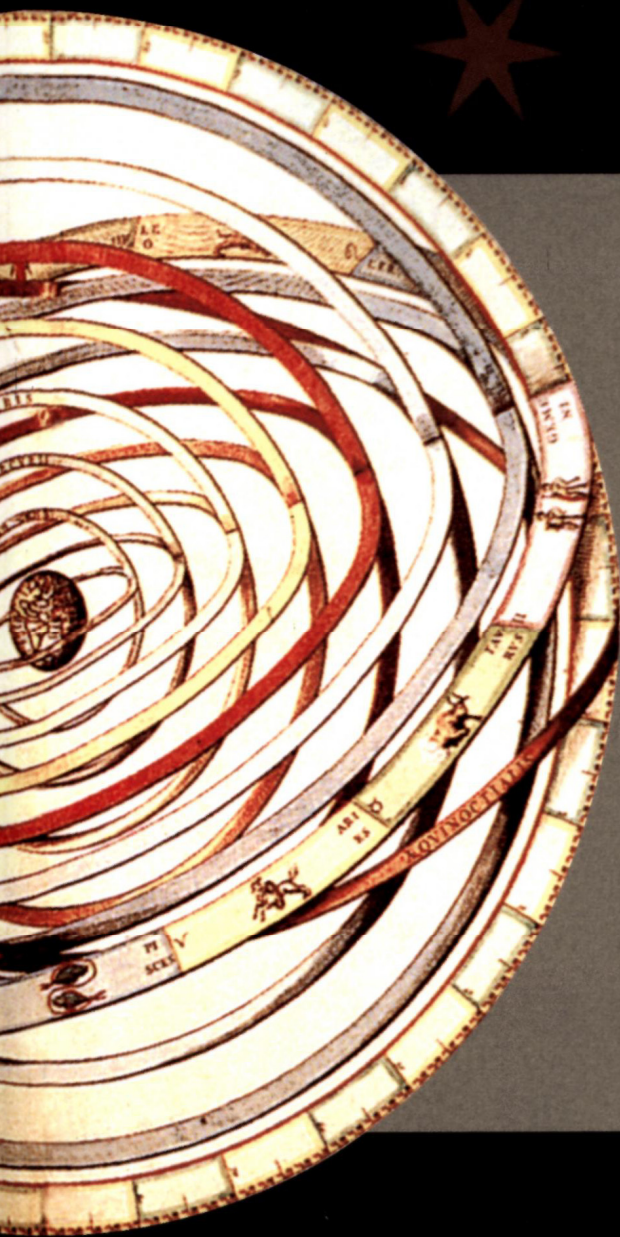




PETER MARSHALL

A ASTROLOGIA NO MUNDO

Uma visão histórica
para entender melhor
a personalidade humana



A ASTROLOGIA NO MUNDO

PETER MARSHALL

A ASTROLOGIA NO MUNDO

Uma visão histórica
para entender melhor
a personalidade humana

Tradução de
ANGELA MACHADO



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Marshall, Peter H., 1946-
M821a A astrologia no mundo: uma visão histórica para entender
melhor a personalidade humana / Peter Marshall; tradução Angela
Machado. - Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

Tradução de: World Astrology
Inclui bibliografia ISBN 85-
7701-109-7

1. Astrologia - História. I. Título.

06-2193 CDD-133.509
133.52(09) CDU-

Título original inglês:
WORLD ASTROLOGY

Copyright © 2004 by Peter Marshall

Publicado originalmente em 2004 pela Macmillan, um selo
da Pan Macmillan Ltd.

Pan Macmillan
20 New Wharf Road, London NI 9RR
Basingstoke and Oxford
Associated companies throughout the world
www.panmacmillan.com

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em
parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem
os meios empregados, com exceção das resenhas literárias, que podem
reproduzir algumas passagens do livro, desde que citada a fonte.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela EDITORA NOVA ERA um selo da EDITORA BEST SELLER LTDA.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 85-7701-109-7

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

*Para Skipper Atman —
uma estrela cadente*

(...) Ou deixem que a minha lamparina na hora da
meia-noite
Seja vista em alguma torre alta e solitária
Onde poderei observar a Grande Ursa,
Com o três vezes grande Hermes, ou alcançar
O espírito de Platão para desvelar
Quais mundos, ou quais vastas regiões encerram
A mente imortal que previu
A sua mansão neste abrigo carnal;
E sobre aqueles demônios que são encontrados
No fogo, no ar, nas enchentes ou debaixo da terra,
Cujos poderes têm a aquiescência
De um planeta ou elemento.

JOHN MILTON, *II Penseroso* (cerca de
1631)

Sumário

Capa - Orelha - Contracapa

Encarte de Ilustrações, 466

Agradecimentos, 13

Glossário, 15

Introdução, 29

PRIMEIRA PARTE

Pilares do Destino: China

1 Dentro da Boca do Dragão, 37

2 O Cão e o Tigre, 45

3 O Caminho e a sua Virtude, 53

4 Observando o Infinito, 63

5 Assim como É em Cima, E Embaixo, 73

6 O Templo do Céu, 79

7 Os Quatro Pilares do Destino, 85

8 Conhecer Todas as Coisas, 99

9 Vento e Água, 105

10 Casa Estelar, 115

SEGUNDA PARTE

O Senhor da Luz: Índia

11 A Sabedoria dos Céus, 131

12 Olhos que Vêem Longe, 141

13 A Roda da Vida, 153

14 A Família dos Planetas, 163

15 Mansões Lunares, 179

16 Yogastrologia, 189

17 Crise e Salvação, 197

TERCEIRA PARTE

Mistérios do Deserto: Mesopotâmia e Egito

18 Nas Águas da Babilônia, 207

19 Faça-se a Luz, 219

20 A Imagem do Céu, 229

21 O Retorno da Fênix, 239

22 O Horóscopo da Eternidade, 249

QUARTA PARTE

Estrelas Cadentes: Impérios Grego, Romano e Islâmico

23 A Harmonia das Esferas, 261

24 A Imagem Mutante da Eternidade, 269

25 O Mundo Helênico, 279

26 A Poesia das Estrelas, 289

27 O Ambiente, 299

28 Miriogênese, 307

29 Os Astrólogos do Oriente Médio, 315

QUARTA PARTE

A Via Láctea: Europa

30 No Início da Luz, 331

31 Renascimento, 345

32 A Nova Astronomia, 359

33 A Nova Astrologia, 367

34 A Psicologia da Antigüidade, 373

35 Ciência ou Superstição? 387

36 Questões não Resolvidas, 401

37 Juntando os Fios, 409

38 A Era de Aquário, 421

Notas, 425

Bibliografia Seleccionada, 447

Índice Remissivo, 457

Agradecimentos

Encontro-me em débito com inúmeras pessoas que me ajudaram nesta longa jornada ao coração da astrologia. São muitas, para mencionar todas, mas elas sabem a quem me refiro. Por favor, aceitem meus calorosos agradecimentos.

Na China Continental, gostaria de agradecer a Ming Zhiting, diretor-representante da Associação Taoísta da China no Templo da Nuvem Branca em Pequim (Beijing), e aos Professores Zhao Kuang-hua e Zhou Jia-hua, do Instituto de História da Ciência Natural da Academia Chinesa de Ciências. Em Hong Kong fui muitíssimo auxiliado pelo Dr. Chan Ki King, curador do Museu do Espaço de Hong Kong; por Choi Park-lai, autor do *Almanaque chinês*; por Raymond Lo, especialista em astrologia e feng shui; e por Jacqueline Taylor-Smith, diretora da filial de Hong Kong da Real Sociedade Geográfica. Sou grato também ao Needham Institute de Cambridge, por me permitir a reprodução de ilustrações do magistral *Science and Civilisation in China*, de Joseph Needham.

Na Índia, gostaria de agradecer ao Dr. J. S. Shukla da Universidade Samparnanand de Sânscrito, em Varanasi, e ao Professor Kamalesh Datta Tripathi da Universidade Hindu de Benares, por suas conversas esclarecedoras. O Swami Yogi Prakash demonstrou seu valor ao explicar as complexidades do tantra e da astrologia indiana. Komilla Sutton, co-fundadora e presidente da Associação Britânica de Astrologia Védica, gentilmente me esclareceu sobre vários pontos.

No Egito, devo ao Dr. Zahi Hawass, Diretor de Antigüidades em Gaza, a permissão para subir e explorar as câmaras da Grande Pirâmide, e a Mohamed El Baili, Diretor de Antigüidades em Luxor, por me permitir visitar as tumbas da Margem Ocidental, fechadas ao público. Qualquer aluno de civilização e astrologia egípcias se sentirá estimulado pelas idéias e trabalhos de John Anthony West.

De volta a casa, gostaria de agradecer aos meus antigos vizinhos Brenda e David Thomas pelas várias discussões agradáveis sobre astrologia. Sou particularmente grato a David por traçar e interpretar os horóscopos. Meus amigos Graham Hancock, Joanna Sancha, Jonathan Lumby e Robin Waterfield gentilmente me emprestaram materiais e

apontaram as direções. Dicker Feeseey, Jeremy Gane, Dei Hughes, David Lea, John Schlapobersky, Peter Tutt e Jenny Zobel, todos permaneceram próximos de mim e foram amigos inspiradores.

Meus maravilhosos filhos Dylan e Emily honraram os meus compromissos, e meu irmão, sempre desafiador, me manteve controlado. O interesse do restante da família, especialmente de Colette, Julie e Sylvie, foi muito apreciado. Um agradecimento especial para minha mãe Vera pelo apoio amoroso.

Na Macmillan, sou grato a William Armstrong, editor associado, que me encorajou nos primeiros estágios, à editora de provas Christine Lee, que fez um excelente trabalho, e aos editores Stuart Evers e Jeremy Trevathan, que acompanharam todo o projeto. Seus conselhos decisivos e cooperação fraterna foram valiosos.

Bill Hamilton, meu agente literário na A. M. Heath, foi sempre uma fonte de excelentes conselhos, de encorajamento caloroso e ótimo discernimento.

Acima de tudo, gostaria de agradecer a Elizabeth Ashton Hill, que me acompanhou em minhas viagens, me ajudou nas pesquisas e que tem sido uma crítica muito compreensiva e carinhosa.

Que as estrelas brilhem sobre todos vocês.

Peter Marshall

Little Oaks, 21 de maio de 2003

Meus agradecimentos especiais a Robin Waterfield pela leitura e correções na edição original.

Equinócio da primavera de 2004

Glossário

ASTROLOGIA CHINESA

Chi: energia cósmica.

Ch'ien: trigramma criativo associado ao verão, ao Sul, ao fogo e ao céu.

Elementos: são cinco elementos, cada um regido por um planeta visível: água (Mercúrio), metal (Vênus), fogo (Marte), madeira (Júpiter) e terra (Saturno).

Feng shui: literalmente, "vento e água". A arte e ciência de criar um local de habitação no cenário para os vivos e os mortos. Arruma o ambiente para ampliar o fluxo do chi.

H'sun: trigramma do vento gentil associado ao fim do verão, ao Sudoeste e à madeira.
I Ching: O livro das mutações, texto de divinação muito antigo e respeitado.

K'an: trigramma perigoso associado ao outono, ao Oeste, ao metal e à Lua.

Ken: trigramma da montanha associado ao início do inverno, ao Noroeste e à calmaria.

K'un: trigramma receptivo associado ao inverno, ao Norte, à água e à criação.

Li: trigramma aderente associado à primavera, ao Leste, à madeira e ao Sol.

Lo Pan: bússola utilizada pelos praticantes de astrologia e feng shui.

Lo Shun: quadrado mágico, diz-se que foi descoberto no casco de uma tartaruga.

Sha: chi não saudável, literalmente "vapor nocivo".

T'ai Chi: O Grande Final.

Tao: indefinível. O mais próximo seria "O Caminho". O Tao se divide nas forças complementares do yin e yang, são encontradas em todos os seres.

Trigramma: figura fundamental formada por três linhas utilizada para formar os hexagramas octogonais que dizem ser os blocos de construção de todas as coisas. Utilizada no *I Ching*,

o livro das divinações. A linha superior do trigramma representa o céu; a do meio, a humanidade; e a linha inferior, a terra.

Tui: trigramma do lago associado ao início do verão, ao Sudeste, ao metal, à alegria.

Yang: uma das duas forças opostas, porém complementares, que formam o universo. Associada à luz, é positiva, criativa, e representa a energia masculina.

Yin: associada à escuridão, é negativa, receptiva, e representa a energia feminina.

ASTROLOGIA INDIANA

Artha: propósito ou objetivo na vida.

Atmã: O *Self* na filosofia hindu.

Ayanamsha: a "parte do movimento"; a diferença em graus causada pela precessão dos equinócios entre a posição de 0° de Áries nos sistemas zodiacais sideral (indiano) e tropical (ocidental). Também conhecido como Distância Precedente.

Ayurveda: a antiga ciência védica da medicina ainda praticada na Índia.

Bhava: literalmente, uma "maneira de ser"; a casa de um mapa astrológico.

Brahma: o primeiro deus da trindade hindu, que personifica o poder da criação. Os outros são Vishnu, o Preservador, e Shiva, o Destruidor.

Buddhi: o intelecto.

Carma: "ações". Na religião e filosofia hindus: as ações passadas que influenciam o destino da pessoa no presente ou no futuro.

Chakra: "roda"; nome para o mapa de nascimento.

Chacras: centros de energia no corpo.

Chandra: o "Refulgente"; a Lua.

Chandra lagna: mapa mostrando a Lua como ascendente.

Dashas: direções, períodos planetários.

Dharma: intraduzível; descrito de várias maneiras como lei cósmica, reta conduta, religião, a maneira como as coisas são, modo de vida.

Gochara: trânsitos dos planetas.

Graha: literalmente, "aquele que agarra, que se apodera"; palavra sânscrita usada geralmente para um planeta.

Gunas: "tendências" ou "qualidades", os três aspectos fundamentais da mente e da existência consistindo de *sattva*, bondade, pureza, verdade; *rajas*, paixão, ação; e *tatnas*, apegos, escuridão.

Jyotish: nome sânscrito para a astrologia védica. Originalmente, o estudo dos corpos celestes abarcando a astrologia, a astronomia e a matemática.

Kalapurusa: "Homem-tempo", ser cósmico cujo corpo é representado pelos signos do zodíaco e cujas emoções são simbolizadas pelos planetas.

Kali Yuga: a era atual, quarta era, equivalente à Era do Ferro dos gregos.

Kama: paixão ou desejo.

Karaka: indicador.

Kendra: casas cardinais.

Ketu: nodo sul da Lua.

Kundalini: energia poderosa dentro de nós simbolizada por uma serpente enrolada.

Lagna: "aquilo que encontra"; entre várias traduções, o momento do nascimento, o Ascendente, o horóscopo.

Manas: a mente.

Mantra: som sagrado repetido na meditação.

Manuyuga: sequência de quatro yugas, avaliada em 311.040.000 anos. Quatorze Manuyugas formam o ciclo completo equivalente a um dia na vida de Brahma.

Moksha: liberação, iluminação.

Mooltrikona: "triângulo raiz", uma posição em que os planetas ficam fortes.

Nakshatra: mansão lunar, isto é, uma das 27 ou 28 constelações que a Lua parece atravessar a cada mês lunar.

Navamsha: a nona divisão de um signo do zodíaco; nono mapa divisional.

Prana: energia solar.

Rahu: nodo norte da Lua.

Rajas: paixão, ação.

Rishis: videntes ou sábios a quem os Vedas foram presumivelmente revelados. Os Sete Rishis são identificados com as estrelas da Ursa Maior.

Sastra: ramo do aprendizado, ciência.

Sattva: bondade, pureza, verdade.

Shiva: um dos principais componentes da trindade hindu de deuses personificando o poder da destruição e da transformação.

Surya: o Sol.

Tamas: apegos, escuridão.

Tantra: "tessitura", "fio"; um caminho espiritual que trabalha com todas as partes de um ser — mente, corpo e espírito —, transformando-as mais do que as rejeitando.

Vargas: divisões, especialmente as do zodíaco.

Yogas: combinações planetárias.

Yuga: uma das quatro eras do universo que formam o Manuyuga.

ASTROLOGIA OCIDENTAL

Afinidade: ver *regência*.

Angulo: os dois eixos de um mapa duplo circular formam quatro ângulos dentro dele. O ponto alto do eixo vertical é chamado de Meio do Céu (MC, *Médium Coeli*) e o ponto baixo é o Fundo do Céu (IC, *Imum Coeli*). Eles formam o ponto de encontro da eclíptica com o meridiano local. No lado esquerdo do eixo horizontal está o Ascendente e no ponto do lado direito está o Descendente. Eles formam o ponto de encontro da eclíptica com o horizonte local. São as cúspides das casas angulares 1, 4, 7 e 10. Os planetas localizados dentro de alguns graus destes pontos são considerados particularmente significativos em um horóscopo.

Ano solar: período de tempo no qual a Terra completa uma volta em torno do Sol, medido entre dois equinócios verais sucessivos (igual a 365.242,19 dias). Também chamado de ano tropical.

Ano tropical: ver *ano solar*.

Ascendente: grau ou signo do zodíaco que está subindo no horizonte oriental no momento do nascimento. Também o ponto no qual o horizonte oriental intercepta a eclíptica. Cada grau leva cerca de quatro minutos para subir, formando 360° em um dia de 24 horas. O Ascendente é a cúspide da Casa 1. O signo do zodíaco que está subindo no horizonte oriental é chamado de signo ascendente. Diz-se que o Ascendente representa as qualidades ocultas de uma pessoa.

Aspecto: ângulo formado entre duas linhas imaginárias que ligam dois corpos ou pontos celestes com a Terra. O arco entre os dois é medido em graus em torno da circunferência do mapa do nascimento. A influência dos aspectos pode ser de caráter positivo ou negativo, e de força poderosa, forte, moderada ou fraca.

Asteróides: um cinturão de um vasto número de fragmentos, que se acredita ser um planeta desintegrado, entre as órbitas de Marte e de Júpiter. Alguns astrólogos integraram parte desses fragmentos em seus sistemas.

Astrologia horária: horóscopo para um determinado momento e local a respeito do qual foi formulada uma pergunta ao astrólogo.

Astrologia mundana: a primeira forma de astrologia aplicada aos eventos do mundo, política e nações.

Cardinais (Pontos Cardinais): o Ascendente, o Meio do Céu (MC), o Descendente e o Fundo do Céu (IC).

Casas (Casas Mundanas): uma das 12 divisões feitas no ciclo da rotação diária da Terra. Cada Casa representa um período de cerca de duas horas durante as quais um signo do zodíaco parece passar acima do horizonte. Cada quadrante do horóscopo é dividido em três partes para produzir 12 Casas que representam as diferentes áreas de atuação na vida, como o lar, o trabalho, os relacionamentos. A Casa 1 começa na linha do Ascendente e as demais seguem no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio no círculo do mapa. Existem métodos diferentes para determinar sua extensão, porém o sistema de Casas com 30° cada é popular e fácil. A Tabela das Casas, publicada para as várias latitudes geográficas, lista os graus que surgem com o Ascendente e culminam no Meio do Céu, bem como as cúspides das Casas intermediárias, com um intervalo de quatro minutos no ciclo diurno de 24 horas. Na astrologia antiga, as Casas referiam-se às Casas zodiacais dos planetas, ou seja, aos signos regidos por eles, enquanto as Casas Mundanas modernas eram chamadas de Pontos.

Casas Mundanas: ver *Casas*.

Cronoatores: os "Formadores do Tempo", Júpiter e Saturno. As conjunções a cada 20 anos de Júpiter-Saturno permanecem em torno de 200 anos no mesmo elemento, formando um ciclo zodiacal de 800 anos. Diz-se que os ciclos marcam o espírito das idades.

Conjunção: quando dois ou mais planetas ocupam o mesmo ponto no céu.

Cúspide: o ponto no zodíaco que separa uma casa da outra em um horóscopo. Existem 12 cúspides, uma relativa a cada Casa, quatro delas formando os Ângulos. O Ascendente é a cúspide da Casa 1. Não é correto dizer "Eu estou na cúspide entre Leão e Virgem". Nasce-se no signo de Leão ou de Virgem.

Decanos: a divisão de 30° de um signo do zodíaco em três seções de 10°. Adaptado do sistema egípcio de medir o tempo, os decanos são geralmente atribuídos a diferentes planetas.

Decumbente: um mapa traçado para o momento do aparecimento da doença e utilizado como prognóstico.

Descendente: o ponto no qual o horizonte ocidental intercepta a eclíptica. No mapa natal ele aparece oposto ao Ascendente. Também chamado de Cúspide da Casa 7.

Detrimento: a influência de um planeta fica enfraquecida (em detrimento) quando ele se encontra no seu signo polar, isto é, oposto ao signo zodiacal que ele rege.

Dignidade: diz-se que os planetas estão em dignidade quando se encontram nos signos que eles regem, ou nos quais estão exaltados, onde sua influência fica reforçada. Estão em debilidade e enfraquecidos em signos opostos aos que regem (detrimento) ou opostos à sua exaltação (queda).

Direções: métodos para datar os eventos movendo (direcionando) planetas e outros fatores para novas posições e aspectos no horóscopo. O movimento pode ser derivado de uma rotação diurna da Terra e do céu nas horas após o nascimento (Direções Primárias), ou de movimentos planetários ao longo da eclíptica nos dias após ou antes do nascimento (Direções Secundárias ou Progressões). Este último tornou-se o método principal na prática contemporânea.

Dodecamórios: 12 partes, originalmente referindo-se às 12 divisões do zodíaco e depois às 12 partes dentro dos signos, ou partes menores atribuídas aos planetas.

Eclíptica: movimento aparente do Sol em torno da Terra. O plano da órbita da Terra em torno do Sol propagado no espaço para encontrar a esfera celeste.

Efeméride: tabela com as posições precisas do Sol, da Lua e dos planetas em base diária num determinado ano. Contém também as informações necessárias para traçar um horóscopo, como latitude, declinação e tempo sideral.

Elementos: na Índia, Oriente Médio e Ocidente, quatro elementos são considerados como princípios fundamentais da natureza: fogo, terra, ar e água. Alguns gregos adicionaram o éter, algumas vezes traduzido como espaço. Na astrologia ocidental, eles representam a natureza fundamental dos 12 signos do zodíaco. Os signos de fogo são: Áries, Leão e Sagitário; os de terra são Touro, Virgem e Capricórnio; os signos de ar são Gêmeos, Libra e Aquário; e os de água são Câncer, Escorpião e Peixes. Uma contagem da distribuição dos sete planetas tradicionais entre os elementos indica o equilíbrio dos elementos no horóscopo. Tradicionalmente os quatro elementos estavam associados aos quatro humores: fogo ao colérico (impulsivo e direcionado); terra ao melancólico (retraído e prático); ar ao sanguíneo (otimista e inquieto) e água ao fleumático (sensível e reflexivo).

Elevação: a distância acima do horizonte de um planeta. Diz-se que o planeta mais próximo do Meio do Céu está elevado.

Epíclcio: um círculo com um centro movendo-se em torno da circunferência de um círculo maior.

Equinócio vernal: a interseção do plano da eclíptica com a esfera celeste. Esta interseção ocorre uma vez ao ano na primavera no Hemisfério Norte no momento em que o Sol cruza o equador celeste, movendo-se de Sul para Norte. O equinócio vernal ocorria a 0° de Áries, cerca de 2.000 anos atrás; desde então, ele tem se afastado gradualmente, graças à precessão dos equinócios.

Equinócios: os dois dias do ano na primavera e no outono em que o Sol atravessa o equador e o dia e a noite têm durações iguais. Nessas épocas o plano da eclíptica intercepta o equador celeste.

Exaltação: a influência de um planeta fica mais forte quando ele está em exaltação ou exaltado em determinado signo. Tradicionalmente, o Sol fica exaltado em Áries; a Lua, em Touro; Mercúrio, em Virgem; e Vênus em Peixes; Marte, em Capricórnio; Júpiter, em Câncer; e Saturno em Libra. Entre os planetas descobertos mais recentemente, diz-se que Urano está exaltado em Escorpião; Netuno, em Leão; Plutão, em Virgem.

Fundo do Céu: (IC, do latim *Imum Coeli*), ponto de encontro da eclíptica com o meridiano local, diretamente abaixo do observador. É o oposto do Meio do Céu no horóscopo. Também conhecido como Nadir e chamado de cúspide da Casa 4.

Genetliologia: astrologia natal.

Grande Ano: extensão de tempo que os planetas levam para retornar à mesma posição em relação a cada um, calculada de 1.000 a 30 mil anos.

Horóscopo: (do grego *horóscopos*, observando o tempo) um mapa das posições dos planetas nos céus no local e momento exatos do nascimento de uma pessoa. Ele cobre todo o céu, e dentro do círculo de 360° mostra os signos do zodíaco, os planetas, os signos ascendentes e angulares e as 12 Casas. Outro nome para o mapa natal.

Imum Coeli (IC): ver *Fundo do Céu*.

Katarche: astrologia das iniciativas, incluindo a horária, decumbentes, escolhas e começos. São mapas traçados para um momento diferente daquele do nascimento que pretendem descobrir qual a melhor decisão a ser tomada numa situação.

Longitude: na Terra, a distância de qualquer lugar a Leste ou Oeste de Greenwich; nos céus, a distância de qualquer corpo do primeiro ponto do zodíaco (0° de Áries), medido sobre a eclíptica.

Lotes: posições teóricas no zodíaco produzidas por uma equação que envolve três fatores significativos em um horóscopo, um dos quais é geralmente uma cúspide. Também conhecido como Partes. Ver *Parte da Fortuna*.

Luminares: o Sol e a Lua.

Meio do Céu: (MC, do latim *Médium Coeli*) ponto onde o meridiano intercepta a eclíptica. Seu oposto no horóscopo é o Fundo do Céu (IC).

Meio-ponto: ponto médio medido em graus entre quaisquer fatores significativos no horóscopo, como dois planetas, dois ângulos ou um planeta e um ângulo. Acredita-se que os meios-pontos expressam suas energias. A técnica, chamada de cosmobiologia ou método Ebertin, suprime as Casas intermediárias e os signos do zodíaco. Utilizado em mapas de sinastria.

Meridiano: um grande círculo na esfera celeste que passa pelos pontos Norte e Sul do horizonte e o zênite, que está diretamente acima do observador. Em um mapa natal, o meridiano é a linha que liga o Meio do Céu (MC) com o Fundo do Céu (IC), seccionando o círculo em duas partes.

Nadir: ver *Fundo do Céu*.

Nodos: os dois pontos de interseção da órbita de um planeta através da eclíptica, um quando ele se move para o Norte e o outro quando se move para o Sul. Atualmente,

tende-se a usar somente os nodos da Lua; o Nodo Lunar Norte é chamado de Cabeça do Dragão; o Nodo Lunar Sul é conhecido como Cauda do Dragão. Os eclipses solares e lunares ocorrem em razão do alinhamento de um nodo com a Terra, o Sol e a Lua no plano da eclíptica. Diz-se que o Nodo Norte favorece o sucesso e o Nodo Sul acentua os problemas.

Oposição: um aspecto que representa um ângulo de 180° entre dois planetas. Como resultado, ficam de frente um para o outro na roda do zodíaco e no mapa natal.

Orbe: o número de graus permitido em cada lado de um aspecto exato para este continuar ainda em vigor. Em geral considera-se 15°. O trígono, por exemplo, possui um orbe de exatidão de 8° em cada lado.

Ordem Caldaica: a ordem dos planetas como é vista da Terra em suas distâncias e velocidades aparentes. Refere-se somente aos sete visíveis tradicionais: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno.

Paranatellonta: estrelas que nascem e morrem no momento em que cruzam a eclíptica, porém ao Norte ou ao Sul delas.

Parte da Fortuna: posição teórica no zodíaco calculada pelas posições do Ascendente e da Lua, sem o Sol. Outras equações dão outras Partes, ou Lotes, utilizadas pelos astrólogos romanos e muçulmanos, como a Parte do Casamento e a Parte da Morte. Seu símbolo astrológico é o mesmo usado para a Terra, uma cruz dentro de um círculo.*

Planetas: tradicionalmente, os cinco planetas visíveis: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, e os três recentemente descobertos Urano, Netuno e Plutão.

Polaridade: cada signo do zodíaco tem o seu oposto no mapa com o qual está em polaridade e possui uma relação especial. Também cada signo é considerado positivo ou negativo e, como tal, masculino ou feminino, extrovertido ou introvertido, objetivo ou subjetivo.

Precessão dos Equinócios: o desvio gradual do movimento retrógrado dos signos do zodíaco contra o fundo das estrelas em longos períodos de tempo em razão da oscilação da Terra sobre o seu eixo. A retrogradação dos pontos equinociais quando vista contra as constelações significa que o primeiro ponto de Áries é agora realmente visto em Peixes. O fenômeno deu origem à idéia das "Eras". A astrologia indiana considera a Precessão dos Equinócios, a astrologia ocidental, não.

* Também conhecida em português como **Roda da Fortuna**. (N. do T.)

Progressões: para compreender os eventos passados e fazer observações sobre o futuro, os astrólogos "progridem" um mapa natal para representar um período futuro no tempo e não o momento do nascimento. O meio mais popular é considerar um dia no mapa como um ano na vida; se alguém está com 46 anos, os planetas deverão ser posicionados no mapa onde deveriam estar 46 dias após o nascimento.

Quadrantes: os quatro quartos de um mapa natal. De qualquer posição de um observador na Terra, os céus podem ser divididos em quatro quadrantes (horizonte oriental para o meridiano superior até o horizonte ocidental, com dois quadrantes iguais abaixo do horizonte).

Quadruplicidades: *ver qualidades.*

Qualidades: a cada um dos signos do zodíaco é atribuída uma das três qualidades que refletem o seu modo de atividade: cardinais (dizem que estimulam a ação), fixos (resistem às mudanças) ou mutáveis (são adaptáveis). Áries, Câncer, Libra e Capricórnio são os signos cardinais; Touro, Leão, Escorpião e Aquário são os signos fixos; e Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes são os signos mutáveis. Uma predominância de planetas numa das qualidades em um mapa natal denomina-se de cruz porque eles formam quadraturas e oposições.

Queda: a influência de um planeta fica enfraquecida quando ele está em queda, isto é, quando está no signo oposto ao qual fica exaltado.

Quíron: um planetóide, possivelmente um cometa aprisionado entre as órbitas de Saturno e de Urano. Alguns astrólogos o assumem como símbolo do curador ferido.

Regente: diz-se que cada signo do zodíaco tem uma afinidade ou é "regido" por um planeta. O planeta regente do signo ascendente é chamado de regente do horóscopo.

Retificação: correção do suposto momento do nascimento para descobrir o momento verdadeiro, geralmente deduzido dos eventos da vida da pessoa envolvida.

Relocação: quando o horóscopo é traçado novamente para qualquer lugar significativo, a fim de mostrar o potencial da pessoa naquele ponto.

Retornos: o retorno de qualquer planeta para a posição que ele ocupava no zodíaco no momento do nascimento.

Retrogradação: movimento retrógrado aparente dos planetas através do zodíaco visto de um observador na Terra. É uma ilusão produzida pela velocidade relativa dos planetas em suas órbitas. Um planeta em retrogradação é chamado de retrógrado.

Sidereal: refere-se às estrelas. Um mês sidereal é o período de tempo que a Lua leva para fazer uma revolução completa em torno da Terra, medido entre duas conjunções sucessivas com uma estrela em particular (aproximadamente 27 dias, 7 horas, 43 minutos e 11 segundos). Um ano sidereal é o período de tempo durante o qual a Terra completa uma revolução em torno do Sol, medido entre duas conjunções sucessivas de uma estrela em particular (igual a 365.256,36 dias).

Signo Nascente: ver *Ascendente*.

Signos cardinais: ver *quadruplicidade*.

Signos solares: os 12 signos tradicionais do zodíaco, através dos quais o Sol parece atravessar em um ano solar. Acredita-se atualmente que o signo solar no mapa natal de uma pessoa representa sua imagem pública.

Sinastria: comparação entre dois ou mais mapas para verificar sua compatibilidade. Um mapa composto de um relacionamento entre duas pessoas pode ser formado por meios-pontos de fatores comuns em seus horóscopos.

Sinódico: refere-se a uma conjunção ou a duas conjunções sucessivas da mesma estrela ou planeta. Um mês sinódico é um mês lunar, o período de tempo que a Lua leva para completar uma volta em torno da Terra, medido entre duas luas novas sucessivas (aproximadamente 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 segundos).

Solstícios: dois dias do ano no verão e no inverno em que o Sol encontra-se em seu ângulo máximo de declinação com o equador, resultando nos dias mais curtos e mais longos.

Stellium: um grupo de três ou mais planetas em conjunção, que se acredita ter uma influência muito poderosa.

Subida helíaca: primeiro surgimento de uma estrela após o seu período de invisibilidade causado pela conjunção com o Sol.

Trânsito: movimento de um planeta através de um signo ou Casa. Os astrólogos usam freqüentemente os trânsitos comparando as posições dos planetas no momento presente com as do mapa natal para interpretar tendências e possibilidades futuras.

Trígono: grupo de três signos do zodíaco, com 120° de distância entre si formando um triângulo.

Triplidade: um dos quatro grupos fixos de signos, contendo cada um três planetas. Relaciona-se aos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Ver também elementos.

Zênite: ponto mais elevado no meridiano diretamente acima do observador.

Zodíaco: faixa do céu com 18° de largura ao longo da eclíptica. É dividido em 12 partes, cada uma com 30° , que representam os 12 signos do zodíaco. O Sol leva um ano para atravessar todos os signos. A astrologia indiana utiliza o zodíaco sideral, que está relacionado às constelações das estrelas fixas.

ASPECTOS

Aspectos Principais (Ptolomaicos)				
<i>Aspecto</i>	<i>Símbolo</i>	<i>Grau</i>	<i>Orbe</i>	<i>Significado</i>
Conjunção	♌	0°	8	intensifica,
Oposição	♐	180°	8	muito prejudicial,
Trígono	♊	120°	8	muito útil,
Quadratura	☐	90°	6/4	prejudicial, luta
Sextil	*	60°	8	pouco útil,

Aspectos Menores

<i>Aspecto</i>	<i>Símbolo</i>	<i>Grau</i>	<i>Orbe</i>	<i>Significado</i>
Semiquadratura	∠	45°	2	desconfortável
Sesquiquadratura	☐	135°	2	desconfortável
Semi-sextil	∨	0°	2	útil
Quincúncio	⋈	150°	2	tenso

CASAS

1	vida, constituição, expressão da
2	finanças, posses e sentimentos
3	irmãos e parentes, comunicação
4	lar, família, responsabilidade
5	filhos, criatividade, jogos
6	saúde, trabalho e servir ao outro
7	relacionamentos
8	sentimentos profundos, morte
9	viagens, educação, religião
10	posição no mundo, carreira
11	amigos, heterodoxia
12	inimigos, limitações, valores

PLANETAS

<i>Planeta</i>	<i>Símbolo</i>	<i>Significado</i>
Sol	☉	propósito, criatividade
Lua	☾	adaptação, receptividade
Mercúrio	☿	comunicação, intelecto
Vênus	♀	valorização, relacionamento
Marte	♂	exercício, energia
Júpiter	♃	expansão, melhora
Saturno	♄	estrutura, limitação
Urano	♅	desvio, heterodoxia
Netuno	♆	refinamento, sensibilidade
Plutão	♇	transcendência, mudança

SIGNOS

<i>Signo</i>	<i>Símbolo</i>	<i>Significado</i>	<i>Afinidade</i>	<i>Qualidade</i>	<i>Polaridade</i>	<i>Elemento</i>
Áries	♈	iniciar	Marte	cardinal	+	fogo
Touro	♉	manter	Vênus	fixo	-	terra
Gêmeos	♊	transmitir	Mercúrio	mutável	+	ar
Câncer	♋	conter	Lua	cardinal	-	água
Leão	♌	mostrar	Sol	fixo	+	fogo
Virgem	♍	analisar	Mercúrio	mutável	-	terra
Libra	♎	relacionar	Vênus	cardinal	+	ar
Escorpião	♏	investigar	Marte / Plutão	fixo	-	água
Sagitário	♐	ampliar	Júpiter	mutável	+	fogo
Capricórnio	♑	construir	Saturno	cardinal	-	terra
Aquário	♒	inovar	Saturno/ Urano	fixo	+	ar
Peixes	♓	fundir-se	Júpiter/ Netuno	mutável	-	água

Introdução

O que vocês acham da astrologia? Na minha opinião, é uma senhora notável, muito bela, que vem de um tempo tão distante que não poderia deixar de me atingir com seu encantamento. Não consigo encontrar qualquer refinamento ou elegância no mundo puramente físico que esteja à sua altura. Além disso, a mim me parece que ela está de posse de um dos mais elevados mistérios do mundo. É uma pena que, pelo menos para os incultos, uma prostituta tenha sido entronizada em seu lugar.

ANDRÉ BRETON

POR QUE OS NAMORADOS CONFEREM SEUS MAPAS NATAIS PARA VERIFICAR SE ELES são compatíveis? Por que homens e mulheres aparentemente racionais adiam suas ações em virtude da posição dos planetas? Por que presidentes e líderes militares consultam astrólogos antes de tomar decisões cruciais que afetarão o curso da história? O mundo foi atingido pelas estrelas? Apesar da desaprovação oficial da religião e da ciência estabelecidas, a astrologia passou recentemente por um renascimento extraordinário.

Astrologia é o estudo das estrelas e planetas e do seu efeito sobre o comportamento humano. Ela assume que existe uma correspondência entre o céu e a Terra, expressa pela frase "assim como é em cima, é embaixo*", e que a posição dos corpos celestes influencia personalidades, eventos e assuntos neste planeta. Acredita também que o microcosmo dos seres humanos espelha o macrocosmo do universo, isto é, "assim como é do lado de dentro, é do lado de fora". Nascida da magia e do augúrio, a astrologia reflete um impulso primordial para prever o futuro e faz parte da antiga procura pelo autoconhecimento. Desde a Antiguidade, ela tem oferecido um caminho para atingir uma forma superior de consciência, uma visão mística do real. As estrelas há muito são vistas como portas para um outro mundo, e até como portões do céu.

A astrologia é mais antiga que a civilização, e continua amplamente popular em todo o mundo. Ela expande a ciência e a arte e conecta astronomia, matemática, medicina, filosofia, religião, psicologia, mitologia e simbolismo. Permeia todos os níveis da sociedade. É parte tão integrante da cultura diária que todos nós falamos sobre a juventude "que tem o brilho das estrelas no olhar", de um projeto "não aprovado pelos céus" ou do ser amado "enviado pelas estrelas". Poucos são aqueles que nunca ouviram falar da "Era de Aquário" e das profecias de Nostradamus.

Muitos teólogos e cientistas, porém, rejeitam a astrologia com uma hostilidade irracional que lembra a fúria. Como a alquimia e a magia, ela é vista como parte do submundo sinistro do oculto. Para Santo Agostinho, ela envolvia um "acordo com os demônios", enquanto para o Papa Paulo II era pecado. Se fosse reconhecida pelos cientistas modernos, seria considerada um "estudo" primitivo dos corpos celestes que serviu para formar a base da astronomia moderna. É posta de lado como um pensamento insano, rejeitada no mínimo como uma superstição ingênua e no máximo como uma heresia perigosa. O Astrônomo Real Harold Spencer Jones a repudiou como "absoluta tolice".¹ Tem sido chamada de a "alucinação mais persistente que obcecou o cérebro humano".²

Estavam tão preocupados com sua crescente popularidade que 186 cientistas, incluindo 19 ganhadores do Prêmio Nobel, assinaram um manifesto em 1976 chamado "Objecções à Astrologia". Aventurando-se imprudentemente fora de suas áreas de atuação, declararam que "não existia fundamento científico em seus princípios" e desprezaram os astrólogos como meros charlatões.³ Mais recentemente, o zoólogo Richard Dawkins, que "detesta" astrólogos, descreveu o assunto como uma "afronta estética" cujos "respingos pré-copernicanos aviltam e depreciam a astronomia".⁴

Esta nova Inquisição não tem alcançado mais sucesso em esmagar a astrologia do que os esforços desesperados dos primeiros papas e imperadores. Como a alquimia e a magia, a astrologia se recusa a morrer. Presidentes tão diferentes como Charles de Gaulle e Ronald Reagan consultaram astrólogos. Políticos, generais e diplomatas na Índia e no Egito não se movem sem consultar seus astrólogos pessoais. Enquanto isso, a astrologia chinesa está ressurgindo após a Revolução Cultural, apesar da desaprovação oficial. Nos lares mais humildes e nos grandes palácios, nos corredores do poder político e nas amplas salas de companhias internacionais a astrologia está viva e passa bem. Os astrólogos são consultados não somente para os casos do coração e do lar, mas para o mercado financeiro e as corridas de cavalo; não somente para a carreira e perspectivas financeiras, como para o curso da história e o destino das nações. Milhões de pessoas lêem regularmente seus horóscopos nos jornais.

Os poetas W. B. Yeats e Ted Hughes tiveram um grande interesse pelo assunto. A astrologia inspirou a sinfonia de Holst, *The Planets*, e o bale de Constant Lambert, *The Horoscope*, como também álbuns do soberbo jazz de John Coltrane. Independentemente do que o astrônomo real tenha dito, Platão, Santo Tomás de Aquino, Dante, Marsilio Ficino, Goethe, André Breton e Henry Miller, todos levaram a astrologia a sério. Visto que grandes pensadores, poetas, escritores, artistas e músicos beberam fundo na fonte da astrologia, talvez haja de fato "algo" contido nela.



As palavras astrologia (*estudo das estrelas*) e astronomia (*lei das estrelas*) foram utilizadas indiferentemente até a Revolução Científica no século XVII. A forma antiga grega para astrônomo era *astrólogos*. Embora as raízes da astrologia ocidental repousem na divinação mágica da Mesopotâmia e na religião das estrelas do Egito, Platão forneceu a estrutura filosófica de toda a astrologia ocidental posterior. Ptolomeu, em geral considerado o pai da astronomia, prosseguiu para lançar os princípios astrológicos fundamentais que pouco foram modificados nos últimos dois mil anos.

Após o colapso dos Impérios Romano e Grego, o centro da astrologia deslocou-se para o Império Islâmico e retornou à Europa somente na Idade Média, por intermédio dos mouros na Espanha e na Itália. Ela permaneceu como parte integrante da astronomia. Os principais envolvidos na Revolução Científica estiveram profundamente engajados no assunto. Tycho Brahe foi um mestre astrólogo. Johannes Kepler confessou sua "relutante descrença" e insistiu que ninguém "deveria agir precipitadamente".⁵ O interesse de Galileu, o fundador da moderna astronomia, durou sua vida inteira. Quando um astrônomo criticou Isaac Newton por seu interesse pela astrologia, diz-se que o alquimista teórico e autor do *Principia Mathematica* respondeu: "Senhor, eu a estudei, o senhor, não."⁶ O mesmo não pode ser dito dos cientistas modernos, que objetam com ardor a astrologia.

A astrologia trouxe enorme contribuição para a história da ciência, não somente para a astronomia e a matemática, como também para a medicina e a psicologia. Hipócrates, pai da medicina, declarou reconhecidamente que: "Um médico sem o conhecimento da astrologia não tem o direito de chamar a si mesmo de médico."⁷ O psicanalista Carl Jung viu corretamente a astrologia como a psicologia da Antigüidade. Os signos do zodíaco são "imagens arquetípicas" ou manifestações do inconsciente coletivo.⁸ Isto sem dúvida explica o poder extraordinário do simbolismo astrológico que desperta a imaginação.

Foi nos principais centros de tradição na astrologia — China, Índia, Mesopotâmia, Egito, Oriente Médio e Europa — que surgiu o primeiro movimento para que a previsão astrológica se estendesse também ao indivíduo, não ficando apenas restrita ao destino das nações. Quando a astrologia ocidental se separou da astronomia após a Revolução Científica, a exploração da psique tomou a dianteira. A ênfase se desviou da delineação da maquinaria do destino para a interpretação do caráter humano de prever catástrofes naturais para indicar o potencial de uma vida individual. Apesar do seu declínio durante os séculos XVIII e XIX, a astrologia ressurgiu como uma fênix, como a grande iluminadora da psique na aurora do terceiro milênio. Na Era de Aquário, ela sem dúvida terá um papel central na visão de mundo orgânica e holística que está emergindo.



Existem inúmeras correntes no rio da astrologia. No início, esse rio se dividiu em astrologia *natural* e astrologia *judicial*. A primeira prediz o movimento dos planetas e foi amplamente absorvida pela astronomia; a última, interpreta o significado da sua influência na Terra. As correntes mais importantes da astrologia *judicial* são a astrologia *mundana*, que lida com o destino das nações, e a astrologia *genetliaca*, a arte de traçar os horóscopos dos indivíduos. A mais popular atualmente é a última, que se subdivide ainda em astrologia *natal*, o mapa natal e suas influências na futura personalidade; astrologia *horária*, o horóscopo traçado para responder a uma questão específica concernente a um determinado momento e lugar; e astrologia *eletiva*, o horóscopo traçado para escolher o momento certo para uma atividade ou empreendimento. Depois temos a astrologia *médica*, que relaciona os órgãos do corpo aos planetas nos céus e associa a determinados planetas o poder curativo das plantas.

Em meio ao número excessivo de escolas, sociedades e praticantes astrológicos, quatro correntes principais emergiram no século XXI. A primeira interpreta os fatores mais simples na astrologia em termos da psicologia popular, utilizando os signos solares da astrologia ocidental e os signos animais da astrologia chinesa como pontos principais no horóscopo. Este tipo enche os jornais, revistas e "almanaques" astrológicos. É a mais superficial, embora ainda assim ajude as pessoas a interpretar suas sensações e a esclarecer seus objetivos na vida.

A segunda corrente é uma tentativa de examinar a astrologia em uma base estatística para dar a ela um caráter "científico" e torná-la mais aceitável à comunidade acadêmica. Mas, como a astrologia envolve forças invisíveis, é virtualmente impossível dentro do estado atual do conhecimento científico explicar por que e como ela funciona.

A terceira corrente reconhece a natureza simbólica da astrologia e a utiliza como uma técnica poderosa para compreender o caráter e o destino dos seres humanos e seu lugar no universo. Os astrólogos antigos se referiam aos planetas como deuses, e os astrólogos clássicos deram a eles nomes míticos. A maioria dos astrólogos modernos os vê como símbolos, não se referindo a objetos em particular, mas apontando para uma realidade mais impalpável no inconsciente coletivo. Na verdade, como linguagem simbólica, a astrologia fornece um grande *mythos* que pode inspirar as pessoas a realizar todo o seu potencial como seres sociais, psicológicos e espirituais.

Os astrólogos que trabalham nesta área são em geral psicólogos e terapeutas. Sua tendência é oferecer generalidades para cobrir todas as situações ou focalizar sutilmente suas interpretações, de acordo com seu conhecimento a respeito do cliente. Um bom astrólogo acessa o caráter do seu cliente, reconhece seus problemas e depois os adapta ao horóscopo. As previsões extrapoladas são muitas vezes sábios conselhos do que pode ser feito no contexto da sua vida. Obviamente, a validade desta abordagem depende amplamente da intuição e da experiência do astrólogo.

A quarta corrente na moderna astrologia delineaia seus insights esotéricos e significados escondidos. Esta abordagem vê a disciplina como a oferta de um processo de iniciação, um guia ao longo do caminho da gnose que conduz à iluminação da mente por meio do conhecimento. Como tal, fala particularmente àqueles que se perguntam o que a Era de Aquário trará, que acreditam em anjos e espíritos e que vêem as energias planetárias em seus corpos, como também nos céus. Esses indivíduos podem viver sob o clarão das cidades, mas estão continuamente olhando para as estrelas.

Como veremos, não existe uma astrologia, mas várias — chinesa, indiana e do Oriente Médio, assim como a ocidental. E assim como existem várias tendências principais na astrologia, há inúmeras tradições. Até astrólogos da mesma escola farão interpretações diferentes dos mesmos dados. Mas eles não precisam ser exclusivos, e vários astrólogos trabalham em vários níveis ao mesmo tempo.

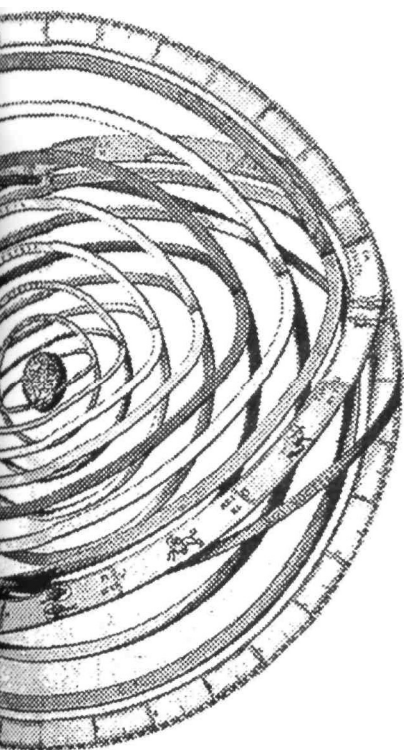
*

É lógico que a astrologia teve seus charlatões, assim como a medicina teve os seus curandeiros. Porém, no seu melhor aspecto, a astrologia indubitavelmente pode ajudar as pessoas a fazer escolhas conscientes a respeito de preocupações centrais da vida — trabalho, amor e saúde. Desde a Antigüidade ela tem sido um veículo para o autoconhecimento e oferece a possibilidade da compreensão pessoal e da concepção de vida. Formula questões primordiais, como: "Por que estou aqui?", "Qual o propósito da minha vida?",

"Como devo agir?". Sustenta um espelho no qual as pessoas podem se ver e se tornar conscientes do seu potencial. Pode despertar e transformar o ser. Sua linguagem simbólica não somente personifica antigos mitos e símbolos, como também aponta para níveis escondidos da consciência. Toca fortemente o coração e a alma, a intuição e a imaginação. Daí a atração perene que exerce sobre músicos, artistas, escritores e poetas.

A astrologia também levanta várias questões controversas. Como os corpos celestes influenciam a personalidade de uma pessoa no momento do nascimento? O horóscopo prevê realmente um mapa da psique? A previsão de eventos futuros é possível? O determinismo implícito é incompatível com a noção do livre-arbítrio? Como a descoberta relativamente recente de três novos planetas — Urano, Netuno e Plutão — altera a teoria e a prática da astrologia? Acima de tudo, o que a persistência da astrologia diz sobre nossa condição e experiência?

Empreendi uma pesquisa mundial para responder a estas perguntas. Embora um tanto cético a princípio, minhas pesquisas e viagens me levaram a suspeitar que a astrologia contém, sob disfarce, a ciência sagrada do mundo antigo que ainda hoje é altamente relevante. Transmite não apenas importantes verdades sobre a estrutura do universo, o caráter dos seres humanos e o curso da história, como lança uma luz sobre o nosso lugar legítimo dentro do cosmo.



PRIMEIRA PARTE

Pilares do Destino: China

Dentro da Boca do Dragão

NA FRONTEIRA DO DESERTO DE GOBI, NA ANTIGA ROTA DA SEDA, EXISTE, próximo a Dunhuang, um oásis escondido entre dunas de cor castanho-claro chamado Lago da Lua Crescente. Em 1900, um monge taoísta chamado Wang Yuanlu chegou à entrada de uma caverna escavada em paredões de arenito. Com a luz bruxuleante de sua lamparina, ele iluminou umas estranhas pinturas budistas nas paredes de um grande complexo de templos. E, ainda mais surpreendente, descobriu uma vasta biblioteca escondida que permaneceu intocada por mais de um milênio. Chamada de a "Caverna dos Mil Budas", os templos tinham sido erigidos no século IV por monges budistas como um centro para meditação, estudo e criatividade artística.

As 750 cavernas, conhecidas atualmente como Grutas Magao, foram esculpidas no arenito. A biblioteca continha perto de 50 mil artefatos e sua descoberta foi tão importante quanto os Manuscritos do Mar Morto.¹ Os trabalhos incluíam uma Bíblia escrita em siríaco, uma cópia do grande texto budista conhecido como *Sutra do Diamante* (o primeiro livro impresso) e um antigo mapa celeste.

Em 1907, o arqueólogo Sir Aurel Stein pagou ao monge taoísta que fizera a descoberta quatro peças de prata e retirou milhares de manuscritos e pinturas em rolos de seda, incluindo um mapa estelar. Eles estão agora nas Coleções Oriental e da Índia na Biblioteca Britânica.

O mapa estelar chinês, conhecido como mapa estelar Dunhuang, foi traçado em torno de 940 d.C. Quando fui vê-lo, o curador da coleção, Graham Hutt, me disse que era tão frágil que não poderia ser tocado. Trata-se de uma projeção cilíndrica, semelhante ao tipo que Mercator desenvolveu no século XVI, e representa o globo celeste projetado em uma superfície plana. O curador informou que ele é um dos mais antigos mapas estelares do mundo.² O mapa estelar Dunhuang representa o resultado de milhares de anos de paciente observação das estrelas na China. Foi traçado em uma época na qual a astrologia

chinesa estava no auge, e deve ter sido utilizado por astrólogos na Corte imperial. Foi uma descoberta fabulosa.

Que esclarecimentos ele poderia trazer para a visão chinesa dos céus e qual a sua influência no destino e caráter humanos? Decidi ir até a China para descobrir.

Os Adivinhos de Hong Kong

Minha primeira parada foi Hong Kong, uma cidade futurista com muitos arranha-céus, onde hordas de homens e mulheres, vestidos imaculadamente de acordo com as últimas tendências da moda, corriam cheios de preocupações para o trabalho. É uma cidade frenética, enervante, surreal. É chamada de boca do dragão, com uma energia ígnea fluindo sobre a sua espinha dorsal ao longo das montanhas da China Continental, para ser interrompida somente pelas águas do mar do sul da China.

Mas, apesar de toda a arquitetura pós-moderna, do alto padrão de vida e dos sistemas de comunicação direta, as antigas crenças, superstições arcanas e costumes misteriosos ainda florescem por sob o brilho da superfície. Os bancos mundiais que ocupam quarteirões inteiros consultam especialistas na antiga arte do feng shui — uma forma de astro-ecologia —, para saber qual a melhor posição para seus arranha-céus e como decoram seus interiores de modo a ampliar seus lucros. Muitas firmas contratam especialistas em feng shui para desenvolver os projetos e a decoração de seus escritórios. Executivos consultam almanaques chineses para descobrir o momento certo de tomar decisões importantes. Seus empregados visitam astrólogos para decidir sobre a compatibilidade de parceiros, as datas mais auspiciosas para casamentos e até a melhor época para conceber um filho. Consultam o antigo *J Ching*, *O livro das mutações*, a fim de obter auxílio para decidir sobre mudanças de carreira ou quando viajar. Independentemente dos altos salários e das vidas automatizadas, buscam templos para perscrutar o futuro e curar a si mesmos. Usam a astrologia, muitas vezes combinada a outros métodos de divinação, com o objetivo de explorar suas próprias personalidades e resolver problemas difíceis em suas vidas. Com isso, entram em contato com uma antiga fonte de sabedoria que revela a natureza última do universo e sugere que devemos nos sintonizar com ela para viver em paz e harmonia.

O popular templo de Wong Tai Sin no continente, em Kowloon, foi fundado em 1915 por um pai e seu filho que trouxeram do interior da China um retrato do santo que deu nome à construção. Numa profusão de cores, com pilares vermelhos, treliças azuis e telhados amarelos, é um templo típico de Hong Kong, primordialmente taoísta, porém

misturado com elementos budistas e confucionistas. A Sala do Unicórnio, por exemplo, é devotada a Confúcio e freqüentada por alunos que querem se sair bem em seus estudos. Seus pavilhões e salas são dispostos de acordo com os princípios do feng shui; os principais representam os cinco elementos: metal, madeira, fogo, água e terra. Possui também um jardim chinês típico, com miniaturas desiguais de montanhas e árvores sempre-verdes pontiagudas. Contém uma réplica da famosa Muralha dos Nove Dragões do Templo Proibido que visitei em Pequim. Nos lagos silenciosos das carpas, várias tartarugas grandes levantam suas cabeças inquiridoras entre os lírios.

Wong Tai Sin tem a reputação de ser um ente imortal que cura doenças e traz boa sorte. Seu festival cai no 23º dia do oitavo mês lunar (geralmente em setembro). Segundo sua autobiografia, Wong Tai Sin era um pastor pobre nascido sob a Dinastia Tsun: "Aos 15 anos tive a grande sorte de ser abençoado por uma fada que me levou para uma caverna de pedra onde aprendi a arte de refinar o cinabre nove vezes e transformá-lo em uma droga imortal." Tornou-se adepto da alquimia taoísta e viveu na caverna por quarenta anos até seu irmão, com a ajuda de um vidente, o capturar. Quando lhe foi perguntado onde estavam seus carneiros, levou seu irmão até uns "amontoados de pedras brancas" que foram rapidamente transformadas em carneiros ao seu comando.³ Fascinado com esta demonstração, o irmão tomou as medidas necessárias para também se transformar num imortal. Isto requereu o desenvolvimento de uma "pílula da imortalidade", o equivalente chinês da Pedra Filosofal.

Dentro do templo segui os devotos em seus trajes vistosos, que deixavam suas oferendas sobre um pedaço de jornal no chão, diante do pavilhão que continha a imagem do santo. Oravam levantando e baixando as mãos, mantendo a cabeça curvada em frente ao altar. Antes de sair, deixavam varetas de incenso acesas e enfiadas em areia dentro de grandes urnas de bronze.

Notei que várias pessoas giravam cilindros ovais de madeira cheios de varetas de bambu até que caíssem no chão. Um amigo ou membro da família anotava o seu número. Então repetiam o mesmo processo várias vezes. Aprendi que existem grupos de 40, 75 ou 100 varetas, algumas das quais são pintadas de preto na parte intermediária significando o yin (princípio feminino no universo), enquanto outras, que não eram pintadas, representavam o yang (princípio masculino). Cada "vareta da sorte" corresponde a um ideograma chinês que faz uma previsão. Com freqüência consulta-se um médium para conseguir uma interpretação final.

Os brilhantes financistas e magos da computação de Hong Kong mantêm indubitavelmente estas crenças supersticiosas e seguem práticas muito antigas de divinação que se originaram nos templos budistas. Sua prática com as varetas da sorte parecia ser uma

versão simplificada do *I Ching*, o livro mais antigo do mundo e ainda hoje o mais amplamente lido na China. Mas isso faz sentido? É possível fazer uma previsão sobre o futuro com uma seleção de varetas aparentemente ao acaso? Ou o próprio processo por si ajuda o vidente a conseguir um esclarecimento sobre o cliente ou o seu futuro?

Estas não são as únicas atividades que acontecem no tempo de Wong Tai Sin. Ligado ao complexo do templo existe uma fileira de quiosques superpovoados — cerca de 160 no total —, onde homens e mulheres, alimentados por anos de possível sabedoria, oferecem iluminação e socorro. Como diz uma placa em inglês: esta é uma aldeia real de "adivinhos".

Alguns são quiromantes, que praticam uma arte denominada quiromancia que existe há pelo menos três mil anos na China e na Índia. Já tinha visto esses leitores de mão trabalhando nos jardins fora do Palácio Proibido em Pequim. Os quiromantes levam em consideração o formato da mão da pessoa e as linhas da palma para descrever seu caráter e o futuro, especialmente seus relacionamentos, carreira e prosperidade. O tamanho dos dedos e seus montes indicam suas características. Não surpreende sabermos que os taoístas foram os primeiros a utilizar as impressões digitais como meio de identificação na antiga China. Também fiquei intrigado ao descobrir que as impressões digitais recebem o nome de corpos celestes. Os planetas possuem as mesmas associações da astrologia ocidental: Sol, estabilidade emocional; Lua, emoção; Vênus, romance; Marte, agressão; Saturno, prudência; Júpiter, riqueza.

Outros "adivinhos" fora do templo eram leitores de rosto, especialistas em fisiognomonia. Novamente, esta arte foi desenvolvida na antiga China pelos taoístas. Era considerada uma ferramenta útil no "tao da supremacia", isto é, o domínio do ser e da própria situação. Um mapa taoísta da face foi traçado em 2500 a.C. De modo claro, nossos rostos fornecem um guia acurado dos nossos humores, em especial lábios e olhos, e nossas faces refletem nossa experiência. Contudo, os chineses acreditam que determinadas características faciais herdadas revelam nosso caráter: uma testa pronunciada, por exemplo, indica amabilidade, reflexão; uma testa curta, impulsividade; um queixo pontudo, descontentamento; um queixo com covinha, sensualidade. Entretanto, os chineses estão também cientes de que as aparências enganam e que não existem dois rostos iguais. Uma pessoa sábia não julga somente pela aparência.

Embora quiromantes e leitores de rosto fossem fascinantes, eu estava mais interessado nos "astrólogos" chineses. Decidi me sentar na tenda 39, que tinha uma tabuleta na qual se lia: "inglês." Sentado atrás de uma mesa estava um homem pequeno, de aparência agradável, na faixa dos seus sessenta anos. Trajava um terno formal e gravata, e usava óculos com aros grossos. Deu-me um cartão cor-de-rosa no qual declarava: "Falo inglês."

Enquanto discutíamos sobre o pagamento — seu inglês era certamente rudimentar —, uma jovem vestida em trajes da moda surgiu e falou rapidamente com ele em chinês. Dando uma pequena risada, ela saiu. Isto me fez pensar que a maioria dos clientes do astrólogo era de jovens mulheres.

Com o preço acertado (250 dólares de Hong Kong), meu astrólogo pediu a hora e a data do meu nascimento, e colocou os detalhes em um laptop. Então, anotou em um pedaço de papel cor-de-rosa hora, dia, mês e ano do meu nascimento, cada um escrito em dois belos ideogramas chineses. Explicou que cada um era um "broto celeste" e um "ramo terreno". Então fez o mesmo para cada ano de 1960 a 2034. O pedaço de papel também tinha espaços para serem anotados os signos mais significativos para a minha vida em grupos de dez anos, da idade dos seis até 76. Ele estava, na realidade, praticando a astrologia tradicional conhecida como os "Quatro Pilares do Destino", popularmente chamada de "oito signos", que liga um elemento, ou uma combinação de elementos, a momentos diferentes do tempo.

Após analisar o mapa em silêncio por algum tempo e anotar os signos em uma bela caligrafia com traços firmes, ele levantou a cabeça e disse com gravidade:

— Você, cão.

Entendi que isto se referia ao ano do meu nascimento que, segundo o zodíaco chinês, atribui 12 animais diferentes para cada 12 anos, girando em um ciclo completo de sessenta anos.

— Você pertence à terra — continuou o meu astrólogo. — A posição da sua esposa combinada, lado direito, lado esquerdo, água.

E a conclusão:

— Instável na vida amorosa. Terra, fraca; água, mais forte.

Tendo me divorciado há seis anos e iniciado um novo relacionamento com Elizabeth, que estava viajando comigo, não eram boas notícias. O adivinho olhou para mim meio de lado, como se dissesse: "Mulheres, problemas."

Mas nem tudo estava perdido. Ele sorriu e disse:

— A sorte para você está no fogo, terra, madeira.

Pelo menos eu poderia me relacionar com pessoas destes signos. Então vieram as más notícias:

— A má sorte está no ouro, água. Ouro: regresso, doença. Água: perda de capital.

Meu astrólogo então fez uma lista em seu cartão cor-de-rosa dos anos ruins em amarelo e dos bons em vermelho. Fiquei feliz ao ver que, à medida que ele marcava os trânsitos de dez anos, havia mais vermelhos que amarelos.

— Nada especial antes dos 36, melhor depois dos 36 — declarou. Depois acrescentou outros detalhes. — Muito especial entre 1964 e 1968 (quando deixei o internato, morei em Londres por um ano, velejei pelo mundo como cadete na P&O — Orient Shipping Company — e ensinei inglês na África Ocidental). — Regresso — reivindicou ele — ocorrera entre 1970 e 1972 (quando fazia pesquisas para o meu Ph.D.). Muito especial entre 1974 e 1979 (quando estava envolvido em estabelecer uma comunidade rural e minha filha nasceu) e entre 1980 e 1983 (quando estava escrevendo os meus primeiros livros e meu filho nasceu). Ficou silencioso sobre os anos 1992-1994, que foram os mais difíceis para mim: depois de circunavegar a África, rumei para o meu divórcio. Outro período não auspicioso foi o de 2000 a 2003. Durante este período me dediquei com afinco à alquimia e à astrologia, mudei de casa e iniciei uma nova vida com a minha atual parceira. Mas depois haveria águas calmas, até 2010, quando tudo deterioraria outra vez por outros três anos.

E quanto a minha velhice? O astrólogo enfatizou que o período de 2020 a 2021 será problemático para a minha saúde (eu estarei com 74-75 anos, então). Depois será favorável novamente, até 2030, quando atingirei os 84 anos. Não fez menção a datas posteriores a esta; presumi então que este seria o ano da minha morte. Anos antes, no Sri Lanka, um astrólogo-quirólogo da família de um amigo predissera a mesma data. Não acreditei no momento, mas agora começava a admitir. Era extraordinário que astrólogos de tradições bem diferentes chegassem à mesma conclusão.

Quanto à minha situação em termos gerais, ele disse que minha sorte em geral é normal e que eu não serei nem rico nem pobre, mas estável. Minha saúde é boa e terei uma vida longa.

E a minha vida amorosa? Eu tivera, ele disse, mais duas "namoradas" no passado (verdade) e era instável na minha relação com as mulheres (possivelmente...).

As palavras finais do meu astrólogo chinês foram: "A sua sorte em geral, melhor antes dos 34!" Isto não foi particularmente bom de ser ouvido duas décadas depois. Eu teria de fazer o melhor com o que restara, mas pelo menos me fora dado uma vida longa para aproveitar e me preparar para a próxima.

Em razão do seu inglês deficiente e da natureza popular da sua abordagem, o meu astrólogo no templo de Wong Tai Sin em Hong Kong fez somente um relato superficial do meu caráter e destino. Contudo, ele fazia parte de uma tradição muito antiga que era repleta de significados profundos e que tinha uma longa história com raízes nos primeiros dias da civilização chinesa. Ele insistiu que o seu método não era uma superstição, mas uma ciência.

O método que ele estava praticando é o mais popular atualmente em Hong Kong e Taiwan. Conhecido como *Tzu P'ing*, baseia-se nos "Quatro Pilares do Destino" (*Ssu Chu*), que são o ano, o mês, o dia e a hora do seu nascimento. É algumas vezes chamado de "oito signos" (*ba tze*): cada pilar é representado por dois "signos" ou ideogramas chineses. Oferece um perfil detalhado da sua personalidade e indica, entre outras coisas, sua disposição emocional e intelectual de nascimento, e também o tipo de vida melhor para você realizar o seu potencial.

2

O Cão e o Tigre

QUANDO O MEU ADIVINHO DE HONG KONG DISSE "VOCÊ, CÃO", ELE ESTAVA SE referindo ao tipo de astrologia chinesa mais conhecida pelos ocidentais como *Ming Shu*, literalmente "Círculo de Animais". É a maneira mais fácil de se compreender como os 12 animais, com seus tipos associados de personalidade, são similares aos 12 signos solares na astrologia ocidental. O Cão é o meu signo na astrologia chinesa, assim como o Leão é o meu signo solar na astrologia ocidental. Uma considera o ano solar, a outra, o mês lunar como os fatores que definem sua personalidade. A natureza do cão é ser paciente, leal e vigilante.

Quase todos sabem que na astrologia chinesa cada ano está associado a um animal, cada um com suas características próprias. O que é menos conhecido é o fato de estarem dispostos em torno de um ciclo de 12 anos. Isto é algumas vezes chamado de "zodiaco chinês", mas os animais não estão diretamente relacionados a constelações específicas no céu como estão os signos do zodiaco ocidental.

De onde veio a idéia das 12 criaturas do Círculo de Animais? Uma lenda popular na China credits a Buda a origem do sistema, sem dúvida graças a sua celebrada compaixão por todos os seres. Diz-se que um dia ele convidou todos os animais na Terra para visitá-lo, mas somente 12 compareceram ao evento. Como mostra do seu apreço, ele deu a cada animal um ano ao qual ele estaria associado para sempre. A ordem do ciclo de anos reflete a ordem em que eles chegaram: Rato, Búfalo, Tigre, Coelho, Dragão, Serpente, Cavalo, Cabra, Macaco, Galo, Cão e Javali. O ano de 2000, apropriado para o alvorecer de um novo milênio, foi o Ano do Dragão, o signo mais auspicioso e o mais respeitado por sua energia criativa.¹

O problema com essa história é que Buda nasceu na Índia por volta de 563 a.C. O budismo chegou à China no século V d.C, onde se combinou com o taoísmo para produzir o budismo cha'n, mais tarde conhecido como zen no Japão. A astrologia chinesa, entretanto, é milhares de anos mais antiga.

Outra versão das origens do "zodíaco" chinês dos 12 animais fala da sua origem divina. Nesta versão diz-se que o Imperador de Jade no céu queria saber como eram os animais na Terra. Chamou o seu conselheiro-chefe e disse:

— Já estou reinando no céu há muito tempo, mas nunca vi os animais da Terra. Como eles se parecem? Como se comportam? São inteligentes? Como eles ajudam a humanidade?

O conselheiro-chefe respondeu que os animais na Terra eram incontáveis e que seria impossível ver a todos. Sugeriu convidar os 12 mais interessantes para uma visita ao céu. O Imperador de Jade prontamente concordou.

— E, agora, quais os animais que eu devo convidar? — perguntou-se o conselheiro-chefe. — Já sei, primeiro eu convido o rato e peço a ele que leve um convite para o seu amigo gato!

Depois de pensar mais um pouco, decidiu convidar também o búfalo, o tigre, o coelho, o dragão, a serpente, o cavalo, a cabra, o macaco, o galo e o cão, pedindo a eles que se apresentassem nos portões do céu às seis horas em ponto da manhã seguinte.

Quando o rato ouviu a novidade, ficou feliz e correu em busca do gato para contar sobre a sorte deles. Como o gato adora se enroscar e tirar uma soneca, seria difícil para ele se levantar cedo. Então pediu ao rato que o acordasse antes das seis. Quando o rato foi para a cama naquela noite, não conseguiu dormir. Ficou se virando e revirando e pensou que o gato era mais esperto se comparado a ele. "Talvez o Imperador de Jade o escolha antes de mim", gemeu. Foi demais, e ele decidiu finalmente não acordar o gato conforme o combinado.

Na manhã seguinte, às seis horas em ponto, todos os outros animais se reuniram nos portões do céu e foram recebidos no palácio imperial pelo conselheiro-chefe.

O Imperador de Jade a princípio ficou feliz com todos os animais, mas quando começou a contá-los, seu semblante se fechou.

— São todos muito interessantes, estou vendo, mas por que são somente 11 animais? Você disse que seriam 12.

O conselheiro-chefe tremeu e falou sem pensar:

— Deve haver algum engano, majestade, espere um momento que eu vou verificar.

Correu para fora e ordenou ao seu servo que descesse até a Terra e pegasse o primeiro animal que aparecesse. E foi assim que o servo encontrou um velho fazendeiro que levava o seu javali para o mercado. Quando ouviu que o Imperador de Jade gostaria de ver o seu javali, o homem ficou feliz em servi-lo.

Enquanto isso, o rato estava tão preocupado em não ser notado que pulou nas costas do búfalo e começou a tocar flauta. O imperador sorriu e ficou encantado. Quando chegou a hora de colocar os animais em fila, ele decidiu dar ao rato o primeiro lugar. O

segundo foi dado ao búfalo, por ser tão generoso e ter permitido que o rato se instalasse sobre as suas costas. O terceiro foi dado ao tigre, porque era muito corajoso; o quarto coube ao coelho, porque tinha um pêlo lindo; e o quinto ao dragão, por causa de sua energia ígnea. A serpente, com seu belo corpo sinuoso, recebeu o sexto lugar; e o cavalo, com sua postura bonita, o sétimo. A cabra ficou com o oitavo em razão de seus fortes chifres; o macaco recebeu o nono porque era muito ágil; o galo foi o décimo, por causa de suas esplêndidas penas; e o cão recebeu o 11º lugar, porque permanecia vigilante. E o javali ficou no fim da fila, perplexo, porém feliz por ter sido repentinamente convidado para ir até o céu. Recebeu o 12º lugar, o último, mas não menos importante.

Depois que o imperador havia inspecionado os animais e o desfile terminara, o gato repentinamente chegou ao céu e começou a bater no portão o mais alto que podia. Infelizmente, as patas de um gato não são muito boas para bater em portas, e passou muito tempo até que conseguisse chamar a atenção de alguém.

Quando o conselheiro-chefe finalmente abriu os portões, o gato exclamou sem fôlego:

— Sinto muitíssimo, estou atrasado. Dormi demais, senhor. O rato deveria ter me acordado, mas não o fez.

— Eu também sinto muito — disse o conselheiro-chefe. — Mas o senhor perdeu a viagem. Nós já temos todos os animais de que precisamos, obrigado. — E fechou os portões com estrondo no focinho do gato.

Este ficou furioso. Nunca perdoou o rato, e é por isso que até hoje gatos e ratos não se dão um com o outro.

Pobre gato! Mas ele não está sozinho em seu gosto para dormir e em suas fraquezas. Cada animal tem seus pontos fracos e fortes. Alguns reagem mais e se impõem; outros são mais interiorizados e reticentes. Alguns logo se inflamam e ficam zangados; outros são mais pacientes. Alguns se relacionam bem com os demais animais, outros, não. A compatibilidade é um dos temas principais nesta forma popular de astrologia chinesa. E os relacionamentos se aplicam a amigos e colegas, assim como aos seres amados. O Rato e o Dragão, por exemplo, se dão em vários níveis diferentes: são bons parceiros no amor, colegas felizes e amigos constantes.

No meu caso, o meu signo animal é o Cão e a minha parceira é Tigre. Felizmente, Tigre e Cão se dão muito bem. O Tigre gosta de assumir riscos; o Cão é mais cauteloso e pode avisar sobre o perigo. O Tigre aprecia a vigilância do Cão, enquanto o Cão gosta da natureza impetuosa do Tigre. Mas ambos podem se dispor a agir se for necessário, e juntos se tornam aliados poderosos. Ambos são idealistas e defensores dos oprimidos. O Tigre deve lembrar que o Cão precisa de um apoio carinhoso para que a relação funcione bem.² Embora sendo compatível com o Tigre, o Cavalo e o Javali, o Cão também se dá bem com o Rato, o Coelho e o Macaco. Não tenho conflitos com a Serpente e a Cabra,

embora precisemos nos esforçar para isso. Não tenho simpatia pelo Búfalo e pelo Galo, e sou realmente hostil ao Dragão.³

A compatibilidade não é a única preocupação. Cada animal está associado a um elemento, cor, yin e yang, e a uma direção da bússola. O Rato, por exemplo, está associado ao elemento água (que funciona em harmonia com madeira), à cor preta (ligada à honra), ao yin receptivo e à direção Norte. Ele ou ela está ligado ao solstício de inverno, quando o yin está no seu ponto mais forte. Como Cão, meu elemento é metal, minha cor é preto ou azul-escuro. Sou mais yang do que yin (conhecido como "pequeno yang"), minha direção é Oeste e minha estação é outono.

Nesta forma popular da astrologia chinesa, sua sorte é influenciada não somente pelo seu signo animal, mas também pela sua posição segundo o ano de um ciclo de sessenta anos. A unidade utilizada para medir a passagem do tempo na China é o "Grande Ano", baseado no ciclo de Júpiter, que leva cerca de 12 anos para completar uma volta em torno do Sol ($12 \times 5 = 60$). Os grandes anos são freqüentemente agrupados em três, formando um ciclo de 180 anos.

O ciclo de sessenta anos desempenha um papel fundamental para a cultura chinesa. Existem sessenta deuses associados ao ciclo e a cada ano um deles ocupa o lugar principal. Nos templos taoístas as pessoas fazem oferendas de incenso, flores, frutas e até dinheiro ao seu deus de nascimento para atrair boa sorte. No Templo da Nuvem Branca, em Pequim, o centro do taoísmo no Norte da China, vi mulheres jovens e idosas queimando incenso diante de seu "divino protetor" — representado como um general sentado —, relativo ao ano do seu nascimento.

Como isto se adapta aos 12 signos animais? Dentro do ciclo de sessenta anos, cada signo animal aparece cinco vezes, mas a cada vez ele surgirá de uma forma ligeiramente diferente. Isto ajuda a explicar por que as pessoas que pertencem ao mesmo signo animal, porém nascidas em anos diferentes, terão um tipo de sorte diferente. No caso do Cão, por exemplo, o ciclo começa com o ano do "Cão de Guarda" (Chia Hsü), depois vem o "Cão Adormecido" (Ping Hsü), por outros 12 anos, depois o "Cão Indo para a Montanha" (Mou Hsü), "Cão do Templo" (Keng Hsü) e, finalmente, o "Cão da Família" (Jen Hsü). O ciclo então recomeça novamente.⁴

Broto celestes e ramos terrenos

Os dois ideogramas chineses para o meu ano de nascimento, escritos no alfabeto ocidental como Ping Hsü, representam o que é chamado de um "broto celeste" (neste caso, Ping) e "ramo terreno" (Hsü). Eles não somente unem céu e Terra, como são o núcleo da

astrologia chinesa, mas juntos representam uma variação particular de um dos 12 animais. Existem 12 brotos celestes e dez ramos terrenos que se combinam como duas engrenagens no ciclo de sessenta anos.

Elizabeth, por exemplo, nasceu no "Ano do Tigre". Segundo o seu par de broto e ramo no ciclo de sessenta anos, foi no "Ano do Tigre que Desce a Montanha". Embora existam traços gerais de personalidade sempre associados ao Tigre, esta variação em particular é importante para prever os relacionamentos familiares, o bem-estar futuro e as perspectivas de trabalho.

<i>Broto Celeste</i>	<i>Número</i>	<i>Direção</i>
Chia	1	ENE para E
Yi	2	ESE para E
Ping	3	SSE para S
Ting	4	SSO para S
Wu	5	Centro
Chi	6	Centro
Keng	7	OS O para O
Hsin	8	ONO para O
Jen	9	NNO para N
Kuei	10	NNE para N

<i>Ramo Terreno</i>	<i>Animal</i>	<i>Período do Ano</i>	<i>Direção</i>
Tzu	Rato	solstício de inverno	N
Ch'ou	Búfalo	fim do inverno	NNE
Yin	Tigre	início da primavera	ENE
Mao	Coelho	equinócio da primavera	E
Ch'en	Dragão	fim da primavera	ESE
Szu	Serpente	início do verão	SSE
Wu	Cavalo	solstício de verão	S
Wei	Cabra	fim do verão	SSO
Shen	Macaco	início do outono	OSO
Yu	Galo	equinócio do outono	O
Hsü	Cão	fim do outono	ONO
Hai	Javali	início do inverno	NNO

Para descobrir a variação particular do seu tipo animal você terá de encontrar sua posição no ciclo de sessenta anos. Para isso, consulte a tabela lunar em relação ao ano do seu

nascimento. Segundo o calendário solar ocidental, minha parceira nasceu no dia 20 de julho de 1950. A tabela lunar me diz que foi o sexto mês lunar no 27º ano do ciclo de sessenta anos, isto é, Keng Yin. O broto celeste Keng está associado ao elemento metal, à cor branca e ao gosto picante, enquanto o ramo terreno yin está ligado ao Tigre, ao início da primavera e à direção Lés-nordeste. Diz-se que uma pessoa nascida no 27º ano do ciclo é forte, trabalhadora e generosa. Pode, como vários Tigres, ter mudanças súbitas de humor, reagir fortemente quando não é compreendido ou ficar ofendido, mas sua raiva se dissipa logo. A família e os amigos apreciam seu cuidado e sua energia. Por outro lado, quem nasceu no "Ano do Tigre na Floresta" ou no "Ano do Tigre Parado" será mais observador e menos instável.⁵

No meu caso, nasci no dia 23 de agosto de 1946, que é o sétimo mês lunar do 23º ano do ciclo de sessenta anos conhecido como Ping Hsü, o "Ano do Cão Adormecido". O broto celeste Ping está associado ao elemento fogo, ao vermelho e ao sabor amargo, enquanto o ramo terreno Hsü corresponde ao Cão, ao fim do outono e à direção Oés-nordeste. Dizem que eu tenho um modo tranqüilo que me predispõe a ouvir as pessoas e ajudá-las em seus dilemas. Mas, como um dorminhoco, não gosto de ser forçado a cumprir esquemas ou a tomar decisões quando não estou pronto para elas.

O Sistema de Horas

Uma dimensão maior do seu horóscopo, baseado no Círculo de Animais, é adicionada pelo animal associado à sua hora de nascimento. O dia chinês é dividido em 12 unidades, cada uma com uma "hora de começo" e uma "hora exata". Cada uma corresponde a duas horas ocidentais no dia de 24 horas, embora a primeira tenha início às 23h e vá até a 1 h e a última das 21h às 23h. A divisão é muito antiga, muito antes das primeiras horas registradas em um calendário chinês, que data do século V a.C. As 12 horas recebem o nome em relação aos chamados "ramos terrenos" que correspondem aos 12 signos animais. O primeiro período de duas horas é, portanto, Tzu, o Rato, e o último, Hai, o Javali.

Rigorosamente, para conseguir saber o signo animal para a hora do nascimento é preciso primeiro converter a hora para o Horário Universal (Hora Média de Greenwich) e depois adicionar nove horas para transformá-la no Horário Chinês da Costa.⁶ Contudo, os livros ocidentais mais populares sobre a astrologia Ming Shu não fazem esta segunda conversão. Como nasci por volta das 16h do Horário Britânico de Verão, se ele for convertido para o Horário Universal, o meu animal horário é Shen, o Macaco, mas se a conversão for feita para o horário chinês, eu sou Tzu, o Rato.

Ter nascido em um horário Shen prevê que eu tenho sorte e acho fácil ganhar a vida, mas posso também ser extravagante. Preciso estar preparado para as dificuldades que podem surgir na minha vida amorosa. Elizabeth, nascida às 22h, e portanto correspondendo ao ramo terreno de Hai (o Javali), possui um talento natural para as artes manuais. Tendo começado alguma coisa, ela desejará terminá-la.

A maioria dos livros populares sobre astrologia chinesa utiliza os 12 animais como emblemas para o ano e a hora do nascimento. Embora seja dito que o animal do ano reflete sua personalidade dominante e suas implicações na sua vida amorosa e na carreira, diz-se que o animal da hora representa o seu "companheiro interno" e amplia, equilibra ou equipara o seu animal principal.⁷ Ele, portanto, confere o toque final à sua personalidade. De várias maneiras, os animais lembram bastante os totens animais dos xamãs que agem como guias e protetores em suas buscas por visões.

<i>Horas</i>	<i>Hsai</i>	<i>Animal</i>	<i>Elemento</i>	<i>Horas</i>
1	子	Rato	Água	23h-01h
2	丑	Búfalo	Terra	01h-03h
3	寅	Tigre	Madeira	03h-05h
4	卯	Coelho	Madeira	05h-07h
5	辰	Dragão	Terra	07h-09h
6	巳	Serpente	Fogo	09h-11h
7	午	Cavalo	Fogo	11h-13h
8	未	Cabra	Terra	13h-15h
9	申	Macaco	Metal	15h-17h
10	酉	Galo	Metal	17h-19h
11	戌	Cão	Terra	19h-21h
12	亥	Javali	Água	21h-23h

O Sistema de 12 Horas no Calendário Hsia

Sou Cão pelo ano e Macaco pela hora, segundo este sistema. Elizabeth é Tigre pelo ano e Javali pela hora. Tigres e Cães se dão bem, segundo as interpretações tradicionais, e me agrada a idéia de que sendo Javali, ela goste de cuidar de mim. Gostaria de ser fiel, leal e protetor como o Cão. Mas, então, o meu lado Macaco aparece com seus truques nocivos e prefiro pular de galho em galho em torno do globo sem me importar com coisa alguma... Assim como existe um simbolismo com os animais no Ocidente, os animais do zodíaco refletem as características a eles atribuídas no folclore chinês. O Javali, por exemplo,

tem uma imagem muito mais positiva na China do que no Ocidente; o seu pictograma tem um telhado por cima sugerindo suas qualidades amorosas pelo lar. Os 12 animais são também heróis das antigas lendas chinesas e, em suas diferentes apresentações, todos são considerados auspiciosos. O elo com os céus é estabelecido pela correspondência entre o ciclo de 12 anos dos animais e o ciclo de 12 anos de Júpiter.

O Círculo de Animais é muito antigo na China. Foi descoberta uma bela pedra decorada com suas figuras próximo a Sian, na tumba de uma princesa T'ang, Chang Huai, que morreu no século VII d.C. Outra princesa, Hun-shin Jun-ju (Kong Jo), que se casou com o rei tibetano Srang-Tsan Gampo, o introduziu por volta de 642 no Tibete, onde ele se tornou conhecido como *jung-tsi*. Existe uma forte evidência de que já no século VI a.C. a divisão dos anos em 12 era associada ao Círculo de Animais.⁸ Mas os animais, provavelmente, remontam a milhares de anos antes e uma lenda na China atribui o início do primeiro ciclo de 12 anos ao semilendário Imperador Hung Ti — o Imperador Amarelo — em 2637 a.C.

3

O Caminho e a sua Virtude

Dez mil coisas trazem o yin e incluem o yang.

LAO-TSÉ

PARA COMPREENDER A ASTROLOGIA CHINESA É ESSENCIAL COMPREENDER AS NOÇÕES chinesas do Tao, o yin e yang e os cinco elementos. Todos têm suas raízes no taoísmo, a mais antiga filosofia na China. Já fui estudante de taoísmo. Sua maior escritura, o *Tao Te Ching* (*O caminho e a sua virtude*) é atribuída a Lao-tsé, que dizem ter morrido no século VI a.C. É um dos trabalhos mais belos, poéticos e profundos da literatura mundial. Da mesma tradição surge o antigo livro de divinação conhecido como *I Ching* (*O livro das mutações*), que exerce forte influência sobre a astrologia. É importante compreender que o taoísmo foi desenvolvido numa época em que a China era um país de agricultores. Diferente da sociedade pastoril, que pode comandar a vida dos animais, se necessário, os agricultores dependem de forças que não podem controlar. Se querem sobreviver, devem cooperar mais conscientemente com as leis da natureza. Qualquer coisa que afete a ordem natural é negativa porque traz, inevitavelmente, conseqüências desastrosas. Para atingir esta harmonia pacífica, os chineses desenvolveram um amor pelo compromisso. O objetivo final é atingir a paz interior e em torno de si. É, portanto, primordial evitar os extremos: o caminho do meio, como seguiram Buda e os antigos gregos, é a essência da sabedoria.

O Tao

A ordem natural é chamada de Tao. Ele é mais bem traduzido por "o Caminho", mas existe um problema. Como observou o grande sábio Lao-tsé: "O Tao que pode ser falado não é o Tao eterno."¹ O Tao não pode ser explicado ou descrito; mas somente sentido. A mente humana, que é só uma parte do todo, não consegue conceber o Um melhor do que um sapo em uma lagoa consegue compreender a vastidão do oceano. Porém, embora não possa ser conhecido, seus efeitos dinâmicos podem ser sentidos. Eles surgem como um tipo de energia ou força de vida que os chineses chamam de *chi*. Chi permeia tudo e é responsável pelo crescimento e pela regeneração. Empresta também estrutura e qualidade aos objetos físicos.

O Tao produz chi a partir do nada e depois revela a si mesmo por meio de duas forças opostas e complementares — o yin e o yang —, que agem em todo o universo. A obra taoísta *Huai Nan Tzu* de cerca de 120 a.C. descreve como o Grande Começo foi a fonte de todas as coisas:

Antes de o céu e a Terra assumirem uma forma, tudo era vago e amorfo. Por isso foi chamado de o Grande Começo. Ele produziu o vazio, e o vazio produziu o universo. Este produziu as forças materiais que possuíam limites. O que era claro e leve se juntou para formar o céu, enquanto aquilo que era pesado e túrgido solidificou-se para se tornar a Terra. As essências combinadas do céu e da terra tornaram-se yin e yang, as essências concentradas do yin e yang tornaram-se as quatro estações e as essências espalhadas das quatro estações tornaram-se a miríade de criaturas do mundo. Após um longo tempo, as forças quentes do yang acumulado produziram o fogo e a essência da força ígnea tornou-se o Sol; a força fria do yin acumulado tornou-se a água e a essência da água tornou-se a Lua. A essência do excedente da força do Sol e do excedente da força da Lua tornaram-se as estrelas e os planetas. O céu recebeu o Sol, a Lua e as estrelas, enquanto a Terra recebeu a água e o solo.²

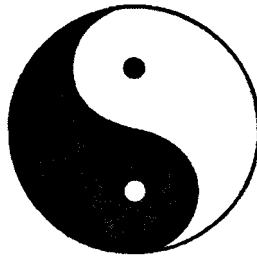
O yin e o yang vão e vêm e fluem como uma onda no oceano. O *Tao Te Ching* diz que as criaturas vivas são rodeadas pelo yin e engolfadas pelo yang, e a harmonia de suas vidas depende da harmonia dos dois princípios:

O Tao gerou o um.
O um gerou o dois.
O dois gerou o três.
O três gerou as dez mil coisas.

As dez mil coisas carregam o yin e abraçam o yang.
Elas atingem a harmonia ao combinar estas forças.³

O processo pode ser comparado ao crescimento de uma árvore. Da terra emerge um broto que se divide em duas folhas (yin e yang). A haste cresce entre as duas folhas combinando-se para formar os três corpos em um só. Destes crescem todos os outros ramos e folhas.

O famoso símbolo taoísta mostra como as forças do yin e yang estão interligadas, uma crescendo e a outra decrescendo e vice-versa. Podem ser comparadas a dois golfinhos brincando ou ao abraço de dois seres que se amam. O ponto preto na parte branca e o ponto branco na parte preta mostram que não são forças separadas, mas aspectos da mesma realidade. Como diz o antigo texto *Nei Ching*: "No yin existe o yang e no yang existe o yin."



O nome chinês para o símbolo do yin-yang é *T'ai Chi T'u*. É algumas vezes traduzido como "Grande Final". *T'ai* significa "supremo"; *chi* aqui significa "pólo" e *t'u*, "projeto". Combinados, os três caracteres chineses designam o Pólo Norte, o eixo sobre o qual gira o universo. O praticante da arte marcial do *t'ai chi* copia, assim, o universo enquanto ele gira sobre seu próprio eixo. Ele também se move do yin para o yang e volta novamente ao começo.

O símbolo do *T'ai Chi T'u* é muitas vezes rodeado por oito trigramas que, acredita-se, representam todas as combinações possíveis do yin e do yang. As linhas retas no alto representam o céu e o Sul, e as linhas interrompidas embaixo, a terra e o Norte. Quando ligadas em

pares, elas formam os 66 hexagramas do *I Ching*, que supostamente contém o segredo de "todo o vir a ser". Descobrir o que está de acordo com a ordem natural do Tao, encontrar o que está em harmonia com o universo, é o objetivo central da astrologia e divinação chinesas.

As raízes dos caracteres chineses para "yin" e "yang" revelam seu significado. O ideograma para yin significa o escuro, ou lado norte de uma montanha; yang, o ensolarado, ou lado sul. Ampliado para cobrir virtualmente toda a gama de assuntos humanos, o yin representa o feminino, o submisso, o princípio receptivo e os números pares, enquanto o yang simboliza o masculino, o dominante, o princípio expansivo e os números ímpares. Yin é interno e introvertido, yang é externo e extrovertido. Nem o yin nem o yang são bons ou maus por si; somente o excesso de um deles é potencialmente perigoso e prejudicial. Isto se aplica tanto à acupuntura quanto à astrologia. Uma mulher deve ter algum yang, embora não demais. Até na arte de fazer amor um homem não deve exaurir o seu yang enquanto assimila o yin da sua parceira.

Este dualismo é evocado pelas imagens do yin do Tigre Branco (a cor da morte), associado ao Oeste e ao entardecer, e pela imagem do yang do Dragão Verde (a cor do crescimento), associado ao Leste e à manhã. Estas imagens são algumas vezes pintadas nas paredes das casas. Na religião taoísta, o sistema de crença mais antigo na China, a Rainha Mãe do Oeste é equilibrada pelo Imperador de Jade que habita no pico da montanha do Leste. Conscientes do dualismo do yin e yang em si mesmos, os taoístas buscam recuperar a unidade e a harmonia original do Tao.

Os Cinco Elementos

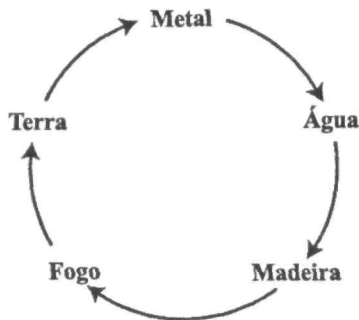
O chi do Tao é primeiro manifestado pela interação do yin com o yang, mas estes são posteriormente subdivididos em cinco forças — madeira, fogo, terra, metal e água. São conhecidas como *hsing*, que é geralmente traduzido como "elementos". Mas em chinês o termo *hsing* significa "marchar" ou "progredir". Ele reflete a delicada concepção taoísta da natureza que não é de todo captada pelo conceito grego dos quatro elementos que se combinam para formar a substância de todas as coisas. Alguns preferem chamá-los de "fases", "agentes" ou até "atividades".⁴ Prefiro usar o termo "elemento", pois para mim é mais familiar, porém é preciso não esquecer que no chinês original ele sempre implica um processo dinâmico.⁵ Os cinco elementos são energias poderosas e invisíveis que interagem em um movimento cíclico permanente. Acredita-se que não somente tempo, espaço e natureza podem ser explicados em termos dos cinco elementos, mas também o caráter e o destino da pessoa.

Cada elemento possui uma "virtude" particular. Água dissolve e penetra; fogo aquece e sobe; madeira é viva e pode ser afiada por uma ferramenta; metal é inerte e pode ser moldado. Terra dá origem aos outros quatro; ela é o principal ponto de referência, sendo identificada com o centro.

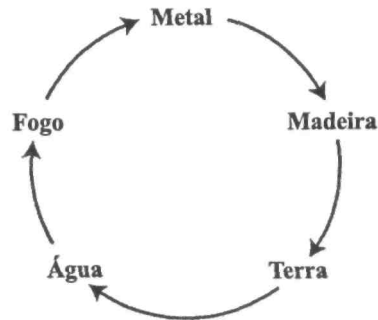
Os elementos possuem poder para criar e poder para destruir cada um, dependendo da sua virtude natural particular. Eles interagem segundo regras fundamentais. Do ponto de vista astrológico, sua interação indica a boa ou má sorte que pode acontecer a uma pessoa ou lugar. O padrão previsto é:

madeira produz fogo	madeira destrói terra
fogo produz terra	terra destrói água
terra produz metal	água destrói fogo
metal produz água	fogo destrói metal
água produz madeira	metal destrói madeira

Seus relacionamentos podem ser ilustrados por um Ciclo da Criação e Ciclo da Destruição:



O Ciclo da Criação



O Ciclo da Destruição

Segundo a doutrina compilada por Chou Yen (305-270 a.C), cada elemento corresponde a uma das cinco estações do ano (primavera, verão, canícula, outono e inverno), das cinco direções da bússola, uma cor, um número primo, um sabor, energia yin e/ou yang, eras e a uma ou mais partes do corpo.⁶

Como tudo está conectado ao Tao, não surpreende que existam certas relações e afinidades entre os elementos e outros aspectos da natureza e do corpo humano. Madeira rege o fígado, sua cor é verde, seu sabor é ácido e seu número é 8. O fogo rege o coração, sua cor é vermelha, seu sabor é amargo e seu número é 7. Terra rege

o baço e está associado ao amarelo, ao sabor doce e ao número 5. Metal rege os pulmões e está ligado ao branco, ao sabor picante e ao número 9. Água rege os rins e está ligado ao preto, ao sabor salgado e ao número 6. Os cinco planetas visíveis a olho nu, chamados de Cinco Estrelas, também estão associados aos elementos. A Estrela Cronológica é Mercúrio, cuja quintessência é a água; o Grande Branco é Vênus (metal); o Enganador Cintilante é Marte (fogo); a Estrela do Ano é Júpiter (madeira) e a Estrela Dominante é Saturno (terra). Como se acredita que cada planeta possui seu próprio tom, dançando juntos eles criam a música das esferas e revelam a harmonia inerente do universo. E os cinco elementos intrínsecos de um ser humano são a essência, o sentido, a vitalidade (*ching*), o espírito (*shen*) e a energia (*chi*). Os dois primeiros fazem surgir a consciência, enquanto os outros três são conhecidos como os três tesouros.

A interação dos elementos é descrita em um dos textos chineses mais antigos. O *Huang Ti Nei Ching Su Wen* (*Pequeno livro de medicina do Imperador Amarelo*), que chegou à forma atual por volta do século II a.C. descreve sua ação. Fogo, associado ao verão e ao Sul, simboliza o "grande Yang"; água, associado ao inverno e ao Norte, simboliza o "grande Yin"; madeira, ligado à primavera e ao Leste, é o "pequeno Yin"; metal, associado ao outono e ao Oeste, é o "pequeno Yang"; terra, situado no centro, contém todos os outros elementos e está ligado a todos eles.

A teoria dos cinco elementos forma a base da medicina e da acupuntura chinesas, assim como da astrologia. Se os cinco elementos atribuídos pela medicina chinesa a cada um dos órgãos vitais estiverem equilibrados em uma pessoa e interagirem de acordo com os ciclos de nascimento e destruição, a pessoa terá boa saúde. Por outro lado, se um elemento estiver muito forte ou muito fraco, ele alterará o equilíbrio e o resultado será a doença. Se o rim for fraco, por exemplo, água não será capaz de manter fogo sob controle. O resultado será uma doença ligada ao coração, como pressão sangüínea alta ou batimento cardíaco irregular. O remédio seria usar a medicina ou a acupuntura para conseguir novamente o equilíbrio dos elementos dentro do corpo.

Os cinco elementos permeiam a cultura chinesa e seu modo de vida. Eles representam, por exemplo, as cinco ações ou gestos utilizados nos tradicionais exercícios de *qigong*. Estão também associados aos estados feudais da China, e têm sido usados por sociedades secretas para mostrar a relação entre seus membros: a cabeça é metal, enquanto a fraternidade é água.

Os cinco elementos exercem um efeito durante o ano inteiro e, com exceção do quinto elemento, terra, possuem um fluxo alto e um baixo como a maré. Madeira, por exemplo, tem sua influência máxima no equinócio da primavera e a mínima no equinócio

do outono. Yin e yang também se alternam durante o dia, começando às 23h com o primeiro elemento, água, que é yang, seguido à 1h por terra, que é yin, e assim por diante.

Por meio da interação criativa do yin e do yang e da transformação dos elementos um no outro, o universo está em um estado constante de fluxo. Entretanto, a mudança não é ao acaso ou arbitrária, pois faz parte de um padrão geral. No momento da criação, todas as coisas receberam o chi e uma natureza particular por um princípio chamado *li*. Isto é geralmente traduzido como ordem, mas é uma ordem espontânea e não imposta por uma lei. O filósofo Chu Hsi expressou bem esta interação:

No céu e na Terra existem o li e o chi. Li é o Tao (organizando) todas as coisas de cima, e a raiz do qual todas as coisas foram produzidas. Chi é o instrumento (que compõe) todas as formas de baixo, e as ferramentas e matérias-primas das quais todas as coisas são formadas. Desta forma os homens e todas as outras coisas devem receber este li no momento do seu vir a ser, obtendo assim sua natureza específica; então, devem receber também este chi, e assumir sua forma.⁷

Os Oito Trigramas

O processo constante de mudança e ordem emergente ocorre dentro de uma estrutura universal que é expressa desde os tempos antigos por oito trigramas (*pa kuan*). O Grande Comentário do *I Ching* os descreve:

Está nas Mudanças do Grande Começo Primário. Isto gera as duas forças primárias (yin e yang). As duas forças primárias geram as quatro imagens (yin e yang maiores e menores). As quatro imagens geram os oito trigramas. Os oito trigramas determinam a boa sorte e a má sorte, e ambas criam o grande campo da ação.⁸

Cada trigrama é formado de três linhas, que podem ser linhas yin interrompidas (—) ou linhas yang contínuas (—). Os trigramas formam a base do *I Ching*, que tem, pelo menos, cinco mil anos. Embora o Grande Comentário seja tradicionalmente atribuído a Confúcio, as partes mais antigas do texto assumiram sua forma atual um século antes dele, e seus alunos sem dúvida adicionaram suas interpretações posteriormente.⁹ Isto remonta a um tempo antes do primeiro milênio e foi escrito com comentários e apêndices na época da Dinastia Han (206 a.C-220 d.C). Como um grande clássico da cosmologia chinesa, ele

apresenta o céu, a Terra e a humanidade em um sistema orgânico espelhando correspondências.

Diz-se que o trabalho principal veio do lendário Fu Hsi, que é também lembrado por inventar o calendário chinês. Ele viu os oito trigramas desenhados nas costas de um "cavalo dragão", que emergiu do Rio Amarelo. Sua configuração é chamada de "Mapa do Rio" (*Ho T'u*). Entretanto, a inspiração real pode ter vindo dos escudos córneos que revestem a carapaça dorsal das tartarugas que eram usados para prever o futuro e aquecidos para se verificar a forma em que eles se partiam. No Grande Comentário do *I Ching* está escrito:

Quando no princípio da Antigüidade Pao Hsi (Fu Hsi) governou o mundo, ele olhou para cima e contemplou as imagens nos céus; olhou para baixo e contemplou os padrões na Terra. Ele contemplou as formas dos pássaros e dos animais bravios e as adaptações às regiões. Prosseguiu diretamente a partir de si mesmo e diretamente a partir dos objetos. Assim, ele inventou os oito trigramas para entrar em ligação com as virtudes da luz dos deuses e para regulamentar as condições de todos os seres.¹⁰

Isto demonstra claramente a íntima correspondência entre o céu e a Terra no pensamento e na astrologia chineses, expressos no Ocidente pelo aforismo hermético: "Assim como é em cima, é embaixo."

Cada trigrama representa um aspecto essencial da natureza: céu, água, montanha, trovão, vento, fogo, terra e lago. Juntos, são considerados como um modelo simplificado do universo. Servem também para simbolizar os relacionamentos humanos, os órgãos do corpo humano, vários animais, formas, cores e até tipos de comércios.

A primeira ordenação dos oito trigramas foi chamada de "A Primeira Sequência do Céu", com três linhas yang no alto indicando o Sul e três linhas yin embaixo indicando o Norte. Elas representam o ciclo anual do yin e do yang e como eles crescem e decrescem através das estações, do solstício de inverno, quando o yin está no seu máximo, ao solstício de verão, quando o yang está no seu máximo, passando pelos equinócios, quando eles estão equilibrados.

Os trigramas sofreram nova arrumação atribuída a Kin Wen, cerca de 1160 a.C. em "A Sequência Posterior do Céu". Ficou claro que os oito trigramas eram insuficientes para representar as complexidades e sutilezas da vida. Então, pares de trigramas foram colocados juntos para formar hexagramas (*kua*). Esgotando todas as configurações possíveis de trigramas, descobriu-se que podiam ser formados 64 hexagramas. Eles espelham o movimento gradual no universo do yin absoluto ao yang absoluto, retornando novamente em um ciclo sem fim.

O sistema fornece claramente um modelo bem mais refinado tanto do universo quanto das relações humanas. Forma a base do *I Ching*, que se tornou uma ferramenta para a divinação, pois se achava que os hexagramas continham, de forma codificada, toda a informação a respeito do universo. No início, ele foi utilizado principalmente como um oráculo para se tomar decisões sobre política e guerra, mas hoje é usado primordialmente para responder a perguntas sobre o futuro, a fim de se decidir um curso de ação. É um trabalho consultado por especialistas do feng shui e também por astrólogos.

Para consultar o *I Ching* era preciso ter prática para lançar as cinquenta varetas de milefólio, de modo a formar o hexagrama relevante. Mas atualmente utiliza-se um método mais fácil jogando-se três moedas por seis vezes para formar as seis linhas do hexagrama. O significado e a interpretação do hexagrama podem então se dar por uma consulta ao *I Ching*. Contudo, para conseguir uma resposta significativa, primeiro é necessário formular uma pergunta clara dentro de uma estrutura específica de tempo. É também uma boa idéia tirar da cabeça toda a sua desordem, meditando antes em um ambiente tranquilo para conseguir ficar totalmente voltado para a pergunta ao lançar as moedas. Para interpretar o *I Ching* na linguagem atual é bom lembrar que os comentários originais foram escritos no contexto da China feudal. Qualquer interpretação requer imaginação e intuição, como também um pensamento claro e um ambiente calmo.

O *I Ching* é não somente uma das obras mais antigas da metafísica chinesa, como encerra uma sabedoria profunda. Jung considerou-o corretamente como uma obra "profunda e singular" para os amantes do autoconhecimento.¹¹ Ele ainda é visto no Oriente como um guia para as relações sociais e também como um oráculo. No Ocidente, o dualismo yin e yang impressionou Leibniz, filósofo e matemático do século XVII, que desenvolveu a lógica binária que deu origem à tecnologia do computador. Encontra também eco na ciência moderna. O sistema de combinar pares de trigramas para formar os 64 hexagramas é similar às configurações do DNA. Sua compreensão dinâmica e fluente da natureza antecipou a mecânica quântica e sua visão do Ser Único inspirou a busca por uma teoria do campo unificado do universo.

4

Observando o Infinito

A Estrada Vermelha circunda o coração do céu. O
PLANISFÉRIO DE SUCHOW

NO ANOITECER EM PEQUIM, O SOL POENTE ILUMINA CONTRA A LINHA DO HORIZONTE os anéis das grandes esferas armilares montadas nas ameias de uma torre de vigia, parte das primeiras muralhas da cidade. Conhecido como o Antigo Observatório, data da época de Kublai Khan. O Grande Khan, e posteriormente os Imperadores Ming e Qing, se apoiava fortemente na astrologia antes de tomar qualquer decisão importante. O observatório atual foi construído entre 1437 e 1446, visando as previsões astrológicas e também o traçado de mapas estelares para guiar os navegantes pelos mares.

E não era só em Pequim que os chineses possuíam observatórios. O Jesuíta Matteo Ricci fez o seguinte comentário sobre uma sala elevada dentro das muralhas da cidade em Nanking, em 1600: "Existe um amplo terraço adaptado principalmente para observações astronômicas e rodeado de construções magníficas erigidas há muito tempo. Aqui alguns dos astrônomos vêm a cada noite para fazer suas observações sobre tudo que surge nos céus, sejam fogos meteóricos ou cometas, e registrá-los em detalhes para o imperador."¹

O uso de instrumentos astronômicos pelos astrólogos chineses data da Antigüidade. Foram encontrados anéis de jade de 1000 a.C. que eram usados no braço e possibilitavam o seu usuário a se orientar entre as constelações nos céus.² Os recortes dos bordos externos dos gabaritos circulares de jade marcavam o padrão das estrelas em torno da Estrela Polar.

Um dos artefatos mais surpreendentes que descobri nos jardins do Antigo Observatório em Pequim foi um entalhe em pedra de um eclipse solar datado da Dinastia Han (206 a.C.-

220 d.C). Ele representa um pássaro encoberto por um sapo — o símbolo interior utilizado para o Sol é um pássaro com três pernas e para a Lua um sapo, ou algumas vezes uma lebre. O Sol e a Lua, como todos os astros nos céus, possuem um significado interior. Assim como acontece com o yin e o yang, cada um encerra em seu interior uma semente essencial ao outro. O Sol e a Lua representam os dois tipos diferentes de alma. O Sol é a alma alegre, volátil conhecida como *hun*, que é a "alma enevoadada", enquanto a Lua simboliza a alma fria, receptiva, *p'o*, chamada de "alma branca". O astrólogo Chang Kuo, do século VIII, explica:

E a alma enevoadada (*hun*) do Sol e a alma branca (*p'o*) da Lua são yang e yin — yang e yin são o Sol e a Lua. O Sol é a classe da alma yang e enevoadada, e a Lua é a classe da alma yin e branca. Existe uma ave no Sol: é a representação do Quadrante Ocidental, o metal, os pulmões. É da classe yin, e portanto a alma enevoadada do Sol abriga a alma branca da Lua — e a alma branca é preenchida pela alma enevoadada. Portanto, o Sol é clareado por ela. Existe uma lebre na Lua: é a representação do Quadrante Oriental, a madeira e o fígado. O fígado é da classe da alma enevoadada e yang, e portanto a alma branca da Lua abriga a alma enevoadada do Sol — e a alma enevoadada é preenchida pela alma branca. Portanto, a Lua é iluminada por ela.³

A passagem parece opaca como reflexo do luar sobre a água, mas demonstra as correspondências escondidas que percorrem toda a literatura astrológica chinesa em relação ao céu e à Terra, o macrocosmo e o microcosmo, yin e yang, os cinco elementos, os cinco planetas e os órgãos do corpo.

No Antigo Observatório em Pequim encontrei também um gnômon datado da Dinastia Yuan (1271-1368), trazido do Observatório da Montanha Púrpura em Nanking. Era um instrumento grande, em formato de L, com cerca de seis metros de comprimento e três metros de altura, e media o comprimento da sombra solar projetada ao meio-dia sobre uma tábua de pedra em sua base. O gnômon era usado para determinar os solstícios e equinócios, e a extensão do ano solar (tropical) — dados essenciais para os astrólogos estabelecerem um calendário, fazerem seus cálculos e determinarem as épocas para os rituais. Vários observatórios antigos chineses eram gnômons gigantes por si próprios. Um deles era o Observatório Gao Cheng, próximo a Kaifeng, construído pelo astrônomo Gao Shoufing no século XIII. Com a ajuda de um gnômon gigante, ele calculou com precisão que a Terra leva 365,2425 dias para fazer uma volta completa em torno do Sol.

As esferas armilares foram feitas para estabelecer a posição de corpos celestes, e a palavra armilar vem do latim *armilla*, que significa bracelete. Esses instrumentos já eram utilizados na época Han, mas foram aperfeiçoados no ano 125 pelo astrônomo Zhang

Heng, que também inventou o primeiro sismógrafo para registrar os terremotos. Seu engenhoso instrumento girava utilizando a força da água que pingava de uma clepsidra (relógio de água).

As esferas eram montadas segundo o que é conhecido como sistema "equatorial" de astronomia, um sistema tradicional chinês que remonta pelo menos a 2400 a.C. O equador celeste é representado pelo círculo horizontal amplo externo em torno do instrumento e o pólo pelo ponto no topo. Na tradição européia inicial, a eclíptica, isto é, o círculo descrito pelo movimento do Sol no céu contra o fundo das constelações do zodíaco, era de importância primordial. Foi somente no século XVII que os astrônomos europeus compreenderam que o sistema chinês do equador celeste era mais conveniente. Adotado pelo astrônomo e astrólogo dinamarquês Tycho Brahe, tornou-se a base da astronomia moderna.⁴

A principal esfera armilar no Antigo Observatório em Pequim foi construída há mais ou menos quinhentos anos, durante o período Ming. Embora pareça complicada, é comparativamente fácil de ser usada. É dividida em três ninhos de anéis. O ninho mais externo compreende o círculo fixo do horizonte, o círculo equatorial externo e o círculo do meridiano (o grande círculo celeste que passa diretamente sobre nossa cabeça e também através do pólo). O ninho do meio consiste do círculo equatorial, o círculo da eclíptica e dos dois grandes círculos (conhecidos como círculos de coluro), que passam através dos pólos celestes e dos equinócios e solstícios, todos girando em torno do eixo polar. O tubo de visão e o círculo do ângulo horário estão no ninho interno.

Quando olhamos um corpo celeste através do tubo de visão e lemos as graduações nos anéis, podemos obter coordenadas para fixar sua posição. Para os antigos chineses, os anéis mais importantes da armilária representam a "Estrada Vermelha" (o equador celeste), a "Estrada Branca" (a órbita lunar) e a "Estrada Amarela" (a eclíptica).

O telescópio moderno, inventado por Galileu no século XVII, tornou as antigas esferas armilares inúteis. Mas será que os chineses teriam um telescópio antes de ele ter sido projetado no Ocidente? A primeira referência em chinês ao telescópio foi encontrada na tradução de 1615 da *Explicatio Sphaerae Coelestic* (*Thien Wên Lüeh*), de Emanuel Diaz (Yang Ma-No), onde é dito que Galileu o inventou porque "lamentou a limitação de um olho sem instrumentos".⁵ Robert Temple, autor de *The Genius of China* e *The Crystal Sun* não tem tanta certeza. Quando eu o encontrei em Londres, ele me disse que no museu de Xangai havia visto bronzes antigos da Dinastia Han (entre os dois primeiros séculos a.C. e os dois primeiros séculos d.C.) que tinham adornos tão minuciosos que não poderiam ter sido feitos a olho nu. Parece que os chineses usavam lentes de cristal desde o início. Certamente no texto taoísta *Huai-Nan Tzu*, que data do século II a.C. existe uma referência a um espelho côncavo para provocar a combustão *ifu-sui* em uma

discussão sobre a criação do mundo que mostra que os antigos chineses possuíam um conhecimento avançado de instrumentos ópticos.⁶

Cosmologia Chinesa

Com seus instrumentos avançados e observação cuidadosa dos corpos celestes, o que os antigos chineses concluíram sobre as origens, a natureza e a estrutura do cosmo? Claramente, sua visão do universo tinha implicações importantes para a astrologia e para a sua compreensão das influências celestes sobre a Terra.

O relato mais conhecido a respeito das origens do cosmo emerge da tradição taoísta, primeiro no *Tao Te Ching* e depois em mais detalhes no *Huai-Nan Tzu*. No início havia o Tao. Embora não possa ser descrito, ele parece um vácuo, e foi seguido pelo caos. Do caos emergiram o yin e o yang, que finalmente fizeram surgir os cinco elementos que produziram a miríade de formas do universo. Acredita-se que "O caminho para o céu deve ser redondo, enquanto o caminho para a Terra deve ser quadrado. O quadrado domina a escuridão, enquanto o redondo domina a luz".⁷

Esta visão inspirou a mais popular das três principais escolas de cosmologia que evoluíram na China por volta do século II. Conhecida como a Escola do Domo Hemisférico (*Kai Thien*), ela imaginou os céus sendo redondos como uma bacia voltada para baixo e a Terra quadrada como um tabuleiro de xadrez.⁸ Mas havia um problema: como os dois eram ligados? Diziam que os céus eram sustentados por oito pilares, como um pavilhão, sobre a Terra achatada. Mantendo essa visão, a maioria dos antigos palácios e templos da China foi construída como um domo redondo sobre uma base quadrada para imitar o universo.

Este modelo do cosmo parece ter inspirado um jogo astrológico fascinante chamado "xadrez de imagem" (*hsiang hsi*), inventado por Chou Wu Ti, o Imperador Chou do Norte (561-578). As peças representam as estrelas. Como escreveu Wang Pao:

O primeiro [grande significado] do xadrez de imagem é astrológico, pois [entre as peças estão representados] o céu, o Sol, a Lua e as estrelas. O segundo representa a Terra, pois [entre as peças representadas] estão terra, água, fogo, madeira e metal. O terceiro diz respeito ao yin e ao yang; se começarmos por um número par, ele significa yang e o céu; se começarmos por um número ímpar, ele significa yin e a Terra. O quarto representa as estações (...) O quinto diz respeito ao seguimento das permutas e combinações, segundo as mudanças de posição dos corpos celestes e os cinco elementos. O sexto está ligado aos tons musicais, seguindo a dispersão do *chi*.⁹

Como o modelo do domo não podia explicar todos os fenômenos astronômicos, ele foi gradualmente substituído pela Escola da Esfera Celeste (*Hun Thien*). O principal expoente da escola, Zhang Heng, do Período Han Posterior (25-220), argumentou que os céus são como o ovo de uma galinha e que a Terra dentro dele é como a gema em seu centro. Era dito que os céus eram sustentados pelo chi (vapor) enquanto a Terra flutuava sobre as águas.

A terceira versão da cosmologia era conhecida como Escola do Espaço Vazio Infinito (*Hsüan Yeh*). Ela visualizou um espaço vazio infinito no qual os corpos celestes flutuavam livremente. Yang Quan no Período dos Três Reinos (221-265) acreditou ainda mais que as estrelas apareciam espontaneamente na Via Láctea. Embora mais próxima da compreensão atual dos cosmólogos ocidentais, ela permaneceu somente como uma tendência secundária na China.¹⁰

As Primeiras Observações Astronômicas

Com suas visões cada vez mais aperfeiçoadas, seus instrumentos sofisticados e sua observação prolongada e cuidadosa, os chineses tornaram-se os primeiros grandes astrônomos do mundo, bem como os primeiros astrólogos. Nenhuma outra nação montou registros tão completos e abrangentes dos fenômenos celestes. Eles também fizeram uma lista surpreendente das primeiras descobertas. E como a astronomia e a astrologia não eram consideradas disciplinas separadas, todas tiveram um significado astrológico. Aquilo que ocorria no céu, inevitavelmente, afetava o que acontecia na Terra — e vice-versa.

O registro astronômico mais antigo no mundo foi encontrado na China: um eclipse solar registrado em ossos de oráculo em 1300 a.C. durante a Dinastia Shang. Acreditava-se que em uma remota Era Dourada, quando tudo era paz, não havia eclipses. Seu aparecimento foi, portanto, um sinal de declínio generalizado do mundo. Dizia-se que os eclipses eram causados por um dragão celeste que comia o Sol; então, a primeira palavra para eclipse foi *shih*, que significa "comer". No século I a.C. foi compreendido que os eclipses solares aconteciam quando uma Lua cheia cobria o Sol — como o entalhe em pedra de um sapo cobrindo o corvo no Antigo Observatório em Pequim ilustra com grande beleza.

Um osso de oráculo do mesmo período da Dinastia Shang registra uma nova estrela aparecendo próximo a Antares na constelação de Escorpião — o registro mais antigo de uma estrela tipo nova no mundo. O aparecimento dessas "estrelas convidadas" era visto

como um presságio de grande significado. Existe um relato maravilhoso de uma estrela nova interpretado por um astrólogo da corte em 1054:

No quinto mês do primeiro ano do período do reinado de Chi-Ho, Yang Wei-Tê (Computador Calendário Chefe) disse: "Eu me curvo, eu observei o aparecimento de uma estrela convidada; na estrela havia um pequeno brilho de cor amarela. Respeitosamente, segundo a disposição para os imperadores [a cor imperial era o amarelo], fiz um prognóstico e o resultado foi: "A estrela convidada não infringe Aldebarã [uma das estrelas mais brilhantes]; isto mostra que o Abundante é Senhor e que o País possui o Grande Valor." Requisito que este prognóstico seja enviado ao Bureau de Historiografia para ser preservado."¹¹

E para nosso prazer e conhecimento ele foi preservado!

Os chineses foram os melhores observadores de cometas na história. Fizeram o primeiro registro do cometa de Halley em 613 a.C. Os cometas naquela época eram considerados como mensageiros da destruição: a cauda de um cometa podia varrer o céu, porém essa limpeza também significava morte na Terra. Os primeiros escribas os viam como sinais de perturbação e desarmonia nos céus. Em 1973, em Mawangui de Changsha, na China, os arqueólogos desenterraram o corpo perfeitamente preservado da Sra. Tai e descobriram também um livro de páginas de seda no qual havia um desenho registrando 29 cometas sob formas diferentes. Há 2.200 anos os astrólogos chineses faziam, portanto, observações cuidadosas dos cometas e interpretavam seu significado. No século VII eles estabeleceram o princípio de que a cauda sempre apontava na direção oposta ao Sol, confirmando sua antiga crença de que o espaço era povoado por forças poderosas, talvez até um verdadeiro "vento solar".¹²

Na literatura chinesa existe também uma extensa informação a respeito dos meteoros, que eram conhecidos como *liu hsing*, estrelas "cadentes", ou *pên hsing*, estrelas "energéticas".¹³ Eram com frequência considerados mensageiros da guerra. Para conferir a força dos céus, faziam espadas com o ferro meteórico, ambicionadas pelos guerreiros chineses da Dinastia Chou. Acreditava-se também que os meteoros eram almas que desciam para penetrar em determinados corpos — dizia-se que o grande mestre do taoísmo, Lao-tsé, fora concebido por um meteoro que penetrou no corpo de sua mãe.

Eclipses, cometas, meteoros, o que mais? Os primeiros dados sobre uma mancha solar encontrados no mundo foram registrados na China em 165 a.C. embora algumas fontes apontem para 28 a.C. Os registros chineses de observações de manchas solares são certamente os mais antigos e de série contínua mais longa no mundo. As manchas são muitas

vezes chamadas de *wu*, que significa "corvo" ou "preto". O nome foi provavelmente inspirado no antigo mito do corvo de três pernas que habita o Sol. Vi essa figura na bandeira de seda colocada sobre a tumba da Sra. Tai. As manchas solares foram em princípio observadas através de um cristal de rocha acinzentado ou de um jade semitransparente. Como era sabido que o ciclo de 11 anos das manchas afeta o tempo atmosférico e as colheitas, os antigos astrólogos chineses tinham uma boa razão para acreditar que as mudanças nos céus afetavam a Terra. O Astrólogo Kan Te, do período dos Reinos Combatentes (480-221 a.C), foi o primeiro a reconhecer que as manchas solares são características na superfície do Sol, visão rejeitada até a invenção do telescópio no Ocidente no século XVII.

Entretanto, a descoberta mais formidável feita pelos astrólogos chineses foi a percepção, por volta do século IV, da precessão dos equinócios, um dos fenômenos mais complexos dos céus. Foi uma revelação que alterou a visão da harmonia cósmica, separando o calendário das estrelas fixas.

Tal descoberta foi revelada pela observação de que a "Estrela Imperador" perdia gradualmente seu lugar e brilho como estrela polar da antiga China. Um ano era definido como o tempo que o Sol levava para completar um ciclo ao longo da eclíptica (o movimento aparente do Sol contra o céu), começando e terminando no ponto do solstício de inverno. Por um longo tempo acreditou-se que a posição era constante. Ao comparar as posições do Sol sobre a eclíptica, no solstício de inverno, como fora registrado durante o período dos Reinos Combatentes, com as anotações do período Han Posterior (25-220 a.C), o astrólogo Yu Xi da Dinastia Chin (265-317) descobriu que sua posição estava continuamente se desviando para a direção Oeste ao longo da eclíptica no solstício de inverno. O mesmo se aplicava ao equinócio da primavera.

Esta precessão dos equinócios é decorrente do ligeiro balanço no eixo da Terra. Graças à influência gravitacional do Sol, da Lua e dos planetas, o eixo da Terra se inclina no formato de um cone em um período de cerca de 26 mil anos. É este movimento precessional que causa o desvio para a direção Oeste dos pontos dos solstícios e equinócios, e altera o pólo celeste no céu. Por isso a Estrela Imperador foi destronada como uma brilhante estrela polar três mil anos atrás, passando atualmente para a posição da estrela mais baixa no retângulo da Ursa Menor. A Estrela Polar é agora a estrela alfa na Ursa Menor; daqui a 13.500 anos, ela será substituída por Vega na constelação de Lira.

O primeiro calendário no mundo a considerar a precessão dos equinócios foi O *grande calendário do brilho* traçado por Zu Chongzhi da Dinastia Chin. É um testemunho permanente da capacidade dos antigos astrólogos chineses.

Os Primeiros Catálogos e Mapas Estelares

Com seus instrumentos avançados e observação prolongada dos corpos celestes, não surpreende que os chineses tenham traçado os primeiros mapas estelares no mundo a serem projetados sobre o papel — que também foram os primeiros a inventar.

Os primeiros seres humanos devem ter se sentido oprimidos pela vastidão e esplendor dos céus e fascinados pelos ritmos profundos dos céus noturnos. Não devem ter demorado muito a descobrir os misteriosos, porém sutis, elos entre as estações e os movimentos dos corpos celestes e que as mudanças periódicas no tempo eram causadas pela jornada que o Sol e a Lua realizavam durante o ano. Foi estabelecida a ligação entre o ritmo da menstruação e o ciclo da Lua. E foi até observado que os moluscos, ouriços-do-mar e outros animais marinhos engordavam e definhavam em resposta às fases da Lua.

Desde cedo os astrólogos chineses notaram que o grupo familiar de estrelas conhecido como o Arado ou Grande Mergulhador (parte da Ursa Maior) mudava de lugar após o pôr-do-sol juntamente com a mudança das estações. Durante o período dos Reinos Combatentes, cerca de 400 a.C. foi escrito: "Quando a alça do Mergulhador Boreal (como era conhecido na China) apontava para o Leste, era primavera; quando apontava para o Sul, verão; quando apontava para o Oeste, era outono; e quando apontava para o Norte, inverno."

Os chineses se orientavam pela Estrela Polar e pela bússola que eles inventaram há mais de 2.500 anos. No Antigo Observatório em Pequim comprei uma réplica exata da primeira bússola conhecida no mundo, que consiste de uma colher feita de estrela-guia sobre um quadrado de bronze. O cabo da colher aponta para o Sul (os mapas chineses são orientados para o Sul), enquanto a concha é voltada para o norte magnético. Os símbolos dos pontos cardeais da bússola são os mesmos do *I Ching* e foram idealizados em torno de 1400 a.C: o Norte é representado pelo Guerreiro Escuro (um ser fabuloso, parte tartaruga, parte serpente) e o Sul pelo Pássaro Vermelho. O Dragão Verde simboliza o Leste e o Tigre Branco o Oeste. Os mesmos símbolos foram aplicados às quatro direções das regiões nos céus e também na Terra.

Os primeiros mapas estelares chineses, conhecidos como *gaitu*, surgiram durante o período dos Reinos Combatentes, quando Kan Te (Gan De) e seus contemporâneos Shih Shen (Shi Shen-fu) e Wu Hsien (Wu Xian) criaram os seus próprios mapas para montar um calendário e fazer cálculos astrológicos. Projetados sobre uma superfície plana, eles lembram os modernos planisférios. Kan Te e seu grupo de astrólogos foram responsáveis por notar as correlações entre os elementos e os planetas, os chamados "brotos celestes"

e "ramos terrenos", as "mansões lunares" e os períodos quinzenais que eram importantes na principal escola astrológica conhecida como "Quatro Pilares do Destino".¹⁴

O primeiro catálogo estelar foi montado por Shih Shen em 350 a.C. Posteriormente, no período dos Três Reinos, Chen Zhuo, cerca de 230-320, combinou três mapas estelares para formar um novo catálogo estelar compreendendo 283 asterismos e 1.464 estrelas. Um dos planisférios chineses mais famosos, preparado em 1193, foi gravado em pedra em 1247 num templo confuciano em Suchow (Suzhou). Oferece uma exposição maravilhosamente resumida, talvez críptica, do sistema astrológico e astronômico chinês.

Diferente dos antigos babilônios, egípcios e gregos que focalizavam o nascer e o morrer heliacais das estrelas (i.e., seu nascer e morrer em relação ao sol), os chineses concentravam sua atenção nas constelações circumpolares que percorriam um caminho em torno da Estrela Polar com visão total durante as horas de escuridão. O círculo mais interno do mapa estelar de Suchow é portanto um círculo de estrelas circumpolares, dentro do qual as estrelas nunca se põem. O círculo mais externo é o que os astrônomos chamam de círculo da "ocultação perpétua", isto é, o limite além do qual as estrelas nunca são vistas nascendo acima do horizonte. O círculo mediano é o equador celeste. As linhas irradiam do círculo central, indicando as divisões das 28 "mansões lunares" (*hsiu*). Elas são separadas por círculos horários em segmentos horários, lembrando uma laranja.

O texto descreve a esfera celeste, com suas estradas "vermelha" e "amarela" (o equador celeste e a eclíptica): "A Estrada Vermelha circunda o coração do Céu, e é utilizada para registrar os graus das 28 *hsiu*."¹⁵ A parte planetária é astrológica, e o texto termina com a correlação entre as regiões no céu e as cidades e províncias chinesas que eles achavam que eram afetadas pelos fenômenos celestes ocorridos dentro dessas regiões.

Com esta compreensão fenomenal dos céus, como os chineses aplicavam o seu conhecimento astronômico às suas interpretações astrológicas? Como entendiam que os três grandes poderes do universo — céu, Terra e humanidade — interagiam? Para responder a estas perguntas, precisamos mergulhar mais fundo na história e na literatura astrológica da antiga China.

5

Assim como É em Cima, É Embaixo

*A Grande Branca (Vênus) conversará
comigo, Ela abrirá a Barreira do Céu para
mim.*

Li Po

NO MUSEU DE HISTÓRIA CHINESA, NO QUARTEIRÃO TIANAMEN EM PEQUIM, encontra-se uma bandeira de seda pintada que foi achada sobre o caixão da Sra. Tai. Ela morreu por volta de 186 a.C. mas o seu corpo, perfeitamente conservado, só foi descoberto em 1972.

O pavilhão em forma de T apresenta um mapa de fenômenos celestes. É dividido em três níveis: o céu dos imortais no alto, o mundo terreno no meio e o submundo embaixo. O Sol com seu corvo de três pernas está no alto à direita e à esquerda está a Lua com seus sapo e coelho, representando as forças cósmicas do yin e yang. Logo abaixo deles vem um grande dragão, transportando Chang O com seu elixir para o Palácio da Lua e a árvore Fu-Sang com seus dez sóis. No centro está Fu Hsi, o deus organizador, com sua cauda de serpente que se diz ter descoberto os trigramas do *I Ching* e introduzido o primeiro calendário.

Nos portões do céu estão dois guardiões imortais. Mais para baixo a Sra. Tai, recostada em um galho e servida por três criadas, discursa com dois mensageiros imortais. No submundo, criaturas estranhas, todas as formas de Thu Po, o Senhor da Terra, guerreiam contra as forças do mal.¹ A Sra. Tai é claramente destinada a se tornar um ser imortal nos céus, destino que todos os chineses taoístas esperam atingir. Na verdade, os taoístas vêem as estrelas como almas dos seres imortais. Acreditam também que existe uma passagem cerimonial chamada Ch'ang-ho, por onde os seres humanos iluminados entram.

Mas qual a natureza exata da relação entre o céu e a Terra no esquema chinês das coisas?

Em toda a sua história, os chineses acreditaram que a Terra espelhava os céus e que existia uma correspondência direta entre o macrocosmo do universo e o microcosmo do indivíduo. Na verdade, os seres humanos eram considerados como o universo em miniatura, com os diferentes órgãos do corpo associados a diferentes corpos celestes. A palavra chinesa que descreve a relação entre o céu e a Terra é *hsiang*, que tem o sentido de uma imagem pintada.² Os eventos celestes eram, portanto, vistos como uma "contraparte" ou "simulacro" dos eventos terrestres. Os dois reinos eram intimamente harmonizados; na verdade, já que o universo era visto como um todo dinâmico e orgânico, um evento em um lugar ressoaria em outro em algum lugar. E o processo funcionava em duas vias: eventos no céu não apenas influenciavam os da Terra, como acontecimentos terrenos ressoavam nos céus. Era tarefa do astrólogo determinar a exata repercussão disso no destino das nações e dos indivíduos.

A astronomia na China era sempre praticada para definir a ordem temporal. Os assuntos na Terra deveriam espelhar a harmonia no céu. Solstícios e equinócios eram, portanto, momentos-chave em cada ano e marcavam a época de cerimônias e rituais importantes. Para assegurar a ordem cósmica, era crucial que aquilo que acontecesse na Terra estivesse em harmonia com o que ocorrera no céu. Como observou Su Song em 1092: "Aqueles que fazem observações astronômicas com instrumentos não somente estão organizando um calendário correto para que possa ser realizado um bom governo, como também [em certo sentido] prevendo a boa e má sorte [do país] e estudando [as razões] para os ganhos e perdas resultantes."³

Para acompanhar a íntima correspondência entre o céu e a Terra, os antigos chineses projetaram a hierarquia da sua sociedade feudal no céu. Um Imperador de Jade nos céus espelhava o Imperador da China, que era chamado de Filho dos Céus.

Dando Nome aos Céus

O céu era dividido em quatro grandes recintos, algumas vezes chamados de palácios, nomeados segundo os animais simbólicos que presidiam as direções cardeais: Dragão Verde no Leste, Guerreiro Negro no Norte, Tigre Branco no Oeste e Pássaro Vermelho no Sul. O céu era então subdividido em três grupos de divisões menores, um de nove, um de 12 e um de 28 divisões. Todos estes números eram significativos na numerologia sagrada da astrologia chinesa.

O astrólogo Wang Xi-ming, da Dinastia T'ang, finalmente dividiu o céu em 31 regiões chamadas Três Recintos e 28 Mansões. Os Três Recintos eram chamados de Recinto Proibido Púrpura, Recinto do Palácio Supremo e Recinto do Mercado Celeste.

O Recinto Proibido Púrpura era um quadrado que cobria a região das constelações circumpolares. A Estrela Polar era chamada de Estrela do Imperador; há três mil anos ela era a estrela beta da Ursa Menor, embora seja agora insignificante por causa da precessão dos equinócios. As estrelas do Recinto Proibido Púrpura representavam os membros da casa imperial, como a imperatriz, o príncipe coroado e as concubinas, enquanto as do Recinto do Palácio Supremo representavam os nobres e oficiais sêniores do governo.

Assim como a Estrela Polar era conhecida como Estrela do Imperador, as outras estrelas eram consideradas como símbolos dos oficiais sêniores da corte. A estrela Thian-Yang Shou, por exemplo, era associada ao comandante-em-chefe e se acreditava que governava a prontidão do país para resistir a um ataque, bem como a preparação dos armamentos. Segundo o texto astrológico *Chin Sim*, do século VII: "As duas estrelas de Hsu (Vazio, a 11ª mansão lunar) denotam os oficiais responsáveis pela adoração dos ancestrais. Elas governam as cidades e os templos do Norte e todos os assuntos que pertencem ao ritual e à oração. Governam também a morte e a lamentação."⁴

O Recinto do Mercado Celeste era como uma cidade de pessoas; não somente continha estrelas que representavam os pauzinhos para comer, como também lavatórios e até fezes. Os céus refletiam toda a gama de vida na Terra, do mais humilde ao mais elevado.

As divisões numéricas dos céus eram parte da antiga numerologia sagrada chinesa. Vinte e oito é um número-chave: os chineses observaram 28 mansões lunares em torno da eclíptica (diferente das 12 no Oriente Médio e no Ocidente) e o equador celeste era dividido em 28 mansões. Dividiram também as estrelas visíveis dos céus em 28 zonas ou constelações, com sete estrelas em cada uma das quatro direções (Norte, Sul, Leste e Oeste). Todas as zonas estelares eram regidas por deidades de igual número: as 28 constelações possuíam 28 deidades.

Na antiga astrologia chinesa, cada estrela no céu era regida por uma deidade que também exercia alguma influência na vida das pessoas sob a sua direção. Acreditava-se que o deus do Arado, por exemplo, controlava a morte dos seres humanos, e aqueles que oravam a ele poderiam prolongar suas vidas. Também se supunha que a estrela do Pólo Sul — o Imperador da Longevidade do Pólo Sul — determinava a duração da vida de uma pessoa. Ele era um dos quatro Guardas Imperiais que cumpria as ordens do Imperador de Jade no céu.

Acreditavam que algumas estrelas davam mais sorte que outras, especialmente as amarelas. A mais celebrada de todas as estrelas amarelas propícias era uma das fixas,

Canopo, que não é muito conhecida no Hemisfério Norte, pois não é visível acima de 37° de latitude. A segunda estrela mais brilhante no céu, deixando o primeiro lugar somente para Sirius, que é quase no extremo norte, Canopo era chamada de "Estrela do Velho Homem" e algumas vezes "Estrela da Longevidade".⁵

O Conhecimento das Estrelas e os Adeptos Taoístas

Existem várias histórias de mensageiros das estrelas na astrologia chinesa e no folclore taoísta. Um sinal da chegada deles à Terra era a visão de uma estrela flutuante entrando no Mergulhador Austral. Uma história do período Sung menciona quatro indivíduos misteriosos que apareceram em uma loja de vinhos em Szechwan. Após consumirem grandes quantidades da melhor bebida local, começaram a conversar calorosamente com o alquimista do século VII, Sun Ssu-Mo. Um magistrado local tentou descobrir quem eram, mas eles desapareceram de repente, deixando uma pequena pilha de cinzas. Quando o príncipe da região perguntou ao erudito alquimista a respeito do incidente, este respondeu: "Eram Transcendentes da Grande Branca (Vênus) e do Asterismo do Vinho."⁶ Dizia-se também que o poeta Li Po era um espírito das estrelas, produto de um caso de amor malfadado entre Vênus e a Lua. Ele descreveu sua jornada para as estrelas em termos de um retorno ao lar:

A Grande Branca conversará comigo;
Ela abrirá a Barreira do Céu para mim.
Então eu deverei cavalgar o vento frio,
Direto entre as nuvens flutuantes,
E elevando a minha mão eu poderei me aproximar da Lua.⁷

As estrelas visitantes femininas eram muitas vezes chamadas de Mulheres de Jade e tinham um papel importante nos cultos taoístas das estrelas, nos quais apareciam como guias e protetoras divinas. As Mulheres de Jade da Estrela Luminosa aguardavam os adeptos habilitados no Monte Hua, o apoio ocidental sagrado do céu, oferecendo xícaras de um "líquido pálido" (o elixir supremo dos alquimistas), que proporcionava vida eterna. Poderiam também se envolver diretamente com os seres humanos. Uma lenda diz que a "Mulher de Jade dos Milagres Ocultos" sonhou que fora visitada por uma "estrela com cauda" (um meteoro?), que ela engoliu. Oitenta e um anos depois se diz que ela deu à luz ao maior dos filósofos taoístas, Lao-tsé.⁸ Algumas Mulheres de Jade eram especialistas

no saber astral, como as "Mulheres de Jade do Hua Ocidental" que estão nas "Metrópoles Transcendentais" onde recebem títulos assombrosos como "Cânones das Mercadorias do Céu e Criptas da Lua" e "Tiras de Seda Branca dos Dragões Voadores".⁹

Essas figuras semelhantes a fadas são tão frágeis como flocos de neve, congelamentos do sopro cósmico, embora claras e luminosas como o jade brilhante. Mas como era possível identificá-las? Fácil. Elas se distinguíam dos mensageiros fantasmas por um pedaço de jade amarelo do tamanho de um grão de painço colocado sobre seus narizes!

Desde a época Han, os adeptos do taoísmo viviam em monastérios em montanhas sagradas onde podiam retirar energia das estrelas. O nome original para monastérios era *kuan*, cuja melhor tradução seria "local de observação" ou "observatórios". Eram muitas vezes visitados por leigos atrás de sabedoria e também por imortais que desciam do céu. O poeta do século X, Li Cung, que viveu no estado de T'ang Sul descreve assim uma visita:

Vim por prazer ao Convento dos Transcendentes - chamado por Hsi-i;
 Nuvens cobriam o altar das estrelas — a água encheu o lago.
 Os "visitantes emplumados" não sabiam para onde ele tinha ido.
 Era a estação em que, de uma só vez, as flores caem em abundância diante da gruta.¹⁰

Dentro das montanhas sagradas há cavernas do céu. No extremo oeste da China existe uma montanha que é um local de iniciação, iluminação e renascimento, onde se diz que Huang Ti recebeu instruções sobre a natureza da realidade.

A natureza da adoração taoísta de uma estrela e planeta é vividamente ilustrada em uma invocação à Estrela do Ano (Júpiter) em torno de 900 d.C. Escolhendo o dia cíclico certo na primavera, o celebrante primeiro "purifica seu coração" na meditação, depois fixa o olhar no planeta e declara: "Desejo que a estrela luminosa no quadrante oriental apóie minha alma-nuvem, una-se com minha alma-branca e torne minha longevidade como a dos pinheiros e ciprestes — uma vida estendida por mil outonos, uma miríade de anos."¹¹

Vários adeptos taoístas voavam além deste mundo, como antigos xamãs em suas viagens da alma — às vezes com suas próprias asas desabrochadas; vez por outra com um chapéu de uma "estrela errante distante" e "sapatos de nuvem voadora"; e algumas vezes numa balsa estelar para atravessar um portal para o reino dos imortais. O filósofo taoísta Chuang Tzu conta a história de um sábio no Monte Ku Shê que se alimentava de vento e orvalho e que montou em um dragão e salvou pessoas da fome e da doença. Existe uma pintura maravilhosa em seda do período dos Reinos Combatentes (475-221 a.C.) com uma figura humana montada em um dragão no espaço interestelar.

Esses adeptos também eram capazes de retirar energia das estrelas andando e dançando entre estrelas simbólicas traçadas no chão. Um surgimento repentino de energia sobrenatural era a recompensa do iniciado que conseguisse dançar no "ritmo de Yü", algumas vezes chamado de "passo do xamã". Diz-se que a mãe do grande Yü o concebeu após ter visto uma estrela cadente na constelação de Orion. Ouve-se que os Grandes Homens Perfeitos Supremos (*Vai shang chen jen*), a classe mais enaltecida de superseres taoístas, podem convocar a alta deidade polar Grande Mônada (*T'ai i*) "caminhando na estrada das Nove Estrelas". O adepto avançado pode também escolher completar um circuito dos Cinco Planetas pulando ao longo da eclíptica. Foram até traçadas linhas de orientação para a navegação nos céus.

Existe um relato extraordinário dos taoístas que podiam ler mensagens na cor das estrelas sem mesmo olhar para o céu noturno. Sentado em um local escuro e pressionando os globos oculares, o adepto podia ver os poderosos asterismos como pontos de luz colorida. Destacada entre eles estava a Estrela Estabilizadora, que sustentava o Mergulhador Boreal. Se o seu brilho fosse vermelho, significava virtude; amarelo, alegria; branco, homens armados; azul, aflição; preto, malignidade. Essas estrelas internas eram chamadas de "luzes do espírito" (*shen kuang*).¹²

Estas histórias mágicas de proezas sobrenaturais dos antigos astrólogos chineses e dos taoístas são notadamente semelhantes às descrições ocidentais da projeção astral, nas quais pessoas dizem deixar seus corpos e viajar no espaço. A experiência da viagem estelar pode ter ocorrido durante longos períodos de meditação e jejum, ou sob a influência de elixires poderosos e cogumelos mágicos. Independente disto, muitos chineses continuam a acreditar na possibilidade de retirar energia das estrelas. Até templos, como eu descobriria em Beijing, tinham esta finalidade.

6

O Templo do Céu

O astrólogo prediz quais serão os efeitos dos fenômenos celestes sobre o homem; o sábio prediz quais serão os efeitos das ações do homem nos céus.

YAN HSIUNG

O PRIMEIRO DEVER DO IMPERADOR CHINÊS ERA REALIZAR OS RITOS PRINCIPAIS do ano de acordo com o calendário astrológico. Isto asseguraria boas colheitas nas quais se baseava toda a civilização chinesa. Durante a Dinastia Ming eles foram realizados no Templo do Céu, no Parque Tiantan, no centro da moderna Pequim. É um local extraordinário, projetado de acordo com a geometria, numerologia e acústica sagradas, e decorado com símbolos astrológicos.

O Templo do Céu (Tiantan) está situado em 267 hectares de terras bem cuidadas com fileiras de árvores retas, com quatro portões dispostos nas quatro direções da bússola. Consiste de três templos que representam o casamento do céu com a Terra: vistos de cima, os templos são redondos sobre bases quadradas, simbolizando a antiga crença de que o céu era redondo e a Terra, quadrada.

No Sul está o Altar Redondo, uma magnífica construção circular de mármore branco de três níveis que fica a cinco metros de altura em um grande cercado quadrado. Os níveis representam os três grandes poderes no universo: o céu, a Terra e a humanidade. Foi primeiramente construído em 1530, demonstrando a fascinação dos chineses pelos números sagrados e pela relação harmoniosa entre o céu e a Terra. Seus três níveis giram em torno do sagrado número 9. Números ímpares são yang, e portanto celestes, e o maior número ímpar de um dígito é o 9.

O nível de cima, que representa o céu, possui nove anéis de pedras. Cada anel é composto de múltiplos de nove pedras, de modo que o nono possui 81 pedras. O nível

do meio — a Terra — possui os anéis de dez a 18, e o nível inferior — a humanidade — os anéis de 19 a 27, perfazendo um total de 243 pedras no anel maior, ou 27 x 9. Se você ficar no centro do terraço superior e emitir um som, as ondas atingem as balaustradas de mármore, fazendo sua voz soar mais alta.

Diretamente na direção Norte do Altar Redondo, circundado por uma parede redonda, está um templo octogonal chamado de Abóbada Imperial do Céu. A mestria dos engenheiros de acústica foi tão grande que no pátio encontram-se as pedras do Eco Triplo: se você ficar de pé sobre a primeira e bater palmas, o som ecoa uma vez; na segunda, ele ecoa duas vezes, e na terceira, três vezes. O templo costumava conter as tábuas do Deus do Céu que os ancestrais do imperador empregavam na cerimônia do solstício de inverno, quando as preces eram oferecidas no altar do "Grande Espírito que reside no Céu". O fato de ser realizada no dia do solstício de inverno, o dia mais curto e o ponto de virada do ano, mostra como o calendário astrológico era importante na vida da nação chinesa.

Caminhei diretamente na direção Norte do templo, ao longo de um impressionante caminho de mármore — alinhado com perfeição segundo a minha bússola no eixo Norte-Sul — até uma obra de arte da arquitetura Ming e uma das maiores construções astrológicas. Ela é chamada de Salão da Oração para as Boas Colheitas. Erigida a princípio em 1420 em um terraço de mármore com três níveis, foi reconstruída como uma reprodução exata após um incêndio desastroso em 1889. Embora tenha 38 metros de altura e 24 metros de diâmetro, não foram usados pregos para manter a estrutura de madeira. Como os outros dois templos no Parque Tiantan, é uma construção circular sobre uma base quadrada, unindo céu e Terra.

No centro do teto do salão vemos o baixo-relevo de uma fênix dançando com um dragão torcido, os dois grandes símbolos do yin e do yang. Como tal, o salão é astrologicamente uma construção muito auspiciosa, um local perfeito para orar por boas colheitas e para assegurar o bem-estar do povo chinês.

O salão é um magnífico símbolo arquitetônico dos Quatro Pilares do Destino: o ano, mês, dia e hora do nascimento de uma pessoa. Os quatro imensos pilares de madeira no centro do salão simbolizam as estações do ano; os 12 no próximo anel, os meses do ano; e os 12 externos representam a hora do dia que forma par com os 12 "observadores". Os três anéis de 12 também representam as 36 constelações principais.

Como demonstra belamente o Templo do Céu, a astrologia mais antiga da China estava mais preocupada com o destino coletivo do império do que com o destino dos indivíduos. Era utilizada para fazer prognósticos sobre os assuntos do império, a ocorrência de guerra e as perspectivas da colheita. O famoso *Shi Chi* (Registro Histórico) de

Ssuma Chien, escrito no século I a.C. e sem dúvida contendo um conhecimento muito anterior, registrou as seguintes previsões astrológicas: "Se a Lua for eclipsada próximo a Ta-Chio (Arcturo), isto trará conseqüências funestas ao Dispensador dos Destinos (o Regente)." Por outro lado: "Quando Mercúrio aparecer em companhia de Vênus no Leste, quando ambos estiverem vermelhos e emitirem raios, então os reinos estrangeiros serão conquistados e os soldados da China serão vitoriosos."¹

Em uma forma invertida de astrologia, os confucianos Han desenvolveram a crença de que qualquer lapso moral na Terra causaria também perturbações no céu. Se a fala do imperador não fosse racional, os metais não seriam maleáveis, podendo ocorrer tempestades terríveis. Até irregularidades dos oficiais locais poderiam perturbar os movimentos dos planetas. A dependência mútua entre céu e Terra está bem clara em uma passagem de Yang Hsiung do século V:

Alguém perguntou se um sábio poderia fazer uma divinação. [Yang Hsiung] respondeu que um sábio certamente faria a divinação sobre o Céu e a Terra. Se assim é, continuou o questionador, qual a diferença entre o sábio e o astrólogo?

[Yang Hsiung] respondeu: "O astrólogo prevê quais os efeitos que os fenômenos celestes terão sobre o homem; o sábio prevê quais serão os efeitos das ações do homem nos céus."²

Novamente, o elo causai não é mecânico, mas um caso de ressonância difusa. Qualquer má conduta perturbará a harmonia do cosmo, o que causará conseqüências no céu bem como na Terra.

O Filho do Céu

A astrologia chinesa era portanto parte integrante da religião do Estado. Como "Filho do Céu", o imperador era considerado uma figura cósmica, o equivalente da Estrela Polar na Terra e principal canal para o influxo de energia celeste vinda de cima. Os ditames desta religião astrológica afetavam até a vida sexual dele. Para a saúde do império e do imperador, era importante que as forças yin e yang estivessem equilibradas para manter as harmonias celeste e terrestre. O primeiro propósito das classes mais baixas de concubinas seria alimentar a poderosa força yang do imperador com o seu yin. No ciclo mensal, as concubinas mais comuns acompanhariam o imperador na época da Lua Nova. Quando a Lua crescia, a quantidade de concubinas diminuía, mas sua classe subiria. Mulheres da

classe mais elevada deveriam se aproximar do imperador no período mais próximo à Lua Cheia, quando a influência yin estaria no seu auge. Pai Hsieng-Chien observou no século IX: "Nove concubinas comuns [dormiam com o imperador] a cada noite, e a imperatriz por duas noites na época da Lua Cheia — essa era a regra antiga (...) Mas, oh, atualmente todas as três mil [mulheres do palácio] competem em confusão..."³

Uma das tarefas mais importantes do astrólogo era registrar a posição dos corpos celestes na época de cada consumação, de modo que, se a união produzisse um filho, o momento exato da concepção seria conhecido. Acreditava-se que crianças concebidas próximo à Lua Cheia teriam as mais altas virtudes. Mais para o fim do reinado de um imperador, a natureza dos asterismos que teriam culminado no momento da concepção de um príncipe seriam levados em consideração na escolha final de um sucessor.

Como se acreditava que a influência dos corpos celestes sobre a vida dos seres humanos e os assuntos de Estado se interpenetravam, o conhecimento das estrelas na China feudal tornou-se um segredo cuidadosamente guardado. Possuir mapas das estrelas e controlar os dados revelados pelas esferas armilares equivalia, portanto, a controlar um grande poder oculto. No período T'ang (618-907), o equivalente chinês ao astrônomo real era chamado de "O Quadro da Galeria da Escrita Secreta" e os membros do quadro imperial eram informalmente conhecidos como "oficiais da estrela". Sua tarefa era observar os movimentos dos céus para descobrir presságios felizes e prever desastres. Este último consistia de todo um campo de estudo chamado de *fen yeh*, traduzido como "geografia desastrosa".⁴ A principal responsabilidade dos astrólogos-astrônomos da corte era a compilação de um almanaque que era promulgado pelo próprio imperador, o Filho do Céu.

Estas práticas ainda aconteciam no século XVII. Nicolas Trigault observou, desaprovando, durante as suas viagens à China:

Eles possuem também algum Conhecimento de Astrologia e Matemática (...) Consideram quatrocentas Estrelas a mais do que os nossos Astrólogos mencionam, numerando certas menores que nem sempre aparecem. Dos Aparecimentos celestes, eles não têm regra: estão mais ocupados em prever Eclipses e os cursos dos Planetas, porém nesse particular muito errados; e toda a sua Habilidade com as Estrelas é de tal maneira que chamamos de Astrologia Judicial, pois imaginam que estas coisas embaixo dependem das Estrelas.⁵

Os horóscopos individuais só se tornaram realmente populares no século XI, embora o grande céptico Wang Chhung já tivesse reconhecido, no século I, que influências emanavam

das estrelas sobre o destino dos indivíduos. Para ele, o destino humano não era um decreto inexorável do céu, visto que dependia de três fatores: da essência espiritual (*ching shen*) de cada indivíduo, das influências específicas que emanavam das estrelas e dos efeitos do acaso. Ele acreditava que as estrelas faziam parte das influências mais importantes que recaíam sobre os seres humanos durante a sua formação:

Quanto à transmissão de riqueza e honrarias, isto depende do chi que a natureza obtém; ela recebe uma essência (*ching*) que emana das estrelas. Seus anfitriões estão no céu, e o céu possui os seus sinais. Se um homem recebe [no seu nascimento?] um sinal celeste que implica riqueza e honrarias, ele obterá riqueza e honrarias. Se recebe [no seu nascimento] um sinal celeste que implica pobreza e miséria, ele será pobre e miserável. Por isso é dito que [todas as disposições dependem] do céu. Mas como isso ocorre? O céu tem suas centenas de oficiais e suas multidões de estrelas. O céu envia o seu chi, e as estrelas enviam suas essências, e as essências estão no centro do chi. Os homens absorvem este chi e nascem. Enquanto desfrutarem dele, eles crescem.⁶

O primeiro livro conhecido a considerar os horóscopos das pessoas foi o *Yü Chão Shen Ying Chen Ching* (O manual verdadeiro das determinações dos brilhantes de Jade), atribuído a Kuo Pho do século III. O interesse nesta área se desenvolveu rapidamente. Em 732, durante a Dinastia T'ang, surgiu a volumosa enciclopédia *Hsing Tsung* (A companhia das estrelas) de Chang Kuo. Ainda havia importantes trabalhos astrológicos sendo produzidos no fim da Dinastia Ming, e em 1739 foi publicado um compêndio astrológico. Estes trabalhos aperfeiçoaram os princípios fundamentais dos Quatro Pilares do Destino (*Ssu Chu*), que fora estabelecido por Kan Te e seu grupo de astrólogos no período dos Reinos Combatentes. Porém, eu fui apresentado ao método mais popular de astrologia na China sob uma forma adulterada pelo adivinho do templo em Hong Kong. Estamos agora em uma posição melhor para voltar ao assunto, com uma compreensão maior sobre sua origem e importância.

7

Os Quatro Pilares do Destino

EMBORA O "CÍRCULO DE ANIMAIS" (*MING SHU*) SEJA A FORMA MAIS CONHECIDA DA astrologia chinesa, a astrologia dos Quatro Pilares do Destino (*Ssu Chu*) é a mais popular em Hong Kong, Taiwan e China Continental. Esta forma de cálculo do destino envolve o lançamento dos "oito sinais" (*ba tze*) que são baseados nos quatro pilares do ano, mês, dia e hora do nascimento de um indivíduo. Eles imprimem em cada pessoa no momento do seu nascimento um tipo de código cósmico, ou marca elemental.

Diz-se que o ano lunar do nosso nascimento descreve nosso caráter subjacente; o mês explica nossa direção principal na vida; o dia indica nosso modo de ser e caráter emocional, especialmente nossas atitudes em relação ao amor, sexo e amizade; e a hora (as 12 de um dia chinês) aponta nosso temperamento. O método utiliza os ciclos de dez anos do destino para desenvolver um perfil de personalidade e uma cronologia de vida.

Broto Celeste e Ramos Terrenos

Este método não é fácil para os ocidentais compreenderem, pois é baseado em um complicado calendário luni-solar. No seu centro estão dois aspectos — os dez "broto celeste" (*t'ien kan*) e os 12 "ramos terrenos" (*ti chih*), que são colocados juntos em pares. É importante que isso seja compreendido, pois eles estão associados a cada um dos Quatro Pilares do Destino.

Em geral, os broto celeste representam um elemento em seu modo yin ou yang, e os ramos terrenos representam um elemento e um animal. Os astrólogos chineses afirmam que, quando descobrem os componentes dos cinco elementos da sua vida, as regras que governam a interação dos elementos e o padrão de mudança dos elementos através do tempo, eles podem compreender seu caráter e prever sua vida futura.¹

Os brotos celestes estão associados aos cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água) e às cinco direções da bússola (Leste, Sul, Centro, Oeste e Norte), e que são alternadamente yang e yin. Os ramos terrenos estão associados aos 12 signos animais do *Ming Shu*, à astrologia, aos elementos, às direções da bússola e ao yang e yin.

<i>Nome</i>		<i>Dez Brotos Celestes</i>		<i>Doze Ramos Terrenos</i>	<i>Nome</i>
chia	1	甲	Madeira yang	1 子	Água (Rato) tzu
yi	2	乙	Madeira yin	2 丑	Terra (Búfalo) ch'ou
ping	3	丙	Fogo yang	3 寅	Madeira (Tigre) yin
ting	4	丁	Fogo yin	4 卯	Madeira (Coelho) mao
mou	5	戊	Terra yang	5 辰	Terra (Dragão) ch'en
chi	6	己	Terra yin	6 巳	Fogo (Serpente) ssu
keng	7	庚	Metal yang	7 午	Fogo (Cavalo) wu
hsin	8	辛	Metal yin	8 未	Terra (Cabra) wei
jen	9	壬	Água yang	9 申	Metal (Macaco) shen
kuei	10	癸	Água yin	10 酉	Metal (Galo) yu
				11 戌	Terra (Cão) hsü
				12 亥	Água (Javali) hai

Os Dez Brotos Celestes e os 12 Ramos Terrenos

Os dez brotos celestes e os 12 ramos terrenos se combinam alternadamente para formar sessenta combinações e completar um ciclo de sessenta anos. Eles podem ser imaginados como duas engrenagens ajustadas entre si, uma com 12 dentes e outra com sessenta. Elas são representadas por dois caracteres chineses diferentes colocados lado a lado.

Em cada ciclo de sessenta anos, os signos das séries de dez anos dos brotos celestes se repetem seis vezes (par e yin), enquanto as séries de 12 anos dos ramos terrenos se repetem cinco vezes (ímpar e yang). Na numerologia sagrada chinesa 6 é o número que representa o céu e 5 é o número que representa a Terra; os ciclos de brotos e ramos, portanto, revelam a interdependência do céu com a Terra.

Os signos que formam os dez brotos celestes foram encontrados nas inscrições feitas em oráculos de ossos de 3.500 anos atrás e eram usados para contar os dias no período Shang. A contagem de sessenta dias nos ciclos de seis é precisa o suficiente para corresponder aproximadamente ao ano tropical entre os solstícios de inverno ou de verão. O ciclo de sessenta dias, também decomposto em seis períodos de dez dias, corresponde

a aproximadamente dois meses lunares. Este período de dez dias ainda é utilizado em algumas regiões rurais da China.

Os ideogramas chineses dos brotos celestes são pitorescos e poéticos. O primeiro yang nas séries, conhecido como *chia*, está associado à madeira, sendo representado por uma forma que representa um broto germinando; o segundo, *yi*, é yin e representa um broto já germinado. Ambos estão claramente associados à primavera.

Os 12 ramos terrenos não foram encontrados nos textos chineses antes do século V a.C. Eles estão ligados às 12 horas de cada dia, aos 12 meses do ano e a cada um dos 12 anos do ciclo de Júpiter — o período sideral de Júpiter (tempo que ele leva para caminhar em torno das estrelas fixas) é de exatamente 12 anos. Como há somente cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água), cada um deles é aplicado a dois dos ramos terrenos, e os dois ramos remanescentes são atribuídos ao elemento terra.

Como os brotos celestes, os ramos terrenos se alternam entre yin e yang, e os ideogramas chineses para eles são igualmente pitorescos e poéticos. Por exemplo, o ideograma *mao* é representado como uma porta aberta que representa o início da primavera, enquanto *ch'en*, que o segue, é a representação de uma mulher que esconde seu ventre com as mãos — ela está grávida e é tímida. Estes 12 ramos são os aspectos principais para o estudo do ano, meses e horas dos Pilares do Destino.

O ciclo de sessenta anos sempre começa com o broto celeste *chia* (associado ao elemento madeira, cor verde, sabor amargo, Leste e yang) combinado com o ramo terreno *tzu* (associado ao rato, solstício de inverno, Nordeste e yang). O ciclo termina com o broto celeste *kuei* (água, preto e salgado) e o ramo terreno *hai* (javali, início do inverno e Nor-Noroeste). O ciclo então recomeça novamente.

Até o início do século XX, o calendário chinês era medido desta maneira, sendo ainda empregado na astrologia dos Quatro Pilares do Destino. O ano de 1812, por exemplo, foi o ano *jen-yu* (no qual *jen* estava associado à água, preto e salgado; e *yu* ao galo, equinócio do outono e Oeste). Durante todo o ciclo de sessenta anos, a mesma combinação de brotos celestes e ramos terrenos ocorre somente uma vez. O ano 2000, o primeiro ano do novo milênio cristão, foi o ano *keng-ch'en*: o Ano do Dragão. O broto celeste *keng* corresponde ao metal e yang, e o ramo terreno *ch'en* (dragão) à Terra e yang. Juntos, foram considerados altamente auspiciosos e estão associados à sabedoria, magia e generosidade.

O Pilar Ano

No horóscopo de uma pessoa, o pilar ano, um dos Quatro Pilares do Destino, indica sua aparência geral, a disposição emocional e o padrão de comportamento. Nascido a 23 de agosto de 1946, o meu signo *Ming Shu* é Cão e o meu elemento é fogo. Meu broto celeste é *ping*, minha direção da bússola é Sul e meu chi é yang. Meu ramo terreno é *hsü* e está associado ao elemento terra, a Oés-Noroeste e yang. A relação entre o broto celeste e o ramo terreno dá "Terra do Telhado" e yang.

Terra, o elemento do meu ramo terreno, é a fonte de todos os outros elementos. Corresponde à tarde, aos "dias de cão" do verão, ao centro da bússola, tanto yin como yang, à cor amarela, ao número 5, ao planeta Saturno, ao sabor doce, ao baço, boca e carne. Juntos, minha personalidade em termos gerais é prudente, prática, confiável e conservadora. Eu me movo com cautela e gosto de ir fundo nas coisas. Meu estado emocional é o do desejo. Minha tez é pálida com traços grossos e costas arredondadas.

Infelizmente eu não me reconheço nessa descrição. Não tenho um temperamento saturnino. Minha tendência é ser imprudente, idealista e radical na vida e em minhas opiniões, e não gosto particularmente da cor amarela! Talvez o meu lado terreno surja mais tarde na vida... Se o pilar ano do nascimento define meu padrão de comportamento e estado emocional, deve ser assim também para milhões de outras pessoas nascidas em 1946 e que partilham o mesmo elemento terra.

Por outro lado, sinto que meu signo animal Cão, indicado pelo ramo terreno para o ano de 1946 é mais receptivo, porém, segundo meu autoconhecimento, impreciso. Dizem que sou ambicioso, fiel, com uma natureza calorosa e amorosa, mas com tendência à ansiedade e ao pessimismo. Combinado com o meu elemento terra, devo ser reservado, inclinado para a opinião do consenso, embora permaneça fiel às minhas crenças pessoais.² Novamente não consigo me reconhecer com estas características, exceto por ter uma natureza amorosa.

O Pilar Mês

Enquanto o pilar ano indica nosso estado emocional e padrão de comportamento, o pilar mês representa nosso destino. É utilizado como ponto de partida para trabalhar a cronologia pessoal, que é dividida em ciclos de dez anos. Diferente da astrologia ocidental, baseia-se na informação derivada do mês lunar e não do solar do nascimento da pessoa.

É geralmente interpretado com outros aspectos do horóscopo do indivíduo. No meu caso, o meu pilar mês é o sétimo mês lunar do ano do meu nascimento.

Posso simplesmente procurar o mês em uma tabela que converte o calendário solar ocidental para o calendário lunar chinês. Compreender os princípios que estão por trás do calendário luni-solar chinês não é fácil, mas vale o esforço, pois ele esclarece a história da astrologia chinesa, sua sociedade e civilização.

Enquanto os calendários ocidentais lidam somente com as divisões de dias e meses, os chineses fornecem também informações sobre os movimentos do Sol, Lua e Planetas. Mais uma vez, enquanto o calendário ocidental é baseado no ciclo do Sol, o chinês leva em consideração o movimento da Lua.

Na verdade os chineses desenvolveram dois sistemas diferentes de calendário, um baseado na Lua e outro no Sol, e eles então combinaram os dois para produzir um calendário luni-solar. O que é utilizado tradicionalmente pelo leigo é o calendário lunar, que divide o ano em 12 meses. O calendário solar é usado para contar os dias. É chamado de calendário Hsia, pois tem sido utilizado desde a Dinastia Hsia, há cerca de quatro mil anos.

O calendário Hsia é usado na astrologia e nas previsões porque está intimamente relacionado aos cinco elementos. Cada ano, mês e dia é expresso por dois ideogramas chineses, cada um representando um dos elementos. Desta maneira, cada momento em particular pode ser expresso em função dos elementos. Ao converter sua data de nascimento — os quatro pilares do ano, mês, dia e hora — para o formato do calendário Hsia, você terá oito ideogramas chineses representando os oito elementos que prevaleciam no momento do seu nascimento.

Os calendários, naturalmente, são cruciais para os astrólogos não somente para determinar o momento exato do nascimento, mas também para organizar nossas atividades diárias e planejar o futuro. Na antiga China, o imperador tinha de dispor de um calendário confiável para realizar as tarefas essenciais para o bem-estar da nação no momento certo. Na verdade, sua tarefa mais importante — o "mandato do céu" — era estabelecer o calendário. O imperador deveria seguir o curso do Sol passando pelo centro do seu palácio para as direções Oeste, Norte, Leste e Sul, antes de retornar ao centro. Deveria vestir cores diferentes e comer alimentos diferentes; no verão, por exemplo, usaria vermelho e comeria ervilhas e galinha no "Palácio da Claridade". Algumas autoridades dizem que o imperador também deveria visitar os quatro pontos cardeais do império ou fazer uma peregrinação aos picos das montanhas sagradas dos quatro pontos da bússola. Isto era a garantia de que a ordem reinaria sobre a Terra assim como no céu.

O Calendário Chinês

Para descobrir mais fatos sobre o desenvolvimento do calendário chinês, fui até o novo Museu Espacial em Hong Kong, próximo do terminal da Barca da Estrela no distrito de Kowloon. Lá encontrei o curador, Dr. Chan Ki Kung, um entusiasta que desenvolveu um programa audiovisual sobre a astrologia chinesa chamado "O Dragão no Céu". Embora o antigo sistema chinês de astronomia tivesse sido abandonado em favor do modelo ocidental, e o calendário solar ocidental oficialmente adotado após a fundação da República Chinesa em 1911, o calendário tradicional ainda era amplamente utilizado no país pelos astrólogos.

O curador não tinha dúvidas da sua importância: "As maiores realizações na antiga astronomia chinesa estão na formação chinesa dos calendários", declarou com orgulho.

Os antigos calendários eram não somente muito complexos, como extraordinariamente precisos: o Calendário Chinês do Resíduo da Quarta Parte, que data do século V a.C. designa um ano tropical (solar) com 365,25 dias; sabemos agora que um ano tropical possui 365,2422 dias!

Perguntei ao curador se era verdade que os chineses utilizavam um calendário lunar em oposição ao baseado no Sol utilizado no Ocidente.

— Penso que — insistiu o curador — o calendário chinês deveria ser chamado de calendário luni-solar.

Embora o calendário chinês refletisse os movimentos observados do Sol e da Lua nos céus, eles não podiam ser equiparados.

O ano lunar chinês possui 12 luas, e cada lua dura um pouco mais de 29 dias e meio (29,53 dias). Para considerar os dias de cada lua como dias completos, os astrólogos chineses decidiram que um ano seria dividido em seis meses "pequenos", que teriam 29 dias cada, e seis meses "maiores", com 30 dias cada. Isto soma um total de 354 dias, 11 dias a menos do ano solar (em termos exatos, 12 meses lunares somam 354,36 dias, cerca de 10,89 dias a menos do ano solar). Portanto, a extensão do ano lunar chinês varia, e pode compreender cinco meses "maiores" e sete meses "menores" (um total de 353 dias), ou algumas vezes cinco meses "pequenos" e sete meses "maiores" (355 dias).

O ano lunar é menor que o ano solar em dez ou 12 dias a cada ano. Dois anos lunares são portanto cerca de vinte dias menores que um ano solar, enquanto três anos serão menores quase que um mês. Um mês lunar extra é portanto adicionado quase que a cada intervalo de três anos para harmonizar os calendários solar e lunar. Ele é conhecido como uma lua "intercalada" (também chamado de um "embolismo"). Em um período de 19 anos são necessárias sete luas deste tipo. O mesmo sistema de

cálculo foi desenvolvido pelos judeus e pelos antigos gregos, sendo conhecido no Ocidente como o ciclo de Meton.

O problema para os antigos astrólogos chineses era onde colocar este mês intercalado. O Curador Chan Ki Kung esclareceu que uma regra muito simples era empregada: "Como dois períodos médios são normalmente separados por 30,44 dias, o que é mais longo do que um mês sinódico de 29,53 dias, ocorrem ocasionalmente meses sem um período. Esses meses se tornam os meses intercalados. Por exemplo, em 1995, o mês após o oitavo mês lunar não teve o período médio, então no lugar do nono mês lunar ele foi considerado como o oitavo mês lunar intercalado."

Na astrologia chinesa, cada mês intercalado não tem personalidade própria e assume o número da lua que o precede. Em 1987, por exemplo, o mês extra foi o mês 6 e seguiu o mês 6 normal.

Para unir os aspectos lunar e solar do calendário, foi decidido que o equinócio da primavera deveria cair no segundo mês e o solstício de verão no quinto, o equinócio do outono no oitavo e o solstício de inverno no 11°. Como resultado, o Dia do Ano-novo chinês não é fixo e pode cair em qualquer data entre 21 de janeiro e 20 de fevereiro. Em 2001, o feriado do Ano-novo lunar começou em 24 de janeiro, o dia da Lua Nova.

Os Ciclos do Destino

Os meses lunares do calendário chinês luni-solar formam a base do pilar mês dos Quatro Pilares do Destino. Como o pilar ano, ele também tem um broto celeste e um ramo terreno. Nascido em 23 de agosto de 1946, no sétimo mês lunar do ano, meu broto celeste é o terceiro, *ping*, o seu elemento é fogo e o meu ramo terreno é o nono, *shen*, cujo elemento é metal.

Na maioria das formas da astrologia chinesa, como ilustrou meu astrólogo do templo, a vida de uma pessoa é dividida em séries de ciclos de dez anos do destino, começando pelo pilar mês, que são dispostos dentro das 12 casas do destino. Contudo, o ciclo de dez anos nem sempre começa no dia do nascimento da pessoa, e portanto o segundo ciclo pode começar em seu terceiro aniversário e terminar no 13° e assim por diante.

Descobrir a época do segundo ciclo do destino novamente não é fácil. Primeiro, considere o número do broto celeste do ano do seu nascimento. Se for ímpar, vale 1; se for par, vale 2. Se a pessoa é do sexo masculino, adicione 1; se for do sexo feminino, adicione 2. No meu caso, o número do broto celeste é 3; como é ímpar, vale 1, e como sou homem, adiciono 1, formando 2!

Em seguida você tem de consultar o aspecto solar do calendário luni-solar tradicional chinês. Como um mês no calendário chinês corresponde ao mês lunar de cerca de 29 dias, ele também contém períodos "quinzenais" intimamente relacionados à revolução da Terra em torno do Sol. Daí sua natureza "luni-solar". O calendário solar é dividido em 24 períodos (*chieh*), cada um com cerca de 14 dias de duração. Seus nomes — "Movimento dos Insetos" (começando em 5 de março), "Grão na Orelha" (começando em 6 de junho) ou "Descidas do Gelo" (começando em 23 de outubro) — refletem o momento da natureza agrária da sociedade chinesa em que estas divisões foram feitas. Eles formam pares com os 12 festivais mensais que geralmente começam no ponto médio de um dos 12 signos zodiacais ocidentais.

No calendário chinês que comprei em Hong Kong, a cada 15 dias aproximadamente determinados, termos chineses vêm ao lado das datas que marcam os períodos quinzenais. Os 24 períodos quinzenais em um ano são também subdivididos em 12 seções e 12 meios períodos. Chan Ki Kung explicou: "Exemplos de seções são o Começo da Primavera, Despertar dos Insetos, Claro e Brilhante; enquanto As Chuvas, Equinócio da Primavera, Chuva de Grãos são meios períodos. Dois meio períodos consecutivos são separados por cerca de trinta dias, portanto cada meio período é equivalente a um mês lunar. Assim, o Primeiro Mês Lunar possui o meio período As Chuvas, o Segundo Mês Lunar possui o Equinócio da Primavera, o Terceiro a Chuva de Grão e assim por diante."

Retornando ao ciclo de dez anos, se o cálculo do pilar ano for ímpar, então você se refere à data *chieh* (período quinzenal) imediatamente antes do aniversário da pessoa. Se o número for par (como no meu caso), você se refere à data *chieh* imediatamente depois do aniversário do indivíduo. O número de dias entre o dia de nascimento da pessoa e o *chieh* escolhido é contado e depois dividido por 3.³ O resultado é a idade que começa o segundo ciclo do destino. O meu astrólogo do templo começou o meu com a idade de quatro anos.

Cada ciclo segue a seqüência numérica do broto celeste e do ramo terreno do pilar mês: o meu segundo ciclo é o terceiro broto e o nono ramo; o próximo ciclo de dez anos é o quarto broto e o décimo ramo e assim por diante. Isto significa que elementos diferentes governam a cada ciclo: fogo e metal, depois terra e terra, em seguida terra e água etc.

Quanto as 12 Casas do horóscopo ocidental, a astrologia chinesa emprega as 12 Casas do destino que influenciam as áreas comuns de atuação na vida pessoal. As descrições das 12 Casas do destino refletem, obviamente, os interesses de poucos privilegiados na sociedade feudal chinesa. São elas: 1 — o destino final da pessoa; 2 — a riqueza; 3 — irmãos e parentes (também emoções e afetos); 4 — terra e habitação (também posses e heranças); 5 — filhos e filhas (também trabalhos de caridade); 6 — servos e escravos

(também status social); 7 — esposas e concubinas; 8 — doença e desgaste; 9 — afastamento e mudança (também viagens ao exterior); 10 — vida no mundo e recompensa (também a profissão); — sorte e virtudes (também oportunidades); 12 — estilo e comportamento.⁴

Claramente, estas Casas do destino eram definidas pelos astrólogos da corte e não se destinavam aos servos, escravos e concubinas!

Um astrólogo usa o número de ramos terrenos recorrentes do pilar mês para descobrir qual Casa será a mais influente durante cada ciclo de dez anos. Desta maneira, ele pode montar uma cronologia pessoal. Admitindo que o meu segundo ciclo tenha começado com a idade de quatro anos, dos quatro aos 14, a Casa mais influente foi a de número 9, "afastamento e mudança"; dos 14 aos 24, foi a Casa 10, "vida no mundo e recompensa" e também a profissão. Penso que pode ser dito que lancei os fundamentos da minha profissão durante este período, embora não tenha saído em viagem do meu local de nascimento em Bognor Regis na costa de Sussex no ciclo anterior de dez anos. O pilar mês é, contudo, interpretado junto aos outros três pilares do destino para formar um quadro geral da vida e expectativas de uma pessoa.

O Pilar Dia

Segundo Tsu Ping, que viveu em torno do ano 800, o broto celeste do pilar dia (*hua*) representa o ser. Os outros sete remanescentes dos oito signos (*ba tze*), cada um deles associado a um elemento, simbolizam parentes e amigos. Usado com o pilar mês, ele pode ajudar a determinar o padrão dos ciclos de dez anos.

Para examinar se o ser é forte ou fraco entre os outros sete elementos, o astrólogo observará o elemento do ser e sua força sazonal. Por exemplo, o fogo nasce na primavera, prospera no verão, enfraquece no outono e morre no inverno. Estas mudanças sazonais no ciclo dos cinco elementos foram estabelecidas no calendário Hsia.

Com essa informação, a força do ser pode ser determinada. Se o elemento que simboliza o indivíduo é o fogo e a pessoa nasceu no inverno, quando o fogo morre, o ser será fraco. Por outro lado, se a pessoa fogo nasceu no verão, quando o fogo prospera, ela será forte. Porém a força ou fraqueza exatas dependerão do tipo de apoio dado pelos elementos dos outros sete signos.

A filosofia dos Quatro Pilares, como a filosofia chinesa como um todo, é baseada na harmonia e no equilíbrio. Até o nome de Tsu Ping, que estabeleceu o método dos Quatro Pilares do Destino em sua forma atual, significa "água equilibrada".⁵ O elemento que

representa o ser não deve ser nem muito forte nem muito fraco. Se houver um desequilíbrio, uma pessoa pode receber um medicamento sob a forma dos outros elementos para melhorar sua sorte. O método pode também indicar os pontos altos e baixos na vida do indivíduo. Em 1993, a influência que prevalecia era metal e água, por isso uma pessoa com fogo fraco pode ter enfrentado dificuldades durante este ano.

O pilar dia é mais fácil de ser identificado do que o pilar mês — uma tabela fornece o broto celeste e o ramo terreno para cada dia do ano. Os meus, referentes ao dia 23 de agosto, são respectivamente o 5 e o 7, que correspondem aos elementos terra e fogo. O resultado dos eventos que podem ocorrer durante cada ciclo de dez anos indicado pelo pilar mês é interpretado em conjunto com o dia do nascimento. Isto é feito por meio da exploração da relação, durante o curso de cada período de dez anos, entre os elementos que influenciam o broto celeste do pilar dia e o ramo terreno do pilar mês e sua casa do destino. Novamente, no meu caso, isto significa uma relação entre os elementos yang fogo e yang fogo no primeiro ciclo. Fogo aumenta fogo, mas os elementos podem permanecer em uma relação positiva, negativa ou neutra entre si.

Isto é apresentado, como já vimos, como um ciclo da criação e um ciclo da destruição, dependendo da relação entre os elementos. Por exemplo, o elemento madeira chinês produz fogo, fogo cria terra, terra gera metal, metal corre como água, água nutre madeira. Eles estão em uma relação positiva. Por outro lado, madeira queima terra, fogo derrete metal, terra absorve água, metal corta madeira e água encharca fogo. Eles estão em uma relação negativa. Uma relação neutra pode ocorrer quando três elementos cancelam um ao outro: no caso de madeira, terra e metal — madeira queima terra, mas metal corta madeira.

Um astrólogo buscará as relações entre os elementos em cada ciclo de dez anos à medida que ele passa através das 12 Casas do destino. Por exemplo, metal yin na Casa 10 (vida no mundo e recompensa) no segundo ciclo de dez anos tenderá a formar uma pessoa determinada e de opinião, talvez um pouco rígida. E se o elemento do seu pilar dia for água yin, a relação entre os dois é positiva, e um fortalecerá o outro.

O elemento estritamente astrológico no horóscopo chinês envolve também as 28 constelações associadas ao elemento que rege o grupo do seu pilar dia do destino. Elas determinam o fator oportunidade na sua vida. O elo está mais com a Lua do que com o Sol: as constelações são chamadas de mansões ou habitações lunares (*sieu*), através das quais a Lua passa a cada dia durante cada mês lunar de 28 dias.⁶ Cada mansão é regida por uma estrela fixa, e cada estrela fixa está localizada em um dos quatro arcos das constelações nos quatro quadrantes chamados de Dragão Verde, Tigre Branco, Guerreiro Escuro e Pássaro Vermelho. As 28 constelações formam um ciclo de 28 dias que se move

em paralelo com o ciclo de sessenta anos. Visíveis durante todo o ano, elas foram distribuídas ao longo do equador celeste em torno de 2400 a.C. porém, graças à precessão dos equinócios, não são mais encontradas em suas posições originais.⁷

Cada constelação do dia, ou mansão lunar, está associada a um animal, sendo considerada auspiciosa ou nefasta. A primeira do ciclo é a auspiciosa Cornucópia, associada ao crocodilo; a 14^a, à auspiciosa Parede (porco-espinho); e a 28^a, à auspiciosa Biga (minhocas). Na primeira, encontramos estrelas da constelação de Virgem; na 14^a, de Pégaso e Andrômeda; e na 28^a, do Corvo. Se uma primeira leitura das constelações feita por um astrólogo ou especialista em feng shui for negativa para a época ou para um evento-chave ou enterro, ele pode procurar pelo movimento anual das constelações no almanaque chinês para descobrir um momento mais adequado. O conceito das mansões lunares foi exportado para o Japão, onde se tornou muito popular.

Um outro método utiliza o pilar dia da pessoa para planejar as atividades diárias, fazendo uma referência cruzada entre o pilar dia (*hua*) e os períodos quinzenais (*chieh*). Um mapa ajuda na descoberta do período quinzenal mais próximo que precede o dia que será considerado. Em geral, existem 12 indicadores que são consultados para as atividades diárias e conferidos com os períodos quinzenais, dependendo do ramo terreno da pessoa. Pode-se então destacar os momentos auspiciosos e nefastos para as diferentes atividades, como pagar contas, limpar a casa, organizar eventos sociais (inclusive casamento), realizar viagens a longa distância, conseguir empréstimos, repousar e até iniciar uma dieta.

Enquanto escrevia esta parte no dia 15 de maio, seguindo o ramo terreno do meu pilar dia e conferindo-o em relação ao período quinzenal que ia de 5 a 21 de maio, vi que era uma época auspiciosa para "limpar a casa ou limpar as bases como preparação para o que viria. Não era um bom momento para os negócios nem para a socialização. Deveria cuidar da saúde, boa forma e aparência pessoal".⁸ Não me dizia que era uma boa época para escrever, mas pelo menos eu estava arrumando minhas pesquisas, colocando-as em ordem para escrever.

O Pilar Hora

Até agora tratamos dos pilares ano, mês e dia dos Quatro Pilares do Destino. Resta o pilar hora (*guo*). Como vimos anteriormente, o dia chinês é dividido em 12 períodos que correspondem a duas horas do tempo ocidental cada, começando com o período que vai das 23h a 1h. Cada período corresponde a dois signos, um para o broto celeste e o outro

para o ramo terreno. Para uma pessoa nascida fora da China, primeiro é necessário converter a hora do nascimento para o Tempo Universal (TU) — o mesmo do Tempo Médio de Greenwich (TMG) — e depois adicionar oito horas para convertê-lo para o Tempo Chinês do Litoral (TCL). Eu nasci aproximadamente às 16h30 em agosto (horário de verão inglês), que corresponde às 15h30 (TU) e às 23h30 (TCL). Levando a conversão em consideração, o número do meu ramo terreno é 1, associado ao signo *Ming Shu* do Rato e ao elemento água yang. O broto celeste do meu pilar hora é 9, também associado à água yang. Sou realmente aquoso!

Com esta informação nas mãos, posso descobrir a fatia da sorte com a qual nasci. A sorte tem um papel importante na interpretação de um horóscopo chinês. Um dos métodos mais antigos de calcular a parte da sorte é colocar o ramo terreno do pilar hora em uma das quatro imagens do Imperador Huang Ti, o semilendário "Imperador Amarelo" que reinou há uns cinco mil anos. Cada imagem representa uma estação em particular: primavera, verão, outono e inverno. Nos almanaques chineses as quatro imagens são chamadas de "A Canção das Quatro Estações". Os 12 ramos terrenos são distribuídos em torno do corpo do imperador — cabeça, ombros, ventre, mãos, virilhas, joelhos e pés —, o que é um outro exemplo do microcosmo refletindo o macrocosmo das estações definido pelo movimento da Terra em torno do Sol.

Para descobrir minha parte da sorte no nascimento, verifiquei a estação na qual nasci (outono no ano chinês) e localizei o ramo terreno do meu pilar hora que está nos ombros do Imperador Amarelo. Isto indica: "O Destino melhora com a idade (...) A pessoa pode melhorar seu destino seguindo duas regras gerais: não descansar sobre outra pessoa por qualquer razão e evitar o esmorecimento ao se deparar com obstáculos. Os filhos desta pessoa terão um destino melhor."⁹ Um conselho muito sábio.

Se o seu ramo terreno estiver no ventre do Imperador Amarelo, você será capaz de conseguir fama e fortuna nas artes ou na música em uma etapa posterior da vida; se for nas mãos, os negócios e o comércio serão suas fontes principais de sorte, e você fará ainda melhor se deixar seu local de nascimento; se cair na virilha, sua riqueza e melhor status estarão assegurados para uma fase posterior da vida; se estiver nos joelhos, você não terá sorte, levando uma vida inquieta e não realizada. Finalmente, se o seu ramo estiver nos pés, você só encontrará felicidade se renunciar a todas as aspirações materiais e mundanas, desenvolvendo seus aspectos intelectual e espiritual e deixando seu local de nascimento para viver nas florestas, embora possa ter duas esposas! Eu pareço mais ser um homem dos pés do que qualquer outro.

Uma vez determinado os Quatro Pilares do Destino e trabalhados os ciclos do destino, o astrólogo chinês traça um perfil da personalidade do indivíduo. Isto é geralmente

feito baseado nos três eventos mais importantes da vida: após o nascimento, antes de se casar e antes de ser enterrado. Com a informação fornecida pelo pilar dia, o perfil pode também ser utilizado para fazer previsões diárias.

Não é fácil para um ocidental apreciar o significado simbólico dos oito signos (*ba tze*) formados pelas combinações dos brotos celestes e ramos terrenos que simbolizam os Quatro Pilares do Destino. Cada signo possui seu valor mágico, como um gesto em uma dança ou uma imagem em uma pintura. Quando os xamãs vestidos como animais dançam e tocam tambores, eles também sabem disso. Sob diferentes apresentações, os signos possuem o poder simbólico dos nomes pessoais.

8

Conhecer Todas as Coisas

Nenhuma superstição é tão comum em todo o reino como a que pertence à observância de determinados dias e horas como sendo bons os maus, auspiciosos ou nefastos, para agir ou impedir a ação porque se supõe que o resultado de tudo o que fazem depende de uma medida do tempo.

MATTHEW RICCI

OUTRO TIPO POPULAR DE ASTROLOGIA SE BASEIA NO CALENDÁRIO CHINÊS. ELE fornece um método para planejar as atividades diárias, sejam mudar de casa, se casar ou conseguir um encontro de negócios. Baseava-se geralmente no movimento da Lua durante o ano à medida que ela atravessava as 28 constelações das estrelas fixas conhecidas como *sieu* (mansões lunares). Este método de previsão utilizava um almanaque editado a cada ano.

O Almanaque Chinês é muito antigo. Na verdade, ele pode ser descrito como a enciclopédia mais antiga no mundo, pois tem sido publicado continuamente desde cerca de 2250 a.C. Era compilado por astrólogos sob as ordens do Imperador Yaw que viu a vantagem, especialmente para os fazendeiros, de fixar as estações. Embora seja revisto a cada ano, a maior parte do texto permanece a mesma, e sua linguagem arcaica é difícil de ser compreendida. Em Taiwan ele é conhecido como "Almanaque do Fazendeiro"; em Hong Kong como o *Tong Sing*, "O Livro do Saber de Todas as Coisas". Um compêndio de informação sobre astrologia, procedimentos divinatórios e crenças tradicionais, ele contém instruções para leitura de rosto e da palma da mão e abarca a sabedoria dos Quatro Pilares do Destino e do feng shui. É basicamente um calendário que reflete a influência dos cinco elementos em um determinado momento no tempo.

Matthew Ricci, jesuíta do século XVI, desaprovava esses trabalhos que eram tão populares na China. "Cada casa possui um suprimento deles [almanaques]", ele escreveu. "São produzidos sob a forma de panfletos, e neles se encontram orientações sobre o que deve ser Feito e o que deve ser deixado por fazer para cada dia em particular, e qual o momento preciso em que cada coisa deve ser realizada. Desta maneira o ano inteiro é mapeado cuidadosamente em detalhes exatos."²

Perguntei ao curador do Museu do Espaço de Hong Kong, Dr. Chan Ki Kung, o que ele achava do Almanaque Chinês. Um homem racional, com conhecimento de física e astronomia, ele surpreendentemente não se mostrou cético. Mas confessou: "Eu o consultei há alguns dias. Existem muitos termos astrológicos nele. É muito popular entre os mais velhos, e muitos jovens não conseguem compreender os seus termos. Eles conhecem cada palavra, mas quando elas se juntam, eles não compreendem seu significado porque precisam de uma certa base para interpretá-las. Ainda é muito consultado pelos pais para descobrir uma boa data para os casamentos. As pessoas se mudam muito em Hong Kong, e ele é também utilizado para se escolher um dia propício para mudar de casa."

O autor em Hong Kong do Almanaque Chinês, o *Tong Sing*, é o Sr. Choi Park-lai. Seu escritório ficava no oitavo andar do Edifício Comercial Hillier, no Quarteirão Central. Era um escritório de andar inteiro entulhado de papéis e coberto de aquarelas e desenhos chineses. Meia dúzia de pessoas — homens e mulheres — trabalhava nele. Eles nos ofereceram chá antes de entrarmos em seu pequeno escritório. O Sr. Choi, um octogenário vestido com um terno marrom-avermelhado e gravata vermelha, era especialista em feng shui e também em fazer calendários chineses. Para manter sua antiga arte, ele se sentava em uma cadeira grande coberta com um toalha branca defronte de uma grande escrivaninha colocada do lado oposto ao da entrada para o seu escritório. Aparecia com regularidade na televisão e era famoso em toda Hong Kong. Em suas paredes havia fotografias tiradas com várias celebridades ocidentais e chinesas.

Fui visitá-lo acompanhado de uma jovem intérprete chamada Sherman. Ele me disse, por seu intérprete, que a produção dos almanaques tem sido um negócio de família há 120 anos. Seu pai fora seu mestre. Eu tinha lido em um dos prefácios de um dos seus diários: "O conhecimento da família Choi sobre o feng shui (geomancia), o yin e o yang (pesquisa dos princípios positivo e negativo da natureza), o Ng hang (os cinco elementos primários) e a 'Escolha das Datas' têm sido passado através de três gerações, e tenho praticado profissionalmente estas teorias há várias décadas.**

No mesmo trabalho ele explicou que: "Feng Shui ('vento e água*'), nome do sistema chinês de geomancia, por meio do qual são determinados locais para sepulturas, casas e outras construções, e o Almanaque Chinês são métodos antigos que utilizam teorias altamente

sofisticadas do *yin e yang* (os princípios positivo e negativo da natureza) e do 'Ng hang' (os cinco elementos primários, i.e., metal, madeira, água, fogo e terra) para ajudar as pessoas a entrar em harmonia com a natureza e buscar a boa sorte e evitar as más influências."

Perguntei ao Sr. Choi a respeito da ligação entre feng shui e o calendário chinês.

— O feng shui está ligado aos oito caracteres.

Isto eu sabia que era o nome popular para os Quatro Pilares do Destino na astrologia chinesa. Ele pronunciou feng shui no dialeto cantonês, como "fung shoy".

— A localização chinesa dos objetos na casa — traduziu Sherman — está ligada às quatro estações. Envolve o fluxo do chi, a energia. Algumas vezes é boa; outras, nem tanto. É diferente para pessoas diferentes; por isso está ligada aos oito caracteres.

A minha tradutora logo começou a transpirar por causa das dificuldades de sua tarefa. O Sr. Choi permanecia totalmente calmo e brincava com um pequeno ábaco em sua escrivaninha em desordem enquanto falava.

— Os oito caracteres são muito pessoais. Se você nasceu com oito bons caracteres, será muito bem-sucedido e terá uma vida tranquila. Se eles forem ruins» você terá uma vida muito difícil.

— E quanto à sorte. Pode fazer a diferença?

— O seu destino é aquilo com o que você nasceu. Mas a sorte é" o que você faz dele. A sorte pode aumentar a prosperidade. Se você nasceu com um bom destino e tem boa sorte, sua vida será ainda melhor.

— E se a pessoa tiver um mau destino?

— Mesmo assim a boa sorte ainda poderá ajudá-la.

— Qual o papel do feng shui em tudo isso?

— O feng shui funciona como a sorte. Ele equilibra ambos os lados. Um bom feng shui pode ajudar um mau destino. Se você tem um bom destino, o feng shui pode torná-lo ainda melhor. O feng shui oferece um remédio para sua vida. Pode multiplicar os seus ganhos, talvez em até dez vezes. É bom para a sua saúde e para os seus relacionamentos.

— E se a pessoa não aplicar o feng shui?

— Se ela não aplicar, simplesmente seguirá seu destino. Mas com o feng shui, ela poderá melhorar sua vida. Você pode não somente evitar o mal, como ampliar seu potencial. Pode trazer a sorte para mais perto de você.

— O que quer dizer com mal?

— Um mau caminho. O feng shui diz para a pessoa evitar um mau caminho. Em termos bem gerais.

— Como o senhor faz isso?

— Pela posição e pelo momento. Neste escritório, uma posição é má; outra é boa. Se eu não usar aquele canto, isto ajudará a evitar o mal. Podemos usar peças de decoração para anular o mal.

Eu tinha notado que havia uma bússola de feng shui, conhecida como bússola Lo Pan, em seu escritório e perguntei se era importante.

— É o mais importante. Um mestre de feng shui não pode julgar com o olho desarmado. Existem 24 direções diferentes segundo a época do ano, e interpretações diferentes para os 360°; algumas boas, outras más. Existem também ciclos de vinte anos, nove anos e um ano. Em 2004, por exemplo, estaremos no fim de um ciclo de vinte anos. Haverá uma mudança muito grande.

— Que tipo de mudança?

— O feng shui não faz previsões sobre tendências mundiais, somente para um país ou lugar.

— O quanto são confiáveis?

— A bússola é somente uma ferramenta que faz os cálculos. As interpretações são feitas pelo seres humanos — respondeu ele sorrindo astuciosamente.

Então eu me virei para o que fizera do Sr. Choi um nome renomado em Hong Kong — seu almanaque. Perguntei se era baseado no Sol ou na Lua.

— As pessoas do observatório utilizam o calendário solar. Nos tempos antigos, os fazendeiros chineses usavam a Lua, mas ela não é muito precisa. Devemos usar o solar.

Perguntei como o almanaque funcionava.

— O almanaque chinês possui 365 dias. Alguns dias são bons, outros, são maus. Em um mau dia as pessoas devem evitar fazer certas coisas, coisas do dia-a-dia como iniciar um negócio, mudar de casa ou viajar.

— Como o senhor decide se um dia é bom ou mau?

— Segundo os meus cálculos. A cada sessenta anos completa-se um ciclo e a cada 180 anos um grande ciclo. Isto modifica os dias em anos diferentes.

Ele estava claramente se referindo ao chamado Grande Ano no calendário chinês.

— Existe uma entrada para cada dia. Ela lhe diz os sins e os não, dependendo dos seus oito caracteres.

— É possível uma pessoa interpretar para si própria?

— Claro, basta consultar o livro!

O Diário da Boa Sorte

Além do seu almanaque bem colorido e ilustrado em chinês, o Sr. Choi me deu um "Diário da Boa Sorte", que resumia em chinês e inglês vários elementos do Almanaque Chinês. Muitas pessoas o levam a sério, até em detalhes como o melhor dia para lavar os cabelos. Os chineses consideram o início de qualquer evento como se fosse seu aniversário.

Como já foi explicado, no calendário chinês existe um total de 22 ideogramas, consistindo de dez brotos celestes e 12 ramos terrenos. Estes estão ligados um ao outro por relações harmoniosas ou beligerantes. A primeira regra para selecionar uma data para um evento importante é não usar os dias em que o ramo terreno se chocar com o ramo do mês; por exemplo, você não deve escolher um dia em que o ramo terreno seja metal yin num mês madeira yin, pois metal, segundo o ciclo da destruição, corta madeira. Da mesma forma, deve ser evitado um relacionamento conflitante entre os anos de nascimento das pessoas envolvidas.

O "Diário da Boa Sorte" marca os dias propícios com um ponto vermelho, um dia razoável com um círculo vermelho e um dia ruim com um ponto preto. As boas épocas são também destacadas em vermelho. São também atribuídos dois símbolos para cada dia: um para o signo animal e outro para um tabu de uma atividade em particular. Se o seu signo animal aparecer em determinado dia, você não deverá fazer qualquer coisa importante e evitar em particular o tabu do dia. As boas horas durante o dia também deverão ser consultadas. Naturalmente, se houver uma coisa muito importante a ser feita, como um casamento, enterro ou contrato, é aconselhável consultar um especialista para que ele determine o dia e o momento mais auspiciosos.

Embora escrito em Hong Kong para habitantes citadinos, as atividades refletem a natureza agrícola da antiga civilização chinesa. Estas incluem: casamento, ir para longe do lugar de origem, lavrar a terra, comprar uma propriedade, lançar um navio ao mar, cavar um esgoto, consertar uma porta, construir um forno, remover uma cama, aprofundar um poço, fermentar o vinho, fazer um ninho, cortar o cabelo, pleitear em juízo, fazer uma cerimônia de abertura, lançar uma pedra fundamental, construir uma casa, mudar de casa, abrir uma loja, fazer comércio, encontrar um amigo, entrar em uma escola, fazer tratamento médico, caçar, adorar os ancestrais, confeccionar roupas, iniciar um trabalho, limpar a casa e enterrar um morto.

Além disso, o diário registra as fases da Lua, os solstícios e equinócios, os períodos quinquenais, os brotos celestes e os ramos terrenos. Embora primordialmente baseado no moderno calendário solar, contém também detalhes lunares e informações do calendário chinês utilizado na astrologia dos tempos antigos.

Notei que em 2001, o meu aniversário, 23 de agosto, coincidia com o período quinzenal de "Término do calor**", que marca o fim do verão. Era um dia auspicioso assinalado com o ponto vermelho, particularmente de 1h-3h às 5h-21h. Quanto aos tabus, aqueles que fossem do signo do Rato não deveriam comprar uma propriedade naquele dia.

Segundo o seu diário e o almanaque, havia encontrado o Sr. Choi num bom dia, porém em um momento não auspicioso. No fim da nossa entrevista, Sherman, a jovem tradutora, disse que estava indo a Temple Street em Kowloon para fazer uma "leitura de rosto". Ela certamente precisava relaxar depois de todos os esforços para traduzir as palavras enigmáticas de uma figura tão famosa como o autor do Almanaque Chinês. Claramente no coração de Hong Kong a astrologia, o feng shui e outras práticas divinatórias estão vivos e passam bem, apesar do comunismo ateu da nação chinesa e do capitalismo materialista da ilha.

9

Vento e Água

A energia do dragão será dissipada pelo vento e será detida no limite da água.

O LIVRO DOS ENTERROS

OS QUATRO PILARES ASTROLÓGICOS PÃO FORMA AO NOSSO DESTINO, PORÉM O FENG shui pode influenciar nossa sorte, o que, por sua vez, pode afetar o cumprimento do nosso destino. Como dizem os cantoneses: "O destino vem em primeiro lugar, em segundo a sorte e em terceiro o feng shui." E, como me explicou o autor do Almanaque Chinês, um bom feng shui pode melhorar um destino ruim e fazer de um bom ficar melhor ainda.

O feng shui complementa de várias maneiras a astrologia tradicional. Ambos confirmam a antiga crença chinesa de que tudo no universo repercute em todo o restante e que existe uma ligação íntima entre o céu, a Terra e a humanidade. Os Quatro Pilares mostram que os céus influenciam nossas vidas e o feng shui mostra como a Terra afeta a maneira que vivemos. Embora não possamos modificar a primeira, pois ela é formada pelas forças naturais dos elementos, podemos alterar a última. E aí que se encontra nossa área de liberdade. O feng shui é uma maneira de manipular nossa sorte.'

Os Princípios do Feng Shui

Então, o que é exatamente o feng shui? Feng shui (em mandarim pronuncia-se como se escreve e em cantonês diz-se "fung shoy", significa literalmente "vento e água". O termo parece ter se originado de um clássico chinês chamado *O livro dos enterros*, que oferece

orientações para a escolha de um local próspero da terra para os ancestrais. Esses locais eram chamados de "toca dos dragões", onde ficava acumulada a energia do dragão da montanha. Claramente a energia do dragão será soprada pelo vento, daí a necessidade de um ponto bem abrigado. O limite da água era interpretado não somente como o fluxo da água, mas como o espaço aberto e livre.

O feng shui é algumas vezes traduzido como geomancia, mas ele é mais amplo que a geomancia ocidental, e não se preocupa apenas com a Terra, mas também canaliza as forças cósmicas.² É a antiga arte e ciência de adaptar as moradias dos seres vivos e dos mortos, a fim de harmonizá-las com a energia do ambiente mais próximo. Tornou-se o estudo do ambiente vivo. Seus princípios fundamentais são baseados na filosofia do yin-yang, na teoria dos cinco elementos e nos oito trigramas que estão no coração da astrologia chinesa. Considera também o "tempo do destino" do chefe da casa.

A má localização das tumbas dos ancestrais pode levar a perturbações de suas almas e má sorte para os seus descendentes. Por outro lado, um bom local auxiliará no bem-estar e prosperidade de todos. De modo similar, uma habitação com um bom feng shui favorecerá a saúde, a prosperidade e a felicidade dos seus habitantes. A forma das casas, aldeias, palácios, cidades e cemitérios chineses foram todos influenciados pelo feng shui. Beijing em particular está protegida das más influências do Norte pelas montanhas e está situada em uma suave planície onde pode desfrutar das influências benígnas do Sul.

Os primeiros comentaristas ocidentais tenderam a desvalorizar o feng shui como uma superstição. No século XVI, o Jesuíta Matthew Ricci o chamou de "rito supersticioso". No século XIX, Ernest Eitel lamentou como o "sistema de superstição" era um obstáculo ao "progresso", pois os mestres do feng shui objetavam a implantação das linhas telegráficas, a construção de estradas, a abertura de minas e a construção de ferrovias. Até Joseph Needham, que apreciava a influência estética do cenário chinês, o chamou de pseudociência, uma forma de divinação e um "sistema grosseiramente supersticioso".¹ Sem dúvida refletindo o crescimento da sua popularidade, os intérpretes ocidentais mais recentes têm se mostrado mais simpatizantes, assegurando que ele é um "modo astro-biológico de pensamento" ou uma forma de "astro-ecologia".⁴ Pode ser ainda mais bem descrito como um tipo de "eco-astrologia", pois reconhece a ligação íntima entre o microcosmo e o macrocosmo (a pessoa e o universo) e a ampla correspondência entre os céus e a Terra (assim como é em cima, é embaixo). Além disso, ele oferece um modelo do cosmo na Terra.

Sob vários aspectos, o feng shui é simplesmente bom senso. Todos nós já passamos pela experiência de perceber que alguns lugares são inspiradores, enquanto outros são distintamente horripilantes. Uma casa sobre um solo úmido e com pouca inclinação

provavelmente propiciará doenças e inundações, enquanto uma casa voltada para o Sul e com uma bela vista passará um sentido de segurança e bem-estar. Ao estudar a maneira como o vento e a água moldam um cenário, o feng shui simplesmente desenvolveu essas intuições em um sistema baseado num pragmatismo bem fundamentado e encarna os princípios fundamentais da ecologia.⁵

Mesmo antes de ter encontrado o feng shui, eu praticava instintivamente seus princípios. Quando acampava com meus filhos, dedicava bom tempo para escolher um bom local considerando as características topográficas gerais e depois caminhando pela redondeza até sentir que tinha encontrado o "lugar certo" para ficar. Os nômades e os cães fazem o mesmo.

Os princípios são muito antigos e os construtores que utilizaram megálitos em todo o mundo claramente os conheceram. Existem evidências de que na Dinastia Shang (1800-1200 a.C.) o estabelecimento das povoações era "um evento deliberado, planejado" e que tomava a forma de um cercado murado alinhado com as quatro direções cardinais.⁶ Os princípios têm sido registrados na China desde o século IV a.C. e consolidados em um sistema do período dos Três Reinos. A base teórica do feng shui é encontrada no *I Ching*, porém a primeira referência à disciplina está em uma bibliografia de Artes Práticas no trabalho chamado *História anterior da dinastia Han*, de Pan Ku (32-92). Ele menciona dois trabalhos perdidos chamados *O livro de ouro da geomancia* e *Conformações terrestres para as habitações* entre outros sobre astrologia e os calendários.

A *Enciclopédia imperial* se refere a um texto do século V conhecido como *Clássico de habitação do Imperador Amarelo*, de Wang Wei, que discute as habitações yin para os mortos e yang para os vivos. Declara: "Uma boa terra dará brotos exuberantes; uma casa com boa sorte trará prosperidade."⁷ No período T'ang, o interessante título *Ching Nang Ao Chih* (*Princípios misteriosos da bolsa azul*) foi atribuído ao famoso praticante de feng shui Yang Yün-Sung. Só para esclarecer, a Bolsa Azul era o Universo!

Após a Dinastia Sung (960-1292), cresceram duas escolas principais de feng shui. A primeira foi a Escola da Forma, que assumiu uma posição mais intuitiva para determinar uma construção. Posteriormente surgiu a Escola da Bússola, dita ter sido desenvolvida por Wang Chi, que é mais analítica e baseada nas relações entre os cinco elementos, os oito trigramas, os brotos celestes, os ramos terrenos e a constelações.

Pude observar um exemplo clássico de feng shui na Tumba Ming próximo a Beijing. A localização da tumba do primeiro imperador é bem protegida por montanhas por todos os lados, com um lago defronte da tumba, criando desta forma uma perfeita toca do dragão. Contudo, os imperadores posteriores da dinastia foram enterrados cada vez mais longe do local original e não ficaram mais abrigados pelas montanhas ou de frente

para o lago. O 13º e último imperador Ming, que perdeu seu país para os manchus do Norte, encontra-se na posição menos favorável, como se todo o conhecimento do feng shui tivesse sido esquecido. Alguns mestres consideram isto como uma explicação metafísica da queda da dinastia: eles não sabiam mais como canalizar as energias do céu e da Terra em favor da humanidade.

Tanto a energia de um lugar, quanto a energia das pessoas que ali vivem mudam com o tempo, um especialista em feng shui precisa ser um conhecedor da filosofia natural chinesa (yin e yang e os cinco elementos) e um mestre do calendário. A base teórica do feng shui é o conceito do chi. Os seres humanos, tanto mortos quanto vivos, estão sob o controle da energia ativa do chi que prevalece no céu e na Terra. Ela flui sob a superfície da Terra em condutos conhecidos como veias do dragão, como os caminhos do sangue nas artérias e veias dos seres humanos. Está particularmente concentrada nas montanhas, cursos de água e na vegetação. Em geral, é responsável pelo crescimento e mudanças no mundo natural.

O chi varia não somente no espaço, mas também no tempo de maneira cíclica, oscilando entre o yin e o yang em locais diferentes durante todo o ano e o grande ciclo de sessenta anos. Este conhecimento fez surgir o que é tido como o feng shui da "estrela cadente", no qual as estrelas cadentes indicam como o chi muda continuamente no tempo e se move no espaço, afetando nosso bem-estar nas diferentes direções.⁸

Existem o chi da Terra no ambiente, chi do céu no ciclo anual das estações e o chi que flui nos cursos de água. Sua contraparte negativa é *sha* (não confundir com a mesma palavra para eminências locais), que sopra do Norte, exaure a energia, viaja ao longo das linhas retas, penetra nas aberturas e se esconde em poças estagnadas.

Em um local ideal, o chi do céu e o chi da Terra se unem, acumulam e interagem. Como diz o *Chão T'ing-tung*: "A habitação terrena e a constelação celeste devem estar em um relacionamento produtivo ou em harmonia."⁹ As características mais importantes e proveitosas para o chi são a orientação do local, a topografia dos arredores, o projeto da construção, o tempo e os ocupantes.

Cada local na Terra possui características especiais que modificam a influencia local dos diferentes tipos de energia ou chi. As influências naturais mais importantes são feitas pelas formas das colinas e cursos de água, que são moldados pelo vento e pela água (daí o nome feng shui). As alturas, formatos e orientação das construções e a direção das estradas e pontes também desempenham seu papel. Como o fluxo do chi em localidades diferentes é influenciado pelas posições dos corpos celestes, a astrologia tradicional também é levada em consideração.

Embora um bom local seja o fator mais importante, existem remédios para um mau feng shui, como cavar esgotos e túneis, criar lagos ou reorientar a direção dos cursos de

água. A água corrente adjacente a uma casa é invariavelmente boa; pedras isoladas são ruins. Nada deve impedir o fluxo suave do chi: ele não deve correr muito rápido, como em uma escarpa, nem estagnar, como em um pântano. As más influências que afetam uma casa que já foi construída também podem ser contrabalançadas com dispositivos como espelhos, sinos de vento, tridentes e talismãs.

O local ideal assume a forma de um "sofá" protegido nos três lados por montanhas ou colinas, e aberto para o Sul com um curso de água defronte. Aqui o chi terreno pode ascender e o chi celeste descer, encontrando-se e unindo-se na "toca do dragão" da habitação. A tumba, casa ou aldeia estará então protegida como por um abraço.

As duas correntes principais do chi doador de vida na Terra são o yin e o yang, simbolizados pelo Dragão Verde e pelo Tigre Branco, que estão associados aos quadrantes oriental e ocidental do céu. A força do Dragão yang e o yin do Tigre devem se equilibrar entre si. Em geral, as escarpas altas são consideradas yang e as elevações arredondadas e a água yin (o simbolismo sexual é óbvio). O ideal é que o local contenha três quintos de yang e dois quintos de yin. Nos locais urbanos, as estradas podem tomar o lugar dos cursos de água, e outras construções podem ser consideradas como montanhas.

A característica mais importante em um cenário é o dragão; ele é linear e liga todas as outras formas. Dependendo da sua natureza, pode aumentar ou destruir a sorte humana. As cristas das colinas e montanhas são as veias e artérias do seu corpo.

Mais que impor uma rede artificial sobre o cenário, os chineses preferem estradas, muralhas e construções ventosas que sigam os contornos naturais da Terra. Pude verificar isto em locais de antigas fazendas, casas e aldeias durante as minhas viagens pela China. Na verdade, o movimento dos jardins geométricos do período neoclássico na Europa, como Versalhes, aos jardins delicados e pitorescos da era romântica podem ter sido influenciados pelo gosto chinês trazido pelos jesuítas.¹⁰

As montanhas evitam que o chi se disperse, acalmando o vento, enquanto os cursos de água bloqueiam seu movimento e evitam que ele se disperse. Se houver canais em excesso, o chi se dissipará. A "toca do dragão", por outro lado, é onde o chi exerce sua influência positiva e poderosa. Deve ser encontrado um bom lugar aberto para o Sul e protegido nos três lados pelas montanhas. A "Montanha do Dragão" traz harmonia e a "Água do Dragão" a prosperidade.

Os cinco planetas são utilizados para descrever os diferentes formatos de terra e estão associados aos cinco elementos. Mercúrio é considerado como a Estrela da Água; Vênus, a Estrela do Metal; Marte, a Estrela do Fogo; Júpiter, a Estrela da Madeira; e Saturno, a Estrela da Terra. Se uma montanha no Leste é a Estrela do Metal e uma no Sul a Estrela do Fogo, isto será desfavorável porque Fogo destrói Metal. O ideal seria ter Água (um

platô irregular) no Norte; com Madeira (término abrupto) no Leste; um formato de terra associado ao Fogo (três picos) no Su! e Metal (curvado) no Oeste.

O objetivo final do feng shui é descobrir uma maneira de viver harmoniosamente com o mundo natural, sem dominá-lo ou conquistá-lo. Ele fornece um meio para equilibrar as energias da Terra e dos céus, e como tal pode ser visto como a ciência aplicada da cosmologia chinesa. Na verdade, uma habitação favorável para os chineses não é somente um símbolo do ser, é nada menos que um *imago mundi* — uma imagem do universo.

A Bússola Lo Pan

O principal instrumento para o especialista em feng shui fazer seus cálculos é a bússola Lo Pan. Para alinhar corretamente uma habitação com as forças cósmicas da Terra e dos céus, o especialista em feng shui faz uso da informação gravada em uma série de anéis concêntricos em torno da bússola magnética central. Isto inclui as direções, os trigramas e os hexagramas do / *Ching*, e os brotos celestes e os ramos terrenos do ciclo de sessenta anos do calendário chinês.

Um protótipo da bússola Lo Pan, que reflete a ligação íntima entre o feng shui e a astrologia do momento, foi a tábua do divinador conhecida como *shih*. Datando aproximadamente do século II a.C. era formada por duas tábuas, a superior com o formato de um disco, representando o céu, e a inferior quadrada, correspondendo à Terra.

Adquiri uma bússola Lo Pan em Hong Kong. Sua base quadrada contém vários anéis concêntricos em torno da agulha da bússola central que flutua em óleo — conhecida como Piscina do Céu. Notei que quando a coloquei próxima ao meu computador, ela vibrou suavemente, captando o forte campo magnético e sem dúvida a irradiação do meu equipamento.

As bússolas Lo Pan podem ter 38 anéis, porém as mais simples têm nove. Como representam os hexagramas, os elementos das estrelas, elas mostram como a astrologia e o feng shui se unem para descobrir uma habitação auspiciosa para os vivos ou para os mortos. A bússola engloba os três aspectos essenciais do universo — céu. Terra e humanidade —, que devem trabalhar juntos para manter a harmonia essencial a prosperidade e ao bem-estar.

O primeiro anel representa os oito trigramas da primeira arrumação conhecida como "A Primeira Seqüência Celeste", cuja descoberta é atribuída a Fu Hsi. Eles representam as direções da bússola, com o yang em sua altura maior (☰) no Sul e o yin (☷) no Norte. Os trigramas também simbolizam os fenômenos naturais: céu, lago, fogo, trovão, vento,

água, montanha e terra. Como símbolos das forças naturais, acredita-se que protegem a agulha magnética.

O segundo anel contém nove estrelas móveis, que se acredita serem as sete estrelas da Ursa Maior, mais duas estrelas próximas, que são espelhadas por formas específicas no cenário. Seus nomes revelam seu contexto histórico: Lobo Ganancioso, Grande Portão, Salário Preservado, Pureza e Castidade, Exército Destruidor. As duas estrelas extras são conhecidas como Reforço Esquerdo e Assistente Direito. Representam as formas favorável e desfavorável no cenário."

O terceiro anel abarca as 24 "montanhas" compostas de setores com 15°, que são pontos direcionais similares aos da bússola do marinheiro. A escola *San-ho* de feng shui, que enfatiza a harmonia entre o céu, a Terra e os homens, possui três anéis de 24 montanhas, mas a escola *San-yüan*, que enfatiza a influencia do ciclo do tempo do ambiente, possui somente um. As montanhas correspondem aos quatro hexagramas da Sequência Celeste Posterior, oito brotos celestes e 12 ramos terrenos. Os brotos celestes Mou e Chi não estão presentes porque correspondem à Terra no centro. O anel é utilizado para estabelecer a direção das habitações e para medir o cenário e a amplitude das montanhas.

O quarto anel contém oito estrelas principais do sistema da astrologia de Tzu Wei (Mestre Wei). Tzu Wei é o nome do deus que cuida daquilo que é chamado por vários nomes como Estrela Púrpura, Planeta Púrpura ou Estrela Polar. É o centro do calendário astrológico. A duração de vida dos seres humanos é simbolizada pela Ursa Maior e Ursa Menor (ou Mergulhador), as duas constelações mais próximas e que também são chamadas de Dimensões Norte e Sul. Na Dimensão Sul vive o deus do nascimento e na Dimensão Norte o deus da morte.

Os dois anéis seguintes — o quinto e o sexto — listam os 64 hexagramas (*kua*) do *I Ching*. Os hexagramas no quinto anel oferecem uma leitura para o presente e no sexto, uma leitura para o futuro. Alguns mestres de feng shui associam direções diferentes da bússola com números *kua* para representar os oito períodos de vinte anos no ciclo de 160 anos. Ao selecionar um local auspicioso para um enterro, eles assegurarão que a energia positiva — "o Dragão da entrada" — virá de um número e direção *kua* próspera.

O sétimo anel possui 24 termos ou "períodos quinzenais" (*chieh*) do calendário solar Hsia, cada um correspondendo a 15° medidos na longitude, do movimento do Sol na eclíptica. No calendário eles ocorrem a cada 15 ou 16 dias. Cada termo define uma atividade no ano agrícola: os períodos chi (tais como "Insetos Excitados" e "Orvalho Frio") marcam períodos de crescimento e diminuição, enquanto os períodos quinzenais (como o início da primavera ou o equinócio da primavera) mostram as mudanças no ciclo anual.

O oitavo anel encerra as 28 constelações que são utilizadas para determinar a posição e o momento de um enterro. São divididas em setores associados aos símbolos das quatro

direções: o setor do Dragão Verde, nas constelações orientais; o setor da Tartaruga Negra (também conhecida como Guerreiro Escuro), nas constelações setentrionais; o setor do Tigre Branco, nas constelações ocidentais; e o setor do Pássaro Vermelho, nas constelações meridionais. Elas formam paralelos com a Terra, e em uma casa auspiciosa assumem suas posições corretas nas quatro direções cardinais.

O ciclo externo da bússola de nove anéis é dividido em 360°. A bússola chinesa original era dividida em 365,25°, mas ela mudou após a chegada dos jesuítas no século XVI com seus telescópios e medidas exatas.

Existem outras bússolas Lo Pan com arrumações diferentes de anéis que fornecem outras informações. A bússola de 38 anéis contém um anel de astrologia que é utilizado para conferir o equilíbrio dos elementos, yin e yang, os brotos celestes e os ramos e os hexagramas para traçar um horóscopo da pessoa em relação a um lugar.¹² Existe também um Anel da Estrela da Vida usado para descobrir a Estrela da Vida ou constelação dos mortos. O chamado Anel do Palácio do Cavalo traça a posição da Estrela do Cavalo viajante em relação à sepultura para assegurar que a alma do morto ficará contente e não vagará. Isto é importante, pois a paz e a felicidade do morto afetarão a sorte dos membros vivos da família.

Os três métodos principais na Escola da Bússola são o *San-ho*, *San-yüan* e *Chiu-hsing*. O *San-ho* examina o local do feng shui do ponto de vista da hora: o dragão (a principal cadeia de montanhas situada no fundo do local), o ponto do feng shui (*hsüeh*), as eminências locais (*sha*) e os cursos de água. O método *San-yüan* examina a situação dentro do ciclo de sessenta anos que combina os dez brotos celestes e ramos terrenos baseado nos hexagramas do *J Ching*. O método *Chiu-hsing* considera principalmente a relação direcional das construções da casa e seus elementos.

A orientação auspiciosa da casa dependerá do "destino da vida" do dono da casa. Seus Quatro Pilares do Destino devem, portanto, ser levados em consideração. As direções benéficas dependerão da idade da casa (no qual o período de vinte anos que foi construída dentro do ciclo de 160 anos) e também a idade do dono da casa e o estágio particular que ele ou ela se encontra no ciclo de dez anos. O sistema Pa Che, por exemplo, utiliza uma bússola pessoal para determinar se uma pessoa tem uma "vida oriental ou ocidental", dependendo do ano do seu nascimento. A bússola indica os elementos que podem trazer harmonia ou conflito na sua vida e quais as cores e números que lhe são mais apropriados.¹³ Aponta também as direções favoráveis e nefastas da bússola para cada indivíduo. No meu caso, tenho uma "vida ocidental", meu elemento é ouro e meu número é 6. A sorte virá do Oeste (vitalidade), Noroeste (vida), Sudoeste (longevidade) e Nordeste (boa sorte). As outras direções são desfavoráveis.

O Quadrado Lo Shu

Outro instrumento utilizado pelo mestre do feng shui para fazer seus cálculos é o quadrado Lo Shu, que consiste de nove quadrados dentro de um quadrado. As plantas das cidades, palácios e templos na China eram tradicionalmente baseados nesse quadrado. Até as províncias do império possuíam um padrão similar, com o imperador vivendo no quadrado do meio. Na época feudal, o dono da terra que podia ter nove quartos adotava o esquema, mudando de um quarto para outro de acordo com as estações. A Cidade Proibida em Beijing é baseada nesse quadrado.

Enquanto fazia a pesquisa, fiz uma descoberta extraordinária de que a planta da minha casa em North Wales, projetada pelo arquiteto de Cambridge, Keith Garbett, na década de 1960, era baseada no mesmo modelo. As quatro paredes externas estão exatamente alinhadas com as quatro direções da bússola. Eu estou sentado escrevendo no quadrado Sudoeste, de frente para o Oeste, num vale formado por uma colina coberta por carvalhos e uma montanha irregular.

Diz-se que o quadrado Lo Shu foi revelado ao lendário Imperador Yu por uma tartaruga que emergiu do Rio Lo trazendo a figura desenhada no seu casco. O imperador é celebrado como o primeiro homem a controlar a inundação do grande rio, ao abrir um túnel através da Montanha do Portão do Dragão. O próprio Imperador de Jade o recompensou com um pergaminho com os 64 hexagramas, uma tábua de jade com 12 unidades, que representam as 12 divisões do dia e do ano, e o casco da tartaruga com o desenho do quadrado mágico. A deidade suprema disse: "Os hexagramas no pergaminho o auxiliarão a prever os anos auspiciosos para o seu povo, a tábua de jade lhe dará autoridade para governar com sabedoria, as inscrições no casco da tartaruga lhe darão habilidade para planejar bem."¹⁴ Estas ainda são as ferramentas principais do moderno astrólogo e mestre de feng shui na China.

A natureza mágica do quadrado é revelada em sua propriedade especial de combinar número e forma.

	S			
	4	9	2	
O	3	5	7	E
	8	1	6	
	N			

Os números ímpares, masculinos e yang são distribuídos nos quatro pontos cardeais e no centro, enquanto os números pares, femininos e yin são colocados nos cantos do quadrado. O número de maior valor, 9, fica no alto; o de menor valor, o número 1, no fundo, como deve ser. Acredita-se que o 1 e o 9 são os mais auspiciosos porque o 1 é o início de todas as coisas e o 9 representa sua conclusão. O número no centro é o 5, o meio físico e matemático, e o mais poderoso. É traduzido por *um* em chinês, e não é coincidência que os ideogramas para o "meio-dia" e "ser" também sejam *wu*. Se você somar os números em qualquer linha reta, incluindo as diagonais, o total será 15.

Os quatro quartos simbolizam as quatro estações. Na verdade, os números na direção dos ponteiros do relógio mostram a proporção do yang e yin no ciclo anual, o yang estando mais baixo no inverno quando o yin está mais alto e vice-versa. Os quatro quartos também representam os elementos, com Terra no centro. E o quadrado também arruma os trigramas da Sequência Posterior do Céu com as direções e elementos.

De onde vem o quadrado mágico de Lo Shu? Ninguém sabe. Os números podem ter se desenvolvido das divisões da contagem nos dedos, com o dedo mínimo em sequência até o polegar representando os números ímpares e os espaços entre os dedos, os números pares. Certamente, ele não ficou confinado na China. Os pitagóricos o utilizaram para demonstrar que o número 5 significava mediação. Os alquimistas árabes também sentiram que ele revelava a natureza última do universo; Jabir ibn Hayyan até escreveu um tratado sobre o quadrado.¹⁵ Várias cidades e templos na Índia, no Egito e até na Irlanda são projetados de acordo com os seus princípios.

Casa Estelar

LI A RESPEITO DE RAYMOND LO NO DIA DA MINHA CHEGADA A HONG KONG EM UM artigo no *South China Daily Post*, onde era apresentado segurando uma bússola Lo Pan e agarrado a arranha-céus de metrópoles como Hong Kong. Tendo trabalhado para a Companhia Chinesa de Luz e Energia, cujo nome é bem apropriado, decidiu se tornar um praticante em horário integral de feng shui em 1º de julho de 1997, o dia em que Hong Kong voltou oficialmente a pertencer à China Continental. Ele não somente deu cursos em Miami, Melbourne, Singapura, Londres e na Universidade de Hong Kong, como também se tornou um erudito em língua inglesa na mídia mundial, participando de programas na CNN, no *Good Morning America* da ABC e no *Whicker's World* da BBC.

Vivia no continente, no distrito de Kowloon (literalmente, "nove dragões"). Peguei uma das famosas "barcas da estrela", na ilha principal de Hong Kong, e segui até o escritório de Raymond Lo na Star House oposta ao terminal. Ficava no oitavo andar, apenas um andar abaixo de uma companhia chamada Oracle Sourcing and Development (Fonte de Informação e Desenvolvimento do Oráculo). O nome Fung Shui and Destiny Consultam (Consultor de Feng Shui e do Destino) estava pendurado acima da porta de vidro. Ele gostava de ser conhecido como Fung Shui Lo, pronunciado como em cantonês — "fung shoy".

Seu escritório era pintado de cinza-claro e branco. Embora tivesse o mínimo em móveis, havia várias figuras de leões e tartarugas e também miniaturas de esfinges e pirâmides trazidas como lembranças do Egito. Sua escrivaninha estava posicionada lateralmente junto a uma janela comprida que dava para o Leste. As costas de sua cadeira ficavam contra a parede, que o protegia e lhe dava apoio. A entrada ficava a Sudoeste. A energia positiva vinha de ambas as direções.

Meu Consultor do Destino era um homem gorducho e baixo, vestido com uma camisa verde-escura e calças pretas. Os olhos, pequenos e sorridentes, e a boca oval enfeitavam o rosto redondo. Tinha acabado de voltar do Egito e estava sofrendo do *jet lag*, e o estômago ainda estava revirado.

— Tenho de tomar uma boa erva chinesa para curar isso! — brincou ele, sem levar o problema muito a sério.

Explicou que o escritório era pintado de cinza e branco porque precisava de mais elementos metal e água em sua vida.

Era o ano de 2001, e a véspera do Ano-novo chinês tinha sido em 25 de janeiro, quando a primeira Lua Nova do ano surgiu no céu. Ela marcava o início de um festival de duas semanas que durava da Lua Nova até a Cheia. As várias festividades incluíam a dança do dragão, a limpeza da casa (para afastar a má sorte), a decoração com flores, festas, desfiles de lanternas, bombinhas, "bolos da sorte" e "rolos vermelhos da boa sorte" pendurados nas paredes.

Entretanto, Lo insistiu que o 4 de fevereiro tinha sido o início da primavera e o verdadeiro primeiro dia do Ano da Serpente:

— As pessoas usam o calendário lunar, mas o calendário verdadeiro é o solar. Os fazendeiros utilizam este calendário Hsia que deveria ser usado para o almanaque e para os dias auspiciosos.

Ele estava, naturalmente, se referindo ao calendário desenvolvido durante a Dinastia Hsia, da época de 2205-1766 a.C.

— Estamos na boca do dragão — anunciou. — A cauda do dragão está no Noroeste. A energia do dragão da China passa por baixo das montanhas centrais para o Sudeste e pára no mar. As montanhas abrigam e protegem a energia na baía. Por isso Hong Kong é um lugar tão auspicioso.

— Existem outras fontes de energia que nos afetam? — perguntei.

— Existem três tipos de influência: a Terra, o céu e o homem. A maior parte da energia vem do céu, porém a energia da Terra influencia todo o ambiente. A energia do céu muda de tempos em tempos, mas no ambiente não ocorrem mudanças por milhões de anos.

— O que determina o caráter e destino de uma pessoa, então?

— Existem três aspectos. O primeiro é o destino, a qualidade inata da sua personalidade, que não muda. É fixado pela sua data de nascimento. Chamamos isto de Quatro Pilares do Destino.

— É a isso que chamam de horóscopo chinês?

— Sim, é. O segundo é a sorte. Após você nascer, a sorte influencia sua experiência e passagem pela vida. Não é ao acaso, mas determinada. Ela lhe fornece as oportunidades.

Eu sabia que *joss*, que significava sorte, é a palavra mais importante no vocabulário religioso chinês. Como não pode ser deixada ao acaso, os deuses devem ser agradados e os maus espíritos e os fantasmas famintos dispersados. Para atrair a sorte, as pessoas vão aos templos e queimam incenso, doam presentes e dizem preces para os deuses e imortais.

— O terceiro aspecto é o feng shui — prosseguiu Lo. — Ele mostra como um ambiente positivo pode afetar seu destino e sua sorte, e como você pode se reajustar.

— Podemos mudar nosso destino?

— Usamos a palavra melhorar e não mudar.

— Isso significa que nosso destino é predeterminado?

— Não exatamente. É como uma qualidade inata de um artista. No caso de um banqueiro, se trabalhar com afinco e tomar boas decisões, ele poderá minimizar as dificuldades e melhorar sua sorte.

— Então podemos afetar a direção da nossa vida?

— A sua situação nesta vida é como a de um peixe. Ele pode desfrutar da sua liberdade para nadar, porém a contracorrente vai para o mar.

— Então, mesmo que nademos contra a corrente, iremos para a mesma direção como um rio que corre para o mar?

— Sim. Um outro exemplo é como dirigir um carro. O seu destino é o carro; ele pode ser luxuoso ou velho e desconfortável. A sua sorte é a estrada na qual você está viajando; ela pode ser uma boa auto-estrada ou uma estrada de pedras. Mesmo que o carro seja excelente, se a estrada for ruim, sua viagem não será confortável!

Lo explicou que nós temos "pilares da sorte" derivados do pilar mês dos Quatro Pilares do Destino. Cada um representará um período de dez anos no qual você ficará sob a influência de dois elementos em cada pilar da sorte. Para ter muita sorte você precisará de um bom grupo de pilares do destino e também de boa sorte.

— E como o feng shui influencia tudo isso?

— O feng shui consiste das suas habilidades para dirigir e das peças que você precisará para o carro. — Ele riu com a resposta, apreciando sua analogia. Sua abordagem em termos gerais se aproximava da antiga visão taoísta de que uma pessoa sábia não se oporá ao fluxo da natureza, mas fluirá com ela.

Perguntei a Lo como ele lidava com alguém que vinha a ele com um problema.

— Eu tenho três métodos: a análise do destino utilizando os Quatro Pilares baseado na data do nascimento do meu cliente, o feng shui para melhorar a sua situação e o *I Ching* para ajudá-lo se precisar fazer uma escolha em particular.

Ele não considerou o sistema popular do "Círculo de Animais", que é geralmente usado no Ocidente como astrologia chinesa:

— São como os signos solares do zodíaco ocidental. São muito superficiais e tratam somente de um aspecto.

Ele insistiu que a verdadeira astrologia deveria ser baseada no calendário solar-lunar e não no lunar associado ao Círculo de Animais.

— É um conceito totalmente errôneo dizer que os chineses trabalham com o sistema lunar. Ele é muito artificial, pois os dias do ano somam 359, e para os outros dias que excedem você tem de criar ocasionalmente um 13º mês. Prefiro o calendário Hsia baseado no Sol e que é utilizado pelos fazendeiros. Hoje, 4 de fevereiro, é o verdadeiro Ano-novo. É o início da primavera, exatamente um mês e meio antes do equinócio da primavera.

— O que você acha do feng shui que está sendo praticado no Ocidente?

— Boa parte dele é falso. Um imperador na Dinastia T'ang produziu um livro falso de feng shui para o povo. É muito simples e noventa por cento falso. Foi chamado de *Morte dos bárbaros* para os estrangeiros tolos. Para ser um especialista você precisa aprender com um mestre, não em livros. A maioria deles é superficial e errado.

— Quando o feng shui começou na China?

— Ele é muito antigo. Os símbolos do feng shui de um dragão à direita e um tigre à esquerda foram encontrados em tumbas de ancestrais de aproximadamente seis mil anos. A filosofia do yin e yang e o *I Ching* surgiram por volta de 4500 a.C. As carapaças de tartarugas eram utilizadas como oráculos; sua forma talvez tenha originado a idéia dos trigramas. O Imperador Amarelo menciona uma bússola de feng shui em torno de 2000 a.C. O primeiro livro foi escrito por Ko Po em 250 d.C. Era um livro para enterros, sobre como escolher o lugar certo. A preocupação era originalmente com os mortos e apenas mais tarde passou também para os vivos. Não somente se preocupava com as direções físicas de uma habitação, mas também com a influência do tempo.

Eu tinha vindo a Hong Kong porque achava que as práticas, como a astrologia e o feng shui, eram consideradas crenças irracionais do passado na China Continental comunista. Eu estava certo.

— Elas não foram banidas da China Continental — disse Lo —, mas os antigos praticantes morreram. Somente os de Hong Kong e de Taiwan continuaram a praticá-las.

— Quando você olha o seu cliente, o que faz em seguida? — perguntei.

— Eu o aconselho a respeito do local da sua construção: onde as energias do céu e da Terra se encontram. É preciso descobrir um ponto propício. Sugiro a disposição da decoração no seu escritório — onde o chefe deve ficar, as salas de comércio e de conferências, a entrada. Aconselho também sobre o projeto interior: onde colocar os móveis, quais as cores, que tipo de plantas e de objetos devem ser usados e onde colocá-los. A idéia é melhorar o fluxo de energia e tornar o negócio próspero.

A prosperidade era claramente o objetivo principal do feng shui para os administradores de negócios. Lo tinha escrito um livro específico para eles. Perguntei-me a respeito dessa aceitação pouco exigente do capitalismo. O objetivo original do feng shui era atingir a harmonia com o ambiente e o bem-estar para os vivos e os mortos.

Ele explicou que existem duas escolas principais de feng shui. A escola da "forma" física trabalha somente com a visão, enquanto a escola da "bússola" trabalha com as direções e o tempo. Em ambas, os símbolos são os mesmos. Uma montanha, por exemplo, representa a harmonia humana, enquanto a água simboliza a prosperidade.

— Em Hong Kong, o dragão da montanha é fraco e o dragão da água é forte. Temos muito dinheiro, mas pouca harmonia familiar. Mas isso mudará.

Lo não foi cuidadoso ao fazer generalizações amplas a respeito dos ciclos da história e da direção do futuro. No ano 2000, por exemplo, os dois elementos, metal e terra, estavam em harmonia e havia um clima relativamente pacífico. Tudo dependia de os elementos se chocarem ou apoiarem um ao outro. Quanto ao ano de 2001, Lo declarou:

— Agora que entramos no ano da Serpente, cujo elemento é fogo, ela se chocará com o Javali, cujo elemento é água. Portanto, haverá mais desastres e mais acidentes no ar e no mar. Fogo, por outro lado, é propício para a atividade econômica, mas a nova economia é metal, que não anda muito bem porque fogo ataca o metal. Contudo, a energia mudará em 2005, que será o início de um novo ciclo de vinte anos.

Foi o suficiente para aquela vez. Lo estava visivelmente se encolhendo; seu chi estava baixo. A comida egípcia e o fato de cruzar o mundo em um pássaro de metal estavam cobrando seu tributo. Concordamos em nos encontrar mais tarde naquela mesma semana.

Lo me deu alguns livros para ler, antes de nos encontrarmos novamente: *Feng shui: os pilares do destino*, *Feng shui e destino para administradores* e *Feng shui e destino para as famílias*. O último ensinava como "escolher um parceiro compatível para a vida, proteger e melhorar a saúde da família, detectar e encorajar os talentos dos filhos e criar um lar harmonioso e feliz" — tudo que a maioria do seres humanos busca!

Ele afirmou que o nosso ser verdadeiro está refletido "nos elementos que constituem nosso corpo e nossa alma".¹ Confirmou que os Quatro Pilares é um sistema baseado nas cinco forças diretrizes básicas — os elementos — no universo e nos princípios do yin e do yang. Embora os elementos mudem com o tempo, eles interagem entre si para formar os dois ciclos que o meu vidente do templo tinha me mostrado primeiro: o Ciclo da Criação e o Ciclo da Destruição. O calendário chinês traz informações sobre os cinco elementos e indica qual vai prevalecer durante determinado tempo.

Após ter trabalhado os seus Pilares do Destino, você poderá então trabalhar seus "pilares da sorte" — os pares de elementos que afetam sua jornada pela vida para cada período de dez anos. Portanto, eles representam as mudanças cíclicas na sua vida.

Os diferentes pilares representam suas diferentes relações: o pilar hora, seus filhos; o pilar dia, seu ser (broto celeste) e marido/mulher (ramo terreno); o pilar mês, seu pai e sua mãe; e o seu pilar ano, seus avós. Os elementos de cada pilar indicarão como lidar

com eles de acordo com os Ciclos da Criação e da Destruição. Se o pilar dia for madeira (o ser) e o pilar mês for metal (pai), isto indica que o meu pai tentará me dominar (metal destrói madeira). Se o ramo terreno do pilar dia (marido/mulher) for água, então ele ou ela apoiará sua madeira.

Os Quatro Pilares podem ajudá-lo a encontrar o parceiro certo, verificando se os elementos são compatíveis entre vocês. A regra básica é encontrar alguns elementos exaustivos — se o ser é muito forte — e alguns elementos de apoio — se o ser for fraco. A época para encontrar um parceiro ou se casar pode ser indicada pelo pilar sorte dos ciclos de dez anos. Embora o signo animal tenha uma tradição firmemente enraizada na escolha chinesa do companheiro, Lo argumenta que a "astrologia do signo animal" é "tão ilógica quanto a astrologia dos jornais no Ocidente". Ela se refere ao ramo terreno do pilar ano, fornecendo portanto somente um oitavo da informação necessária a ser encontrada nos oito signos dos Quatro Pilares do Destino. Lo fala sem rodeios: "É contrário ao bom senso acreditar que toda a população humana possui somente 12 tipos de destino!"²

Os Três Períodos e as Nove Idades

Ao ler os livros de Lo, notei que ele definia o feng shui como "o poder de abstrair as energias que entram em contato com o ambiente físico próximo". Embora essas energias sejam governadas pelo yin e yang e pelos Ciclos da Criação e da Destruição dos cinco elementos, elas também mudam com o tempo e têm um padrão fixo e previsível conhecido como os "Três Períodos e as Nove Idades". Este padrão retirou seu nome da divisão do ciclo chinês tradicional de 180 anos em três períodos de sessenta anos, que são então divididos em três eras de vinte anos. Cada uma das nove eras recebe um número de 1 a 9, e traz o significado de um dos trigramas do *I Ching*.

Esse livro foi publicado na Era do Sete, que durou de 1984 a 2004. O trigrama para a Era representa o poder feminino, a boca, a tecnologia e o Oeste. Para Lo, isto explica por que várias líderes femininas se destacaram e por que foram desenvolvidos sistemas mundiais de comunicação como a Internet. Segundo Lo, o trigrama para a Era do Oito — o jovem filho, a mão e o Nordeste — significa que os jovens entrarão no poder, a maquinaria e os robôs serão desenvolvidos e a China crescerá em força.

O conceito dos Três Períodos e o uso do quadrado Lo Shu adicionam a dimensão do tempo na escola da "Estrela Voadora" do feng shui, à qual Lo pertence. No fim de cada

Era de vinte anos, o número da nova Era é colocado no centro do quadrado. Todos os números no quadrado então, conseqüentemente, mudam, como na brincadeira do jogo das cadeiras. O significado dos números, à medida que eles se movem no quadrado, muda com o tempo, pois o número da Era em questão será sempre o mais próspero. Como estamos na Era do Sete,* qualquer número abaixo de sete é desfavorável, e um quadrado representando uma sala numa construção com este número não deverá ser usado para algo importante.

Duas "estrelas voadoras" são distribuídas em cada quadrado, de acordo com um método estabelecido. Elas são representadas pelos nove primeiros dígitos e simbolizam os elementos expressos nos trigramas. As do lado esquerdo de cada quadrado são as calmas "estrelas da montanha", que representam a harmonia, e as do lado direito, as ativas "estrelas da água", que simbolizam a prosperidade. Como os números no quadrado Lo Shu, as estrelas voadoras mudam seguindo um padrão previsível. As salas devem ser arrumadas de acordo com o uso que terão: uma sala de estar será melhor com uma ativa estrela da água e um quarto de dormir com uma calma estrela da montanha. As estrelas voadoras trazem com elas os elementos que podem ser reforçados ou enfraquecidos por objetos e cores apropriados. Como a "estrela da água" 8 traz o elemento terra, ela pode, por exemplo, ser reforçada pelos tons amarelos. Já a "estrela voadora" 2 é terra e simboliza a doença, mas pode ser restringida com talismãs, como uma corrente com seis moedas de metal. Um sino de vento neutraliza a influência de uma estrela 5 nefasta.

A cozinha, o quarto de dormir principal e a sala de estar são considerados os ambientes mais importantes numa casa. O último toque do feng shui em uma casa é a disposição da mobília, objetos de decoração e plantas para ampliar a energia positiva e minimizar os efeitos negativos da má energia. O alto do canto esquerdo da sala de estar, por exemplo, é considerado o local da prosperidade e uma planta saudável e que ainda está crescendo colocada ali a fortalecerá muito. Uma mesa ficará melhor se colocada no canto diagonalmente oposto à entrada, contra a parede, formando um ângulo reto com um dos lados, com as costas da pessoa que a utiliza contra a parede. A melhor posição para uma cama é semelhante a da mesa, mas deve ser evitado dormir debaixo de uma viga. Mais uma vez, parte disso parece seguir o bom senso. Mas é fascinante vê-lo confirmado nos trabalhos de Lo, que se destinam a uma audiência moderna e urbana.

*À época em que o livro foi escrito, estávamos na Era do Sete, agora estamos na Era do Oito. (N. do E.)

Lo estava totalmente recuperado quando Elizabeth e eu fomos vê-lo alguns dias depois. A medicina fitoterápica chinesa tinha restaurado o equilíbrio no seu corpo depois do ataque egípcio de envenenamento alimentar. Desta vez ele usava uma camisa branca sem colarinho, um suéter preto e calças pretas. O verde cedera espaço para o preto.

Eu tinha lido em um de seus livros que os cinco elementos são expressos em cores: metal (branco, ouro, prata, cores brilhantes), madeira (verde, azul, marrom-escuro), água (preto, cinza), fogo (vermelho, púrpura, rosa), terra (amarelo, bege, marrom-claro). Assumi que quando o encontrei na primeira vez ele precisava de mais madeira e agora era a vez de água.

Eu disse a Lo que tinha descoberto que minha casa em North Wales estava baseada no quadrado mágico de Lo Shu e perguntei a ele a respeito da arrumação dos ambientes. Na época eu escrevia no canto Sudoeste e dormia no Sudeste. A entrada era no Sul.

Como um expoente da Escola da Estrela Voadora de feng shui, ele argumentou que o feng shui de uma casa muda com o tempo. Era portanto essencial considerar a idade da casa e sua localização no ciclo de 180 anos. No caso da construção da casa, ela fora levantada no início da década de 1960, durante a Era do Cinco. Após cálculos cuidadosos, ele concluiu que eu estava trabalhando no local errado e que seria melhor dormir ali. Eu deveria trabalhar no quadrado Noroeste, que tinha sido anteriormente a área onde eu fazia as refeições. A entrada, infelizmente, fixada para sempre no concreto no meio do quadrado Sul, deveria ser no Sudoeste. Ele avisou que a energia da Era do Sete estava diminuindo no fim do ciclo de vinte anos e que, quando entrássemos na Era do Oito, em 2005, a energia também mudaria e seria aconselhável mudar novamente o tipo de utilização dos cômodos.

Pedi então a Lo que trabalhasse o meu horóscopo segundo o seu sistema dos Quatro Pilares do Destino. Disse que tinha nascido por volta das quatro horas da tarde de 23 de agosto de 1946. Lo diminuiu uma hora para ajustá-la ao horário de Greenwich, ou Tempo Universal, mas não pareceu adicionar as oito horas como fazem alguns puristas para converter para o Horário Chinês da Costa. Obviamente, esse horário daria um horóscopo bem diferente.

Ele então fez uma tabela para a hora, dia, mês e ano (os quatro pilares), casando-os com os elementos apropriados. O resultado representou o meu destino, as qualidades com as quais nasci e que carregaria durante toda a minha vida. Os brotos celestes e os ramos terrenos estão apresentados a seguir:

Brotos Celestes			
<i>Hora</i>	<i>Dia</i>	<i>Mês</i>	<i>Ano</i>
Água	Terra (ser)	Fogo (pai)	Fogo

Ramos Terrenos			
<i>Hora</i>	<i>Dia</i>	<i>Mês</i>	<i>Ano</i>
Metal	Fogo	Metal	Terra
Filhos	Mulher	Pai/Mãe	Avós

Eu era, Lo explicou, principalmente "yin terra", que representa a amizade. Isso era bom para uma pessoa que apreciava os amigos.

— Você nasceu em agosto, quando é outono para os chineses — disse ele. — Como metal domina terra, sua energia é um pouco fraca, e portanto você precisa de fogo para sustentá-lo e reforçá-lo.

"Você possui três signos de fogo, mas no outono fogo não é forte. Precisa de mais terra e mais fogo, e madeira é bom para você. Isto representa os amigos, recursos e poder. Negativo para você são água e metal, que representam dinheiro e inteligência. Você tem um pouco de metal, porém pouca água..."

Que destino! Eu estava fadado a ser inteligente, mas pobre. E quanto à minha sorte durante minha jornada pela vida?

Como o meu vidente no templo Wong Tai Sin, Lo destacou um elemento para cada dez anos da minha vida, começando com a idade de cinco anos e prosseguindo até os 85. Olhando para trás, declarou que dos 25 aos 35 houve tensão entre terra e água, o que me levou a lutar pela vida. Dos 35 aos 45, metal e água estavam em oposição, eu tivera tido uma vida cheia de exigências e recursos limitados. Declarou que dos 45 aos 55 havia sido e continuava sendo um período de metal e de terra, durante o qual terra me dera algum apoio e as coisas tinham melhorado...

Eu não tinha certeza disso tudo. Os primeiros cinco anos do ciclo de dez anos tinham se mostrado como a época mais difícil da minha vida. Eu atravessara uma separação e divórcio e a perda de uma casa muito querida nas montanhas do País de Gales. E parecia que não haveria retorno. Lo declarou:

— A sua sorte vai melhorar e deverá permanecer até o fim da sua vida, com água apoiando madeira dos 55 aos 65 anos e madeira alimentando fogo. Aos 85, você também

terá madeira e fogo. Fogo representa os recursos, terra os amigos, madeira o poder, metal a inteligência e água o dinheiro.

— Algum conselho?

— Como uma pessoa de terra fraca, você precisa de um clima mais quente e cores quentes como o vermelho, rosa ou púrpura e nenhum preto ou branco para aumentar seu nível de energia.

— Cada um dos elementos — continuou Lo — tem seu significado. Fogo fornece apoio, força e recursos, e representa o conhecimento abstrato e a educação. Representa a casa, as roupas e sua mãe. Terra simboliza os amigos e as pessoas à sua volta. Madeira é o elemento do poder; conquista terra. Esta é sua posição, seu dever. Você não tem madeira, o que significa que não tem poder social; não nasceu para ser político. Metal é seu lado criativo e produtivo, sua inteligência e habilidade.

— O que revelam os meus signos em relação ao meu trabalho?

— Metal duplo em você significa que é erudito e conservador. Poderia ter uma profissão como arquiteto ou médico. Você mostra ter conhecimento.

Na verdade eu era um estudioso, porém na época feudal da China um estudioso confuciano seria parte do serviço civil e um apoio ao *status quo*, e eu estava longe de ser conservador na minha vida e nas minhas opiniões.

— E a minha saúde?

— O seu fogo é fraco. O seu estômago é fraco. Você precisa refazer sua energia e não esfriar.

Novamente, este não era o caso, pois minha tendência era a pressão alta, um sinal de excesso de fogo yang.

— Os seus filhos são metal e você é terra. Eles são muito agressivos e o exaurem. Não o ouvem como um professor.

Este certamente não era o caso.

Ele então se voltou para Elizabeth e traçou os seus Quatro Pilares do Destino, baseando-se na data e hora do seu nascimento — 20 de julho de 1950, às 21h. Anunciou:

— Você é uma senhora fina. Possui três elementos fogo; é fogo yang. É calorosa e direta, com a mente aberta. Mas tem somente um elemento madeira; precisa de mais madeira e água. Tem mais tino comercial do que Peter; o seu fogo pode apoiar Peter. Foi uma luta para você a partir dos 34 anos, mas a sorte está voltando. Se prestar atenção, será capaz de aumentar sua boa sorte. A partir dos 64 será melhor, com mais água, e a partir dos 74 anos você será totalmente água! No fim da sua vida, terá um problema ligado a terra. Precisarás de madeira e deverá usar verde.

Antes de sairmos, perguntei se a astrologia dos Quatro Pilares era muito popular em Hong Kong.

— É muito importante para os casais, pois os chineses geralmente não se divorciam como no Ocidente. Muitas pessoas verificam o nascimento do seu filho. Elas tentam e escolhem o momento certo. É muito importante, pois o destino do filho afeta o dos pais.

— Quem o procura mais?

— Tenho mais clientes mulheres do que homens, até para o feng shui.

— Você utiliza o *I Ching*?

— Sim, é uma ferramenta muito útil. Ele preenche os vazios. Os Quatro Pilares do Destino e o feng shui não podem responder a perguntas. O *I Ching* pode auxiliá-los nas suas escolhas, na tomada de uma decisão se duas coisas parecerem igualmente positivas.

Ciência ou Superstição?

Antes de ir embora, perguntei a Lo se a astrologia era uma ciência ou uma superstição. Ele foi inflexível em sua resposta: "É totalmente objetiva e científica, não intuitiva. Eu leio somente os signos."

Eu não tinha certeza. Não pode haver dúvida de que a astronomia e a astrologia da China possuem a mesma raiz na observação cuidadosa dos processos da natureza. Além disso, sua astrologia é baseada em uma metafísica persuasiva e em uma profunda compreensão da natureza humana. A visão de mundo dinâmica e orgânica que escora a astrologia chinesa, inspirada pelo taoísmo e personificada no *I Ching*, não somente coincide com as descobertas da física moderna como antecipa o melhor da teoria Gaia. Existe indubitavelmente, como reivindicam todos os astrólogos, uma íntima correspondência entre o céu e a Terra. E se nós somos influenciados pelo nosso ambiente terrestre, não é descabido acreditar que o ambiente celeste deve também exercer algum efeito sobre nós.

A astrologia chinesa não segue a causalidade mecânica de grande parte da ciência ocidental, mas reconhece uma variedade ativa de influências. Enquanto boa parte do pensamento científico no Ocidente se contenta em isolar, pesar, medir e classificar, a mente chinesa acredita que os eventos no céu e na Terra andam juntos. Eles vêem ingredientes incontáveis que interagem, sendo envolvidos em um evento num momento em particular. Nisto eles reconhecem algo parecido com a "sincronicidade" de Carl Jung, um princípio que não é casual e que assume a coincidência dos eventos no tempo e espaço com um significado maior que o puro acaso. Essas coincidências possuem uma "interdependência peculiar dos eventos objetivos entre eles mesmos e também com os estados subjetivos (psíquicos) do observador ou observadores".³ Minha própria experiência

sugere que aquilo que parece uma "coincidência" é muitas vezes bem significativa e possui um padrão subjacente.

A astrologia chinesa pode não ser uma ciência no sentido ocidental convencional, mas se você assumir a ciência em seu significado original como *sciencia*, conhecimento adquirido pelo estudo, então a astrologia sem dúvida oferece uma sabedoria a respeito da nossa condição e lugar dentro do universo. Na verdade, seus vários *insights* podem bem ser os remanescentes disfarçados de uma "ciência sagrada" perdida.

A astrologia chinesa, como a metafísica chinesa, assume que tudo no universo (simbolizado pelos cinco elementos e sua configuração expressa nos 64 hexagramas) segue na verdade certas tendências (a oscilação entre o yin e o yang e os Ciclos da Criação e da Destruição). Quando compreendemos estas regras, é possível ter uma compreensão melhor do nosso destino.

Entretanto, para os chineses o destino nunca é completamente intocável; se fosse, não haveria tanto interesse pela divinação e pelo jogo. A astrologia chinesa é baseada na visão taoísta de que é melhor seguir com o fluxo da natureza do que contra ele. Se seguirmos com o fluxo, seremos mais eficazes e atingiremos nosso objetivo. Se seguirmos à deriva, seremos levados para o mar, mas também poderemos remar contra a maré, se for necessário, e atingir o porto da nossa escolha. De qualquer maneira, saber a direção da corrente principal sempre ajuda bastante.

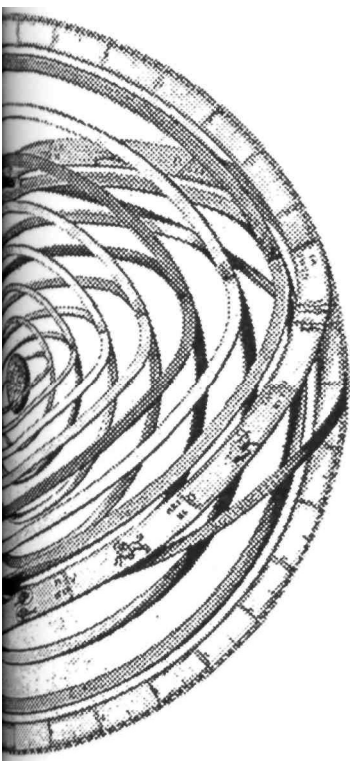
Como acontece na astrologia ocidental, quaisquer elementos "negativos" aparentes na leitura dos Quatro Pilares do Destino não são de fato negativos. Nenhum mapa é totalmente bom ou ruim, mas simplesmente um guia para o seu potencial. Se a sua vida é boa ou má, a responsabilidade é sua. No mínimo, essas indicações podem ser uma ajuda positiva. Ao ficarmos conscientes das dificuldades em potencial, será mais fácil lidar com elas para enfim superá-las. Na verdade, a conscientização das dificuldades em potencial poderá nos auxiliar fornecendo um ímpeto para fazer as escolhas e realizar as mudanças.

Para astrólogos como Raymond Lo, o objetivo final é melhorar nosso destino ao obter uma visão mais clara do nosso futuro, embora ele admita que a astrologia dos Quatro Pilares do Destino não seja de todo precisa. Ela é meramente uma entre as várias equações que podem lançar um pouco de luz sobre o destino humano. Existem outras variáveis que afetam nosso destino, como o "feng shui, a sorte da terra, o esforço individual e, naturalmente, o livre-arbítrio".⁴ Ao permitir que o esforço individual e o livre-arbítrio entrem no cenário, ele está naturalmente reconhecendo que os seres humanos são pelo menos em parte responsáveis por seus atos. Podemos ser produtos dos nossos ambientes terrestre e celeste, mas também podemos ser agentes ativos para moldar nosso futuro. Embora o método dos Quatro Pilares do Destino possa indicar nossas qualidades

e potencial inatos e predizer os altos e baixos nas diferentes fases da nossa vida, não pode prever os detalhes do que acontecerá. Aí está nossa liberdade.

Para os chineses tudo se encontra no estado de fluxo, tudo está em mudança. O horóscopo natal não é, portanto, um tipo de fotografia que fornece uma imagem estática do nosso caráter e destino. Nem mesmo oferece os elementos de um composto complexo, mas "as forças da ação e interação que estão indissoluvelmente ligadas a todas as energias do universo".⁵ Quando conseguimos compreendê-las, nossa vontade se torna capaz de utilizar estas forças e de fazê-las agir em nosso benefício. Na verdade, de acordo com a divinação chinesa, embora nossas circunstâncias familiares e traços de personalidade sejam determinados no nascimento, nosso destino não é fixo. "Você continua a moldar sua sorte pelos atos que realiza durante sua vida", escreveu Man-Ho Kwok, "e, portanto, a versão final da nossa vida permanece finalmente em nossas mãos."⁶

Nascemos em uma determinada situação, com determinadas qualidades e potencial — física, intelectual e emocional. O ambiente mais amplo, tanto terreno quanto celeste, influencia sem dúvida nossa formação e os estágios em nossa jornada de vida. Mas eu acredito que pelo fato de termos consciência e de sermos capazes de fazer escolhas conscientes podemos, em termos finais, moldar nosso futuro. As configurações das estrelas e os elementos podem nos inclinar em direção a determinado curso de ação, mas não nos arrasta para ele. Como escreveu o astrólogo e alquimista do século IV Ko Hung: "A duração da vida cabe a mim, não ao céu."⁷



SEGUNDA PARTE

O Senhor da Luz: Índia

A Sabedoria dos Céus

Os tolos obedecem aos planetas, enquanto os homens sábios os controlam.

B. V. RAMAN

EM UMA MANHÃ FRIA E ENEVOADA DE JANEIRO, POUCO ANTES DO AMANHECER, EU me juntei à multidão que descia correndo pelas ruas estreitas de Varanasi no Nordeste da Índia em direção às águas tranquilas do Ganges. As pessoas se acomodavam nos degraus das escadarias, que se estendem por quilômetros ao longo das margens do rio que corre embaixo dos palácios decadentes dos rajás. Como a noite estava para terminar, os devotos se voltavam para o Leste. Quando o Sol surgiu, eles se lavaram com as águas frias do rio sagrado para se purificarem dos seus pecados. Depois, os homens santos se sentaram para meditar enquanto os raios do Sol começavam a dissipar a névoa da manhã.

O Ganges é também o local da maior peregrinação conhecida no mundo. Vinte e dois milhões de devotos se comprimiram em 24 de janeiro de 2001 na confluência dos rios Yamuna e Ganges, próximo a Allahabad. Segundo os astrólogos hindus, seria a configuração planetária mais auspiciosa em 144 anos. O festival começou assim que o Sol entrou em Aquário para se unir a Júpiter. Incontáveis *sadhus* — homens sagrados que andam nus — vaguearam pela multidão e gurus pregaram em meio à cidade formada por tendas. No final do festival, conhecido como Kumbh Mela — *kumbh* significa um pote que se acredita conter o *amhrit*, o néctar da imortalidade —, a maioria dos peregrinos já tinha usado as águas sagradas do Ganges para retirar seus pecados, suas preces haviam sido atendidas e eles se preparavam para a próxima jornada após a morte. As peregrinações diárias e a anual ao Ganges demonstram a antiga correspondência entre o céu e a Terra, e a profunda espiritualidade no cerne da astrologia indiana.

Diferente do Ocidente, a astrologia indiana continua a desfrutar de alta consideração tanto da elite educada quanto do público em geral. O ex-primeiro-ministro da Índia, Nehru, escreveu à sua irmã referindo-se ao nascimento do seu primeiro neto em 1944: "Em minha carta a Hindu sugeri a ela que pedisse a você para conseguir um horóscopo feito por uma pessoa competente. Estes registros permanentes da data e hora do nascimento são desejáveis. Quanto à hora, suponho que a hora solar apropriada deve ser mencionada e não a hora artificial que tem sido usada agora. O horário da guerra está pelo menos uma hora à frente do horário normal."¹ A tradição continua: a última Primeira-ministra, Indira Gandhi, era famosa por confiar nos astrólogos.

Não só a astrologia é oficialmente aprovada pelo governo indiano, como existem reivindicações para que ela faça parte do currículo acadêmico. A Comissão da Universidade Grants convidou universidades indianas para estabelecerem departamentos de astrologia védica com grau de doutorado. A circular estabelecia: "Existe uma necessidade urgente de rejuvenescer a ciência da astrologia védica na Índia para permitir que este conhecimento científico atinja amplamente a sociedade e forneça oportunidades para que esta importante ciência seja exportada para o mundo."²

A astrologia na Índia é tradicionalmente utilizada para ajudar a atingir os quatro objetivos principais da vida: *dharma* (trabalho e mérito religioso), *artha* (adquirir riqueza), *kama* (prazer mundano) e *moksha* (libertação). Os pais consultam um astrólogo no nascimento dos filhos não tanto pelas questões materiais de riqueza, casamento e sucesso no mundo, mas para compreender seu destino a fim de que eles possam auxiliar os filhos a realizarem seu potencial. A astrologia também pode ser utilizada para promover a boa saúde, sendo parte integrante da tradicional medicina ayurvédica da Índia.

Onde quer que a astrologia se desenvolva, ela reflete inevitavelmente os valores sociais e culturais e as preocupações da sociedade na qual floresce. Em vários aspectos a Índia é um país conservador, e a astrologia indiana espelha a estrutura social e as preocupações da Índia tradicional. Isto fica particularmente evidente nos horóscopos das mulheres. A maioria dos astrólogos admite, bem como suas clientes do sexo feminino, que uma vida realizada consiste em encontrar um marido compatível, ter vários filhos do sexo masculino e viver uma vida de modéstia e serviço. Várias mulheres, apesar da tendência contrária, ainda esperam morrer antes do marido.

Quanto ao público em geral, 95 por cento dos casamentos indianos seguem as considerações astrológicas. As últimas páginas da maioria dos seus diários são dedicadas à astrologia. Os pais publicam nos anúncios classificados os horóscopos de suas filhas e filhos em idade de se casar. Os casais que pretendem se unir devem se certificar de que seus horóscopos são compatíveis e se casar em uma data auspiciosa. Cada aspecto da

vida familiar e do trabalho, desde o momento de construir uma casa até o de conceber filhos, possui uma dimensão astrológica. Um *website* oferece 15 mil nomes disponíveis para os filhos.³

Os indianos acreditam que existem 16 funções importantes em suas vidas (*shodasa karmas*), como receber educação, se casar, ter filhos, e os astrólogos usam seus mapas natais e também os trânsitos dos planetas para se certificarem de que estas funções sejam realizadas no momento mais propício. Os astrólogos védicos estão preparados para predizer a época da sua morte, auxiliando-o desta forma na preparação para a viagem ao próximo renascimento. Podem até sugerir de que mundo você veio na sua vida anterior e para qual mundo você estará rumando na próxima. Com uma população de mais de um bilhão de pessoas, os astrólogos indianos têm seu trabalho bem delimitado.

O conhecido astrólogo indiano B. Y Raman, na 9ª reimpressão da 26ª edição da sua *Astrology for Beginners*, editada pela primeira vez em 1998, admite que alguns impostores macularam o nome da astrologia, porém argumenta que ela deve ser colocada entre as ciências exatas. Na verdade, como a ciência que registra a influência dos planetas sobre os fenômenos terrestres, ele insiste que:

Ela lança uma luz sobre os recessos escuros do futuro nebuloso. Tenta prever a história futura do homem, o destino das nações, impérios, reinos, guerras, revolução e outros fenômenos terrestres. Ela nos fala destes assuntos não por meio de suposições ou gestos vagos, mas da base inexorável de cálculos matemáticos puros. Por meio da observação, da erudição e, o mais importante, da indução, o astrólogo realmente descobriu uma correspondência entre o movimento dos planetas e os eventos na vida de cada indivíduo.⁴

Raman baseia seu exemplo no determinismo universal (cada causa deve produzir um efeito), na circulação da energia no universo, nas ondas gravitacionais descritas na teoria da relatividade e no fato de o homem ser o microcosmo do macrocosmo do universo.

Embora Raman se destaque ao enfatizar a natureza científica da astrologia, todos os astrólogos indianos admitem que as energias que vêm do Sol, Lua, dos planetas e das estrelas (cada um com seu próprio campo magnético e gravitacional) afetam o estado físico, ambiental, mental e espiritual dos seres na Terra. Como cada um é um microcosmo do macrocosmo, cada indivíduo possui uma constituição planetária que o dota de uma personalidade e potencial únicos. A natureza exata dessa constituição depende do momento e local específicos do nascimento.

Jyotish

Apesar da longa associação dos ingleses com a Índia, somente nos últimos tempos as complexidades técnicas e o profundo envolvimento espiritual da astrologia indiana foram passados para o Ocidente. Na verdade, ela tem sido praticada na sua forma atual há pelo menos 1.500 anos e provavelmente esteve evoluindo por alguns milhares de anos antes. Embora suas raízes estejam na antiga civilização védica, a astrologia indiana assimilou vários aspectos dos gregos (que por sua vez foram influenciados pelos babilônios) após a conquista da Índia por Alexandre, o Grande.

Ela utiliza os mesmos signos do zodíaco do Ocidente, embora algumas constelações sejam vistas como padrões diferentes no céu. Novamente, embora empregue um sistema similar de Casas (cada Casa lida com uma área particular de vida), os campos de ação de algumas Casas não são os mesmos. As principais diferenças são que o horóscopo reflete mais precisamente a realidade dos céus e que a Lua desempenha um papel mais importante. Acima de tudo, o objetivo final não é tanto o sucesso exterior no mundo, mas a realização pessoal e a iluminação espiritual. Ela ensina como viver em harmonia com o Ser Único. Na verdade, tem sido argumentado que a astrologia indiana oferece uma das formas mais elevadas de empreendimento humano — o *sadhana*, "um caminho espiritual que pode transformar sua vida".⁵

Não é por acaso que Ganesha, o deus hindu com cabeça de elefante, é a deidade da astrologia. Ganesha é o deus da sabedoria e do sucesso que pode nos guiar no caminho para a iluminação. Muitas vezes eu o vi ser adorado nos templos hindus dedicados a Shiva, o deus da destruição e do renascimento.

A palavra indiana para astrologia é *Jyotish*. Ela veio do sânscrito, a antiga língua da Índia. Tem duas raízes: *jyoti*, que significa luz, e *Isha*, que significa Senhor ou Deus. Como tal, pode ser traduzida como "Senhor da Luz" ou "Sabedoria dos Céus".⁶ Significa também chama da vela, luz que bane a escuridão. Um renomado astrólogo costumava dizer: "Quando você vê a *jyoti* [luz], então se torna *jyotishi* [astrólogo]".⁷ Em hindi moderno, um astrólogo é chamado de *josis*.

Jyotish se refere originalmente à astronomia e também à astrologia. Na verdade, os dois assuntos, somente há pouco tempo separados, eram considerados inseparáveis. *Jyotish* é também parte intrínseca da experiência cultural e religiosa da Índia. Ela tem sua fonte escrita nos antigos textos sagrados conhecidos como *Vedas*, considerados em geral como a fonte principal do hinduísmo. Alguns chamam *Jyotish* simplesmente de astrologia védica ou hindu, mas como é também praticada por jainistas, siques, budistas e cristãos, prefiro chamá-la de astrologia indiana.

Carma e o Ser

A astrologia indiana não pode ser compreendida sem a apreensão da noção de carma. O carma admite que tudo no universo está interligado com o espaço e o tempo. Isto se aplica não somente ao céu e à Terra, mas também ao passado, presente e futuro. O carma ainda assume a crença na reencarnação, ou na transmigração da alma. No *Bhagavad Gita* (A canção do senhor) a idéia é expressa em uma imagem familiar: "Assim como o homem deixa uma veste antiga e coloca outra que é nova, o Espírito deixa seu corpo mortal e assume um outro, novo."⁸

O carma tem sido chamado de lei universal de causa e efeito, sendo bem similar à famosa Terceira Lei do Movimento de Newton: "Para cada ação existe uma reação igual e oposta." Em termos menos abstratos, carma implica em colhermos invariavelmente aquilo que plantamos. Todos os nossos atos possuem um efeito de retorno, como as ondulações formadas por um seixo lançado em um lago. As ações de nossas vidas passadas (carma) influenciam nossas ações presentes (dharma), o que por sua vez afeta nossas vidas futuras. A vida na Terra é vista como somente uma entre várias vidas, como um estágio em uma longa jornada da alma em direção à iluminação. O nosso planeta é chamado de *mrityisthana* ou "o local da morte", pois tudo que vive na Terra deve morrer. Em um sentido bem real, todos nascemos destinados a ir para o túmulo. Mas se nos tornarmos suficientemente iluminados, poderemos ser capazes de escapar do ciclo de nascimento e morte e de todo o sofrimento a ele vinculado.

Como a astrologia indiana se adapta a este esquema? Já que a vida na Terra é uma entre várias, todos nós trazemos para este mundo certa consciência moldada por nossas vidas anteriores. Ao delinear nosso caráter e potencial, ao revelar a natureza de nosso carma passado, a astrologia pode nos auxiliar a desenvolver medidas para contrabalançar as influências negativas e finalmente nos liberar dos apegos e reviravoltas do mundo. Em seu melhor aspecto, ela oferece uma viagem à descoberta de si próprio que vincula o desdobramento progressivo e a realização do próprio potencial.

Os astrólogos indianos reconhecem três formas principais de carma. A primeira, *sanchita* ("acumulado") *karma* — a soma total das ações passadas (tanto conscientes como inconscientes) que herdamos de vidas anteriores no nascimento. Não podemos mudar este carma, assim como não podemos mexer na cor dos nossos olhos. O segundo, *prarabdha karma*, é o tipo de carma que iremos nos deparar na Terra, gostemos ou não. Ele surge como a forma do destino pessoal e assume que é impossível mudar o tipo de experiência que iremos ter, como nascer cego ou incapaz de gerar filhos. As experiências

podem ser tanto positivas, quanto negativas. Os desastres ou acidentes naturais, assim como os sucessos inesperados, se encaixam nesta categoria.

Mas isso significa que estamos totalmente enredados nas garras do carma passado e nas circunstâncias atuais? Na interminável cadeia cármica de causas e efeitos não somos diferentes de uma bola de bilhar que é atingida por outros milhares de bolas? Não totalmente. Existe um carma fixo e um carma mutável, e nossa vida é uma interação dinâmica entre os dois. Nossa liberdade está na terceira forma de carma, conhecida como *kriyamana karma*, os efeitos criados pelas nossas ações atuais que se tornarão causas em nosso futuro. Este é o tipo de carma que nos possibilita escolher entre os diferentes cursos de ação que nos são apresentados e que respondem aos diferentes eventos em nossas vidas. É equivalente à noção ocidental do "livre-arbítrio". Existe também o *agama karma*, ações que imaginamos realizar, mesmo não as colocando em prática. Isto está presente em qualquer forma de planejamento. Para ser eficaz e bem-sucedido, faz sentido planejar nosso trabalho (*agama karma*) e realizar este plano (*kriyamana karma*).

Ao desenvolver nossa consciência, planejar o futuro e fazer as escolhas certas, melhoramos nosso *prarabdha karma* e construímos um *sanchita karma*. Desta maneira, é possível assumir nosso passado e nos lançar para o futuro. Quanto mais compreendermos a nós mesmos e ao carma que herdamos, mais fácil será realizar nosso potencial e transformar nossas vidas.

A *Jyotish* não é fundamentalmente fatalista. Até B. V. Raman, que afirma que tudo no universo, incluindo a humanidade, está sujeito às leis matemáticas, não admite que sejamos meras vítimas passivas destas leis: "Os tolos obedecem aos planetas", declarou, "enquanto os homens sábios os controlam." Outro astrólogo contemporâneo observou que "não é o homem sendo controlado pelas estrelas, mas o homem usando as estrelas para melhorar sua vida".⁹

Além desta noção de carma e da orientação espiritual geral, a astrologia indiana difere da ocidental em dois detalhes importantes. Enquanto a astrologia ocidental destaca o nosso signo solar (a localização do Sol em determinado signo do zodíaco no momento do nascimento), os astrólogos indianos, como os chineses, dão atenção especial também ao ciclo da Lua. O calendário religioso indiano sempre foi solar-lunar. Os rituais são realizados em determinado dia do mês lunar, particularmente após a Lua Nova ou Cheia. Os antigos astrólogos fizeram um estudo cuidadoso do ritmo da Lua, e logo descobriram que ela leva quase 19 anos solares para completar seu ciclo inteiro, caminhando de Sul para Norte e voltando novamente, com paradas maiores e menores pelo caminho.

É um conceito errôneo comum pensar que a *Jyotish* é uma astrologia puramente lunar. Foi o movimento do Sol que inspirou os primeiros astrólogos indianos a usar as 12

constelações (signos) do zodíaco e as 12 Casas e as unidades de tempo do dia. Ao mesmo tempo, foi o movimento mensal da Lua ao longo do seu caminho pelas constelações nos céus que inspirou o uso das 27 ou 28 "mansões lunares" conhecidas como *nakshatras*.

A astrologia indiana trata os nodos norte e sul da Lua (no Ocidente são algumas vezes chamados de Cabeça de Dragão e Cauda do Dragão) como se fossem "planetas sombrios".¹⁰ Chamados respectivamente de Rahu e Ketu, são considerados tão importantes quanto os planetas visíveis. Nenhum dos dois é benéfico: Rahu é considerado maléfico e feminino, e está associado à corrupção e à renúncia, enquanto Ketu é maléfico e hermafrodita, associado ao egoísmo e às forças escuras. Na verdade, eles não têm existência física alguma. Rahu é a interseção norte e Ketu a interseção sul da órbita da Lua no plano orbital Terra-Sol da eclíptica. Contudo, os eclipses solar e lunar ocorrem graças a um alinhamento do nodo com a Terra-Sol-Lua no plano da eclíptica.

Outra característica distinta é que a astrologia indiana utiliza tradicionalmente somente o Sol (uma estrela), a Lua (o satélite da Terra) e cinco planetas (chamados em sânscrito de *grahas*) que são visíveis a olho nu: Mercúrio, Marte, Vênus, Júpiter e Saturno. Ignora os planetas que foram descobertos a partir do século XVIII com o uso do telescópio: Urano, Netuno e Plutão. Eles são considerados por muitos como não exercendo qualquer efeito sobre os afazeres humanos."

O termo da *Jyotish* para planeta é *graha*, que é utilizado no sentido de um corpo celeste (ou ponto no caso dos nodos) que tem a propriedade de atração. Em sânscrito, *graha* significa, literalmente, "aquele que se apodera"; seu efeito é nos prender em seu poder. Acredita-se que os planetas correspondem a todos os aspectos da vida na Terra, e suas energias afetam sutilmente nossas percepções. Na verdade, cada um representa um dos "sete níveis da consciência que revestem a alma".¹² Quando benéficos, encorajam uma consciência mais elevada; quando maléficos, reprimem o fluxo da energia. Estudar a influência dos planetas é, portanto, tornar-se consciente do seu potencial, das suas forças e das suas fraquezas como foram herdadas em seu nascimento.

Os astrólogos recomendam uma variedade de tratamentos (conhecidos em sânscrito como *upayas*) para corrigir o impacto negativo dos planetas e também o carma passado. Alguns templos são dedicados aos planetas e a adoração deles auxilia o devoto. Dietas, jejuns e atos específicos de caridade podem ser eficazes. O uso de pedras preciosas é comum, como o diamante para corrigir uma influência excessiva de Vênus. Repetir mantras é muitas vezes recomendado; cada planeta possui um *bija mantra* (som semente) que, quando repetido, pode criar a energia de um planeta na consciência. Os próprios astrólogos muitas vezes adoram um *istha devata*, uma deidade pessoal que representa o Absoluto para reduzir os efeitos venenosos de determinadas combinações em seu trabalho.

Os efeitos perturbadores de certos planetas podem causar um desequilíbrio das energias no corpo, o que, por sua vez, resulta em uma saúde precária. Segundo o Ayurveda, existem sete tecidos do corpo que podem ser influenciados pelos planetas: o Sol influencia a consciência e os olhos; a Lua, a mente; Mercúrio, o intelecto; e Júpiter supervisiona o conhecimento. Marte influencia o sangue e o fígado; Saturno, os sistemas neuro-musculares. Vênus governa o sistema reprodutor. Os médicos ayurvédicos, como os astrólogos, recomendam tratamentos como jejum, meditação, rituais e mantras e também o uso de determinadas rochas, pedras preciosas, cristais e metais para restaurar a harmonia natural da boa saúde. Ao reconhecer a importância da astrologia para a medicina, um especialista ayurvédico chamou a *Jyotish* de "uma maravilhosa ciência da cura" que compreende o ser humano por completo.¹³

Os Ramos da Astrologia Indiana

Atualmente, o elemento principal da forma mais popular de astrologia na Índia é o mapa natal, conhecido como *jataka*, que considera o momento e o local do nascimento, quando se acredita que a alma penetra no novo corpo e o ego individual é formado. Como tal, ele oferece um mapa dos céus no momento do nascimento, que se acredita revelar o carma fixo herdado de vidas anteriores e o lote de qualidades e possibilidades para esta vida. Ao compreender nossa formação com a ajuda de um astrólogo, o mapa natal pode nos auxiliar encontrar nossa direção na vida e a realizar nosso potencial.

Dentro da corrente principal da astrologia indiana existem outros quatro ramos fundamentais. *Prashna* (astrologia horária) explora a relação entre os planetas em determinado momento que o cliente formula uma determinada pergunta. Existe pouca coisa escrita a respeito deste tipo de astrologia, e os astrólogos com frequência consideram muitas variáveis antes de dar uma resposta, como a maneira que a pergunta é feita, quais as partes do corpo que o questionador toca e qual a direção da bússola que ele está ao fazer a pergunta. Até as palavras pronunciadas, a primeira letra do nome ou o valor numérico do nome completo do cliente são levados em consideração. Estes fatores são algumas vezes utilizados para reconstruir o horóscopo de uma pessoa que não sabe o momento ou a data do seu nascimento, uma situação ainda comum em várias partes rurais da Índia.

Muhurta (momento "certo") é uma forma de astrologia eletiva que maximiza os efeitos dos tratamentos (*upayas*) e calcula o momento astronômico certo para os rituais religiosos e sociais a serem realizados. Este foi provavelmente o primeiro tipo de *jyotish* a ser desenvolvido pelos antigos e a razão de ser chamado de "olho" pelos Vedas.¹⁴ Até o

momento da independência do atual Estado da Índia, em 1947, foi decidido após uma consulta a astrólogos *muhurta*. A *muhurta* ainda desempenha um papel importante no cálculo do melhor momento para as principais funções e celebrações da vida. *Vihaha* ("casamento") é uma das formas mais populares de astrologia indiana, especialmente para arranjar os casamentos, o que ainda é comum. A *vihaha* contém aspectos da *jataka* e da *muhurta*: são decididos não somente se os mapas natais dos possíveis noivos, após serem comparados e verificados, são compatíveis, como também o momento mais auspicioso para o casamento.

Menos em voga hoje, a astrologia *varshaphala* (previsão) busca antecipar os eventos futuros. *Yatra* ("campanha") preocupa-se com o destino militar das nações e foi amplamente praticada quando a Índia era governada por dinastias e reinos rivais.

A indiana *Jyotish* com frequência complementa todas essas abordagens com quiromancia, numerologia e outras formas de divinação como a ciência dos presságios (*nimitta*). Lembro-me bem de quando visitei o "astrólogo da família" de um amigo no Sri Lanka e o velho sábio leu a palma das minhas mãos e também meu mapa natal para chegar às suas conclusões a respeito do meu passado e do meu futuro. Eu tinha trinta e poucos anos na época, e era cético. Ao revê-las, confirmei que ele tinha sido extraordinariamente preciso, prevendo que aos quarenta e poucos anos eu chegaria ao sucesso "literário", romperia o relacionamento com minha esposa e encontraria o segundo grande amor da minha vida. Espero confirmar sua previsão de que viverei até os 84 anos!

Cada ramo da astrologia possui outras subdivisões. A *jataka* (astrologia natal), por exemplo, possui 16 *sodas vargas* ou mapas divisionais (cada um representando uma área de vida, como destino, educação e casamento), que são usados para traçar um perfil da personalidade. Existem também regras definidas para determinação das forças e fraquezas relativas das diferentes posições planetárias e suas relações entre si (conhecidas como *yogas*).

As duas *sodas vargas* mais comumente utilizadas são o mapa do signo (*rasicakra*) e o mapa da casa (*bhavacakra*), empregadas para delinear a personalidade em termos gerais de um indivíduo ao nascer. Enquanto alguns mapas são mais voltados para assuntos mais mundanos como a habilidade de adquirir riqueza, encontrar um bom parceiro ou ter filhos, o mapa *vimsamacakra* trata do potencial espiritual. Este é considerado o mais importante de todos, e é essencial para alguém que deseja escapar do ciclo de nascimento e morte e atingir a iluminação e liberação (*moksha*).

Outro ramo importante da astrologia indiana é a *Jyotish* tântrica. Sua origem exata é desconhecida, mas o tantra neste contexto implica uma abordagem mística e intuitiva da *Jyotish*. *Tantra*, que significa "tecendo", envolve a transformação dos desejos físicos e não da sua repressão na busca da iluminação espiritual. Os tântricos reconhecem a cor-

respondência íntima entre o corpo e o universo: "Assim como é no corpo, é no universo" (*Yatha pinde tatha Brahmande*, literalmente: "Assim como é no fragmento, é no ovo de Brahma").¹⁵ As contrapartes dos planetas, signos e casas astrológicas são encontradas no corpo humano: o poder divino do universo é encontrado dentro de tudo. Os astrólogos tântricos utilizam técnicas como leitura de presságios, respiração especial, clarividência e até viagem astral para receber informação e inspiração dos seres etéreos. Os tântricos parecem ter sido os principais responsáveis por fazer que os nodos invisíveis Sul e Norte da Lua ao cruzarem a eclíptica — Rahu e Ketu — tivessem o mesmo peso dos planetas visíveis em um horóscopo.

O culto tântrico dos planetas recebeu sua expressão suprema no Templo do Sol de Konarak, em Orissa. Construído para o Rei Narasimhadeva (1238-1264), o colossal templo foi edificado no formato de uma carruagem e dedicado ao deus sol Surya. Agora em ruínas, a carruagem tinha 12 rodas enormes esculpidas em torno da sua base e era puxada por sete cavalos gigantes. Todos os luminares: Sol, Lua, os cinco planetas e os "planetas invisíveis" — Rahu e Ketu — estão representados, num total de nove figuras ao todo, simbolizando as oito direções (o cardinal e os pontos intermediários da bússola) e o centro. Os tântricos realizam um sexo ritualizado para espelhar a união dos aspectos masculino e feminino do universo, Shiva e Shakti, e, condizente com seu padrão tântrico, o Templo do Sol em Orissa é decorado com cenas alegres e delicadas do ato de amor.

Embora existam textos antigos e modernos sobre astrologia, os astrólogos indianos argumentam que é impossível aprender os meandros do assunto simplesmente por meio da leitura. Todos os textos insistem na necessidade de orientação e bênção de um guru que consegue interpretar seu significado. Desta maneira, a sabedoria acumulada da tradição é passada oralmente de mestre para discípulo. Um *Jyotishi* tem uma grande responsabilidade, e deve ser, além de devotado, habilidoso. Ele ou ela não deve se preocupar com o ganho escasso, mas com "o propósito da adoração dos Deuses, os votos religiosos e o jejum".¹⁶ Assim como acontece com a alquimia, o significado interior da astrologia indiana é cuidadosamente guardado em segredo. Ninguém pode, portanto, esperar compreendê-lo sem a orientação de um guru.

12

Olhos que Vêem Longe

Um rei sem astrólogo é como um menino sem pai.

ATHARVA VEDA

EM JAIPUR EXISTE UM NOTÁVEL OBSERVATÓRIO CUJOS INSTRUMENTOS SÃO DE PEDRA. O Samrat Yantra, que age como um relógio de sol gigante, possui um gnômon de aproximadamente trinta metros de altura. O belo

Yantra Raj é um instrumento antigo utilizado para determinar a altitude e a posição dos corpos celestes. Representa cada aspecto da eclíptica e é ideal para a leitura do Ascendente (*Lagna*), a parte da eclíptica que está surgindo no Leste. Pode ser corrigido subtraindo-se o número requerido de graus para encontrar o primeiro grau de Áries (*Aswini*).

O observatório foi construído pelo Marajá Sawai Jai Singh II (1688-1743), em Jaipur. Outros menores foram erigidos em Délhi, Ujjain (o Greenwich da Índia), Benares e Mathura. Modelos das construções astronômicas de Ujjain podem ser vistos no Museu da Ciência em Londres.

Tendo encontrado erros nas tabelas do astrônomo português De La Hire, e sentindo-se insatisfeito com os instrumentos de Ulugh Beg, do astrônomo de Samarkand e com aqueles que eram utilizados pelos astrônomos turcos, o Marajá Sawai Jai Singh II decidiu desenvolver as suas. Em 1723, ele publicou as tabelas *Zeech Mohammed shahi* (Movimentos dos corpos celestes).

Sawai Jai Singh foi um homem excepcional. Não só construiu observatórios, como hospedarias para os viajantes em vários pontos dos seus domínios. Teve uma vida de luxo e um grande amor pela música e pelas mulheres, com 31 esposas e numerosas concubinas. Um indiano inflexível, favoreceu particularmente aos jainistas que praticava

a forma mais extrema de *ahimsa* (não-violência), recusando-se a matar até uma mosca.

Achei muito esclarecedor que o autor do guia oficial do observatório de Jaipur, B. L. Dhama, ex-superintendente do Levantamento Arqueológico da Índia, declarasse abertamente sua fé na astrologia: "A vida de todas as criaturas, vegetais ou seres vivos que nasceram na face da Terra através dos corpos celestes é composta dos cinco Tatvas ou elementos, a saber: (1) fogo, (2) ar, (3) água, (4) terra e (5) céu, e seus atos, auspiciosos ou nefastos, são governados por eles, que são determinados na medida correta do tempo do movimento dos corpos celestes através dos 12 signos do zodíaco."¹

Ele fornece também o horóscopo de Sawai Jai Singh II. Seu gosto pelo luxo e apreço pelas mulheres, bem como o seu interesse pelos trabalhos astronômicos, é explicado por ter o signo de Aquário na Casa 5. Seu amor pelas mulheres é também indicado por Escorpião na Casa 2. O fato de ter nascido em Tula, ou Libra, Rashi lhe justifica as seguintes características: "Natureza generosa, facilmente influenciado pelas mulheres, inclinado a extravagâncias, perspicaz em assuntos de negócios, mutável e irrequieto, gentil e amigável, natureza severa (*sic*), apreciador de viagens, virtuoso, respeitado pelos colegas, sensível e entusiástico, alegre, inteligente, amor à boa vida, influenciado pela bajulação das mulheres, tendências religiosas sinceras e favorecido pelas pessoas de classes superiores."² A estrutura da personalidade, com contradições ocasionais, mostra uma qualidade vivida das leituras astrológicas indianas.

As descobertas de Copérnico e de Galileu ainda não tinham chegado a Sawai Jai Singh, pois ele acreditava que a Terra estava no centro de uma enorme esfera oca, na superfície interna da qual estavam situadas as estrelas. A esfera celeste inteira girava sobre o seu eixo, que passava pelos pólos uma vez ao dia. Isto justificava o movimento diário das estrelas nascendo no Leste e se pondo no Oeste.

A própria Terra era vista como uma esfera, fixada de maneira imóvel no centro do universo. Os astros (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, o Sol e a Lua) percorriam suas órbitas em torno da Terra. As estrelas fixas estavam contidas em uma oitava órbita ou esfera, e além dela estava a nona e última órbita, que era de dimensão infinita. O céu inteiro, incluindo todas as órbitas, girava diariamente em torno da Terra de Leste para Oeste, causando o nascer e o pôr das estrelas. Esta ainda é a visão de mundo mantida pelos astrólogos praticantes na Índia.

As Raízes da Astrologia Indiana

O Observatório de Jaipur representou o zênite da astrologia indiana, mas de onde ele veio? A astrologia indiana é tão antiga quanto a própria civilização indiana. Suas raízes são obscuras, mas elas sem dúvida se desenvolveram de modo independente da China e do Oriente Médio. Diz-se que os dados do texto astrológico e astronômico mais famosos, o *Surya Siddhanta*, datam de mais de dois milhões de anos (precisamente 2.163.102 a.C), embora a idéia principal atual é de que o texto seja em sua maior parte do século VI da nossa era.³ Novamente, argumenta-se que o texto astrológico conhecido como *Paitamahāsiddhanta* remonta a 3000 a.C. porém pesquisas recentes têm sugerido que talvez seja de uma data bem posterior.⁴

Certamente a astrologia indiana lida com vastos períodos de tempo. A era atual da história, a Kali Yuga (Era do Ferro) teve início em 18 de fevereiro de 3.102 a.C. em Ujjain, na Índia Central. Ela durará 432 mil anos. A Era do Bronze, que a precedeu, durou duas vezes mais; e a Era da Prata, anterior a esta, foi três vezes mais longa; e a Era Dourada, onde os seres humanos viviam 400 anos, foi quatro vezes mais longa. A era atual da Kali Yuga corresponde somente a um décimo da *mahayuga*, e mil *mahayugas* formam um *kalpa*, no fim do qual o mundo é destruído pelo fogo e depois recriado.⁵ Ainda nos resta algum tempo.

As primeiras fontes escritas da astrologia indiana estão contidas em uma série de hinos conhecidos como *Os Vedas*. São os textos indianos mais antigos, sendo amplamente aceito que tenham sido escritos há cerca de três mil anos e indubitavelmente transmitidos pela tradição oral em tempos bem anteriores. Escritos em sânscrito, diz-se que contêm o conhecimento sagrado revelado por antigos sábios e videntes chamados *Rishis*. Diz-se que eram adeptos e clarividentes a tal ponto que eram capazes de traçar horóscopos de indivíduos que ainda não tinham nascido! Ainda é muito aceito que os *Rishis*, com sua consciência superior, sabiam as respostas de todos os problemas da vida, que a ciência moderna, com o seu conhecimento limitado, ainda tenta em vão resolver.⁶

Os deuses, alarmados com o poder dos *Rishis*, enviaram um grande fogo para destruir seus mapas natais, porém alguns sobreviveram e foram passados para os *Nadis* (que significa "destinado" em tâmil), uma escola de astrólogos que ainda guarda seus segredos e que nomeia seus membros com nomes de deuses, sábios e planetas. Escrita em folhas de palmeira, a astrologia *Nadi* é praticada principalmente no Sul da Índia. Essas folhas são guardadas por determinadas famílias que as interpretam através da impressão do polegar ou pela leitura da palma da mão e do mapa natal.

Os Vedas não somente descrevem os poderes dos corpos celestes, como também dão grande ênfase a determinados momentos para a realização de determinados rituais —

parte essencial de toda a astrologia subsequente. Eles revelam um profundo assombro e reverência pelas forças da natureza. Suas deidades mais importantes estão ligadas de alguma maneira aos céus ou à Terra. Todos os planetas são representados como deuses ou semideuses, e possuem seus mitos próprios, nos quais são representados com a forma humana e com todas as suas forças e fraquezas. *Os Vedas* são personificados como um ser humano e a arte do *Jyotish* é considerada como sendo os seus olhos de visão de longo alcance. O início da astrologia indiana foi também conhecido como *jyotshi vedanga*, um dos "membros dos Vedas".

Não somente os deuses são considerados como estrelas, mas também os Sete Sábios (*Rishis*), os fundadores míticos da astrologia, eram as Sete Estrelas da Ursa Maior (Grande Mergulhador), que se destacavam no céu noturno do hemisfério norte.⁷ A brilhante estrela Canopo era também identificada como o sábio Agastya, a quem se credita a propagação dos ensinamentos védicos para o Sul da Índia, onde eles cresceram. Por outro lado, eles achavam que algumas estrelas pareciam humanas. Qualquer mudança na aparência das estrelas era encarada como presságio, antecipando o tempo atmosférico ou epidemias.

O conhecimento sagrado da astrologia era um segredo guardado com muito cuidado e passado oralmente de mestre para discípulo. O Maharishi ("Grande Rishi") Parashara, um dos fundadores da *Jyotish*, declara no fim de um dos seus trabalhos: "O conhecimento que lhes passo é a mesma ciência da *Jyotish* que o Senhor Brahma [o Criador] passou a Narada [o Mensageiro Divino], e que Narada passou a Shaunaka e outros sábios, dos quais eu recebi. Eu o narrei a vocês como o aprendi deles."⁸

O astrólogo do século IV Minaraja também iniciou seu poema clássico em sânscrito sobre a astrologia natal com as seguintes palavras:

Glorifico-o, Shiva, Criador dos Mundos, imperecível através dos tempos da Origem, Permanência e Destruição: perpetuamente presente em todas as coisas, Sol sem manchas que contém os três Vedas.

Esse ensinamento da astrologia em dez mil versos que os sábios da Antigüidade ditaram a Maya, Minaraja estudou com afincio e pela sua própria inteligência o resumiu em somente oito mil versos.

Esse destino, realizado pelo poder das ações em vidas passadas [carma], que está escrito na testa de cada um pelo Criador, a astrologia revela, como uma lâmpada na escuridão revela a forma das coisas.⁹

Em sua forma atual, o tratado contém 97 capítulos com mais de dois mil versos sobre astrologia natal. Os estudiosos acreditam que ele data provavelmente do século IV d.C,

mas não têm certeza de que tenha sido escrito antes ou depois de o astrólogo da corte Varahamihira ter trabalhado para o celebrado Imperador Chandragupta II. Como acontece com todos os textos principais da *Jyotish*, está escrito em sânscrito.

Várias lendas explicam a criação dos céus estrelados. O *Bhagavata Purana*, por exemplo, diz como o virtuoso Príncipe Dhruva foi escolhido pelos deuses para ser a Estrela Polar. Sua virtude particular foi ter permanecido imóvel sobre uma pena por mais de um mês. Foi, então, dito: "As estrelas, e seus representantes, e também os planetas devem girar à sua volta." Ele ascendeu ao pólo mais elevado, "ao exaltado assento de Vishnu, em torno do qual as esferas estreladas vagueiam para sempre, como o eixo vertical do moinho de milho circundado sem fim pelos bois trabalhadores".¹⁰ Os recém-casados ainda são encorajados até hoje a observar juntos a Estrela Polar para serem inspirados a permanecerem constantes como o Príncipe Dhruva.

Os *Vedas* mencionam um "fogo" para descrever o grande círculo que se estende do Pólo Norte na esfera celeste ao Pólo Sul. No *Rig Veda* (Veda dos hinos), que é primordialmente ligado ao conhecimento metafísico, está escrito de maneira enigmática: "Agni! Como o aro de madeira, os seus raios rodeiam os deuses."¹¹ Agni é o deus do "fogo", os deuses são as estrelas, enquanto o aro é o aro da roda no qual os raios estão presos. Agni possui três mães, que correspondem aos três locais de nascimento: no céu, na Terra e nas águas. O filho de Agni, Skanda, é o planeta Marte, nascido de Krittika, as Plêiades. Além disso, Agni oferece o que muitos buscam obter da astrologia: "Que possa obter através de Agni riqueza e bem-estar dia após dia, o que trará a glória e grande bem-aventurança da valiosa prole."¹²

Os *Vedas* declaram que o deus sol Surya, é o "deus entre os deuses, a mais elevada luz":

Tu te elevas entre as hostes de deuses
Em direção à raça dos homens: em direção a todos,
Para que eles possam ver a luz celestial.¹³

Os antigos astrólogos observavam a glória dos céus sem a poluição luminosa das cidades modernas. Sentiam-se unidos ao universo durante o dia e a noite. Na verdade, a noite não era um período a ser temido, porém reverenciado. A Noite (*Ratri*) não era um personagem da escuridão, mas uma deusa brilhante coberta com as glórias das estrelas e planetas: "A deusa Noite se aproximou, observando os vários lados com os seus olhos. Ela vestiu todas as suas glórias. A deusa imortal preencheu o vasto espaço, as profundezas e as alturas. Ela refreou a escuridão com sua luz."¹⁴

O *Atharva Veda* (Veda dos encantamentos), que é particularmente ligado à medicina e à ciência, afirma que os bastões de fogo pertencem a *skambha*. A palavra em

sânscrito significa "apoio" ou "pilar", e se refere ao eixo do mundo, à estrutura do universo. Um hino no *Atharva Veda* é dedicado a *skambha*: "Em quem a Terra, a atmosfera, em quem o céu estão firmados, onde o fogo, a Lua, o Sol, o vento permanecem fixados, esse Skambha diz..."¹⁵

Uma das principais tarefas da *Jyotish* era calcular os momentos certos para os rituais e sacrifícios. Um suplemento posterior ao *Atharva Veda* declara: "Um rei sem astrólogo é como um menino sem pai."¹⁶ Era essencial descobrir tão precisamente quanto fosse possível as datas dos equinócios e solstícios para os sacrifícios védicos. Os meses védicos eram meses sinódicos, contados de uma Lua Cheia até a seguinte.

A observação dos sacrifícios sazonais levou os astrólogos a notar determinadas mudanças causadas pela precessão dos equinócios. O solstício de inverno ocorria quando a Lua estava Cheia na constelação de Maghâs, da qual, em torno de 2344 a.C. a principal estrela era Regulus. O asterismo deu seu nome ao mês de Magha, que a princípio significava fugir da Lua Cheia em conjunção com Regulus. Contudo, graças à precessão dos equinócios, tornou-se necessário contá-lo da Lua Nova precedente para manter o mês próximo do seu asterismo.

Parece também que na época védica os indianos podiam calcular o retorno periódico dos eclipses em partes diferentes do zodíaco. O moderno estudioso R. Shama Sastry, por exemplo, fez uma interpretação do mito de Rohita e dos hinos Sunhahsepa. Aditi (Unidade), a mãe dos deuses, representa o ciclo do eclipse 58, enquanto Rohita torna-se um eclipse de cor avermelhada acontecendo em mil dias. A maldição de Visvamitra de cinquenta de seus 101 filhos, codifica o fato de cinquenta dos 101 eclipses num ciclo de vinte anos serem invisíveis a partir de qualquer lugar determinado.¹⁷

Desde cedo os astrólogos indianos dividiram o círculo do zodíaco em 27 ou 28 asterismos conhecidos como *nakshatras* (mansões lunares), por meio das quais eles mediam a passagem mensal da Lua. A primeira referência conhecida para os asterismos como um grupo completo está no *Atharva Veda*. Neste ponto, todos os asterismos são auspiciosos, e foi somente mais tarde que a influência de alguns se tornou maléfica.

Os *Upanishads*

Outro grande texto da antiga astrologia indiana, os *Upanishads*, foi escrito em torno de 600 a.C. mas datam de bem antes disto. *Upan* significa "sentar-se próximo" e *shad* "destruição". Os *Upanishads* preocupam-se com a destruição da ignorância, o desenvolvimento da consciência e a liberação da alma. Diferente de *Os Vedas*, com seus cânticos

para determinadas forças da natureza, os *Upanishads* focalizam o tema do ser antes de toda a existência. Não separam os humanos do restante da criação e enfatizam a íntima correspondência entre o microcosmo (humanidade) e o macrocosmo (universo). Na verdade, na reivindicação que "no princípio deste mundo havia somente o Ser sob a forma de uma Pessoa", a humanidade é vista como parte de um organismo gigantesco.¹⁸

Como o ser individual se relaciona com o universo? O ponto central nos *Upanishads* são as noções do *atman*, o ser pessoal, e *Brahman*, o Absoluto todo-permeante ou Ser Universal. Os dois não são separados, pois o Absoluto se manifesta em cada ser individual. A natureza exata de *Brahman* é obscura; ele é descrito como "escondido em todos os seres, todo-permeante, o ser dentro de todos os seres, governando todas as ações, habitando em todos os seres, a testemunha, o observador, o único, livre de todas as qualidades. É o único regente de vários que não age; ele faz da semente única, várias".¹⁹ O que une a vasta diversidade das coisas e dos seres no mundo é o *prana*, que é similar à noção chinesa do chi todo-permeante. Esta energia liga o animado ao inanimado. Em sua forma externa, é o Sol; na interna, é a consciência. O *prana* sustenta a vida, a evolução e revela a si mesmo em nossos desejos e pensamentos. Os *Upanishads* construíram em torno da noção do *prana* uma teoria da vida inconsútil:

O *Self* perguntou a si mesmo: "O que Faz-me ir, se vai e fica, se permanece?"
Então ele criou o *prana*, e dele o
Desejo; e do desejo ele fez o espaço, o ar,
O fogo, a água, a terra, os sentidos, a mente...²⁰

A astrologia é um dos vários métodos desenvolvidos na antiga Índia para ajudar o ser a conhecer a si mesmo e compreender o ser-dentro-do-Ser — isto é, o *atman* em *Brahman*. Acima de tudo, ela nos capacita o reconhecimento da realidade última como a morada do ser puro (*sat*), da consciência pura (*cit*) e da bem-aventurança pura (*ananda*). Envolve a liberação alegre do sofrimento imposto pelo nosso ego por meio da ignorância.

Isto pode ser atingido pela canalização das paixões, e não da sua repressão; pelo direcionamento dos pensamentos, e não pela sua supressão. Uma vez atingida a unidade com *Brahman*, os rituais se tornam supérfluos, a morte perde sua pungência e a mente fica calma, saciada e livre. Somente aqueles que compreendem quem são e o que querem, encontram a liberação. Como resultado, todo o ser é transformado. Na verdade, os *Upanishads* reivindicam que o conhecedor de *Brahman* possui uma face reluzente, se sente saudável e até seu odor é bom!

Purusha e Prakriti

Enquanto *Os Vedas* e os *Upanishads* fornecem uma base metafísica, a astrologia indiana também personifica uma psicologia largamente baseada no sistema de filosofia *Samkhya*, de Kapila, que foi desenvolvido no século VII a.C. Ele ensina que existe uma Realidade Absoluta, além do tempo, espaço e causalidade, conhecida como *Brahman*. O próprio cosmo resulta da união de *Purusha* e *Prakriti*, que em termos abrangentes poderiam ser chamados de "consciência" e "natureza". Embora completo em si mesmo, *Purusha* deseja a experiência de si mesmo. Este desejo faz surgir *Prakriti*. O cosmo que habitamos é portanto o resultado do encontro de *Purusha* e *Prakriti*, os princípios masculino e feminino. Enquanto o primeiro é incognoscível, o último produz o mundo conhecido.

A conscientização da separatividade (*buddhi*) no reino de *Prakriti* produz *ahankara*, literalmente o "Eu-criador". Este é o nosso sentido de ser um indivíduo em separado. Faz surgir o ego pessoal que é responsável pelos atos que formam o nosso carma. Em uma imagem chocante no *Srimad Bhagavata*, *buddhi*, a faculdade da discriminação, é equiparada a um charreteiro, *manas* (a mente) às rédeas e os sentidos aos cavalos. Por trás do charreteiro, dirigindo os seus atos, está a alma individual (*atman*).

Existem três atributos de *ahankara* e três princípios de *Prakriti* conhecidos como *gunas*. São elas: *sattva* (essência da inteligência), *rajas* (essência da energia) e *antas* (essência da matéria). No início do ciclo cósmico elas estavam em equilíbrio perfeito, até serem perturbadas por *Purusha*. Então elas se combinaram em proporções diferentes para produzir toda a diversidade do mundo e a variedade do caráter humano.

Cada indivíduo é formado pelas três *gunas*. A combinação exata em qualquer pessoa é simbolizada pela relação entre os planetas em seu nascimento. Cada planeta, Casa e signo está associado a uma *guna* em particular.²¹

Quando eu estava em Varanasi, na Índia, o Vaidya (Dr.) J. S. Shukla, na Universidade Samparnanand de Sânscrito, me explicou sua própria compreensão das três *gunas* e a maneira como as aplicou na medicina ayurvédica:

Sattva representa a boa vontade e as idéias, *rajas* é a vitalidade dinâmica e *antas* significa estagnação. Todos os aspectos são onipresentes em um indivíduo. A combinação de *sattva* e *rajas* faz surgir os cinco órgãos dos sentidos, enquanto a combinação de *rajas* e *antas* resulta nos cinco órgãos fisiológicos. A mente é o órgão mais refinado nos humanos. Embora repouse em nossos órgãos fisiológicos e dos sentidos, é muito refinada e muito rápida. Se ela não envia uma ordem através do seu corpo, você não é capaz de mover sequer o seu dedo!

Sattva produz a mente (*manas*) e os sentidos. *Sat* significa "ser puro" e *va* "onde ele habita". Em geral, ela representa a moral e as qualidades espirituais. Está associada ao equilíbrio, à verdade e à pureza. As pessoas sátvicas buscam a iluminação, causam um mínimo de dano e desejam ajudar os outros. São calmas, destemidas e generosas. Não estão interessadas em fama e fortuna, e pouca coisa perturba sua paz mental. Podem se tornar ascetas. O alimento sátvico é puro e trivial.²²

Rajas representa a qualidade de agir e está associada à busca incessante. Pode ser traduzida como o "pólen das flores". O ego possui tendências rajásicas, especialmente quando está constantemente lutando e se apoderando. As pessoas rajásicas tendem a desejar o sucesso material e podem facilmente ficar desapontadas ou se distrair. Podem perder a paz mental porque nem sempre sabem o que desejam.

Tamas faz surgir os cinco atributos dos sentidos — som, textura, forma, sabor e odor. Pode ser traduzida como "ignorância". É considerada como o reino físico da escuridão. As pessoas tamásicas são geralmente dirigidas pelos seus desejos físicos e tendem a ser materialistas e sensuais. Gostam de alimentos quentes e condimentados.

Na astrologia indiana, as qualidades das três *gunas* são atribuídas a diferentes planetas, signos e *nakshatras* (mansões lunares). Embora a personalidade de cada pessoa seja o resultado de uma combinação *das gunas*, em geral uma das qualidades tende a ser a dominante. Mas ela não precisa permanecer com a característica que define a pessoa. Se você é uma pessoa sátvica, por exemplo, isto não significa que atingirá automaticamente a consciência superior, assim como uma pessoa tamásica não será sempre ignorante, materialista e sensual. Um mapa natal é um mapa da sua psique ao nascimento; não é uma desculpa para nada na vida. Os astrólogos indianos insistem que podemos sempre transcender as características herdadas das vidas anteriores e realizar todo o nosso potencial.

A Conexão Grega

É claro que a astrologia se desenvolveu bem cedo na Índia. Alguns indianos até reivindicam que a ciência da astronomia e astrologia foi realmente descoberta na Índia e dali viajou para outros países via Arábia.²³ Mas a Índia teve grandes elos de comércio, especialmente com o Oriente Médio, e foi sugerido que houve uma primeira influência da Babilônia, particularmente durante o período após a conquista persa em 539 a.C. Ambas as civilizações parecem ter tido um nível similar de conhecimento científico e um interesse partilhado pelos ciclos do calendário. Porém as origens da astrologia indiana estão

indubitavelmente na Índia, em especial na sua preocupação com as mansões lunares que não são encontradas no início da astrologia babilônica.²⁴

O caso da influência grega é mais definida. Enquanto *Os Vedas* demonstram um refinado interesse no movimento do Sol, da Lua e das estrelas, existe pouca alusão a respeito dos planetas. O início da astrologia indiana foi primordialmente um sistema para regular o calendário e interpretar os presságios, a fim de estabelecer os momentos favoráveis para os principais rituais dentro da comunidade. A importância dada aos planetas e aos horóscopos individuais nos trabalhos posteriores de astrologia parece ter sido uma influência direta da astrologia grega, que atingiu o subcontinente após a chegada de Alexandre, o Grande, no século IV a.C.

Não somente os astrólogos indianos começaram a utilizar um zodíaco similar e os mesmos regentes planetários dos gregos, como também tomaram emprestado deles vários termos técnicos. Eles chamaram os primeiros textos de astrologia natal de *Yavanajataka* — *yavana* significa literalmente "jônico", o termo indiano para identificar os gregos. O mais antigo trabalho que sobreviveu sobre astrologia natal feito por Sphujidhvaja data da Era Saka (269-70 d.C), mas o autor reivindica ter transformado em versos um texto traduzido 120 anos antes por um Yavanesvara, "Senhor dos Gregos". Yavanesvara, que era sem dúvida membro da comunidade grega estabelecida na Índia Ocidental naquela época, reivindica ter recebido seu conhecimento de Surya, o deus sol, que o recebeu dos Asvins, que o aprenderam do deus criador Prajapati.²⁵ O trabalho contém muito material indiano e também uma cobertura grega.

Vários termos técnicos foram tirados diretamente do grego: *lipta* para minutos, *trikona* para triângulo, *jamitra* para diâmetro (ou oposição), *panaphara* para ascendente. Até a arte de traçar um horóscopo é chamada de *hora*, palavra grega para hora. O *Romaka Siddhanta* cita a extensão do ano tropical com os mesmos números dados por Hiparco, astrônomo grego do século II a.C., que é geralmente considerado como o primeiro a descobrir a precessão dos equinócios. Os números para a precessão dados no *Surya Siddhanta* (datando principalmente do século VI) são mais precisos que os do alexandrino do século II, Cláudio Ptolomeu, chamado de "pai da astronomia" e maior autoridade da astrologia ocidental. O texto indiano dá 54' por ano contra os 36' de Ptolomeu. A cifra correta atualmente é 50,2'.²⁶

Parece provável que os indianos tenham tomado emprestado dos gregos os signos do zodíaco. Isto é confirmado pela existência de dois grupos de nomes, um deles uma transliteração do grego, provavelmente antes dos significados exatos serem conhecidos, e o outro uma tradução para o sânscrito. O nome grego para Áries, por exemplo, era escrito em sânscrito como *Kriya*, e recebeu o nome sânscrito de *Mesha*, que significa

Carneiro.²⁷ Entretanto, mais que qualquer outro povo, os indianos usaram cada um dos 12 nomes do zodíaco para descrever um arco de 30° em qualquer círculo e não somente ao longo da eclíptica.

Toda a estrutura fundamental da astrologia indiana, como praticada atualmente, pode ser encontrada no *Vrddhayavanajataka* (Grande, ou Antiga Astrologia Grega), escrito no século IV por Minaraja. Varahamihira é considerado a maior autoridade, tendo sido provavelmente o astrólogo da corte do Imperador Chandragupta II, cerca de 376-415, que foi um grande patrono das artes e das ciências. Entre os seus vários escritos astrológicos (que incluem teorias astronômicas, correspondências, presságios, astrologia militar e casamento), seu trabalho sobre astrologia natal, *Brhajataka*, tornou-se inspiração para a literatura sânscrita bem posterior sobre o assunto.

Apesar da influência da astrologia grega do período heleno-romano, resumidos no trabalho de Ptolomeu, os indianos continuaram a adaptá-la à sua própria tradição. A cosmologia indiana foi a que imaginou primeiramente uma Terra achatada com o Sol, a Lua e os planetas orbitando uma vasta montanha chamada monte Meru, porém o ímpeto das novas idéias do Oriente Médio conduziram ao abandono da antiga visão de mundo em favor de uma Terra esférica. Isto explicou com mais convicção as diferenças nas estrelas visíveis em Alexandria, no Egito, e no Norte e no Sul da Índia. A bola-Terra era então imaginada como pendendo no centro do mundo-ovo.

O grande astrônomo do século V, Aryabhta, sugeriu grosseiramente que era a Terra que revolia enquanto os céus permaneciam estacionários, assim como para um marinheiro num barco a terra parece estar se movendo para trás. Achava que o Pólo Norte celeste, o eixo em torno do qual as estrelas revolviam, era o Monte Meru, a montanha sagrada no centro do mundo. A *Jyotishi* escolheu Ujjayini (a atual Ujjain em Madhya Pradesh) como sua longitude 0°, que eles achavam que passava pelo Sri Lanka com o seu "Pico de Adão" onde o primeiro homem pisou na Terra.

Embora os indianos tivessem adotado o zodíaco grego de 12 signos, também mantiveram seu sistema mais antigo das mansões lunares. Encontraram maneiras de ligar os dois, computando ambos os círculos a partir de 0° de Áries, que no método grego coincidia com a posição do Sol no equinócio vernal. O círculo das mansões lunares começava com Asvini (β e γ Arietis), que era na época mais próxima do ponto. Porém, apesar de sua inclinação pelo zodíaco grego "tropical" no qual o ano era medido pela passagem do Sol, os astrólogos indianos logo o deixaram em favor de seu zodíaco "sideral" mais tradicional, que media a eclíptica a partir de um determinado ponto entre as estrelas. Como resultado, os dois sistemas foram se afastando numa proporção de 1° a cada 72 anos. O grau 0 de Áries (equinócio vernal) no sistema ocidental está agora próximo de 7° de

Peixes no sistema indiano. Como consequência, o zodíaco indiano reflete com mais precisão a posição das estrelas no céu.

Quando as civilizações se encontram, as influências viajam em ambas as direções, e durante a Idade Média o conhecimento indiano chegou à Europa levado pelos muçulmanos que ocuparam a Espanha e o Sul da Itália. O sistema arábico das mansões lunares foi provavelmente adotado da Índia e passado para a Europa. Durante o Renascimento, os astrólogos europeus utilizaram a palavra sânscrita *ucca* (ponto elevado), latinizado como *aux*, para descrever a "exaltação" de um planeta, quando ele atinge seu ponto mais elevado nos céus.

Embora tenham transmitido aspectos da astrologia indiana para a Europa, os árabes também influenciaram por sua vez a astrologia indiana. A *Tajika Jyotish* é um desenvolvimento posterior (entre os séculos XIII e XVIII) inspirada pela astrologia árabe (*Tazig* é um nome iraniano para árabes). Ela possui uma raiz comum com a astrologia ocidental e se baseia no ano solar. Uma de suas principais características é o cálculo dos mapas de aniversário, ou "retornos solares", descritos em sânscrito como *varsaphala*, "frutos do ano".

A continuidade da tradição oral da astrologia indiana é ilustrada pelo Tenente-coronel John Warren, que encontrou um astrólogo e criador de calendários em Pondicherry em 1825.²⁹ O astrólogo calculou para ele, sem usar qualquer livro, o momento de um eclipse aguardado dispondo conchas na terra. Seu método de trabalho mostrou que aquilo lhe havia sido transmitido dos trabalhos de Yarahamihira no século VI. A tradição oral ainda existe até hoje, formando uma linha contínua desde a época de *Os Vedas*, pelo menos 3.000 anos atrás. E os ensinamentos dos lendários *Nadis* nas folhas de palmeira podem ser acessados via Internet.²⁹

13

A Roda da Vida

ASSIM COMO A ASTROLOGIA OCIDENTAL, A *JYOTISH* RECONHECE O ZODÍACO COMO uma faixa larga nos céus que se estende cerca de 8° em ambos os lados da eclíptica. Em *Os Vedas*, a eclíptica é chamada de *Sudarshan chakra*, a roda na mão do Senhor Vishnu, o Criador do universo. Ela é dividida em 12 seções, ou *rashis*, cada uma com 30°. Cada *rashi* representa um signo do zodíaco, que consiste das 12 constelações nos céus, e também cada Casa do mapa natal.

Embora os *rashis* tenham os mesmos nomes dos signos da astrologia ocidental, é importante lembrar que eles representam constelações, isto é, grupos de estrelas. A maneira como um planeta age no horóscopo depende da natureza e do significado da constelação em que está localizado.

Assim como no Ocidente, o zodíaco indiano começa com *Mesha* (Áries) e termina em *Meena* (Peixes). Cada signo possui suas próprias características. O meu signo *Simha* (Leão), por exemplo, é "fixo, ímpar, masculino, cruel, ígneo, de longa ascensão, estéril, regido pela cabeça". Por outro lado, o signo da minha parceira, *Kataka* (Câncer), é "par, móvel, feminino, suave, água, de longa ascensão, regido pela parte traseira e frutífero" — claramente o meu oposto, exceto pela "longa ascensão"!

Os astrólogos indianos marcam também a eclíptica com 27 constelações (algumas vezes 28) ou pontos estelares, que são medidos a intervalos de 13,33° de longitude ao longo da eclíptica. Cada constelação é então subdividida em quatro quartos: cada quarto é igual a 3,33° de longitude na eclíptica. Os signos e as constelações são medidos a partir do mesmo ponto, 0° de longitude do signo de *Mesha* (Áries) e da constelação *Aswini*.

Embora os 12 signos do zodíaco recebam os mesmos nomes na astrologia ocidental, a forma de alguns deles é diferente nas constelações nos céus. *Mithun* (Gêmeos), por exemplo, é um casal masculino-feminino; *Makara* (Capricórnio) é uma besta mítica que lembra um crocodilo com uma tromba de elefante; e *Kumbha* (Aquário) é um pote de água. Nos mapas são utilizados os nomes sânscritos para os *rashis*, e não os símbolos do

Ocidente. O mesmo acontece com os planetas. Por outro lado, os regentes planetários dos 12 signos do zodíaco seguem o padrão ocidental tradicional: Marte para Áries, Vênus para Touro, Mercúrio para Gêmeos, Lua para Câncer, Sol para Leão e assim por diante.

Os signos cardinais são Áries, Câncer, Libra e Capricórnio, que são positivos e voltados para a ação. Os signos fixos são Touro, Leão, Escorpião e Aquário, que são pensativos e estáveis. Os signos mutáveis são Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes, que são negativos e mutáveis. Os signos masculinos são os de numeração ímpar: Áries, Gêmeos, Leão, Libra, Sagitário e Aquário. São descritos na literatura védica como "cruéis"; são voltados para a ação e sociáveis. Os signos femininos são os de numeração par: Touro, Câncer, Virgem, Escorpião, Capricórnio e Peixes.

Cada signo assume também a qualidade de um dos elementos: fogo, terra, ar e água. Os signos de fogo são: Áries, Leão e Sagitário. As pessoas nascidas sob esses signos tendem a ser dinâmicas e determinadas. Os signos de terra são: Touro, Virgem e Capricórnio. São pessoas práticas e confiáveis. Os signos de ar são: Gêmeos, Libra e Aquário. São comunicativas e criativas. Os signos de água são: Câncer, Escorpião e Peixes. São intuitivas e solícitas.

***Ayanamsha* ou Distância Precessional**

Apesar do significado e do uso similar dos signos do zodíaco, dos planetas e das Casas na astrologia indiana, existe uma diferença fundamental do sistema ocidental que produz resultados bem diferentes em um horóscopo. Se você é Leão na Inglaterra, na Índia você poderá ser Câncer!

O motivo disto é que a astrologia ocidental utiliza o ano solar ou "tropical", isto é, o tempo que a Terra leva para completar uma volta ao redor do Sol. O tempo é medido entre dois equinócios verais (da primavera) sucessivos, sendo igual a 365,24219 dias. A astrologia indiana, por outro lado, utiliza o ano "sideral", durante o qual a Terra completa uma volta ao redor do Sol, medida entre duas conjunções sucessivas de uma determinada estrela. Ele é igual a 365,25636 dias.

Os astrólogos ocidentais utilizam o equinócio vernal como o início do zodíaco — o primeiro grau de Áries. Contudo, este ponto não é fixo, falando em termos exatos. Por causa de uma inclinação no eixo da Terra, que a faz oscilar, quando o Sol retorna ao equinócio vernal sua posição está afastada cerca de 27°50' de longitude. O resultado é que o ponto equinocial em relação ao fundo das constelações está gradualmente movendo-se para trás, de Leste para Oeste.

Este processo é chamado de precessão dos equinócios. O "primeiro grau de Áries" aparece agora na constelação de Peixes (cerca de 7º). A permanência em cada constelação é de 2.160 anos, o que forma uma Era Astrológica — estamos na Era de Peixes desde 150 a.C. e vamos nos aproximando da Era de Aquário (que terá início em 2010). É preciso também um total de 25.920 anos para atravessar todos os 12 signos e retornar ao primeiro grau de Áries, formando o Grande Ano Astrológico.

Os astrólogos ocidentais não estão muito perturbados com essa diferença entre os signos do zodíaco "tropical" e a posição atual das estrelas no céu (o zodíaco astronômico). Eles dizem que os nossos signos solares estão harmonizados com as mudanças sazonais e mensais da Terra. O astrólogo indiano, entretanto, acredita que a precessão dos equinócios deve ser levada em consideração no cálculo do horóscopo de uma pessoa. Os zodíacos tropical e sideral coincidiram em 285 d.C, mas agora existe uma diferença de cerca de 24,5° de longitude. A diferença é chamada de *Ayanamsha*, ou Distância Precessional. O cálculo não é difícil, mas para montar um mapa indiano todos os planetas do mapa ocidental são movidos para trás.² Logicamente, isto produzirá uma interpretação bem diferente, porém demonstravelmente mais próxima do estado real dos assuntos nos céus. Quando o Sol atravessa as constelações é dito que ele amplia as emanções das estrelas que afetam nossa energia na Terra.

Rashis: os Signos do Zodíaco

O ciclo do zodíaco — a Roda da Vida — descreve a jornada da alma pelo mundo.³ Como todo mapa contém os 12 signos, somos afetados por eles em diferentes extensões. Com *Mesha* (Áries), o primeiro signo do zodíaco, existe um novo começo, cheio de promessas, mas com ele vem o perigo de um excesso de impulsividade. É masculino e rajásico. Seu regente é Marte, que dá força e coragem. O Sol está exaltado em Áries.

Vrishibha (Touro) representa o potencial criativo a nível prático; seu símbolo, o Touro (Nandi, o animal de Shiva), sugere o poder da procriação. É andrógino e contém as três *gunas* (*sattva*, *rajas* e *tamas*). Regido pelo sensual planeta Vênus, aprecia as coisas requintadas da vida. A Lua está exaltada em *Vrishibha*.

Mithun (Gêmeos) representa o nascimento do intelecto. Seu emblema, os gêmeos, simboliza a junção do espiritual com o físico para fazer nascer o ego pessoal (*ahamkara*). As pessoas de *Mithun* tendem a ser intelectuais, porém, como sugere o seu signo, apresentam muitas vezes uma natureza dual e ambivalente. Mercúrio, o planeta da comunicação, rege *Mithun*. Como *Vrishibha*, *Mithun* é andrógino e contém as três *gunas*.

Kartaka (Câncer) representa o próximo estágio no desenvolvimento da alma. Seu símbolo, o caranguejo, vive na água (consciência universal), mas também anda na terra (realidade diária). Suas dez patas representam os dez órgãos do sentido do corpo humano, externos e internos. Dez é um número perfeito; os nascidos em *Kartaka* buscam a perfeição. Sendo sátvicos, são idealistas, mas podem também ser bem práticos. Como *Kartaka* é regido pela Lua, que cresce e mingua, eles estão sujeitos a mudanças de humor.

Simha (Leão) expressa a individualidade da pessoa. Tendo o leão como símbolo, ele sugere poder e força. É sátvico e, portanto, idealista, mas pode colocar os ideais em ação. Regido pelo Sol e o seu elemento sendo o fogo, as pessoas de *Simha* são independentes e rejeitam qualquer restrição.

Kanya (Virgem) é a Virgem, o feminino imaculado. As pessoas de *Kanya* são profundamente envolvidas com o mundo prático, muitas vezes com sucesso material considerável, porém à custa do seu ser interior. Como o envolvimento com o mundo pode ser um obstáculo para o desenvolvimento espiritual, elas podem ficar ocasionalmente frustradas e descontentes. *Kanya* é um signo tamásico, associado aos apegos terrenos e à escuridão. Mercúrio, o planeta do intelecto e da comunicação, rege *Kanya*, o que torna as pessoas pertencentes a este signo bons planejadores.

Na metade do zodíaco, *Tula* (Libra) marca o ponto onde o Sol pode deixar a escuridão dos apegos mundanos e se mover em direção à luz espiritual. Ele oferece um equilíbrio apurado (seu símbolo é uma balança) de se desfrutar a vida material sem se apegar muito a ela. Por outro lado, as pessoas de *Tula* têm dificuldade para decidir, pois vêem ambos os lados de uma questão, e muitas vezes balançam entre eles. Embora seja o signo dos relacionamentos, elas podem parecer distantes em sua busca pelo equilíbrio. *Tula* é rajásico, preocupado com a ação e a busca. É regido por Vênus que, segundo *Os Vedas*, informou os demônios de que haviam perdido sua posição na busca espiritual. O melancólico Saturno, que auxilia a liberação, está exaltado em *Tula*.

Os astrólogos indianos vêem *Vrishchika* (Escorpião) como um signo difícil e complexo. Signo de água, deseja fluir, mas, como um signo fixo, existe o perigo de ficar estagnado. Ketu está exaltado e Rahu debilitado em *Vrishchika*, a cauda e a cabeça da serpente Vasuki Narga. Assim como a serpente agita os oceanos com sua cauda, *Vrishchika* agita nossas emoções. O símbolo de *Vrishchika* é um escorpião, criatura que vive em uma toca e pode picar com sua cauda. Possui a energia Kundalini que pode tanto destruir como conduzir à iluminação. Após o acasalamento, o escorpião fêmea mata o macho; isto implica que tendo embarcado em nosso caminho espiritual, devemos morrer para o mundo. O nosso velho ser deve morrer para que possamos ser novamente criados. Marte rege *Vrishchika*, oferecendo coragem e força para superar os desejos mundanos de riqueza e poder.

Em seguida vem *Dhanus* (Sagitário), o Centauro, com o arco e a flecha. Metade cavalo, metade homem, ele ilustra o estágio da nossa jornada em que podemos começar a deixar nossos apetites animais para trás e nos tornar um ser verdadeiramente espiritual. É preciso ser um guerreiro cósmico e almejar a retidão. A autodisciplina e o desprendimento auxiliarão nesta luta. O grande mestre Júpiter rege *Dhanus*, representando a expansão e a boa sorte. Orientado para o místico, não surpreende o fato de ser sátvico.

Makara (Capricórnio) é uma ponte entre o humano e o sobre-humano. É um signo feminino, cardinal e pertence ao elemento terra. É o signo do dever, do trabalho duro e da responsabilidade. As pessoas de *Makara* são sérias no empenho pela sua salvação, mas devem enfrentar as conseqüências das suas ações passadas se desejam transcendê-las. É regido por Saturno, o planeta do carma, o que traz a certeza de que não será uma tarefa fácil. O símbolo de *Makara* é o crocodilo. Bem apropriado, é o oposto de *Kartaka* (Câncer) na roda do zodíaco. Enquanto o caranguejo vive na água (consciência universal) e se aventura na terra, o crocodilo vive na terra, mas mergulha na água. Representa o estágio de transição entre o céu e a Terra. Entre os dois mundos, ele é tamásico.

Kumbha (Aquário) é um signo de ar. Seu nome sânscrito está associado a *kumbhaka*, uma técnica de controle da respiração. Ao controlar a respiração no yoga, aprendemos a retirar a energia do alento universal chamado prana. O emblema de *Kumbha* é um cântaro vertendo água. Ela dá a vida e a purifica e, como tal, simboliza a consciência universal. Os aguadeiros *Kumbha* transportam aquilo que estão buscando. Mas, para mergulharem nas águas da consciência universal, eles precisam primeiro quebrar o cântaro de seus egos individuais. Seu objetivo é o mais elevado da iluminação e liberação, por isso o signo é tamásico. O caminho contém dificuldades e perigo. Os que nascem em *Kumbha* tendem a trabalhar mais com a cabeça do que com o coração. Saturno rege *Kumbha*, assegurando que terão de encarar grande responsabilidade em seu trabalho pelos outros.

O 12º signo, *Mina* (Peixes), completa a roda da vida. Ele marca o último estágio na jornada da alma, quando o indivíduo se torna parte do todo universal, quando o *atman* se funde em *Brahman*. *Mina* é simbolizado por dois peixes, um na direção oposta ao outro. Os que nascem em *Mina* nadam com facilidade no oceano do Ser; podem mergulhar nas profundezas frias e calmas abaixo da superfície agitada das ondas. Como seu signo é feminino e mutável, podem se mover livremente, porém com o risco de serem engolidos pelos outros. São sátvicos, preocupados com a pureza e a verdade. O grande mestre Júpiter rege *Mina*, trazendo expansão e sabedoria, enquanto Vênus está exaltada neste signo simbolizando o desejo por uma vida nova, pois a antiga chegou ao seu fim.

Vargas: as Divisões dos Signos

Além dos *rasbis* ou signos do zodíaco, os astrólogos indianos utilizam pelo menos outras cinco divisões ou *vargas* do círculo da eclíptica. As mais populares são: *hora*, a metade do signo; *drekkana*, o decano (a divisão do signo em três segmentos de 10° cada); *navamsha*, nosso signo (a divisão do signo em nove segmentos); *dwadashamsha*, o 12° signo (a divisão do signo em 12 segmentos); e *trimsamsa*, ou grau. Como os *rashis*, cada um deles possui seu próprio regente planetário. Os *vargas* preenchem os detalhes do horóscopo e mostram de maneira mais sutil como os planetas atuam no mapa. Os mapas *varga* revelam a força verdadeira dos planetas, se estão exaltados ou exilados em suas posições.⁴

A *hora* é produzida pela divisão dos signos em suas metades solar e lunar de 15° cada. As divisões simples simbolizam as energias masculina e feminina. Nos signos masculinos, a primeira *hora* pertence ao Sol e a segunda à Lua, e vice-versa nos signos femininos. Desta maneira, as *horas* percorrem o zodíaco como Sol, Lua, Lua, Sol e assim por diante. Existem 24 *horas* em um círculo inteiro do zodíaco, correspondendo a cada hora do dia, que revelam se você é uma pessoa ativa ou passiva, e sua facilidade de adquirir riquezas.

Embora a *hora* não seja utilizada normalmente na astrologia ocidental, o *drekkana*, ou decano, possui uma longa história em ambas as tradições. O termo vem do grego *dekanos*, que significa uma divisão de 10°, o que por sua vez deriva da astrologia egípcia, que destina uma deidade para cada um deles. O mapa *drekkana* ajuda a fornecer os detalhes da Casa 3, que se refere aos irmãos e amigos.

Cada decano possui um regente planetário. A fórmula mais popular para sua distribuição é a seguinte: os três decanos de cada signo correspondem em ordem ao próprio signo e aos dois outros signos da mesma triplicidade. Os três decanos de Áries, por exemplo, serão: 1. Áries, regido por Marte; 2. Leão, regido pelo Sol; e 3. Sagitário, regido por Júpiter.

Cada decano está associado a um símbolo. Um texto do século VI de Varahamihira descreve o primeiro de Áries como:

Um homem negro feroz, capaz de proteger [muitos], de olhos avermelhados, usando um pano branco em torno da cintura, segura um machado erguido. A forma do decano do meio de Áries como foi ensinado por Yavana [os gregos] é uma mulher de corpo arredondado, com rosto de cavalo, vestida de vermelho, que aprecia ornamentos e comida, erguida sobre um pé. O terceiro decano de Áries é descrito como um homem, cruel, hábil nas artes, avermelhado, que busca agir mas é frustrado em suas tentativas, zangado, que segura um bastão erguido, vestido de vermelho.⁵

Algumas das imagens são chocantes. O segundo decano de Câncer é "uma mulher pouco comportada, com a cabeça enfeitada com flores de lótus, o corpo enlaçado por uma cobra"; enquanto o primeiro de Escorpião é uma "bela mulher, nua e sem ornamentos, surgindo na praia vinda do oceano, com uma cobra enrolada nas pernas". O terceiro decano de Leão, relevante para o meu aniversário a 23 de agosto, é "um homem com o rosto parecido com um urso e os movimentos de um macaco, com uma barba e os cabelos encaracolados, armado com um cajado e que leva carnes e frutas".*

Entre as outras cinco divisões, a mais importante depois do próprio signo é *navamsha*, ou nono signo, que se estende por 3°20', sendo conhecida no Ocidente como "subdecanato". Os 108 *navamshas* correspondem aos signos do zodíaco repetidos nove vezes. O primeiro corresponde a Áries, o segundo a Touro e assim por diante. Eles preenchem um papel importante na reconciliação das 12 divisões do zodíaco com as 27 divisões das mansões lunares (*nakshatras*). Tradicionalmente, os astrólogos indianos marcam as posições dos planetas em signos e *navamshas*, ambos anotados com números. Qualquer planeta no mesmo signo e *navamsha* é visto como forte.

Os *dwadashamshas*, ou 12 signos, que se estendem por 2°30', são novamente distribuídos pelos 12 signos do zodíaco. São utilizados principalmente para indicações de saúde e desenvolvimento, como expectativa ou crescimento de um bebê no ventre. Cada *trimsamsa*, ou grau, é atribuído a um dos planetas-estrela. Eles são particularmente usados em mapas de mulheres para descobrir as perspectivas de casamento e dão detalhes sobre a Casa 12, especialmente de seus carmas passados. E, em geral, considerado como o "mapa da mãe e do pai", pois, segundo a crença hindu, sua escolha dos pais nesta encarnação é o resultado do carma de suas vidas anteriores.

Existe até um mapa para as sessenta partes de 0°30', conhecido como mapa *shastiamsha*, que é utilizado com frequência na astrologia eletiva e para diferenciar os gêmeos. Logicamente, é necessário a hora exata do nascimento, definida na Índia pelo momento da primeira respiração.

***Bhavas*: as Casas**

Assim como na astrologia ocidental, os planetas são colocados não somente nos signos do zodíaco, ou 12 constelações (*rashis*), mas também nas 12 Casas em torno do círculo da eclíptica. As Casas, conhecidas como *bhavas*, focalizam as principais áreas de atuação na vida humana. A palavra sânscrita *bhava* significa tanto "um estado de consciência" como também "um estado da mente". Elas representam a condição externa da vida, bem

como nosso estado interno da mente; na verdade, elas foram descritas como "os teares cósmicos nos quais os planetas (*grahas*) tecem a tapeçaria da sua vida com o fio de seus carmas".⁷

Embora sejam 12, as Casas (*bhavas*) não se sobrepõem aos signos (*rashis*). Enquanto cada signo tem sempre 30° de longitude, uma Casa pode variar de comprimento, dependendo da época do nascimento e da latitude do local do nascimento. Entretanto, vários astrólogos as dividem em 12 setores iguais com 30° cada.

Cada Casa é medida a partir do Ascendente do seu horóscopo, conhecido como *lagna* em sânscrito. O seu Ascendente é o grau do zodíaco interceptado pelo horizonte oriental no lugar e horário do seu nascimento. Portanto, ele estabelece quais planetas estão localizados nas diferentes Casas no seu mapa natal. A palavra *lagna* possui um sentido de estar "amarrado": portanto, o Ascendente amarra a posição dos planetas ao local e horário do nascimento.

Os astrólogos divergem ligeiramente quanto ao significado atribuído a cada *bhava*, mas em geral são eles:⁸

- Casa 1: Nascimento, corpo, aparência
- Casa 2: Família, morte, riqueza, visão
- Casa 3: Inteligência, irmãos, irmãs
- Casa 4: Felicidade, educação, mãe, terra, veículos
- Casa 5: Filhos, memória, discernimento
- Casa 6: Débitos, doenças, miséria, inimigos
- Casa 7: Esposo(a), anseio, viagens, morte
- Casa 8: Acidentes, herança, perda, morte
- Casa 9: Religião, virtude, pai, guru, sorte, viagens ao exterior
- Casa 10: Ocupação, fama, conhecimento filosófico
- Casa 11: Ganhos, desejos
- Casa 12: Perdas, má sorte, *moksha*

Embora o significado das *bhavas* seja similar ao das Casas da astrologia ocidental, a ênfase espiritual é particularmente indiana. As *bhavas* revelam os quatro objetivos fundamentais na vida conhecidos como *dharma*, *artha*, *kama* e *moksha*. As Casas do *dharma* são 1, 5 e 9. Elas apontam seu caminho na vida. *Dharma* é geralmente traduzido como "dever", mas significa na realidade "fazer aquilo para o qual você nasceu".⁹ O *dharma* de um rio é fluir, o do Sol é brilhar. As Casas de *artha* são 2, 6 e 10. Elas indicam seus prováveis recursos, incluindo a riqueza. As Casas de *kama* são 3, 7 e 11. *Kama* significa "desejo",

não em termos sexuais, mas atingir as aspirações pessoais. Finalmente, as Casas de *moksha* são 4, 8 e 12. *Moksha* significa "liberação", isto é, ser liberado das cadeias da ilusão e da escravidão do mundo material. Envolve ir além dos mundos condicionais e limitados do *dharma*, *artha* e *kama* e atingir a Realidade Absoluta.

Embora os significados da Casa 8 sejam semelhantes aos da Casa 6, a primeira é geralmente mais longa e mais intensa que a última. A Casa 9 é a mais avançada delas, aponta o caminho espiritual. Enquanto ela representa o ápice da experiência do *dharma*, a Casa 10 é o máximo do *artha*, o zênite da experiência humana. A Casa 11 é o ápice de *kama*. A Casa 12 representa *moksha*, a complementação da vida na Terra e o início da próxima vida.

Mas isso não é tudo. Existem ainda outras classificações atribuídas às Casas na astrologia indiana. Os planetas variam de força dependendo das Casas em que estejam. As Casas 4, 7 e 10 são conhecidas como *kendras* ou angulares (no Ocidente são chamadas de quadrantes). Elas indicam as ações conscientes, as decisões adotadas. Os planetas que regem as Casas *kendra* se tornam benéficos se forem naturalmente maléficos. Por outro lado, os planetas benéficos, ao regerem as Casas *kendra*, se tornam maléficos.¹⁰

As Casas 1,5 e 9 são chamadas de *trikonas* ou trígonos. Indicam as ações inconscientes. Os planetas que regem essas Casas são sempre benéficos. As Casas 2, 8 e 11 são conhecidas como *panaparas*, ou Casas sucedentes. As outras que restam são *apoklinas*, ou Casas cadentes.

As Casas 3, 6, 8 e 12, conhecidas como *dusshanas*, indicam o que é mais provável de causar sofrimento para a pessoa na vida, enquanto as Casas 2 e 7, conhecidas como *maraka* (matador), indicam a extensão da vida.

Os planetas em *trikonas* são muito fortes; em *kendras*, pouco fortes; em *panaparas*, ligeiramente fortes, e em *apoklinas* extremamente fracos. Os planetas que regem as Casas maléficas (3, 6 e 11) são sempre maléficos, enquanto os regentes das Casas 2, 8 e 12 são neutros.

Naturalmente os astrólogos partilham vários pontos com a astrologia ocidental. Mas achei muito interessante a noção de que os planetas possuem uma "força direcional" (*dik bala*) — isto é, suas energias crescem quando estão em determinadas Casas no mapa do nascimento. Cada planeta é forte em uma determinada direção dos quatro pontos cardeais — Marte ao Sul e Vênus ao Norte; Mercúrio e Júpiter ao Leste e Saturno ao Oeste. O Sol cresce no Sul, a Lua, no Norte. A direção de um planeta é definida pela Casa em que ele se encontra: a Casa 1 é o Leste; a 4, o Norte; a 7 é o Oeste; e a 10, o Sul. Se, no

momento do nascimento, um planeta está na Casa da sua própria direção (a Lua na Casa 4 ou Mercúrio na Casa 1), ele aumenta consideravelmente sua força.

Como no feng shui, os astrólogos acreditam que a direção de uma Casa pode afetar seus residentes. As portas da frente voltadas para o Norte e o Leste, que são as direções de Vênus e Júpiter, são consideradas auspiciosas.

A Família dos Planetas

NA ASTROLOGIA, EM TODAS AS PARTES DO MUNDO, A INFLUÊNCIA DOS PLANETAS desempenha um papel-chave na formação da nossa personalidade e destino. A indiana (*Jyotish*) não é exceção. Como vimos, os planetas são considerados como forças astrais que podem "se apoderar" do nosso ser. Eles são agentes da Lei Universal do Carma e nos influenciam através de suas emanções. Um horóscopo pode ser, portanto, descrito como "um mapa dos seus carmas traçado com as especificações dos Nove Dominadores".¹

Nove Dominadores? Estes, naturalmente, são o Sol e a Lua, os cinco planetas — Mercúrio, Marte, Vênus, Júpiter e Saturno — e os "planetas invisíveis", Rahu e Ketu (os nodos Norte e Sul da Lua).

A astrologia — tanto no Oriente, quanto no Ocidente — considera o movimento dos planetas como ele é visto a partir da Terra. Ela segue as descobertas da antiga astronomia que assumia que o Sol se movia em torno da Terra e não o contrário. A rotação da Terra de Oeste para Leste faz parecer que o Sol, a Lua e os planetas passam acima dela de Leste para o Oeste. Isto ocorre todos os dias, sendo chamado de movimento diurno. Ao mesmo tempo, os mesmos planetas parecem mover-se na direção oposta, de Oeste para Leste, através das constelações do zodíaco. Isto é conhecido como movimento adequado. O movimento diurno é sempre mais rápido que o movimento adequado. Em média, o Sol, Mercúrio e Vênus levam trinta dias para atravessar uma constelação ou signo do zodíaco. A Lua leva dois dias e um quarto, enquanto Marte leva um mês e meio; Júpiter, um ano; e Rahu e Ketu, um ano e meio. O lento Saturno permanece cerca de dois anos e meio em cada constelação.

Os *grahas* não somente estão associados a deuses, como assumem características humanas e uma dimensão sexual. O Sol, Marte e Júpiter são masculinos; a Lua, Vênus e Rahu são femininos; Mercúrio e Ketu são hermafroditas. O Sol, Marte, Saturno, Rahu e Ketu são chamados de maléficos. Em geral, eles exercem uma influência perniciosa, causando problemas e criando obstáculos, embora seu dano possa ser aliviado. Júpiter e

Vênus são benéficos. Em geral fazem o bem, mas em determinados relacionamentos são capazes de prejudicar. A Lua é benéfica quando está crescendo, e maléfica quando mingua. Mercúrio é com frequência tido como neutro, assumindo o temperamento do planeta com o qual está associado.

Na mitologia indiana, o sistema solar é muitas vezes visto como a personificação da Pessoa Divina do Tempo conhecida como *Kala Purusha*. Os planetas regem partes diferentes do seu ser e são responsáveis pelas diferentes partes da sua personalidade. O ígneo Sol rege a alma e a receptiva Lua rege os sentidos e as emoções. O valente Marte rege o poder e a força. O rápido Mercúrio rege a mente racional e a fala, enquanto o alegre Júpiter rege o conhecimento e a sorte. O jovem Vênus rege os desejos e anseios e o melancólico Saturno rege as tristezas e a má sorte.

Os astrólogos indianos utilizam com frequência histórias para ensinar o significado cosmológico dos planetas. Uma história deliciosa descreve o caráter dos planetas e relata a maneira como eles vieram a reger as diferentes constelações no zodíaco. A história foi colocada sob a forma escrita em tempos recentes.²

No começo o Sol e a Lua, rei e rainha do céu, regiam as constelações de Leão e Câncer, respectivamente. Não querendo ser deixado de fora, Mercúrio pediu ao Sol (Mercúrio rege a comunicação) um lugar no zodíaco para si. Tendo uma natureza generosa, o Sol deu a ele Virgem, a constelação próxima a ele. Sendo um companheiro astuto, Mercúrio então esperou pela noite e graciosamente pediu à Lua um outro lugar. O Sol é a alma e a Lua é a mente emocional (que brilha com a luz refletida), mas não gosta de ser superada. Ela disse então: "Se você de fato deseja um lugar, pegue Gêmeos, o ponto próximo ao meu." Desta forma, Mercúrio, a mente racional, adquiriu dois signos: Virgem e Gêmeos.

Então Vênus (o desejo) observou o que acontecera e sentiu-se desejoso de pedir o mesmo. O Sol respondeu que já tinha designado o local próximo a ele, mas Vênus poderia ter o seguinte — Libra. A Lua, da mesma forma, cedeu Touro, próximo a ela. Marte (a ação) não quis ficar de fora e o Sol e a Lua generosamente cederam a ele Escorpião e Áries, respectivamente. E não puderam recusar a Júpiter (a sabedoria) um lugar, que recebeu Sagitário e Peixes. Por fim, até Saturno, que é lento e voltado para a renúncia, recebeu Capricórnio e Aquário, os que restaram em ambos os lados do Sol e da Lua. O círculo estava completo. Não havia mais planetas (Urano, Netuno e Plutão não tinham sido descobertos) nem mais locais sem dono.

A ordem dos *grahas* reflete as distâncias dos planetas do Sol como vistos da Terra: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Mostra também o regente planetário para cada uma das constelações do zodíaco. Acima de tudo, a história ilustra com beleza a evolução da consciência ao assumir a forma de um corpo, movendo-se da alma (Sol), da

mente emocional (Lua), da mente racional (Mercúrio), do desejo (Vênus), da ação (Marte) e, finalmente, para o resultado da experiência e do pensamento — a sabedoria (Júpiter). Um dos aspectos da mente faz surgir o outro. O tempo (Saturno) leva todo o processo a um fim até que ele se inicie numa nova vida.

Na Índia os nove planetas, ou *navgrahas*, desempenham um papel importante nos rituais diários. Templos em toda a Índia são dedicados a diferentes planetas, aonde as pessoas vão, rezam e fazem oferendas na esperança de atrair sua influência positiva para suas vidas. Muitas mulheres usam anéis ou pingentes guarnecidos de pedras que simbolizam os *grahas*. Existe também uma mandala chamada *Navgraha Yantra* que tem determinada combinação de números que simbolizam as diferentes energias dos planetas.

Assim como nas línguas européias, os dias da semana são baseados nos *grahas*. A palavra *Vaar* (dia) é adicionada ao nome sânscrito para cada um deles: *Ravivaar* (dia do Sol), *Somvaar* (dia da Lua), *Mangalvaar* (dia de Marte; em francês, *mardi*), *Budhvaar* (dia de Mercúrio, *mercredi*), *Brihaspativaar* (dia de Júpiter, *jeudi*), *Shukravaar* (dia de Vênus, *vendredi*) e *Shanivaar* (dia de Saturno). No dia dedicado ao planeta acredita-se que suas energias ficam mais fortes; sua força pode ser ainda ampliada por meio de jejuns ou de rituais. Atividades importantes (como uma cerimônia de casamento, início de uma viagem ou abertura de um negócio) raramente são realizadas nos dias dos planetas maléficos — Marte e Saturno. Por outro lado, alguns astrólogos reivindicam que é melhor se mudar num sábado e fazer uma cirurgia na terça-feira.

O Sol

Muitas lendas na Índia estão associadas aos *grahas* e refletem seu simbolismo astrológico. O Sol (*Surya*) é compreensivelmente importante. Sem o Sol não haveria vida. O Sol é *Purusha*, o princípio masculino do universo, e simboliza a alma eterna. Representa também o pai, a autoridade, a vitalidade e a coragem. Psicologicamente, todos os planetas possuem um lado positivo e um negativo: o Sol pode ser generoso e criativo, mas também orgulhoso e despótico.

O Sol é puro (sátvico), mas pode criar problemas porque é muito ígneo. O mito védico relata que a esposa do Sol o deixou e o Criador teve de reduzir um pouco do seu brilho antes que ela voltasse, porém mesmo assim ele permaneceu muito quente.

Um sol forte em nosso mapa sugere que nosso ser interior e exterior serão harmoniosos e que nós teremos uma consciência muito desenvolvida. Por outro lado, um sol

muito forte significa que poderemos ser autoritários e dominadores. Um sol fraco implica falta de vitalidade e necessidade de melhorar nossa energia solar, por exemplo, usando tons de vermelho-escuro e jóias feitas com ouro, rubis ou granadas. Viver em um clima quente ou até banhos de Sol também podem ajudar! O Sol é forte em Leão (o qual rege), neutro em Gêmeos e Virgem; forte nas Casas 3, 6 e 11, e mais forte na 10. É fraco em Libra e na Casa 4.

Na Índia, o dia solar dura do nascer ao pôr-do-sol e o mês solar tem trinta dias solares, com o sol transitando de 0° a 30° de um signo. A Lua (Chandrama ou Soma) não brilha com luz própria, mas é somente um reflexo do Sol.

A Lua

Enquanto o Sol dá vida ao universo, a Lua é responsável pela vida na Terra. Ela é *Prakriti*, o princípio feminino, a mãe cósmica. Controla a vida e a morte, nascimento e renascimento. Na literatura védica, a Lua é *Soma*, um deus (não uma deusa). Embora ele tenha uma energia feminina, gosta de se divertir e possui 27 esposas (as mansões lunares, ou *nakshatras*). E o melhor é que ele pode ser receptivo e imaginativo; no lado pior, será hipersensível e com reações fortes.

Enquanto o Sol representa a alma, a Lua simboliza a mente personificada. Quando forte no mapa, pode superar vários problemas. Mas ela também cresce e minguar, e quando sua luz diminui, nossos desejos e apetites podem tomar conta de nós. Ela representa o aumento e a diminuição dos nossos sentimentos no dia-a-dia durante o ciclo do mês lunar. Sua *guna* é sátvica.

No ciclo lunar, uma Lua Nova percorre 13°20' a cada dia, e leva dois dias e um quarto para transitar em uma Casa ou signo do zodíaco (30°). Circunda a eclíptica, atravessando todos os signos do zodíaco, e retorna à sua posição original em 27 dias. Mas como aparentemente o Sol se moveu, a Lua requer outros dois dias e meio para chegar até ele e originar uma outra Lua Nova. Um mês lunar tem, portanto, 29 dias e meio. No almanaque indiano, um mês lunar tem trinta dias, sendo chamado de *tithis*. A fase crescente da Lua é considerada como um período para melhorar a energia social, enquanto durante a lua Minguante ela diminui e se introjeta. Os cinco dias da Lua Cheia são o período em que a mente está no seu ponto máximo.

Na astrologia, a Lua Crescente é considerada benéfica; a fase minguante é maléfica. A Lua representa a mãe. Uma lua forte em nosso mapa sugere que fomos bem cuidados por nossa mãe; uma fraca implica um relacionamento difícil com nossa mãe, e uma tendência

à depressão e agitação. Isto pode ser neutralizado pela meditação e rodeando-nos com a luz branca, a cor da Lua, ou com o uso de jóias feitas de prata, pérolas ou pedras da Lua. Ela também representa as emoções, os líquidos e o mar.

A Lua é forte em Câncer (o qual rege) e quando está a 72° distante do Sol. É fraca em Escorpião e a menos de 72° do Sol. É forte nas Casas 5, 9 e 11, porém mais forte na Casa 4.

Marte

Como no Ocidente, Marte (*Kartika*) é um guerreiro. Segundo o mito, o demônio Taraka estava aterrorizando o mundo. Dizia-se que o único ser que poderia destruí-lo seria o filho de sete dias do Senhor Shiva. Kamadeva, o deus do amor, atingiu Shiva com uma flecha que o despertou, Shiva ficou furioso e matou o deus com seu terceiro olho. A semente que foi produzida era tão quente que teve de ser resfriada no Rio Ganges. Na época, as Krittikas (sete estrelas, conhecidas como Plêiades no Ocidente) estavam se banhando nas águas e foram fertilizadas pelo sêmen de Shiva. Elas produziram Kartika (Marte), que realizou a profecia matando o demônio Taraka quando se encontrava com sete dias de concebido.

Como um planeta masculino, Marte representa a ação e suas qualidades são a coragem e a força. Embora bem-intencionado e exaltado, ele pode ser também irritável e impaciente. Ele significa a posição dos irmãos no mapa natal; tradicionalmente, não indica, como também no Ocidente, o parceiro masculino no mapa de uma mulher. Sua presença é vista geralmente como maléfica, criando problemas na vida. Mas o valor e a perseverança marcianos podem ajudar a superar os obstáculos no caminho para a iluminação e a realização pessoal.

Um Marte forte indica um bom relacionamento com os irmãos e determinação para atingir os nossos objetivos. Na Casa 7, contudo, pode significar uma tendência para o domínio; se for o caso, uma música calma e cores frias podem contrabalançar. Um Marte fraco, por outro lado, sugere que nossa energia pode ser facilmente bloqueada ou dissipada. Neste caso, vestir tons vermelhos brilhantes e o uso de coral podem ajudar.

Marte é forte em Áries e Escorpião (os quais rege); forte nas Casas 3, 6 e 11, porém mais forte na 10. É fraco em Câncer e na Casa 4.

Mercúrio

Enquanto o Sol representa a alma individual (*atmā*) e a Lua, a mente (*manas*), Mercúrio (*Buddha*) representa a conscientização (*buddhi*). Juntos, eles produzem *ahamkara*, o ego pessoal. Mercúrio é filho da Lua e da estrela Tara, esposa de Júpiter. Soma, o deus lua, seduziu Tara, mas Júpiter a desejou de volta e declarou guerra a ele. Os deuses ficaram do lado de Júpiter, enquanto os demônios optaram por Tara, e o conflito resultante ameaçou destruir o mundo. Brahma, o Criador, temendo as conseqüências, obrigou Tara a voltar para o marido, Júpiter, mas ela já tinha concebido *Buddha*. Júpiter finalmente o aceitou. A história relata simbolicamente como o encontro entre a alma pura de Tara e a mente emocional de Soma produziu o intelecto racional.

Como sua órbita é próxima do Sol e entra em conjunção com ele três vezes por ano, Mercúrio é considerado o mensageiro dos deuses. A literatura védica o descreve como um eunuco; ele é andrógino. Representa a infância e, como muitas crianças, é rápido, mutável e cativante. É caracteristicamente rajásico, isto é, repleto de vitalidade dinâmica. Um Mercúrio forte sugere uma inteligência aguçada e uma habilidade para a comunicação, porém se for forte demais poderá indicar falta de emoção. Sua astúcia e inteligência podem degenerar em indiferença e oportunismo. Um Mercúrio fraco pode significar que somos facilmente persuadidos e muito confiantes em nossos sentimentos. Isto pode ser neutralizado desenvolvendo-se o intelecto por meio da meditação e do yoga e usando a sua cor, o verde.

Mercúrio é forte em Gêmeos e Virgem (os quais rege) e nas Casas 2, 4, 5, 9, 10 e 11, porém mais forte na Casa 1. É fraco em Peixes e nas Casas 6, 8 e 12, e mais fraco na Casa 7.

Júpiter

Júpiter (*Brihaspati*) é o mestre (Guru) dos deuses. É um *Brahmin*, isto é, aquele que conhece Brahma, o Criador. Representa crescimento, expansão, jovialidade e sabedoria. É o mais benéfico dos planetas; se tivermos um Júpiter forte em nosso mapa, seremos capazes de sobrepujar as dificuldades que surgirem em nossas vidas. Além disso, ele sugere que teremos a prosperidade material que nos capacitará a nos voltarmos para o nosso desenvolvimento espiritual.

No mapa de uma mulher, Júpiter representa os relacionamentos e um filho. Sua posição é cuidadosamente estudada, pois ele oferece respostas para duas perguntas feitas

com frequência pelos clientes na Índia: Vou me casar? Terei um filho? Representando a expansão, ele também rege a obesidade! Um Júpiter forte implica em conhecimento superior e capacidade de utilizá-lo para o bem-estar dos outros. Um Júpiter fraco pode sugerir dificuldades nos relacionamentos e uma possível tensão entre os seus ideais e a vida do dia-a-dia. A cobiça e a extravagância podem se fazer presentes. Isto pode ser neutralizado com o uso da cor amarela, do ouro, topázio ou citrino, e com o trabalho desinteressado pelos outros.

Júpiter é forte em Sagitário e Peixes (os quais rege) e nas Casas 5, 9, 10 e 11. Porém mais forte na Casa 1. É fraco em Capricórnio e na Casa 7.

Vênus

Vênus é o guru dos demônios, assim como Júpiter é o dos deuses. Os demônios são almas evoluídas que perderam seu rumo; Vênus tenta trazê-los de volta para o caminho verdadeiro. Entre todos os planetas, ele é o único que possui o segredo da imortalidade.

Embora masculino, Vênus possui uma energia feminina; é benéfico e rajásico. Ao mesmo tempo, representa o refinamento, o amor e a gentileza. Mas, embora possa nos ajudar a realizar nossos desejos materiais, ele não pode assegurar sempre o contentamento. Pode nos trazer fama e popularidade, mas não a paz da mente. E o pior é que ele pode encorajar a vaidade e a corrupção. Isto é bem ilustrado pela história da filha de Vênus, que se apaixonou por um rei e insistiu que seu pai arrumasse o casamento. O noivo em perspectiva se sentiu incapaz de recusar, mas já estava apaixonado por outra mulher e não conseguiu demonstrar afeto pela nova noiva.

Um planeta Vênus forte atrairá o sexo oposto para nós e trará graça e luxo para a nossa vida. Um Vênus fraco poderá tornar os relacionamentos difíceis. Para reforçar nosso Vênus precisamos desenvolver nosso amor-próprio e usar nosso potencial o máximo possível. Usar branco ou cores variadas e nos enfeitarmos com prata, diamantes ou safira branca também ajudará. Em todos os mapas, Vênus representa o casamento; em um mapa masculino, Vênus representa a esposa.

Vênus é forte em Touro e Libra (os quais rege) e nas Casas 1, 5, 9, 11 e 12, porém mais forte na Casa 4. É fraco em Virgem e nas Casas 6, 8 e 10.

Saturno

Saturno (*Shani*) representa restrição, limitação e responsabilidade pesada, sendo portanto considerado maléfico. É o mais temido dos planetas na Índia. Na literatura védica, Saturno é o filho do Sol e da sua sombria esposa Chayya. A história diz que um dia Chayya foi visitar seus pais em segredo e deixou sua sombra em seu lugar; o Sol pensou que fosse a verdadeira Chayya, fez amor com ela e o resultado foi Saturno. Quando o Sol compreendeu seu erro, rejeitou tanto a esposa quanto o filho.

Não causa surpresa o fato de a relação entre o Sol e Saturno ser problemática. Se Saturno estiver junto ao Sol na Casa 9, isto implica um rompimento com o nosso pai. A relação mais carregada, entretanto, é com a Lua. Se estiver conjunto com a Lua ou nas Casas 2 e 12, e longe da Lua, Saturno poderá criar solidão, melancolia e rigidez. Sua cor é o preto e suas pedras são safira e lápis-lazúli. Sendo fraco ou forte, Saturno traz dificuldades. Um Saturno fraco é pior. Então ele será mais bem tratado com jejum e meditação.

Saturno causa separação sempre que está presente. Porém, enquanto ele faz surgir frustração e sofrimento, os obstáculos que coloca na jornada da vida podem nos auxiliar a nos desvencilhar dos apegos do mundo e a nos transformar. Movendo-se mais lentamente que os outros planetas, ele oferece tempo suficiente para resolvermos o carma das vidas passadas. Se formos cuidadosos, poderemos emergir da experiência mais fortes e mais completos.

Saturno é forte em Capricórnio e Aquário (os quais rege), forte nas Casas 3,6, 10 e 11, porém mais forte na Casa 7. É fraco na Casa 1.

Rahu e Ketu

Os dois últimos *grahas*, Rahu e Ketu, são os nomes dados aos nodos Norte e Sul da Lua. Os nodos são dois pontos na eclíptica separados por 180°, onde o caminho da Lua em torno da Terra atravessa o caminho aparente do Sol ao redor da Terra. O eixo, algumas vezes chamado de eixo cármico, passa pelos signos do zodíaco em movimento retrógrado, levando cerca de 18 anos para completar o ciclo.

Rahu e Ketu são conhecidos como planetas da sombra (*chayya grahas*), embora não tenham uma realidade física. São considerados os *grahas* mais poderosos no zodíaco porque, acredita-se, "engolem" o Sol e a Lua durante os eclipses. Os eclipses solares (na Lua Nova) acontecem numa faixa de 0° a 18° do eixo nodal; os eclipses lunares (na Lua

Cheia) ocorrem numa faixa de 0° a 11°. Durante este período, as três influências mais significativas em nossas vidas — o Sol, a Terra e a Lua — se aproximam em alinhamentos fortíssimos.

Trabalhando em uníssono em dois pontos opostos no zodíaco, Rahu e Ketu, perturbam nossas vidas para nos auxiliar a realizar nosso potencial interior. É dito que Ketu contém o conhecimento das nossas vidas passadas, enquanto Rahu abre nossas fraquezas cármicas, ajudando-nos desta maneira a transcendê-las. Assim, estes *dois grahas* têm sido chamados de controladores finais do destino.³

São poderosos e também potencialmente perigosos. O símbolo védico de Rahu é Naga (a serpente), que representa o conhecimento que, como o veneno, pode tanto matar como curar. Enquanto nos relembra nossa mortalidade, a maneira como cobra solta a sua pele é também um símbolo da morte e do renascimento, de deixar o invólucro do nosso corpo mortal para encontrar uma vida nova em outro corpo.

Segundo o mito, Naga Vasuki era um demônio em forma de cobra que governava o submundo. Na guerra entre deuses e demônios pelo controle do universo, Vasuki primeiro auxiliou os deuses. Eles o colocaram em volta da montanha cósmica Mandara e utilizaram seu corpo para agitar o oceano — uma referência ao seu papel de fazer os planetas e estrelas girarem no firmamento. Enquanto isso, os deuses saíram em busca de *amrita*, o néctar da imortalidade. Eles deram vinho, mulheres e cantos aos demônios para mantê-los ocupados, porém o astuto Vasuki não foi enganado. Secretamente, ele bebeu do néctar dos deuses e tornou-se também imortal.

O Sol e a Lua se queixaram ao Senhor Vishnu, o Criador do Universo. Furioso com Vasuki, Vishnu arremessou uma roda, conhecida como *Sudarshan chakra* (a eclíptica), em sua direção que cortou seu corpo em duas partes. Como Vasuki era imortal, Rahu (a cabeça) e Ketu (a cauda) permaneceram para sempre nos céus. E lá estão, movendo-se constantemente para trás, um lembrete para os outros deuses, e para nós também, do lado escuro da nossa natureza, que devemos superar para atingir a imortalidade. Ao agitarmos o oceano dos nossos sentimentos, temos a capacidade para o bem e para o mal. Enquanto Rahu simboliza nosso apego ao mundo material, Ketu representa a liberação e a realização pessoal (*moksha*).

Como os dois pólos do eixo cármico, Rahu e Ketu sempre se localizam com seis Casas de diferença entre si e enaltecem as áreas da nossa vida nas quais devemos lutar para superar as conseqüências do nosso carma passado. Juntos, eles representam a energia Kundalini em nós — também simbolizada por uma cobra — que, quando desperta, pode nos destruir ou nos conduzir à iluminação. Seu poder deve ser sempre levado a sério e precisa ser canalizado cuidadosamente, e seus efeitos podem ser transcendentais.

Rahu é forte em Virgem e fraco em Escorpião e Sagitário. Ketu é forte em Peixes e fraco em Touro e Gêmeos. Eles são incapazes de agir por conta própria, e tendem a adotar as características do planeta que rege o signo no qual estão. No seu aspecto positivo, Rahu pode trazer originalidade e independência; no negativo, confusão e neurose. Ketu pode levar à espiritualidade e compaixão, mas pode também encorajar o fanatismo e a violência. Planetas nas mesmas Casas dos nodos indicam o carma que trazemos para esta vida e que precisa ser trabalhado. Rahu em geral amplia a qualidade essencial dos planetas, enquanto Ketu os obscurece. Rahu rege a ágata, Ketu, a turquesa. O Sol e a Lua sofrem particularmente quando em conjunções com Rahu e Ketu, pois foram muito hostis ao demônio-cobra Naga Vasuki. Entretanto, como Rahu amplia as qualidades do Sol, se eles estiverem em conjunção em nosso mapa, provavelmente deixaremos nossa marca no mundo.

Aspectos Planetários

Para melhorar sua interpretação de um horóscopo, o *Jyotishi* indiano explorará os aspectos ou relações entre os planetas, suas combinações (*yogas*) e considerará suas influências em períodos diferentes (*dashas*) na vida de uma pessoa. Este conjunto foi desenvolvido em uma arte profunda e sutil.

O astrólogo Minaraja do século XIV escreveu: "Diz-se que um planeta tem um [tipo] de força num signo ou *navamsa* que rege, ou no qual está exaltado, ou que é regido por um amigo; ou quando aspectado por um benéfico. A Lua e Vênus são fortes nos signos femininos, e os outros nos signos masculinos."⁴

Na verdade os planetas podem ser amigos, inimigos ou simplesmente neutros.⁵ Podem ser até, como muitos de nós, amigos em algumas ocasiões e inimigos em outras. Marte, por exemplo, tem Júpiter, a Lua e o Sol como amigos, Mercúrio como inimigo e Saturno e Vênus como neutros. Vênus têm Mercúrio e Saturno como amigos, a Lua e o Sol como inimigos e Júpiter e Marte como neutros. Alguns ocidentais podem pensar que os homens são de Marte e as mulheres de Vênus, mas no esquema indiano de astrologia ambos são masculinos e indiferentes entre si! A Lua, que representa a mente e a água, não possui inimigos.

Porém amizades e inimizades nem sempre são firmes entre os planetas, assim como acontece com os seres humanos, e formam relações temporárias. Aqueles encontrados nos segundo, terceiro, quarto, décimo, 11º e 12º signos do zodíaco com qualquer outro planeta tornam-se amigos temporários do último. Os outros passam a ser inimigos. Para

complicar ainda mais, os astrólogos indianos acreditam em relações mistas ou compostas. Estas são formadas pela combinação de relações naturais e temporárias: quando uma amizade natural fica misturada com uma amizade temporária, o resultado é, o que não surpreende, uma grande amizade; a inimizade e a amizade cancelam uma à outra e surge uma influência neutra; e uma relação neutra e uma amizade significa amizade.

Estas relações temporárias e mistas espelham as mudanças que ocorrem no caráter dos planetas no mapa de um indivíduo em particular. As relações que um planeta forma com outros alterarão sua influência habitual. Um planeta maléfico como Marte pode exercer um efeito benéfico se sua relação for positiva; o oposto pode ocorrer com um planeta benéfico como Júpiter, se este estiver mal relacionado.

As relações existem também entre os planetas e os signos. Os quatro tipos mais importantes de relação são as de regência, exaltação, exílio (bem conhecidos dos astrólogos ocidentais) e *mooltrikona* (uma especialidade indiana).

Primeiro, a regência. É dito que determinados planetas "possuem" ou "regem" determinados signos. Outra maneira de dizer é que um planeta é o senhor de um signo. Significa que eles possuem uma afinidade especial entre si. Um planeta em seu próprio signo é reforçado para fazer o bem. O Sol rege Leão; a Lua, Câncer. Marte rege Áries e Escorpião; Mercúrio rege Gêmeos e Virgem; Júpiter rege Sagitário e Peixes; Vênus rege Touro e Libra; Saturno é o senhor de Capricórnio e Aquário.

Em seguida, a exaltação. Quando, num determinado signo, é dito que um planeta está exaltado, ele está no seu ponto máximo. Acredita-se que ele está na sua melhor posição. Seu poder para fazer o bem é maior quando ele está exaltado do que quando está no seu próprio signo. Fica ainda mais poderoso em um determinado grau no signo; então é dito que ele está na sua exaltação máxima. Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus, Saturno, Rahu e Ketu estão em exaltação máxima nos seguintes graus: Áries, 10°; Touro, 3°; Capricórnio, 28°; Virgem, 15°; Câncer, 5°; Peixes, 27°; Libra, 20°; Touro, 20°; e Escorpião, 20°, respectivamente.⁶ Um Sol exaltado em Áries, por exemplo, torna a pessoa culta, religiosa, forte, plácida e caridosa. A Lua em Touro torna a pessoa rica, perseverante e criativa.

Em contraste, o exílio — um enfraquecimento das energias — ocorre quando os planetas estão situados em oposição à posição ideal de exaltação, isto é, a 180° de diferença. Nesta situação, os planetas produzem os resultados opostos aos da exaltação. Rahu e Ketu estão exaltados em Touro e Escorpião, e em exílio em Escorpião e Touro respectivamente.

Por fim, a intrigante *mooltrikona*. São as posições dos planetas em uma faixa de graus nos signos onde estão bem. Ela se estende de 4° a 20° de longitude. A *mooltrikona* do Sol

é Leão (0° a 20°); a Lua em Touro (4° a 20°); Marte em Áries (0° a 12°); Mercúrio em Virgem (16° a 20°); Júpiter em Sagitário (0° a 10°); Vênus em Libra (0° a 15°); Saturno em Aquário (0° a 20°).⁷ O efeito da *mooltrikona* é semelhante ao da exaltação: reforça o poder do planeta para o bem, embora não seja tão forte quanto a exaltação. Os regentes dos signos que são o segundo, quarto, quinto, oitavo, nono e 12° do signo *mooltrikona* dos planetas serão amigáveis, e os regentes dos outros signos serão inimigos. Se os planetas regem mais de um signo e formam uma relação amigável e também inimiga, ela se torna neutra.

A força de um planeta diminui quando ele se afasta da exaltação, através da *mooltrikona*, para o exílio, e aumenta na direção oposta, como o crescer e minguar da Lua. Se os planetas estão em exaltação, *mooltrikona* ou em seus próprios signos num mapa natal, isto revela uma maturidade considerável à medida que o ser passa por reencarnações diferentes no ciclo de nascimento e morte. É possível trabalhar suas forças relativas, tanto positivas quanto negativas, estando os planetas exaltados ou debilitados, em relações positivas ou negativas.

Embora o movimento diurno dos planetas nunca altere sua direção (de Leste para Oeste para um observador na Terra), o movimento correto (o movimento aparente dos planetas pelos signos do zodíaco de Oeste para Leste) muda. Além do Sol e da Lua, todos os planetas parecem diminuir sua velocidade e depois se mover para trás antes de acelerar e viajar em movimento direto pelas constelações. Isto é tecnicamente conhecido como retrogradação ou movimento retrógrado. Falando em termos mais precisos, este movimento retrógrado é uma ilusão vista da Terra por causa do movimento elíptico dos planetas. Contudo, os astrólogos indianos, como seus colegas ocidentais, acreditam que os planetas em retrogradação possuem forte significado simbólico. Suas exaltações e exílios normais ficam também invertidos. O eixo de Rahu e Ketu sempre viaja na direção retrógrada.

Como se isso não fosse suficiente, existem dez estados conhecidos como *avasthas* nos quais os planetas se convertem quando ocupam determinadas posições nos signos e Casas. Se for em exaltação (*deeptha*), virão riqueza e bons resultados; se for na sua própria Casa (*swastha*), haverá fama e felicidade; e se for em uma Casa amigável (*muditha*) pode-se esperar boa disposição e boa esposa. Quando um planeta está em divisões auspiciosas (*santha*), surgirão força, coragem e felicidade. A retrogradação (*sakta*) também trará coragem, riqueza e reputação.

Por outro lado, se um planeta estiver no último quarto de um signo (*peedya*), o resultado será o mal. Se estiver em uma Casa não amigável (*deena*), pode-se esperar preocupação e doença. Quando em exílio (*khala*), ocorrerão perdas e discussões. Em aceleração

(*bheetha*), o resultado será perdas e hábitos medíocres. E quando os planetas estiverem bem próximos do Sol e ficarem fora do alcance da visão por causa da ofuscação, uma condição conhecida no Ocidente como combustão, doença, desgraça e perda dos filhos não estarão longe. Em sânscrito é dito que eles estão em um estado de *astam*, que significa "ter estabelecido".

Como no Ocidente, os aspectos têm um significado importante em um horóscopo indiano, pois a posição de qualquer planeta em um mapa exerce um efeito particular sobre os planetas em outros pontos do mapa. Diferente da astrologia ocidental, contudo, o aspecto está ligado a um signo como um todo e não somente a uma parte dele. Vênus a 14° de Áries está em oposição e aspectando com todo o signo de Libra, e fará aspectos em qualquer ponto da Casa ocupada por Libra. Em geral, um planeta só fará aspectos com os signos que estão à frente e em torno do círculo zodiacal a partir do signo que ele ocupa, como Vênus em Áries formando aspectos com Libra no exemplo acima. Todos os planetas lançam um aspecto de cem por cento, ou de "visão total" no sétimo signo a partir dele (contando como a Casa 1, onde o planeta está localizado).⁸

Os aspectos podem ser bons ou maus, dependendo da relação entre o corpo que faz o aspecto e o aspectado. Todas as Casas possuem um valor de aspecto de 25 por cento; as Casas 5 e 9 (aspectos de trígono na astrologia ocidental), de cinquenta por cento; e as Casas 4 e 8, de setenta por cento (quadratura).

Ocorre um aspecto especial quando os planetas estão em conjunção, isto é, quando dois ou mais planetas estão localizados no mesmo signo do zodíaco. O resultado dependerá de os planetas serem amigos ou inimigos. Se dois planetas estão com 1° de afastamento entre si (conhecido como *yudh bala*) é declarado um estado de guerra, e o planeta no grau menor ganhará, absorvendo a energia do vencido para os seus próprios fins. Entretanto, a Lua escapa desta batalha.

Saturno, Júpiter e Marte possuem aspectos especiais. Saturno faz aspectos poderosos nas Casas 3 e 10; Júpiter, nas Casas 5 e 9; e Marte, nas Casas 4 e 8. É bom quando os planetas benéficos possuem aspectos entre si. Um planeta que faz um aspecto com sua própria Casa, seja pelo aspecto da Casa 7 ou por um aspecto especial, aumenta sua influência. A oposição (Casa 7) torna-se muito boa quando é formada por Júpiter e pela Lua. Esta oposição é capaz de produzir resultados bons ou maus, assim como com a conjunção, dependendo da natureza dos planetas envolvidos.

É também digno de mencionar que cada planeta é um indicador, ou *karaka*, de uma determinada relação ou atividade. O Sol é *karaka* do pai; a Lua, da mãe; Marte, do irmão; Mercúrio, da profissão; Júpiter, dos filhos; Vênus, da esposa ou marido; Saturno, da longevidade; Rahu, das relações maternas; e finalmente Ketu, das relações paternas.

Yogas e Dashas

Um elemento singular na astrologia indiana é a importância dada a certas combinações dos planetas conhecidas como *yogas* (que significa "união"). Facilitando ou atrapalhando nosso caminho pela vida, elas revelam o desenvolvimento da nossa personalidade e alma. Nem todas as pessoas as terão em seus horóscopos. As mais procuradas são as extremamente raras, *panchamahapurusha yogas* — *panch* significa "cinco", *mahapurushas* significa "pessoas elevadas". Elas são formadas quando os cinco planetas — Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno — estão em seus próprios signos ou em exaltação na Casas *kendra* (Casas 1,4,7 e 10). Se estiverem em conjunção com Rahu ou Ketu, elas se tornam muito poderosas, mas também imprevisíveis.

A *Raja Yoga* é uma combinação favorável dos regentes das Casas 5 e 9 com os regentes das *kendras*. *Raja* significa "rei"; uma pessoa com *raja yoga* provavelmente terá muito sucesso. Entretanto, seus efeitos podem ficar enfraquecidos ou cancelados. É criado um *Kal Sarpa Yoga* quando todos os planetas num horóscopo ficam entre Rahu e Ketu. Neste caso, isto não indica nem sucesso nem fracasso, mas uma luta com forças cármicas fortes do passado. Existem várias outras *yogas* que complicam e enriquecem a leitura de um horóscopo.⁹

Outro elemento único na astrologia indiana é o *dasha*. *Dasha* significa "direção". Diz-se que planetas diferentes "regem" períodos diferentes de nossas vidas que são conhecidos como *dashas*. O sistema introduz uma dimensão do tempo nos mapas e prevê eventos em sua vida. Os *dashas* são consecutivos, porém os seus períodos não têm a mesma extensão. O Sol governa por seis anos; a Lua, por dez; Marte, por sete; Rahu, por 18; Júpiter, por 16; Saturno, por 19; Mercúrio, por 17; Ketu, por sete; e Vênus, por vinte. O ciclo completo dura 120 anos, a suposta duração natural da vida de uma pessoa na época de *Os Vedas*, quando o sistema foi elaborado. Se nascermos durante um *dasha* de Rahu, os *dashas* seguintes serão obviamente de longa duração. Existem até *subdashas*, e *subsubdashas*, que colocam em destaque períodos mais curtos. Em qualquer momento escolhido existem geralmente três planetas afetando nossas vidas, e sua influência dependerá dos signos, aspectos e Casas em que se encontram.

Enquanto o mapa natal destaca certos elementos do nosso carma e caráter, o sistema *dasha* mostra quando eles ficarão proeminentes em nossa vida. O primeiro *dasha* no ciclo de 120 anos é decidido pela posição da Lua no nascimento. Para calcular o padrão *dasha* é necessário descobrir qual o período *dasha* em que você nasceu.¹⁰ O primeiro é o *dasha* mais importante a ser examinado, pois ele indica o que está destinado para depois em sua vida.

Os trânsitos (*gocharas*) são sempre considerados em relação aos *dashas*. Naturalmente, o horóscopo mostra a posição dos planetas no momento do nascimento, mas eles estão continuamente circulando no zodíaco durante a vida da pessoa e vão interagir com o mapa natal. A maioria dos trânsitos é considerada a partir da posição da Lua. Existem trânsitos rápidos com os planetas de movimento rápido, como o Sol, Lua, Mercúrio, Marte e Vênus, e que podem colocar assuntos passageiros em destaque. Os planetas de movimento mais lento, Júpiter e Saturno, terão efeitos mais profundos e mais abrangentes, o primeiro trazendo boa sorte e oportunidade e o último, luta e desafio. A Lua, que é o planeta mais rápido, leva dois dias e meio para atravessar um signo zodiacal e 27 dias para atravessar o zodíaco inteiro; Saturno leva dois anos e meio e 29 anos e 10 meses, respectivamente. Um trânsito de um planeta dura do momento em que ele entra no signo ao momento em que ele o deixa. Como um planeta ocupa Casas diferentes, ele dará destaque a áreas diferentes da sua vida. A Lua é o trânsito mais observado: poucas pessoas na Índia iniciarão um novo projeto quando a Lua estiver minguando e várias adaptarão suas vidas ao seu ritmo mensal.

15

Mansões Lunares

ENQUANTO A ASTROLOGIA OCIDENTAL DÁ GRANDE DESTAQUE AO NOSSO "SIGNO solar" (o lugar do Sol em nosso mapa num determinado signo do zodíaco), os astrólogos indianos, como os chineses, dedicam atenção especial às "mansões lunares" (a localização da Lua em determinada constelação). Desde os tempos antigos, os rituais religiosos indianos têm sido realizados em determinados dias do mês lunar, especialmente após a Lua Nova ou Cheia.

Foi o movimento anual do Sol em torno da eclíptica que inspirou os primeiros astrólogos indianos a utilizar as 12 constelações (signos) do zodíaco e as 12 Casas, como também as 12 unidades de tempo do dia. A Lua circunda a eclíptica a cada mês. Seguindo o curso da Lua pelas estrelas, os primeiros astrólogos indianos isolaram 27, ou 28, constelações que chamaram de *nakshatras*, ou "mansões lunares". Elas são similares aos *sieu* chineses, mencionados pela primeira vez no século III a.C. mas podem na verdade ser bem mais antigas e possivelmente sua fonte original. O primeiro texto astrológico indiano que sobreviveu, escrito por Lagadha em torno de 400 a.C. estabelecia regras para calcular as posições do Sol e da Lua em termos das *nakshatras*.

Naksha significa "aproximar", *tra* significa "em guarda" e a palavra inteira significa originalmente "uma estrela". A primeira referência conhecida ao grupo completo de 28 *nakshatras* está em uma passagem do *Atharva Veda* que começa de modo romântico: "Maravilhosas todas juntas, e brilhantes no céu são as serpentes ligeiras do Armamento! Desejoso da amizade das 28, reverenciei em meu canto o céu e os dias."¹ Cada *nakshatra* está associada a uma estrela em particular, em geral a mais brilhante na sua constelação, considerada uma deidade observando a vida humana. Elas são descritas como noivas da Lua.

As primeiras autoridades utilizaram 28 constelações para as mansões lunares, sem dúvida se espelhando no fato de que existem quatro semanas de sete dias em um mês, o que soma um total de 28 dias. O padrão de 27 *nakshatras* usado atualmente divide, de modo mais conveniente, os 360° do zodíaco, criando um arco de 13°20' para cada *nakshatra*. A

regência das 27 *nakshatras* pode também ser distribuída uniformemente entre os nove *grahas* ou planetas. E fica mais próximo do mês lunar no qual a Lua leva 27 dias, 7 horas, 43 minutos e 11 segundos e meio para voltar para 0° de Áries, de onde inicia sua jornada em torno do círculo do zodíaco. Finalmente, as 27 divisões das mansões lunares se ajustam com o *navamsha* (nono signo) do *vargas*, conhecido no Ocidente como "subdecanato", reconciliando as 12 divisões do zodíaco com as 27 divisões das mansões lunares. Os 108 *navamshas* correspondem aos signos do zodíaco repetidos nove vezes.

Um calendário indiano tradicional seguia as divisões *nakshatra* do mês. No *Mababharata*, por exemplo, um homem diz: "Eu saí com a Lua em Pushya e retornei com a Lua em Sravana."² Pushya aqui é a sexta constelação contando a partir das Plêiades, e as suas estrelas principais são Gama, Delta e Teta Cancr. Sravana é a 21^a, marcada pelas estrelas Beta e Gama Aquilae. Isto significa que o homem esteve fora por cerca de meio mês sideral — isto é, o período de tempo que a Lua levou para dar uma volta completa em torno da Terra, medida entre duas conjunções sucessivas com uma determinada estrela.

A unidade básica do calendário indiano é o mês lunar medido pela órbita da Lua em torno da Terra. Um mês intercalado, entretanto, é adicionado quando necessário para impedir que o calendário se afaste demais do ano solar. Os meses têm nomes retirados dos *nakshatras*, nos quais a Lua é Cheia. Para a maioria dos hindus na Índia, o mês começa com a metade clara, enquanto para os budistas a metade escura vem primeiro e a Lua cheia marca os principais festivais. Atualmente, o ano lunar começa com Chitra, enquanto o ano solar abre com Vishakha. Os hindus dizem que a atual Era de Kali começou na Lua Nova em Phalguna (os dois Phalgunis), em 3102 a.C., quando todos os sete planetas estavam em conjunção. A atração do calendário luni-solar indiano é que a medida do tempo está ligada às mudanças observadas nos céus. Quando vemos a Lua Cheia nas Plêiades, por exemplo, sabemos que estamos na mansão lunar de Krittika.

Para complicar ainda mais, os astrólogos indianos utilizam algumas vezes um calendário baseado em um mês lunar de trinta dias conhecido como *tithis*. Isto é para fazer coincidir o calendário lunar com o solar: a Lua circunda a eclíptica em 27 dias e meio, mas como o Sol parece ter se movido, é necessário para a Lua mais dois dias e meio para alcançá-lo e formar uma Lua Cheia, que resulta da luz do Sol refletida em sua superfície. Um dia lunar é, portanto, o tempo necessário para a Lua atravessar um *tithi* de um *nakshatra*, enquanto um dia solar é o tempo entre um nascer do Sol e o seguinte. Existem também 27 *yogas* (combinações) solar-lunares derivadas das posições do Sol e da Lua entre si. Elas são calculadas somando-se os graus das suas posições.

Ao examinar um mapa natal, a maioria dos astrólogos indianos considera a natureza do *nakshatra* ocupado pelo Ascendente, pois ele é considerado a base do caráter do indivíduo. Em seguida, eles considerarão o *nakshatra* ocupado pela Lua, pois ele representa as

tendências mentais e emocionais. Os *nakshatras* são também utilizados nos trânsitos, ligando as relações sutis entre o *nakshatra* do nascimento da pessoa e outros *nakshatras* no ciclo mensal.³ Os astrólogos indianos modernos com frequência traçam um mapa da Lua chamado de *candralagna*, para estabelecer o desenvolvimento do perfil de personalidade de uma mulher. Como a maioria dos casamentos na Índia ainda é acertada por acordos, os mapas da Lua são particularmente consultados em mapas de sinastria para verificar se um casal é compatível. Por fim, eles são empregados na astrologia eletiva para descobrir o dia mais auspicioso para um ritual ou evento específico, como um casamento ou mudança de casa.

Nos tempos antigos, parece que as mansões eram numeradas a partir de Krittika, as Plêiades, mas quando o sistema do zodíaco foi introduzido, elas passaram a ser numeradas a partir de Ashvini: a primeira mansão Krittika passou a ser a terceira mansão lunar.⁴ Os *nakshatras* ainda mantêm um elo íntimo com as estrelas.

As mansões lunares são também usadas para determinar a natureza dos diferentes períodos na vida conhecidos como *dashas*. É dito que os nove planetas regem, cada um, três *nakshatras*.

Cada uma das 27 *nakshatras* personifica sua própria parte na rica tapeçaria do simbolismo e da mitologia, independente daqueles dos signos e planetas.⁵ Elas representam a jornada da alma pela vida. Eu tentei listar suas qualidades essenciais.

1 A minha Lua está em *Ashwini* (0°—13°20' Áries)

Eu sou a cabeça do cavalo
Os meus deuses são os Ashwini Kumaras, os curadores milagrosos,
Sou regido por Ketu.
Eu reclamo
Sou convencido
Sou inteligente
Eu aceito.

2 A minha Lua está em *Bharani* (13°20'—26°40' Áries)

Sou a vagina
Meu deus é Yama, o que lida com a morte,
Sou regido por Vênus.
Sou saudável e feliz
Cresço na escuridão
Dou à luz
Eu prospero.

3 A minha Lua está em *Krittika* (26°40' Áries—10° Touro)

Sou a navalha
Minha deusa é Agni, a ígnea,
Sou regido pelo Sol.
Eu penetro de modo duro e suave
Sou dourado
Sou conhecido
Eu incendeio.

4 A minha Lua está em *Rohini* (10°—23°20' Touro)

Sou a carruagem
Minha deidade é Brahma, o Criador do mundo,
Sou regido pela Lua.
Busco a perfeição
Sou passional
Sou vermelho
Eu me movo.

5 A minha Lua está em *Mrigasira* (23°20' Touro—6°20' Gêmeos)

Sou a cabeça do veado
Minha deidade é Soma, o deus lua,
Sou regido por Marte.
Busco a experiência
Sou corajoso
Sou astuto
Eu supero.

6 A minha Lua está em *Ardra* (6°40'—20° Gêmeos)

Sou a jóia
Minha deidade é Rudra, o destruidor,
Sou regido por Rahu.
Expando minha mente
Absorvo energia
Sou verde
Sou orgulhoso.

7 A minha Lua está em *Punarvasu* (20° Gêmeos—3°20' Câncer)

Sou o arco
Minha deidade é Aditi, a mulher infinita,
Sou regido por Júpiter.
Trago o céu para a Terra
Ensino o caminho
Sou reto
Eu brilho.

8 A minha Lua está em *Pushya* (3°20'—16°40' Câncer)

Sou a flor, a flecha e o círculo
Minha deidade é Brihaspati, o conselheiro dos deuses,
Sou regido por Saturno.
Sou completo em mim mesmo
Eu expando e contraio
Sou puro e sagrado
Eu cresço.

9 A minha Lua está em *Ashlesha* (16°40' Câncer—0° Leão)

Sou a serpente
Minhas deidades são as Nagas, as serpentes,
Sou regido por Mercúrio.
Eu mato e curo
Solto a minha pele
Eu luto
Eu vejo longe.

10 A minha Lua está em *Magha* (0°—13°20' Leão)

Sou a casa e o palanquim
Minha deidade é Pitris, o antepassado
Sou regido por Ketu.
Sou poderoso e grande
Sou generoso
Sou idealista
Eu persevero.

11 A minha Lua está em *Purva Phalguni* (13°20'—26°40' Leão)

Sou a cama e a lareira
Minha deidade é Bhaga, o ser da sorte,
Sou regido por Vênus.
Sou rico e feliz
Falo bem
Trago presentes
Eu vagueio.

12 A minha Lua está em *Uttara Phalguni* (26°40' Leão—10° Virgem)

Sou as quatro pernas do telheiro Minha
deidade é Aryaman, o líder, Sou regido
pelo Sol. Permaneço na Terra Sou
sortudo Sou ereto Eu crio.

13 A minha Lua está em *Hasta* (10°—23°20' Virgem)

Sou a palma da mão
Minha deidade é Savitar, o deus sol,
Sou regido pela Lua.
Sou os cinco elementos
Sou os 12 signos
Sou dono do meu destino
Eu cavalgo.

14 A minha Lua está em *Chitra* (23°20' Virgem—6°40' Libra)

Sou a pérola
Minha deidade é Tvashtar, o arquiteto celeste,
Sou regido por Marte.
Acabo com a ilusão
Quebro o encantamento
Atraio outros
Eu transformo.

15 A minha Lua está em *Swati* (6°40'—20° Libra)

Sou o coral
Minha deidade é Vayu, o deus do vento,
Sou regido por Rahu.
Reproduzo a mim mesmo
Adquiro riqueza
Respiro profundo
Eu equilíbrio.

16 A minha Lua está em *Vishakha* (20° Libra—3°20' Escorpião)

Sou a roda do oleiro e o chefe do caminho
Minhas deidades são Indra, o deus dos deuses, Agni, o deus do fogo
Sou regido por Júpiter.
Estou no limiar
Sou esperto com as palavras
Volto-me para o meu centro
Eu observo.

17 A minha Lua está em *Anuradha* (3°20'—16°40' Escorpião)

Sou o lótus
Minha deidade é Mitra, o deus da luz,
Sou regido por Saturno.
Vicejo no lodo
Atinjo o Sol
Uno os opostos
Sou renascido.

18 A minha Lua está em *Jyeshtha* (16°40' Escorpião—0°Sagitário)

Sou o guarda-chuva e o brinco
Minha deidade é Indra, o deus dos deuses,
Sou regido por Mercúrio.
Uno céu e Terra
Sei para onde ir
Sou feliz
Eu fluo.

19 A minha Lua está em *Mula* (0°—13°20' Sagitário)

Sou a cauda do leão e o aguilhão do elefante
Minha deidade é Nritta, a deusa da morte,
Sou regido por Ketu.
Vou à raiz das coisas
Mostro a minha ira
Busco o poder
Eu desfruto.

20 A minha Lua está em *Purvashadha* (13°20'—26°40' Sagitário)

Sou o abano e a peneira de joeirar
Minha deidade é Apas, o deus da água,
Sou regido por Vênus.
Sou sábio e invencível
Mudo rápido
Almejo o máximo
Eu limpo.

21 A minha Lua está em *Uttarashadha* (26°40' Sagitário—10° Capricórnio)

Sou a tromba do elefante
Minhas deidades são os Vishwedevas, os deuses universais,
Sou regido pelo Sol.
Sou um local difícil para repousar
Tenho bons amigos
Conheço a mim mesmo
Sou modesto.

22 A minha Lua está em *Shravana* (10°—23°20' Capricórnio)

Sou a orelha e a flecha
Minha deidade é Vishnu, o preservador do universo,
Sou regido pela Lua.
Vejo com clareza
Sento-me em silêncio
Eu ouço.

23 A minha Lua está em *Dhanishta* (23°20' Capricórnio —6°40' Aquário)

Sou o tambor
Minhas deidades são os oito Vasus, os deuses do sol,
Sou regido por Marte.
Sou rico e generoso
Sou vazio por dentro
Sou corajoso
Eu luto.

24 A minha Lua está em *Shatabhishak* (6°40'—20° Aquário)

Sou um cavalo e uma flor de mil pétalas
Minha deidade é Varuna, o deus do oceano,
Sou regido por Rahu.
Sou formidável
Sou iluminado
Mergulho fundo
Eu floresço.

25 A minha Lua está em *Purva Bhadra* (20° Aquário—3°20' Peixes)

Sou a espada
Minha deidade é Aja Ekapada, a Cabra Perneta,
Sou regido por Júpiter.
Supero os obstáculos
Ataco e defendo
Sou abençoado
Eu semeio.

26 A minha Lua está em *Uttara Bhadra* (3°20'—16°40' Peixes)

Sou os gêmeos
Minha deidade é Ahir Budhyana, o deus da água,
Sou regido por Saturno.
Crio a escuridão
Busco o universal
Apoio os outros
Eu deixo seguir.

27 A minha Lua está em *Revati* (16°40'—30° Peixes)

Sou o peixe
Minha deidade é Pushan, o deus sol,
Sou regido por Mercúrio.
Percebo a verdade
Sou o fim
Concedo o nascimento
Eu transcendo.

Descobri que a *nakshatra* mais interessante é *Hasta*, cujo símbolo é a palma da mão. A quiromancia é utilizada com frequência junto à astrologia para refinar uma interpretação. Para os indianos, as mãos são cheias de simbolismo. As mãos direita e esquerda são energias masculina e feminina, assim como forças positiva e negativa em todo o universo. A mão espelha o sistema solar. As juntas dos quatro dedos representam os 12 signos do zodíaco. As juntas dos polegares e dos dedos de ambas as mãos mostram os trinta dias do mês solar e os trinta *tithis* do mês lunar.

Isso não é tudo. Os dedos e os polegares de uma das mãos simbolizam os cinco elementos (água, terra, céu, ar e fogo) e os cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato). O dedo médio é o dedo do destino, utilizado nos *pranayamas* do yoga para regular o sopro da vida. Os quatro dedos são também as quatro direções da bússola — Norte, Sul, Leste e Oeste. Acima de tudo, eles representam as quatro grandes motivações da vida espiritual indiana (*artha*, *kama*, *dharma* e *moksha*) e o objetivo final de toda a verdadeira astrologia indiana — o caminho para a iluminação.

16

Yogastrologia

ENQUANTO VISITAVA VARANASI, ENCONTREI UM ASTRÓLOGO QUE NÃO SOMENTE ME esclareceu a respeito da dimensão espiritual da astrologia indiana, como também demonstrou como os seus princípios são colocados na prática.

Swami Yogi Prakash viveu nos *ghats* no bairro Kamachha, em Varanasi. Seu cartão mostrava a figura de um homem nu meditando sobre uma flor de lótus com a serpente desenrolada da energia Kundalini surgindo da sua virilha, indo até sua cabeça. Os símbolos dos planetas se enfileiravam em ambos os braços, formando um triângulo. Swami Yogi Prakash descrevia a si mesmo como "Astrólogo, Especialista em Yoga, Tantrista, Conselheiro, Curador e Naturopata". Seu negócio, como dizia o cartão, era a "Yogastrologia".

Swami Yogi Prakash vivia em duas salas simples no terceiro andar de um bloco de apartamentos, cuja construção ainda não havia sido terminada. Um jovem abriu a porta e me pediu que tirasse os sapatos. Seu mestre era um homem de tamanho mediano, de meia-idade, ligeiramente gorducho, com uma longa barba preta e cabelos negros flutuantes que começavam a recuar nas têmporas. O local era pouco mobiliado, com uma cama e uma mesa baixa. O único luxo era uma grande televisão escura colocada em um recanto. Por trás de uma cortina havia um local para meditação com um altar para Shiva, o terceiro deus da trindade hindu, o Destruidor, que portava um tridente para escorraçar os maus espíritos.

Após obter um grau de mestrado em filosofia, Swami Yogi Prakash me disse que trocara a vida acadêmica pela espiritual. Com 18 anos tinha recebido uma revelação que mudara sua vida e agora devotava todo o seu tempo à busca da iluminação. Seu guru pessoal era Swami Naryab Tirth, que vivia nos Himalaias, onde se dizia que alguns homens santos viviam por duzentos anos.

Swami Yogi Prakash era cordial e alegre, mas podia rapidamente ficar sério. Parecia se ajustar à descrição de Varahamihira (que morreu em 587) do astrólogo ideal:

Um astrólogo deve ser de boa família, de aparência amigável, e se vestir de acordo com o padrão; verdadeiro e não maligno. Deve ser bem proporcionado, compacto e com membros bem proporcionados, sem defeitos físicos e ser um homem bom (...) além disso, deve ser regular na adoração aos deuses, em suas observâncias e jejuns; deve ser capaz de elevar o prestígio da ciência pela perfeição maravilhosa do seu ramo de estudo e resolver satisfatoriamente qualquer questão, exceto nos casos em que as agências sobrenaturais malogram os cálculos humanos; finalmente, que saiba tanto o texto quanto o significado dos trabalhos sobre astronomia, matemática, astrologia natural e horóscopo.¹

O meu astrólogo se sentou com as pernas cruzadas sobre um tablado de madeira atrás da mesa baixa, que tinha sobre ela um pequeno retrato do Senhor Rama, mandalas e yantras, símbolos usados para a meditação.

— Você não deve se sentar diretamente sobre o chão — observou. — Não deve fornecer muita terra para o seu *prana*, e sim mantê-lo em seu interior. Se dirigir seu *prana* para dentro, entrará no reino de Deus que está dentro de você.

Perguntei a ele sobre a melhor maneira de atingir a realização espiritual, o objetivo final de toda a astrologia indiana.

— Existem dois caminhos em direção à iluminação e salvação. Um é negar, negar, negar. O outro é aceitar, aceitar, aceitar. A tradição védica nega; a tântrica, aceita. Ela aceita os fenômenos imanentes e aquilo que você é como uma forma do divino. O tantra engloba o mundo como um todo.

— E o corpo? Ele é considerado um mal?

— O corpo não é um fim em si mesmo, mas um meio. Por que Deus lhe deu um corpo? Ele é somente uma escada para elevar sua consciência.

— E como isso é possível?

— O tantra acredita em uma energia cósmica suprema escondida no homem sob a forma conhecida como Kundalini. Ela é representada como uma serpente feminina com a boca apontando para baixo para a junção da medula espinhal. Por meio de certas disciplinas, pela graça de um guru ou deidade, a energia cósmica pode ser desperta e subir pela medula espinhal através dos sete chacras até o coronal na cabeça. Enquanto ela sobe, vai purificando todos. Isto o capacita a atravessar a fronteira da natureza, para que você se liberte do mundo empírico e atinja o reino do céu.

— Ficamos transformados com esse processo?

— Naturalmente que sim. Quando você caminha para o Objetivo Final, seu ser interior é transformado. Seu corpo astral, espiritual, é purificado. Você deixa seu

corpo físico, causai. Quando seu destino se torna limpo, você entra em *samadhi*, a iluminação.

— Isso leva muito tempo?

— Quando existe vontade, existe um caminho. Você precisa da intensidade da vontade para atingir a consciência. Eu verto toda a minha energia para realizar a mim mesmo. O yoga é um caminho bem prático. Os chacras podem sempre ser purificados. Embora leve uma vida caseira e tenha consciência do mundo, não sou apegado a ele. Se você entregar sua vida ao divino, ela nunca será em vão.

— O horóscopo determina a extensão da sua vida?

— Ao nascer, a duração da sua vida lhe é passada, mas você pode decidir como utilizá-la. Se usar sua respiração de maneira apropriada, poderá prolongar sua vida e decidir quando morrer. É como um jogo de futebol. O objetivo é um espaço vazio como sua respiração. Você pode decidir quando chutar seu corpo para o gol,...

— Você pode até inverter o ritmo do seu corpo e cruzar a fronteira da morte — continuou Swami Yogi Prakash. — Em *samadhi*, o ritmo do corpo pára, mas não deteriora. Nem todos podem fazer isso.

— E como conseguiu isso?

— Existem três maneiras de atingir o *samadhi* e ter uma rápida visão do Senhor: pelos mantras, pela meditação e pela medicina. Ao repetir os mantras, você ora sem cessar para não se esquecer do Senhor. Na meditação, você dirige o fluxo da energia que está no seu interior. Na *karma yoga* sua consciência é una com o Senhor.

Eu ainda encontrava dificuldade para enquadrar a idéia do livre-arbítrio na de nascer com um número predeterminado de respirações.

— Podemos escapar ao determinismo? — perguntei. — Então sua vida não seria fixada no nascimento pelo seu horóscopo?

— É como um programa de televisão — disse Swami Yogi Prakash com um sorriso amigável, apontando para a caixa-preta inerte em um canto acima da sua cabeça. — Quando entramos no mundo dos fenômenos, é como um roteiro da vida de alguém que foi escrita e filmada. Mas você pode sair do roteiro. Pode escapar deste círculo de dependência, pode se libertar de *sansara*, a roda dos renascimentos, purificando sua energia e atingindo a consciência cósmica.

— E quanto ao futuro? O que prevê para o futuro?

— Uma época muito perniciosa está se aproximando para a humanidade — profetizou Swami Yogi Prakash. — Logo chegará, em dez ou 15 anos. Estamos fora do equilíbrio; as mulheres estão sendo usadas e os homens são tratados como coisas. Existe uma busca crescente por dinheiro e sexo.

— Isto significará o fim do mundo?

— O mundo não vai acabar, mas cerca de dois terços perecerá. Então, haverá um novo começo. Tenha fé!

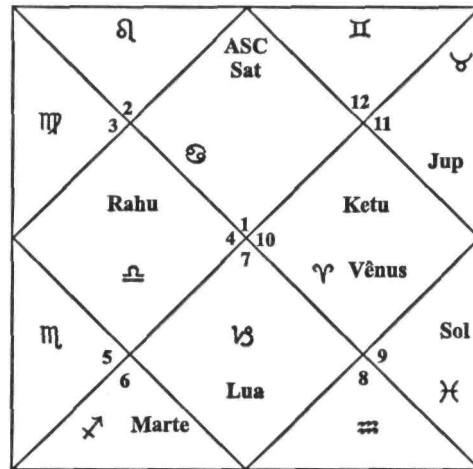
Swami Yogi Prakash lembrava bem um guru da Índia moderna, que conhecia a filosofia e a religião tanto ocidental quanto indiana, pronto para adaptar sua antiga sabedoria às necessidades dos ocidentais.

Traçando o Mapa

Minha companheira de viagem, Elizabeth, estava ansiosa para ter seu horóscopo traçado e passou para Swami Yogi Prakash o dia e a hora do seu nascimento — 20 de julho de 1950, 22h. Voltamos no dia seguinte. Ele tinha convertido a hora do nascimento do horário sinódico ocidental para o horário sideral indiano, das 22h para 12h32, levando em consideração o efeito de *Ayanamsha*, ou Distância Precessional.

A maioria dos astrólogos indianos ainda não utiliza os computadores e faz cálculos extensos. O horóscopo final apresenta os resultados sob a forma de um mapa dos planetas "ligados" pelo Ascendente, ou *lagna*. Enquanto a astrologia ocidental destaca o signo solar, a *Jyotish* acredita que a posição do Ascendente fornece maiores esclarecimentos sobre a vida da pessoa.

São usadas duas formas diferentes de mapa no Norte e no Sul da Índia. Os horóscopos no Ocidente têm geralmente a forma circular, mas na Índia eles são quadrados. A forma do Norte, que era praticada por Prakash, utiliza triângulos e diamantes dentro de um quadrado, e as Casas não se movem. Começando com o *lagna* na Casa 1 no diamante do alto, os signos Ascendentes no zodíaco se movem na direção contrária aos ponteiros do relógio. Os 12 signos superpostos em cada uma das 12 Casas variarão portanto de acordo com o *lagna* da hora e local de nascimento. Eis o mapa de Elizabeth:



No mapa, os números indicam as Casas. O Ascendente está localizado na Casa 1. Os planetas do horário de nascimento de Elizabeth estão distribuídos segundo os seus signos. Vênus e Ketu, por exemplo, ocupam a Casa 10 e o primeiro signo (Áries).

No Sul da Índia, os signos do mapa são fixos e sempre representados pelos mesmos quadrados. O signo Ascendente é geralmente marcado com uma linha diagonal (ou Lg, representando *lagna*) onde começa a Casa 1, e o restante das Casas segue na direção do movimento dos ponteiros do relógio. Vemos então que Áries está na Casa 10, como no formato do Norte.

♈ 9	♉ 10	♊ 11	♋ 12
♌ 8			♍ 1 Lg
♎ 7			♏ 2
♐ 6	♑ 5	♒ 4	♓ 3

Diferente do mapa ocidental, poucos são os detalhes traçados nos mapas indianos. As informações são listadas ao lado e o astrólogo trabalha os aspectos segundo as regras mencionadas anteriormente.

Interpretando o Horóscopo

Ao interpretar o horóscopo de Elizabeth, Swami Yogi Prakash estava feliz e me permitiu ficar e tomar notas sobre a consulta. Primeiro ele enfatizou a importância da Lua em seu mapa: regia não somente o signo Ascendente, Capricórnio, como também ocupava a Casa 7, que tradicionalmente se refere ao marido e à morte.

— O efeito total da Lua — disse — é sentido ao fazer você feliz em uma noite enluarada. Durante os dois dias antes da Lua Cheia você fica alegre. O princípio da Lua é mudar: você gosta de atividade e deseja mudar sua vida. Gosta de viajar atravessando o mar muitas e muitas vezes. Deveria viver próximo de um lago ou da água, e não em um primeiro ou segundo andar de um edifício.

Tudo isso era surpreendentemente verdadeiro: Elizabeth vivia próximo a um grande rio e tinha iniciado uma viagem de barco a vela de longa distância. Também gostava de viajar e de mudar.

— Você atrai o sexo oposto com muita facilidade — continuou. — Gosta de romance; romance no qual suas emoções sejam enriquecidas e não exista somente o amor sexual. O lado emocional é para você mais importante que o passional.

Puxando alegremente os cabelos, Prakash brincou:

— Você nunca ficará sem um parceiro! Seu destino é não ficar sem um parceiro.

No Leste a indulgência sexual ocorre somente dentro do casamento, mas sei que é diferente no Ocidente. Sua primeira ligação terminou em desastre. Marte é um planeta inferior no seu mapa, Saturno na sua Casa 1 atrasa o processo, mas você finalmente encontrará uma pessoa que ficará na sua vida: o seu sétimo marido! Você tem muitos amigos.

Perguntei a mim mesmo se eu seria o sétimo amor na sua vida... Prakash então se voltou para a questão da saúde. Examinando a mão de Elizabeth com uma lente de aumento, disse:

— Você tem uma fraqueza nos intestinos. Deve ter cuidado com as operações. Examinando cuidadosamente as unhas, acrescentou:

— Não deve se exaurir. Você tem uma fraqueza nervosa, tanto mental quanto física. Havia boas-novas a respeito das suas perspectivas de trabalho:

— Você nunca ficará sem emprego. Trabalhará sempre com algum vínculo e não como *free lancer*.

Era verdade que Elizabeth tinha passado a maior parte da sua vida como conferencista e agora teria um lugar permanente se quisesse. Voltando para o futuro, ele declarou:

— Com o Sol na Casa 9 e um bom aspecto entre as Casas 5 e 9, seu futuro é brilhante como o Sol. Deve praticar o *sadhana*: meditação e adoração. Deverá ter muita fé e virtudes para a próxima vida. Deveria praticar o *bhakti yoga*, a devoção, usando suas emoções para o romance com o divino. Possui um signo oculto chamado de "cruz mística" que mostra sua capacidade e potencialidade escondidas para desenvolver suas qualidades místicas.

Para terminar, Prakash repetiu:

— Seu futuro é brilhante. Nunca ficará sem dinheiro. Tem um bom casamento entre o Sol e a Lua. Poderá desenvolver a faculdade da imaginação para fazer os sonhos acontecerem.

Passou para Elizabeth um pedaço de papel enfeitado com o seu símbolo de meditação yogue rodeado pelos símbolos dos planetas. Continha um desenho do seu mapa com duas sugestões. A primeira era para usar branco e uma pérola de quatro quilates em um anel de prata no dedo anelar da mão esquerda. A segunda era para praticar um relaxamento yogue profundo todos os dias por algum tempo.

Ao término, Elizabeth e eu meditamos em um pequeno quarto ao lado diante de um altar dedicado a Shiva. Quando saímos, Swami Yogi Prakash nos abraçou com carinho no fim do corredor do seu edifício inacabado, elevando a voz acima do ruídos do prédio e da rua. Foi um momento emocionante. Ambos sentimos que tínhamos encontrado uma pessoa muito especial. Comprei o anel para Elizabeth. A próxima vez que vi Swami Yogi Prakash foi na televisão britânica explicando para milhões de pessoas o significado do grande festival de Kumbh Mela.

17

Crise e Salvação

EU NÃO HAVIA FEITO UM HORÓSCOPO NA ÍNDIA, POR ISSO, AO VOLTAR À INGLATERRA, decidi entrar em contato com Komilla Sutton, co-fundadora e presidente da British Association for Vedic Astrology e autora de *The Essentials of Vedic Astrology*, *Vedic Love Signs* e *The Lunar Nodes*. Eu a encontrei em Hampshire, Sul da Inglaterra. Era uma mulher na faixa dos quarenta anos, vestida com um sari verde-escuro e com uma pequena pedra vermelha entre as sobrancelhas. Usava um pequeno colar de ouro com Ganesha, o deus-elefante, pendurado e possuía uma grande estatueta do deus em sua sala de estar — Ganesha é o deus hindu da astrologia, dos obstáculos e dos começos.

Nascida em Nova Délhi, Komilla tinha sido atriz por 12 anos em "Hollywood", o equivalente indiano de Hollywood em Bombaim (agora Mumbai). Dividia seu tempo entre a Índia e a Inglaterra, e viajava pelo mundo como conferencista e consultora de astrologia védica.

Na quietude da sua casa no subúrbio, cheirando a incenso, ela explicou como a astrologia ainda fazia parte da vida na Índia e que muitas famílias tinham seu astrólogo. As pessoas consultavam com frequência os astrólogos quando tinham algum problema. Muitos tinham seu mapa atualizado todos os anos — a cada aniversário — para verificar o que estava destinado para eles.

Nas aldeias da Índia rural o astrólogo sempre fora respeitado como um homem sábio. Ele dava conselhos sem pedir qualquer pagamento, embora isto estivesse mudando atualmente. O conhecimento era passado pela tradição oral de geração em geração. Só há pouco as mulheres tinham se tornado astrólogas.

— A astrologia — acrescentou Komilla — é conhecida como o Olho dos *Vedas*. Está ligada a tudo. É preciso ter o conhecimento das estrelas e dos movimentos planetários para compreender os *Vedas*, a Ayurveda e até a dança na Índia.

Perguntei a ela quais eram as principais diferenças entre a astrologia indiana e a ocidental.

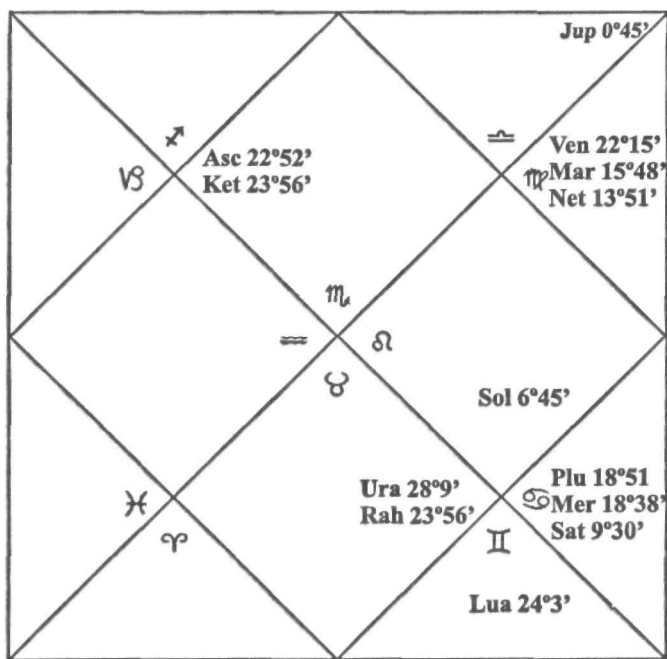
— A diferença principal é que ser um astrólogo védico é uma vocação. Respeito totalmente o meu trabalho e não vou contra o meu sistema de crença. A astrologia védica não é somente um passatempo ou um sistema de interesse como a astrologia no Ocidente.

— Quais são os seus objetivos principais?

— A astrologia védica se preocupa, em primeiro lugar, em definir seu propósito de vida e, em segundo de que maneira o momento do seu nascimento o afeta e como você poderá realizar seu propósito da melhor maneira possível. Há uma grande profundidade e responsabilidade.

Em geral, ela observou, as pessoas chegam a ela com uma pergunta em particular.

— O fato de você ter vindo hoje às duas horas é muito interessante. Você chegou quando Júpiter está surgindo no céu, e Júpiter rege livros, conhecimento e sabedoria!



Mapa Rashi
Peter Marshall
23/8/1946 Bognor Regis, Inglaterra
0°41'0"O 50°47'0"N, Sexta-feira
Horas 6h0m0sBST
Ayanamsha 23°6'27", Sistema Lahiri

Ela puxou o meu mapa no *laptop* que estava diante dela. Em vez de usar o zodíaco tropical da astrologia ocidental, que mostra a relação da Terra com o Sol, o programa

védico de computação utiliza o zodíaco sideral, que relaciona os planetas contra um fundo das estrelas. Isto possui implicações importantes para seu signo solar e para seu mapa como um todo. Como já vimos, por causa do complexo fenômeno conhecido como precessão dos equinócios, o ponto equinocial em relação às estrelas se move com lentidão para trás, de Leste para Oeste. Os zodíacos tropical e sideral se sobrepuseram em 285 d.C, porém desde então eles têm se distanciando gradualmente. A diferença longitudinal, conhecida como *ayanamsha*, significa agora que segundo o sistema Lahiri, usado por Komilla, o primeiro grau de Áries na astrologia ocidental está próximo dos 7° de Peixes na astrologia védica. Portanto, os astrólogos ocidentais colocam a data do meu nascimento — 23 de agosto — no fim de Leão, e algumas vezes até no início de Virgem, enquanto os astrólogos indianos o determinam firmemente em Leão. Como a astrologia védica leva em consideração a precessão dos equinócios, seu mapa reflete com mais precisão a posição atual dos planetas no céu do que a astrologia ocidental.

Dando uma olhada na tela do *laptop*, Komilla começou sua interpretação:

— Sabe, você tem um mapa muito interessante. Tem Escorpião como Ascendente e também uma situação incomum conhecida como *Kal Sarpa Yoga*. A maneira como os nodos da Lua estão situados é extremamente profunda. Todos os seus planetas estão em um dos lados do eixo nodal. Os nodos lunares Rahu e Ketu são muito importantes na astrologia védica e representam o carma e a luta para descobrirmos nosso ser verdadeiro. *Kal* significa tempo e *Sarpa* significa cobra. É quase como se uma cobra tivesse se entrelaçado ao seu redor. Em geral, uma cobra é um símbolo de memórias e assuntos de vidas passadas.

Isso me pareceu sinistro, mas felizmente eu não estava sozinho — Nelson Mandela, Paul McCartney e Harrison Ford todos tinham um *Kal Sarpa Yoga* em seus mapas!

— Esta *yoga* — continuou Komilla — significa que um tipo de bloqueio divide sua vida. Nos primeiros anos, metade da sua vida foi vazia. Você deve ter enfrentado uma rejeição quando era bem pequeno.

Isso fez disparar uma lembrança. Assumi a rejeição no fato de o meu pai ter deixado minha mãe quando eu tinha menos de dois anos e nunca mais ter me procurado.

— Até você encontrar seu ser espiritual, com uns quarenta anos — prosseguiu Komilla —, você sentiu muita rejeição interna.

Talvez, embora eu nunca a tivesse vivenciado desta maneira. Mas havia alguns elementos positivos:

— Com o seu Ascendente em Escorpião, você é um grande idealista. Um ponto de sorte no seu mapa é que ambos os nodos estão exaltados, o que indica uma busca por *moksha*, a salvação. Quando se nasce às 16h, Ketu também está surgindo acima do

horizonte oriental, assim como Júpiter agora, o que cria um tipo de energia mística, embora você não pudesse compreendê-la quando jovem. Isto certamente era verdade no meu caso.

— Especificamente — disse Komilla, buscando o meu mapa na tela —, acho que a década de 1990 foi uma das épocas mais profundas da sua vida. Foi a época do seu *dasha* Ketu. Deve ter agitado suas emoções, mas também o capacitou a descobrir quem você era e o que buscava na vida.

Mais uma vez me pareceu correto. Eu havia me separado da minha esposa na década de 1990 e tinha atravessado um longo e difícil período de busca espiritual e reajustamento, durante o qual assumira um caminho mais espiritual. O fator que desencadeara isto fora minha pesquisa sobre alquimia e astrologia.

— O mapa me sugere que os relacionamentos são importantes para você, mas você pode ser perfeccionista em excesso. Aspira ao idealismo, *moksha*, até no amor!

Parece que haveria uma grande mudança a caminho em minha vida. A partir do ano 2000, e pelos próximos vinte anos, eu estaria sob a influência de Vênus, que estaria regendo a minha Casa 7, que é a Casa dos relacionamentos pessoais.

— Antes do ano 2000, você poderia ter desistido de tudo — sugeriu Komilla —, mas desde então você desenvolveu um novo relacionamento. Pela primeira vez na sua vida você encontrou a parceira certa!

Era verdade que a partir daquela época eu tinha planejado minha vida com Elizabeth. Mas nem tudo seria luz e tranquilidade. Haveria desafios à espera. Parecia que minha principal curva de aprendizagem estaria nos relacionamentos.

Komilla prosseguiu:

— No seu mapa você tem uma conjunção Marte-Vênus, que ocorre no signo de Virgem. Na astrologia védica, Virgem é muito idealista — é a Virgem —, o que sugere que você deseja um relacionamento perfeito. Você tem Rahu na Casa 7, o que também é uma busca pela perfeição. Mas existe uma possibilidade definida de parceiras múltiplas, mesmo agora. É um grande problema para você assumir um compromisso!

Isto certamente acontecera no passado, e eu achava que já tinha mudado.

— Você precisa de uma parceira que compreenda sua necessidade de viajar e que fique a seu lado naquilo que você fizer. Você é um viajante por natureza: a sua *nakshatra* lunar é *Punarvasu* (em Gêmeos), o que significa um outro lar. Deseja viajar em níveis diferentes de consciência e diferentes níveis da sociedade. Gosta de estar em casa, mas também de sair. Se tiver uma parceira muito possessiva, encontrará dificuldades de se relacionar com ela. Precisa de alguém semelhante a você. Todo o seu mapa me diz que os

seus relacionamentos serão seu maior desafio até 2020. A sexualidade é uma parte

importante de você; seu Ascendente é Escorpião, que é o signo da sexualidade. Terá que se resolver com ele. A boa notícia é que será possível para você encontrar a felicidade.

— E o que acontecerá após 2020, quando o meu *dasha* Vênus terminar?

— Após esta data, o Sol será bem poderoso para você aos 74 anos. O que se segue é bom, uma espiral ascendente para atingir as aspirações, atingindo aquilo que você deseja.

Esta era uma previsão a longo prazo; os próximos dois anos seriam cruciais. Eu estaria entrando num período conhecido como *sade sati*, período em que Saturno transitará pela minha Lua. Seus efeitos já se faziam sentir e culminariam no próximo mês de julho. Isto acontece três vezes em uma vida normal, a cada 24 anos mais ou menos.

— Em geral, ele sugere alguma mudança ou transformação maior, particularmente na sua maneira de pensar — explicou Komilla —, e eu costumo aconselhar meus clientes que esta não é uma época de tomar decisões! Existe uma grande pressão para mudar tudo rapidamente. E se tomarem decisões impulsivas, como sair do emprego ou mudar de casa, em geral se arrependerão de alguma forma!

— E pode ser perigoso?

— Não há necessidade de ter medo ou de se preocupar. *Sade sati* é como um aviso de tempestade. É uma situação astrológica problemática, mas se você estiver atento a ela, será mais fácil de lidar. Simplesmente permaneça bem consciente das suas escolhas. Saturno é o planeta de movimento mais lento e representa a pressão e o estresse, enquanto a Lua é o planeta de movimento mais rápido. Quando um toca o outro, a mente pode ficar muito agitada, ocorrendo mudanças súbitas.

— Eu achava que uma pessoa espiritualmente desenvolvida seria capaz de neutralizar a influência das estrelas e permanecer calma em todas as circunstâncias.

— Não penso assim. As estrelas o influenciam, você tem o livre-arbítrio, mas o destino, o resultado do seu carma passado, pode intervir quando você acha que está planejando cuidadosamente sua vida. Tudo aquilo que você fez no passado, terá de lidar com ele agora, e tudo que fizer agora, refletirá no que acontecerá no futuro. O seu livre-arbítrio é sua habilidade de enfrentar os trânsitos, mas seu destino se faz sentir quando você faz algo impulsivo e cria problemas enormes para si mesmo! Por exemplo, estou cem por cento segura de que o próximo mês de julho será difícil para você — é algo tecnicamente preciso —, mas você poderá melhorar a situação em até oitenta por cento, dependendo da maneira como encarar o desafio. Fazer yoga ou meditação poderá ajudar muito.

— Pode me explicar um pouco mais o que significa carma?

— O seu carma consiste das escolhas que você fez em vidas anteriores, mas no momento em que o cordão umbilical é cortado, a memória das escolhas é perdida. O seu

carma é um grupo de memórias subconscientes das suas próprias ações passadas. Na filosofia indiana, o carma é de sua própria responsabilidade. Você não pode culpar sua mãe, seu pai ou alguém mais. Você agiu de uma determinada maneira no passado e terá de lidar com isso nesta vida. Quando se conscientizar do seu carma, poderá aprender a como lidar com ele. Se agir com sabedoria, terá um mínimo de dor; se agir no impulso, simplesmente repetirá os antigos padrões. Somente você pode fazer a escolha.

— Você pode, então, aconselhar o que as pessoas devem fazer?

— Posso dar uma orientação, mas no fim do dia você terá de fazer suas próprias escolhas. Posso apenas dizer a época e aquilo que as estrelas dizem, mas não assumo a responsabilidade por fazer uma boa previsão ou não. No fim, a responsabilidade é sua. É como receber um mapa para você mesmo colorir.

— Você já errou alguma vez?

— A época é sempre certa, mas a resposta nem sempre é clara. A situação planetária intensa no início de março de 2003 sugeria, por exemplo, uma guerra no Oriente Médio, mas a situação pode ser desencadeada de várias maneiras. Em vez da guerra declarada, vimos protestos pela paz em todo o mundo.

Komilla insistiu comigo que eu pelo menos não parasse de escrever, qualquer que fosse a intensidade do meu *sade sati* que se aproximava:

— Com Ketu no Ascendente, você possui o conhecimento intuitivo, e quando escreve sobre o seu assunto, pode ser bem intuitivo. O seu estilo só poderá ficar melhor.

Tendo lidado com minhas vidas passadas, relacionamentos e trabalho, Komilla então se voltou para um dos temas favoritos de todas as astrologias, inclusive a indiana: as finanças.

Fiquei surpreso, embora não totalmente convencido, ao ouvi-la dizer:

— Dinheiro não é um problema no seu mapa. Você tem muita sorte com dinheiro. Parece ter um talento para fazer dinheiro quando ele é necessário. Seu mapa sugere que você é bom para lidar com dinheiro.

— Acho que o meu banco não concordaria com isso.

— Você pode achar que não é, mas na verdade é. Não pode mentir para um astrólogo. Financeiramente será bom para você.

Por fim perguntei a Komilla qual era a natureza geral do meu mapa. Era bom?

— Você tem um mapa... — E então fez uma pausa tentando encontrar a palavra certa. — que é muito cármico.

— É uma maneira educada de dizer que ele indica muitos problemas?

— Você tem muito potencial, mas ainda não o realizou por causa do seu *Kal Sarpa Yoga*. No momento do seu nascimento, o seu Sol estava na sua própria Casa, na 10, o que

é uma posição muito poderosa. Quando se nasce às quatro horas, o Sol também está no Meio do Céu, por isso ele é realmente poderoso. Isto lhe traz uma grande carreira. Você tem de ser bem-sucedido!

Então as perspectivas eram boas em geral. Eu deveria ser cuidadoso com os meus relacionamentos e logo as situações ficariam intensas, mas a longo prazo eu não deveria me preocupar com o meu trabalho ou com as finanças. Na verdade, a felicidade era possível.

Quando estávamos para terminar nossa conversa, Komilla começou a enfatizar a natureza espiritual da astrologia védica. Segundo *Os Vedas*, ela explicou, existe uma Alma Universal (literalmente "o ventre do veado" em sânscrito) da qual emerge a Alma do Mundo ligada ao tempo, que por sua vez faz surgir a alma individual (*atman*). Como todos nós estamos ligados à Alma do Mundo e à Alma Universal, se uma pessoa decidir mudar algo, ele ou ela poderá fazer uma grande diferença para o universo como um todo.

— Quando a alma penetra no corpo? — perguntei a ela. — Alguns dizem que é no momento da concepção.

— Certamente algumas pessoas na Índia consultam astrólogos para decidir sobre o momento certo para a concepção, mas eu acredito que a alma penetra no corpo com a primeira inspiração e o primeiro choro. Antes do nascimento, a alma pode penetrar no ventre, mas pode não ficar ali, como no caso de um aborto. Cada alma é responsável pela escolha do seu próprio corpo.

Eu ainda tinha algumas perguntas importantes sobre a astrologia indiana. Perguntei se ela achava que a astrologia era uma arte ou uma ciência.

— É uma ciência — insistiu Komilla. — É muito técnica e precisa. Posso saber onde estarão os planetas daqui há cem anos, ou em dez mil anos. Mas existe uma arte na análise da situação. E como a previsão do tempo.

— Uma ciência inexata?

— Sim. O conhecimento é perfeito, mas a interpretação é inexata. No fim do dia, o astrólogo deveria estar bem, com a mente calma e totalmente desligada, mas todos nós cometemos erros.

— Você pode me dizer quando eu morrerei?

— Não gosto de falar da morte. É como brincar de ser Deus. Na Índia, entretanto, as pessoas lhe dariam dez datas diferentes.

— Como você acha que os planetas nos influenciam? É através de algum tipo de magnetismo ou de raios estelares como dizem alguns astrólogos?

— Acho que existe algum magnetismo. A Lua influencia a Terra todos os dias; ela influencia os animais e as marés. É algo que não conseguimos compreender. Não pode-

mos quantificar, porém não tenho dúvidas de que a influência está lá. Eu venho de uma tradição que simplesmente a aceita. Eu já a vi em ação várias e várias vezes, exatamente no momento preciso, como acender ou desligar uma lâmpada.

— Pode me dar um exemplo?

— Na semana passada havia uma oposição que tornava a vida difícil. Eu pude ver o processo. Você sabe o momento, sabe que terminará no sábado. Todos a sentem, mas somente se você conhecer astrologia saberá de fato o que está acontecendo.

— E isso se aplica também a eventos mundiais?

— Sim. Quando temos uma conjunção de Marte com Saturno, temos queimadas na América e terremotos na China. Pode predizê-lo com cinquenta ou cem anos de antecedência.

Retornei para o meu motivo original de viajar centenas de quilômetros para estar com Komilla e perguntei a ela:

— Como a astrologia indiana pode ajudar uma pessoa a entender a si própria?

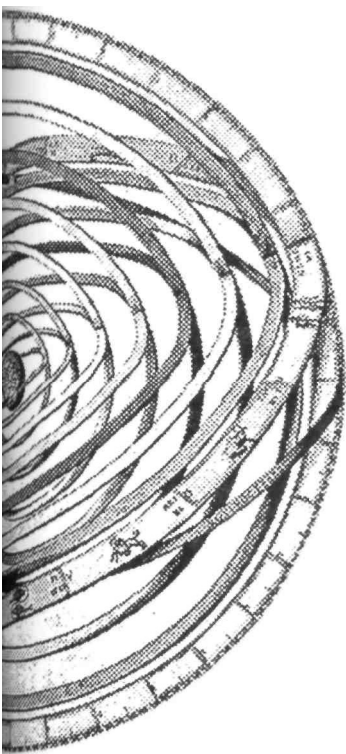
— A astrologia o ajuda a compreender as influências que você traz de vidas anteriores que estão cristalizadas no mapa.

— O mapa é um mapa da psique, como chamam alguns astrólogos?

— Sim. O mapa da sua vida mostra suas restrições.

— E possibilidades...?

— Cada mapa mostra os negativos e positivos de cada alma. Mas as possibilidades são infinitas. Isso é Kundalini, o poder latente dentro de você que está adormecido como uma serpente enrolada. Se você compreender seu próprio poder, poderá ir em uma direção diferente. Poderá caminhar contra o fluxo, como uma serpente em movimento espiral ascendente se desenrolando.



TERCEIRA PARTE

Mistérios do Deserto: Mesopotâmia e Egito

18

Nas Águas da Babilônia

Toda a humanidade se regozija em ti, Shamash, o mundo inteiro anseia pela tua luz...

HINO DE NÍNIVE

QUANDO CONTEMPLAMOS OS ÁRIDOS DESERTOS DO IRAQUE, ENTRE OS RIOS TIGRE E Eufrates, percebemos imensas colinas desgastadas que se levantam contra a linha do horizonte de azul profundo. Elas são tudo que restou de cidades magníficas, templos e palácios de várias civilizações importantes que floresceram na Mesopotâmia em uma terra verde e fértil, regada por um complexo sistema de irrigação. Há cerca de seis mil anos, seus povos começaram a construir as esplêndidas cidades de Ur, Uruk, Babilônia e outras. Em sua religião estelar repousam as origens da astrologia ocidental.

Foi só recentemente que nós começamos a apreciar as glórias das civilizações antigas da Mesopotâmia, e sem dúvida há ainda muita coisa enterrada sob as areias do Iraque. Em 1835, em uma face de um rochedo escarpado nas montanhas de Behistun na Pérsia (atualmente Irã), um diplomata inglês chamado Henry Crewicke Rawlinson descobriu uma grande inscrição esculpida em três línguas desconhecidas. A escrita utilizada era esculpida sobre uma superfície cuidadosamente preparada em caracteres de formato triangular, agora chamados cuneiformes, do latim *cuneus*, que significa cunha. Era o equivalente mesopotâmico da Pedra da Roseta, a chave para decifrar os hieróglifos egípcios. Rawlinson soube que os textos estavam escritos em persa, elamita e acadiano e que tinham sido esculpidos por ordem do rei persa Dario, que reinou no século V a.C.

Sete anos após a descoberta de Rawlinson, o cônsul francês Paul-Emile Bota começou a cavar numa enorme montanha em Mosul, do outro lado do Rio Tigre. Agora se sabe que ele descobriu Nínive, a antiga capital da Assíria. Na escalada em busca de antiguidades

que se seguiu, a parte do leão foi para o Museu Britânico, que agora detém mais de 130 mil tábuas cuneiformes. Cerca de 2.500 tábuas e fragmentos de Nínive da coleção Kuyunjik são de interesse astrológico.

A Mesopotâmia, região entre as partes baixa e média do Tigre e do Eufrates, foi, na verdade, o local de cultos ainda mais antigos. Em Jarmo, aos pés das montanhas de Zagros, na fronteira entre o Iraque e o Irã, foram encontrados restos cuja datação pelo carbono ficou em torno de 6750 a.C. Eles revelaram que a comunidade neolítica possuía uma religião bem desenvolvida, com grandes quantidades de pequenas estatuetas de argila de mulheres grávidas. Estas deusas da fertilidade podem muito bem estar associadas ao planeta Vênus ou à Lua.

A primeira grande civilização da Mesopotâmia foi a suméria. O seu império foi estabelecido no quarto milênio antes de Cristo e atingiu seu ápice mil anos depois. Escavações na cidade suméria de Eridu revelaram que sob as escadarias do monumento em forma de pirâmide, conhecida como zigurate, que data de 2100 a.C. estão os remanescentes de 17 templos anteriores, cada um construído sobre o anterior. Alguns dos templos atingiram aproximadamente noventa metros de altura. Do topo de suas escadarias os sumérios devem ter tido uma visão soberba do céu noturno. Feitos de tijolos de barro, eles agora estão desmoronados, porém as crenças que os inspiraram sobreviveram sob uma forma disfarçada na astrologia moderna.

De onde veio a primeira civilização suméria permanece um mistério. Visto que ela desenvolveu uma religião complexa, uma arquitetura monumental e uma forma intrincada de escrita, vários estudiosos sugeriram que os fundadores provavelmente vieram de uma terra estranha que deve ter sido arrasada por alguma catástrofe.¹ Os próprios sumérios registraram que eles vieram da Ilha de Dilmun, onde habitavam os descendentes dos reis que viveram "antes do dilúvio".² O *Épico de Gilgamesh*, que data do terceiro milênio antes de Cristo, fornece uma descrição fantástica de uma inundação que pode ter inspirado o relato do Antigo Testamento. Claramente igual à história de Noé, Utnapishtim, "o longínquo", diz a Gilgamesh que os deuses enviaram o dilúvio para lavar a humanidade, mas que ele poderia escapar com a sua família em um barco que repousaria no topo de uma montanha. "Por seis dias e seis noites os ventos sopraram, torrentes, tempestades e inundações varreram o mundo, tempestades e inundações assolaram juntos como guerreiros bravios. Quando chegou o sétimo dia a tempestade do Sul amainou, o mar acalmou, a inundação parou. Olhei para a face do mundo e havia silêncio, toda a humanidade virará barro."³

A invasão da Mesopotâmia por um povo semita, provavelmente da Arábia, assistiu à chegada da civilização acadiana, que durou de 2360 a 2180 a.C. Embora falassem uma língua diferente, eles continuaram a utilizar a escrita suméria. Isto foi seguido pelo crês-

cimento da Babilônia no Sul da Mesopotâmia, cujo grande império durou de 2200 a 538 a.C. quando foi conquistada pelos persas liderados pelo Rei Ciro.

Por volta de três mil anos atrás, o Império Assírio também se desenvolveu no Norte da Mesopotâmia. Ele atingiu seu ápice em torno de 700 a.C. quando se estendia do Egito ao Golfo Pérsico. Sua maior cidade era Nínive. Seu povo adotou o dialeto semita da Acádia e continuou a utilizar a escrita suméria. Em 612 a.C. ele foi destruído pelo segundo Império Babilônio, cujo imperador mais conhecido foi Nabucodonosor. Segundo o Livro de Daniel, que data de cerca de 150 a.C. o Profeta Daniel serviu como astrólogo para Nabucodonosor e também para o conquistador persa Ciro. A região entrou gradualmente em declínio após Alexandre, o Grande ter enfim se apoderado da Babilônia, em 331 a.C.

Por quatro mil anos, cada uma dessas grandes civilizações contribuiu para o crescimento da astrologia. A astrologia ocidental moderna tem suas raízes na mistura das culturas da Mesopotâmia, Egito e Grécia.

Textos Antigos e Cosmologia

O legado ocidental vindo da Mesopotâmia é enorme. O sistema matemático "sexagesimal" babilônico fez surgir o dia de 12 horas, embora este tenha sido posteriormente substituído pelo dia de 24 horas egípcio. Nós ainda dividimos as horas e os minutos em unidades de sessenta, como os mesopotâmios. Herdamos o conceito do "Grande Ano" — com a duração de 432 mil anos — da época assíria, conceito que está por trás da próxima "Era de Aquário".

Graças aos mesopotâmios, temos as histórias de Abraão e Sara, Isac e Rebeca, Nemrod, o caçador, da Torre de Babel e o Livro de Daniel. A cruz de braços iguais foi provavelmente um símbolo do deus sol da Mesopotâmia, Shamash. Até a história da criação, assim como do grande dilúvio do Antigo Testamento, encontra pontos idênticos na literatura mesopotâmica, que é anterior à dos escribas hebreus em mil anos. Os capítulos de abertura do Gênese lembram diretamente o relato sumério de um poema em sete tábuas chamado *Enuma Elish* ("Quando no alto..."), uma coleção de textos anteriores compilados em torno da virada do segundo milênio antes de Cristo. Existem outras dicas de inspiração bíblica. A antiga palavra suméria para uma terra de pastagem livre da baixa Mesopotâmia era Éden. E existem as intrigantes estatuetas encontradas na área do Lago Van de uma mulher e uma cobra — uma olhando para a outra, formando um corpo com o formato de uma lua crescente. Poderiam elas representar a tentação de Eva?⁴

O texto astrológico mais antigo conhecido, *Enuma Anu Enlil*, foi descoberto em Nínive na famosa biblioteca do palácio real do Rei Assurbanipal, que reinou a partir de 668 a.C. Mantido agora em uma gaveta no Museu Britânico, ele consiste de uma grossa tabuleta de argila, com as bordas arredondadas e uma escrita cuneiforme perfeitamente preservada. É uma cópia de uma compilação muito anterior de presságios traçados a partir dos movimentos de Vênus e que foram escritos pela primeira vez durante o reinado do rei babilônio Ammisaduca, que reinou de 1646 a 1626 a.C. A "Tabuleta de Vênus", como é chamada, demonstra que a astrologia já era um sistema e uma disciplina bem desenvolvidos pela primeira dinastia da Babilônia. Um parágrafo registra: "No mês XI, 15° dia, Vênus desapareceu no Oeste. Três dias ele permaneceu fora, então, no 18° dia, ficou visível no Leste. A primavera começará e Adad trará sua chuva e o Ea suas inundações. Mensagens de reconciliação serão enviadas de Rei para Rei."⁵ A tabuleta contém também as primeiras observações sistemáticas registradas dos movimentos planetários.

Foi encontrado um texto de um fragmento ainda mais antigo, que data da época do Rei Sargon da Acádia, que reinou de 2334 a 2279 a.C. Afirma de modo surpreendente que: "Quando o planeta Vênus (...) um presságio de Sargon, do Rei e dos quatro quadrantes... Quando o planeta Vênus (...) por isso ele é um presságio para Sargon (...) "* Claramente Vênus era considerado o planeta mais proeminente naquela época.

Estima-se que a série astrológica inteira do *Enuma Anu Enlil* contenha cerca de sete mil presságios. Existiram tabuletas individuais para o Sol, a Lua, Marte, Júpiter, Vênus, Mercúrio e Saturno. Tinham, certamente, ampla circulação, pois vestígios deste trabalho foram encontrados em locais distantes, como a Turquia Oriental.

A astrologia do *Enuma Anu Enlil* é ainda meio rudimentar. As constelações eram empregadas como pontos de referência a partir dos quais o movimento diário da Lua e dos planetas podiam ser traçados. Embora fossem utilizadas as 12 constelações que vieram a formar o zodíaco e que se estendiam pela eclíptica, o próprio zodíaco ainda não tinha sido determinado. Embora os planetas fossem vistos em conjunção ou oposição, descritos simplesmente como estando próximos ou separados, os aspectos entre os planetas não são mencionados. O trabalho é todo voltado para a astrologia mundana — o destino do corpo político. Não há menção ao Ascendente, que se tornou tão importante para a astrologia nas épocas clássica e moderna.

O início da cosmologia da Mesopotâmia era fundamentalmente como no Gênese, 1:6-10. O universo é descrito como sendo contido entre dois lençóis de água acima e abaixo da Terra. A água acima da Terra é sustentada por um grande domo atravessado no qual planetas e estrelas vagueiam em suas viagens diárias e anuais.

O nome *Enuma Anu Enlil* vem da frase de abertura: "Quando os Deuses Anu e Enlil..." Anu era o deus de céu e Enlil o deus da Terra. Eram considerados com igual importância e duas partes inter-relacionadas de um reino. Presságios, mensagens dos deuses poderiam ser facilmente retirados de eventos acontecidos na Terra, bem como nos céus. Na verdade, havia uma antiga tradição na Mesopotâmia de leitura de presságios nas entranhas de animais sacrificados. Como foi encontrado em um manual para divinadores e astrólogos: "Os signos no céu, assim como na Terra, nos dão sinais."

Os mesopotâmios acreditavam que os humanos eram parcialmente divinos, nascidos da mesma substância dos deuses, mas sua principal tarefa era servir aos deuses. O céu à noite, com as estrelas e planetas, era visto como *Shitir Shame* — o "livro dos céus" —, contendo os mandamentos dos deuses.

Como vimos, o primeiro tipo de religião na Mesopotâmia envolveu provavelmente a adoração aos deuses e deusas da fertilidade. Por volta da virada do segundo milênio antes de Cristo os deuses não somente eram adorados, como também recebiam pedidos para intervir em eventos terrestres. Não foi muito antes da idéia de um deus pessoal se desenvolver: o primeiro texto que expressa essa idéia data de 2600 a.C. Sem dúvida, essa noção era um pré-requisito para a astrologia, pois os astrólogos tentavam mudar o curso dos acontecimentos descobertos nos presságios que viam no céu.

Diferente dos israelitas que viam a história em termos lineares, movendo-se em direção a um objetivo, os mesopotâmios viam a história movendo-se em ciclos intermináveis sobre vastas durações de tempo. Não havia final para a história, somente uma repetição sem fim. Da mesma forma, o bem e o mal fluíam e se recolhiam juntos. Como resultado, não surpreende que pensassem que os seres humanos podiam negociar com os deuses a respeito da direção do futuro. O destino (*shimtu*) não era portanto fixado ou predeterminado. Os presságios eram simplesmente sinais ou avisos do que era possível; não eram certezas inescapáveis.

Era possível, por exemplo, afastar o mal que estava para acontecer por meio de rituais conhecidos como *namburbi*. Esses rituais envolviam encontrar um local especial, purificar-se, oferecer alimentos e bebidas aos deuses, rezar e, por fim, simbolicamente, "desfazer" o mal ameaçado desenrolando uma planta ou quebrando um pequeno pote. Não apenas se tratava de um princípio mágico de ação simpática dos fundamentos da astrologia, como estes rituais eram indubitavelmente utilizados para neutralizar previsões astrológicas negativas.

Observadores da Luz

Segundo a história sumeriana da criação, no início havia o mar primevo que nasceu da montanha cósmica que consistia do céu (Anu) e da Terra (Enlil). Neste estágio, o mundo era imóvel na escuridão e no céu não havia estrelas, por isso Enlil gerou a Lua (Sin), que viajou em um barco trazendo luz para o lápis-lazúli (céus). A Lua, por sua vez, criou o Sol (Shamash) e Vênus (Ishtar).

Assim como a antiga astrologia indiana era chamada *Jyotish*, o Senhor da Luz, a luz era o núcleo da religião mesopotâmica. O Sol, acima de tudo, simbolizava a luz divina. No grande épico mesopotâmico, Gilgamesh diz para o deus sol Shamash: "Deixe que meus olhos vejam o Sol para que eu possa ser saciado de luz. Banida para longe está a escuridão, se a luz for suficiente. Que aquele que tenha morrido pela morte veja a luz do Sol."⁷

Os hinos de Nínive descrevem ainda suas qualidades: "Toda a humanidade se regozija em ti, ó Shamash, o mundo inteiro anseia pela tua luz."⁸ O deus é onisciente e justo. Ele determina as decisões dos céus e da Terra. É uma visão que foi trabalhada por milênios no Oriente Médio: o Sol ainda é chamado de *shams* em árabe.

Os acadianos semitas consideravam a Lua e Vênus como masculinos, e o Sol como masculino, porém as outras civilizações mesopotâmicas davam a eles o mesmo gênero do Ocidente atual. Ishtar é uma deusa adorável que habita o planeta Vênus. Um hino de cerca de 1600 a.C. declara: "Reverencio a rainha das mulheres, maior de todos os deuses; ela se veste com deleite e com amor, é repleta de ardor, encantamento e alegria voluptuosa, em seus lábios ela é doce, em sua boca existe vida, quando está presente, a felicidade é maior; como parece gloriosa, com os véus rodeando sua cabeça, sua forma adorável, seus olhos brilhantes."* Contudo, como rainha dos céus, ela é também a deusa da guerra e da tristeza. Como a deusa indiana Kali, ela é adorada e também temida.

Era função dos astrólogos e divindades, que formavam uma fraternidade e eram conhecidos como *tupsharru* (escribas), interpretar os presságios celestes. Parece que no fim do segundo milênio antes de Cristo os astrólogos mesopotâmicos tinham descoberto os movimentos de longa duração do Sol, Lua, dos planetas e das estrelas. Representavam os planetas contra as estrelas fixas ou constelações. Também mediam a distância estelar por "dedos" ou "cúbitos".¹⁰ O tempo era medido por *Abkallu shikla*, provavelmente algum tipo de relógio de água. Os astrolábios foram desenvolvidos lentamente.

Telescópios Antigos

Embora seja admitido com frequência que os céus do Oriente Médio são sempre claros como cristal, na verdade a observação das estrelas e planetas nem sempre foi fácil. Não somente os céus noturnos eram ocasionalmente obscurecidos por nuvens e tempestades de areia, como as limitações naturais do olho desarmado faziam as estrelas distantes parecerem apagadas. Contudo, apesar da suposição aceita de que Galileu foi o primeiro a desenvolver o telescópio, é bem possível que os astrólogos mesopotâmicos tenham utilizado lentes para observar as estrelas e os planetas.

Em 1849, o diplomata Austen Henry Layard¹¹ fez uma descoberta extraordinária na sala do trono do Palácio do Noroeste na antiga capital assíria de Kalhu (mais comumente chamada de Nimrud). Embaixo de uma pilha de fragmentos de um belo vidro opaco, ele descobriu uma "lente de cristal de rocha com faces opostas e planas". Nela estava o nome de Sargom, com seu título de Rei da Assíria em caracteres cuneiformes, e a figura de um leão. Layard afirmou: "Suas propriedades dificilmente foram conhecidas dos assírios, e com isso temos o primeiro exemplar de uma lente de aumento e espelhos ustório."

A lente encontra-se atualmente no Museu Britânico, classificada como o objeto número 12.091, no Departamento de Antigüidades Asiáticas Ocidentais. Layard pensou erroneamente que a havia descoberto em Nínive, e a lente é algumas vezes chamada de lente de Nínive. Sua forma é de uma lente plano-convexa, isto é, uma face plana e a outra convexa. Não é uma forma incomum, pois tijolos plano-convexos há muito eram utilizados na construção de fortificações na Mesopotâmia. Mede 6,2cm de comprimento por 3,43cm de largura, com uma espessura máxima de 6,2mm. Parece ter sido feita para Sargão II, que governou de 722 a 705 a.C.

Embora agora deteriorada, a lente era cuidadosamente polida. Robert Temple, que fez uma pesquisa minuciosa, observou: "Em sua condição original, era perfeitamente clara e transparente, sem falhas. Foi feita de uma peça de qualidade superior de quartzo, evidentemente selecionada na esperança de não conter 'falhas fantasmas', e por fim polida depois disto ter sido confirmado logo após o corte." Ele concluiu que era eficaz não só como espelho ustório, mas que deve ter sido utilizada como lente de aumento (de uma determinada posição ela tem uma magnitude de duas vezes) para correção de astigmatismo. Pode bem ter sido um monóculo montado para o Rei Sargão ou seu escriba.¹²

Se os antigos astrônomos assírios sabiam como selecionar e cortar essas lentes, não é impossível que eles tivessem utilizado lentes de cristal para ampliar os corpos celestes no céu noturno. Tem se tornado cada vez mais notório que os antigos eram bem mais avançados tecnicamente que a maioria dos historiadores deseja admitir. Ainda não se

pode afirmar que os antigos chineses e gregos observavam as Luas de Galileu de Júpiter e os anéis de Saturno. Se isto aconteceu, e existem algumas evidências que sugerem que eles eram capazes disto, com certeza não foi possível sem a ajuda de algum tipo de telescópio.¹³

As Constelações e o Zodíaco

O conjunto do conhecimento astronômico na Mesopotâmia estava contido em uma compilação de duas tábuas conhecidas como *mul.Apin*, que foram encontradas na biblioteca de Assurbanipal em Nínive. O nome significa Estrela do Arado e se refere à constelação do Triângulo, que fica entre Áries e Andrômeda. O conhecimento astronômico data de 1000 a.C. embora a primeira cópia do trabalho seja de 687 a.C. Diz-se que é o primeiro catálogo estelar conhecido.¹⁴ No mesmo período, os astrólogos assírios e babilônios começaram a manter "diários" de eventos celestes e políticos, como batalhas, mortes e tratados.

Baseado em séculos de observações cuidadosas, o *mul.Apin* contém uma lista de estrelas fixas divididas entre os caminhos de Ea, Anu e Enlil (os deuses da água, do céu e da Terra), as datas em que 36 estrelas fixas e constelações surgiam pela manhã, os períodos planetários, as estações, os equinócios e solstícios, tabelas do período de visibilidade da Lua, regras para intercalação, tabelas de gnômon detalhando os comprimentos da sombra do Sol e também os pesos da água para os seus relógios.

São mencionadas 18 constelações ao longo do "caminho da Lua" no *mul.Apin*, que contém a maioria dos signos do zodíaco moderno: o Touro do Céu (Touro), o Leão (Leão), a Balança (Libra), o Escorpião (Escorpião), o Salmonete (Capricórnio) e as Caudas (Peixes), o Sulco (Virgem), o Mercenário (Áries) e os Grandes Gêmeos (Gêmeos). A figura de Sagitário (chamada PA.BIL.SAG) é incerta. Aquário (conhecido como GU.LA) era provavelmente um gigante. Enquanto nove dos signos do zodíaco parecem ter tido uma origem babilônica definida, a evidência de Aquário e Gêmeos é menos convincente, embora os Grandes Gêmeos possam ter se originado nos amigos Enkidu e Gilgamesh, que aparecem no grande épico sumeriano dos primeiros tempos. A ausência mais notada é a do Carneiro para Áries, que pode ter vindo do Egito após a invasão conduzida pelo rei babilônio Esarhaddon no século VII a.C.¹⁵

O conteúdo astrológico do *mul.Apin* se estende a alguns presságios baseados em cometas e estrelas fixas. De interesse particular é uma lista de todas as estrelas em 18 constelações no "caminho da Lua" enquanto ela se move pelo céu. O "caminho da Lua" é um

cinturão zodiacal com 12° de largura dentro do qual o Sol, a Lua e os planetas se movem. Parece que o número das constelações caiu gradualmente para 12 — o mesmo 12 que enfim se tornou os 12 signos do zodíaco.¹⁶ E não foi muito antes de a noção da eclíptica — o centro do cinturão — ter sido formulada para marcar o caminho aparente do Sol.

Como esses astrólogos aplicavam seu conhecimento cada vez mais sofisticado? Seus relatórios aos reis reuniam informações sobre as observações dos corpos celestes e também as interpretações do seu significado. Por exemplo, uma mensagem enviada ao Rei Esarhaddon em 699 a.C. afirma: "Quando o planeta Marte sai da constelação de Escorpião, volta e entra novamente em Escorpião, sua interpretação é (...) não negligencie sua guarda; o rei não deverá sair em um dia maléfico."

Novamente, em 30 de julho de 666 a.C. o astrólogo Akkullanu escreveu ao Rei Assurbanipal: "Se o planeta Júpiter estiver presente no eclipse, tudo estará bem com o rei, um nobre dignitário morrerá em seu lugar." O rei deu atenção a estas palavras? Ainda não tinha se passado um mês inteiro quando o seu juiz principal morreu.¹⁷ Contudo, estas mensagens demonstram que a astrologia ainda era fundamentalmente mundana; preocupava-se com o rei, mas não como indivíduo, apenas como uma personificação da nação. Desde 652 a.C. os astrólogos da corte registravam resumos mensais dos movimentos planetários para os reis conhecidos como "diários".

Da Astrologia Mundana para a Natal

Foi a invasão dos persas em 539 a.C. que finalmente acionou a invenção do zodíaco regular e o mapa natal. Eles introduziram também uma matemática mais avançada para a astrologia. Entre outras coisas, o líder persa Ciro libertou os judeus cativos que tinham sido levados para a Babilônia por Nabucodonosor 47 anos antes — um ato que atribuiu uma reputação notória para o tirano e sua cidade no Antigo Testamento.

Sob o regime persa, a teoria da astrologia se tornou mais sistemática e sua prática mais disciplinada. O calendário foi aperfeiçoado. O mês extra "intercalado", adicionado aos 12 meses lunares do ano para alinhá-lo às estações, foi aplicado em uma base mais regular do que arbitrária. Isto revelou uma compreensão maior dos ciclos celestes. O período "sinódico" dos planetas foi também descoberto, isto é, o período entre conjunções consecutivas de um planeta com o Sol como é visto na Terra. O período "sideral" também foi compreendido, isto é, a extensão de tempo que um planeta leva para atravessar os 12 signos do zodíaco e retornar ao seu ponto de partida.¹⁸ Isto possibilitou aos astrólogos formular períodos planetários maiores que formaram a base para as previsões.

O período de Saturno, por exemplo, era de 59 anos — dois períodos siderais (cada um com 29 anos e meio) ou 57 períodos sinódicos.

Durante o período do regime persa, os planetas foram colocados nos 12 signos do zodíaco e não nas constelações zodiacais. Isto tornava mais fácil o cálculo dos movimentos futuros do Sol, pois não havia estrelas fixas vistas com facilidade durante o dia contra as quais o caminho poderia ser traçado.

Os signos do zodíaco foram também matematicamente divididos em comprimentos iguais. Seus nomes vieram das próprias constelações zodiacais. No início isto gerou alguma confusão, pois as pessoas não sabiam se a referência era em relação às constelações ou aos signos. A primeira menção aos signos do zodíaco que se tem notícia surgiu num texto babilônico sobre a Lua que data de 475 a.C.¹⁹ Podemos dizer com confiança que os signos do zodíaco foram estabelecidos com firmeza há 2.500 anos. O primeiro uso conhecido dos graus do zodíaco em um horóscopo data de 263 a.C.²⁰

Finalmente, foi nesse período que se iniciou a mudança da astrologia mundana para a astrologia natal, da previsão do destino da nação para o mapa do indivíduo. Isto pode ter sido encorajado pela introdução da religião persa do zoroastrismo, com o seu conceito da alma individual imortal que podia escolher entre o bem e o mal. Entre os mistérios esotéricos zoroastrianos estava a doutrina da harmonia das esferas — uma doutrina que certamente inspirou Pitágoras e Platão mais tarde.

O primeiro mapa natal de que se tem notícia da Babilônia data de 410 a.C. provavelmente de 29 de abril. Afirma que um indivíduo nasceu naquela data e descreve os signos nos quais a Lua e os planetas se encontravam: "Naquele momento a Lua estava abaixo do tentáculo de Escorpião, Júpiter em Peixes, Vênus em Touro, Saturno em Câncer, Marte em Gêmeos. Mercúrio, que tinha se posto [pela última vez] estava [ainda] invisível."²¹

Um mapa posterior de Uruk, datando provavelmente de 4 de abril de 263 a.C. durante o período da dominação grega, dá até os graus dos planetas nos signos que se encontravam: "Ano 48 da Era Selêucida, mês de Adar, a criança nasceu. Naquele dia o Sol estava a 13°30' de Áries, a Lua a 10° de Aquário, Júpiter no começo de Leão, Vênus com o Sol, Mercúrio com o Sol, Saturno em Câncer, Marte no fim de Câncer." Este texto fascinante faz ainda certas previsões baseadas na posição dos planetas: "Ele não terá riqueza (...) Seu alimento não será suficiente para sua fome. A riqueza que teve na juventude não permanecerá. No ano 36 ele terá riqueza. Seus dias serão em grande número."²² O documento já mostra a preocupação com a riqueza e a longevidade, que se tornariam temas dominantes na astrologia ocidental.

Após a derrota do exército persa por Alexandre, o Grande, em 331 a.C. milhares de gregos se estabeleceram na Babilônia e ficaram sob a influência dos astrólogos locais,

que eram conhecidos como "caldeus" (referindo-se originalmente ao povo da última dinastia na Babilônia antes da conquista de Ciro da Pérsia). Dois astrólogos que residiam na Babilônia foram mencionados mais tarde pelos gregos, como Cidenas (Kidinnu) e Naburianos (Nab-rimannu). Outras escolas floresceram em Uruk e Borsippa. Existe um grande número de "diários" astrológicos do período após a conquista da Mesopotâmia e também listas de efemérides (os dados mais antigos são de 307 a.C.).²³ A preocupação grega com os indivíduos está refletida no número crescente de horóscopos naquele período.

O último horóscopo conhecido escrito com caracteres cuneiformes sumerianos data de 68 a.C. O primeiro horóscopo grego conhecido data de 61 a.C. Este comemorava a coroação do regente greco-mesopotâmio Antíoco I de Comagena e foi gravado na face íngreme no topo de Nimrud Dagh.

Uma tabuleta encontrada em Uruk, atribuída ao período selêucida, lembra um moderno "livro de culinária" astrológico e lista as previsões para uma combinação sistemática de planetas. Uma sugere: "Se uma criança nascer quando Júpiter nasce e Vênus se põe, será excelente para esse homem; sua esposa partirá." Obviamente, a interpretação é para um homem e mostra a preocupação com o seu casamento. Outra interpretação afirma: "Se uma criança nascer quando Vênus nasce e Júpiter se põe, sua esposa será mais forte que ele."²⁴ Porém, embora o texto trate de oposições, ele não considera outros aspectos entre os planetas, como conjunções, trígonos, quadraturas ou sextis. Também não há menção ao Ascendente.

O primeiro exemplo conhecido do Ascendente utilizado em um mapa natal é do ano 4 a.C. logo após a conjunção de Saturno-Júpiter de 7 a.C. que provavelmente coincidiu com o nascimento do Cristo.²⁵

Por quatro mil anos a astrologia na Mesopotâmia teve claros progressos. A princípio, ela foi totalmente dirigida para a astrologia mundana. Os presságios no céu apontavam o "destino" da nação. Como consideravam que o rei tinha seu mandato dirigido pelo céu, o movimento dos corpos celestes, em particular os eclipses, exercia uma ação direta sobre ele e a nação que personificava. Porém, como o futuro repousava nas mãos dos deuses, não estava predestinado ou "destinado". Poderia ser mudado — negociado — por meio de determinados rituais e cerimônias.

Era também papel dos astrólogos da corte observar as fases crescente e minguante da Lua, a fim de estabelecer um calendário para rituais e cerimônias e a época da sementeira e da colheita do ano agrícola. A Lua Nova era um "ponto" importante no calendário lunar.

Após a conquista persa, os 12 signos do zodíaco foram finalmente estabelecidos e introduzido o mapa natal. Com a disseminação da cultura helênica da Grécia, o mapa natal ganhou importância e a própria astrologia tornou-se mais secular e democrática. Os astrólogos não eram mais sacerdotes com funções na corte, mas filósofos que tentavam compreender a estrutura do universo e interpretar o efeito dos céus sobre a vida dos indivíduos na Terra.

19

Faça-se a Luz

A escuridão reinava na face da Terra. E o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. E Deus disse: "Faça-se a luz."

GÊNESE

A BABILÔNIA ERA UMA CIDADE COM UM FORMATO MAIS OU MENOS QUADRADO EM CUJO centro ficava o templo de Marduk, chamado Esagila. A característica mais evidente na cidade era o templo, uma torre quadrada de sete andares de tamanhos decrescentes. Ele simbolizava a Montanha Sagrada, local de moradia dos deuses. Formava um eixo cósmico, um elo vertical entre o céu e a Terra, e um elo horizontal entre as terras do Império Babilônio. Seus sete níveis representavam os planos da existência, os estágios de iluminação e os sete planetas.¹

Os sumerianos possuíam uma mitologia complexa centrada nos planetas que adoravam como a moradia dos deuses. Quando o povo semita acadiano do Sul da Arábia invadiu a Mesopotâmia, por volta de 3000 a.C. colocou no centro do panteão sumeriano dos deuses sua trindade, composta de Sin (a Lua), Shamash (o Sol) e Ishtar (Vênus). Para manter sua religião estelar, os símbolos celestes foram esculpidos acima da cabeça de várias estátuas dos reis: a meia-lua para Sin, a cruz de braços iguais para Shamash e a estrela de oito pontas para Ishtar.

A Lua

Refletindo a antiga crença expressa no Gênese de que a luz emergiu da escuridão, o deus masculino da Lua (Nanna para os sumerianos e Sin para os acadianos) gerou os gêmeos

divinos: o Sol e Vênus. A Lua — "o velho barba azul" — era o mais importante de todos os corpos celestes, o rei dos deuses. Como regente do tempo, ela dirigia o curso dos eventos na Terra. O simbolismo exato da Lua variou com o tempo, porém por volta do reinado de Assurbanipal, no século VII a.C. ela era reverenciada pela profundidade da sua sabedoria. Era chamada de "Pai, a fonte de todas as coisas" e "Senhor que determina o destino do céu e da Terra".² Somente mais tarde a Lua se tornou a deusa mãe, provavelmente sob a influência dos egípcios, que a reverenciavam como Ísis, e dos gregos, que a adoravam como Selene.

Entre as 68 ou setenta tabuletas da série astrológica do *Enuma Anu Enlil*, as primeiras 22 são dedicadas aos presságios lunares. Suas interpretações nem sempre eram consistentes. Com o calendário baseado no ritmo da Lua, um dia "correto" era geralmente considerado como o primeiro, sétimo, 14° ou 28° do mês lunar. A divisão por quatro do mês lunar fez surgir um sistema de dias sagrados, cada um no fim de uma semana de sete dias, com um dia adicional no 19°. O 14° dia era considerado o mais importante — o momento da Lua Cheia —, quando havia festas, adoração e preces. Seu nome era *Shabbatu*; derivado deste termo temos a palavra *Shabbat* em hebraico e *Sabbath* em inglês. O Sabá começou como os quatro dias do quaternário da Lua, e no reinado do Rei Hammurabi (1728-1686 a.C.) todo trabalho era proibido nos dias 7, 14, 21 e 28 do mês lunar. A semana e o mês começavam no fim da tarde do aparecimento do crescente da Lua.

O nome do Monte Sinai, onde o Bezerro de Ouro foi adorado e Moisés recebeu as tábuas de pedra da lei de um deus masculino zangado, também se originou provavelmente do nome do deus mesopotâmio da Lua, Sin.

Se o Sol e a Lua, que ordenavam o curso da agricultura e da fertilidade, eram vistos juntos em um dia correto, então o efeito era considerado pelos astrólogos da corte como benéfico. Era sustentado que eles se encontravam no início de cada ano para determinar o destino dos habitantes da Terra. O aparecimento da Lua Cheia no 14° dia do mês era um sinal de harmonia no céu, o que pressagiava harmonia na Terra. Por outro lado, "Quando a Lua aparecer fora deste momento esperado, o comércio diminuirá (...) um forte inimigo dominará a Terra." O "halo" da Lua também era considerado importante. Contrário à interpretação moderna, se Saturno estivesse dentro dele a paz prevaleceria no reino; se fosse Júpiter, ocorreria o contrário. O aparecimento de Câncer no halo pressagiava o mal. O significado simbólico era também atribuído à cor e elevação da Lua, ao seu brilho e palidez e à direção dos seus cornos.

Como aconteceu com vários povos antigos, o evento mais ameaçador na astrologia da Mesopotâmia era sem dúvida o eclipse, solar ou lunar. Quase quarenta por cento da série *Enuma Anu Enlil* era devotada a eles. Acreditava-se que os eclipses traziam o mal

para a Terra, fazendo as mulheres grávidas abortarem, a terra arruinar e o rei morrer. Ainda existe esta tradição na astrologia moderna. Somente em alguns dias do ano um eclipse não trará uma catástrofe: um eclipse "vermelho" (quando a luz do Sol vinda da atmosfera da Terra fica refletida na Lua) trará prosperidade para todas as pessoas.

O Sol

Enquanto o deus lua Sin era o pai do tempo, Shamash, o deus sol, era o juiz do céu e da Terra. Originalmente, o deus sol era feminino, mas após a invasão dos acadianos ele se tornou masculino. Regia os vivos e os mortos; seus títulos incluíam "determinador dos destinos" e "arquiteto dos desígnios cósmicos".⁴ Embora os reis se identificassem com o Sol, existe somente um pequeno número de referências ao astro em relatos publicados, o que sugere que ele teve um papel menor na mitologia da Mesopotâmia. Na verdade, ele é algumas vezes confundido com Saturno nos textos: o historiador Diodoro da Sicília observou que para os babilônios Saturno era "a estrela do Sol".⁵

Como o "sol do povo", o rei temia particularmente um eclipse solar. Os rituais *namburbi* usuais não eram considerados fortes o suficiente para neutralizar sua influência maléfica, e parecia que um rei "substituto" era escolhido durante o evento e ritualisticamente sacrificado com sua rainha substituta após cem dias. Seu trono seria queimado quando ele "fosse encontrar seu destino". Para completar a purificação da Terra, seis pares de estatuetas de madeira eram enterrados em pontos estratégicos no palácio real com as seguintes palavras gravadas no quadril esquerdo de cada uma: "Mal, afaste-se. Bem, aproxime-se."⁶

Vênus

Da trindade mesopotâmica, Ishtar (Vênus) é a mais conhecida. Sua ancestralidade é intrincada e seu culto é complexo, mudando assim como o seu sexo no decorrer dos milênios. Os sumerianos consideravam originalmente Vênus como feminina e a chamavam de Inanna — do qual se originou o nome Jenny. Os acadianos invasores, por outro lado, associaram Vênus com o seu deus masculino Attar, cujo nome então se tornou Ishtar. Por um tempo o planeta foi considerado tanto masculino como feminino: uma tabuleta datando do reinado de Assurbanipal declara que Ishtar, a "estrela da manhã", é masculina, e que Ishtar, a "estrela da tarde", é feminina.⁷ Apenas mais tarde ele assumiu somente a parte feminina.

Ishtar tornou-se a rainha do céu e, como o atual Vênus, a deusa do amor, da sexualidade e do nascimento. Ao mesmo tempo, era a temida deusa da guerra e da tristeza. Salomão no Antigo Testamento foi condenado a celebrar seu aspecto dual no Cântico dos Cânticos 6:10:

Quem é aquela que se levanta como o amanhecer,
é bela como a Lua,
resplandecente como o Sol,
terrível como um exército com seus estandartes.

O emblema comum de Ishtar na Assíria era a estrela de oito pontas. Pode não ser somente uma fantasia ligar o simbolismo das igrejas medievais de oito lados construídas pelos cavaleiros templários ao antigo culto a Ishtar. Essas igrejas eram algumas vezes dedicadas a Maria como a Virgem Negra, que pode ter sido uma reencarnação da deidade mesopotâmia.⁸

Os templos dedicados a Ishtar eram cuidados por uma hierarquia de sacerdotisas. A alta sacerdotisa era muitas vezes a filha do rei. As sacerdotisas possuíam seus próprios campos de cultivo. Algumas também agiam como "prostitutas" do templo, de modo sagrado e comercial. Parece que as babilônias concediam seus favores sexuais como maneira de demonstrar sua devoção a Ishtar. O historiador grego Heródoto observou:

O costume babilônio mais vergonhoso é que em algum momento de sua vida a mulher da terra é chamada a se sentar em um santuário de Afrodite [Vênus] para fazer sexo com um desconhecido. Não é desconhecido das mulheres que são pretensiosas por causa da sua riqueza, e daquelas que se recusam a se associar ao restante das mulheres lá, se dirigirem ao santuário em túlburi cobertos e lá permanecerem rodeadas por um grande contingente de atendentes. Contudo, a prática usual é de várias mulheres se sentarem no recinto de Afrodite usando uma guirlanda tecida com fios em sua cabeças (...) A [ela] não é permitido voltar para casa até que um dos desconhecidos atire dinheiro em seu colo e faça sexo com ela (o que acontece do lado de fora do santuário).⁹

Mais que descrever uma obrigação sagrada para todas as mulheres, Heródoto estava provavelmente se referindo à vida das sacerdotisas do templo.

Quanto aos presságios deduzidos dos movimentos do planeta Vênus, existem somente cerca de vinte registros sobreviventes dos astrólogos para os reis assírios. Como Ishtar era responsável pela fertilidade, não surpreende sabermos que: "Se a estrela-cabra [Vênus]

se aproximar de Câncer, haverá paz e reconciliação no país, e os deuses terão misericórdia daquela nação. Os celeiros vazios ficarão cheios, as colheitas do país serão recuperadas, as mulheres grávidas terão embriões perfeitos e os grandes deuses manterão os santuários de lá em ordem."¹⁰

A natureza guerreira de Ishtar é revelada na previsão de que, se Vênus entrar na constelação de Libra, haverá conflitos desastrosos. Novamente, se Marte estiver em conjunção com Vênus, então o rei deverá ser cuidadoso: "Se, quando Vênus surgir, Marte for visto próximo, então o filho do rei entrará no palácio e assumirá o trono." Ao mesmo tempo, a presença de Vênus e Júpiter em conjunção com um eclipse lunar neutralizará seus efeitos maléficos sobre o rei.

Enquanto os gregos e romanos enfatizavam o aspecto feminino de Vênus como regente das mulheres, suas tradicionais qualidades mesopotâmicas foram filtradas pelo tempo. A guerra ainda é colocada sob a regência de Libra, que, na astrologia moderna, é regido por Vênus. Sua associação com uma boa colheita antecipa a moderna atribuição do sucesso comercial de uma nação sob a regência de Vênus.

Saturno

Saturno tem sido tradicionalmente temido pelos astrólogos como um símbolo das restrições repressivas, um arauto de problemas para a terra e de tempos difíceis para o indivíduo. É considerado frio, seco e melancólico. Os antigos mesopotâmios o viam sob uma ótica diferente. Para eles, era um herói conquistador que tinha emergido das águas primordiais e lutara pelo bem dos deuses contra os poderes do caos. Foi Saturno quem recuperou as "tábuas do destino" sobre as quais os deuses haviam escrito as leis eternas. Estas tábuas tinham sido roubadas por Zu, o dragão das tempestades, de Enlil, o deus da Terra, quando este estava adormecido. Como resultado, os deuses recompensaram Saturno com a custódia das tábuas e ele se tornou o mestre do destino (*shimtu*).

Nos textos antigos o Sol e Saturno eram muitas vezes chamados de Shamash, e havia alguma confusão entre os dois. Diodoro, por volta de 56 a.C. descreveu o planeta Saturno como "o mais conspicuo", que os babilônios chamavam de "a estrela de Helios" (o Sol).¹²

Quando o planeta Saturno é chamado de Sagush, ele é associado ao deus Ninurta, também conhecido como Ninib. Como um deus guerreiro, ele é irmão de Marte (Nergal). Ambos são algumas vezes considerados como deidades solares e representados com um disco solar. Ninurta é geralmente representado como uma águia, com freqüência sobre um pilar e algumas vezes com duas cabeças, voltadas para direções opostas. Ninurta pode

bem ter sido o deus sol Sakkut (traduzido como Moloch na Bíblia), que é atacado no Livro de Amos."

A primeira descrição conhecida de Saturno foi encontrada no *Enuma elish*, a história babilônica da criação datando em torno de 1800 a.C. É chamado de "estrela da lei e da ordem" — uma visão que ainda é mantida pelos astrólogos modernos que o vêem como um símbolo da estrutura e da limitação. Somente alguns relatos de astrólogos para os reis mencionam Ninurta. Entretanto, três enfatizam que quando uma conjunção ocorre entre Saturno e a Lua é tempo da verdade e da justiça: "Quando um halo circunda a Lua e Saturno está dentro dele, eles falarão da verdade na Terra: o filho falará a verdade para seu pai. Bem-estar das multidões."¹⁴ Novamente, quando Saturno está próximo da Lua é sorte para o rei (que, como Saturno, está associado ao Sol), e o trono estará seguro. Por outro lado, se Saturno estiver conjunto com Marte, o resultado será a fome; Saturno em Leão pode trazer três anos de escassez por leões e chacais errantes.

Diferente das interpretações melancólicas dos astrólogos gregos e romanos, a maioria dos relatos mesopotâmicos sugere que Saturno era considerado um planeta benevolente, que trazia a estabilidade e a justiça para a terra. Este aspecto positivo de Saturno foi recuperado em época recente pelos astrólogos influenciados pela psicologia junguiana profunda, que reconhece que a estrutura e as limitações são algumas vezes necessárias para o crescimento pessoal.

Marte

Como vimos, os antigos astrólogos mesopotâmicos identificavam Marte com o deus Nergal, enquanto irmão de Saturno-Ninurta. Embora ambos fossem considerados deidades solares, achava-se que Nergal era maléfico e Ninurta, bom. Não somente ele era o senhor da morte, como também dos fogos do inferno e do calor do verão.

Em um dos primeiros mitos sumerianos, Nergal estava presente quando os deuses no céu convidaram Ereshkigal, deusa do submundo, para um encontro. Eles sabiam que ela não iria e que mandaria um emissário. Quando o emissário chegou ao céu, todos os deuses, exceto Nergal, se levantaram para recebê-lo. Uma Ereshkigal insultada estava ao seu lado tomada de raiva e exigiu a vida do deus. Finalmente concordaram que Nergal deveria descer ao submundo com 14 acompanhantes. A sua chegada, ele os colocou nas portas do palácio dela e depois entrou correndo. Encontrou o enviado e o matou. Depois encontrou Ereshkigal na sala do trono, agarrou-a pelos cabelos e estava para cortar-lhe a cabeça quando ela implorou por sua vida. "Se me deixar ir", implorou ela com lágrimas

nos olhos, "eu serei sua esposa." Movido pela compaixão e pela beleza dela, Nergal se compadeceu e eles se casaram logo depois. Daí em diante eles governaram juntos o submundo e Nergal tornou-se o rei das sepulturas e juiz dos mortos.

Este mito enfatiza a associação de Nergal com a morte e a guerra. Existem várias referências a Marte neste papel nos textos mesopotâmicos: "Quando um planeta e Marte ficarem de frente um para o outro, haverá uma invasão do inimigo." Novamente: "Quando Marte se aproximar de Escorpião, o príncipe morrerá picado por um escorpião ou será capturado em seu palácio".¹⁵

Nergal era também visto como o deus das pragas e das febres. Marte ainda hoje é associado na moderna astrologia à pestilência, guerra e morte, embora desde a década de 1930 Plutão tenha assumido vários destes atributos como regente do submundo. E assim como os astrólogos viam Nergal afetando a vida do gado, atualmente Marte é considerado o regente dos açougueiros.

Júpiter

Júpiter era identificado com o deus Marduk, a quem era dedicado o grande templo planetário na Babilônia. A cada Ano-novo, quando a Lua Crescente mais próxima do equinócio da primavera aparecia pela primeira vez, acontecia um grande festival na Babilônia que durava 11 dias. Envolveria uma série de rituais, cada um com um significado esotérico. Quando o rei, por exemplo, usava jóias na cabeça e assava cabras, o significado interior era: "Ele é Marduk, aquele que transporta lenha para o fogo em sua cabeça e queima os filhos de Enlil e Anu em uma fogueira." Para reforçar a natureza oculta dos rituais, havia um aviso no fim de cada texto: "Um segredo dos grandes deuses. Que o iniciado instrua o iniciado. Que o não iniciado não assista."¹⁶

Os primeiros três dias eram de preparações. Durante o anoitecer do quarto dia o grande mito mesopotâmico da criação *Enuma elish* era lido pelo sumo sacerdote diante de uma estátua de Marduk no templo. No quinto dia, o rei era ritualisticamente humilhado diante da estátua levando um tapa no rosto e tendo as orelhas puxadas pelo sumo sacerdote. Isto, sem dúvida, era para lembrar a ele que sua autoridade se encontrava nas mãos do deus. Encenando a parte de Marduk, o rei então era levado cativo "para a montanha" da torre do templo. Uma carruagem sem cocheiro era então liberada para percorrer sem controle pelas ruas do lado de fora: o deus desaparecera e o caos descia sobre a cidade. Um touro branco era sacrificado.

No dia seguinte, o sexto, o filho de Marduk, Nabu (Mercúrio), chegava à cidade e sua estatueta era colocada dentro do templo. Aqui, a única tabuleta existente que descrevia os eventos do festival havia se quebrado, mas parece que, por meio de outras fontes, Nabu resgatava seu pai do cativeiro e as estátuas dos deuses que haviam sido trazidas para a Babilônia eram reunidas no Salão do Destino no grande templo. O Marduk libertado era eleito mais uma vez rei dos deuses. No nono dia, o rei conduzia uma procissão pelas ruas e comparecia a um grande banquete celebrando sua vitória sobre a deusa do caos, Tiamat. À tarde, o rei se deitava com uma sacerdotisa no "quarto da cama" no templo, simbolizando a união entre o deus e a deusa. A ordem tinha finalmente sido restaurada no céu e na Terra.

Júpiter é chamado de "Estrela do deus Marduk" nos textos astrológicos. Sua associação com o salvador do mundo significava que era geralmente considerado benéfico — como o é ainda hoje. Sua presença não apenas pressagiava a paz para o rei, como também que traria a chuva e boas colheitas para a terra. Quando Júpiter ficava mais brilhante, o rei também se tornava mais importante. No ponto mais brilhante do planeta: "Os deuses darão paz, os problemas serão esclarecidos e as complicações resolvidas (...) os deuses receberão preces e ouvirão as súplicas; os presságios dos magos serão claros."¹⁷

Entretanto, havia um lado mais destrutivo de Júpiter, particularmente quando estava conjunto com a Lua: os resultados poderiam ser invasões, inquietações sociais e até a morte do rei. Se Júpiter entrasse em Orion, as pestes destruiriam as colheitas. Se passasse por Regulus (a "Estrela Real"), o trono poderia ser usurpado por um inimigo. Uma conjunção com Marte parecia ser interpretada como um desafio direto para o rei. Uma interpretação similar persiste na astrologia moderna: Júpiter é o planeta da expansão e crescimento, porém, se fosse visto de forma negativa, poderia significar falta de moderação e desarmonia.

Mercúrio

Nabu-Mercúrio era o filho de Marduk-Júpiter. No 11º dia do festival da primavera na babilônia, quando os deuses se encontravam no Salão do Destino para decidir sobre os destinos do mundo para o próximo ano, ele registrava os seus julgamentos. Ele era, então, o escriba dos deuses e o seu emblema, gravado em várias esteiras, era geralmente uma tábua de escrever. Era também o mensageiro dos deuses; seu nome significa, literalmente, "anunciar". E assim como o movimento do planeta, ele era rápido.

Pouco se sabe a respeito do culto a Nabu. Seu nome é mencionado pela primeira vez durante o reinado do Rei Hamurabi, mas foi só na virada do primeiro milênio que ele substituiu a antiga deusa sumeriana Nisaba como a deidade que preside a sabedoria, a escrita e os relatos. Ele logo se tornou suficientemente popular para que os reis babilônios ordenassem uma fórmula a ser cunhada em seus tijolos de construção, dizendo que eles sustentavam os templos de Marduk e Nabu.

Uma das qualidades mais importantes de Mercúrio era a de fazer chover. Um relato aos reis observou: "Quando Mercúrio for visto em Iyyar, haverá uma inundação que beneficiará os campos e os prados." Como as inundações eram vistas como benéficas pelos fazendeiros que trabalhavam uma terra ressequida, não surpreende que Mercúrio fosse associado a uma boa colheita. "Quando Mercúrio aparecer em Elul (céu), haverá um crescimento no mercado, um aumento de grãos (...) o gado será numeroso nos campos (...) O gergelim e as tâmaras serão abundantes."¹⁸ O que mais poderia ser pedido!

Nabu-Mercúrio, como filho de Marduk-Júpiter, era também associado ao príncipe coroado. Qualquer variação na aparência ou movimento tinha um significado nas suas obrigações. Se estivesse particularmente brilhante, era uma época auspiciosa para o príncipe coroado visitar o rei. Milhares de anos mais tarde, Mercúrio ainda é visto pelos astrólogos modernos como o regente do comércio e dos mercados, e também da escrita e da comunicação.

O centro do culto Nabu-Mercúrio parece ter sido na cidade de Borsippa, nas margens de um lago próximo do Eufrates, cerca de 16 quilômetros ao Sul da Babilônia. Seu templo, o Ezida, já abrigou uma famosa biblioteca; o Rei Assurbanipal enviou seus escribas até lá em busca de tabuletas raras.

O Zigurate de Borsippa

Em 1854, Henry Rawlinson, o explorador que decifrou as inscrições cuneiformes encontradas em Behistun, deu início às escavações em Borsippa que revelaram as ruínas do templo de Nabu.

A estrutura mostrou ser um zigurate de plataformas recuadas formado de sete andares, o primeiro dos quais tinha 25 metros quadrados e oito metros de altura. A medida que a escavação prosseguia, revelando a parede externa, Rawlinson ia ficando mais fascinado — os tijolos dos diferentes níveis tinham cores diferentes: preta era a cor do primeiro estágio; vermelha, a do terceiro; e azul, a do sexto. Ele ficou perplexo com uma coincidência extraordinária — as cores, ele lembrou, pertenciam às primeira, terceira e

sexta esferas do sistema planetário dos sabeus, que eram regidas por Saturno, Marte e Mercúrio, respectivamente. Os sabeus foram um grupo religioso que adorava as estrelas e que viveu entre os séculos VI e X d.C. em Harran, uma cidade na rota da Babilônia para o Mediterrâneo. Confirmando o seu pressentimento, Rawlinson descobriu dois cilindros idênticos nas fundações do zigurate que registravam que "o templo era dedicado aos 'planetas das sete esferas'" e que era chamado de "Os estágios das sete esferas".¹⁹

Os sete andares do zigurate não somente eram pintados com as cores dos planetas, como associados a metais diferentes: o mais baixo era preto e de chumbo para Saturno, depois marrom-avermelhado e estanho para Júpiter; rosa vivo e ferro para Marte; ouro (cor e metal) para o Sol; branco-dourado e cobre para Vênus; azul-escuro e mercúrio para Mercúrio; e o andar mais alto prata para a Lua.

O templo de Borsippa foi um monumento magnífico à evolução de quatro milênios de astrologia na Mesopotâmia. Ele pode ter sido enterrado pelas areias do deserto, porém as associações que ele personificou seriam aproveitadas pelos egípcios e pelos gregos, e vieram a formar os alicerces da astrologia islâmica e ocidental.

20

A Imagem do Céu

Você não sabe, Esculápio, que o Egito é uma imagem do céu, ou, para ser mais preciso, que tudo que era governado e que se movia no céu desceu para o Egito e foi aqui transformado? Se a verdade foi contada, a nossa terra é o templo do mundo inteiro.

HERMES TRISMEGISTO

SABE-SE QUE O EGITO DESENVOLVEU REPENTINAMENTE UMA CIVILIZAÇÃO POR VOLTA de seis mil anos atrás com uma religião complexa, arquitetura monumental e linguagem escrita. Porém sua origem permanece um mistério profundo. O fato de ter atingido seu ápice em algumas centenas de anos deu margem a alguns estudiosos argumentarem que aqueles que o civilizaram devem ter vindo de longe com o seu conhecimento. O Professor Budge, primeiro guardião das Antigüidades Egípcias e Assírias no Museu Britânico, sugeriu que "houve recém-chegados do Leste".¹ Os próprios mitos egípcios apóiam a idéia de visitantes estrangeiros, com histórias dos "Companheiros de Hórus" chegando pelo mar com sua ciência sagrada para ser estabelecida após uma catástrofe que surpreendeu sua civilização original. A memória deste fato sem dúvida inspirou o mito de Atlântida, primeiro mencionado por Platão, que argumentou que o grego Sólon o ouviu antes de um sacerdote egípcio.² No núcleo da ciência sagrada que trouxeram com eles estava a astrologia — o conhecimento do movimento e significado das estrelas. Este, indubitavelmente, inspirou grande parte da arquitetura e da arte do antigo Egito.³

Religião Estelar

A três horas de camelo da Grande Pirâmide em Gizé, no Egito, encontra-se o espetacular recinto sagrado de Saqqara. Era o complexo funerário do Rei Zoser (2630-2611 a.C), da terceira dinastia, construído bem no início do florescimento da civilização egípcia. Elevando-se do deserto sob um céu de azul profundo estão as paredes de simetria perfeita, de linhas retas e harmoniosas. A entrada é marcada por um belo templo de extrema simplicidade. Os antigos visitantes ficavam tão impressionados que há mais de três mil anos um deles observou no grafito mais antigo do mundo: "É como se o céu estivesse dentro dele, Ra [o deus sol] surgindo dele."⁴

Acredita-se que o complexo seja trabalho de Imhotep, um exemplo da genialidade universal do homem. Imhotep, além de ser arquiteto, alto sacerdote e curador, era também um renomado astrólogo. Os gregos o identificaram posteriormente com Esculápio, seu próprio lendário pai da medicina.

A Pirâmide de Degraus foi a primeira pirâmide em grande escala e ainda hoje mede sessenta metros de altura. Uma outra pirâmide próxima, a Pirâmide de Unas (2356-2323 a.C), é agora uma pilha de cascalhos, mas quando descí até sua câmara subterrânea fiquei abismado ao descobrir um teto coberto de estrelas. As paredes foram gravadas com hieróglifos singelos e delicados. São conhecidos como os Textos da Pirâmide, os textos mais antigos de que se tem conhecimento, e revelam um corpo extraordinário de ciência sagrada. O significado do Texto de Unas engloba vários níveis e é enigmático, mas contém claramente muitas referências a indivíduos que viajaram até as estrelas e retornaram. Não menos do que 24 vezes está escrito: "Ele não está morto, este Unas não está morto."⁵ O faraó não somente é chamado de uma "estrela do Céu Inferior", mas também é dito que vagueia pelo "céu como Ra".⁶ Além disso, ele deve se purificar "com as águas frias das Estrelas Circumpolares".⁷

Parece que as pirâmides do Egito não eram apenas utilizadas como tumbas, como normalmente se supõe, mas também como locais de iniciação. Os sarcófagos encontrados nas pirâmides não eram locais de descanso final, mas utilizados para preparar o faraó para a jornada após a morte. Os "ritos funerários" podem bem ter sido fórmulas mágicas para induzir uma experiência fora do corpo na qual o faraó poderia ascender aos céus e encontrar os deuses, antes de retornar ao seu corpo físico. No grande Festival de Heb Sed, o festival da cauda, o faraó era identificado com o deus Osíris, que guia a humanidade pelos três grandes estágios de vida, morte e renascimento. Durante a cerimônia, "vestido com os trajes de Osíris, com as vestes ajustadas pendendo dele como uma mortalha, o faraó é conduzido para a tumba; e dali ele retorna rejuvenescido e renascido como

Osíris, emergindo dos mortos.⁸ Os barcos encontrados enterrados próximo das pirâmides eram sem dúvida barcas solares utilizadas para as viagens astrais pelos céus.

Os Textos da Pirâmide são a fonte original do conhecido *Livro egípcio dos mortos*. O livro é um guia para a jornada além-túmulo, que passa pelo submundo e segue para o reino da nova vida na divina presença de Osíris. Os capítulos pretendiam ajudar o defunto a superar seus medos no submundo, induzir o auxílio dos seres amigáveis e finalmente vaguear à vontade fosse viajando na "Barca de um Milhão de Anos" com Ra, ou visitando qualquer outro reino imaginável de alegria. A maioria dos textos egípcios sugere que o indivíduo realizado ressuscitaria após a morte e se tornaria uma estrela. Regenerado, ele, ou ela, seria capaz de acompanhar os deuses nos céus na sua eterna ronda para manter a ordem e o fluxo do universo. Isto só seria possível se o corpo mumificado permanecesse imperturbado e intacto em sua tumba.

A civilização egípcia era inteiramente baseada na religião. O faraó tinha um poder supremo na Terra e era considerado divino. Da mesma maneira, todos os seres humanos continham uma centelha divina e poderiam se tornar semelhantes a deus. O faraó representava o destino espiritual de toda a humanidade, estando associado ao deus mortal Osíris em sua jornada pelo submundo, transformando corpo em espírito e emergindo com Hórus na forma do eterno deus sol Ra.

A religião estava em cada aspecto da vida diária. Construir, semear, fermentar, cozer, fazer amor e jogar eram, todos, atos sagrados. Simbolizavam o processo criativo de transformar a natureza e a vida humana em uma forma mais espiritual. Heródoto registra que os egípcios eram "esmagadoramente religiosos, mais que qualquer outro povo no mundo".⁹

Os egípcios expressavam sua religião e filosofia por meio do simbolismo e do mito, da arte e da arquitetura. Embora reconhecessem vários deuses, sua religião era essencialmente monoteísta. O universo era um ato deliberado de criação do deus supremo Aton. Era vivo e impregnado de espírito. Os deuses, ou *neterw*, responsáveis pela sua ordem, eram personificações de forças e aspectos cósmicos do deus supremo. Os animais eram não somente adorados como tais, mas também como manifestações de determinados princípios e funções divinos.

A visão de mundo dos egípcios antigos era igual a de todos os astrólogos posteriores. Para eles o universo era impregnado de alma — a *anima mundi*. Percebiam uma unidade subjacente na rica diversidade do mundo: Todos são Um e o Um é Todos. Eles acreditavam que todos os fenômenos eram interligados por energias positivas. Chamavam o poder mágico que permeava o universo de *heka*. O Sol era a fonte mais visível de *heka*, e a Lua, os planetas e as estrelas emanavam dele. Quando o Faraó Akhenaton (1353-

1335 a.C.) tentou criar uma religião monoteísta de adoração ao Sol, seus artistas o representaram com braços esticados recebendo os raios mágicos do Sol.

Degrau para a Eternidade

Os egípcios viam a vida na Terra como uma morada temporária, um degrau para a eternidade. Como acreditavam que a alma dos seres vivos vinha das estrelas, buscavam retornar a elas. Na verdade, o hieróglifo egípcio para "estrela" significa também "alma". Até os fazendeiros *fellahin* muçulmanos de hoje dizem que as estrelas que estão acima de nós são as almas dos mortos.

Desde os primeiros tempos os Textos da Pirâmide (inscritos entre 2400 e 2200 a.C.) declaravam para o faraó morto: "Eu parti de vós, ó homens; Eu não sou da Terra, eu sou do céu."¹⁰ Novamente, os sacerdotes incitavam a alma do morto: "Levanta, remove tua terra, sacode a poeira, levanta-te, para que possas viajar em companhia dos espíritos (...) Atravessa o céu (...) Faz a tua morada no Campo das Oferendas entre as Estrelas Imperecíveis, as seguidoras de Osíris." A mais bela ilustração desta crença está no segundo santuário dourado de Tutancamon (1333-1323 a.C). Gravada em ouro, uma fileira de figuras humanas está em posição oposta ao pássaro benu de cabeça humana (símbolo da alma). Raios da testa de cada figura se estendem para uma estrela individual, ligando desta forma sua consciência aos céus. Como incontáveis hieróglifos maravilhosos demonstram, a esperança de cada egípcio era que após a morte ele velejasse com o deus sol Ra em sua "Barca de um Milhão de Anos" pelo céu.

Céu e Terra não eram considerados separados, mas parte de um todo maior. Segundo o mito da criação egípcio, no início havia as águas primordiais (Nun), das quais emergiu a primeira ilha. Autogerado, Aton se masturbou, saindo de Nun. Ele então desovou os gêmeos Shu (ar) e Tefnut (associado com a umidade), que sucessivamente geraram Geb (a Terra) e Nut (o céu). Invertendo os gêneros comuns, Geb na mitologia egípcia é masculino e Nut é feminina; eles são belamente representados nos tetos dos templos e tumbas como um homem deitado de costas com o pênis ereto, montado por uma mulher escura cujos membros formam os quatro pilares do céu. Suas costas são guarnecidas de estrelas douradas do firmamento, onde o deus sol Ra viaja em sua barca solar do nascer ao pôr-do-sol. Diz-se que ela o engole no fim do dia e pela manhã o faz nascer. O Vale de Duat — o submundo — ficava em seu corpo. Nut e Geb, céu e Terra, eram mantidos separados por Shu, o deus do espaço. Contudo, da sua união nasceram as figuras centrais do panteão egípcio: Osíris e Set, Ísis e Néftis. Hórus era o filho de Osíris e Ísis.

A Grande Pirâmide

Em uma tarde de inverno eu subi a Grande Pirâmide em Gizé, próximo ao Cairo. Agora é estritamente proibido, mas obtive uma permissão especial do diretor de Antigüidades. Subindo de um bloco ao outro — a face externa suave já desaparecera há muito tempo —, precisei de meia hora para chegar ao cume que fica a cerca de 138 metros de altura. A parte do topo da pirâmide também não existe mais, e fiquei sobre uma plataforma com cerca de seis metros quadrados. Parecia que eu estava no topo do mundo.

De acordo com minha bússola, os quatro lados da pirâmide voltavam-se para os pontos cardeais. No deserto pude somente distinguir as ruínas das pirâmides de Saqqara no Sudeste. Não muito longe de mim estavam as costas e a cabeça da Esfinge, eternamente voltada para o Sol nascente. No Sudoeste vi as outras duas pirâmides de Gizé, e me lembrei da hipótese de que as três juntas espelhavam as três estrelas do cinturão de Orion, o homem cósmico que atravessava continuamente os céus.¹² Os meandros do Nilo também eram uma contraparte terrena da Via Láctea. Eles ilustravam perfeitamente o antigo princípio astrológico: "Assim como é em cima, é embaixo."

A Grande Pirâmide personifica lindamente a religião estelar do Egito antigo. Suas hastes, que se pensava serem passagens de ar, há pouco se revelaram estar alinhadas particularmente com determinadas estrelas em torno de 2500 a.C. Na Câmara da Rainha, a haste sul está orientada para Sirius, a estrela mais brilhante no céu, que era identificada com Ísis, a consorte do deus supremo Osíris. A haste norte está alinhada com a estrela Beta da Ursa Menor, que era associada à imortalidade da alma. Na Câmara do Rei, a haste sul se voltava para a estrela mais brilhante do cinturão de Orion (Zeta Orionis), associada a Osíris, enquanto a haste norte apontava para a antiga Estrela Polar (Alpha Draconis).¹³ Deitado na Grande Pirâmide em um elaborado ritual antes de ser enterrado, o faraó morto podia desta forma reencenar a união de Osíris e Isis em um grande orgasmo cósmico.

Ligando a Câmara da Rainha com a Câmara do Rei fica uma subida polida e com degraus do que é agora chamado de Grande Galeria. Parece uma abóbada de uma catedral muito estreita, com lados bem suaves contendo ranhuras misteriosas a intervalos diferentes. Antes do término da construção da pirâmide, quando estava ainda aberta para o céu, poderia bem ter servido de um maravilhoso observatório para os astrólogos egípcios. As bordas agudas do topo das paredes de suporte devem ter fornecido marcadores perfeitos para registrar com precisão os trânsitos das estrelas que passavam acima. As ranhuras misteriosas podem ter sido usadas para manter no lugar plataformas de observação para os astrólogos. Esta galeria não deve ter servido a outro propósito.¹⁴ Certa-

mente o filósofo do século V, Proclo, assim imaginou. O astrônomo moderno, Eugene Antoniadi, também calculou que oitenta por cento do céu noturno podiam ser observados da Grande Galeria. Conhecedores da antiga tradição, os árabes com frequência representavam os astrólogos egípcios no telhado da pirâmide, observando as estrelas.

A Grande Pirâmide está perfeitamente posicionada como um observatório celeste. Está localizada a 30° Norte de latitude, um terço da distância do Equador ao Pólo Norte. Observa também o Norte verdadeiro com mais precisão do que o meridiano estabelecido pelo Observatório de Greenwich, em Londres. Sua localização exata só pode ter sido escolhida por mestres astrônomos — astrólogos que observavam os trânsitos das estrelas há milhares de anos. Não causa surpresa aprendermos que o nome do Rei Semerkhet da primeira dinastia significa "o homem com o bastão do astrônomo".¹⁵

O instrumento de observação chamado *merkhet* era utilizado para observar as estrelas e para alinhar o eixo dos templos com as estrelas. Os relógios de água eram também utilizados durante a noite, especialmente quando as estrelas não estavam visíveis. As horas do dia eram determinadas por simples relógios de sombra. Os obeliscos com pontas de eletro ou de ouro do Egito também podem ter sido usados como gnômons gigantes, calculando os solstícios e equinócios pela sombra lançada no chão.

Outro aspecto fascinante da Grande Pirâmide é que parece que os seus construtores teriam visto a Terra como uma esfera. Do topo da pirâmide compreendi que no cume podia-se continuar a ver o pôr-do-sol no horizonte ocidental, embora ele já tivesse desaparecido para a minha parceira que ficara lá embaixo. Isto é causado pela curvatura da superfície da Terra. Embora os gregos sejam em geral contemplados como os primeiros a considerar a Terra uma esfera, faltava somente muito pouco para os construtores das pirâmides chegarem à mesma conclusão, já que sustentavam que o cosmo tinha uma forma curva.

Além disso, as proporções matemáticas das quatro superfícies triangulares da Grande Pirâmide fornecem uma projeção em escala — como no desenho de um mapa — do Hemisfério Norte. O vértice representa o Pólo Norte e o perímetro o Equador. Diz-se que a escala é de 1:43.200, que representa 86.400 segundos em 24 horas.¹⁶ Se isto parece fantasia, o filósofo grego Agatarchides de Cnido, que serviu como guardião do faraó no século II a.C., afirmou a mesma teoria.

É interessante notar que a razão entre a Grande Pirâmide e a Terra é um múltiplo de 72. Graças ao complexo fenômeno celeste conhecido como "precessão dos equinócios", a posição das estrelas parece andar para trás — precede — em relação ao Sol. A razão da precessão é de 1° a cada 72 anos, completando desta forma um círculo de 360° em 25.920 anos. A implicação astrológica mais significativa da precessão é que os signos do zodíaco giram em um movimento anti-horário em relação ao ponto do nascer do Sol no

equinócio da primavera (conhecido como o primeiro grau de Áries). Com uma razão de 1° a cada 72 anos, é preciso 2.160 anos para atravessar um signo do zodíaco (72 x 30). Pouco antes do início do primeiro milênio, o equinócio vernal caía a 0° de Áries; agora está a 7° de Peixes.

O fenômeno da precessão também faz surgir a noção das eras astrológicas, ou Grandes Anos, que duram 2.160 anos. Estamos agora deixando a Era de Peixes, que começou antes do nascimento do Cristo, e entrando na Era de Aquário.

Como um modelo da Terra, a Grande Pirâmide parecia não somente revelar as leis matemáticas do universo, mas também codificar a evidência que sugere que os antigos egípcios sabiam a respeito da precessão dos equinócios. Pela observação das estrelas, os astrólogos egípcios devem ter compreendido que sua Estrela Polar havia se desviado da sua posição, particularmente porque prestavam atenção às estrelas circumpolares. Graças ao fato de a Terra bambolear ligeiramente em torno do seu eixo como um pião, os pólos fazem um pequeno círculo no espaço. Isto significa que a posição da Estrela Polar muda gradualmente e depois retorna ao seu lugar original em um período de 25.868 anos. A coluna *djed*, representada em incontáveis papiros, templos e tumbas, pode ter sido um símbolo do eixo sobre o qual a Terra gira.¹⁷

Além do Egito e da Mesopotâmia, parece que outras civilizações antigas também compreenderam a precessão dos equinócios bem antes dos gregos, a quem geralmente é creditada a descoberta. Herther von Dechend e Giorgio de Santillana argumentaram em seu notável livro *Hamlet's MUI* que existia um conjunto de conhecimento astronômico registrado em mitos há pelo menos "seis mil anos antes de Virgílio" (isto é, em torno de 6000 a.C). A princípio surpresos pela antigüidade, eles sugeriram que sua fonte deve ter estado em "alguma civilização ancestral quase inacreditável" que "ousou primeiro compreender o mundo criado segundo números, medidas e peso".¹⁸ Em sua visão, os valores precisos para a precessão dos equinócios receberam o formato de determinados números nos mitos, formando um tipo de mensagem codificada da sabedoria antiga.

Observações Celestes

Pela importância central do Sol em sua religião, não surpreende que os sacerdotes-astrólogos egípcios tivessem ficado fascinados pelo caminho do Sol — o "caminho de Ra" —, quando ele retornava a sua posição original a cada equinócio de primavera para marcar o término do ano solar. Se tivessem mantido registros desde os primeiros tempos — e não há razão para suspeitar que não o tivessem feito —, então teriam sido capazes de prever

a rotação gradual das 12 constelações do zodíaco em relação ao ponto onde o Sol nasce no equinócio da primavera. Isto teria confirmado seu sentido de harmonia cósmica e também fornecido um exemplo perfeito do eterno retorno e renascimento da alma.

Além de ser um soberbo observatório, a Grande Pirâmide também funcionava como um imenso relógio de sol. Sua base está perfeitamente alinhada com as quatro direções. Sua sombra se projeta para o Norte e a luz solar refletida para o Sul marca os equinócios e solstícios com grande precisão. Como tal, poderia ter sido usada como um almanaque, especialmente se as imensas pedras unidas da sua pavimentação prolongadas além da sua base fossem usadas como marcadores. Infelizmente, a alguns metros da pirâmide as grandes pedras foram retiradas, sem dúvida para servir de material de construção. O astrônomo Sir Norman Lockyer, em seu livro *The Dawn of Astronomy*, apoiou a hipótese acima, embora ela hoje não possa ser comprovada.

Na margem Leste do Nilo, a 4º de longitude ao Sul da Grande Pirâmide, está o grande templo solar de Amon-Ra em Karnak, um dos mais requintados trabalhos de arquitetura já construído por mãos humanas. Lockyer o chamou de "além dos questionamentos a ruína mais majestosa no mundo".¹⁹ O templo forma um telescópico gigantesco com cerca de quinhentos metros de comprimento. Seu eixo central está alinhado com o pôr-do-sol no solstício de verão, uma orientação óbvia para os sacerdotes que adoravam o deus sol Ra. O tempo de reflexo dos raios do Sol dentro do santuário poderia, portanto, ser utilizado para determinar o comprimento exato do ano solar. Lockyer foi o primeiro a reconhecer este fato em época recente.

Em outro exemplo, o templo de Ramsés II, em Abu Simbel, na margem do deserto núbio, foi projetado de modo que duas vezes ao ano, nos equinócios, o Sol nascente enviasse um raio de luz através da porta aberta. Ele percorre o corredor escuro do Salão de Hipostilo para iluminar o santuário a 55 metros dentro da face de rocha viva.

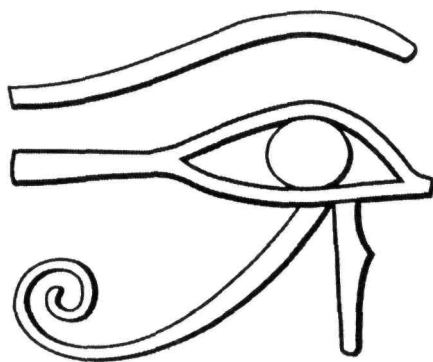
Na verdade, o caminho anual do Sol não é fixo, e muda quase que imperceptivelmente em períodos longos de tempo. Isto não é causado pela precessão dos equinócios, mas pela inclinação do eixo da Terra em relação ao plano da sua órbita em torno do Sol. O fenômeno é chamado de "ciclo de obliquidade" e leva mais de quarenta mil anos para se completar. Isto significa que os templos antigos não estão atualmente alinhados com os corpos celestes da maneira como estavam quando foram construídos. Considerando o pequeno desalinho atual, é possível calcular a data em que o templo deve ter sido originalmente projetado. No caso de Karnak, Lockyer chegou ao ano de 3700 a.C. mil anos antes do que é em geral proposto.²⁰

Se um templo pode ser utilizado como um telescópio, isto levanta a questão de que os antigos egípcios poderiam realmente ter inventado o telescópio para observar os movi-

mentos do firmamento estrelado. Embora o comum seja assumir que ele só foi inventado na época de Galileu, no século XVII, já vimos que os mesopotâmios também podem tê-lo inventado. Existem algumas evidências que sugerem que os egípcios podem ter realizado esta tarefa. Posso me lembrar bem da primeira vez que visitei o Museu Egípcio no Cairo quando fui impactado com a visão de uma estátua de madeira de um homem em marcha, portando um bastão e com olhos surpreendentemente vivos. Encontrado em Saqqara, o personagem é conhecido como Sheik ei balad (o chefe da aldeia), mas na verdade era Ka-aper, um sacerdote-chefe da quinta dinastia, cerca de 2470 a.C. responsável pela recitação das preces pelos mortos. Os seus olhos foram delineados com cobre, a parte branca com quartzo opaco e a córnea com cristal de rocha transparente. Logo constatee que várias outras estátuas possuíam olhos semelhantes de cristal de rocha.

Em seu estudo de óptica antiga, *The Crystal Sun*, Robert Temple argumenta que os egípcios possuíam instrumentos ópticos de alta precisão. O planejamento das pirâmides teria sido impossível sem instrumentos ópticos de levantamento topográfico. As lentes de cristal do Reino Antigo provam que existia tecnologia suficiente para que os egípcios inventassem telescópios; na verdade, algumas das lentes de melhor qualidade feitas antes de 1900 datam aproximadamente de 2600 a.C. no Egito.²¹

O Olho Udjat



Uma imagem impressionante do Antigo Egito representa o deus da sabedoria Thoth com cabeça de íbis segurando o "Olho de Hórus", conhecido como o olho *udjat*. Entre os dois olhos de Hórus, o olho direito é o símbolo do Sol (o "Olho de Ra") e o esquerdo, da Lua (o "Olho de Thoth"). Durante sua luta titânica, Seth rasgou o olho esquerdo do seu

sobrinho Hórus, que foi posteriormente restaurado por Thoth. Este evento importante na mitologia egípcia poderia representar um eclipse lunar?

O olho *udjat* possui uma razão matemática notável que expressa a constante universal conhecida como o "Coma de Pitágoras", que os egípcios parecem ter chamado de "pequeno intervalo". É um número que Robert Temple chama de o maior segredo dos antigos egípcios, sem o qual os enigmas da mitologia egípcia não podem ser resolvidos. O número sagrado, que se imaginava ter surgido nas estruturas profundas do universo, é 1,0136. A fórmula capacitou os egípcios a calcularem os 5,2424 dias extras a serem adicionados ao ano "ideal" de 360 dias.²²

Outro mito inicial sobre Thoth e o "olho de Ra" pode refletir a importância dada pelos antigos egípcios aos eclipses solares. Como no Gênese, o mito relata que seres humanos se rebelaram contra o seu criador e cometeram atos maus. Enraivecido, Ra enviou seu próprio olho sob a forma da deusa Hathor para descarregar a vingança. Mas até o olho de Ra se rebelou contra o Sol e teve de ser trazido de volta por Thoth. Em seu retorno, ele também ficou enraivecido ao descobrir que Ra o tinha substituído por outro olho (a Lua). Contudo, Thoth conseguiu pacificá-lo e Ra encontrou um lugar para ele em sua face.²³ O Sol e a Lua retornaram aos seus devidos lugares nos céus e a ordem foi restaurada na Terra.

O Retorno da Fênix

O Egito registrou e manteve eternamente a sabedoria dos tempos antigos. As paredes de seus templos são cobertas com inscrições e os sacerdotes mantêm sempre sob seus próprios olhos aquela herança divina.

PLATÃO

O DEUS EGÍPCIO DA SABEDORIA, THOTH, CONHECIDO PELOS GREGOS COMO HERMES E pelos romanos como Mercúrio, tornou-se o pai fundador da astrologia e da alquimia. Hermes emprestou seu nome para a tradição hermética do conhecimento oculto, enquanto na astrologia moderna Mercúrio continua associado à comunicação e à criatividade.

Diz-se que Thoth nasceu do deus sol Ra. Uma passagem antiga declara: "Eu sou Thoth, filho mais velho de Ra (...) Desci para a Terra com os segredos 'daquilo que pertence ao horizonte'."¹ Thoth pronunciou as palavras ditas por Ra para criar o mundo e foi o criador e regulador das leis da harmonia cósmica. Observou os céus e a estabilidade do universo dependeu do seu conhecimento sobre matemática celeste. Como um deus da Lua, delineou as estações e regulou o tempo. Era o navegador da barca solar de Ra e traçou o curso de cada dia. Era o responsável pela imortalidade da alma e iluminou o caminho para o submundo. Thoth era, na realidade, o portador dos segredos do poder.

No *Livro egípcio dos mortos*, ele declara: "Eu sou Thoth (...) o guia dos céus, e da Terra, e do submundo, e o criador da vida de [todas] as nações e povos. Dei alento para aquele que estava em lugar oculto, por meio do poder das palavras mágicas que pronunciei."²

Como inventor da escrita e fonte da sabedoria, diz-se que ele escreveu o agora perdido *Livro de Thoth*. Algumas fontes reivindicam que ele tem somente duas páginas; outros

consideram ser 42 livros que cobrem toda a gama da ciência sagrada egípcia, incluindo a história do mundo, a religião, a música, a medicina e a astrologia.

As Constelações

O que os sacerdotes-astrólogos egípcios viram em seus observatórios com o benefício dos seus avançados instrumentos astronômicos? O Sol e a Lua sem dúvida ocupavam um papel central em sua mitologia, simbolizados pelos deuses Ra e Thoth. Ra permaneceu como deus supremo, através de toda a história da civilização egípcia. Durante o seu reinado, Akhenaton até tentou introduzir o culto a Aton, o disco solar, um culto monoteísta, embora sua prática tenha desaparecido com ele. O local principal de adoração a Ra era On, chamada Heliópolis (Cidade do Sol) pelos gregos.

Na literatura disponível que chegou até nós, existem várias referências aos planetas ("as estrelas que nunca descansam"). Destacados entre eles estava Vênus ("a estrela matutina" e "estrela vespertina"); Saturno ("Hórus, o Touro"); Marte ("o Hórus vermelho") e possivelmente Mercúrio. Hórus, o deus mortal, filho de Osíris e Isis, vingou-se do desmembramento de seu pai realizado por seu irmão Set. Como Hórus é um herói da mitologia egípcia, é improvável que eles tenham considerado Marte como um planeta maléfico.

Desde o Reino Antigo os egípcios já haviam agrupado as estrelas em padrões que representavam figuras da sua mitologia. Aquilo que acreditavam, eles procuravam ver. Projetavam no céu noturno seus deuses, que eram inspirados por criaturas que viviam próximas a eles ao longo do Nilo, como crocodilos, hipopótamos, serpentes, leões e falcões. Outros eram mais antropomórficos como Orion, um homem com as pernas afastadas olhando permanentemente por sobre o ombro. Como Isis, Hathor, a quem o templo de Dendera é dedicado, era identificada com Sirius. Osíris era associado a "Orion, que percorre as suas Duas Terras, que navega na frente das estrelas do céu". O Leão, com o número exato de 19 estrelas registrado pelos astrônomos gregos Eratóstenes e Hiparco, é encontrado no teto de Ramesseum, o templo mortuário de Ramsés II em Luxor, construído no século XIII a.C.

Os egípcios ficavam profundamente impressionados com o circuito eterno das estrelas em torno de um ponto no céu setentrional — a Estrela Polar. Atribuía a ela o nodo do universo que chamavam de "aquele local" ou "grande cidade". Como o Deus Altíssimo era o regulador do universo, e o universo girava em torno da Estrela Polar, este deveria ser o seu local de moradia. Nos Textos da Pirâmide está escrito:

Conheço o seu nome, Eternidade é o seu nome,
 "Eternidade, o senhor dos anos" é o seu nome,
 exaltado na abóbada do céu,
 trazendo o Sol para a vida todos os dias.⁴

O pólo celeste era às vezes visto como uma árvore com as estrelas circumpolares, que continham as almas, encarapitadas em seus galhos. Essas estrelas eram particularmente reverenciadas e conhecidas como "as que nunca desaparecem" e "estrelas imperecíveis".

Somos afortunados por ter um mapa dos céus ainda existente, que mostra as posições das principais estrelas como era visto em Mênfis em torno de 3500 a.C. Isto torna possível a identificação de algumas constelações em outros mapas estelares egípcios antigos. A Grande Ursa (chamada de Arado), que naquela época girava em torno do pólo, era chamada de "perna do boi"; os beduínos do Saara ainda a chamam de "a perna". Outros grupos de estrelas que podem ser identificados são: Boeiro (como um crocodilo e um hipopótamo); Cisne (um homem com os braços esticados); Orion (um homem de pernas separadas, olhando para trás por sobre o ombro); Cassiopéia (outra figura com os braços estendidos); Dragão e as Plêiades (possivelmente como um ovo) e as Híades (um grupo com a forma da letra V). As constelações de Escorpião, Áries e provavelmente Leão, que se tornaram parte do zodíaco atual, também eram observadas no céu noturno.⁵

Com uma permissão especial do diretor de Antigüidades, pude visitar a tumba de Seti I no Vale dos Reis, na Margem Esquerda, próximo a Luxor. Ali, na escuridão de uma câmara, bem abaixo da superfície da Terra, a luz da minha tocha iluminou uma representação maravilhosa das constelações do céu noturno. Um hipopótamo, com um crocodilo em suas costas, representava o Dragão. O hipopótamo repousava uma das patas dianteiras sobre uma coxa (ou "perna do boi"), simbolizando a Grande Ursa. Uma fileira de estrelas formava a figura de um leão, quase certamente a constelação de Leão, que estava voltada para um homem com as pernas separadas (provavelmente Orion), acima do qual havia um boi (provavelmente Touro). Naquela escuridão tenebrosa, bem abaixo da superfície da Terra, fiquei cativado pelo esplendor brilhante do céu noturno.

Calendários Egípcios

Quando Júlio César decidiu dar aos romanos um novo calendário, sabiamente escolheu um egípcio de Alexandria para traçá-lo. Dario I, o conquistador persa do Egito, tinha feito o mesmo em 488 a.C. Os egípcios possuíam o único calendário confiável no mundo

antigo. Diferente do calendário gregoriano, de qualidade inferior, que é utilizado atualmente no Ocidente, não tinha anos bissextos.

Segundo Diodoro da Sicília, "Na tumba de Ozimandias [Ramsés II], em Tebas [Luxor], existe um círculo dourado no terraço, com 365 cúbitos de circunferência, que é dividido em 365 partes, cada uma correspondendo a um dia do ano, e próximo está escrito o nascer e o ocaso natural das estrelas com as previsões que a astrologia egípcia traçou a partir delas."⁶

No templo em Abu Simbel, gravada na rocha viva no deserto núbio, a data da batalha de Tutmés II é registrada como: "Ano 23, primeiro mês da terceira estação, 221º dia, o dia do festival da Lua Nova." Na verdade, os egípcios recorriam ao seu conhecimento astronômico para traçar três calendários separados: o calendário lunar, o "Calendário do Andarilho" e o excepcionalmente preciso calendário sótico. Diferente dos mesopotâmios, os egípcios contavam o seu mês lunar a partir da invisibilidade da Lua e não pelo aparecimento do novo crescente. Como o propósito mais prático do calendário era o da agricultura, o mês lunar consistia alternativamente de 29 ou trinta dias para mantê-lo em harmonia com o passar das estações, como eram definidas pelo movimento anual do Sol acima e abaixo do Equador. Enquanto o calendário egípcio perdia somente um dia em quatro anos e cerca de uma quinzena em uma vida, o calendário lunar muçulmano atual, que não admite dias extras, gira gradualmente pelas estações e perde cerca de 11 dias a cada ano.

O "Calendário do Andarilho" era um calendário civil móvel (daí o seu nome) de 360 dias e cinco dias adicionais. Era utilizado principalmente pelos sacerdotes do templo para os festivais e cerimônias. Os cinco dias extras eram considerados como aniversários dos deuses.

O calendário mais preciso de todos era o sótico, de 365 dias e um quarto. Era fundamentado na subida heliaca da estrela Sirius [conhecida pelos gregos como Sotis] no horizonte oriental pouco antes do amanhecer. Por uma coincidência extraordinária, o aparecimento da estrela mais brilhante nos céus antecipava a cheia do Nilo e a inundação anual da qual toda a civilização egípcia dependia. O Ano-novo egípcio começava então quando Sirius era vista pela primeira vez cerca de 42 minutos antes do nascer do Sol, aparecendo por um minuto ou dois antes de a sua luz ser obliterada pelo amanhecer. Este momento do ano ficou conhecido por ter sido adotado oficialmente pela 12ª Dinastia (1991-1783 a.C). Sirius aparece agora em agosto.

Sirius era importante não somente porque antecipava a cheia anual do Nilo, mas também porque era um símbolo de Ísis, a deusa mais importante depois de Ra no panteão egípcio. Sirius era com frequência chamada de "Grande Provedora". Seu ciclo de sessenta

anos era próximo do de Júpiter-Saturno, ainda hoje considerado como presságio de grandes mudanças. Existem algumas evidências que sugerem que os egípcios achavam que Sirius era o "Sol maior", em torno do qual nosso próprio Sol e o sistema solar orbitavam.

Sirius e a Fênix

O nascer helíaco de Sirius é a provável fonte da lenda da fênix, o pássaro fabuloso que retorna no fim da sua vida ao seu local de nascimento no "Deserto Árabe", entre o Nilo e o mar. Ali ele constrói uma fogueira e se imola até a morte, somente para nascer de novo das próprias cinzas. Como tal, a fênix é tida como um dos símbolos mais antigos de renascimento e renovação.

Geralmente representado como uma garça cinzenta, o pássaro *benu* é a antiga fênix egípcia. Dizia-se que havia aparecido no momento da criação encarapitada sobre um pilar no Monte Primevo, a primeira ilha nas Águas Primevas. Representava a alma dos mortos e era muitas vezes retratada carregando uma cruz ansata, símbolo do renascimento.

Existe também um nível astrológico no significado da lenda. A fênix nasce no Deserto Árabe porque o Sol nasce no horizonte oriental do Egito. O fogo no qual ela morre é a luz do amanhecer. Diz-se que a duração da sua vida era de 1.460 anos, isto é, quatro vezes 365. Em Heliópolis, este "Ano-novo" prolongado era conhecido como "o Retorno da Fênix".⁷ Heliópolis — a "Cidade do Sol" — foi por milhares de anos um centro de ciência astronômica e astrológica, de modo que o sumo sacerdote era chamado de "chefe dos astrônomos".⁸

O número 1.460 é significativo. O Calendário do Andarilho se moveu gradualmente em relação ao ano sótico fixo, levando 1.460 anos para completar um ciclo. A coincidência dos dois calendários era chamada de "Ano-novo", e provavelmente ocorreu em 4240 a.C. 2780 a.C. e 1320 a.C. Visto que os Textos da Pirâmide da quinta dinastia, cerca de 2500 a.C. mencionam com frequência o início do "Ano-novo", isto implica que o estabelecimento do calendário ocorreu mais cedo e aponta para o ano 4240 a.C. quando se acredita que os Impérios do Alto e Baixo Egito se uniram em uma só nação. Naturalmente, todo este conhecimento não poderia ter sido adquirido sem uma longa história de observação acurada das estrelas.⁹ Mais uma vez, um estudo da astrologia egípcia sugere uma data bem anterior para o desenvolvimento da civilização egípcia do que a maioria dos egiptólogos gostaria de admitir.

Os egípcios dividiam o ano em três estações de quatro meses cada, definidas pelo ritmo do Nilo: a estação seca, a inundação (que marcava o Ano-novo) e o período da

germinação. Seth estava associado à estação seca e Ísis à estação da cheia. Cada dia era dividido em 24 horas, 12 horas de luz e 12 horas de escuridão. As tumbas reais da vigésima dinastia (a partir de 1196 a.C.) tinham tábuas estelares pintadas nos tetos que mostravam, hora a hora, a posição das estrelas principais em períodos de duas semanas. Elas são similares às observações dos astrônomos modernos para as estrelas que atravessam o meridiano. Como vimos, os meses eram designados de duas maneiras: o mês lunar de 29 ou trinta dias e o mês sótico, que era definido pelo retorno periódico do nascer helíaco de Sirius.

As festividades religiosas eram celebradas de acordo com os diferentes calendários. Uma inscrição na tumba do piedoso Khnumhotep, um administrador de Senwosret II (1897-1878 a.C), em Beni Hassan, dá um sentido à interligação dos calendários:

Eu decreto as oferendas [alimentos] em cada festival da necrópole, na festa do início do ano [a primeira Lua Nova], na festa da abertura do ano [nascer de Sirius], na festa do ano longo, na festa do ano curto [anos lunares alternativos], na festa do último dia, na grande festa, na festa do grande calor, na festa do pequeno calor, na festa dos cinco dias adicionados ao ano [os aniversários dos deuses], na festa do lançamento de areia, nas 12 festas mensais, nas 12 festas da metade do mês, em cada festa dos vivos e dos mortos abençoados.¹⁰

Ter três calendários não causava problema. Na verdade, hoje são usados comumente três calendários no Egito — o calendário lunar muçulmano oficial para as observâncias religiosas, o copta (egípcio antigo), para propósitos de agricultura, e o calendário gregoriano, importado da Europa para os negócios e assuntos internacionais. Pode-se adquirir um almanaque que mostra a relação entre os três.

Os Decanos

A antiga preocupação egípcia com os céus é claramente visível na magnífica tumba de Ramsés VI (1151-1143 a.C), gravada na escarpa rochosa do deserto na margem ocidental do Nilo, em Luxor. Sobre a entrada da tumba uma montanha estilizada com o céu acima representa a Terra e o céu. A esquerda está um disco solar, contendo o escaravelho Khepri (símbolo do renascimento) e a deidade solar com cabeça de carneiro (refletindo a Era de Áries). Nos tetos do longo corredor estão representadas a deusa do céu Nut, barcas e cenas solares do *Livro do dia e da noite*.

Lá, no fundo da terra, no Salão do Sarcófago, que um dia abrigou a tumba do faraó, encontrei um mural espetacular no qual Nut está esticada por todo o comprimento do teto alto, rodeada por estrelas matutinas e vespertinas. Na pequena sala no fim da tumba, voltada para o Oeste, estão números representando as estrelas "decanas", adorando a barca solar que levaria o morto e velejaria com Ra pelos céus.

O que são esses "decanos" que mais tarde os astrólogos associaram ao "sistema egípcio" de astrologia? Eles consistem de um grupo de estrelas ou uma estrela visível dentro de um amplo cinturão equatorial que nasce em "determinadas horas da noite" durante um período de dez dias ("decano" veio do grego, dez). Trinta e seis delas formam um ano. O nascer helíaco de uma constelação no horizonte oriental marcava o início de cada decano; eles começavam com Sirius, conhecida como "a senhora do ano". Como se baseavam em um ciclo de 360 dias, surgiam em períodos diferentes do ano, de modo que era necessário formar tabelas para mostrar como eles se desviavam durante as estações. O sistema pode ser encontrado pelo menos até na terceira dinastia, cerca de 2800 a.C. e deve ter requerido um período longo de observações anteriores.

Como vemos no primeiro capítulo do Gênesis 1:14, "as luzes do firmamento" podem ser utilizadas como "sinais para as estações, dias e anos". Desde cedo os astrólogos egípcios haviam notado que uma determinada estrela nasceria, teria seu ápice e depois se poria cerca de quatro minutos mais cedo a cada dia. Isto porque a Terra não perfaz por inteiro uma rotação completa sobre o seu eixo a cada 24 horas. A diferença de quatro minutos é, portanto, a diferença diária entre o tempo solar e o sideral. O total chega a duas horas a cada mês. O fenômeno era conhecido como o "andar adiantado" das estrelas.¹¹

Por volta do segundo milênio antes de Cristo, e provavelmente bem anterior a essa época, os egípcios selecionaram 36 estrelas "decanas" entre os padrões de constelações que já tinham desenhado no céu. Seu nascer, ápice e ocaso eram usados para determinar a época aproximada do ano e também a hora da noite.

Os egípcios acreditavam que os mapas estelares podiam ser utilizados pelas almas dos mortos e também pelos vivos. A tampa do caixão de um sarcófago em Assiyut, datando em torno de 2050 a.C. funcionava como um calendário estelar e um relógio estelar, retratando imagens para representar as constelações circumpolares e a série de 36 estrelas decanas. O método é usado ainda hoje: os almanaques náuticos modernos possuem grandes séries de estrelas de "dez dias" e números menores de estrelas circumpolares que um navegador pode usar para calcular a data ou a hora.

Os decanos recebiam com freqüência os nomes dos deuses governantes e representavam princípios diferentes do cosmo. Esta pode ter sido a fonte da doutrina de Platão de

que cada signo tinha seu deus regente, e da reivindicação astrológica posterior de que cada signo possui um planeta regente.

O nascer dos decanos durante a noite era usado para dividir a duração da escuridão em horas. No verão, na época do nascer helíaco de Sirius, o nascimento de 12 delas era observado antes do amanhecer, e por isso as horas da noite eram divididas em 12. Embora a contagem decimal fosse a regra geral, uma hora de penumbra era adicionada no início e novamente no fim do dia às dez horas de claridade total para perfazer um total de 12. Como a extensão das horas variava em épocas diferentes do ano, os astrólogos usavam as horas iguais dos equinócios, quando noite e dia tinham a mesma duração, como padrão — daí nosso relógio de 24 horas.

Nas tumbas da Dinastia dos Ramsés (1194-1070 a.C), os calendários baseados nas estrelas decanas eram suplementados por uma série de 24 tabelas de estrelas das horas, dividindo noites de cada uma das 24 quinzenas do ano em 12 horas sazonais de várias durações. Essas estrelas das horas serviram originalmente como marcadores para traçar o movimento da Lua.

Os decanos egípcios foram assumidos com entusiasmo pelos astrólogos na antiga Roma, que dividiram cada signo do zodíaco em três segmentos de 10°. O céu foi assim seccionado em 36 decanos. O astrólogo romano Firmicus Maternus citou uma passagem do livro de textos egípcio de Nechepso e Petosiris: "Em cada signo existem três decanos que ocupam certos graus e deixam outros vazios (...) Então, todo aquele que tiver em seu horóscopo o Sol e a Lua e os cinco planetas em graus inteiros será como um deus e subirá até a altura da majestade." Infelizmente os astrólogos egípcios adicionaram: "Mas isso poderá nunca acontecer."¹² Contudo, quanto mais planetas alguém tiver em graus inteiros em um horóscopo, mais afortunado será.

O astrólogo romano Manilius distribuiu os decanos entre os signos do zodíaco em sua ordem tradicional. Um outro sistema atribuiu a eles planetas regentes, começando cora Marte para o primeiro decanato de Áries e continuando com a "Ordem Caldaica" até Marte reger o primeiro decanato de Peixes. Johanne Stobaeus, escritor do século V, descreveu assim os decanos: "semeiam sobre a terra as sementes de determinadas forças, algumas salutare e outras mais perniciosas, que muitos chamam de demônios".¹³ Durante a Renascença, o jesuíta italiano Egyptophile Athanasius Kircher fez uma lista adicionando algumas deidades gregas e persas às egípcias representando os decanos.¹⁴ Mais tarde, no século XVII, o astrólogo inglês William Lilly utilizou o chamado "sistema egípcio".

Existem pouquíssimas fontes escritas sobre a astrologia egípcia que sobreviveram. Por que isso aconteceu? Como em qualquer campo de conhecimento, os egípcios mantiveram seus princípios ocultos em segredo e somente os expressaram simbolicamente em

sua arquitetura e arte. Além disso, eles passaram oralmente seu conhecimento de mestre para iniciado. O segredo era mantido de modo que o conhecimento não chegasse a mãos erradas. Diz-se que o filósofo grego Pitágoras teve de esperar vinte anos até ser admitido nos templos egípcios.

Segundo o encantamento 144 do *Livro dos mortos*, o astrólogo está alerta quanto à posição das estrelas no céu: "Ele consulta os livros de astrologia em silêncio e segredo. Eles são na verdade acessíveis somente para aqueles que foram iniciados há vários anos."¹⁵ A astrologia permaneceu desta forma como uma ciência sagrada do templo, que podia ser estudada somente por sacerdotes responsáveis e conhecedores do assunto.

Atualmente, não conhecemos todos os detalhes da antiga astrologia egípcia. Recebemos somente fragmentos dela. Até então, não foi encontrado qualquer horóscopo natal anterior ao século I d.C. Entretanto, os antigos astrólogos egípcios estiveram sem dúvida envolvidos no que pode ser chamado de "macroastrologia" — isto é, a astrologia usada para calcular os momentos exatos do "nascimento" de templos e de momentos auspiciosos para rituais e cerimônias que ocorriam dentro deles. Como grande parte da civilização egípcia, seus segredos ainda permanecem enterrados na areia.

O Horóscopo da Eternidade

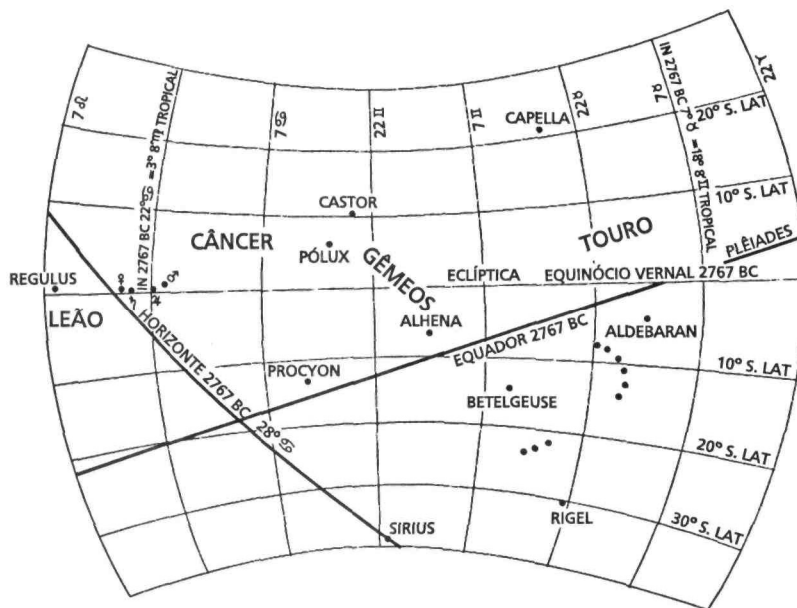
Talvez não exista uma terra onde a ordem e o movimento das estrelas sejam observados tão precisamente como no Egito. Eles mantiveram registros nos quais estas observações foram anotadas por um número incrível de anos. Aqui encontra-se informação sobre a relação de cada planeta com o nascimento dos animais e sobre a boa, ou má, influência de cada estrela.

DIODORO SICILUS

UMA NOTÁVEL COINCIDÊNCIA ENTRE ESTRELAS E PLANETAS ACONTECEU EM 2767 A.C, durante o reinado do Faraó Zoser, que construiu o templo e a pirâmide de Saqqara. A data era o solstício de verão. Uma forte conjunção de quatro planetas, todos com 7° de distância entre si, surgiu no horizonte oriental ao mesmo tempo que Sirius — uma conjunção que pode não ocorrer novamente. Foi tida como um dia de harmonia perfeita e registrada em um diagrama celeste chamado de "O Horóscopo da Eternidade", possivelmente o primeiro horóscopo mundial.¹ Na verdade, todos os mapas de horóscopo egípcio posteriores são diagramas do nascer helíaco de Sirius.

Um mapa estelar padrão do evento foi inscrito várias vezes em tumbas para ajudar os mortos a navegar em seu caminho pelos céus. Em seu centro, Sirius era geralmente representada de pé numa barca, como a figura de Isis. Orion representado como Osíris aparece à sua direita, como um faraó correndo. A esquerda de Sirius estão os planetas Saturno, Júpiter e Marte, depois duas tartarugas (possivelmente as duas estrelas Aselli da constelação de Câncer). Após cinco "metadecanos" vem Mercúrio. Uma grande garça, o pássaro *benu* de Osíris e, por implicação, o próprio Osíris, representa Vênus. Os planetas eram com frequência identificados com Hórus, o barqueiro do céu, que "ascende aos céus entre as estrelas imperecíveis, sua irmã é Sotis [Sirius], seu guia a Estrela Matutina [Vênus]".²

Esses diagramas astronômicos com estrelas e planetas podem ser verdadeiramente chamados de horóscopos, pois eram momentos celestes observados. Embora nada fosse previsto por eles, cada um era visto como uma representação do momento de um casamento sagrado entre Sirius (Isis) e Vênus (Osíris). Quando eles surgiam simultaneamente a cada oito anos, simbolizavam belamente o eterno elo entre o céu e a Terra.



O "Horóscopo da Eternidade" original de 2767 a.C.

Dendera e o Zodíaco

No deserto, em Dendera, aproximadamente 48 quilômetros ao Norte de Luxor, existe um dos últimos templos que ilustra vividamente a extensão do conhecimento astrológico egípcio reunido por mais de quatro mil anos. Na entrada do templo existem quatro fileiras idênticas de colunas imensas com cabeças da deusa Hathor, a deusa do amor e da fertilidade, que estava associada ao céu noturno. Ela é, com frequência, representada com um Sol entre dois chifres no alto da cabeça. Embora possa ter um papel destrutivo, como a Vênus [Ishtar] da Mesopotâmia, Hathor é geralmente considerada como a patrona da cura. Era identificada como Afrodite pelos gregos.

O templo de Dendera data do século I a.C. Sua construção começou após a conquista do Egito por Alexandre, o Grande, e terminou em 17 d.C. durante o reinado do Impera-

dor romano Augusto. Foi erigido no mesmo local de templos antigos e uma inscrição em uma cripta afirma que foi construído "segundo um plano escrito na caligrafia antiga sobre um pergaminho de pele de cabra da época dos Companheiros de Hórus".³ Os companheiros de Hórus eram semideuses lendários que vieram de longe para fundar a civilização egípcia.

Outra inscrição declara que durante a cerimônia de fundação, que aconteceu em torno de 300 a.C. o faraó alinhou o templo com a estrela *Alpha Ursae Majoris* da Grande Ursa: "O deus vivo, o filho magnífico de Asti [um nome de Thoth], nutrido pela sublime deusa no templo, soberano do país, cortou a corda com alegria. Com seu olhar em direção ao *ak* da constelação da Perna do Touro, ele estabeleceu o templo-residência da senhora de Dendera, como ocorreria anteriormente (...) Eu estabeleci os cantos do templo de Sua Majestade."⁴

Dendera é reconhecida por seus elementos astrológicos: o templo inteiro é recoberto com relevos coloridos que mostram uma rica trama de figuras astrológicas. A primeira nave do teto alto no vestibulo com seus 24 pilares enormes representa as fases da Lua e o curso do Sol durante as 12 horas do dia. Ao longo da segunda nave estão as deidades das estrelas e as horas do dia e da noite. Na terceira, a figura de Nut, a deusa do céu, está desdobrada sobre os signos do zodíaco e sobre algumas das estrelas fixas e constelações. Este é o chamado "Zodíaco Quadrado de Dendera".

Sua forma é oblonga, com 18 metros de comprimento, enquanto cada metade tem seis metros de largura. Possui dois registros. O registro superior mostra os signos do zodíaco e várias constelações, os planetas e as horas do dia (cada um desenhado como uma mulher com uma estrela sobre a cabeça). Leão mostra a direção Norte no lado ocidental do teto. Oposto à perna da deusa do céu, Nut (que está trajando um conjunto de pequenas ondas), o signo de Câncer, representado pelo Caranguejo, destaca-se orgulhoso do seu lugar. O restante dos signos do zodíaco segue a ordem normal: Leão, Virgem, Libra e assim por diante. O registro inferior representa os decanos, figuras humanas e semi-humanas em barcos navegando pelo céu noturno.

Fiquei chocado com o fato de o signo de Câncer ter recebido tal destaque. Os sacerdotes-astrólogos, mantenedores da ciência sagrada, sabiam exatamente o que estavam fazendo quando instruíram os artistas para retratá-lo ali. Qual teria sido a razão? Implicaria o fato de a civilização egípcia ter se iniciado sob o signo de Câncer? Por causa da precessão dos equinócios, o equinócio vernal precede uma fração de grau contra a faixa do zodíaco a cada ano. O equinócio vernal surgiu pela última vez sob o signo de Câncer entre 10000 e 8000 a.C. Isto dataria o nascimento da civilização egípcia bem antes da visão ortodoxa. Por outro lado, uma explicação mais simples do destaque dado a Câncer

seria de que o Ano-novo começava em 19 de julho no nascer helíaco de Sirius no signo de Câncer.⁵

As criptas abafadas e escuras do templo tinham um significado cerimonial e simbólico: a estátua da alma *ba* de Hathor era mantida ali até o Ano-novo, quando era trazida da escuridão primordial e levada para a luz dourada do alto do telhado do templo, de modo que, ao amanhecer, ela se reunisse aos raios de seu pai Ra.

A pequena Capela do Ano-novo dava para um pátio aberto. No teto está uma mulher enorme dobrada sobre a cintura entre estrelas. É Nut, a deusa do céu dando à luz o Sol, cujos raios se espalham da região do seu ventre para iluminar a face de Hathor. É uma representação maravilhosa da energia estelar.

A escada que leva ao telhado do templo é quadrada, com uma ligeira inclinação, e forma ângulos retos. É iluminada por pequenas aberturas, pouco mais do que sulcos, com linhas onduladas gravadas nas pedras representando os raios brilhantes do Sol. Do topo achatado do telhado do templo tem-se uma vista espetacular da planície aluvial do Nilo. Em uma capela no canto Nordeste do telhado, dedicado ao "Broto da Semente" e à "Ressurreição de Osíris", está uma réplica do famoso zodíaco de Dendera — o original encontra-se agora no Museu do Louvre, em Paris.

O zodíaco de Dendera é o único zodíaco circular existente descoberto no Egito. Um exemplar anterior foi aparentemente montado em 221 a.C. durante o reinado de Ptolomeu III, mas foi perdido. O zodíaco circular é similar àqueles desenvolvidos pelos babilônios e gregos, exceto pelo fato de os símbolos serem egípcios. No centro estão personificações das estrelas circumpolares: o Dragão é um hipopótamo ereto, a perna do touro é a Grande Ursa e o chacal Anúbis é a Pequena Ursa. Sirius figura como uma vaca deitada na barca, enquanto Orion aparece sob os cascos do Touro. O equinócio vernal é mostrado pelo babuíno de Thoth seguindo o Carneiro (Áries).

Câncer novamente assume um papel essencial: o caranguejo de corpo arredondado está quase no centro, imediatamente acima da cabeça do leão (Leão). Os outros signos do zodíaco estão dispostos na direção contrária ao movimento dos ponteiros do relógio. Uma deusa segura o leão pela cauda, e atrás dela a Virgem está representada por Isis com uma espiga de milho. Além do Sul, Escorpião, Sagitário e Capricórnio estão próximos do círculo externo que possui 36 figuras curiosas representando as estrelas decanas. Um falcão no alto de uma coluna de papiro marca o solstício de verão e está alinhado com o eixo do templo.

Outro detalhe intrigante do zodíaco é a posição de quatro figuras femininas, cujos braços esticados seguram o círculo do zodíaco. Parecem representar signos opostos e as constelações mais importantes nas quais o Sol nasce nos dois equinócios e nos dois

solstícios. Nos mitos antigos, os pares gêmeos de constelações eram com frequência personificados como "mantenedores" ou "portadores" do céu.

Levando em consideração a precessão dos equinócios, com o equinócio da primavera agora em Peixes, as quatro constelações portadoras do céu são Peixes, Virgem, Gêmeos e Sagitário. Por volta de 700 a.C. elas eram Áries, Libra, Câncer e Capricórnio, mas para que os signos do zodíaco fossem importantes nesta época as observações celestes necessárias para identificá-los teriam de ter se iniciado em torno de 6000 a.C.⁶

Se aplicarmos este conhecimento ao zodíaco circular de Dendera, chegaremos a conclusões surpreendentes. As quatro figuras femininas portadoras do céu são os signos opostos de Leão-Aquário e Touro-Escorpião. Esta configuração parece indicar que foi durante a Era de Touro, que durou aproximadamente de 4380 a 2200 a.C. que as fundações originais do templo foram lançadas.

Tudo isso conduz a uma indagação óbvia: "Os egípcios inventaram o zodíaco moderno?" A maioria dos investigadores responde com um sonoro "não". O zodíaco existente utilizado pelos astrólogos é geralmente entendido como sendo o produto de uma confluência de influências da astrologia da Mesopotâmia e do Egito.⁷ Alguns egiptólogos até reivindicam que os 12 signos foram uma invenção inteiramente grega.⁸ A visão tradicional é que, após a conquista da Mesopotâmia e do Egito por Alexandre, o Grande, no século IV a.C. as idéias astrológicas da Mesopotâmia e da Grécia foram enxertadas pelos egípcios em sua astrologia mais antiga.

As idéias da Mesopotâmia foram sem dúvida trazidas pelos assírios que invadiram o Egito em 671 e 664 a.C. e pelos persas que conquistaram o Egito em 525 a.C. O que há de certo é que por volta do século III a.C. os egípcios tinham desenvolvido uma seqüência planetária conhecida como "Ordem Caldaica" que dominou a Europa até a Revolução Científica no século XVII. Ela colocou os planetas em uma ordem relativa ao seu movimento aparente e suposta distância, como eram vistos da Terra. O mais próximo e mais rápido é a Lua, o mais lento e mais afastado é Saturno; entre eles, em ordem decrescente estão Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte e Júpiter.

Entretanto, existem alguns indicadores consideráveis na sua arquitetura e artes que sugerem que os antigos egípcios conheciam a precessão dos equinócios e utilizavam os signos do zodíaco para descrever as eras do Grande Ano. Na arte do Reino Antigo, em torno de 4240 a.C. o touro (Mentu) é o motivo predominante, representando a Era do Touro. Após 2100 a.C. que marca o início da Era de Áries, o carneiro foi associado ao deus sol Amon. É impossível esquecer a colossal estátua do carneiro no átrio do templo de Amon-Ra, em Karnak.⁹ Então, pouco antes do nascimento do Cristo, surgiu o peixe que representa a Era de Peixes. Na verdade, o símbolo do Cristo no Egito greco-romano foi o peixe.

Embora não possa ser provado que os antigos egípcios tenham desenvolvido *todos* os signos do zodíaco, seus astrólogos certamente viram padrões similares no céu. Utilizando as constelações de estrelas como marcadores para traçar o movimento da Lua em seu ciclo mensal, eles, provavelmente, traçaram a forma de Leão, viram as duas crianças em Gêmeos, deram atenção especial ao carneiro de Áries e imaginaram as duas tartarugas em Câncer. Talvez também houvessem constelações que lembravam o peixe e potes de água, contribuindo para os signos de Peixes e Aquário do zodíaco convencional. Resumindo, é quase certo que Áries foi a princípio uma constelação egípcia, assim como, possivelmente, Gêmeos e, provavelmente, Aquário, Peixes e Leão.¹⁰ O zodíaco final como o conhecemos é, portanto, produto de uma confluência de influências tanto do Egito quanto da Mesopotâmia.

Alguns intérpretes foram ainda mais longe. Admitindo que os antigos egípcios já tinham estabelecido os signos do zodíaco cinco mil anos atrás, o egiptólogo e pensador esotérico Schwaller de Lubicz argumentou que o projeto do terreno do Templo de Luxor, o Partenon do Egito, lembra a figura de um homem com cada parte do seu corpo associada a um determinado signo do zodíaco. Se um esqueleto humano for sobreposto ao plano geral do templo, a cabeça fica localizada exatamente sobre os santuários do templo coberto. O seu simbolismo esotérico revela que "o homem é o microcosmo", um mundo pequeno que espelha o macrocosmo do universo.¹¹

O Templo de Hórus em Edfu

O templo antigo mais bem preservado até então descoberto no mundo está em Edfu. A maioria dos templos egípcios está orientado na direção Leste-Oeste, porém Edfu é diferente, pois está voltado para o Sul. Provavelmente estava ligado a Dendera, que está voltado para o Norte. Então, estão voltados um para o outro e, embora estejam separados por 140 quilômetros, claramente partilham certos mitos, rituais e temas astrológicos. Mais uma vez erigido sobre templos anteriores — algumas partes da parede externa ocidental datam do Reino Antigo —, o trabalho na construção existente começou em 237 a.C. e terminou em 57 a.C. O templo mostra que no fim de milhares de anos de civilização os arquitetos-sacerdotes e artífices egípcios não tinham perdido nem suas habilidades nem suas crenças.

O templo é dedicado a Hórus, o deus com cabeça de falcão, que simboliza os diferentes aspectos da ressurreição. Ele é representado por duas estátuas imperiosas de granito de um falcão coroado colocadas na entrada para a Grande Corte. O falcão expressa

muito bem a doutrina da ressurreição: ele ataca em silêncio e leva sua presa para o olho do Sol, o olho do próprio Ra.

No mito de fundação da civilização egípcia, Hórus é o filho de Isis e Osíris. Como vingador do pai (que foi desmembrado pelo seu tio Set), ele é conhecido como Hórus Behdety, que fugiu para o céu sob a forma de um disco alado. Comparado ao deus sol Apoio pelos gregos, Hórus é o nome grego para o egípcio Heru, que significa "aquele que está Acima".

Como em Dendera, o vestíbulo possui uma dúzia de pilares enormes que conduzem ao Salão Hipostilo, que contém uma dúzia de outros menores. Isto, por sua vez, leva, através de duas antecâmaras, a um imenso santuário, que muito provavelmente continha uma efígie dourada de Hórus.

Uma inscrição em Edfu afirma que a orientação do templo "repousa de Orion, no Sul, para a Grande Ursa, no Norte". Este pode ser o local dos céus conhecido como Duat-N-Ba, literalmente o "Mundo da Alma dos Mortos".¹² Temas astrológicos enfeitam todo o templo. O teto do vestíbulo é repleto de signos astrológicos, que infelizmente agora estão muito obscurecidos pela fumaça para serem decifrados. Contudo, no teto estrelado de um quiosque devotado a Nut, a deusa do céu, pude distinguir todos os signos do zodíaco.

Para mim, o aspecto sem dúvida mais interessante do templo foi duas pequenas capelas de no máximo 2m x 2m, situadas na parede interna do vestíbulo. No lado ocidental o faraó é abençoado por Hórus e Thoth, o deus da sabedoria com cabeça de íbis e posteriormente patrono dos astrólogos e alquimistas. No lado oriental uma pequena sala conhecida como "Câmara dos Escritos" abrigava uma biblioteca que uma vez conteve vários trabalhos de astrologia. Sabemos que era uma biblioteca porque existe um cartão de um catálogo inscrito em hieróglifos na parede. Ele menciona 22 trabalhos, entre eles um chamado "Horóscopo da Hora" e também o seguinte: "9 — Livro do conhecimento do retorno às suas estações do Sol e da Lua. 10 — Livro que regula o retorno das estrelas. 11 — Registro detalhado de todos os locais e conhecimento daquilo que está neles. 12 — Todos os cálculos do nascer de Sua Majestade Hórus [Saturno ou Marte?] na comitiva da tua Casa [Ra] em teus festivais."¹³

Cinco séculos depois, o papa cristão Clemente de Alexandria montou uma lista de 36 livros que continham "toda a filosofia dos egípcios" e seis volumes sobre a ciência deles. Os quatro últimos trabalhos mencionados em Edfu são bem semelhantes aos quatro livros que tratam das estrelas mencionados por Clemente: "um sobre o movimento das estrelas, o outro sobre a conjunção do Sol e da Lua, os outros dois sobre o nascer deles

confiados ao astrônomo cujos símbolos são um relógio e um ramo de palmeira". Outros livros entregues ao escriba são também dignos de nota:

Oito livros que tratam do conhecimento do que são chamados hieróglifos e incluindo cosmografia, geografia, as posições do Sol e da Lua, as fases dos cinco planetas, a corografia [mapa das regiões] do Egito, o mapa do Nilo e seus fenômenos, uma descrição do equipamento dos templos e dos locais consagrados a eles e informações relativas à medição de tudo que é utilizado nos ritos sagrados.

Clemente reivindica que todos esses livros eram guardados em uma câmara de um templo, como "um tesouro sem preço, um presente de Thoth, senhor de toda a ciência, à raça humana".¹⁴

As duas listas de livros são bem parecidas e podem comprovar que a tradição da astrologia sagrada continuou numa época em que a prática da antiga religião egípcia estava em sério declínio. As versões completas dos livros foram perdidas, porém sem dúvida alguns fragmentos sobreviveram nos chamados escritos herméticos, assim chamados em honra a Hermes, o correspondente grego para o deus egípcio da sabedoria, Thoth.

Em Edfu existem alguns "Textos da Construção" notáveis inscritos nas paredes do templo em torno de 200 a.C. A primeira impressão é de que eles relatam uma simples história do templo e uma descrição de suas câmaras, porém depois revelam que o templo era uma continuação de um templo mítico, que fora construído no início do mundo quando a Montanha Primeva emergiu das Águas Primevas. Uma inscrição declara ainda que o templo foi construído de acordo com um plano que "caiu do céu".¹⁵

Os "Textos da Construção" são provavelmente fragmentos de uma literatura muito mais antiga e mais completa de cosmologia. Eles se referem com frequência a *Zep Tepi*, o "Primeiro Tempo", uma era dourada remota quando os semideuses conhecidos como "Companheiros de Hórus" reinavam no Egito.

Estes Sete Sábios seguiram o caminho de Hórus, isto é, o caminho solar de Ra. Acreditava-se que eram seres superiores de origem divina que produziram a raça dos faraós e que trouxeram a ciência sagrada para o povo que vivia ao longo do Nilo. Eram os "Senhores da Luz", mencionados em um texto de Edfu, que escaparam da "Terra Natal dos Primevos" quando sua ilha foi destruída por uma inundação; eram os "Sêniores" que "iluminaram esta terra [Egito] quando surgiram unificados".¹⁶ Isto quer dizer que a civilização egípcia não evoluiu; ela foi um legado de um povo anterior. Se assim foi, isto explicaria o fato de a civilização egípcia estar completa desde o início: sua astrologia, sua matemática, seus mitos e seus hieróglifos.

A introdução dos "Textos da Construção" diz que são uma "Cópia dos escritos que Thoth fez segundo as palavras dos Sábios".¹⁷ Como os astrólogos e alquimistas remontavam seus ensinamentos aos Sete Sábios, esse livro sagrado pode realmente ser a origem da astrologia egípcia.

Existem alguns ecos fascinantes de outras tradições em tudo isso. O Monte Primevo lembra a montanha nas histórias da inundação do Épico de Gilgamesh e da Bíblia. Na tradição babilônica, existiam "Sete Sábios" que viveram antes da Inundação, construíram as paredes da cidade sagrada de Uruk e que trouxeram com eles um conhecimento de astrologia. Também na tradição indiana, os Setes Sábios (*Rishis*) sobreviveram ao Dilúvio para passar às gerações posteriores a sabedoria do mundo antediluviano e que incluía a astrologia." E na China existe a tradição taoísta dos "Filhos da Luz Refletida" que atravessaram o mar com o seu conhecimento. Parece haver muito mais que somente coincidências aqui. Os mitos passados oralmente muitas vezes contêm elementos disfarçados de verdade histórica.

Pode realmente ser que a astrologia tenha tido sua origem numa civilização perdida — chamada pela primeira vez por Platão de Atlântida — e que passou por uma tremenda catástrofe. Alguns sobreviventes podem ter escapado com sua ciência sagrada e se espalhado pelo mundo tropical chegando até a China, Índia, Mesopotâmia e Egito. Lá eles se tornaram os fundadores de novas civilizações e todas desenvolveram suas próprias tradições da astrologia.

As Descobertas dos Egípcios

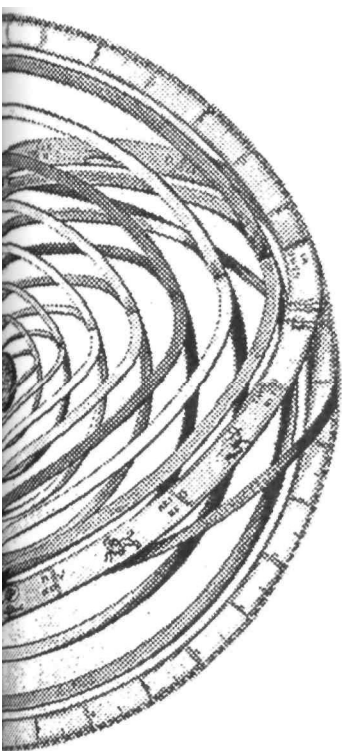
Qual foi então a contribuição dos egípcios para a astrologia? O historiador Diodoro da Sicília, que escreveu em torno de 59 a.C. reivindicou que os egípcios inventaram a astrologia e que os babilônios eram os colonos egípcios, que levaram a astrologia para a Mesopotâmia.¹⁸ Embora esta última idéia pareça confusa e improvável, o atual estudioso Rupert Gleadow em seu trabalho *The Origin of the Zodiac* afirma que: "A primeira noção da astrologia como a conhecemos foi gerada na Babilônia pelo Egito entre os séculos VII e V a.C. e o próprio zodíaco, como uma ferramenta calêndrica, teve origem similar, mas pode ser um pouco mais antigo."¹⁹ Por outro lado, a visão convencional que existe atualmente entre os egitólogos é de que a astrologia se desenvolveu mais tarde, no primeiro milênio antes de Cristo, no Egito, a partir de uma fusão da ciência grega com a "tradição estelar" egípcia e mesopotâmica.²¹

Certamente, a astrologia não "chegou tardiamente ao Egito" nem os egípcios "nunca desenvolveram sua própria astrologia".²² Desde os primeiros tempos, a antiga astrologia

egípcia foi parte primordial da ciência sagrada egípcia, que era manifestada de maneira simbólica em sua arte e arquitetura. Embora tenha ocorrido sem dúvida uma fertilização posterior, do meu ponto de vista tanto o Egito quanto a Mesopotâmia podem ter herdado sua astrologia como parte integrante da ciência sagrada de uma civilização anterior perdida.

Em torno de 460 a.C. Heródoto escreveu sobre determinadas "descobertas" dos egípcios: "Cada mês e cada dia é sagrado para uma determinada deidade, e o dia do nascimento da pessoa determina o que acontecerá a ela, como ela morrerá e que tipo de pessoa será. Este é um aspecto que os poetas gregos utilizaram."²³ Enquanto os mesopotâmios eram fascinados pelos presságios no céu, acreditando que os eventos nos céus antecederiam os eventos na Terra, os egípcios estavam mais interessados nas estrelas para aprender como a alma poderia ascender ao céu e chegar até a barca solar de Ra. Mas eles também acreditavam em dias propícios e aziagos, e que cada hora do dia ou da noite tinha o seu deus guardião ou espírito tutelar. Não surpreende o fato de algumas horas, e mais tarde alguns deuses regentes e grupos de estrelas, serem consideradas mais auspiciosas que outras.

O primeiro horóscopo individual egípcio que sobreviveu foi escrito no século I d.C, em copta, e descoberto em Alexandria. Até mesmo nessa época mais tardia a técnica da previsão ainda não estava estabelecida. Entretanto, não pode haver dúvida de que os egípcios reconheciam a correspondência íntima e poderosa entre os eventos no céu e os acontecimentos na Terra. Cada egípcio, homem ou mulher, acreditava que era um microcosmo do universo, tendo descido das estrelas para as quais estava destinado a retornar.



QUARTA PARTE

**Estrelas Cadentes:
Impérios Grego, Romano
e Islâmico**

23

A Harmonia das Esferas

Quando Orion e Sirius tiverem atingido o meio do céu, e Arcturus surgir com o Amanhecer, então, 6 Persas, colham tuas uvas.

HESÍODO

VÁRIOS DOS PRIMEIROS ESTUDIOSOS EUROPEUS GLORIFICARAM OS GREGOS COMO racionalistas frios, esquecendo-se da sua profunda dívida com a Mesopotâmia e o Egito e os mistérios órficos. Típico desta atitude foi F. Cumont que declarou que: "Devemos à sua eterna honra que, em meio a este emaranhado de observações precisas e ilusões supersticiosas que formaram a tradição sacerdotal do Leste, eles [os gregos] descobriram e utilizaram os elementos sérios enquanto negligenciaram o supérfluo."¹ Na verdade, na visão tradicional, a adoção pelos gregos da prática oriental da astrologia no século III a.C. foi vista como sintomática do seu declínio da grandeza da Era Dourada.² Realmente, existem fortes evidências que sugerem que a Grécia clássica dos séculos V e IV a.C. conhecia e apreciava a astrologia praticada no Oriente Próximo e no Norte da África. Em *The Origin of the Zodiac*, Gleadow argumenta persuasivamente que: "A astrologia, como uma técnica eficaz, chegou à Grécia na segunda metade do século IV a.C."³

Desde os seus primeiros contatos com os egípcios, os gregos ficaram profundamente impressionados com sua civilização. Clemente de Alexandria afirmou que os filósofos gregos adotaram muita coisa do Egito, e que Homero, Tales, Pitágoras e Platão foram instruídos nos templos egípcios. Por volta do século V a.C. a antiga crença egípcia de que a alma dos mortos se conectava com as estrelas estava bem estabelecida na Grécia.⁴ A influência da Mesopotâmia havia atingido a Grécia ainda antes disto. A obra *Theogony*, do poeta Hesíodo, que data do século VIII a.C. contém versões gregas dos mitos babilônicos,

e os gregos começaram a traduzir os nomes babilônicos das estrelas já no século VI a.C. Após as invasões da Grécia pelos persas, no primeiro quarto do século V, os contatos culturais entre os dois povos continuaram, filtrando as idéias indianas, babilônicas e egípcias. Em um fragmento de uma história da Pérsia, que data do fim do século V a.C. Ctesias expressa sua admiração pela precisão surpreendente com a qual um sacerdote "caldeu", especialista em "astrologia e divinação", podia prever o futuro.⁵

Estas novas influências caíram em solo fértil. Os gregos há muito estavam interessados em presságios derivados de eventos celestes; seu primeiro grande escritor, Homero, cerca de 800 a.C. forneceu vários exemplos em sua *Odisséia* e *Ilíada*. Ele menciona as constelações das Plêiades, as Híades e Orion que marcam o surgimento do inverno. Os primeiros gregos também mostraram grande interesse no movimento dos corpos celestes como indicadores de mudanças na Terra.

Em seu *Trabalhos e dias*, escrito antes de 750 a.C. Hesíodo descreveu o "céu estrelado" (*ouranos*) como o "lar sempre seguro dos deuses". Ele destacou os dias que eram mais auspiciosos para as diferentes atividades agrícolas, definindo-os pelo nascer e ocaso de determinadas estrelas. A poda, por exemplo, deveria começar no início da primavera, "quando se passaram sessenta dias do inverno após o solstício, e então Arcturus deixa a corrente sagrada do Oceano [a Via Láctea], o primeiro a brilhar no crepúsculo".⁶ E a época para a colheita? "Quando Orion e Sirius tiverem atingido o meio do céu, e Arcturus surgir com o amanhecer, então, ó persas, colham tuas uvas e levem-nas para casa."⁷ Com o mesmo espírito, ele também sugeriu que existiam momentos certos para importantes atividades sociais, como se casar.

Os Filósofos Gregos

Várias crenças astrológicas ocidentais, especialmente a respeito da natureza do cosmo, podem ser investigadas até chegar aos filósofos gregos. No passado houve uma opinião eurocêntrica preconcebida de que a astrologia ocidental tinha se originado na Grécia. Na verdade, o historiador de ciência O. Neugebauer afirmou que "a principal estrutura da teoria astrológica é sem dúvida helênica", enquanto o estudioso clássico Jim Tester declarou que a astrologia era "uma criação bem recente e principalmente grega".⁸ Contudo, os próprios gregos agradeceram pelas fontes de informação anteriores da Ásia Menor, Oriente Médio e Norte da África.

Diz-se que Tales de Mileto, cerca de 630-546 a.C. tido como o primeiro filósofo da história ocidental, caiu em um poço enquanto passeava e ficou observando as estrelas.

Ele foi resgatado, assim conta a história, por uma bela serva. Entretanto, ele é geralmente lembrado como o fundador da escola jônica de filosofia (baseada em Mileto, na costa do Mar Egeu da atual Turquia) e pai da astronomia grega. Como materialista, Tales rejeitou a mitologia tão querida por Homero como fonte de conhecimento, e insistiu na observação cuidadosa dos fenômenos naturais. Concluiu que não somente o conteúdo do poço em que caíra, como também tudo no universo era feito de água. Aplicando seu conhecimento astrológico, diz-se que previu um eclipse, provavelmente em 585 a.C. o que evitou uma guerra entre os medas, um povo de um país montanhoso do Sudoeste do Mar Cáspio, e os lídios, que viveram na Ásia Menor, atual Turquia.

Anaximandro, cerca de 610 a.C. foi outro aluno jônico que argumentou que os céus consistiam de esferas separadas, através das quais os planetas viajavam em sua ronda eterna — uma visão astrológica que subsistiu até a Revolução Científica do século XVII. Ele descreveu o universo como contido dentro da borda de uma roda imensa preenchida com fogo, e as estrelas e os planetas como centelhas do fogo vistas por buracos na borda. Acreditou na noção da recorrência eterna que viria a se tornar um conceito-chave na astrologia ocidental. Retirando os olhos do céu e voltando-os para a Terra, Anaximandro também fez o primeiro mapa conhecido do mundo, que ele considerava esférico.

O filósofo jônico Anaxímenes, cerca de 550 a.C. acreditou ainda que as estrelas eram como pregos colocados em esferas cristalinas que giravam em torno da Terra como um chapéu sobre uma cabeça, crença que subsistiu até o século XVII. A noção astrológica central do microcosmo e macrocosmo — "Assim como é em cima, é embaixo" — foi muitas vezes investigada no seu trabalho, porém, como vimos, foi uma concepção defendida muito tempo antes pelos mesopotâmios e egípcios. Ele também é lembrado pela observação da obliquidade da eclíptica, que certamente também já deveria ser conhecida pelos egípcios.

Enquanto a escola jônica de filosofia tendia a ser materialista e mecânica, a colônia grega no Sul da Itália, em Eléia, formava um grupo bem mais místico de filósofos. A diferença entre as suas visões "científica" e "intuitiva" dos céus ainda divide os astrólogos modernos. Enfatizando a importância do Ser, os eleanos acreditavam que a mudança física era ilusória, defendendo que o universo era uma unidade criada e guiada por uma única inteligência: "O Todo é o Um e o Um é o Todo." Rejeitando os deuses de Homero e Hesíodo, eles insistiam em: "Um deus, maior entre deuses e homens, diferente dos imortais em corpo e pensamento. Como um todo ele vê, como um todo ele pensa, como um todo ele ouve." O deus único dava vida e energia para a criação: "Mas sem labuta, pelo poder da sua mente, ele faz tudo vibrar."⁹

Por outro lado, Heráclito de Éfeso, cerca de 500 a.C. como os antigos chineses taoístas, enfatizou a importância do Vir a Ser. Tudo mudava; nada permanecia o mesmo: você não colocava o dedo do pé no mesmo rio duas vezes. Ao mesmo tempo, imaginou que a mudança ocorria pela reconciliação dos opostos, visão no cerne da noção astrológica dos signos positivos e negativos do zodíaco. Mas para todo o fluxo da vida havia a unidade na diversidade do mundo: "Ouçam não a mim, mas ao *logos*, é sábio concordar que todas as coisas são uma só."¹⁰

Enquanto esses primeiros pensadores gregos lançavam os fundamentos para a astrologia e astronomia ocidental posterior, havia pouca evidência para sugerir que tinham nesse estágio desenvolvido um sistema do tipo utilizado na Mesopotâmia e no Egito. Contudo, durante o século V a.C. os gregos começaram a anotar conceitos da astrologia da Mesopotâmia e do Egito. Os persas, que tinham conquistado estes países, atingiram a costa do Mar Egeu da Jônia por volta de 546 a.C. trazendo com eles suas próprias idéias e as dos povos por eles conquistados.

Pitágoras e os Pitagóricos

O filósofo grego mais influente a ser exposto a essas novas influências foi Pitágoras de Samos. Nascido por volta de 558 a.C. foi educado na escola jônica, e quando jovem conheceu tanto Tales como Anaximandro. Com vinte anos diz-se que viajou para o Egito, onde permaneceu por cerca de 25 anos estudando com os sacerdotes dos templos. Foi então capturado pelos persas e levado como cativo para a Babilônia. Lá recebeu ensinamentos de um sacerdote zoroastriano, Zaratas, e foi iniciado nas doutrinas esotéricas da religião dele, que incluía a idéia da transmigração da alma. Finalmente, convencido de que os números eram a chave para a compreensão do universo, atribuiu valores matemáticos às relações entre os corpos celestes.

Foi provavelmente na Babilônia que Pitágoras começou a se inteirar do conceito da "Harmonia das Esferas". Recorrendo ao seu amor místico pela matemática, este conceito assume que as distâncias entre as esferas planetárias possuem razões de números inteiros simples e espelha os intervalos da escala musical. As notas dos sete planetas criam desta forma um acorde enquanto giram nos céus — música que nós, em nosso estado grosseiro na Terra, somos incapazes de ouvir. Pode também ter sido na Babilônia que Pitágoras assimilou a idéia de que a Terra era uma esfera.

Por volta de 518 a.C. Pitágoras voltou para sua casa em Samos e dois anos mais tarde estabeleceu-se na colônia grega de Cróton, no Sul da Itália. Ali atraiu discípulos que

formaram uma comunidade aberta para homens e mulheres baseada em rígidos princípios morais. Abstinham-se de comer carne (para evitar o sofrimento) e feijões (que excitam as paixões), deixavam crescer os cabelos e as unhas (rejeitando os padrões artificiais) e partilhavam todos os seus bens (praticando o amor fraternal). Adotando um código restrito de segredo, não ensinavam suas doutrinas fora do seu grupo. Combinavam o amor pela matemática com a visão mística do Absoluto.

Os pitagóricos desenvolveram a doutrina da recorrência eterna, de Anaximandro, ao declarar que tudo voltaria na mesma ordem numérica. Como o tempo é medido pelo movimento dos planetas, este mesmo tempo retorna em virtude da repetição dos mesmos movimentos celestes. Quando todos os planetas retornam a uma posição similar em relação às estrelas fixas, o Grande Ano se completa — visão defendida pelos antigos mesopotâmios e egípcios.

Foi questionado que "os alvos da doutrina pitagórica estiveram sempre nas raízes da teoria astrológica". Na verdade, a maior contribuição de Pitágoras para a astrologia é a de que o universo pode ser explicado pelos números. Em seu esquema de numerologia sagrada, cada número é também simbólico: o 1, por exemplo, representa a unidade, o 2, a dualidade e assim por diante. A mitologia e a matemática são aspectos da mesma realidade indivisível. Na astrologia ocidental, a convenção de o 4 representar a "Casa" é devido ao fato de os pitagóricos considerarem o 4 como o número da estrutura. Sua influência no Ocidente foi profunda e duradoura: no século XVII, Galileu acreditou que o universo era reduzível a um número e Kepler baseou suas teorias dos movimentos planetários na geometria pitagórica.

O pitagórico Filolau de Crotona, cerca de 470-390 a.C. também exerceu uma influência duradoura na astrologia e na astronomia ocidental. Segundo autoridades antigas, seu trabalho ofereceu a primeira evidência mais firme sobre a astrologia na Grécia clássica. Ele conhecia a divisão duodecimal do zodíaco já por volta de 430 a.C. Também dedicou os ângulos de certas figuras geométricas a determinados deuses. Segundo Proclo, filósofo neoplatônico do século V, ele disse que "o ângulo do triângulo" era sagrado para quatro deuses masculinos, enquanto "o ângulo do quadrado" era sagrado para deidades femininas. Isto encontrava eco na astrologia, pois quatro triângulos podem ser inscritos nos 12 signos do zodíaco (um para cada elemento) e também três quadrados (um para cada qualidade).¹¹

Filolau argumentou que a Terra e todos os planetas, incluindo o Sol, orbitavam um fogo central que ele chamou de "torre de vigia de Zeus". Isto explicaria por que as órbitas planetárias, que de acordo com a doutrina pitagórica da perfeição universal moviam-se em círculos perfeitos, parecem irregulares vistas da Terra. Além de romper com

a visão geocêntrica do universo, Filolau foi o primeiro filósofo grego a compreender que a Terra se move no espaço, e a distinguir entre o movimento diurno e anual dos planetas.

Méton, um contemporâneo de Filolau, tentou reformar o calendário em Atenas, por volta de 432 a.C. baseado nos modelos babilônicos. Introduziu o Grande Ano de 19 anos para fazer coincidir os ciclos solar e lunar (19 anos solares = 235 meses lunares). Pouco antes de o estado ateniense enviar uma expedição para atacar a Sicília, diz-se que o *astrônomos* se fez de louco e queimou sua casa inteira para poder implorar a seu filho que ficasse em Atenas. Plutarco sugeriu que ele fora impelido "quer pelos cálculos (*logismos*) quer pelos resultados da divinação de algum tipo" — quase certamente o resultado de previsões astrológicas.¹²

O filósofo pitagórico mais influente foi Empédocles, cerca de 495-430 a.C., que veio de Agrigento, na Sicília. Foi ele quem popularizou a doutrina dos quatro elementos que está no núcleo da medicina antiga e medieval e na moderna astrologia. Os primeiros filósofos gregos argumentaram que o universo físico era formado por um elemento fundamental — Tales, por exemplo, optou pela água; Heráclito, pelo fogo. Empédocles, contudo, manteve que todas as coisas, incluindo os seres humanos, eram compostas pelos quatro elementos — terra, fogo, ar e água, que se encontram. Eles estão em um estado permanente de fluxo, combinando-se entre si de modos diferentes para montar a vasta diversidade do universo. Empédocles utilizou a analogia da pintura para explicar como os muitos podiam formar os poucos: "São como os pintores, que ao decorarem as oferendas dos templos tomam em suas mãos pigmentos de várias cores e depois, ao misturá-los em combinações diminutas — mais de alguns e menos de outros —, produzem a partir deles formas que lembram todas as coisas."¹³

Posteriormente, os astrólogos desenvolveram a teoria dos quatro elementos de Empédocles e os associaram aos diferentes signos do zodíaco, planetas e Casas:

<i>Element</i>	<i>Signos</i>	<i>Planetas</i>	<i>Casas</i>
Ar	Gêmeos, Libra, Aquário	Mercúrio, Urano	3,7,11
Fogo	Áries, Leão, Sagitário	Sol, Marte, Júpiter	1,5,9
Água	Câncer, Escorpião, Peixes	Lua, Vênus, Netuno	4, 8,12
Terra	Touro, Virgem, Capricórnio	Saturno, Plutão	2, 6, 10

O conceito dos quatro elementos foi resgatado por Hipócrates (nascido em 460 a.C), que estudou medicina na Ilha de Cós. Ele associou os quatro elementos aos quatro "humores"

ou condições do corpo, e argumentou que o desequilíbrio entre eles resultava em doenças. Em vários aspectos ele encontrou eco na medicina ayurvédica da Índia, que define a saúde como o equilíbrio entre os elementos. Os quatro humores como fluidos corporais foram associados, especialmente na Idade Média, a determinados tipos psicológicos: o sangüíneo (preponderância de sangue e associado ao ar), o fleumático (fleuma/ água), o colérico (amarelo/fogo) e o melancólico (bilis negra/terra).

Presume-se que Hipócrates não somente deu origem ao juramento para salvar vidas que até recentemente era assumido por todos os profissionais da área médica, como também lançou as bases da astrologia médica, conhecida pelos gregos como *iatro-mathematica*. Dizia que um médico sem o conhecimento da astrologia deveria se intitular melhor de tolo do que de médico. Antecipando a homeopatia e a medicina "holística", ele insistia que o paciente é que deveria ser tratado como um todo, não a doença.

Em algum momento, entre os séculos IV e III a.C. as partes do corpo humano foram associadas aos signos do zodíaco, e se passou a dizer que eram "regidas" por eles:

<i>Signo Zodiacal</i>	<i>Partes do Corpo</i>
Áries	Cabeça
Touro	Pescoço
Gêmeos	Pulmões, ombros, braços, mãos
Câncer	Membranas das mucosas
Leão	Coração, coluna
Virgem	Estômago, intestinos
Libra	Rins, costas
Escorpião	Cólon
Sagitário	Quadris, coxas
Capricórnio	Juntas, vesícula
Aquário	Pernas, tornozelos
Peixes	Pés

Posteriormente, disseram que os signos regiam as Casas do mapa natal na mesma ordem, começando com Áries na Casa 1 e terminando com Peixes na Casa 12.

No diagnóstico de uma doença acreditava-se que se um signo que regia determinada parte do corpo fosse afetado por um planeta maléfico ou por um planeta com um aspecto negativo, por afinidade aquela parte do corpo também seria afetada. O remédio era aumentar o poder do signo usando plantas, animais, pedras e cores associadas a ele. Esta abordagem "mágica" era há muito praticada na Índia, na Mesopotâmia e no Egito, com bons resultados.

A Imagem Mutante da Eternidade

No que diz respeito a todos os planetas e à Lua, aos anos, meses e a todas as estações, que outra consideração poderíamos fazer além de que as almas, plenas de todas as virtudes, apresentaram-se para ser responsáveis por eles—que estas almas são deuses?

PLATÃO

O FILÓSOFO DIÓGENES LAÉRCIO REGISTROU QUE SÓCRATES, O GRANDE FILÓSOFO grego, conheceu um "mago" babilônio que fora a Atenas. O estrangeiro exótico fez algumas previsões, inclusive a morte violenta de Sócrates.¹

Sócrates não deixou registros escritos, mas seu discípulo Platão, cerca de 429-347 a.C. anotou todos os ensinamentos de seu mestre — e também os seus — sob a forma de diálogo. Embora não haja evidências de que Platão tenha visitado a Mesopotâmia, ele sem dúvida estudou sua linha de pensamento, não somente mediada por Pitágoras, mas também diretamente. Sabia do uso da astrologia para a divinação, e se a informação de Laércio estava correta, ela mostra que os horóscopos natais já eram traçados na Grécia no início do século IV² Platão, provavelmente, visitou o Egito e com certeza teve enorme respeito pelos egípcios. Utilizando um sacerdote egípcio como porta-voz, ele declarou que, por comparação, os gregos eram "todos crianças".³ Aclamou os "bárbaros" (isto é, não-gregos), chamando-os de "casta de filósofos".

O principal tratado da cosmologia de Platão, *Timeu*, cerca de 365 a.C. foi seu trabalho mais conhecido no Ocidente durante a Idade Média. Contém caracteristicamente doutrinas da Babilônia sobre a transmigração da alma e a harmonia das esferas, e expressa também a visão fundamental de mundo da astrologia ocidental, que desde então pouco mudou. Argumentou-se corretamente que: "Se Pitágoras lançou a base, Platão é então o principal construtor da teoria astrológica."⁴

A Cosmologia de Platão

Segundo Platão, esse mundo mutante na Terra era uma cópia única de um "ser vivo" perfeito e eterno. Os objetos fugazes neste mundo do vir-a-ser assumiram sua forma das Formas, ou Idéias, eternas e imutáveis do mundo do Ser. O criador do universo (o bom "construtor") primeiro criou a alma. Depois, compôs o corpo do mundo, a partir dos quatro elementos — terra, ar, fogo e água —, que formavam uma substância indeterminada em movimento confuso. A criação tomou a forma de uma esfera que revolia em torno do seu eixo. O criador então colocou "a alma no centro e infundiu-a pelo todo e fechou o corpo em si". A criação resultante foi um "deus abençoado".⁵

Para Platão e todos os gregos o movimento precisava ter uma causa: no universo criado a alma que se movia era a causa última do movimento. Os planetas não eram diferentes de um navio recém-construído que permanecia imóvel no cais até que fosse lançado ao mar. As regularidades observadas dos movimentos dos corpos celestes deviam, portanto, ser causadas pela ação de uma "alma do mundo" inteligente e divina. Essa alma autolocomotora era a fonte original do movimento e mantinha os corpos celestes girando em círculos perfeitos em velocidades perfeitas. O Sol, a Lua e os planetas eram então "criaturas vivas com seus corpos ligados por tiras da alma".⁶

Desde os primeiros tempos os gregos imaginaram os céus como um domo. Platão considerou a forma do universo como sendo esférica. A Terra estava no centro e as estrelas fixas no limite exterior. Os planetas circundavam em anéis entre os dois. Mas como ele foi criado? Platão argumentou que o "material da alma" do mundo era um tipo de matéria que era misturada, formando uma estrutura matemática. Ele a descreveu como um tecido cortado em tiras mais estreitas.

Havia dois estágios na operação. Primeiro, o material era cortado em duas tiras, que foram cruzadas e enroladas para formar dois círculos, um interno e o outro externo. A tira externa Platão chamou de "Círculo do Mesmo", no qual as estrelas fixas eram cravadas, e o segundo o "Círculo do Diferente", ao longo do qual os planetas se moviam. O Círculo do Diferente era estabelecido de modo inclinado em relação ao Círculo do Mesmo, representando a diferença no ângulo entre os eixos da eclíptica e o eixo das estrelas fixas. O Círculo do Mesmo revolia da esquerda para a direita e o Círculo do Diferente da direita para a esquerda. O círculo interno era dividido em sete círculos desiguais — para o Sol, a Lua e os cinco planetas —, que revolviam em velocidades diferentes, mas que se relacionavam proporcionalmente.

Platão explicou desta forma e de maneira bem condensada os movimentos observados dos corpos celestes a partir da Terra. Embora difícil de ser imaginado, foi belamente ilustrado pelas esferas armilares que surgiram depois.

Para explicar a relação entre o mundo eterno do Ser e o nosso mundo de tempo, mutável, Platão escreveu que quando o criador deste mundo viu que "estava vivo e em movimento, um santuário de deuses eternos, ficou feliz, e em sua alegria planejou fazê-lo ainda mais parecido com o seu padrão...". A natureza do Ser Vivo era eterna, e não era possível conceder este atributo inteiramente ao universo criado; mas ele determinou torná-lo "uma imagem mutante da eternidade".⁷ Antes de os céus existirem não havia o tempo. O Sol, a Lua e os cinco planetas foram, portanto, criados para definir e preservar a medida do tempo no Círculo do Diferente. O Sol nos proporciona a noite e o dia; a Lua, o mês; e o Sol, o ano.

Para explicar a observação da mudança das posições relativas dos planetas em sua viagem pelos signos do zodíaco em um ano solar, como corredores disputando uma corrida, Platão sugeriu que eles possuíam um poder de locomoção em sentido contrário ao do Sol. As velocidades variáveis e as irregularidades em seu movimento eram causadas pelo fato de serem almas divinas compostas de alma e corpo. Aqui ele estava se referindo ao conceito de retrogradação baseado na observação de que em determinados períodos os planetas externos pareciam se mover para trás em relação aos internos.

O movimento errante dos planetas (planeta em grego significa "caminhante, andarilho") era bem conhecido pelos pitagóricos, que o analisavam em uma combinação de dois ou mais movimentos reais. Ele foi aceito também por Eudoxo de Cnido, membro da Academia de Platão, que o explicou em termos de esferas concêntricas. A noção foi adotada por Aristóteles e mais tarde desenvolvida por Ptolomeu, e permaneceu como base da astronomia até Copérnico, no século XVII. E continua a formar a base da astrologia atual.

A teoria do Grande Ano também foi mencionada por Platão. Este é o período de tempo necessário para o Sol, a Lua e os cinco planetas andarilhos (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno) completarem uma volta e retornarem, todos, a uma posição similar em relação ao fundo das estrelas fixas. Os egípcios sabiam da precessão dos planetas e calcularam a duração deste tempo em 26 mil anos. Escritos hindus o registram em 12 mil anos. Platão observou que "o tempo de certa forma é as suas caminhadas". Reconheceu que era possível "perceber que o número temporal perfeito e o ano perfeito ficavam completos quando todas as oito órbitas tinham atingido suas revoluções totais relativas entre si, medidas pela órbita do mesmo que se movia regularmente".⁸ Em *A república*, ele identificou o número "nupcial" como 12.960.000.

Em sua famosa discussão sobre a Atlântida em *Timeu*, Platão citou os registros antigos dos egípcios, como registrado por Sólon, que mencionou devastações sucessivas em grande escala. Elas podiam ser interpretadas, Platão sugeriu, como inundações no inverno

do Grande Ano e como conflagrações no seu verão. Elas não vinham como uma forma de retribuição divina, mas como resultado das configurações dos planetas nos céus que exerciam conseqüências inevitáveis na Terra. Isto, naturalmente, poderia explicar o Dilúvio mencionado na Bíblia, no Épico de Gilgamesh, na história do Deucalião (o Noé grego) e em vários outros mitos de inundação do mundo.

Platão sugeriu ainda em *O estadista* que "a flecha do tempo" poderia ser revertida periodicamente: "O próprio Deus assiste ocasionalmente o cosmo em seu desenrolar e auxilia sua rotação, em outros momentos deixa tudo prosseguir, quando os seus períodos atingiram a medida do tempo apropriada a ele, e ele volta na direção oposta por si próprio."⁹ Até a vida podia ser revertida neste desenrolar universal, com os velhos perdendo os seus cabelos brancos e os mortos emergindo da terra.

Outra suposição astrológica de Platão foi mencionada numa expressão poética em *Timeu*. Ele disse que, após o criador ter misturado a alma do universo, ele pegou a mesma tigela na qual tinha formado primeiro os deuses e depois os seres humanos e os animais que não eram tão puros e formou a mistura. Ele "a dividiu em tantas almas quantas eram as estrelas e designou cada alma a uma estrela. E, colocando-as em suas estrelas, como se fossem carruagens, ele mostrou a elas a natureza do universo e lhes revelou as leis do seu destino". Todas as almas foram então combinadas com corpos sujeitos ao tempo e "lançadas em seu instrumento apropriado de tempo". Quando as almas visitavam a Terra, elas transmigravam em uma hierarquia de vidas, dependendo do seu comportamento, mas "qualquer um que vivesse bem no seu tempo determinado retornaria para casa, para sua estrela nativa, e viveria uma vida adequadamente feliz".¹⁰ Outras almas reencarnariam até que escolhessem viver bem. Esta doutrina da transmigração das almas, que foi mantida pelos pitagóricos, pode ter se originado de uma religião estelar da Mesopotâmia.

Longe de condenar a astrologia como superstição e trapalhada, Platão claramente aprovou sua capacidade de prever eventos, através dos movimentos dos planetas na seguinte passagem de *Timeu*:

Mas quanto à dança circular e dos casais destas deidades astrais, e suas retrogradações e progressões; quanto a qual delas entrará em conjunção e oposição entre si e em que ordem passarão uma diante da outra e em que épocas uma delas estará escondida da nossa visão para depois reaparecer e assustar aqueles que são capazes de calcular e de enviar para eles sinais do futuro — descrever tudo isso sem modelos visíveis teria sido um trabalho em vão.¹¹

A Roca da Necessidade

No fim de *A república*, seu trabalho sobre o Estado ideal, Platão expressou sua doutrina sob a forma de um mito, que utilizou para representar verdades religiosas e morais para as quais unicamente a prosa não era suficiente. O mito relata como, após ter sido morto em uma batalha, o corpo de Er permaneceu intacto. No 12º dia em sua pira funerária, voltou à vida novamente e descreveu o que tinha visto no outro mundo. Ele havia viajado com outras almas para um lugar do qual podia ver uma faixa de luz que lembrava um arco-íris, que se estirava acima como um pilar direto entre o céu e a Terra.

Do meio da luz surgia o vínculo do céu que sustentava toda a sua circunferência unida, como "o cabo de um trirreme", um pedaço de corda atada das hastes para a popa num barco de madeira que sustenta seu casco no lugar.¹² Uma "Roca da Necessidade" pendia das extremidades do vínculo que fazia todas as órbitas dos planetas revolverem. Com a Terra no centro, havia oito espirais ao todo: as estrelas fixas em uma esfera do lado de fora, depois Saturno, Júpiter, Marte, Mercúrio, Vênus, o Sol e a Lua. Os corpos celestes então giravam em torno da Terra em anéis concêntricos, cada um com cor e largura diferentes. A largura e o movimento relativo das faixas representavam as distâncias e velocidades relativas dos planetas. O todo revolia num único movimento, porém, dentro, o movimento dos sete círculos internos dos planetas revolia lentamente na direção oposta. Isto pretendia explicar por que o Sol e a Lua parecem se mover de Leste para oeste, enquanto os planetas se movem de Oeste para Leste, em relação às estrelas fixas.

Entretanto, a analogia de Platão não explica a inclinação do eixo da eclíptica na qual O Sol, a Lua e os planetas se movem em relação à posição das estrelas fixas. Embora obscura e imperfeita, esta foi a tentativa de Platão de formar um quadro das operações do universo, uma visão de mundo adotada mais tarde pela astrologia.

Platão via ainda os signos do zodíaco regido por deuses e deusas. Contudo, uma sereia, algumas vezes traduzida como "demônio", ficava no alto de cada círculo de planetas e estrelas fixas, que formavam um sistema de oito espirais concêntricas. A medida que a sereia passava em torno do círculo, ela pronunciava "uma nota de intensidade constante e oito notas juntas formavam uma escala única".¹³ Esta é, sem dúvida, a doutrina da "Harmonia das Esferas", que Platão provavelmente aprendeu com os pitagóricos, a quem visitou no Sul da Itália em 388-387 a.C.

Em distâncias iguais, em torno da Roca da Necessidade (onde estão localizados os planetas), estão sentadas três figuras enfeitadas vestidas de branco, cada uma em um trono, cantando a música das sereias. Elas são as Três Parcas, as filhas da Necessidade: "Lachesis cuida do passado; Cloto, do presente; e Átropos, das coisas que acontecerão."

Cloto ajuda, de tempos em tempos, a girar o anel mais externo da roca; Átropos, os anéis internos; e Lachesis destina cada alma ao guardião escolhido. Cloto, a "tecelã", ratifica o destino (*moira*) da alma, enquanto Átropos tece a urdidura sobre a qual Cloto tece e fixa o destino. Para Platão, a existência da necessidade — as regularidades ou leis da natureza — era um sinal de um projeto racional e proposital no universo.

A Transmigração das Almas

Do ponto de vista astrológico, um dos aspectos mais interessantes do mito de Er de Platão é sua doutrina de que a alma dos mortos, após passar um período no submundo ou no céu (dependendo do seu comportamento em suas vidas anteriores), pode escolher sua sina na próxima vida na Terra. Esta doutrina servia para explicar a importância que os astrólogos dão ao momento da concepção ou nascimento, dependendo do momento que eles acham que a alma penetra no corpo. As almas devem ir direto para Lachesis, e um Intérprete coloca várias "sinas e padrões de vida" em seu colo. Então, ele anuncia:

Almas do dia, agora vocês devem iniciar uma nova rodada da vida mortal cujo fim é a morte. Nenhum Espírito Guardião será destinado a vocês; vocês devem escolher o seu. E aquele a quem o lote cair primeiro será o primeiro a escolher a vida cuja necessidade será a dele. A excelência não conhece um mestre; um homem deve ter um pouco dela, segundo o valor que ele atribui a ela. As falhas não cabem a Deus, mas à alma que faz a escolha.¹⁴

Cada padrão concebível de vida é oferecido, seja animal ou humano. A passagem principal para a astrologia é: "Não há escolha de qualidade de caráter, uma vez que a necessidade de cada alma deve assumir um caráter apropriado à sua escolha; porém riqueza e pobreza, saúde e doença estão todas misturadas em graus diferentes nas vidas a serem escolhidas."¹⁵ Isto explica por que mais tarde os astrólogos dariam ênfase ao mapa natal na formação do caráter da pessoa e na direção da sua vida. Mas isto não é fatalismo. Platão faz uma distinção importante entre as qualidades "natas e as adquiridas". Cada alma é livre para escolher entre uma vida boa e má. O caminho do meio entre os extremos seria recomendado como o guia mais seguro para uma vida boa e para a felicidade humana mais elevada. E o amor é o dirigente da carruagem do ser que dirige a razão, os apetites e as paixões.

Em uma discussão do que é chamado de "número nupcial", Platão imagina os guardiões da sua república ideal usando um conhecimento aritmológico e astrológico para escolher os momentos mais auspiciosos para a concepção, a fim de assegurar que a prole crescerá como bons cidadãos do Estado. Isto mostra que Platão não somente conhecia as práticas astrológicas, como de fato encorajava sua utilização.¹⁶

Em *Fedro*, seu diálogo sobre o amor, Platão desenvolve ainda mais sua noção da trans-migração das almas. Descreve como as almas viajam com os deuses para além da abóbada do céu. Os imortais podem até ficar "nas costas do universo" e contemplar o que fica fora dos céus — a realidade absoluta que só é compreensível pelo intelecto, o "piloto da alma".¹⁷ Contudo, algumas almas perdem suas asas e caem na Terra e se encarnam como seres humanos. Antes de assumir um corpo, cada alma pode escolher seu lote, de acordo com seu próprio prazer: algumas escolhem ser tiranos, guerreiros, financistas, médicos, videntes, poetas, artesãos ou agricultores, mas todas têm uma rápida visão do "plano da verdade e da beleza" e podem colher as coisas que suas almas já perceberam. A pessoa que tem maior probabilidade de ter sucesso e reconquistar suas asas é o filósofo, o amante da sabedoria. Para Platão, a filosofia era um processo de relembrar as verdades, às quais ficamos expostos antes de nascer neste mundo. A ajuda nesta colheita trazida pela filosofia forma então "uma iniciação contínua na visão mística perfeita".¹⁸

O mesmo pode ser dito da astrologia em sua forma mais elevada. Um papel similar ao do filósofo pode se encontrado no astrólogo, se ele ou ela nos lembrar das origens divinas da nossa alma e nos encorajar a realizar nosso potencial como seres racionais e espirituais.

Em *Fedro*, Platão apresenta, por intermédio de Sócrates, a alma como uma carruagem alada, com a razão como cocheiro e o espírito e o desejo como os cavalos. As carruagens dos deuses rodeiam o perímetro do céu para sempre, e antes do nascimento as carruagens das almas humanas viajam em sua companhia, observando "o que está além dali" — o mundo do ser verdadeiro e da realidade absoluta. Os grupos humanos, entretanto, colidem com a Terra e assumem vidas humanas. Porém, mesmo sob a forma humana, ainda é possível lembrar a natureza do verdadeiro conhecimento e da virtude, adquirindo novamente suas asas e retornando às suas origens celestiais.

Antes de ler *Fedro* e o mito de Er em *A república*, eu não compreendia bem por que os astrólogos deveriam dar ênfase ao momento do nascimento, como uma chave para a compreensão da nossa personalidade futura. Parecia ser muito determinista. Mas depois de ler Platão, isso começou a fazer sentido. O que acontece antes do nosso nascimento é tão importante quanto o que virá depois. Embora não acreditasse nisto, o filósofo Bertrand Russell reconheceu que a preexistência é tão lógica quanto a vida depois da vida. Embora

não seja uma idéia familiar para os cristãos, era óbvia para os antigos gregos e sempre o foi para hindus e budistas.

É a escolha da nossa alma no momento do nascimento que influencia o tipo de caráter que desenvolvemos. Podemos decidir o tipo de corpo que gostaríamos de habitar, o tipo de pessoa que gostaríamos de ser, o tipo de pais que nos apoiarão e o tipo de sociedade na qual gostaríamos de crescer. Podemos escolher se desejamos levar uma vida boa ou má, de riqueza ou de pobreza, sabedoria ou estupidez. Podemos tentar rememorar a visão mística ou viver uma vida de ignorância e esquecimento. Se for o caso, a posição das estrelas e signos apontará para o tipo de escolha original que fizemos. Se nascermos sob a influência de Marte e nos tornarmos um tirano, será uma escolha pessoal. Não é aconselhável lamentar nosso quinhão, pois ele foi escolha nossa. Como aconselha o Intérprete, o homem que culpa "o destino e o céu e não a si próprio" não deveria se esquecer de que os "seus infortúnios são culpa sua".¹⁹

O Movedor Imóvel de Aristóteles

O maior discípulo de Platão, Aristóteles (384-323 a.C), foi mais cético do que seu mestre e exerceu um impacto menor sobre os astrólogos. Defendeu uma visão mais biológica e colocou ênfase maior sobre o valor da observação e da experiência, como fonte de conhecimento. Mas é meio desconcertante dizer que Platão era racionalista e Aristóteles empírico. Aristóteles aceitou a visão ampla do universo geocêntrico de Platão com seu movimento perfeito e ciclos planetários. Continuou o trabalho do aluno de Platão chamado Eudoxo, o primeiro a desenvolver a astronomia matemática, que explicou as órbitas irregulares dos planetas, afirmando que eles se moviam em 26 esferas e que havia uma esfera para as estrelas fixas, perfazendo um total de 27. Aristóteles propôs um padrão ainda mais complexo, de 54 esferas.

Como Homero e Hesíodo, Aristóteles acreditou na existência eterna dos céus e dos seus movimentos. O movimento é imperecível. Mas para colocar todo o universo e seus corpos celestes em movimento, devia ter existido um movedor imóvel. Considerou o *aither* (éter) como existente antes dos quatro elementos de Empédocles; nele estão "os mais divinos dos corpos visíveis": o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas.²⁰ Estava também totalmente convencido do seu efeito sobre a Terra: reivindicou que o movimento anual do Sol e o crescer e minguar mensais da Lua governavam os processos biológicos e também a extensão das vidas animadas. Eles também controlavam vários processos físicos inanimados na Terra, como a força dos ventos.

Simultaneamente, Aristóteles colocava o criador fora do universo como um movedor imóvel, um deus que era a causa primeira e final do universo. Não separou a alma do corpo e argumentou que quando o corpo morria, a alma também morria. Na verdade, a alma na sua visão era meramente um grupo de capacidades que manifestavam a vida. Rejeitou também a crença de Platão de que os planetas eram inteligências divinas. Contudo, as estrelas e planetas não eram corpos ao acaso; eram vivos, e sua atividade tinha uma direção e propósito final, ou *telos*, descrito como "aquilo que está em melhor estado". A esfera das estrelas, envolvida no movimento menor, chegava mais próxima do *telos*.

Aristóteles ainda era pitagórico o suficiente para acreditar que a natureza de um objeto estava contida na sua forma e destinava um papel central para a matemática na compreensão do universo. Dava uma explicação engenhosa sobre o motivo de não ouvirmos a música das esferas. Na sua visão, corpos tão imensos produziam inevitavelmente um som com o seu movimento, assim como os corpos menores na Terra. Como as velocidades das estrelas, julgadas por sua distância, estavam em razões das consonâncias musicais, elas só poderiam revolver produzindo um som harmonioso. Sustentava que o som estava conosco desde o nascimento, mas que não existia um silêncio contrastante para revelá-lo: "Pois a voz e o silêncio são percebidos por contraste entre si, por isso toda a humanidade está passando por uma experiência como a do caldeireiro, que se torna pelo hábito indiferente ao barulho à sua volta."²¹ A música da harmonia das esferas estava ali, e nós não conseguíamos ouvi-la graças à cacofonia deste mundo.

O Deus Abençoado

Para os aristotelianos posteriores, a vontade divina originava-se além das estrelas fixas e era filtrada através das esferas planetárias para a Terra, que ficava no centro. Esta visão de mundo cedia mais espaço para o livre-arbítrio humano, mas também conduzia a um desencantamento do universo. No lugar do "deus abençoado" e organismo vivo de Platão, o universo surgia cada vez mais como uma máquina sem alma. A tensão entre a abordagem espiritual de Platão e o acesso mais físico de Aristóteles a respeito do mundo tem reverberado desde então entre nós.

Diz-se que toda a filosofia ocidental não passa de notas de rodapé de Platão e Aristóteles. Como todas as *bon mots*, isto é um exagero, mas os astrólogos sem dúvida seguiram mais Platão do que Aristóteles. Para os cientistas aristotelianos modernos que atacam a astrologia será melhor lembrar que para Platão o mundo da percepção comum não era de fato real. O mundo real, o mundo do Ser, contém formas que são os

objetos da compreensão racional e as operações da matemática e da lógica. Podem ser intuitivamente percebidas. Por outro lado, o mundo do vir-a-ser, com o qual os cientistas lidam, é uma cópia corrupta e imperfeita do ideal. Ele contém todas as coisas percebidas pelos nossos sentidos, sobre as quais não é possível um conhecimento final. Desta forma, Platão traçou uma clara distinção entre o acesso racional e empírico do conhecimento — aquele, baseado no raciocínio e na intuição; este, na observação e na experiência. Como os sentidos não são confiáveis e este mundo é uma ilusão, o único guia seguro é o intelecto (no sentido mais amplo da palavra). Onde a lógica e a matemática se validam por si mesmas e, em termos finais, se baseiam na intuição, a ciência física centrada nos sentidos pode somente ser algo como uma "provável história". A astrologia se inclui na primeira categoria, a astronomia, na última. Não surpreende portanto que a astrologia seja apresentada como a ciência suprema no trabalho *Epinomis*, que pretende ser um apêndice a *As leis*, de Platão, e que foi provavelmente escrito por um de seus alunos.

A rejeição por parte de Platão da ciência empírica como um guia seguro para o conhecimento exerceu uma influência duradoura sobre a astrologia e a astronomia até o século XVII. A abordagem geral foi primeiro no sentido de construir um modelo simbólico do universo e depois de refazer os movimentos observados dos corpos celestes — como as órbitas irregulares dos planetas —, ajustados no sistema preconcebido. Tanto os astrônomos árabes quanto os da Europa medieval seguiram esse método, mantendo o modelo geocêntrico do universo porque parecia ser mais racional e perfeito. Quanto mais anomalias eram descobertas, mais complicadas se tornavam as explicações. Apesar da evidência científica mostrar o contrário, os astrólogos modernos continuam com a tradição platônica e acreditam que o cosmo, com seus movimentos regulares de estrelas, é na verdade um "deus abençoado".

25

O Mundo Helênico

O mundo inferior era aprisionado pelo medo e ansiava, diante da extraordinária beleza e eterna estabilidade, pelas coisas acima.

ESTOBEU

DIZ-SE QUE UM ASTRÓLOGO ESTAVA PRESENTE QUANDO O GENERAL MACEDÔNIO Alexandre, o Grande, nasceu, em 357 a.C. Segundo Ebenzer Sibly, astrólogo inglês do século XVIII, o astrólogo Nectanebus "suplicou a ela [mãe de Alexandre] que não permitisse que a criança saísse antes que ele pronunciasse a palavra".¹ Presumivelmente, este conselho foi seguido, porque Alexandre se tornou o conquistador mais famoso do mundo antigo. Mas teve uma vida curta e diz-se que sua morte aos 33 anos foi prevista por astrólogos quando ele entrou na Babilônia.

As conquistas de Alexandre mudaram a face do mundo conhecido no Mediterrâneo e no Oriente Próximo. Após seu pai ter conquistado as cidades-estado da Grécia, Alexandre prosseguiu para atacar o Egito em 331 a.C. o Império Persa (incluindo a Mesopotâmia), em 328 a.C. e depois abriu caminho para o Leste, até a Índia. E, ao respeitar as culturas e crenças locais, ele ajudou a unir Oriente e Ocidente. O resultado foi um fértil cruzamento de idéias: enquanto estendia a influência grega para terras estrangeiras, seus soldados retornavam para casa com várias crenças diferentes, incluindo a da astrologia.

O próprio Alexandre empreendeu uma marcha perigosa ao oráculo de Amon no deserto, em Sihaw, no Egito, onde declarou ser ele próprio filho divino de Amon. O irmão de Alexandre reconstruiu o santuário interno do templo em Karnak, enquanto o próprio conquistador erigia uma sala anexa na qual ele foi representado nos relevos fazendo

oferendas aos deuses egípcios. Seu general, Ptolomeu, fundou uma dinastia que durou até a derrota final de Cleópatra e Antônio, em 30 a.C. O período testemunhou um florescimento único da civilização helênica que aproximou a sabedoria dos sacerdotes egípcios do templo da filosofia clássica grega. Alexandria, com sua biblioteca e museus sem par, não somente se tornou um dos maiores centros de aprendizagem do mundo antigo, como também um viveiro para a astrologia. A cidade permaneceu como um centro dinâmico e cosmopolita por novecentos anos, até cair sob os muçulmanos invasores em 640 d.C.

Milhares de gregos também se estabeleceram na Mesopotâmia após as conquistas de Alexandre e ficaram sob a influência dos astrólogos locais. Dois astrólogos que residiam na Babilônia foram mencionados mais tarde pelos gregos como Cidenas (Kidinnu) e Naburianos (Nab-rimannu). O fato de os astrólogos mesopotâmios terem se tornado destacados e influentes na Grécia no século IV a.C. é atestado pela conhecida dispensa de Eudoxo: "Nenhuma confiança deve ser depositada nos astrólogos caldeus quando professam o futuro de um homem através da posição das estrelas no dia do seu nascimento."² Do período da regência selêucida grega na Mesopotâmia (353 a.C. a 42 d.C.) chegam as primeiras representações conhecidas das figuras e constelações zodiacais. Elas representam o boi como Touro, Virgem como uma mulher segurando espigas, Leão e Júpiter como uma estrela de oito pontas.³

Os gregos adotaram muitos conceitos da astrologia dos caldeus, mas fizeram melhorias. Aplicando sua matemática, eles a tornaram uma disciplina muito mais sistemática. Com uma estrutura de mente mais filosófica, os gregos não se contentavam simplesmente em observar e registrar o movimento dos corpos celestes; queriam também saber por que os planetas se moviam de determinada forma. E sua preocupação com o indivíduo provocou uma mudança da astrologia mundana, que lidava com os fatos e as nações, para os horóscopos natais que representavam o caráter e o destino da pessoa.

Um ponto fundamental para a disseminação da astrologia da Mesopotâmia para o Ocidente foi a ilha grega de Cós, onde Hipócrates estabelecera sua escola de medicina. Após 281 a.C. o Sacerdote Berosus, da cidade de Bel, na Babilônia, se estabeleceu na ilha, levando consigo o conhecimento acumulado da astrologia de milhares de anos. Sua reputação quanto às previsões cresceu a tal ponto que os atenienses erigiram uma estátua em seu louvor. Plínio, o Velho, também comentou que ele dizia que as observações na Caldéia (Babilônia) tinham sido realizadas há 490 mil anos.⁴

Vitruvius, escritor romano do século I a.C. em seu tratado sobre a arquitetura, reconheceu a importância de Berosus ao levar a astrologia natal para a Grécia:

Deve ser admitido que nós agora sabemos quais efeitos os 12 signos, e o Sol, a Lua e os cinco planetas exercem no curso da vida humana, através da astrologia e dos cálculos dos caldeus. Pois a arte genetliológica é certamente deles, por intermédio da qual são capazes de desvendar o passado e os eventos futuros pelos seus cálculos astronômicos. E muitos vieram daquela raça de caldeus para nos deixar suas descobertas que são repletas de precisão e conhecimento. O primeiro foi Berossus, que se estabeleceu na Ilha de Cós e ali ensinou, e depois dele o erudito Antipater, e depois Aquinapolus, que entretanto estabelecia os seus cálculos genetliológicos não a partir da data do nascimento, mas do momento da concepção.⁵

Os Estóicos

O período imediatamente após as campanhas de Alexandre viu a astrologia ficar sob a influência do estoicismo. O movimento foi fundado pelo sírio Zênon que foi para Atenas em 313 a.C. e morreu em 264 a.C. Ele fundou uma escola em *Stoa Poikile* (Coluna do Pórtico), daí o nome de "estóico". Os estóicos, que estavam entre os maiores lógicos e físicos do seu tempo, integraram totalmente a astrologia em seu sistema. Mantiveram a tradição platônica de um sistema de mundo esférico, com a Terra no centro do universo e os corpos celestes movendo-se em torno dela em movimentos circulares. Reafirmaram também a crença de Platão de que os céus revelavam a presença divina e que os deuses habitavam os planetas.

A cosmologia dos estóicos não é materialista nem idealista; não faziam distinção entre matéria e espírito. Deus é imanente em todo o universo como *logos*. O universo é também permeado por uma forma de energia que chamavam de *pneuma* ("alento morno"), uma noção similar ao *chi* chinês e ao *prana* indiano. Tudo no universo funciona de acordo com as mesmas leis universais. Como resultado, tudo está unido por um tipo de afinidade cósmica: uma mudança em uma parte afeta todas as outras partes. Mentes e corpos são feitos do mesmo material e o homem é um microcosmo do macrocosmo, um universo em miniatura.

O ensinamento dos estóicos influenciou a astrologia em vários pontos importantes. Primeiro, como tudo estava inter-relacionado por afinidade e era governado pelas mesmas leis, seguia-se que tudo que acontecia nos céus inevitavelmente afetaria o que acontecia na Terra e vice-versa. Segundo, os estóicos assumiram a idéia da antiga Mesopotâmia da eterna recidiva baseada na natureza cíclica do universo. Supunham que o Grande Ano terminaria com uma conflagração cósmica (*ekpyrosis*, um "incêndio"), quando todos os

planetas voltariam ao mesmo ponto na longitude e latitude onde estavam quando o cosmo foi formado pela primeira vez. Como uma fênix, o fogo continha em si os quatro elementos a partir dos quais um novo universo poderia nascer. Tudo seria exatamente o mesmo (o ser viveria de novo, embora talvez não tivesse as mesmas marcas na próxima vez). Terceiro: talvez inspirados pelo novo contato com povos diferentes na Ásia, advogavam uma comunidade mundial baseada na fraternidade dos homens.

A crença dos estóicos de que o indivíduo poderia ser o mestre da sua própria vida encorajou a mudança da astrologia mundana para a astrologia natal, na qual o horóscopo capacita o indivíduo a compreender seu destino e o ajuda a se libertar dele. Mas como seria isso se o que acontecia não podia ocorrer de outra forma? Uma crença estóica na lei universal não significa necessariamente que não temos livre-arbítrio. É possível escolher a forma de agir, ou de não agir. Contudo, significa que, se seguirmos contra a natureza, inevitavelmente sofreremos desapontamentos, enquanto, se agirmos em harmonia com ela, com certeza atingiremos o contentamento. A qualidade da nossa vida está portanto em nossas mãos. O estoicismo partilha com o taoísmo o desejo de atingir um estado ideal de auto-suficiência, de modo que nada possa perturbar a paz da mente. Isto é conseguido com mais facilidade se vivermos de acordo com a natureza.

Astrônomos Matemáticos

Enquanto isso, a astronomia matemática grega, que tinha se iniciado com o Êxodo no século IV a.C. atingiu seu zênite nos séculos III e II no mundo helênico. Herakleides (morreu em 310 a.C.) tinha desenvolvido o trabalho de Filolau e propôs o que chamou de sistema "egípcio". Ele ainda imaginava que a Terra estava no centro do universo, mas que girava sobre seu próprio eixo, causando o movimento diário dos céus. Marte, Júpiter e Saturno orbitavam a Terra, mas para explicar as órbitas erráticas de Mercúrio e Vênus ele sugeriu que eles orbitavam o Sol.

Foi necessário somente um pequeno passo para Aristarco (310 a.C.) levar adiante a idéia revolucionária de que a Terra e todos os planetas orbitavam o Sol. A bela simplicidade desta teoria explicou de uma só vez o antigo problema das órbitas erráticas dos planetas. Porém, graças à influência dominante de Platão e de Aristóteles, o conceito de um universo geocêntrico permeou a Europa entre a maioria dos astrônomos até o século XVII, e continua a ser o modelo simbólico dos astrólogos modernos.

O último grande astrônomo grego foi Hiparco, cerca de 190-120 a.C. Ele concebeu as coordenadas de latitude e longitude utilizadas para mapear os céus e também a Terra.

A ele também é creditada a "descoberta" da precessão dos equinócios mas, como vimos, é provável que os mesopotâmios e os egípcios já tivessem trabalhado com este conceito. Entretanto, ao chamar a atenção para o movimento do ponto vernal pelas constelações, ele precipitou a separação entre o uso do zodíaco sideral baseado nas constelações e o uso do zodíaco tropical ligado às estações.

Enquanto os astrólogos no Oriente continuaram a usar o primeiro, os astrólogos árabes e europeus optaram pelo último. O resultado é que, atualmente, o equinócio vernal não nasce no início de Áries, como acontecia na época de Hiparco, mas em Peixes. A última utilização do zodíaco sideral na Europa foi em Constantinopla, no século VI d.C.

Escrita Hermética

No século I, a cidade de Alexandria na orla do Mediterrâneo tornou-se o centro astrológico de todo o mundo helênico. Era um local de mesclagem intelectual, onde o Oriente encontrava o Ocidente, onde a Europa encontrava a África e onde os sacerdotes egípcios discutiam religião e filosofia com gregos, romanos, sírios, persas e judeus entre outros. O deus egípcio da sabedoria, Thoth, era chamado de Hermes pelos gregos, e os astrólogos que escreviam em grego cultivavam deliberadamente um estilo "hermético" e reivindicavam deter o conhecimento dos escritos herméticos. Viam a si mesmos como parte de uma longa tradição de sabedoria antiga que poderia ser remontada até o Reino Antigo do Egito antigo.

A literatura hermética surgiu durante a era ptolomaica no Egito "helenizado", após a conquista de Alexandre. Os ptolomeus falavam grego, mas adotavam os costumes e crenças locais. Os primeiros colonizadores gregos que chegaram depois de Alexandre ainda identificaram os deuses egípcios com os seus, não somente Thoth com Hermes, mas Osíris com Dioniso, Ísis com Ceres, Perséfone com Atena e Hórus com Apoio. Associaram também Ísis com Tiche, a deusa da fortuna. Ela não representava o destino implacável, mas o tipo de destino que poderia ser alterado pelo conhecimento prévio.

Os primeiros textos verdadeiramente astrológicos são do Egito helênico e são escritos em grego. Um dos escritos mais importantes — o *Salmeschiniaka* — só existe em fragmentos. Vários outros fragmentos estão escondidos em 12 volumes do *Catalogus Codicum Astrologorum Graecorum* (Bruxelas, 1898-1936). No meio da literatura que sobreviveu, os horóscopos são raros. O primeiro horóscopo preservado em um texto

literário trata de um nascimento em 72 a.C. enquanto o primeiro horóscopo em papiro lida com um nascimento em 10 a.C.⁶

Os astrólogos também se aproveitaram dos escritos dos lendários egípcios Petosiris e Nechepso, que diziam ter recebido seu conhecimento de Hermes. As *revelações de Nechepso e Petosiris* foi um manual popular de astrologia, provavelmente escrito em Alexandria por volta de 150 a.C. Petosiris representa o prestígio dos sacerdotes egípcios; sua tumba, anterior a 341 a.C. tornou-se o centro de um culto. Nechepso (663-522 a.C), rei da 26ª dinastia, simboliza a sabedoria dos faraós. Seus supostos trabalhos existem somente em fragmentos e em citações mencionadas por escritores posteriores. Eles revelam uma preocupação com os presságios astrais (incluindo os eclipses e o nascer helíaco de Sirius) e também com os horóscopos (com referências ao método de calcular a extensão da vida, os períodos bons e maus na vida baseados nos períodos planetários e a descoberta do regente do ano). Plantas e pedras eram associadas a certas influências astrais. Reivindicavam também que o signo onde a Lua se encontrava no momento da concepção seria o Ascendente no mapa natal. Segundo Firmicus Maternus, astrólogo do século IV, Nechepso e Petosiris ganharam de Hermes a doutrina do horóscopo mundial, conhecido como *thema mundi*.⁷

Vários escritos astrológicos foram atribuídos a Hermes. Enquanto eles eram considerados pelos primeiros estudiosos como fundamentalmente gregos, a descoberta da biblioteca de *Nag Hammadi* no Alto Egito, em 1945, que continha escritos herméticos e gnósticos, sugere que a literatura hermética era uma fusão do modo de pensar egípcio com o grego. O texto estava em copta, isto é, a língua egípcia escrita no alfabeto grego.

A autêntica voz do hermetismo chegou pela seguinte passagem:

A ordenação dos corpos celestes é superior àquela do nosso mundo embaixo. É imóvel por todo o sempre, e transcende a compreensão humana. E por isso o mundo inferior foi tomado pelo medo e anseia diante da beleza extraordinária e estabilidade eterna das coisas acima (...) os mistérios se moveram várias vezes nos céus segundo os movimentos fixos e períodos de tempo, ordenando e nutrindo o reino inferior através de determinadas emanações secretas.⁸

A tradição hermética foi considerada tanto mística quanto secreta. Clemente de Alexandria argumentou que o ensinamento da sabedoria do Egito era ocultado dos profanos e somente revelado aos puros e dignos:

Razão pela qual, de acordo com o método de ocultação, a Palavra verdadeiramente sagrada, verdadeiramente divina e muito necessária para nós, depositada no altar da verdade, foi pelos egípcios indicada pelo que foi chamado entre eles de *adyta* [o Sagrado entre os Sagrados], e entre os hebreus de o véu. Somente os consagrados — isto é, aqueles devotados a Deus, circuncidados no desejo das paixões pelo bem do amor, pois somente ele é divino — foram permitidos ter acesso ao santuário. Pois Platão também pensou que não era legítimo para "os impuros tocar o puro". Por isso as profecias e oráculos são falados em enigmas, e os mistérios não são exibidos incontinentemente a todos, mas só após certas purificações e instruções prévias.⁹

Em um trecho de escritos herméticos, Firmicus Maternus confirma o segredo da ciência sagrada guardada pelos sacerdotes dos templos egípcios: "No momento da minha revelação dos augustos segredos desta doutrina, segredos que os antigos divinos comunicaram somente com temor, e os quais envolveram em profunda escuridão, temerosos de que a ciência divina, uma vez trazida para a luz do dia, seria conhecida pelos profanos."¹⁰ Acreditava-se que o segredo era necessário para evitar que o poderoso conhecimento fosse mal utilizado ao cair em mãos erradas.

Qual foi a mensagem escondida dos escritos herméticos que emergiu na Alexandria? Eles ofereceram um caminho para a iluminação, um método de salvação por meio do conhecimento, ou *gnosis*. Os escritos principais são o *Corpus Hermeticum*, escrito originalmente em grego, e o latino *Asclepius* (conhecido também como *Hermética*), e também a antologia de Estobeu. Eles continham material tanto filosófico quanto técnico — juntamente com a magia, detalhes técnicos da astrologia eram tidos como um prelúdio apropriado para a gnose.

A antologia de Estobeu menciona especialmente os decanos e seus "filhos", os "demônios" que habitam as estrelas. Eles descrevem as funções da alma à luz das suas origens astrais, e também as diferenças entre as almas personificadas, causadas por suas constituições astrológicas e elementares. A citação mais longa, o *Kore Kosmou* (Filha do Cosmos), afirma que "nenhum profeta que ouse levantar as mãos para os deuses jamais ignorou qualquer dessas coisas que existem, de que a filosofia e a magia podem nutrir a alma e a medicina curar o corpo".¹¹

Qual é o ensinamento hermético a respeito da astrologia? Ele insiste que "o divino é a combinação total da influência cósmica renovada pela natureza". Não foi deus, mas um artífice criado por deus que montou os corpos celestes: "A mente que é deus, sendo andrógina e existindo como vida e luz, pela fala deu à luz uma segunda mente, um artífice que, como deus do fogo e do espírito, criou sete governantes; eles englobam o mundo

sensível em círculos e seu governo é chamado de destino."¹² Os "sete governantes" são, naturalmente, os cinco planetas e os dois luminares, Sol e Lua. Os deuses são visíveis sob a forma de estrelas e todas as suas constelações.

Em uma passagem a respeito do renascimento, Hermes diz a seu filho Tat que a "tenda" do corpo foi feita do círculo zodiacal.¹³ Em outra passagem, o artífice (criado pelo deus superior) é o Sol e o cosmo o instrumento da sua arte. Na ordem decrescente da Cadeia do Ser, o céu governa os deuses, enquanto os "demônios", nomeados pelos deuses, governam os humanos. Cada estrela possui um demônio e segue suas ordens. Parece que os demônios agiam como anjos da guarda, mas eles eram bons ou maus ou de uma natureza mista segundo suas energias, pois a energia é a essência de um demônio e "as energias são como raios de deus".¹⁴ Os demônios ganharam autoridade sobre a Terra e causam mudanças nas cidades, nações e também nos indivíduos. É o Sol que organiza as tropas de demônios sob os regimentos das estrelas — os raios do Sol são uma manifestação de *heka*, o poder mágico que energiza o universo. Sua presença explica também a importância do horóscopo na determinação do caráter e destino de uma pessoa:

Os demônios que estão de prontidão no momento do nascimento, ordenados sob cada uma das estrelas, tomam posse de cada um de nós quando passamos a existir e recebemos uma alma. De momento a momento eles mudam de lugar, e não permanecem na mesma posição por causa do movimento de rotação. Aqueles que penetram através do corpo em duas partes da alma torcem a alma, cada uma em torno da sua própria energia. Porém, a parte racional da alma permanece sem domínio dos demônios, apropriada para ser um receptáculo para deus (...) Portanto, com nossos corpos como seus instrumentos, os demônios governam este governo terreno. Hermes chamou este governo de "destino".¹⁵

Para mim isto explica belamente a maneira como a influência das estrelas penetra com a nossa alma em nosso corpo no nascimento ou concepção (inclino-me para este último). Mostra também como escapar do nosso destino usando a "arte racional" — não a razão como ferramenta analítica, mas a razão como parte sublime da nossa formação que nos capacita para atingir a salvação através da gnose.

Também reconhecido na *Hermética* é Esculápio, que cedeu o nome ao tratado em latim. O Esculápio egípcio era Imhotep, um oficial da terceira dinastia cuja reputação como arquiteto, curador e astrólogo era tão grande que foi deificado por gerações posteriores como filho de Ptah e filho divino do próprio Thoth. Em Alexandria, uma estátua o representa com roupas gregas e o babuíno sagrado de Thoth. O povo de fala grega do

Egito identificava Imhotep com Esculápio, filho de Apoio e deus da cura. Seus atributos eram o cajado do viajante e a serpente do rejuvenescimento.

Em uma discussão sobre o motivo de a humanidade ter uma forma só enquanto cada indivíduo humano é diferente, Hermes diz a Esculápio que:

É impossível para qualquer forma estar em grande similaridade com outra em pontos distantes de tempo e latitude. As formas mudam com a mesma freqüência que a hora possui os momentos no círculo móvel onde deus reside, a quem temos chamado de Omniform. A classe persiste, procriando cópias freqüentes de si, tantas e tão diversas quantas a rotação do mundo possui seus momentos. A medida que ela gira, o mundo muda; mas a classe não muda nem gira. Então, as formas de cada um persistem, embora dentro da mesma forma existam diferenças.¹⁶

A passagem é obscura, porém repleta de referências à astrologia hermética. Enquanto o horóscopo fornecia o destino do indivíduo, acreditava-se que a "latitude" modelava o destino dos povos e das nações. Os demônios que regiam as sete zonas celestes estavam associados às sete regiões geográficas definidas pela latitude. O "círculo que gira" é o zodíaco. Seu deus Omniform produz as formas dos humanos por intermédio de 36 decanos, três de cada um residindo em cada signo do zodíaco. Os "momentos" referem-se às estrelas que regem cada um dos 360° do círculo do zodíaco; portanto, nenhum instante do tempo existia sem que um deus o presidisse.

A Poesia das Estrelas

Por que maravilhar-se com o fato de o homem conter o céu, quando o céu existe em seu próprio ser e cada um é, em uma escala menor, uma semelhança da imagem do próprio Deus?

MANILIUS

A PÓS A DERROTA DE CLEÓPATRA EM 30 A.C., O EGITO TORNOU-SE PARTE DO IMPÉRIO Romano, porém Alexandria permaneceu como um centro cosmopolita de aprendizagem. Os romanos respeitaram a cultura local e os sacerdotes egípcios continuaram a escrever em copta e os filósofos em grego. O templo de Dendera, por exemplo, foi finalmente terminado na época do imperador romano Augusto (30 a.C.-14 d.C). Como um símbolo da continuidade, uma "casa de nascimento" — um santuário dedicado ao nascimento de um faraó —, foi construído no mesmo local de templos antigos sob o comando de Nero, com relevos adicionados pelos troianos e hadrianos no século II d.C. Os imperadores romanos sem qualquer dúvida valorizavam e respeitavam a ciência sagrada do Egito e desejavam reconhecê-la como parte de sua própria tradição. Alexandria permaneceu como principal centro de astrologia em todo o Império Romano e vários imperadores romanos consultaram astrólogos egípcios.

Os signos do zodíaco apareciam regularmente nos caixões do Egito romano. No Museu Britânico existe uma bela pintura da deusa do céu, Nut, rodeada pelos signos do zodíaco, no interior do caixão de madeira pintado de Sóter de Tebas, datando do século I d.C. Papiros mágicos greco-romanos também incluem listas do tipo de magia que funcionaria melhor sob cada signo estelar. As energias das estrelas individuais continuaram a ser ligadas a partes do corpo humano, plantas e pedras preciosas.

O verdadeiro início da astrologia em Roma permanece obscuro, mas parece ter chegado à cidade por meio do aprendizado grego do século III a.C. em diante. A influência da Mesopotâmia também foi sentida: Cato, escrevendo um tratado sobre lavoura em 160 a.C. avisa que um bom supervisor não deve consultar os videntes caldeus. Por volta de 138 a.C. durante um período de agitações, a astrologia foi vista como uma ameaça, o que bastou para os astrólogos serem expulsos de Roma e da Itália romana.

O historiador Plínio, o Velho, chamava o escravo Manilius Antiocho de "fundador da astrologia em Roma".¹ Entretanto, foram os filósofos estoicos gregos que a tornaram primeiramente respeitável. O filósofo Posidônio, cerca de 135-50 a.C. que possuía uma esfera armilar, exerceu influência decisiva sobre a elite culta em favor da astrologia. Provavelmente de origem síria, ele racionalizou a divinação para as classes superiores romanas.

Cícero (106-43 a.C.) esteve presente em algumas conferências de Posidônio. Embora não tivesse sido persuadido, registrou com precisão as crenças dos astrólogos da época:

Eles dizem que um círculo estrelado, que os gregos chamam de zodíaco, contém tal poder que cada parte separada do círculo move e muda o céu de maneira diferente, segundo as posições das estrelas nestas e nas regiões vizinhas a qualquer tempo; e eles dizem que o poder é modificado pelos planetas, seja quando entram naquela parte do círculo que contém o nascimento de alguém ou naquela parte que possui alguma familiaridade ou harmonia com o signo do nascimento — eles chamam isso de triângulos e quadrados (...) Aham que não somente é plausível, mas também verdadeiro que de alguma forma a atmosfera é modificada para que os nascimentos dos filhos sejam animados e formados, e por esta força são moldadas suas mentalidades, hábitos, mente, corpo, ação, sorte na vida e experiência.²

Em sua obra *República*, Cícero desenvolveu sua crença na religião estelar em uma versão latina do mito faraônico conhecido como *O sonho de Scipio*. "Os humanos", ele declarou, "foram dotados de almas feitas de fogos imorredouros chamados estrelas e constelações." Em sua visão, o caminho de volta para a "habitação para toda a eternidade", particularmente nas constelações da Via Láctea, era através do serviço desinteressado pelo país natal.³

Durante o período da república romana, havia divinadores do Estado conhecidos como *haruspices*, eram devotados a interpretar os presságios. Os senadores formavam o

colégio dos augúrios, buscando os presságios em pássaros e nos guardiões de livros da profecia sibilina. Mas a astrologia emergiu com um florescimento no século I d.C. com a fundação do Império Romano. Contudo, nem todos ficaram impressionados com o novo interesse pela astrologia. Plínio, o Velho, lamentou: "A mais fraudulenta das artes [magia] permeou o mundo inteiro por várias eras (...) tendo sucesso [com a medicina] adicionando a astrologia porque não existe qualquer um que não tenha interesse em saber sobre o seu destino ou que não acredite que o mais verdadeiro relato dele seja obtido por meio da observação das estrelas."⁴

Suetônio, o cronista da vida dos Césares, registra as profecias feitas para todos os imperadores. Diz ele:

Em Apolônia, Augusto e Agripa visitaram juntos a casa de Teógenes, o astrólogo, e subiram as escadas até o seu observatório; ambos desejavam consultá-lo a respeito de suas futuras carreiras. Agripa foi primeiro e ouviu a profecia da sua quase incrivelmente boa sorte, enquanto Augusto, esperando uma resposta bem menos encorajadora, sentiu receio em revelar o momento do seu nascimento. Quando, enfim, após muita hesitação, suplicou murmurando a informação pela qual ambos o pressionavam, Teógenes levantou-se e voou até seus pés; e isto deu a Augusto uma fé tão implícita em seu destino que até se aventurou em publicar seu horóscopo, e lançou uma moeda de prata com o Capricórnio, o signo sob o qual nascera.⁵

Augusto adotou o Capricórnio como emblema pessoal. Como era o signo no qual o Sol começa a subir após o solstício de inverno, ele o apresentou como o signo de uma nova era após as guerras civis romanas.

Outro entusiasta imperial foi Septimius Severus, que lançou mão da astrologia para legitimar sua regência. Teve seu horóscopo traçado no teto das salas do seu palácio, mas foi cuidadoso ao fazer com que seu Ascendente fosse colocado em um local diferente em cada sala para que ninguém pudesse fazer seus próprios cálculos, particularmente sobre o momento da sua morte!

As mulheres do Império Romano se sentiam particularmente atraídas pela astrologia. O satirista romano Juvenal, cerca de 60-140 d.C, ofereceu um retrato do freqüentador de astrólogos que hoje é logo reconhecido:

Sua esposa, sua Tanaquil,
 Sempre consulta essa tradição. Por que sua mãe,
 dominada pelo ciúme, está a tanto tempo morrendo? Quando ela se despedirá de
 sua irmã ou de seus tios? (Ela fez todas as perguntas a seu respeito algum tempo
 atrás.) Seu amor atual
 Sobreviverá a ela? (Que favor maior poderia ela pedir aos Deuses?)
 Embora pelo menos ela não possa dizer o que a sombria
 Conjunção de Saturno pressagia, ou sob qual constelação
 Vênus estará mais propícia; quais meses trarão perda, quais trarão ganhos.
 Quando você encontrar essa mulher, agarrada aos seus almanaques
 Muito folheados como uma corrente de contas de âmbar gastas,
 Deixe bem claro para ela. Ela não está especulando
 Em busca de um bom conselho; ela mesma é especialista...
 Quando deseja sair da cidade, em até um quilômetro, ou menos,
 Encontra um momento propício em suas tabelas. Se ela esfrega
 Um canto do olho, e ele coca, ela não deve nunca
 Colocar unguento sem primeiro consultar o seu horóscopo; se
 Estiver doente na cama, ela somente se alimentará
 Nos momentos em que Petosiris, o egípcio, recomendar.⁶

A Astronômica de Manilius

Foi durante os reinados de Augusto e Tibério que a astrologia moderna assumiu sua forma reconhecível. O primeiro tratado astrológico conhecido é o poema latino *Astronômica* de Manilius. Escrito no início do século I d.C, seus cinco livros foram dedicados ao Imperador Augusto. Eles foram estimulados por uma retórica apaixonada de fatalismo que revela as crenças estoicas do poeta. No início vislumbramos o reconhecimento do legado das "nações obscuras" dos babilônios e dos egípcios e ele chama o deus de Cilene (Mercúrio, o mesmo Hermes grego e o Thoth egípcio), o "primeiro fundador desta grande e sagrada ciência".⁷

Em seu relato dos fenômenos celestes, Manilius apresenta a Terra como uma esfera composta de quatro elementos no centro do universo. As estrelas eram fogos que revestiam o telhado do universo, que era sagrado e permeado pelo espírito formando um todo harmonioso em suas diversas partes:

Este tecido que forma o corpo do universo ilimitado, juntamente com seus membros compostos dos diversos elementos da natureza, ar e fogo, terra e o mar da superfície, é regido pela força do espírito divino; pela isenção sagrada a deidade traz harmonia e governa com propósito escondido, arrumando elos mútuos entre todas as partes, de modo que cada uma possa suprir e receber a força da outra e que o todo possa permanecer firme em afinidade, apesar da variedade de suas formas.⁸

Na Terra, tudo estava mudando continuamente, porém o céu permanecia o mesmo. Deus e a "razão que a tudo controla" criaram os seres terrenos dos signos do céu. Deus obrigou o reconhecimento das influências das estrelas distantes, de modo que essas deram aos povos suas vidas e destinos e a cada homem seu próprio caráter.

O estóico Manilius lamentou a insensatez dos seres humanos que passavam suas vidas preocupando-se e atormentando-se com medos e desejos sem sentido, gastando-as em busca de ganhos: "Cada um é o mais pobre em posses porque busca mais: ninguém considera as bênçãos, mas somente os luxos que lhes falta." As pessoas deveriam conseguir compreender que nada podiam fazer a respeito de seus destinos, pois eles estavam escritos nas estrelas. Em espírito verdadeiramente estóico, exclamou: "Libertem suas mentes, ó mortais, livrem-se das suas preocupações e soltem suas vidas de todas essas queixas vãs! O destino rege o mundo, todas as coisas estão fixadas por leis imutáveis, e as grandes eras estão reguladas por um curso predestinado dos eventos. Ao nascer, nossa morte está selada, e o nosso fim é conseqüente ao nosso início."⁹

No primeiro livro da sua *Astronômica*, Manilius descreve os signos do zodíaco com um estilo característico:

Resplandecente em sua face dourada, o Carneiro (Áries) abre o caminho e olha para trás maravilhado com a chegada do Boi (Touro), que com a face e torso abaixados convoca os Gêmeos; a estes segue o Caranguejo (Câncer), e o Leão ao Caranguejo, e a Virgem ao Leão. Depois a Balança (Libra) equilibra a luz do dia com a extensão da noite; puxa o Escorpião, ansioso com sua constelação cintilante em cuja cauda o homem com corpo de um cavalo (Sagitário) visa com um arco retesado uma flecha alada, sempre pronta a disparar. Em seguida vem o Capricórnio, enrolado dentro do seu asterismo comprimido, e depois dele, com um vaso virado para baixo, o Aguadeiro (Aquário) verte a água necessária aos Peixes, que nadam ligeiro nela; e desta forma chegamos à retaguarda dos signos que são reunidos pelo Carneiro.¹⁰

O segundo livro focaliza as características dos signos do zodíaco. Manilius menciona as partes do corpo associadas aos signos do zodíaco e como as plantas e pedras associadas

aos planetas podem se usadas para a cura. Ele trata também do chamado *dodecatemoria* (*dodeca* é a palavra grega para 12; *morion*, para parte). Este se refere às 12 partes dos signos de 30° do zodíaco. Cada dodecatemório consiste de 2,5° e está alocado em um signo na mesma ordem do zodíaco. Desta forma, as interpretações tornam-se mais sutis e complexas. Enquanto um planeta poderá estar no signo de Leão, seus dodecatemórios poderão estar em Sagitário, dependendo portanto de análise. Manilius considera os dodecatemórios zodiacais — isto é, a divisão por 12 dentro de cada signo distribuídos para signos diferentes —, como também os dodecatemórios planetários, dos quais cinco, consistindo de um grau destinado aos planetas, formam cada dodecatemório zodiacal.

A divisão do horóscopo em quatro pontos conhecidos como quadrantes é também explicado. Estes eram chamados de *cardines* em latim. O primeiro e mais importante é o ponto da eclíptica (o grau ou signo do zodíaco) que está surgindo no horizonte no momento em questão, conhecido em latim como *horoscopus* ou *ascendens* e agora chamado de Ascendente (muitas vezes abreviado como ASC). O segundo ponto, onde o meridiano (o arco da longitude que passa sobre o zênite do observador) corta a eclíptica (isto é, o ponto culminante acima da sua cabeça) é o Meio do Céu, ainda conhecido pelo nome latino de *Médium Coeli* (MC). O terceiro é o ponto de ocaso do Ascendente, conhecido como *Occasus* ou Descendente (DESC). E o quarto, que está diretamente oposto ao segundo (onde a outra metade do meridiano corta a outra metade da eclíptica), ainda é conhecido pelo nome latino de *Imum Coeli* (Fundo do Céu — IC).

Foram, provavelmente, os astrólogos egípcios que inspiraram a divisão do horóscopo em quadrantes. O Sol é forte e jovem no Leste, atinge seu poder máximo no Meio do Céu e declina em idade e fraqueza no Oeste. Esta é a viagem diária do deus sol Ra pelo céu que espelha claramente nossa viagem sobre a Terra. Aplicada à vida humana, não surpreende que o primeiro quadrante, do ASC ao MC, deva reger a juventude da pessoa; o quadrante seguinte, a meia-idade; o terceiro, a velhice; e o quarto, a velhice extrema e a morte.

Foi um pequeno passo até a próxima divisão de cada um dos quadrantes, de modo que cada ponto cardeal tivesse duas Casas. Uma área particular da vida humana, como o casamento, filhos, trabalho ou saúde, foi destinada a cada uma das oito Casas. Sem dúvida influenciado pelo número de signos no zodíaco, a mudança seguinte foi projetar um sistema de 12 Casas, cada uma com um espaço igual sobre a eclíptica. Isto deve ter sido fácil, já que os diagramas antigos dos horóscopos eram quadrados, como ainda existe na Índia. A posição das Casas em torno da eclíptica era determinada — e ainda é — pelo Ascendente. O signo do zodíaco que corresponde à Casa depende desta forma do tempo e lugar do horóscopo. O zodíaco, então, revolve dentro da estrutura das Casas.

Manilius define o significado das 12 *hei* (Casas), de maneira a refletir os aspectos da vida considerados mais importantes na época: 1 — lar e propriedade; 2 — guerra e viagem; 3 — negócios e vida social; 4 — lei; 5 — casamento e amizades; 6 — condições e prosperidade; 7 — perigos; 8 — classe e reputação; 9 — filhos; 10 — modo de vida e caráter; 11 — saúde e doença; e 12 — sucesso para atingir os objetivos.

O terceiro livro do trabalho de Manilius se refere às 12 partes (*sortes* em latim), os pontos do mapa natal que indicam áreas particulares da vida. A mais importante é a Roda da Fortuna (geralmente representada por uma cruz dentro de um círculo), cuja posição determina as outras partes. Se o nascimento ocorre durante o dia, a Roda da Fortuna é calculada pela medição dos graus entre o Sol e a Lua e depois dispondo-se a mesma medida ao longo do zodíaco a partir do Ascendente. Se for à noite, o procedimento é inverso, contando da Lua para o Sol.

A Roda da Fortuna era chamada algumas vezes de "Horóscopo da Lua". Outras partes foram desenvolvidas, como a Parte do Demônio, a Parte da Necessidade e a Parte do Eros, porém havia com frequência uma confusão considerável entre as partes e as Casas, com várias autoridades antigas dando indicações diferentes. A Roda da Fortuna foi a única que sobreviveu.

O quarto livro da *Astronômica* de Manilius descreve os decanos, a divisão tripla dos signos do zodíaco designados a planetas diferentes, que foi adaptada pelos gregos a partir dos egípcios. Manilius então fez um mapa do mundo juntamente com os regentes do zodíaco para cada região. O último livro trata da *paranatellonta*, as estrelas que nascem e se põem ao mesmo tempo em que as seções da eclíptica, porém ao Norte e ao Sul delas. Talvez um tratamento das influências planetárias tenha ficado perdida. Enquanto vários dos detalhes mais complicados como partes, dodecatemórios e *paranatellonta* tenham sido subsequenteiramente deixados para trás, os elementos principais do trabalho de Manilius tornaram-se parte da astrologia mais aceita.

O Fio d'Água Torna-se uma Corrente

Outro trabalho escrito no século I que foi descoberto recentemente é o de Doroteu de Sidon. A princípio em grego, foi preservado em uma versão árabe do século VIII feita a partir de uma tradução persa do século III. É um tratado completo sobre astrologia, abarcando a astrologia horária e a natal. Situando-se firmemente dentro da tradição hermética, Doroteu chamou a si mesmo de Rei do Egito e dedicou seu livro a seu filho Hermes. Durante as suas viagens ao Egito e à Babilônia, reivindicou ter reunido os melhores

ensinamentos das primeiras autoridades. Seu quinto livro trata das "interrogações" (*katarchai*), que dependem em sua maior parte do Ascendente, da Lua e dos aspectos que fazem entre si. O capítulo sobre o casamento e os sete capítulos que tratam da medicina são baseados principalmente na Lua. Se a Lua estiver se afastando de Saturno, por exemplo, indicará "uma febre que o acomete e um mal escondido por causa da sua dieta".¹¹

O gotejar da literatura astrológica logo se tornou uma torrente. Maneto, em seu *Prognósticos*, utilizou Doroteu como fonte. Usando seu próprio horóscopo datado de 27 de maio de 80, celebrou em verso "aquilo que o Destino me garantiu ensinar, a sabedoria e a bela poesia das estrelas".¹²

Vettius Valens reuniu os novos trabalhos na sua *Anthologies*, que continha cerca de 130 exemplos de natividades. Apesar de seu nome latino, o autor veio de Antioquia, na Síria, e provavelmente residiu em Alexandria durante o século II e escreveu em grego com alguma dificuldade. Menciona com regularidade os "divinos egípcios" e com frequência se refere ao trabalho de Nechepso e Petosiris, e ao lendário *Livro de Hermes*. Pertencendo à tradição hermética, afirma que está revelando mistérios e que o leitor deveria jurar não revelar os segredos a pessoas erradas. Seu trabalho se tornou um dos textos antigos mais populares e foi muito copiado mais tarde, muitas vezes com emendas e acréscimos.

Valens listou os quatro trígonos e ligou-os aos planetas e aos quatro elementos como segue:

<i>Trígono</i>	<i>Planetas</i>	<i>Elemento</i>
Áries, Leão, Sagitário	Sol, Júpiter, Saturno	Fogo
Touro, Virgem, Capricórnio	Lua, Vênus, Marte	Terra
Gêmeos, Libra, Aquário	Saturno, Mercúrio, Júpiter	Ar
Câncer, Escorpião, Peixes	Marte, Vênus, Lua	Água

Como Doroteu, Valens enfatizou a necessidade do segredo: "Eu te suplico, honorável irmão, e a todos os seres iniciados nesta arte sistemática, aprendendo com a abóbada estrela dos céus, e o zodíaco, e o Sol e a Lua e os cinco planetas e também com a presciência da sagrada Necessidade, de manter todas estas coisas ocultas e de não partilhá-las com os não instruídos, exceto aqueles que são dignos e capazes de guardar e recebê-los corretamente."¹³

Fica claro com estas palavras que, por volta do século II d.C., as principais coordenadas da astrologia já estavam estabelecidas. Foi deixado para o autor grego Luciano de Samosata fazer a defesa mais clara da astrologia:

Se admitirmos que um cavalo a galope, um pássaro em vôo e homens caminhando fazem pedras deslocar ou impulsionam pequenas partículas flutuantes de poeira com a agitação do ar ao seu passar, por que negar que as estrelas do céu exercem seu efeito? O menor dos fogos nos envia suas emanções, e embora não seja para nós que as estrelas ardem, e pouco se importam quanto aos avisos que nos enviam, por que não receber suas emanções? A astrologia, é verdade, não pode tornar bom o que é mau. Não pode afetar o curso dos eventos, mas serve àqueles que a cultivam anunciando a eles grandes fatos que acontecerão: ela produz alegria com a antecipação, ao mesmo tempo em que os fortifica contra o mal.¹⁴

Foi contudo Ptolomeu, escritor de língua grega, um dos pensadores mais brilhantes na história da ciência, que reuniu o trabalho dos seus antepassados para fornecer um relato definitivo da astrologia que se tornou a base da tradição ocidental.

27 O Ambiente

Para qualquer visão deve haver um olho adaptado para aquilo que existe para ser visto.

PLOTINO

ENQUANTO PLATÃO FORNECEU A BASE FILOSÓFICA DA ASTROLOGIA, PTOLOMEU A desenvolveu em um sistema que sofreu poucas mudanças subseqüentes no Ocidente. Claudius Ptolemaeus, cerca de 100-178 d.C, nasceu em Ptolemais no Egito, viveu em Alexandria e escreveu em grego. Ele é lembrado pelo seu *Almagest*, que é uma exposição completa da astronomia matemática e o clímax de séculos das cosmologias mesopotâmica, egípcia e grega. Ainda na Renascença, seu nome continuava destacado na astronomia e na geografia. Embora acreditasse firmemente que a Terra estava no centro do universo, ele utilizou modelos excêntricos e epicíclicos para explicar o comportamento errático observado dos planetas.

O volume que acompanha o *Almagest* é o *Tetrabiblos* (Quatro Livros), que tem sido chamado de "Bíblia da astrologia". Ele fornece a orientação fundamental, ao longo da qual foi desenvolvida grande parte da astrologia ocidental. As visões de Ptolomeu sobre a natureza da causalidade astrológica e as origens do caráter humano foram aceitas como princípios básicos. A principal corrente da astrologia atual ainda é "totalmente ptolomaica", como foi nos últimos dois milênios.¹

Embora o *Almagest* trate do que chamamos atualmente de astronomia e o *Tetrabiblos* da astrologia, Ptolomeu viu as duas como partes da mesma questão. Na verdade, as palavras *astronomia* e *astrologia* continuaram a ser usadas de modo mais ou menos indiscriminado até a Idade Média. Na abertura do *Tetrabiblos*, Ptolomeu faz uma distinção entre dois meios de previsão: "Um, que é o primeiro tanto em ordem quanto em eficácia, é aquele por meio do qual apreendemos os aspectos dos movimentos do Sol, da Lua e das

estrelas e entre si em relação e à Terra, como ocorrem de tempos em tempos; o segundo é aquele no qual, por meio do caráter natural destes próprios aspectos, investigamos as mudanças que eles trazem para aqueles nos quais circundam".²

O primeiro, naturalmente, é o que chamamos agora de astronomia e o segundo, de astrologia. Para Ptolomeu, a astrologia era uma disciplina que seguia com cuidado as regras desenvolvidas, mas, como a medicina, era também uma arte de conjecturas que poderia levar a erros, causados pelo número de variáveis envolvidas. Isto, talvez, tenha propiciado o surgimento de inúmeros astrólogos charlatões, porém não quer dizer que o próprio assunto não deve ser considerado: não desacreditamos da habilidade do piloto apesar de seus erros. Ao mesmo tempo, Ptolomeu desejava explorar o assunto de "maneira adequadamente filosófica". Sem possuir a certeza de "ciência invariável" da astronomia, a astrologia é o tipo de investigação que está "dentro das fronteiras da possibilidade, quando fica evidente que a maioria dos eventos de natureza geral deve suas causas aos céus que os revestem".³

Ptolomeu acreditava que um "ambiente", ou éter (o quinto elemento de Aristóteles), permeava todo o universo. Mudanças no ambiente afetavam o reino sublunar formado pelos quatro elementos, primeiro fogo e ar e depois terra e água. Os elementos explicavam o papel benéfico e maléfico dos planetas. As qualidades do calor e da umidade eram férteis e ativas, enquanto as secas e frias eram destrutivas e passivas. A mistura dos elementos também servia para classificá-los. A umidade era uma qualidade feminina, e portanto Vênus e a Lua eram femininas, enquanto o Sol, Júpiter e Marte eram secos e masculinos. Mercúrio, sendo seco e úmido, era hermafrodita.

Existia uma influência celeste contínua sobre os eventos terrestres. Para fornecer evidências para o efeito dos corpos celestes sobre a Terra, Ptolomeu mencionou as mudanças nas marés, as estações do ano e as alterações nos animais e nas plantas. Se um homem podia prever o tempo atmosférico, Ptolomeu perguntou: "Não poderá ele também, com respeito ao homem individual, perceber a qualidade geral do seu temperamento a partir do ambiente [cenário celeste] na época do seu nascimento?"⁴

A previsão por meios astronômicos era não somente possível, como também benéfica: "Pois se observarmos os bens da alma, o que poderia ser um condutor melhor para o bem-estar, prazer e satisfação geral do que este tipo de previsão, através da qual obtemos uma visão total das coisas humanas e divinas?" Fazendo eco aos sentimentos dos estóicos, Ptolomeu manteve que o conhecimento prévio "acostuma e acalma a alma pela experiência dos eventos distantes como se estivessem presentes e a prepara para receber com calma e firmeza tudo que vier".⁵ Também nos capacitava a tomar medidas preventivas "bem de acordo com o destino e a natureza", de modo que os eventos previstos não ocorressem ou fossem pouco considerados. Podíamos, portanto, aliviar e talvez até

alterar nosso destino como indicado pelas estrelas ao nascimento. Além disso, nem todas as coisas estavam sujeitas ao destino; o acaso também tinha seu papel.

Enquanto o primeiro livro do *Tetrabiblos* trata dos signos, aspectos e Casas, Ptolomeu inicia o segundo com a astrologia geral ligada a raças, países e cidades. Com a sua tendência alexandrina, ele vê o Mediterrâneo como o berço da civilização. Os gregos, estando sujeitos a Júpiter e Mercúrio, são amantes da liberdade e do aprendizado. Por outro lado, a Grã-Bretanha, a Gália (França) e a Alemanha, tendo mais familiaridade com Áries e Marte, são "ígneas, mais voluntárias e bestiais" que os europeus do Sul. Quanto aos egípcios, que são mais chegados a Gêmeos e Mercúrio: "São pensativos e inteligentes e têm facilidade com todas as coisas, especialmente na busca pela sabedoria e religião; são magos e realizam os mistérios secretos e são habilidosos com a matemática em geral."⁶ Em outro ponto Ptolomeu reivindica que os egípcios uniram inteiramente a medicina à previsão astronômica.

Considerando os poderes ativos dos planetas, Ptolomeu observa que quando Saturno obtém um domínio único, isto em geral significa causa de destruição pelo frio; Júpiter produz aumento em geral; Marte é o motivo da destruição pela seca; Vênus exerce resultados similares aos de Júpiter, porém com o acréscimo de uma "certa qualidade agradável". Mercúrio possui o poder ativo do planeta que estiver associado a ele. Nas combinações, deve ser considerada não somente a mistura dos planetas entre si, mas também sua combinação com outros corpos celestes que partilham da mesma natureza, sejam estrelas fixas ou signos do zodíaco.

Embora estivesse ciente da precessão dos equinócios, Ptolomeu, como os astrólogos modernos do Ocidente, trabalhou com um zodíaco fixo e não com o natural. Independente da constelação na qual ocorresse o equinócio vernal, ele ficava simbolicamente a 0° de Áries, que é tido como o início do ciclo zodiacal. Ele também dividiu o círculo em quadrantes iguais, definidos pelo Ascendente, o *Médium Coeli*, o Descendente e o *Imum Coeli*. Não se preocupou com o problema da desigualdade dos quadrantes causada pela obliquidade da eclíptica, e por isso não a mencionou.

No segundo livro, Ptolomeu trata do que chamou de "arte genetliológica", isto é, a arte do prognóstico ligada ao indivíduo. Ele define a arte como a "observação científica" da mudança nas "naturezas subjetivas que correspondem aos movimentos paralelos dos corpos celestes através dos céus circunvizinhos".⁷ Insiste, contudo, que em todas as questões genetliológicas um destino mais geral, isto é, do país de nascimento, deve ter precedência sobre as considerações particulares, como a forma do corpo, o "caráter da alma" e as variações dos modos e costumes. Isto visava evitar uma caracterização involuntária do etíope branco e de cabelo liso e dos gregos "selvagens de alma e sem controle da mente".⁸

Para ele as características gerais do temperamento de um indivíduo são "determinadas" pelo "primeiro ponto inicial". Mas o que é este ponto inicial? É o momento da concepção ou o momento do nascimento? Cronologicamente, é o "momento verdadeiro da concepção, porém potencial e acidentalmente o momento do nascimento". Se o primeiro puder ser determinado, será "mais adequado" à determinação da natureza do corpo e da alma pelo exame do "poder efetivo" da configuração das estrelas naquele momento: "Pois à semente são dadas de uma só vez no início tais e tais qualidades pela dotação do ambiente; e ainda que ela mude à medida que o corpo cresce, pelo processo natural um se mescla com o outro no processo do crescimento só importando o que é afim a si mesmo, lembrando portanto ainda mais intimamente o tipo da sua qualidade inicial."⁹

O momento da concepção pode ser chamado de "gênese da semente humana" e o momento do nascimento "gênese do homem". Mas, como é difícil calcular o primeiro, Ptolomeu aceitou trabalhar com o último. Na verdade, a maior preocupação dos terceiro e quarto livros do *Tetrabiblos* é o horóscopo do nascimento como a origem da natureza humana. O signo no qual a Lua se encontra no momento da concepção deveria ser o Ascendente; no caso do nascimento, o Sol.

Em geral, os planetas determinam a aparência física dos indivíduos, enquanto Mercúrio indica a "razão e a mente". Além disso, os signos que contêm Mercúrio e a Lua, os planetas que os regem e seus aspectos com o Sol contribuem muito para a "qualidade da alma", indicam a índole, o perfil moral de uma pessoa. Em uma seção que trata das "doenças da alma" ou das desordens mentais, ele sugere que se os planetas benéficos Júpiter e Vênus exercerem alguma influência, as aflições poderão ser curadas. Com Júpiter, a doença poderá ser curada com dietas ou drogas; com Vênus, com os oráculos e a ajuda dos deuses.

Ptolomeu foi a fonte de grande parte da lista rebuscada dos traços de caráter tão estimado pelos astrólogos que chegaram mais tarde. Temos a seguir um discurso típico:

Aliado a Vênus em posições de destaque, Saturno torna seus súditos inimigos das mulheres, amantes da antigüidade, solitários, desagradáveis de encontrar, sem ambição, detestando o belo, invejosos, rígidos nas relações sociais, nada amistosos, com opiniões fixas, proféticos, inclinados à prática de ritos religiosos, amantes dos mistérios e das iniciações, realizadores de ritos sacrificiais, místicos, viciados em religião, mas dignos e reverentes, modestos, filosóficos, fiéis no casamento, controlados, calculadores, cautelosos, rápidos em ficar ofendidos e facilmente levados pelo ciúme de suas esposas. Em posições contrárias a esta, ele os torna preguiçosos, lascivos, de ações básicas, sem discriminação e sujos nas relações sexuais, impuros, enganadores de mulheres.

Resumindo, "trapaceiros que pararão por qualquer motivo!".¹⁰

Quanto à "perversão mórbida da parte ativa da alma", é preciso considerar a relação entre o Sol e a Lua e a relação deles com Marte e Vênus. Se os luminares não forem apoiados pelos signos masculinos, "os machos se excederão no natural e as fêmeas se excederão na qualidade não natural". Se, da mesma maneira, Marte ou Vênus, ou ambos, estiverem em um signo masculino, os machos serão "adúlteros, insaciáveis e prontos em todas as ocasiões para atos básicos e ilegais de paixão sexual, enquanto as fêmeas serão libidinosas nos atos sexuais, lançando olhares convidativos, e são o que chamamos *tribades* [traduzido como 'fêmeas pervertidas']; pois lidam com fêmeas e realizam a função dos machos".¹¹ Os homens podem vir de Marte e as mulheres de Vênus, mas estes planetas deverão estar nos signos corretos se eles quiserem ter uma vida sexual "normal".

No casamento, para os homens é necessário observar a posição da Lua em seus genitores; quanto às mulheres, a posição do Sol. Se a Lua se relacionar com planetas benéficos, os homens terão boas mulheres; se forem maléficos, será o oposto. Se a Lua se ligar a Saturno, "ele tornará as esposas trabalhadeiras e resistentes; Júpiter, dignas e boas administradoras; Marte, brutas e indisciplinadas; Mercúrio, inteligentes e astutas". Além disso, Vênus com Júpiter, Saturno ou Mercúrio as torna parcimoniosas e dedicadas aos maridos e filhos, mas, com Marte, "facilmente tomadas pela raiva, sendo instáveis e insensíveis". Da mesma forma, se o Sol formar aspecto com Saturno, as mulheres se casarão com "maridos tranquilos, úteis e trabalhadores; se Júpiter estiver aspectado, eles serão dignos e magnânimos; Marte, homens de ação, com falta de afeto e indisciplinados; Vênus, asseados e bonitos; Mercúrio, parcimoniosos e práticos; Vênus com Saturno, preguiçosos e fracos nas relações sexuais; Vênus com Marte, ardentes, impetuosos e adúlteros; Vênus com Mercúrio, apaixonados por rapazes".¹²

Fiquei particularmente interessado no que Ptolomeu disse a respeito de viagens ao exterior. Para descobrir sobre este assunto é preciso observar a posição dos luminares em relação aos "ângulos", particularmente a Lua (o maior viajante dos céus). Quando estiver saindo ou declinando nos ângulos, isto é, quando a Lua estiver nas Casas 7, 3, 6, 9 e 12, ela pressagia grandes viagens. Se Júpiter e Vênus forem os regentes das Casas que governam as viagens, eles as tornarão seguras e agradáveis. Se Saturno e Marte controlarem os luminares, e em particular se estiverem em oposição, eles envolverão o assunto com grandes perigos: "por meio de viagens infelizes e naufrágios se estiverem em signos de água, ou novamente viagens difíceis e lugares desertos; e se estiverem em signos sólidos, por meio de quedas de lugares altos e rajadas de ventos".¹³

No final do quarto livro, Ptolomeu faz um elo eloquente entre os planetas e as sete fases da vida do homem, que dependem da ordem dos sete planetas, começando com a Lua, a primeira esfera, e terminando com Saturno, a mais afastada das esferas planetárias.

A Lua rege da infância até os quatro anos e produz a maleabilidade do corpo. Nos dez anos seguintes após a infância, Mercúrio começa a moldar a parte inteligente e lógica da alma. Vênus assume a terceira fase da juventude e implanta "um impulso para o envolvimento com o amor". O senhor da esfera do meio é o Sol, período do início da maturidade que dura 19 anos e implanta a mestria dos atos e ambições. Na quinta fase Marte assume o comando por 15 anos e introduz a severidade e a miséria na vida. Júpiter, na sexta, é responsável pelo início da velhice num período de 12 anos, trazendo a renúncia do trabalho manual e das atividades perigosas e introduzindo o decoro, a previsão e o consolo. Finalmente, Saturno tem sua parte na velhice, que dura pelo restante da vida. Agora os movimentos tanto do corpo quanto da alma ficam mais frios e gastos pela idade e a pessoa se torna "sem ânimo, fraca, ofendendo-se com facilidade e difícil de ser agradada em todas as situações".¹⁴ Este quadro sombrio antecipa o famoso diálogo de Jacques na obra de Shakespeare, *As You Like It*, a respeito do último cenário da vida: "A segunda infância e mero esquecimento:/ Sem dentes, sem olhos, sem paladar, sem tudo."

Como tudo não pode ser governado somente por um planeta, ou estrela, maléfico ou benéfico, e muitas variáveis estão envolvidas, Ptolomeu observa que a sorte da vida na Terra está inevitavelmente misturada: "Pode-se, por exemplo, perder um parente e receber uma herança, ou de repente ficar prostrado por uma doença e ganhar alguma honraria e promoção, ou no meio do infortúnio ser pai."¹⁵ Estas são as excentricidades do destino neste cenário sublunar.

Plotino e a Alma do Mundo

Enquanto Ptolomeu lançou as bases técnicas da astrologia ocidental, foi outro alexandrino quem reforçou a dimensão mística. Seguindo a tradição de Pitágoras e Platão, o filósofo Plotino (204-270 d.C.) tem sido chamado de fundador do "misticismo especulativo" no Ocidente.¹⁶ Nascido em Alexandria, ele finalmente se estabeleceu em Roma com a idade de quarenta anos. Segundo seu discípulo Porfírio, Plotino era particularmente interessado nos "métodos persas e no sistema adotado pelos indianos".¹⁷ Ele também recorreu à antiga sabedoria dos templos da sua terra natal; participou de uma sessão com um sacerdote egípcio que estava visitando o Templo de Isis em Roma para invocar seu "espírito", que foi declarado como sendo de um deus. Conhecia a viagem astral e experimentou "estar suspenso fora do corpo e em mim mesmo; fora de todas as coisas e centrado em mim; contemplando uma beleza extraordinária".¹⁸

No esquema de Plotino, do Uno emerge a Mente Divina e a Alma Universal, que são responsáveis por toda a vida. Os "deuses" e os "demônios" menores são expressões do

Uno. Os seres humanos possuem duas almas: a "alma intelectual" superior intocada pela matéria e a "alma racional", a natureza normal da humanidade.

Como os estóicos, Plotino estava convencido de que o mundo não era somente um, como também harmonioso e bom. Rejeitava, portanto, os gnósticos que identificavam o mal com a matéria neste mundo sublunar. Para Plotino, a matéria era, em última análise, uma pálida sombra do Ser. O homem não era o centro do universo; mas o próprio universo. E como os animais participavam da Alma do Mundo, Plotino declinou do ato de comê-los.

Como Deus era todo-permeante, falando em termos precisos o mal não existia. O que era comumente compreendido como mal era apenas a meia-existência do Bem na matéria. Os maus atos provinham do desnorreamento e da preguiça: "A doença é um esforço mal calculado da Inteligência [o princípio mais elevado no homem]."" O corolário disto é que a salvação não deveria ser buscada: já estávamos salvos. Precisávamos somente estar conscientes do que já éramos em nossa natureza mais íntima. O caminho místico era portanto uma ascensão e um retorno à sua origem. Todos podiam experimentar a união do êxtase da alma com o Uno, que habitava dentro de cada um como uma presença divina. Plotino chamou esta experiência de "visão":

Quando você está centrado na pureza do seu ser, nada mais restando agora que possa quebrar esta unidade interna, nada que não seja o homem autêntico, quando você se achar inteiramente verdadeiro à sua natureza essencial, íntegro de modo que somente a Luz verdadeira que não é medida pelo espaço, não limitada a qualquer forma circunscrita nem novamente difusa como algo vazio de substância, mas sempre imensurável como algo maior que toda medida e mais que toda quantidade

— quando você perceber que cresceu para isto, você agora se tornou verdadeiramente uma visão: reúna agora toda a sua confiança, prossiga em frente passo a passo

— você não precisa mais de um guia — amplie-se e veja.²⁰

Plotino revelou-se conhecedor da arte do astrólogo. Forneceu uma interpretação tradicional da influência dos planetas:

A estrela conhecida como Júpiter inclui uma certa medida de fogo (e calor), no que lembra a Estrela Matutina [Vênus] e portanto parecendo ser aliado a esta. No aspecto do que é conhecido como Estrela ígnea [Marte], Júpiter é benéfico por virtude de misturar as influências: em um aspecto com Saturno é não amigável por golpe da distância. Mercúrio, parece, é (em si mesmo) indiferente a qualquer estrela com a qual esteja em aspecto; pois adota qualquer caráter.²¹

Plotino também teve uma expressão suprema da visão astrológica de mundo que ainda hoje é admitida. A influência dos planetas na Terra era trazida pela afinidade cósmica: "Todas as coisas devem estar encadeadas; e a afinidade e correspondência obtidas em qualquer organismo intimamente unido devem existir, primeiro, e com maior intensidade, no Todo." O circuito dos céus não operava por acaso, mas sob a direção da Alma do Mundo, do todo vivente do universo. Portanto, devia existir "uma harmonia entre a causa e o que foi causado (...) todas as configurações dentro do Circuito devem estar acompanhadas de uma mudança na posição e nas condições das coisas a ela subordinadas". Plotino viu isto acontecendo através "das emanações materiais dos seres vivos do sistema celeste".²²

Contudo, não era um quadro determinista. Plotino comparou a situação a uma dança. Os membros coordenados do dançarino se moviam em certo ritmo, mas não era a mente do dançarino que decidia seu propósito geral. De maneira similar, as estrelas não eram a causa direta dos eventos na Terra; ele afirmou: "a causa é o Todo coordenador." Assim, todas as estrelas serviam ao universo "em harmonia, como aquela observada nos membros de qualquer forma animal".²⁵ Assim como a bile não existia meramente para sua função imediata mas para o corpo como um todo, as estrelas existiam para o propósito geral da Mente Divina.

Contrário à opinião geral dos seus contemporâneos, Plotino afirmou que "o circuito das estrelas indica os eventos definidos a existirem, porém não sendo a causa". Pela perfeição do universo, cada estrela — um deus da esfera celeste — deveria ser "continuamente serena, feliz no bem que desfruta e pela Visão diante delas". Embora sem defender causas precisas, Plotino imaginou as estrelas como "cartas sendo perpetuamente inscritas nos céus".²⁴ Se pudermos ler os símbolos de forma correta, poderemos ler o futuro.

Utilizando a metáfora da Roca da Necessidade que aparece em *Timeu* de Platão, que explica como "a nossa personalidade está ligada às estrelas", Plotino argumentou que não somos escravos das ordens das estrelas. Como somos mais que "um corpo com alma", podemos, por meio do desenvolvimento da nossa mente, trabalhar nossa liberação da esfera celeste.²⁵ Deste modo, conquanto as estrelas anunciem ou encubram o futuro, elas não causam realmente o que ocorre na Terra e o que fazemos de nossas vidas. E uma concepção estritamente moderna partilhada por vários astrólogos contemporâneos.

28

Miriogênese

Seja modesto, correto, moderado, coma pouco, contente-se com alguns bens para que o vergonhoso amor pelo dinheiro não possa macular a glória da sua ciência divina.

FIRMICUS MATERNUS

A ASTROLOGIA NÃO SOMENTE SE TORNOU PARTE DA CULTURA DIÁRIA, COMO FOI PARTE integrante da medicina, da magia e de vários cultos influentes no mundo egípcio e greco-romano no início da era cristã.

Galeno, cerca de 129-199 d.O, estudou na Grécia e em Alexandria antes de se tornar médico da corte na Roma de Marco Aurélio. Inspirado por Platão e Hipócrates, sua versão da teoria médica permaneceu como modelo principal até a Idade Média. Baseava-se na noção dos quatro humores associados aos quatro elementos misturados em partes diferentes do corpo. Para os seus seguidores, a "astrologia era a parte previsiva da sua arte e, se não no todo, pelo menos a maioria deles tinha aceitado esta parte da astrologia como uma parte da medicina".¹

A magia estava intimamente interligada com a astrologia médica na época. Flores e pedras eram associadas a planetas e utilizadas para neutralizar o efeito danoso de um planeta ou aumentar uma influência benéfica. Como ilustra a receita a seguir, a astrologia e a magia faziam claramente parte da medicina preventiva, como também da curativa:

Um contraceptivo, o único no mundo: tome tantas sementes de ervilhaca quantos forem os anos que deseja permanecer estéril. Mergulhe-os no líquido da menstruação de uma mulher. Faça com que ela as mergulhe em sua própria genitália e pegue um sapo que esteja vivo e atire as sementes de ervilhaca em sua boca de modo que o animal possa engoli-las, e solte o sapo vivo no local onde você o capturou. E tome uma semente de meimendro negro, mergulhe no leite de égua; e tome o muco nasal de um boi, com sementes de cevada, coloque isto em uma [vasilha] de pele feita de uma corça nova e use como amuleto durante a fase minguante de uma Lua [que esteja] em um signo feminino do zodíaco em um dia de Saturno ou Mercúrio. Misture os grãos de cevada com o cerume da orelha de uma mula.²

A fase minguante da Lua está ligada ao declínio da fertilidade, Saturno está associado ao frio e secura e Mercúrio representa a volatilidade.

A magia e a astrologia andaram de mãos dadas além do jardim da medicina. Em um procedimento para decifrar um sonho, as instruções foram dadas quanto ao uso do cinabre para inscrever todos os signos do zodíaco, assim como também os seus nomes mágicos em cada folha de um ramo de louro e depois dormir sobre ele.³

Um papiro mágico fornece ainda um esquema horário astrológico baseado na órbita da Lua através dos signos do zodíaco em momentos auspiciosos para os encantamentos. Ele ilustra bem as preocupações dos clientes dos astrólogos na época:

A Lua em Virgem: tudo se torna possível. Em Libra: necromancia. Em Escorpião: tudo que inflige o mal. Em Sagitário: uma invocação das invocações ao Sol e à Lua. Em Capricórnio: diga o que quiser para os melhores resultados. Em Aquário: para um encantamento de amor. Peixes: para o conhecimento prévio. Em Áries: divinação pelo fogo ou encantamento de amor. Em Touro: encantamento para uma lamparina. Gêmeos: encantamento para ganhar um favor. Em Câncer: filactérios. Leão: encantamentos para ligações ou laços.⁴

Não somente a astrologia era usada para ampliar a magia, como esta podia, por sua vez, ser utilizada como um remédio para anular previsões não auspiciosas. Ao invocar um deus na maneira correta, o indivíduo poderia dispensar os serviços de um astrólogo ligado à Terra. O deus poderia então lhe falar sobre sua estrela, que tipo de demônio a pessoa possuía, seu horóscopo e onde deveria viver e poderia morrer. Além disso, alguns magos reivindicavam o controle das forças astrais e até de se dirigir diretamente à deusa da necessidade, assegurando portanto "o bem-estar, a prosperidade, a glória, a vitória, o poder, o apelo sexual" — qualidades ainda procuradas pelos gananciosos, mas não pelo sábio.⁵

Mitra e o *Sol Invictus*

Com sua aura mágica e as raízes na religião estelar, não surpreende que até o fim do Império Romano a astrologia tenha influenciado vários cultos. Na fronteira Norte do grande império, em um local na Muralha de Adriano em Housesteads, na Grã-Bretanha, existe um relevo dedicado a Mitras, o deus da luz que emergiu primeiro no Oriente Próximo. No santuário em Housesteads os signos do zodíaco estão arrumados no formato de uma ferradura, com os dois do alto — Câncer e Leão (associados à Lua e ao Sol) — separados pela espada e tocha de Mitras. Acredita-se que a pintura, como um todo, represente seu aniversário. O culto pode ter se originado na Pérsia e ter sido influenciado pelos filósofos estoicos de Tarso que acreditavam que cada Era do Mundo terminaria em uma conflagração.

O culto a Mitras, que floresceu no século II, teve muitos seguidores no exército romano. Suas crenças permanecem obscuras, mas parece que Mitras fez uma aliança com o Sol após um teste de força e matou um touro misterioso cujo corpo se transformou em plantas úteis. Os ritos mitráicos ocorriam em cavernas artificiais, onde os touros eram mortos em rituais sobre altares e o seu sangue ainda quente corria sobre os iniciados que ficavam embaixo. O deus mitráico Aion (eon, ou eternidade) tem uma cabeça de leão, que devora a todos, como o próprio Tempo.

Nas ruínas dos templos mitráicos encontra-se muito simbolismo astral. Os signos do zodíaco eram muitas vezes colocados em um círculo ou em nichos; os sete planetas eram representados sobre a figura de Mitras e o Sol e a Lua personificados como estátuas. O neoplatonista Porfírio observou: "A região equinocial eles atribuíam a Mitras como um local apropriado. E por esta razão, ele porta a espada de Áries, o signo de Marte; ele também monta um touro, o Touro de Vênus."⁶ Os sete graus da iniciação eram associados aos sete planetas na seguinte ordem: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Lua, Sol e Saturno. Isto era provavelmente um produto da combinação dos dias da semana com a ordem tradicional caldaica dos planetas baseada na sua distância da Terra.

Mitras era às vezes chamado de *Sol Invictus* (o Sol Não Conquistado). Em uma câmara subterrânea recentemente descoberta, sob o altar de São Pedro em Roma, no coração da cristandade, vi uma pintura em uma parede dos deuses egípcios Hórus, Isis e Osíris e outra de Jesus representado como o *Sol Invictus*, com os raios do Sol saindo da sua cabeça. Possivelmente de origem síria, mas auxiliado pela identificação grega de Apoio com Hélios (o deus sol egípcio Ra), o culto do sol tornou-se a religião do Estado em Roma no ano de 218 d.C, quando o sacerdote Elagabalus (que recebeu o nome do deus sol sírio) tornou-se imperador e declarou-se o *Sol Invictus*. O deus Sol teve um templo

magnífico construído em sua honra no Campus Agrippae. Foi o ápice de um culto menor do Sol e da Lua do início do império. Septimius Severus não somente chamou a si mesmo de *Sol Invictus* em moedas, como construiu um templo de Septizonia que retratava os sete planetas. O Imperador Juliano, dedicando um hino ao Sol, lembrou que: "Na minha infância eu era consumido por uma paixão ansiando pelos raios do deus, e a minha mente ficava totalmente absorvida desde os meus mais tenros anos em sua luz etérea (...) Eu já era considerado um astrólogo ainda bem pequeno."⁷

O culto permaneceu como forma oficial de culto até Constantino se converter ao cristianismo em 312. Na legislação antipagã que se seguiu, a astrologia foi associada à divinação e magia, que foram declaradas ofensas punidas com a morte. A Igreja Católica banuiu a astrologia no Conselho Ecumênico de Nicéia em 325. Constantino utilizou a astrologia para escolher o momento da fundação de Constantinopla, porém seu filho Constâncio avisou em 358: "Se qualquer feiticeiro (...) vidente, adivinho (...) profeta, ou até astrólogo (...) for preso em meu séquito ou no do César, ele não escapará da punição ou tortura pela proteção da sua posição social elevada."⁸

A *Mathesis* de Firmicus

Essa atmosfera de perseguição sem dúvida impeliu o astrólogo Julius Firmicus Maternus, provavelmente um senador da Sicília, a aconselhar seus companheiros astrólogos em 334: "Estudem e busquem todas as marcas que distingam a virtude (...) Sejam modestos, corretos, calmos, comam pouco, contentem-se com poucos bens para que o vergonhoso apreço pelo dinheiro não empalideça a glória desta ciência divina (...) Estejam atentos para responder a qualquer um a respeito da condição do Estado ou da vida do imperador romano (...) Ao traçar um mapa, não mostrem de modo muito claro as coisas maléficas sobre os homens."⁹

Somente o imperador, Firmicus enfatizou, não estava sujeito ao curso das estrelas. Como ele era o dono do mundo, seu destino era governado pelo julgamento do deus altíssimo. Longe de ser fatalista, Firmicus argumentou que as influências celestes não absolviam ninguém da responsabilidade pessoal. Na verdade, deveríamos adorar os deuses de modo que, "seguros da divindade das nossas próprias mentes", pudéssemos resistir ao poder das estrelas.¹⁰

O tratado de astrologia em latim de Firmicus é chamado de *Mathesis*, que significa "Aprendizagem" em grego. Em latim foi traduzido como uma *doutrina* e referia-se especialmente à parte que lidava com as "ciências matemáticas". Para Firmicus a astrologia consistia principalmente

de três partes: a primeira, de cálculos matemáticos e astronômicos a partir dos quais montava-se o mapa; a segunda, do maquinário mais astrológico, isto é, aspectos, decanos, Casas e das características dos signos e planetas; e a terceira, da interpretação da primeira à luz da segunda. Firmicus tinha a primeira garantida (os cálculos estavam bem estabelecidos na época graças a Ptolomeu) e lidava direto com as segunda e terceira partes.

Firmicus se firmou na tradição hermética. No Livro III tratou das relações entre o microcosmo e o macrocosmo e a *anima mundi*, a Alma o Mundo. No Livro VIII apresentou a *sphaera barbarica*, a descrição não-grega dos céus. Ele ofereceu o que era reivindicado como sendo o padrão "egípcio" das constelações para fornecer o poder efetivo das estrelas mais brilhantes. Preocupou-se principalmente com as *paranatellonta*, as estrelas que nascem nos signos do zodíaco. Reivindicou ainda que o lendário astrólogo egípcio Nechepso era especialista em medicina: "por meio dos decanos [Nechepso] predizia todas as doenças e aflições; conhecia qual decano produzia determinada doença e quais decanos eram mais fortes do que outros. A partir das diferenças de suas naturezas e poder, ele descobriu a cura para todas as doenças porque uma natureza é superada pela outra e um deus pelo outro."¹¹

Um dos aspectos mais intrigantes do trabalho de Firmicus é o que ele chamou de *miriogênese* (literalmente "geração múltipla"), retirado do título de um trabalho de Esculápio, que se diz ter sido instruído por Mercúrio (o Hermes grego e o egípcio Thoth). Expõe todos os mapas natais através dos "minutos individuais do zodíaco sem adicionar qualquer planeta". Isto compreendia cálculos muito cuidadosos, pois há sessenta minutos em cada um dos 360° do zodíaco. Um minuto de arco equivale a 24 minutos de tempo, de modo que o destino da pessoa poderia ser determinado pelo minuto exato do seu nascimento.

Firmicus ofereceu uma versão simplificada da influência e significado de cada grau. Um grau poderia ser crucial na determinação de toda uma vida. Por exemplo, aqueles que tinham seu Ascendente no primeiro grau de Áries, "se fossem favorecidos pelos raios dos planetas benevolentes, nasceriam reis e líderes, sempre conduzindo seus exércitos com sucesso". Por outro lado, aqueles que tivessem seu Ascendente no segundo grau de Áries "seriam ladrões persistentes que sempre iam usar de violência desnecessária e extraordinária em seus ataques; estariam sempre mudando de residência para locais onde não eram conhecidos".¹² E se Marte afetasse este grau, e se o aspecto entre o Ascendente e a Lua fosse uma quadratura ou oposição, seus crimes seriam descobertos e eles seriam punidos em público.

A menos que a pessoa tivesse os graus traçados antes do nascimento e escolhesse o momento exato, ser induzido poderia ter conseqüências importantes — boas ou más. A

fonte da *miriogênese* poderia realmente estar na lista egípcia de 360 dias de sorte e aziagos do calendário.

O trabalho de Firmicus acrescentou pouco ao de Manilius e Ptolomeu, mas foi historicamente importante. Foi um dos primeiros trabalhos sobre astrologia a chegar ao Ocidente no século XI, quando foi amplamente estudado e discutido pelos tradutores e teólogos cristãos.

A Chegada do Cristianismo

Próximo do seu fim, o Império Romano não era um local hospitaleiro para a astrologia. Quando Porfírio publicou os trabalhos do seu mestre Plotino no início do século IV, ele se voltou contra a astrologia. Além disso, quando o cristianismo se tornou a religião oficial do império, a prática da astrologia foi proscrita. Contudo, o filósofo alexandrino Jámblico levantou-se em sua defesa em seu livro *Theurgia* ou *Os mistérios egípcios*. Ele defendeu especificamente a astrologia como uma "ciência matemática" contra as críticas de Porfírio:

Quando os sinais da medida das revoluções dos divinos [os planetas] ficam claramente evidentes aos olhos, quando eles indicam com antecedência os eclipses do Sol e da Lua, as entradas do Sol nos signos do zodíaco e as saídas deles, e o nascer e o ocaso concorrentes da Lua com os das estrelas fixas, a prova dos sinais verdadeiros é manifestada realizando as previsões.¹³

Ele descreveu as regras da "arte da previsão" em relação ao momento do nascimento, no qual os astrólogos citavam o demônio pessoal de forma prescrita, por intermédio "dos decanos e do nascer das constelações do zodíaco e também das estrelas; do Sol e também da Lua, e das Ursas e também dos elementos e do mundo". Na sua visão, a "aura ou emanção das estrelas" trazia o demônio para nós, aceitássemos isto ou não.¹⁴

A astrologia na época era vista como parte da arte da teurgia, uma experiência espiritual profunda na qual o iniciado podia se unir com o divino. Como Firmicus, Jámblico acreditou que nós podíamos escapar da influência das estrelas. Ele explicou isso argumentando que nós tínhamos duas almas, uma da "primeira Mente", que partilhava do "Poder do Criador", e a outra, "a alma sob constrangimento", que vinha da revolução das esferas celestes. Enquanto a última estava sujeita ao destino, a primeira podia elevar-se acima dele.¹⁵

Apesar das censuras de Constantino, a astrologia continuou a ser ensinada em Alexandria nos séculos V e VI como parte do currículo padrão. Bizâncio creditou a filósofos como Sinésio, Olimpiodoro e Estefano a autoria de trabalhos sobre astrologia, embora isso não tivesse sido comprovado. Olimpiodoro definitivamente ensinou astrologia. Sinésio estudou ciência e filosofia sob a orientação de Hipárquia, que foi arrastada em 415 por uma multidão cristã quando estava voltando de uma conferência no museu. "Com ela", escreveu E. M. Forster, "a parte espiritual da Grécia expirou — a Grécia que tentara descobrir a verdade e que criara a beleza e que fundara Alexandria."¹⁶ Além disso, a grande biblioteca de Alexandria, a maior biblioteca do mundo antigo, que tinha sido em parte destruída durante o último período de Cleópatra, foi arrasada durante a era cristã.

A atitude da cristandade em relação à astrologia era ambígua. No Gênese há uma passagem que fala de Deus criando as estrelas como signos, mas em geral o Velho Testamento é hostil à astrologia, pois ela falha em creditar os assuntos à Providência Divina. No Novo Testamento, os Três Reis Magos, que seguiram uma estrela que anunciou o nascimento de um grande rei, foram sem dúvida sábios astrólogos do Oriente. Não há questionamento de que a história pretendeu mostrar como a antiga filosofia estava cedendo para a nova proposta. Mas a astrologia era geralmente vista como uma séria ameaça ao Estado cristão por causa de sua associação à divinação paga e mágica. Como tal, ela ofereceu uma fonte alternativa de conhecimento e autoridade.

Os críticos dogmáticos simplesmente rejeitaram o assunto como um trabalho do Demônio. Muitos cristãos admitiam que embora as estrelas pudessem ser sinais do futuro, os astrólogos não podiam ter conhecimento desse futuro. A reivindicação de que a astrologia poderia prover um meio independente de conhecimento do futuro não era aceitável. Os oponentes mais eruditos focalizavam o aspecto do livre-arbítrio e determinismo. Se as estrelas determinavam o destino dos humanos, eles argumentavam, então elas negavam a mão de Deus e Sua Divina Providência. Quando um amigo de Sidônio foi estrangulado pelos seus escravos, foi sugerido que tinha sido seu interesse pela astrologia que causara sua queda: "A morte confundiu nosso perguntador inquieto exatamente quando e onde previsto (...) Temo que aquele que tentar provar segredos proibidos colocar-se-á além das estacas da fé cristã."¹⁷

Embora reconhecendo seu poder sobre a imaginação, o padre cristão egípcio Orígenes, cerca de 185-255 d.C, atacou a astrologia no seu *Comentário sobre o Gênese*, quanto alcançou a famosa passagem sobre a criação das estrelas. Ele insistiu que as estrelas eram meramente sinais e não agentes, e que os humanos não podiam ter um conhecimento apurado delas. Só Deus poderia conhecer o futuro: "A nossa liberdade está salvaguardada

quando Deus conhece previamente por toda a eternidade os atos pelos quais cada homem será julgado por tê-los cometido."¹⁸

Outros apologistas cristãos criticaram a astrologia nos pontos que são debatidos ainda hoje. Por que um grande número de pessoas divide as mesmas características e morre de modo semelhante embora possua horóscopos diferentes? Por que gêmeos com o mesmo horóscopo sofrem destinos diferentes? Como se pode dizer que as estrelas determinam os costumes em diferentes regiões do mundo?

No fim do século IV João Crisóstomo resumiu a preocupação geral e aconselhou contra a consulta a astrólogos: "Assim como o assassinato e o adultério são pecados e atos proibidos, a confiança na astrologia e a crença no Destino são incorretas (...) na verdade nenhuma doutrina é tão depravada e beira a loucura incurável quanto a doutrina do Destino e da astrologia."¹¹ Com tais ataques destruidores, não surpreende que a astrologia fosse forçada a se retirar. Por volta do século VI a Igreja havia triunfado sobre a astrologia, e o Sol e a Lua foram alijados dos bastidores no Ocidente cristão até o século XI. Enquanto isso, eles se refugiaram e floresceram no mundo em expansão do Islã.

29

Os Astrólogos do Oriente Médio

*E aquela tigela invertida que chamamos de Céu,
Sob prisão rastejante vivemos e morremos...
Tudo é um Tabuleiro de Xadrez de Noites e Dias
Onde o Destino joga com os Homens como Peças.*

RUBAIYAT, DE OMAR KHAYYAM

EXISTE UMA HISTÓRIA ANTIGA, MUITO QUERIDA DOS ESTUDIOSOS ISLÂMICOS, A RESPEITO de um jovem servo alegre que foi enviado ao mercado com um recado. Quando retornou, estava em um estado terrível. Seu dono perguntou o que lhe tinha acontecido e ele respondeu: "Vi o Anjo da Morte no meio da multidão no mercado; ele olhou para mim atônito com seus olhos penetrantes. Deixe-me pegar um dos seus cavalos mais rápidos e cavalgar até a cidade de Sâmara para que eu possa escapar da mão da Morte!" O amo, sabendo do poder da Morte, prontamente concordou e deixou que o escravo fizesse a escolha.

Mais tarde, naquele mesmo dia, o amo foi até o mercado e encontrou o Anjo da Morte que ainda estava lá. "Onde está o seu servo?", perguntou ele. O amo explicou que o servo não estava mais com ele e que tinha escolhido um bom cavalo e ido para a cidade de Sâmara. O Anjo da Morte concordou com um gesto de cabeça e disse: "Fiquei surpreso ao vê-lo aqui esta manhã porque à noite terei um encontro com ele em Sâmara."

A história ilustra bem o trabalho do destino, mas será que o encontro estava escrito nas estrelas? Poderia o servo ter evitado seu destino pelo exercício consciente do seu livre-arbítrio? Poderia ter tomado um outro caminho na vida? Este era o dilema que estimulava as melhores mentes islâmicas.

A Ascensão do Islã

Quando os muçulmanos conquistaram o Egito no século VII, eles encontraram uma tradição remanescente de aprendizagem e, em Alexandria, descobriram trabalhos sobre astrologia entre os remanescentes dispersos das grandes bibliotecas da cidade. Entraram também em contato com a tradição hermética que mantinha um resíduo da antiga sabedoria dos templos egípcios.

À medida que o Império Islâmico se espalhava, foram sendo criados novos centros de aprendizagem no Oriente Médio e no Oriente Próximo. Os perseguidos cristãos nestorianos tiveram um papel especial na transmissão do aprendizado egípcio e do grego para o mundo árabe. Eles se estabeleceram em Edessa, no Norte da Síria, de onde foram expulsos em 489. Foram então para Nisibis, na Mesopotâmia, e finalmente se estabeleceram em Judi-Shapur, na Pérsia, onde havia um famoso observatório. Traduziram trabalhos escritos em grego, em especial para o siríaco, assegurando sua transmissão para o mundo islâmico.

A Síria tornou-se o mais dinâmico entre os Estados islâmicos, um local de encontro de diferentes culturas e línguas. Entretanto, foi Bagdá, no Iraque, que sob os califas abácidas a partir de 750 se tornou o maior centro de aprendizagem. Lá as ciências floresceram no fim do século VIII e no seguinte, onde muitos textos antigos foram recuperados e traduzidos. Outros centros se desenvolveram na Espanha islâmica, especialmente no século X, sob o comando de Abd er-Rahman III e seu sucessor al-Hakam II. Sua corte em Córdoba tornou-se o principal centro de aprendizagem no Império Islâmico.

Enquanto isso, a cidade de Harran, no Noroeste da Mesopotâmia, permanecia como uma fortaleza da sabedoria hermética. Embora sob o domínio dos muçulmanos, seus habitantes pagãos, notáveis observadores das estrelas, não se converteram ao islamismo, assim como não tinham cedido ao cristianismo. Adotaram o nome de sabeus tirado do Corão, como um termo para religião profética do "Livro" tolerada pelos mulas islâmicos. Seu profeta era Hermes, a quem identificavam como Idris, no Corão, e Enoque, na Bíblia. Resistiram até o século XI e asseguraram que a tradição hermética fosse mantida viva e transmitida para a Europa.

O Islã se acomodou bem à astrologia. Não via conflito entre a religião, a filosofia e a ciência; tudo podia conduzir a *tawhid* (unidade) mais que à negação da divindade. O objetivo final de todo o conhecimento islâmico era libertar a mente da dependência da aparência física e prepará-la para uma visão do Todo. A astrologia foi a princípio aceita pelos xiitas e especialmente pelos sufis. O grupo xiita de tendência sufi conhecido como Ikhwan al-Sufa (Irmãos da Pureza) escreveu uma influente enciclopédia, *Rasai'l* (Epístolas)

que enfatizava a Unidade do Ser: "A Alma Universal é o espírito do mundo. Os quatro elementos são a matéria que serve de apoio a ela. As esferas e as estrelas são como órgãos seus, e os minerais, as plantas e os animais são objetos que a fazem mover-se."¹

O ponto central da visão muçulmana do mundo estava na crença hermética de que existe uma correspondência entre o céu e a Terra e que o homem é o microcosmo do universo. Além disso, como o mundo era o Um, o buscador da sabedoria (*hakim*) deveria compreender todos os aspectos do mundo. Visto que o universo era considerado como um símbolo de Deus, uma indagação sobre a natureza era vista como um processo de revelação divina. Ao estudar a astrologia, a pessoa poderia redescobrir sua natureza celeste e as raízes cósmicas. Além disso, a visão do destino determinista do Islã, como a vontade de Alá e sua ênfase na necessidade de aceitação — "Islã" significa "entregar" —, o tornava teoricamente receptivo para a astrologia.

Antes do século VIII os árabes tinham pouco conhecimento sobre astronomia e astrologia. Eles contavam o tempo à noite pelas 28 mansões lunares e as estações pelo nascer helíaco e pelo ocaso cósmico. Contudo, logo a astrologia se tornou parte essencial da ciência islâmica. Na famosa *Enumeração das ciências*, de al-Farabi, traduzida depois para o latim como *De Scientiis*, ele dividiu a "ciência dos céus" em "Astrologia" e nos "movimentos e cifras dos corpos celestes".² Como no grego, a mesma palavra árabe significa astrologia e astronomia. O assunto era cultivado por inúmeras razões. Havia problemas de cronologia e de calendário. Príncipes e regentes, incertos quanto futuro, quase sempre consultavam os astrólogos para tomar decisões e agir. E, naturalmente, havia o desejo islâmico generalizado de perfeição do conhecimento.

A principal tradição grega veio por intermédio de Ptolomeu, mas havia também a escola indiana personificada nos *Siddhantas* traduzidos do sânscrito. Além disso, consultavam textos caldeus e persas, cuja maioria foi perdida. Os astrólogos muçulmanos incorporaram estas influências e adicionaram suas próprias contribuições ao assunto.³

Al-Kindi e Abu Ma'shar

O fundador mais importante da ciência e filosofia islâmicas, Al-Kindi, cerca de 801-873, era fortemente receptivo à astrologia. Após visitar Bagdá, ele se tornou tutor e médico do grande patrono da aprendizagem, o califa al-Ma'mun. Conhecido no Ocidente como "o Filósofo das Arábias", ele estabeleceu a base filosófica para a astrologia e auxiliou no desenvolvimento de uma língua árabe filosófica. Embora tenha escrito em profusão, especialmente sobre astrologia e o astrolábio, vários dos seus trabalhos foram perdidos.

Sobreviveu em latim o *De Radiis* (Sobre os Raios), no qual expressou a correspondência entre o céu e a Terra em termos de "raios estelares". Juntamente com os elementos, eles foram responsabilizados pela diversidade dentro da unidade do mundo: "Então a diversidade das coisas no mundo dos elementos aparentes em qualquer tempo procede de duas causas, a saber a diversidade da sua matéria (elementos) e a operação mutável dos raios estelares."

A crença de Al-Kindi no determinismo universal era tão profunda que ele argumentou: "Se for dado a alguém compreender toda a condição da harmonia celeste, ele conhecerá inteiramente o mundo dos elementos com tudo nele contido em qualquer lugar e em qualquer tempo." Se este fosse o caso, a pessoa seria capaz de saber a causa e o motivo e vice-versa. Além disso, "aquele que adquirisse o conhecimento de toda a condição da harmonia celeste conheceria o passado, o presente e o futuro".⁴

O melhor discípulo de Al-Kindi, Abu Ma'shar, tornou-se o astrólogo muçulmano mais famoso. Ele nasceu em 787 em Balkh, Khurasan, cidade atualmente situada no Norte do Afeganistão. Era um grande centro cosmopolita de religião e aprendizagem, onde comunidades de judeus, nestorianos e maniqueus dividiam o espaço com budistas, hindus e zoroastrianos.

Conta-se uma história que, quando Abu Ma'shar era aluno de um médico na corte da Pérsia, ele foi criticado em público por Al-Kindi. Ficou tão magoado que decidiu matar seu mestre. Mas quando entrou na sala com sua adaga, o velho astrólogo lançou um olhar penetrante e disse: "Tu não és Abu Ma'shar de Balkh? Tu serás o maior astrólogo do século, mas deves renunciar ao teu projeto maligno. Atira fora a adaga, senta e aceita minha doutrina."⁵

Ele adotou o determinismo do seu mestre e argumentou que assim como os médicos estudavam as mudanças nos elementos, o astrólogo deveria seguir os movimentos das estrelas para chegar até "as causas das mudanças elementares". Porém, onde Al-Kindi era primeiramente um neoplatônico, Abu Ma'shar era aristotélico, pois dizia que toda mudança sublunar era causada pelos movimentos nos céus.

Seus trabalhos se tornaram influentes na Europa, onde era conhecido como Albumasar. A sua *Grande introdução à astrologia*, traduzida por Adelard de Bath como *Introductorium*, foi principalmente devotada à gramática da astrologia. O seu *Flores Astrologiae*, traduzido por John de Sevilha, foi um guia que continha várias orientações úteis e aforismos vigorosos. Em ambos, ele combateu o conceito do livre-arbítrio. Distinguindo a influência dos planetas das estrelas fixas, argumentou que enquanto a primeira podia controlar os detalhes da vida diária, a última afetava somente o projeto das coisas de modo lento e em tal escala grandiosa que dificilmente influenciaria o destino humano.

O Calendário Lunar

Os astrólogos muçulmanos estavam bem seguros de que para traçar um horóscopo era necessário possuir instrumentos precisos e tabelas confiáveis. Estas últimas não poderiam ser produzidas sem os primeiros. Dos gregos eles adquiriram o astrolábio, que possibilitava a projeção da esfera observada dos céus sobre um plano. Ele foi utilizado não somente para observar corpos celestes, mas para fornecer o período de tempo, as latitudes, alturas e distâncias. Quanto ao horóscopo, ele fornecia observações precisas dos céus no momento do nascimento. E, em um período onde não havia relógios ou cronômetros acurados, o astrolábio podia ser utilizado em um céu claro para calcular a hora.

Para os astrólogos ainda era necessário descobrir o Ascendente e as posições dos planetas nas tabelas. A precisão das tabelas dependia das habilidades de observação dos astrólogos e também do cuidado dos copistas. As tabelas incluíam as estrelas "fixas" importantes, não apenas porque aquelas que nascem ao mesmo tempo que um signo do zodíaco deveriam ser observadas enquanto o signo estava invisível, mas também porque os muçulmanos usavam as estrelas associadas aos signos e até aos graus dos signos em suas interpretações.

Graças à precessão dos equinócios, já era sabido há muito tempo que as estrelas "fixas" não eram realmente imóveis. Embora alguns continuassem a acreditar que os equinócios se moviam para a frente e para trás (conhecido como "trepidação"), a visão de Ptolomeu de que eram necessários 36 mil anos para retornar ao seu início ("O Grande Ano") tornou-se a teoria aceita pelos astrólogos muçulmanos e cristãos na Idade Média.

Os muçulmanos, como os indianos e os judeus, usavam um calendário lunar no qual o tempo era medido pela órbita da Lua em torno da Terra. Um ano consistia de 12 meses lunares. Enquanto o calendário solar marca o ano pelos equinócios e solstícios, o calendário lunar marca o mês de uma Lua Nova até a outra. Não existe uma maneira simples de fazer uma correspondência entre o calendário solar e o lunar, pois eles não são compostos com o mesmo número de dias ou meses. Muçulmanos e judeus fixam o número de meses no ano em 12, com o ano tendo 354 dias. Como existem cerca de 11 dias menos que no ano solar, os festivais anuais gradualmente se movem para trás nas estações, levando 34 anos lunares (33 solares) para completar o ciclo.

O ano lunar, portanto, se adianta progressivamente ao solar de 365 dias utilizado pelos cristãos. Contudo, os cristãos ainda calculam a data da Páscoa segundo o calendário lunar. No passado, o mês lunar era dividido em três semanas de nove dias ou quatro semanas de sete dias. A primeira pode ter sido influência das *Nones* romanas (nove dias após a Lua Cheia) e das *Ides* (os dias iluminados da Lua, isto é, próximos da Lua Cheia).

A astrologia árabe utiliza as 28 *manâzil* ("estações" ou "Casas") para traçar o movimento mensal da Lua na eclíptica. Estas mansões lunares são grupos de estrelas ou asterismos por meio dos quais a Lua passa em um mês sinódico de 27 dias e meio. As mansões eram muitas vezes utilizadas para calcular a passagem do tempo pela medida do caminho da Lua contra as estrelas, e não pelas fases da Lua. Então, poderia ser dito: "Meu pai faleceu quando a Lua estava naquela ou nesta mansão" em vez de "Ele morreu três dias depois do terceiro quarto".⁶ Podiam, desta forma, avaliar o tempo de modo semelhante ao dos decanos e do zodíaco.

Por causa do uso do calendário lunar nos países muçulmanos, as tabelas continham as 28 mansões da Lua e os seus nodos. Os nodos marcam o ponto onde a Lua cruza a eclíptica. Como os indianos, os muçulmanos os consideravam como planetas invisíveis.

As mansões lunares muçulmanas tiveram início originalmente com o *Al Thurayya*, as "Várias Pequenas". Elas são as Plêiades na constelação de Touro. Além de serem notáveis, elas foram escolhidas provavelmente porque sua posição coincidia com o grau do equinócio da primavera no terceiro milênio antes de Cristo. Isto sugere uma possível fonte mesopotâmica. Pela precessão dos equinócios, as primeiras 27 mansões, *Al Sharatain*, "os Dois Signos" (β e γ Arietis) se tornaram o primeiro, começando no primeiro grau de Áries. Os 360° do círculo da eclíptica foram divididos em 28 partes iguais.

Os astrólogos europeus da Renascença adotaram as mansões lunares dos árabes. Isto pode ter sido motivado por um interesse na magia, pois a Lua há muito já era considerada a dona da magia. Mansões diferentes eram atribuídas a diferentes propriedades, algumas positivas e outras negativas. O filósofo italiano Giordano Bruno (1548-1600) utilizou em particular a figura das mansões lunares árabes, juntamente com os decanos egípcios, para desenvolver uma elaborada arte de memória.⁷

Os astrólogos muçulmanos também utilizaram muito a "divisão dos tempos" que ia das eras do mundo até os estágios na vida de um indivíduo. Segundo Abu Ma'shar, havia quatro tipos de *fardarat* ou períodos. O "*fardar* mais elevado" durava 360 anos solares. O *fardar* maior durava 78 anos, partilhado entre os 12 signos, Áries até Peixes. O *fardar* médio durava 75 anos; cada um era regido por um dos nove "planetas" (os sete usuais mais os nodos lunares) na ordem das suas exaltações em torno do zodíaco. A ordem dos planetas era Sol, Vênus, Mercúrio, Saturno, Marte, Vênus. O *fardar* menor era igual a 75 anos, mas era dividido em nove *fardariyat* e distribuídos entre os nove planetas segundo a mesma ordem das exaltações.

Em um mundo incerto, os muçulmanos, como a maioria dos povos, estavam preocupados com perguntas do tipo: "Qual seria o melhor período para iniciar uma viagem?", "O resultado da minha decisão será bom ou mau?" e até "Quando vou morrer?". Para

respondê-las, seus astrólogos desenvolveram da astrologia grega as técnicas de progressões, eleições e trânsitos e as passaram para o Ocidente latino.

Em um mapa progredido, os elementos são adiantados através de um ângulo que corresponde a um período de tempo, da data do nascimento até a data do prognóstico solicitado. Os dois mapas são então comparados para fornecer a informação sobre o assunto para o presente e para o futuro. Quando a pergunta envolve a extensão da vida, o momento do nascimento é chamado *hyleg* (forma latina do árabe *haylai*).

No caso das eleições, o objetivo é trabalhar o melhor momento para iniciar alguma coisa. Isto envolve novamente a rotação do ponto inicial — conhecido como radical — do mapa. O método mais comum entre os astrólogos modernos para medir o tempo em torno do zodíaco é assumir "um dia por um ano" — isto é, em um mapa progredido o mesmo número de dias a partir do dia do nascimento é utilizado como o número de anos na vida da pessoa. Em *De Revolutionibus Nativitatum*, Abu Ma'shar escreveu a respeito dos trânsitos dos planetas: "A entrada dos planetas em uma revolução de anos, os lugares radicais e os locais radicais dos outros, possuem significados inefáveis de conseqüências boas e más (...) É preciso olhar para o signo no qual o planeta estava no mapa radical e tratá-lo como se fosse o Ascendente e interpretar de acordo."⁸

As Partes Arábicas

Um dos aperfeiçoamentos mais importantes do Islã foi o do "destinos das Casas", a chamada Partes Arábicas, que os antigos gregos e romanos chamavam de Lotes. Pensava-se que elas enfatizavam as posições dos planetas em um mapa natal. As partes são posições no zodíaco produzidas por uma equação que envolve três fatores, um dos quais é geralmente a cúspide. A Roda da Fortuna, representada por uma cruz dentro de um círculo, é calculada somando-se os graus do Ascendente com os da Lua e subtraindo o resultado dos graus do Sol. Como resultado, a distância entre a Roda da Fortuna e o Ascendente no zodíaco é a mesma entre a Lua e o Sol. E considerado um sinal de boa sorte, pois liga os poderes do Sol com os da Lua e os traz para a Terra através do Ascendente (o horizonte). Os antigos gregos e egípcios tinham originalmente sete lotes: Necessidade, Eros, Demônio, Audácia, Nemesis, Vitória e Sorte. Eles seguiam a mesma forma do Lote da Sorte, determinando o ponto médio entre o Ascendente e Saturno, Vênus, Mercúrio, o Sol, Marte e Júpiter, respectivamente. Desenvolviam mais de quarenta destas equações. Com sua inclinação pela matemática, os astrólogos muçulmanos a princípio desenvolveram 97 pontos corolários a partir dos sete, e depois, no século XI, aumentaram o número

para 143. Enquanto a maioria das Partes era centrada na relação do Ascendente com os planetas, as cúspides das Casas e os nodos, algumas focalizavam até a relação entre duas Partes. Foi desenvolvido em um sistema altamente sofisticado e sutil, que possibilitava os astrólogos refinar um mapa natal, lidar com questões horárias e conferir os indicadores dos planetas. Contudo, Al-Biruni, astrólogo e astrônomo do século XI, censurou seus companheiros astrólogos por tentar atribuir uma Parte a cada atividade humana, pois isso degradava a nobre arte da astrologia a um nível de divinação.

Infelizmente, a perda dos textos e a complexidade dos cálculos significaram que muitas destas Partes foram perdidas para o Ocidente. As que sobreviveram são devidas principalmente a extratos dos trabalhos de Abu Ma'shar e do astrólogo judeu do século XI Abraham ben Neir ibn Ezra. Segundo o astrólogo italiano do século XIII Guido Bonatti, as Partes foram subdivididas em três categorias principais: planetárias, Casa e horária. O método que sobreviveu para calcular e interpretar as Partes Arábicas está incompleto e os procedimentos aplicados a outras Partes desapareceu inteiramente.

Das 143 Partes originais, a mais conhecida é a Roda da Fortuna. Outras incluem a da vida, aptidão, entendimento, duração (incluindo a vida de uma pessoa), bens, coleção (capacidade para acumular riquezas ou recuperar bens perdidos), tristeza, prole, amor da prole, pai, heranças e posses, administração, crianças, filhas, filhos, doença, servos (habilidade para dar ordem aos servos), escravidão e ligações (a quem ou a que um escravo serve), jogos (busca do prazer e do romance), desejo e atração sexual, sexo, (qualidade do impulso sexual), discórdia e controvérsia, casamento, morte, fé, viagens pela água, viagens por terra, honrarias, avanço súbito, magistério e profissão, comércio, amigos e mãe, inimigos particulares e, finalmente, a Parte do perigo e do ano mais perigoso.⁹

Por volta do século XI, os alvos fundamentais da astrologia árabe tinham sido estabelecidos. A astronomia e a astrologia ainda eram consideradas como dois aspectos de uma mesma entidade. As tabelas, cada vez mais precisas, baseadas nas observações dos céus, eram requisitadas pelos astrólogos. O famoso astrônomo Al-Biruni era conhecido pela precisão das suas tabelas e também pela sutileza dos seus trabalhos astrológicos. Embora adepto das interpretações, ele era astuto em traçar os limites daquilo que era cientificamente aceitável. Em seu *Elements of Astrology*, ele dividiu o assunto em cinco áreas, entre as quais as quatro primeiras eram: meteorologia; plantas; animais e humanidade; a vida do indivíduo e a prosperidade e os atos e ocupações do indivíduo. A quinta divisão englobava aquelas áreas que ele rejeitava porque ameaçavam transgredir os "limites adequados", ao tentar resolver problemas impossíveis. Como explicou, nesse ponto "a matéria deixa a base sólida do universal por um dos particulares. Quando esta fronteira é

ultrapassada, onde o astrólogo está em um dos lados e o feiticeiro do outro, entramos no campo dos presságios e divinações, que nada tem a ver com a astrologia".¹⁰

São frases como essas, bem como o conhecimento superior dos céus, que tornaram a astrologia muçulmana tão atraente para os cientistas medievais, ou "filósofos naturais" no Ocidente cristão. O *Elements of Astrology* de Al-Biruni tornou-se um texto padrão do *Quadrivium*, que englobou por séculos as ciências matemáticas. Até o século XVII, as tabelas de Ulugh Beg, neto de Tamerlão, foram publicadas em Oxford. A reputação deste astrônomo e astrólogo muçulmano era tão alta que ele foi considerado um dos melhores do mundo. Quando peguei a "estrada de ouro" para Samarkand (agora no Uzbequistão) para visitar o observatório do século XV, tudo que descobri da sua glória anterior foi um fosso semicircular e um pequeno museu anexo.

Embora os astrólogos ocidentais durante a Idade Média e a Renascença não tenham aceito abertamente as Partes Árábicas, a Roda da Fortuna se tornou um elemento regular nos horóscopos atuais. Outro legado árabe é o "sistema Placidus de Casas", que divide a eclíptica em 12 seguimentos desiguais. Recebeu o nome de Placidus di Tito, astrólogo italiano do século XVII, e foi na verdade baseado em um grupo de cálculos feitos pelo astrólogo muçulmano do século VIII Ben Djabit.

A Tábua das Esmeraldas e a Picatrix

As suposições metafísicas gerais dos filósofos e cientistas muçulmanos tiveram provavelmente a maior influência na criação de uma atmosfera compatível com a astrologia no Ocidente. O texto mais importante a surgir do Islã foi um pequeno trabalho conhecido como *A tábua das esmeraldas* atribuído a Hermes Trismegistus. Existe uma versão árabe no trabalho do alquimista Jabir que data pelo menos do século VIII. Não somente ele enfatiza a correspondência insolúvel entre o céu e a Terra, o microcosmo do homem e o macrocosmo do universo, o Muitos e o Um, mas também profetiza que "adaptações maravilhosas" ocorreriam no mundo se a sua importância fosse devidamente compreendida: "Verdadeiro ele é, sem falsidade, certo e o mais verdadeiro. O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima, para realizar os milagres de uma coisa (...) E o pai de todos os trabalhos de maravilha em todo o mundo."¹¹

O anônimo *Picatrix*, *Libro de la Magia de los Signos*, foi outro trabalho muçulmano que surgiu primeiro em Toledo e exerceu grande influência durante a Renascença. Foi uma tradução do trabalho árabe *Gayat al-hakim* (O objetivo final dos sábios), atribuído ao alquimista do século X Al-Majriti. Combina magia e astrologia, oferecendo uma mistura

exótica de encantamentos de uma ampla variedade de fontes, incluindo as egípcia, mesopotâmica, grega e hebraica. Apóia-se bastante na astrologia dos sabeus e na filosofia de Hermes. Recomenda o uso de talismãs para puxar a energia dos espíritos dos planetas e das posições das esferas celestes: "Todos os sábios concordam que os planetas exercem influencia e poder sobre o mundo (...) a partir daí temos que as raízes da magia são os movimentos dos planetas."¹² A habilidade do verdadeiro mago era descobrir os segredos escondidos da natureza e direcioná-los para fins benéficos, canalizando as virtudes dos corpos superiores (*espíritos*) nos céus para os corpos inferiores (*matéria*) na Terra.

Astrologia Judaica

Os muçulmanos não foram os únicos astrólogos a emergir da Idade Média. Os judeus desenvolveram sua própria versão da astrologia, apoiando-se nas tradições gregas e mesopotâmicas e também nas fontes árabes. Existem muitas referências aos caldeus na Tora (os cinco livros do Velho Testamento que dizem ter sido escritos por Moisés) e no Talmude (principal trabalho judeu sobre a lei civil e religiosa). No século I a.C. emergiu da grande comunidade judaica em Alexandria um trabalho chamado *O tratado de Shem*. Escrito em aramaico, ele oferece 12 capítulos para cada um dos signos do zodíaco com previsões do tipo: "E se o ano começar em Touro, todos cujo nome contém um Beth, Yod ou Kaf ficarão doentes ou serão feridos pelo ferro [arma]. E haverá luta. E um vento virá do Egito e encherá toda a Terra."¹³ Na Palestina e em outros pontos do Oriente Médio representações dos signos do zodíaco em uma posição central tornaram-se comuns em sinagogas a partir do século IV d.C.

Englobando atributos tanto das escolas solares como lunares, a astrologia judaica foi mais voltada para o lado espiritual que a muçulmana, e mais tarde a astrologia ocidental. Os astrólogos encorajavam seus clientes a levar uma vida religiosa segundo a *Halachah* (lei judaica). Não surpreende que, com a tradicional ênfase judaica sobre a família e uma comunidade mais ampla, o indivíduo fosse visto mais como um ser social, com responsabilidades terrenas e também ligações celestiais.

Os horóscopos natais judaicos são calculados de acordo com o zodíaco tropical baseado na rotação anual do Sol. O calendário judaico é um sistema luni-solar que aplica o ciclo metônico de 19 anos desenvolvido pelo astrônomo grego Meton. É similar aos calendários chinês e indiano, pois divide o ano em 12 meses lunares adicionando um mês intercalado para coincidir com o ano solar de 365 dias. Diferente do calendário chinês, que começa com a segunda Lua Nova após o solstício de inverno, o ano eclesiástico judeu

começa com a primeira Lua Nova após o equinócio vernal, enquanto o ano civil começa com a primeira Lua Nova após o equinócio do outono. O calendário data do tradicional Ano da Criação Judaica em 3761 a.C.

Simultaneamente, os astrólogos judeus partilham do conceito do "Grande Ano" baseado na precessão gradual dos equinócios, assim como os chineses, indianos e ocidentais, mas o chama de "Eras Proféticas". Cada um dura 2.160 anos no ciclo de 25.920 anos. A datação atual da Era de Aquário permanece assunto de debate entre os astrólogos judeus contemporâneos. O Rabino Joel C. Dobin argumenta que ela ocorreu quando Júpiter e Saturno formaram uma conjunção em Libra em 31 de dezembro de 1980, porém outros dizem que foi na mesma conjunção em 2001.¹⁴

Os antigos termos judaicos para os signos do zodíaco correspondem às palavras hebraicas para as 12 constelações que, segundo o Talmude, foram criadas por Deus. A tradução dos seus nomes e dos seus símbolos difere ligeiramente das suas contrapartes mesopotâmica e grega. Seguindo a ordem tradicional, de Áries para Peixes, são eles: Taleh (príncipe), Shor (touro celeste), Teomin (duas figuras), Sartan (portão Norte do Sol), Ari (leão), Betulah (esposa de Bel), Moznayim (balancim da carruagem), Akrah (ferrão), Kasshat (arco do arqueiro), Gedi (cabrito montes ou salmone), Deli (deus da tempestade) e Dagim (peixe).¹⁵ Vários comentadores notaram associações claras entre as características dos 12 signos do zodíaco e as personalidades dos 12 filhos de Jacó, como foram descritos na Tora. Além disso, existem elos encontrados na Tora entre os signos do zodíaco e os sete arcanjos: Rafael, Gabriel, Miguel, Haniel, Ma'admiel, Zedquiél e Zofquiél.¹⁶

Um aspecto da astrologia judaica que passou para a consciência popular é o das ligações mencionadas no Talmude entre as influências planetárias e os dias da semana. Diz-se que uma pessoa nascida no domingo (regido pelo Sol) é "totalmente boa ou má"; na segunda-feira (Lua), de mau temperamento; na terça-feira (Marte), lasciva e rica. Nascida na quarta-feira (Mercúrio), a pessoa tem boa memória e é sábia; na quinta-feira (Júpiter), é benevolente; na sexta-feira (Vênus), é ativa e piedosa. Contudo, a pessoa nascida no sábado (Saturno) morrerá em um sabá porque profanou a santidade do dia fazendo a mãe e a parteira auxiliarem o nascimento, em vez de realizarem suas tarefas religiosas!¹⁷

Vários astrólogos judeus, que viveram próximos dos seus vizinhos muçulmanos, fizeram uso das Partes Árabicas para ampliar suas interpretações do horóscopo. Porém, seu uso excessivamente zeloso foi condenado no século XI por Abraham ben Neir ibn Ezra, em seu trabalho *The Beginning of Wisdom*, como sendo uma forma de divinação e inconsistente

com o objetivo espiritual e propósito superior da astrologia judaica. Outros estudiosos do Talmude concordaram e as Partes foram finalmente descartadas.

Os métodos aplicados pelos astrólogos judeus atuais para traçar o horóscopo são quase idênticos aos utilizados pelos seus colegas ocidentais, exceto que muitos preferem empregar o sistema Meridiano das Casas, em oposição ao esquema mais comum de Placidus. Entretanto, a interpretação, em termos gerais, volta-se mais para manter os ensinamentos do Talmude e da Tora.¹⁸

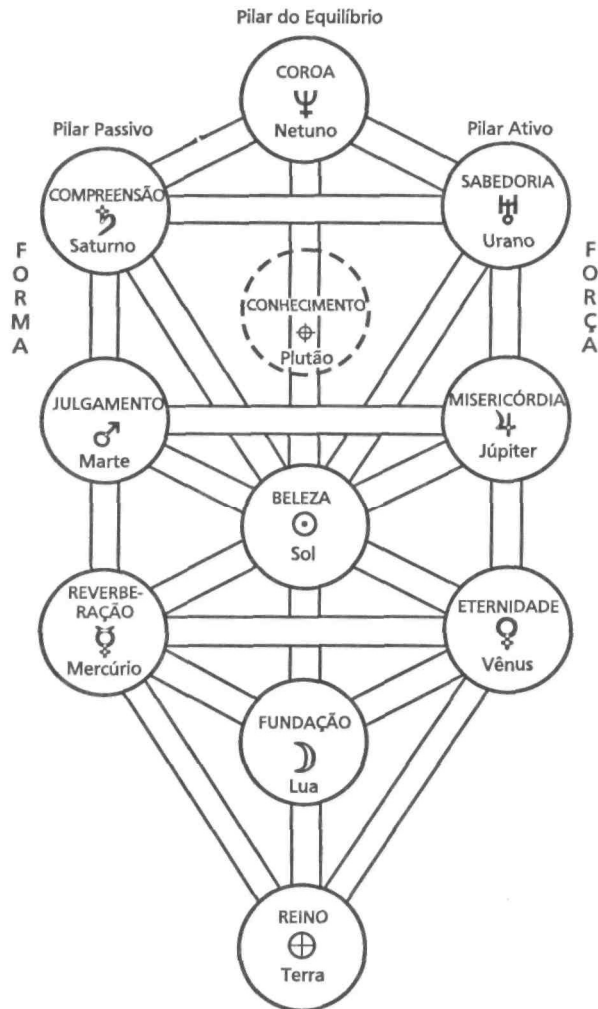
Uma ênfase geral sobre o livre-arbítrio percorre todos os textos e comentários judaicos. Isto é ilustrado pela tradição judaica de assumir um novo nome, o que requer um novo mapa para o renascimento simbólico. A cerimônia de mudança de nome originou-se provavelmente do *Midrash Rabbah*, do século VI, onde o "Rabi ben Isaac comentou que Abrão disse: 'Meu destino planetário me oprime e declara: "Abrão não pode gerar um filho.'" Disse o Único e Abençoado a ele: 'Que seja como tuas palavras. Abrão e Sara não podem gerar um filho, porém Abraão e Sarah podem.'¹⁸

A Cabala e a Árvore da Vida

A astrologia esotérica judaica, parte da tradição mística judaica da Cabala, partilha da mesma ênfase. Seu sistema metafísico é baseado nos dez aspectos fundamentais da Divindade que emanam do "Nada" original. A relação entre os dez Atributos Divinos conhecidos como *Sefirot* são representados no diagrama da Árvore da Vida. Cada planeta está associado a uma *Sefirah* (Atributo Divino): o Sol está no centro, ligado à "Beleza"; Netuno no alto, à "Coroa"; e a Terra embaixo, ao "Reino".

Na grande "escada da existência", ou "Cadeia do Ser", existem quatro mundos em ordem de procedência. Eles são o eterno Mundo da Emanação, o cósmico Mundo da Criação, o sutil Mundo da Formação e o natural Mundo da Ação. As influências planetárias que operam no terceiro mundo afetam o quarto, onde nós vivemos na Terra. Enquanto a astrologia mundana está ligada principalmente ao nível sutil, ou astral, da existência e seus efeitos no mundo natural, a astrologia esotérica da Cabala trata do cenário total.²⁰

O espírito de um ser humano desce do mundo cósmico para o mundo natural, assumindo um corpo espiritual, um corpo psicológico e finalmente um corpo carnal. O Sol no horóscopo representa a psique, o ponto de ligação entre os mundos físico e sutil. O destino pertence ao aspecto espiritual do Sol. Além da psique está a alma, e além dela está o espírito.

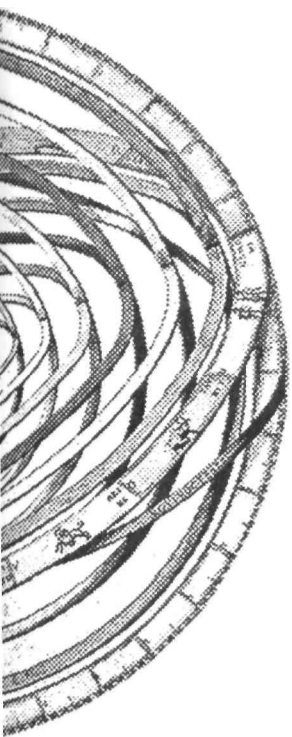


A Árvore da Vida Cabalística com os planetas associados a cada um dos dez *Sefirot* ou Atributos Divinos que emanam do "Nada" original. É parte da astrologia judaica esotérica.

Um astrólogo Cabalista contemporâneo, Warren Kenton (Z'ev ben Shimon Halevi), insiste que não existe o chamado mapa sinistro. Ele é uma "plataforma" a partir da qual nós iniciamos nossa jornada na Terra. Embora ele forneça um "padrão interior", que nos conduz a um estilo de vida particular, não é de todo fixo. Cada pessoa possui três escolhas fundamentais: "desenvolver, simplesmente manter ou descer na qualidade do ser até ser liberado da forma encapsuladora do mapa."²¹ Tendo descido para um corpo físico, o objetivo final é ascender novamente pela Escada de Jacó e retornar como ser

realizado ao Mundo da Criação — independente de quantas vidas sejam necessárias para isso.

À medida que a pessoa desenvolve sua psique, começa a compreender que a vida não é só algo casual, como um dado lançado no momento do nascimento, mas uma peça cuidadosamente considerada em um grande quebra-cabeça. Cada vida individual é parte do trabalho geral da Providência, que é originada no nível do cósmico Mundo da Criação e é administrada por arcanjos conhecidos como *Irin*, em hebraico, e em geral traduzidos como "Anjos da Guarda". Quando a morte chega, ela é vista de acordo com a Cabala, como uma liberação das "Árvores psicológica e espiritual" da "Árvore física". Para a maioria, isto significará um renascimento para cima ou para baixo na escada evolucionária da existência, dependendo das ações prévias do indivíduo. Porém alguns seres excepcionais subirão para o sutil Mundo do Paraíso ou Mundo Espiritual do Céu. "Desta maneira", Z'ev ben Shimon Halevi diz, "Adão, a imagem do Divino, realiza a vontade de Deus para contemplar Deus até o Fim dos Tempos, quando o espelho da Existência se dissolverá em união com o Único que era, é e sempre será e não será."²²



QUINTA PARTE

A Via Láctea: Europa

30

No Início da Luz

*Sapiens homo dominatur astris:
O homem sábio é mestre das
estrelas.*

TOMÁS DE AQUINO

NA ENTRADA DA CATEDRAL DE CHARTRES HÁ ESTÁTUAS REPRESENTANDO AS SETE "Artes Liberais", que foram imaginadas pelos gregos. Elas incluem o celebrado *quadrivium*, as quatro "ciências matemáticas" da aritmética, geometria, música e, acima de todas, a *astronomia*. Quando entramos na catedral somos impactados pela visão de um vitral, em tons fortes de azul e vermelho, com desenhos dos signos do zodíaco. Projetada segundo os princípios pitagóricos, incorporando as energias planetárias sob formas geométricas, a catedral é um emblema maravilhoso e mágico da harmonia celeste. É um modelo do céu na Terra.

Em 1142, Thierry de Chartres recomendou o estudo de Ptolomeu a seus alunos. A astrologia era então parte indispensável do aprendizado na Europa. Como isso aconteceu?

Argumentou-se que do início do século VI ao fim do XII, "não houve astrologia na Europa Ocidental", e que então, antes do século XII, não houve "qualquer coisa além de uma vaga lembrança de uma ilícita arte perdida".¹ Mas não foi bem assim. É certo que a astrologia foi perseguida, juntamente com outras artes pagas durante a Idade das Trevas após o colapso do Império Romano, mas ela continuou a existir por trás dos bastidores. A astrologia era popular no fim do domínio romano na Gália, e os primeiros reis francos e góticos provavelmente herdaram alguns de seus praticantes. Edwin, rei da Nortúmbria por volta de 616-632, o rei mais poderoso na Inglaterra saxônica, empregou um astrólogo

espanhol chamado Pellitus que o aconselhou na guerra contra a Bretanha celta. Contudo, para a população em geral, ela virtualmente havia desaparecido, sobrevivendo apenas no sistema dos "Dias Egípcios" — isto é, a tradição dos dias propícios e nefastos.

A luz do aprendizado foi mantida acesa nos monastérios com a chama da glória anterior da astrologia. As melhores bibliotecas devem ter mantido cópias do comentário de Macrobius sobre o *Somnium Scipionis* (Sonho de Scipio) de Cícero, cerca de 430 — com as suas referências astrológicas e visão da imortalidade da alma —, e da vasta *Etymologiae*, de Isodore, bispo de Sevilha, cerca de 560-636 — com suas definições de astrologia. Boethius, cerca de 480-524, cujo *Consolação da filosofia* revelou uma representação clássica da visão de mundo neoplatônica, também pode ter traduzido Ptolomeu, mas este trabalho foi perdido.

Em seu comentário sobre o *Sonho de Scipio*, de Cícero, Macrobius apresentou as características usuais dos planetas e citou Plotino, que afirmava que as estrelas não obrigavam, mas somente mostravam os eventos na Terra — uma visão que reverberou pelos tempos desde então.

Em particular, Macrobius deixou duas idéias astrológicas que permaneceram durante toda a Idade Média. A primeira foi que, como a alma descia das esferas para se unir ao corpo, adquiria as características dos sete planetas. Da esfera de Júpiter, a alma recebia o raciocínio e a inteligência; de Marte, "o ardor ígneo do espírito"; do Sol, "uma natureza do sentir e da opinião"; de Vênus, "o movimento do desejo"; de Mercúrio, "a fala e a interpretação dos sentimentos"; e do globo da Lua, "a procriação e o crescimento".¹

A segunda foi que existia um "mapa natal" da criação conhecido como *thema mundi*. Este horóscopo do mundo já tinha sido estabelecido há muito tempo e apareceu no *Épico da criação* babilônico quando foi escrito por volta de 2200 a.C. A idéia era introduzida com freqüência para explicar por que Áries deveria ser considerado o "ponto de partida" do círculo do zodíaco, um círculo que não teve começo. "Eles dizem", Macrobius escreveu, "que quando aquele dia começou, que foi o primeiro de todos e portanto corretamente chamado de aniversário do mundo, Áries estava no Meio do Céu; e como o Meio do Céu era tido como o vértex do mundo, Áries deveria então ser o primeiro entre todos, aquele que aparece como a cabeça do mundo no início da luz."³

Devem ter existido alguns astrólogos praticantes na Espanha, embora o Bispo Isodore de Sevilha tratasse a astrologia principalmente como se fosse uma história do passado. Em seu vasto trabalho *Etymologiae*, ele distinguiu a *astronomia* da *astrologia*. A primeira tratava da "virada dos céus, do nascer, ocaso e movimento das estrelas e do motivo de serem chamadas como tal". Ele fez então uma distinção entre a astrologia física, que tratava "dos cursos do Sol e da Lua, ou das estações fixas das estrelas", e a astrologia supersticiosa, procurada pelos *mathematici* que profetizavam pelas estrelas e que

"distribuíam os 12 signos celestes entre as partes da alma e do corpo e tentavam prever os nascimentos e características dos homens pelo curso das estrelas".⁴ Apesar da estreiteza das definições de Isodore, as palavras latinas *astrologia* e *astronomia* continuaram a ser usadas indiferentemente para ambos os assuntos.

Nas cópias dos trabalhos do historiador romano Plínio, estudiosos, como o monge inglês Bede, cerca de 673-735, conheceram a noção de que a Terra era uma esfera que orbitava o Sol, mas o peso da Igreja nascente pendeu em favor da idéia de que a Terra era um modelo em escala do Tabernáculo de Moisés. Esta idéia foi levada adiante alegoricamente por Clemente de Alexandria por volta do ano 200, mas passou a ser considerada literalmente.

Cosmas, um marinheiro mercante que se tornou monge, assumiu a idéia em meados do século VI. Em sua *Topographica Christiana*, declarou que a Terra era achatada e retangular, com um comprimento que era duas vezes a largura, e rodeada pelo oceano. Além do oceano havia uma segunda Terra, o lar original da humanidade até que Noé atravessou o oceano em sua Arca após o Dilúvio. Quatro paredes verticais se elevavam dos cantos externos da Terra sustentando o teto cilíndrico dos céus. O Sol desaparecia à noite por trás de uma alta montanha cônica ao Norte e as estrelas e os planetas eram transportados pelos anjos. Esta visão de mundo, tirada da Bíblia, ecoava fortemente as idéias da antiga Mesopotâmia.

O desaparecimento virtual da astrologia durante a Idade das Trevas foi causado tanto pela desaprovação da primeira Igreja cristã, quanto pela destruição da civilização romana pelos invasores germânicos. Os monges da Igreja celta na Irlanda, a luz do mundo ocidental na época, estavam em contato com a Igreja copta no Egito e devem ter tido alguma noção dos debates que ocorriam em Alexandria, até esta ser conquistada pelos árabes em 642.

Santo Agostinho e o Livre-Arbitrio

O argelino cristão Agostinho (d. 430) permaneceu como uma autoridade sem paralelo em toda a Idade Média, e seus trabalhos estavam entre os mais lidos. Em *Confissões* (397), ele registrou como na juventude "dedicava seu tempo aos livros de astrologia" e "não parava de consultar abertamente aqueles impostores chamados de astrólogos". Por causa da íntima associação entre a astrologia e a medicina, ele a princípio estudou astrologia e pretendia fazer carreira na área. Porém suas dúvidas cresceram e ele enfim ficou convencido do seu erro quando descobriu os destinos bem diferentes de duas crianças nascidas com precisamente o mesmo mapa natal: um próspero dono de terras tinha nascido no mesmo momento que um dos escravos do seu estado. Concluiu que os astrólogos acertavam "por acaso" e não por sua habilidade em inspecionar as estrelas. E então havia

sempre a questão espinhosa do livre-arbítrio. Se a arte dos astrólogos era baseada na suposição de que os seres humanos eram moldados por forças além do seu controle, ele se perguntou, em uma de suas cartas, por que um astrólogo bateria em sua esposa? "Eu não me refiro à hipótese de ele a encontrar em um comportamento impróprio, mas se ela estivesse há muito tempo na janela? Ela não poderia alegar que não era culpa dela, mas sim de Vênus?"⁵

No Livro V de *A cidade de Deus*, escrito vinte anos depois de *Confissões*, e após o saque de Roma em 410, Agostinho estabeleceu seu argumento mais ponderado contra a astrologia. Ele reconheceu que havia um amplo elo entre o "destino" e a influência das estrelas. Sabedor da discussão de Ptolomeu a respeito da importância relativa do momento da concepção e do momento do nascimento, Agostinho insistiu que nenhum dos dois podia ser medido com precisão. Destacando a história bíblica de Esaú e Jacó, ele se voltou novamente para o caso de gêmeos. "Não é verdade", perguntou, "que a vontade daqueles que agora estão vivos muda os destinos decretados em seu nascimento, quando a ordem sob a qual eles nasceram muda os destinos decretados na sua concepção?" Os astrólogos poderiam argumentar que os Ascendentes de gêmeos são diferentes porque eles nascem em momentos diferentes, sob constelações diferentes. Mas se os Ascendentes são diferentes, Agostinho perguntou: "Onde está localizado esse poder que os leva a ter destinos diferentes?" "Como isso pode acontecer se as suas concepções não ocorreram em momentos diferentes?"⁶

Em um tratado contra "Fausto, o Maniqueu", cerca de 397-8, Agostinho argumentou: "Agora nós (em oposição aos maniqueus) não colocamos o nascimento de nenhum homem sob a lei fatal das estrelas, para que possamos afrouxar qualquer laço de necessidade de livre escolha da sua vontade, pela qual ele viverá bem ou mal, pelo bem do justo julgamento de Deus." Como este era o caso, a Estrela de Belém que os Magos viram quando Cristo nasceu não era "um senhor governando sua natividade, mas um servo dando testemunho dela". Então, "Cristo não nasceu porque ela brilhou, mas ela brilhou porque Cristo nasceu; portanto, se tivéssemos de falar dela, não deveríamos dizer que a estrela era o destino para o Cristo, mas que o Cristo era o destino para a estrela".⁷

A posição final de Agostinho sobre a astrologia encontrou eco nas eras que se seguiram na Igreja Católica Romana: a astrologia é inegavelmente falsa. O que mais poderia explicar a sorte diferente de gêmeos que tinham o mesmo horóscopo? A concepção estóica do destino deve também estar errada, pois os anjos e os seres humanos possuem o livre-arbítrio. Deus pode saber que iremos pecar, mas nós não pecamos porque Ele já sabe. Pecamos por nosso livre-arbítrio como criaturas teimosas e decaídas.

O Renascimento da Astrologia

O renascimento da astrologia na Europa ocidental foi iniciado pelo monge inglês Alcuin (735-804), que nasceu em York.⁸ Seu mestre foi Bede, aluno de Egbert. Após um encontro na década de 770 com o futuro Imperador Carlos Magno, fundador do Sagrado Império Romano, Alcuin concordou em se juntar a ele na Alemanha como seu tutor particular. Ele então prosseguiu para estabelecer a primeira grande escola medieval na Abadia de San Martim, próximo a Tours, onde entre outros assuntos ensinou astrologia. Ele provavelmente baseou seu curso no que conseguiu encontrar nos trabalhos de autores latinos sobre eclipses, cometas, planetas, fases lunares e outros fenômenos celestes. Alcuin citou o grande escritor africano Tertuliano: "A astrologia foi permitida somente até a época dos Evangelhos para que ninguém, após o aparecimento do Cristo, pudesse interpretar a natividade de alguém dos céus. Então os Magos ofereceram incenso, mirra e ouro ao Senhor Infante para marcar a passagem destas glórias e ritos do mundo, que o Cristo iria remover."⁹ O próprio Carlos Magno teve muito interesse pela astrologia e tinha um mapa dos céus feito sob a forma de uma "tabela celeste" em prata.

O primeiro "renascimento" que seguiu à restauração gradual do aprendizado na Europa foi totalmente em latim. Ele se iniciou nos séculos IX e X com a renovação das escolas nas catedrais. A astrologia se tornou uma "Arte Liberal", como parte do *quadrivium*. Apesar da ambivalência da Igreja ao aprendizado pagão, houve um interesse crescente no *quadrivium* em geral e na *astrologia* em particular no século XI e início do XII. Os estudiosos trabalharam com as antigas fontes latinas, e sua cosmologia veio principalmente de Macrobius, Boethius e do *Timeu* de Platão. Embora não estivesse satisfeita com o aprendizado pagão, e fosse consciente das restrições de Agostinho, a Igreja agora aceitava a astrologia desde que não ameaçasse a onipotência de Deus e o livre-arbítrio do homem.

Na época das Cruzadas, os estudiosos cristãos estavam totalmente conscientes da sua própria ignorância e da riqueza do aprendizado a ser adquirido dos seus inimigos muçulmanos. Ao escrever a respeito dos prognósticos da queda de Jerusalém em sua história da Primeira Cruzada, Guibert de Nogent observou, no século XII: "O conhecimento das estrelas é tão pobre e raro no Ocidente, como florescente por sua prática constante no Oriente, onde realmente se originou."¹⁰

Para compensar a deficiência, escritores enciclopédicos, como Hugh de St. Victor (1097-1141), sentiram-se obrigados a explicar o significado da astrologia a seus eruditos leitores.

A diferença entre astronomia e astrologia é que a astronomia trata das leis das estrelas e a astrologia é um discurso sobre as estrelas: *nomos* significa lei e *logos* significa discurso. Parece então que a astronomia trata das leis das estrelas e dos movimentos dos céus, as posições e os círculos, os cursos e o nascer e ocaso das constelações e por que cada um recebe este nome. A astrologia considera as estrelas em relação à observação do nascimento e morte e todos os tipos de outros eventos, e é parte natural e parte supersticiosa.¹¹

A confusão entre *nomos* e *logos*, astronomia e astrologia, continuou, e o termo *astrologia* foi utilizado para descrever os dois aspetos complementares, teórico e prático, da mesma inquirição. A astrologia enquanto *horoscopia* estava ligada por Hugh e outros à aruspicação e aos augúrios entre as artes mágicas. Medicina, herbalismo, geomancia, alquimia e astrologia estavam todos interligados naquela época. "Filosofia natural" e "magia natural" eram termos para o estudo empírico da natureza. Esta, revelava a mão de Deus, um livro que poderia ser lido por todos.

O interesse renovado pela astrologia criou uma demanda por textos astrológicos. Aconteceu também que o despertar de uma mente europeia coincidiu com o florescimento da civilização moura na Espanha e na Sicília. Foi lá que as traduções árabe e hebraica dos clássicos gregos e os trabalhos muçulmanos originais sobre a astrologia foram encontrados. A primeira pessoa a traduzir um desses trabalhos para o latim foi Lupitus de Barcelona. Ele foi contratado em 984 por Gerbert d'Aurillac, conhecido estudioso e o futuro Papa Silvestre II (999-1003). Educado na Espanha, Gerbert foi o primeiro a descobrir o *Mathesis* de Julius Firmicus Maternus. Em Roma, ele converteu parte do Palácio Luterano em observatório e houve rumores de que era um mago. [É bem possível que Gerbert tenha escrito o primeiro livro europeu sobre astrologia, o *Liber de Planetis et Mundi Climatibus*, publicado no início do século XI.]

No século XII o gotejar de trabalhos tornou-se um regato. Um crescente número de traduções do árabe estava circulando pela Europa. Estudiosos cristãos do Noroeste viajavam para os centros muçulmanos de aprendizado na Espanha e na Sicília em busca dos textos gregos e árabes. Para o desenvolvimento da astrologia europeia, as traduções-chave chegaram rápidas e furiosas: em 1120-30, Adelard de Barth traduziu as *Tabelas* de Al-Khwarizmi; em 1136, Hugh de Santalla trouxe à luz o *Centiloquium* (uma coleção de uma centena de aforismos astrológicos); e em 1140 Hermann de Coríntia traduziu o *Introductorium* de Abu Ma'shar, que se tornou a fonte árabe mais amplamente utilizada. Ptolomeu logo foi redescoberto: Platão de Tivoli traduziu o seu *Tetrabiblos* em 1138, e o prolífico tradutor Gerard de Cremona produziu uma versão do seu *Almagest* a partir do árabe em Toledo em 1175.

Instrumentos e Tabelas

Por volta do fim do século XII, os principais textos astrológicos da Antigüidade estavam disponíveis na Europa. A teoria da astrologia estava sendo construída sobre uma base firme. O necessário então eram alguns instrumentos e tabelas confiáveis.

A arte de montagem do calendário, e especialmente a data da Páscoa, era essencial para o ano litúrgico e agrícola — no campo e na Igreja. Embora não se saiba que ele tenha escrito sobre astrologia, Bede era a autoridade principal no que era conhecido como *computus* — isto é, a computação ou cálculo do calendário, em particular a data da Páscoa.

Não havia almanaques ou calendários. Havia ampulhetas e velas com marcações e até alguns relógios de água (*clepsidras*), mas estes não podiam dizer "por quanto tempo" (como um *timer* de cozinha) nem "quando" (como um relógio moderno). Sem relógios e calendários, as pessoas calculavam o tempo pelas posições do Sol e da Lua. Então Chaucer em seu Prólogo para os *Contos de Canterbury* pôde dizer que abril chegara com "suas bebidas curtidas" porque "o jovem Sonne teve no Carneiro a metade da sua parte". E como ele pôde afirmar isso? Olhando para o relógio de sol zodiacal em uma igreja ou prefeitura, como ainda pode ser visto na Antiga Corte do Queen's College, em Cambridge, na Prefeitura de Praga ou na parede do Observatório Real em Greenwich. O relógio de sol no Queen's College também é lunar, e foi pintado em 1733 para substituir um mostrador anterior que estava lá desde 1642.¹²

Estes relógios de sol datam pelo menos do século II a.C. e foram amplamente utilizados pelos gregos e pelos romanos. O princípio do relógio de sol era conhecido pelos chineses desde 2500 a.C. O ângulo do braço em relação ao horizonte deve ser o mesmo da latitude no qual o mostrador está disposto. Para saber o tempo pelo relógio lunar é necessário saber a posição angular da Lua em relação ao Sol. O signo do zodíaco pode ser lido no mostrador do Queen's College, observando-se a posição da sombra nas curvas de cor verde. Um verso antigo era utilizado para ajudar a memória:

O Carneiro, o Touro, os Gêmeos Celestes,
E depois o Caranguejo, brilha o Leão,
A Virgem e a Balança,
O Escorpião, o Arqueiro e a Cabra,
O Homem que verte o Pote de Água,
E o Peixe com escamas prateadas.

A sombra do Sol ao meio-dia diria onde o Sol estava no zodíaco. Mas, e a hora? Isto poderia ser lido pelo modo como a sombra caía sobre o mostrador durante o dia, e pelas posições das estrelas à noite. A partir do século XII o zodíaco apareceu em incontáveis "Livros das Horas", que continham um calendário das datas e horas das festas e das orações, e também dos salmos e das preces. Eles foram usados pelos clérigos e pelos leigos por toda a Europa.

O instrumento mais importante para o desenvolvimento independente da astronomia e da astrologia na Europa foi o astrolábio, que foi adquirido dos árabes no século XII. Eles, por sua vez, o tinham conseguido com os gregos. O astrolábio possibilitou a projeção da esfera observada dos céus sobre um plano. Era essencial para montar as tabelas dos corpos celestes, para observá-los e para descobrir a hora, as latitudes, altitudes e distâncias. Quanto ao horóscopo, ele fornecia observações precisas dos céus no momento do nascimento. Combinado com as tabelas, ele possibilitava ao astrólogo encontrar a posição do Ascendente e dividir o mapa nas 12 Casas.

Tabelas precisas eram essenciais. Em seu reino recentemente reconquistado dos mouros na Espanha, Alfonso X (1252-1284), rei de Castela e Leão, reuniu estudiosos muçulmanos, judeus e cristãos para montar e codificar os dados astronômicos existentes. O resultado, as *Tabelas alfonsinas*, permaneceu como trabalho padrão na Europa até ser revisto por Copérnico no século XVI.

Especialistas Medievais

Quase todos os estudiosos medievais que se interessaram pela astrologia eram homens ligados de alguma maneira à Igreja. Por isso tinham de se adaptar à atitude mantida por ela em relação a esta área de conhecimento. A primeira Igreja cristã lutava contra o que considerava uma idolatria paga e superstição. No século XII, Aristóteles se uniu a Platão como um filósofo respeitado, e pelos próximos duzentos anos a filosofia dos eruditos na Europa foi primordialmente aristotélica. A *astrologia* era aceita como parte da *ciência* juntamente com a alquimia e a medicina. Entretanto, como já vimos, a Igreja tinha um problema com seu determinismo implícito que parecia contaminar a doutrina cristã do livre-arbítrio e da responsabilidade moral. A formação física de uma pessoa poderia ser determinada pelas influências celestes, mas não sua consciência e sua vontade. Em 1277 o Bispo Estevão Tempier de Paris editou uma lista de 219 proposições heréticas, seis das quais claramente ligadas à astrologia:

- 143 Quanto aos diferentes signos nos céus, eles significam condições diferentes nos homens quanto aos seus dons espirituais e seus assuntos temporais.
- 161 Que os efeitos das estrelas sobre o livre-arbítrio estão escondidos.
- 162 Que nossa vontade está sujeita ao poder dos corpos celestes.
- 195 Que o destino, que é uma disposição universal, procede da divina providência não imediatamente, mas por mediação do movimento dos corpos celestes...
- 206 Que ninguém atribua a saúde e a doença, vida e morte, à disposição das estrelas e ao aspecto da fortuna, dizendo que se a fortuna lhe estiver bem aspectada, ele viverá, e, caso contrário, ele morrerá.
- 207 Que na hora da procriação de um homem em seu corpo e conseqüentemente em sua alma, que segue o corpo, pela ordem das causas superior e inferior, existe no homem uma disposição que inclui tais e tais atos e eventos. Isto é um erro, a menos que seja entendido como "eventos naturais" e "por meio de uma disposição".¹³

Em uma carta em 1272, Berthold de Regensburg resumiu a atitude típica de um clérigo em relação a astrologia: "Assim como Deus deu poder às pedras e ervas e às palavras, deu também poder às estrelas, que elas tenham o poder sobre todas as coisas, exceto sobre uma (...) É o livre-arbítrio do homem: sobre o qual nenhum homem tem autoridade, exceto ele mesmo."¹⁴

A astrologia foi aceita, embora com algumas reservas, pelas maiores mentes medievais conhecidas como os "Escolásticos". Sua filosofia os predis pôs a aceitar a influência dos corpos celestes, porém o cristianismo, com sua ênfase na onipotência de Deus e no livre-arbítrio, abafou seu entusiasmo.

Robert Grosseteste, bispo de Lincoln de 1235 a 1253, cuja diocese incluía a Universidade de Oxford, foi um grande estudioso que não só aprovou a astrometeorologia (previsão do tempo atmosférico segundo o estado dos céus), como usou a astrologia tanto na alquimia quanto na medicina. Em um dos seus primeiros livros, *Sobre as artes liberais*, escreveu: "A filosofia natural precisa da assistência da *astronomia* mais do que as outras, pois não existe sequer um, ou somente poucos, trabalho nosso ou da natureza, como por exemplo a propagação das plantas, a transmutação dos minerais, a cura das doenças, que pode ser retirado do alcance da *astronomia*. Pois a natureza inferior (*natura inferior*) não tem efeito, a menos que o poder celeste a modifique e a direcione

da potência para o agir."¹⁵ Grosseteste notou que os termos *astronomia* e *astrologia* ainda eram utilizados indiferentemente. Ao mesmo tempo, ele acabou rejeitando a astrologia imparcial e insistiu que o livre-arbítrio não estava subjugado às estrelas, mas somente a Deus.

Outros grandes pensadores medievais aceitaram a astrologia tanto quanto aceitaram a alquimia. Na verdade, eles acreditaram que a primeira era necessária para calcular o momento correto para os experimentos da última. Influenciado pelo renascimento do interesse em Aristóteles, que havia enfatizado a importância do método científico na busca do conhecimento, o filósofo inglês Roger Bacon (1214-1294), algumas vezes chamado de o primeiro cientista europeu, destacou a importância da experiência e da observação. Ele tentou romper num aspecto com Ptolomeu ao afirmar que a Terra não era o centro da criação, mas um pequeno planeta em um vasto universo. Bacon foi também um hábil astrólogo e aceitou totalmente o horóscopo das religiões, reproduzindo virtualmente as palavras de Abu Ma'shar na carta: "Os filósofos querem que Jove (Júpiter), em sua conjunção com outros planetas, signifique religião e fé." Como havia seis planetas, havia seis religiões principais: Júpiter com Saturno originou o judaísmo; com Marte, a "lei" caldaica; com o Sol, a "lei" egípcia; com Vênus, a "lei" dos sarracenos, que era "amante dos prazeres e da lascívia"; com Mercúrio, o cristianismo, "até que, finalmente, a 'lei' da Lua viria para perturbá-lo e esta seria a seita do anti-Cristo".¹⁶

Na parte IV, do seu *Opus Maius*, Bacon definiu a *astronomia* como a "astrologia prática" e prosseguiu para explicar as ambigüidades do termo "Casa" e as diferenças entre o zodíaco "fixo" utilizado pelos astrólogos, com suas divisões de 30° a partir do "primeiro ponto de Áries", e o zodíaco móvel, causado pela precessão dos equinócios. Sem dúvida relembrando suas fontes árabes, ele definiu as mansões lunares como "o espaço do zodíaco que a Lua atravessa em um dia" e apontou sua utilidade na previsão do tempo atmosférico e para o trabalho com os dias críticos na medicina. No *Secretum Secretorum*, seu trabalho sobre alquimia, Bacon reconheceu também o elo entre a geomancia e a astrologia. Admirou também o matemático Campanus de Novara (d. 1296), a quem mais tarde foi atribuído um novo método de divisão dos céus em 12 Casas.

Alberto Magno, cerca de 1193-1280, um monge dominicano de Colônia, e uma das maiores mentes da sua época, endossou totalmente tanto a astrologia quanto a alquimia. Ele leu Firmicus Maternus e Abu Ma'shar, e recomendou o *Almagest* e o *Quadripartitum* (*Tetrabiblos*) de Ptolomeu. Aprovou a astrologia na medicina, especialmente por selecionar momentos apropriados. Recomendou até a gravação de pedras com imagens astrológicas para acelerar os processos naturais. Não tinha certeza quanto a possibilidade de prever o futuro das vidas humanas individuais e acreditava que Jesus havia escapado inteiramente à influência das estrelas.

Seu discípulo mais conhecido foi Tomás de Aquino (1227-1274), que tentou reconciliar o novo aristotelismo com a fé católica em sua celebrada *Summa Theologia*. A posição de Aquino era típica dos professores mais ponderados: o corpo era influenciado pelas estrelas, mas a razão e a vontade, não. "Os astrólogos, em muitas coisas, podem fazer previsões verdadeiras, e isto especialmente em termos gerais; contudo, não em particular, pois nada impede que o homem resista às suas paixões por seu livre-arbítrio. Portanto, os próprios astrólogos dizem que 'o homem sábio é mestre das estrelas' (*sapiens homo dominatur astris*), visto que ele é o mestre das suas paixões."¹⁷ A frase tornou-se um lugar-comum na literatura astrológica medieval da época. O argumento de Aquino de que a razão é boa desde que seja mantida dentro dos confinamentos da fé também se tornou o dogma fundamental da Igreja em relação à ciência.

Graças à aceitação quase universal da física de Aristóteles, não surpreende que ele aceitasse a astrologia "geral" ou "natural" — isto é, a importância das influências celestes na meteorologia, medicina e alquimia. Aristóteles tornou a astrologia reconciliável com o cristianismo ao negar que os planetas eram deuses vivos; eram, sim, estágios pelos quais a inteligência criativa passava vinda das estrelas fixas para a Terra. Aquino foi então capaz de afirmar que, embora as estrelas regessem o corpo (propriedade da esfera sublunar), Deus regia a alma (propriedade dos céus). A partir desta distinção emergiu a visão de que a astrologia mundana (voltada para os eventos do mundo) era mais determinada ou "destinada" que a astrologia natal (que trata dos assuntos da alma e do livre-arbítrio). Aquino argumentou que como os grupos eram mais inclinados às suas paixões do que os indivíduos, eles eram mais suscetíveis à influência das estrelas.

O grande médico e alquimista espanhol Arnaldo de Villanova (d. 1313) era um adepto fervoroso da influência das estrelas na doença e na saúde. Seus trabalhos foram divididos em *Medica* e *Exótica*, com a última subdividida em *Chymica*, *Astronômica* e *Theologica*. Reivindicou que Hipócrates enfatizara que a astrologia era uma parte importante da medicina. Na verdade, as ciências gêmeas e interligadas da medicina e da astrologia eram ambas necessárias ao médico. Os astrólogos podiam aconselhar sobre as melhores épocas para as operações e a colheita e o uso das ervas. Típico da sua interpretação, que sem dúvida apressava a recuperação do paciente, era o julgamento: "Se o Ascendente estiver em um signo 'obíle' e a Lua no mesmo tipo de signo — a saber Áries, Câncer, Libra ou Capricórnio — e o Regente do Ascendente da mesma forma, a doença será rapidamente superada, para o bem ou para o mal." Contudo, Villanova deixou claro que as influências celestes necessariamente não determinavam, mas dispunham e se familiarizavam com todas as coisas no reino sublunar. Como Aquino, ele acreditava que os seres humanos, com sua razão e livre-arbítrio, poderiam superar a influência dos céus sobre suas paixões: "o homem sábio dominará as estrelas com sua racionalidade" (*vir sapiens dominabitur astris sua rationabilitate*).¹⁸

Dante em seu *Inferno* (Canto XX. 118) mencionou Michael Scot, "que conheceu verdadeiramente o jogo das fraudes mágicas". Nascido provavelmente na Escócia no fim do século XII, ele se tornou um estudioso do hebraico e do árabe e também profundamente versado no aprendizado do latim. Por volta da década de 1220, ele era conhecido o suficiente para lhe ser oferecido o arcebispado de Cashel, do qual declinou por não conhecer o irlandês. Em vez disso, desceu para a Sicília, recentemente retomada pelos mouros, e tornou-se *astrologus* da corte de Frederico II, um grande diletante das ciências ocultas. Em 1235, Frederico se casou com Isabela, irmã de Henrique III da Inglaterra, mas, como registrou Matthew Paris, "ele se recusou a conhecê-la carnalmente até que a hora propícia fosse determinada pelos astrólogos".

Enquanto era empregado de Frederico, Michael Scot escreveu vários trabalhos sobre astrologia, incluindo o amplamente aceito *Liber Introductorius*, destinado a "iniciantes e àqueles não prejudicados pela inteligência". O *horologium* (provavelmente um relógio de sol) e o astrolábio (utilizado à noite), ele escreveu, eram essenciais para estabelecer a hora e o Ascendente e para calcular as Casas. Fez descrições das constelações e dos planetas, e também um relato sobre as casas planetárias e as casas mundanas. Incluiu os nodos da Lua, *caput draconis* (cabeça do dragão) e a *cauda draconis* (cauda do dragão) na listas dos planetas. As mansões lunares também são mencionadas. Bem ilustrado e detalhado, seu trabalho oferece um bom resumo da astrologia medieval.

Três linhas após a referência a Michael Scot em *O inferno*, Dante menciona o astrólogo italiano Guido Bonatti (a. 1210). Ele está entre os adivinhos que estão sendo punidos por tentarem perscrutar o futuro (que pertence somente a Deus), com suas cabeças voltadas para trás sobre seus próprios ombros para fazê-los ver o passado. Contudo, Bonatti confirma o importante elo entre a astrologia e a medicina na Idade Média, pois seu nome aparece em uma lista de professores na Universidade de Bolonha, uma das escolas de medicina mais antigas na Europa. O professor de *astrologia* ensinou num curso de quatro anos que os estudantes de medicina eram obrigados a freqüentar. O tratado de 12 livros de Bonatti, *De Astronomia* (*astrologia* e *astronomia* ainda eram usados indiferentemente) resumia o assunto na época, incluindo as "revoluções" (progressões) e predestinações. Continha também a confusão comum sobre a divisão das Casas. O seu *Liber Astronomicus* era considerado como um trabalho suficientemente clássico por Henrique VII da Inglaterra para merecer uma edição de luxo em sua biblioteca duzentos anos mais tarde.

Como vários astrólogos, Bonatti prestava serviços a alguém — no seu caso, o nobre italiano Guido de Montefeltro. A história diz que ele deveria montar uma torre na praça em Forlì com seus livros e o astrolábio para decidir o momento em que seu patrão deveria marchar com seu exército contra seus inimigos.

Não é certo que o contemporâneo de Bonatti, Campanus de Novara, realmente desenvolveu o método de divisão das Casas que se tornou associado ao seu nome. O método imaginava um grande círculo passando pelo zênite (o ponto imediatamente acima da cabeça do observador na Terra), formando ângulos retos com o meridiano. Este círculo e o meridiano cortam a esfera usada no horóscopo em quatro quadrantes, divididos então cada um em três por círculos que se interceptavam nos pontos Norte e Sul do horizonte. Como resultado, os pontos de início (cúspides) das Casas desiguais eram os graus da eclíptica cortada por estes círculos.

A Mestria das Estrelas

Por volta do século XIV, papas, bispos, reis e príncipes, todos tinham seus astrólogos. Quando a Peste Negra chegou à Europa em 1347 e a dominou por três anos, muitos acreditaram que era o resultado das configurações dos planetas na época. A Faculdade Médica da Universidade de Paris registrou para o rei em 1348:

A 20 de março de 1345, à uma hora da tarde, ocorreu uma conjunção de Saturno, Júpiter e Marte na casa de Aquário. A conjunção de Saturno e Júpiter causou notoriamente a morte e o desastre, enquanto a conjunção de Marte e Júpiter espalhou a pestilência no ar (Júpiter, sendo quente e úmido, calcula-se que tenha lançado vapores malignos da terra e da água, que Marte, quente e seco, então acendeu em um fogo infectante). Obviamente, a conjunção dos três planetas só poderia significar uma epidemia em escala cataclísmica.¹⁹

Entretanto, o crescente interesse na astrologia nem sempre protegia pessoalmente os astrólogos da raiva da Igreja, se eles ultrapassassem o limite. Cecco d'Ascoli, astrólogo e alquimista na corte de Florença que fazia conferências em Bolonha, foi queimado na fogueira como herege em 16 de setembro de 1327 por levantar o horóscopo de Cristo e deduzir o aspecto inevitável da crucificação. Sua heresia foi primordialmente pelo seu trabalho sobre necromancia, mas ele também aplicou sua astrologia à vinda do anti-Cristo e ao fim do mundo, que foi demais para o Vaticano. D'Ascoli acreditava que a astrologia era o modo mais confiável de conhecer o futuro — melhor que a magia e a divinação — e que ela tornava o homem divino como os anjos. Ela até ajudava o médico a curar as causas e conseqüências de uma doença mesmo sem ver o paciente!

Embora a Idade Média tenha se iniciado com a ausência virtual da astrologia no Ocidente, ela acabou sendo aceita amplamente, apesar de algumas restrições. A primeira

metade do século V foi a grande era do ilustrado "Livro das Horas". Um dos melhores é o *Três riches heures*, do Duque de Berry, que muitas vezes é utilizado para ilustrar os livros modernos de astrologia. Embora primordialmente voltado para o calendário, ele contém uma bela representação do "homem zodiacal" inspirado pela astrologia médica.

Os signos do zodíaco também estavam nos vitrais de igrejas e catedrais. Eram talhados na madeira e na pedra em arcos, tímpanos e misericórdias. Em Vézelay, eles envolvem a figura do Cristo no tímpano acima da porta central. Novamente, a intenção maior era mostrar o Cristo, como Mitras antes dele, como Senhor do Tempo, porém as associações astrológicas não passavam despercebidas por aqueles que as conheciam.

No século XV, os Papas Pio II, Sisto IV e Alexandre VI tiveram grande interesse na astrologia. O Papa Sisto IV pediu a Regiomontanus (Johann Muller, 1436-1476), autor das tabelas astrológicas conhecidas como *Efemerides* e ligado à corte do rei da Hungria, que reformasse o calendário. Ele não somente antecipou as descobertas de Copérnico, como inventou uma nova maneira de dividir o céu em Casas desiguais que é utilizado ainda hoje. O seu novo sistema de Casas dividiu o quadrante entre o horizonte e o meridiano. Ele marcou 12 círculos que representavam as Casas ao longo do equador celeste. As cúspides eram então indicadas pelos graus da eclíptica cortada por esses círculos.

Contudo, a aceitação da Igreja permaneceu restrita. O Bispo Nicole Oresme (1320-1382), que tinha ensinado teologia em Paris, permaneceu tipicamente cauteloso. Escreveu um pequeno trabalho em latim, *Tractatus Contra Judiciários Astrônomos*, que foi ampliado para um trabalho em francês chamado *Livre de divinations* (1361-1365). Em um de seus casos deturpados, ele mistura astrologia com parricídio, porém, pelo menos reconhece a importância do Egito em suas origens: "Nectanebus, rei do Egito, entrou à força na Macedônia com 14 nações em rebelião e mais tarde quis ensinar astrologia ao Rei Alexandre que, dizem, era seu filho. Alexandre deu-lhe um soco e ele caiu e quebrou o pescoço. Por isso teria melhor servido a ele ter olhado para a Terra e não para o céu."²⁰

Embora Oresme aprovasse com restrições os eventos que derivavam das principais conjunções e os prognósticos médicos, ele argumentava que a parte que pertencia à "sorte", e mais especificamente aos aniversários, não era confiável. Em si mesma, "ela não está além do conhecimento no que diz respeito à questão do caráter e inclinação de uma pessoa nascida em determinado momento, e não é possível saber a sorte e as coisas que podem estar por trás da vontade humana".²¹ Trata-se da antiga advertência: a astrologia é aceitável desde que não interfira na vontade e na onipotência de Deus. Era aceitável desde que se importasse somente com os eventos ocorridos no céu, sem quaisquer relações com a Terra. Então: *Sapiens homo dominabitur astris* — o homem sábio será mestre das estrelas.

31

Renascimento

A astrologia é o mais elevado dos ramos do conhecimento porque trata das coisas celestes e do futuro, cujo conhecimento é não somente divino, mas também muito útil.

GIROLAMO CARDANO

NO PALÁCIO DE UFFIZI EM FLORENÇA ESTÁ PENDURADO UM MAGNÍFICO QUADRO DE Botticelli chamado *Minerva* ou *Primavera*. Na gruta escura de cor laranja, com o chão coberto de flores, Zéfiro persegue e agarra Flora, que tem flores saindo de sua boca. Flora é transformada por Zéfiro em uma Hora da Primavera grávida, cuja veste diáfana é bordada com flores. Uma Vênus pensativa está entre eles. À esquerda, as três Graças dançam de mãos dadas.

O quadro inteiro forma uma alegoria brilhantemente executada, uma celebração do poder da natureza e dos mitos antigos. Porém a figura mais enigmática e poderosa está à direita. Com sandálias aladas, ele volta as costas para as Graças e aponta a mão direita, que segura um caduceu para os céus, lembrando-nos de nossas origens e destinos celestes. Ele é Mercúrio, o deus romano dos viajantes; ele é Hermes, o mensageiro grego dos deuses; ele é Thoth, o deus egípcio da sabedoria. No coração da Renascença, no coração da cristandade, o antigo pai da astrologia detém o controle.

É costume dizer que a Renascença teve início com a descoberta do antigo aprendizado, após a conquista de Constantinopla pelos turcos em 1453. Porém, como vimos, as obras gregas e romanas de filosofia e ciência se infiltraram por séculos na Europa a partir das traduções árabes. Desde o século XIV havia um movimento em marcha que finalmente conduziria à separação da teologia e da filosofia e da metafísica e da ciência na chamada Revolução Científica dos séculos XVI e XVII. A astrologia, unindo ambas as tradições, foi inevitavelmente capturada no torvelinho intelectual.

No século XV na Europa, os horóscopos das crianças de família abastadas eram levantados como questão obrigatória. A astrologia também interessava aos novos literatos. Um bom exemplo do crescimento da literatura astrológica é o *Kalendar and Compost of Shepherds*. Impresso em Paris em 1493 e em Londres em uma tradução para o inglês em 1506, somente meio século mais tarde após ter sido inventada a arte da imprensa, o trabalho contém xilogravuras maravilhosas. Um bom resumo da tradição astrológica medieval foi colocado na boca dos pastores, incluindo os versos traduzidos por volta de 1518:

Saturno é o mais elevado e mais frio sendo totalmente mau,
E Marte com sua espada sangrenta, sempre pronto para matar;
Júpiter muito benéfico, e Vênus faz os amantes felizes,
Mercúrio é bom, e verdadeiramente maléfico.¹

Marsilio Ficino e os Raios Estelares

Embora não fosse novidade, houve sem dúvida uma nova onda de interesse durante o Renascimento a respeito da antiga Grécia e Egito, especialmente na Itália. Os estudiosos italianos procuraram no estoicismo a noção da simpatia cósmica, no neoplatonismo a crença na imortalidade da alma e nos pitagóricos a Harmonia das Esferas e a numerologia sagrada. O notável intelectual Marsilio Ficino (1433-1499) apegou-se a esta tradição. Sob a proteção de Lorenzo de Medici em Florença, a quem dava conselhos astrológicos, Ficino montou uma escola baseada no modelo da Academia de Platão, que inspirou o quadro de Rafael *A Escola de Atenas*, no Vaticano. Como os filósofos platônicos, ele acreditou que "a alma do mundo por motivo pessoal havia concebido formas além das estrelas no céu. Elas possuíam a mesma substância da qual as próprias estrelas eram formadas, e a alma do mundo imprimira suas propriedades em todas elas. Cada tipo de criação inferior, com suas propriedades, está contido nas estrelas, nas formas, nas partes e *em suas propriedades*".²

Ficino estava traduzindo um trabalho de Platão quando Medici lhe pediu que olhasse um texto em grego recentemente descoberto. Fascinado por este novo documento, Ficino deixou de lado o texto de Platão e pegou a pena para traduzir o *Corpus Hermeticum*, que estava circulando com o latino *Asclepius*. A antiga sabedoria do Egito estava emergindo novamente no centro da cristandade. Para Ficino, os escritos herméticos não somente pareciam de acordo com o cristianismo, como confirmavam sua visão da dignidade do homem.

Ficino era profundamente interessado em astrologia, e suas leituras incluíam Abu Ma'shar, o *Centiloquium*, Bonatti, Campanus e Ptolomeu entre outros. Manilius tinha sido redescoberto em 1416 e o trabalho de Firmicus Maternus também estava disponível. Quando jovem, Ficino tinha questionado as reivindicações da astrologia divinatória no trabalho não terminado *Disputatio Contra Iudicium Astrologorum*, porém em seu trabalho posterior expressou algumas apreensões a respeito da influência dos céus sobre os eventos físicos na Terra. Foi, entretanto, a *iatromathematica* — a medicina astrológica — que mais o atraiu, pois expressava a crença hermética na correspondência entre o céu e a Terra e a visão do homem como microcosmo do universo. Ele afirmou: "Se Galeno é o médico do corpo, então Platão é o médico da alma."³

"Se você valoriza sua vida, tomará remédios aprovados pelos céus. Confirmado com certeza por apoio celeste", escreveu Ficino em 1489. Ele acreditou que uma composição particular de ervas e vapores feita primeiro pelas artes da medicina e depois pelos astrólogos produziria "uma combinação — uma harmonia por assim dizer — dotada das propriedades das estrelas".⁴

Em sua *Theologica Platônica*, escrita em 1486, Ficino seguiu seu "divino Platão" e apresentou o universo como um organismo gigantesco, vibrante, no qual as estrelas eram a fonte das forças ativas na matéria, plantas e animais. Jove, a única alma de toda a criação, "colocava as almas que partilhavam a inteligência nas partes mais puras das esferas, isto é, as estrelas e os planetas, que eram também chamados de deuses. Nas regiões ígneas ele colocou os demônios e os heróis do fogo. No ar puro, os espíritos aéreos; no ar obscuro, demônios e heróis aquáticos". O todo se encontrava unido por uma grande Cadeia de Seres: "Todas as inteligências (...) estão tão interligadas que, começando com Deus que é o cabeça, elas prosseguem em uma cadeia longa e ininterrupta, e todos os seres superiores lançam seus raios para baixo até os inferiores."⁵

Ficino era músico, cantor e tocava lira. Lembrando-se da antiga doutrina da Harmonia das Esferas, ele argumentou que as estrelas e os planetas forneciam uma harmonia celeste, cujas partes podiam ser incorporadas na música: "Então, a partir dos tons escolhidos de acordo com o comportamento padrão das estrelas, e depois dos tons combinados para produzir a harmonia entre estas mesmas estrelas, surgiu um padrão comum e deste padrão emerge um tipo de poder celestial." Como era de se esperar, ele atribuiu sons tristes e melancólicos a Saturno, dissonantes e ameaçadores a Marte. As harmonias de Júpiter, pelo contrário, eram melodiosas e alegres, e as canções atribuídas a Vênus passavam um prazer sensual por serem "devassas e lânguidas". Mercúrio, leve e vigoroso, situava-se entre os extremos.⁶ Essas composições eram essenciais para a condução de cerimônias mágicas. Mais tarde encontraram sua expressão suprema no magnífico trabalho de Holst, *Os planetas*.

Como os corpos celestes influenciavam os eventos na Terra? Ficino acreditava que as estrelas emitiam raios que penetravam na matéria e imprimiam características sobre as coisas que tocavam ou atravessavam. Em seu *Liber de Vita* (1489) escreveu: "A imensa extensão dos céus, seu poder e seu movimento significam que cada raio de cada estrela penetra na massa da Terra (que é como uma insignificância no céu), e em um momento e com a maior facilidade percorrem seu caminho até o centro." Baseou sua caixa de magia talismânica nisto: se os raios estelares penetravam em toda a Terra, eles também penetravam nos metais e nas pedras preciosas quando gravadas com imagens deles, que então conservavam seu poder. O poder celestial podia então ser conduzido e canalizado para talismãs, palavras e canções. Por exemplo: "Para lutar contra uma febre esculpe-se Mercúrio em mármore, na hora de Mercúrio, quando ele está ascendendo na forma de um homem que segura flechas."⁷ E por intermédio de qual veículo as propriedades dos corpos celestes nos afetavam? Elas entravam em nosso corpo via nosso espírito.

Condizente com suas simpatias neoplatônicas e herméticas, Ficino pensava que quanto mais transformássemos o corporal em espiritual, mais poderíamos escapar das influências físicas dos corpos celestes: "A força do destino não penetra na mente, a menos que a mente esteja de acordo e tenha primeiro submergido no corpo, que está sujeito ao Destino (...) Cada alma deve se afastar do empecilho do corpo e tornar-se centrada na mente, pois então o destino descarregará sua força sobre o corpo sem tocar a alma."⁸

Pico e a Dignidade do Homem

Outro erudito destacado na Renascença italiana, o Conde Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) trilhou um caminho diferente. Morreu com trinta anos em 1494, porém em sua curta vida ficou conhecido pelo seu nascimento nobre, herdou riquezas e uma boa aparência, e também pelo seu intelecto penetrante. Ainda jovem, dominou o árabe e o hebraico e mergulhou na Cabala. Apareceu em Roma em 1486 e anunciou publicamente cerca de novecentas teses que tratavam de lógica, matemática, física e teologia, que propôs defender contra todos os que se apresentassem. Apesar de seu berço aristocrático, ele se tornou amigo de Girolamo Savonarola, o tormento da decadência florentina. Pico é mais conhecido pelo seu *Discurso sobre a dignidade do homem*, no qual definiu o homem não somente como um microcosmo do universo, mas como o *magnum miraculum* (o grande milagre).

Após descobrir a Cabala, Pico tentou usar a tradição mística para apoiar o cristianismo, uma tentativa condenada pelo Papa Inocêncio VIII. Sempre em busca de uma

controvérsia, em uma época na qual os astrólogos estavam em moda na corte, ele lançou uma reação contrária em 12 livros, *Disputationes Adversus Astrologiam Divinatricem*, que dedicou ao papa.

Entretanto, o celebrado ataque de Pico não visava todos os aspectos da *astrologia*. Como Aquino, ele fez uma distinção entre a astrologia natural e a judiciária, e desejava limpar a verdadeira astrologia e magia de seus acréscimos supersticiosos. Embora não se referisse a ela em seu tratado, ele teria aceitado com reservas a astrologia "física" ou "natural", que previa os fenômenos naturais como marés e eclipses. Foi a "astrologia divinatória" que ele atacou, o tipo de astrologia judicial que buscava prever fatos através das estrelas: mapas natais, progressões, eleições e interrogações. Além de enfatizar os desacordos entre astrólogos, a principal investida do ataque de Pico era que "o astrólogo consulta signos que não são signos e examina causas que não são causas".⁹ Destacou que os astrólogos eram incapazes de estabelecer as divisões em minutos do zodíaco e que basear uma progressão no princípio de "um grau por ano" era um absurdo. Não conseguia compreender por que as diferentes regiões do céu deveriam produzir efeitos diferentes na Terra. Quanto às "grandes conjunções", os raios estelares poderiam afetar as coisas abaixo, mas como poderia haver a possibilidade de afetarem uns aos outros? Como não podiam, os aspectos entre os planetas não tinham significados. Resumindo, se os astrólogos não conseguiam distinguir os fatos maiores, como poderiam confiar nos menores?

Pico focalizou ainda os desacordos entre os astrólogos quanto à divisão das Casas (Campanus contra Regiomontanus), a importância relativa da concepção e do nascimento (mencionada por Ptolomeu) e as diferentes influências das estrelas fixas. Levantou a questão da possível influência de planetas desconhecidos. Observou que a precessão dos equinócios significava que "o primeiro grau de Áries" não estava mais em Áries, o que era motivo de escárnio do zodíaco fixo usado pela maioria dos astrólogos. Então, havia o problema das tabelas imprecisas e a dificuldade de afirmar com certeza "a hora do início" e a condição exata dos céus no momento. Finalmente, admitiu que algumas vezes os astrólogos prediziam o que de fato acontecia. "Mas como boa parte das previsões não acontece", perguntou, "por que não poderíamos pensar que as previsões aconteciam por acaso? (...) quase sempre as linhas da mão, as marcas da geomancia e a posição dos planetas, não vão dizer a ele a mesma coisa."¹⁰

A principal preocupação de Pico era restaurar a liberdade da vontade e a autonomia da mente. Ele buscou separar a astrologia da medicina e voltar esta última para a ciência. Acima de tudo, desejou reformar a filosofia erradicando a astrologia desenvolvida pelos caldeus e egípcios como uma concepção geral da realidade da Árvore do Conhecimento. Desta supressão severa, ele dispensou a "magia natural", não no sentido da necromancia

na qual se trabalhava com demônios, mas como "a parte prática da ciência da natureza, que somente nos ensina a atingir trabalhos admiráveis por meio de forças naturais".¹¹ O ataque de Pico foi sem dúvida devastador e atormentou a mente dos astrólogos que foram seus contemporâneos, e ainda hoje deve ser considerado.

Girolamo Cardano e a Inquisição

Em grande parte os dominicanos e os franciscanos apoiaram a astrologia. Até os jesuítas, a ordem mais poderosa e intelectual durante a Renascença, eram ativos. Entre os papas, Júlio II (1505-1513) utilizou a astrologia para decidir o momento mais auspicioso para ter sua própria estátua erigida, enquanto Paulo III (1534-1549) consultava regularmente os astrólogos para saber os melhores momentos para realizar suas audiências.

Um astrólogo que entrou em choque com a Inquisição foi o brilhante médico e matemático italiano, Girolamo Cardano (1501-1576). Entretanto, após ter sido solto da prisão por motivo de heresia, Cardano viveu seus últimos anos com uma pensão dada pelo papa. Quanto à astrologia, foi um escritor prolífico. Em sua visão: "A contemplação da astrologia é bela em si mesma, uma compreensão de como as coisas inferiores estão ligadas com as superiores. Sua utilidade é conhecer o futuro e ser capaz de tomar precauções antecipadas." Considerou a astrologia como "mais benéfica e mais divina" que qualquer outro ramo de estudo porque nos instruía a respeito do curso das estrelas e dos "próprios deuses".¹² Englobava todas as artes que nos ensinam como descobrir o futuro, principalmente a agricultura, navegação, medicina, fisiognomonia, interpretação dos sonhos e magia natural.

Cardano estava claramente indo longe demais quando se referiu a "deuses" e não a Deus. O renascimento do hermetismo e um interesse na antiga sabedoria do Egito trouxeram mais uma vez o espectro do paganismo. Mas, em 1586, um homem que fora agricultor e agora era o Papa Sisto V editou uma bula proibindo a astrologia que não fosse uma "astrologia natural" (previsões relativas à agricultura, à arte da navegação e à medicina). A astrologia judicial (natal, horária e eletiva) era considerada uma negação do livre-arbítrio e uma afronta a Deus. Em sua bula, *Coeli et Terrae*, o Papa Sisto V zangou-se com os *mathematici* que "empregavam um conhecimento inútil e falso dos planetas e das estrelas, e com a maior das audácias se ocupavam agora antecipando uma revelação dos arranjos de Deus para as coisas". Este tipo de divinação vinha do demônio.

Sem dúvida, os astrólogos tinham de se conduzir com cuidado. Em sua resposta à bula papal, o Dominicano Tommaso Campanella (1568-1639) observou que ela perseguia os astrólogos com mais hostilidade dos que os heréticos e os cismáticos. Ela até os excomungava, retirando toda a sua autoridade, e os punia com a sentença de morte. Campanella sustentou que os astrólogos não estavam oferecendo um determinado conhecimento do futuro, mas que baseavam sua arte nos princípios físicos: "A astrologia atesta as causas, com os corpos celestes trabalhando sobre o mundo abaixo como causas universais dos tempos e das coisas temporais. É isso que nos diz a experiência." Ciente da oposição, ele editou o seu trabalho sobre astrologia em 1629 em Lyon com o título: *Os seis livros de astrologia de Campanella da Ordem dos Pregadores, no qual a astrologia — e do qual toda a superstição dos árabes e judeus foi eliminada — é ilustrada sobre os princípios físicos segundo a Sagrada Escritura e os ensinamentos de Santo Tomás e São Alberto e dos grandes teólogos, de tal forma que pode ser lida com grande benefício sem cair sob a suspeita da Igreja de Deus.*

Campanella argumentou que os princípios físicos da astrologia demonstravam que "as estrelas trabalhavam nas coisas inferiores através do calor, luz, movimento e aspecto". Sem esquecer a crítica de Pico, insistiu que era absolutamente necessário estar seguro do grau e do minuto do horóscopo. Estava igualmente atento ao fato de a precessão dos equinócios significar que o equinócio vernal começava em Peixes, embora os astrólogos ainda o chamassem de "primeiro grau de Áries". Talvez sua idéia mais importante tenha sido sua resposta para aqueles que, como Copérnico, achavam que o Sol e não a Terra estava no centro do universo. Longe de ouvir os sinos fúnebres dobrarem pela astrologia, argumentou que o que importava era a posição relativa dos planetas e as suas distâncias angulares vistas da Terra: "Se o Sol se move ou fica parado, supomos um planeta que se move à nossa volta considerando a matéria por meio dos nossos sentidos e da nossa descrição; pois o mesmo acontece se ele se move ou a Terra."¹⁴ Quanto aos planetas, sentia que todos eles eram propícios por si próprios, mas alguns podiam ser favoráveis e outros maléficos, "assim como um fogo pequeno é útil e um fogo grande, um aborrecimento". Com esta base, os planetas maléficos (Saturno e Marte) eram "úteis para cobras, os assuntos hostis a nós e para os povos bárbaros que abandonavam sua posição humana".¹⁵

Ironicamente, Campanella conduziu uma cerimônia mágica no Palácio Laterano em benefício do Papa Urbano VIII, que se sentiu ameaçado pela aproximação de um eclipse lunar. Em um belo resumo da magia astral da Renascença, ele recomendou que, para as três horas antes e as três horas depois do eclipse, a pessoa deveria:

Primeiro sinta cada dor comedidamente, segundo a razão e tão próximo de Deus quanto possível, dedicando-se a Ele por meio de orações e rituais sagrados. Segundo, feche sua casa inteira para que o alento de ninguém possa nela entrar. Borrife a casa com vinagre de rosa e incense com odores aromáticos. Acenda um fogo e queime nele louro, murta, alecrim, cipreste e outras madeiras aromáticas. Não há algo mais poderoso que isto para dissipar as operações venenosas no céu, mesmo que sejam administradas pelo demônio. Terceiro, decore a casa com panos de seda branca e ramos de feto. Quarto, acenda duas velas e cinco archotes para representar os planetas, a fim de que seus lugares possam estar preenchidos na Terra no momento em que estiverem ausentes do céu (...) Faça representações dos planetas com uma mistura de substâncias aromáticas, e tendo feito cópias dos 12 signos do zodíaco (segundo os princípios da filosofia e não das superstições que as pessoas comuns acreditam) você pode prosseguir (...) Quinto, tenha com você amigos e associados cujos horóscopos não estiveram sujeitos ao mal de um eclipse (...) Sexto, faça as pessoas tocarem músicas pertencentes a Júpiter e Vênus no ambiente para que possam romper o caráter maligno da atmosfera (...) Sétimo, como os símbolos de cada estrela estão em pedras, plantas, cores, odores, música e movimentos (...), providencie aqueles que atraem as estrelas benéficas e aqueles que fazem fugir as estrelas maléficas. Os licores destilados sob as influências planetárias deverão ser ingeridos, pois possuem muito poder.¹⁶

Paracelso e Calvino

Enquanto isso, no Norte da Europa, o teólogo e humanista alemão Erasmo (1469-1536) estava preparado para aprovar a astrologia e também a alquimia. O protestante revolucionário Paracelso (1493-1541), lembrado como pai da farmacologia, foi um médico e alquimista que usou a astrologia como parte essencial de suas curas.

Paracelso nomeou o princípio universal que regulava todo o universo de *Magnale-Magnum* e afirmou a correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo. Acreditou que o homem era composto de três princípios — Mercúrio, Sal e Enxofre —, que Hermes chamou de espírito, alma e corpo. Havia também constelações, estrelas e planetas (*astra*) em nossos corpos, e também nos céus, e os dois precisavam estar em harmonia para haver uma saúde boa. "Pois, o que há de mais nobre em um médico", perguntou ele, "do que o conhecimento da concordância dos *astro*." — pois ali está a base de todas as doenças."¹⁷

Como os antigos gregos, Paracelso associou os principais órgãos do corpo aos sete planetas, e se um organismo estava fora de equilíbrio, a influência do seu planeta

correspondente deveria ser ativada para trazer a restauração. Segundo Paracelso, o Sol governava o coração; a Lua, o cérebro; Vênus, os vasos; Saturno, o baço; Mercúrio, o fígado; Júpiter, os pulmões; e Marte regia a vesícula. Para atingir a cura, ele insistia que tanto o momento astrológico deveria ser observado quanto a dosagem correta do remédio, ou erva, adequado.

A maioria dos reformadores protestantes era bem menos ligada à astrologia, em parte, sem dúvida, sua associação com a decadência católica. Girolamo Cardano publicou o "horóscopo verdadeiro" de Martinho Lutero datado de 22 de outubro de 1483, no qual anotou: "Marte, Vênus e Júpiter estão agrupados próximo da estrela Spica, logo abaixo do horizonte. Através desta combinação pode-se discernir o poder real sem os adornos da realeza (porque estes planetas estão abaixo da Terra). Isto se refere à religião."¹⁸ Embora Lutero criticasse a astrologia, seu amigo íntimo Melanchthon era um defensor leal, especialmente da medicina astrológica. No seu *Initia Doctrinae Physicae* (1549), ele argumentou que "grande parte das suas qualidades dignas de nota quanto ao temperamento são tão boas como más, e têm sua origem nas estrelas". Consultando as tabelas de Pico, ele destacou o caso de duas crianças que herdaram as características físicas dos pais, embora possuísem saúde e extensão de vida bem diferentes. A causa disto deveria ser encontrada nas estrelas. Mas ele não excluiu Deus do cenário: "A natureza governa grande parte, mas não tudo. Não se deve retirar Deus do governo astrológico, mas declarar que Ele modera várias tendências que se originam com as estrelas e orar a Deus que auxilie aquelas que são boas e suprima as que são ruins."¹⁹

O reformador protestante francês Jean Calvino (1509-1564) não concordava com qualquer um destes pontos. Rejeitou a astrologia judicial como uma "superstição satânica" e reconheceu que: "Todos os corpos terrenos e (deixe-me falar em termos gerais) todos os corpos inferiores possuem algum tipo de afinidade com o curso das estrelas e daí derivam algum tipo de característica que os distingue." Aceitava a "astrologia natural", que mostrava como os corpos inferiores — as ostras e os mariscos — cresciam e minguavam conforme as fases da Lua, e a medicina astrológica, que revelava aos doutores o momento oportuno para retirar o sangue e prescrever os remédios. Mas não aceitava nada da astrologia judicial que investigava o que iria acontecer a um indivíduo.

O caso de Calvino era baseado em duas objeções principais. Primeiro, se duas mulheres concebiam e davam à luz exatamente no mesmo momento, as vidas diferentes das suas proles mostrariam inevitavelmente que a hereditariedade era mais importante que a influência das estrelas. Segundo, se sessenta mil homens morressem em uma única batalha, isto significaria que todos tinham o mesmo horóscopo? Isto era patentemente um absurdo. Calvino foi então forçado a concluir: "Desde a Antigüidade, a mente das pessoas

vem sendo invadida por algo semelhante a uma doença contagiosa, devastadora — a tola ansiedade de predizer, por meio da posição do céu e das estrelas, o que vai acontecer a alguém e qual será o destino de cada ser que nasce."²⁰ O mesmo argumento reaparece nos ataques modernos à astrologia que empregam uma linguagem vituperiosa.

O Mago Inglês

A despeito das vozes ambíguas que vinham do Vaticano e da desaprovação generalizada dos reformadores protestantes, as cortes recebiam bem os esclarecimentos astrológicos dos grandes matemáticos, astrônomos e filósofos da Renascença. Girolamo Cardano traçou o horóscopo de Eduardo VI da Inglaterra. O conhecido John Dee (1527-1608), brilhante matemático, navegador, alquimista e agente secreto, era astrólogo da corte de Elizabeth I. Previu um destino terrível para Maria, rainha dos escoceses, e escolheu a data da coroação de Elizabeth para que fosse "abençoada pelos céus".

Homem alto e magro, de aparência delicada, Dee deixou crescer mais tarde uma longa barba branca, o que enfatizou sua reputação de mago. Foi consultado a respeito da decisão do Papa Gregório XIII em 1582 quanto a corrigir o erro de dez dias no calendário, mas sua recomendação para adotar a reforma foi adiada por 170 anos, por causa da intervenção de alguns bispos anglicanos que eram suspeitos a Roma. Dee era amigo de Gerald Mercator, que inventou a projeção do mapa que leva seu nome e deu conselhos admiráveis sobre o melhor momento para lutar contra a Armada espanhola.

Dee foi um homem de grande erudição que fez uso total do novo aprendizado da Renascença. Sua biblioteca em Mortlake era a melhor da Inglaterra na época e continha pelo menos cinquenta trabalhos astrológicos que incluíam os melhores autores. Sua astrologia era baseada na influência dos raios estelares na Terra e na computação da sua força relativa emitida em momentos e lugares diferentes. Recordando Ptolomeu, ele argumentou: "Cada semente (*sêmen*) tem potencialmente em si mesma toda a imutável ordem de cada ato da geração, a ser desdobrada na maneira pela qual a natureza do local daquele que concebe e o poder do céu próximo que está acima, trabalham e conspiram juntos."²¹ A astrologia de Dee não o impediu de ser um dos primeiros defensores da teoria de Copérnico do universo heliocêntrico; mas, na verdade, isto estava de acordo com os seus interesses herméticos.

Dee acreditava que forças ocultas trabalhavam na natureza e que os demônios do mundo espiritual poderiam fornecer a chave para os segredos do universo. Quando Edward Kelly, um pretenso e persuasivo alquimista, porém de reputação duvidosa e que tinha as

orelhas cortadas, chegou em sua casa, ele começou a fazer reuniões espíritas com a ajuda de um vidente e de uma bola de cristal, que se encontra atualmente no Museu Britânico. Com Kelly como médium, Dee entrou em "conversações angélicas" com os anjos Uriel e Miguel. Desta maneira, reivindicou ter transcrito todo o Livro de Enoque que estava perdido. O trabalho existe em uma linguagem cifrada que não se parece com qualquer língua conhecida e que continua à espera de ser decifrado.

Um demônio chamado Madini disse a Dee para viajar para a Polônia e depois para a Boêmia em busca da Pedra Filosofal que transmutaria uma base de metal em ouro e que revelaria os segredos da natureza. Simultaneamente, parece que Dee era um agente secreto a serviço de Elizabeth, e por razões cabalísticas assinava seus trabalhos como 007.

As sessões espíritas de Dee com Kelly tornaram-se perigosas e inquietantes, quando se deixaram levar pela sugestão de que deveriam partilhar suas esposas. Finalmente, Dee deixou a corte do Sacro Imperador Romano Rodolfo II em Praga, após ter sido apontado como suspeito pelo embaixador papal de instigar uma rebelião protestante. Passou o restante de sua vida na obscuridade em Mortlake, rejeitado por James I como feiticeiro. Embora seja algumas vezes lembrado como mestre das trevas, foi de fato um mago da Renascença de primeira ordem. Pode até ter aconselhado Shakespeare a escrever *A tempestade* e inspirado o personagem Próspero.

Nostradamus e o Fim do Mundo

Enquanto John Dee servia à Rainha Elizabeth I, Catarina de Médicis, rainha da França, empregava Michel de Notre Dame, conhecido como Nostradamus (1503-1566). Primeiro ela o chamou para verificar as previsões do astrólogo Lucus Gauricus, que tinha previsto a morte do seu marido, Henrique II, e então o obrigou a traçar os horóscopos de todos os filhos reais.

Nostradamus nasceu em Saint Rémy, na Provença, de pais judeus que tinham se convertido ao cristianismo para evitar a perseguição. Na maior parte da sua vida ele foi médico e alquimista e, como Paracelso, utilizou a astrologia como base para a arte de curar. Ensinado pelo seu erudito avô, estudou em Avignon e Montpellier, dois grandes centros de medicina. Ganhou considerável reputação pelo tratamento bem-sucedido com as vítimas das pragas (embora incapaz de salvar sua própria esposa e filhos) e pelas suas maneiras excêntricas, que incluíam manter a higiene e não sangrar seus pacientes. Deu até conselhos a respeito de cosméticos e inventou um profilático de frutas.

Sua crescente reputação como curador fez surgir inimigos. Em 1538, seus rivais o acusaram de heresia e ele foi chamado diante da Inquisição, mas escolheu se esconder e viajar pela França e pela Itália. Diz-se que na Itália ele encontrou um grupo de jovens monges e se ajoelhou diante de um deles a quem chamou de "Sua Santidade". O monge, que antes tinha sido guardador de porcos, mais tarde se tornou o Papa Sisto V, o mesmo que publicou a bula papal que condenava a heresia.

O médico e astrólogo viajante finalmente se estabeleceu com sua nova esposa, e após 1550 começou a publicar um popular almanaque anual. Cinco anos depois, terminou a primeira parte das suas previsões conhecidas como *Centúrias*, que foram escritas em uma mistura de latim, francês e dialetos regionais, com alusões e símbolos astrológicos e alquímicos. Para evitar a perseguição, misturou deliberadamente a seqüência das quadras e velou seu significado, e são essas ambíguas e enigmáticas "profecias perpétuas" que continuam a despertar interesse e temor.

Ele permanece como o profeta mais conhecido até hoje. Parece ter previsto a decapitação de Carlos I e a morte de Maria Antonieta, e também as Revoluções Francesa e Russa. Em uma visão notável, previu o grande incêndio de Londres em 1666 — "Queimado pelo fogo de três vezes 22", isto é, 66! Diz-se que sua profecia da vinda do anti-Cristo foi realizada com Stálin e Hitler. E parece ter previsto a devastação final por um holocausto nuclear:

Saiam, saiam, deixem todos Genebra,
O Saturno de ouro será transformado em ferro,
O contrário dos raios positivos exterminará a todos,
Antes que isto aconteça, os céus mostrarão os sinais.²²

Quanto à sua visão apocalíptica para o futuro:

Quando um lago de peixes que era um prado for exterminado,
Sagitário sendo o Ascendente,
Praga, Fome e Morte pela mão militar,
O século se aproximará de uma renovação.²³

Pelo menos haverá uma época de renovação. Ele previu uma era dourada de paz e felicidade para a humanidade após uma grande guerra: "Saúde, abundância de frutos, alegrias e tempos suaves."²⁴ Mas durará somente 75 anos. A palavra final de Nostradamus é que o fim do mundo ocorrerá em 7000, quando o Sol destruirá a Terra:

Vinte anos do reinado da Lua terão passado.
Outros sete mil anos manterão sua monarquia,
Quando o Sol reassumir seus dias do passado,
Então estará cumprida e terminará minha profecia.²⁵

Nostradamus acreditava que suas profecias eram não somente revelações indicadas pelos "movimentos planetários", mas também produto da "inspiração divina, já que toda inspiração profética deriva de Deus".^{2*} A maioria das suas visões provinha da "clarividência". Sentado sobre um tripé de bronze que tinha os mesmos ângulos do ápice da Grande Pirâmide, ele contemplava as imagens que surgiam em um frasco com água colocado acima de uma chama. Seu próprio horóscopo, com a Lua em Escorpião, sugeria poderes psíquicos. Certamente, Nostradamus não acreditava que suas profecias fossem previsões inevitáveis, mas possíveis ocorrências. Somente o tempo diria.

Nostradamus tornou-se o astrólogo mais famoso do mundo por suas previsões que ainda hoje são cuidadosamente estudadas. Após o ataque às Torres Gêmeas em Nova York, em 11 de setembro de 2001, seu trabalho ficou entre as listas dos mais vendidos. Afinal, ele havia previsto um fogo cataclísmico em uma "grande cidade nova" no paralelo 45...

32

A Mova Astronomia

Em meio a tudo habita o sol (...) Sentado no trono real, ele rege a família dos planetas que giram à sua volta (...) Encontramos então neste argumento a harmonia admirável do mundo.

COPÉRNICO

EM UM PEQUENO MUSEU PRÓXIMO DA BIBLIOTECA NACIONAL EM FLORENÇA encontram-se as lentes ligeiramente opacas com as quais Galileu Galilei (1564-1642) viu pela primeira vez as Luas de Júpiter em 1609. No ano seguinte, ele descobriu os anéis de Saturno e as fases de Vênus, demonstrando que este planeta percorre órbitas em torno do Sol. A invenção do telescópio pelo alemão Hans Lippershey, em 1608 — ou a reinvenção, pois os povos antigos talvez já o tivessem descoberto —, revolucionou a astronomia na Europa e trouxe sérias consequências para a astrologia.

Com seu novo telescópio, que tinha o poder de ampliar em até trinta vezes, Galileu observou as crateras da Lua e as manchas no Sol, que minaram a idéia neoplatônica de um universo perfeito. Suas observações dos planetas também confirmaram a teoria de Copérnico de que o Sol estava no centro do universo e que a Terra viajava em torno dele. Em uma carta ao Monsenhor Pietro Dini datada de 23 de março de 1615, ele escreveu que a luz e o espírito, que dão vida à matéria, vinham junto do "corpo solar, que estando situado no centro do universo, ficava assim mais esplêndido e vigoroso, reverberando a sua luz novamente".¹ Embora suas descobertas revolucionárias ajudassem a destruir a antiga cosmologia, Galileu foi professor de matemática em Pádua e em Florença e astrólogo da corte dos Medicis. Quando levado diante da Inquisição, retratou-se de seus pontos de vista e rejeitou publicamente a heliocentricidade em favor do sistema ptolomaico.

Na Idade Média, a visão de mundo que prevalecia era a de Platão e de Aristóteles, que descrevia um universo "murado" com uma Cadeia de Seres existindo a partir de Deus no alto até o organismo mais humilde na Terra. Esta, imóvel, estava no centro de um universo perfeito e o Homem, criado à imagem de Deus, era o Senhor da Criação. O movimento errático observado dos planetas era explicado através das esferas "homocêntricas" de Aristóteles ou pelos complexos epiciclos de Ptolomeu. Nicolau de Cusa (1401-1464), algumas vezes chamado de primeiro astrônomo moderno, começou a abalar esta representação argumentando que o universo era infinito, não tinha um centro, e que a Terra era uma esfera. Contudo, George Puerback (1423-1461) ainda escreveu um trabalho que seguia o padrão sobre os epiciclos de Ptolomeu, e seu aluno Regiomontanus, fundador de um novo sistema de Casas, viajou pela Europa buscando e traduzindo manuscritos gregos que ele acreditava conterem a verdade última.

A ruptura com a astronomia ocorreu graças a Nicholas Koppernigk, conhecido no mundo como Copérnico (1473-1543). O melancólico e taciturno Cânone da Catedral de Fraunburg, em Eermland, Norte da Alemanha, fez uma revolução — a Revolução de Copérnico —, que teve implicações enormes na religião e na filosofia, e também na ciência. Perturbado por uma questão sobre as órbitas erráticas dos planetas, ele tornou o sistema ptolomaico mais complicado ao propor 48 círculos ou rodas dentro de rodas para explicar o movimento dos sete planetas. Porém, o conservador cânone polonês tinha uma idéia revolucionária: ele sugeriu que a Terra não estava no centro do universo. Ele via o Sol, juntamente com a Terra e os planetas conhecidos, orbitando um ponto próximo ao Sol.

Ele escreveu sua teoria em 1510, em um manuscrito intitulado *Commentariolus*, e foi persuadido a publicá-lo após seu aluno Rheticus ter feito o primeiro relato da teoria heliocêntrica em seu *Narratio Prima* (1540). Copérnico finalmente publicou o seu *Sobre as revoluções das esferas celestes* em Nuremberg, em 1543. "Em meio a tudo habita o sol (...) Sentado no trono real, ele rege a família dos planetas que giram em torno dele",² iniciou Copérnico o seu tratado. Mas, então, prosseguiu para complicar o quadro colocando o Sol ligeiramente fora do centro. O trabalho teve a princípio pouco impacto, mas suas implicações finalmente acionaram um dos maiores desvios de paradigma na história do pensamento e que posteriormente separou a astronomia, enquanto ciência, da astrologia, enquanto sistema de divinação.

O Uraniborg de Tycho Brahe

O maior observador dos céus na época, Tycho Brahe (1546-1601), permaneceu como astrônomo e astrólogo. Ele foi no início astrólogo da corte de Frederico II, rei da Dinamarca e da Noruega, que deu a ele a Ilha de Uraniborg, na qual ele construiu um observatório. Quando o rei morreu, em 1588, Brahe foi convidado para a corte de Rodolfo II, imperador sacro romano em Praga, e tornou-se seu astrólogo pessoal. Quando visitei sua tumba e estátua em uma igreja nessa cidade, fiquei impressionado com a representação do seu nariz em metal, feito para substituir o que ele perdera num duelo quando era jovem.

Brahe equipou seu observatório em Uraniborg com muitos instrumentos, vários dos quais projetados por ele mesmo, incluindo sextantes e quadrantes altamente precisos. Ele estava convencido de que o caminho para o verdadeiro conhecimento dos céus era por meio da observação. Registrou o surgimento de uma "nova estrela" em 1572, provavelmente uma supernova, o que abalou a visão medieval de que as esferas além da Lua eram perfeitas e imutáveis. Previu até que exerceria sua maior influência em 1592, quando um menino, que nasceria na Finlândia, estaria predestinado a realizar grandes feitos e morreria em 1632 numa batalha religiosa. Em 1594, Gustavo Adolfo nasceu na Suécia e foi morto na batalha de Lutzen em 1632. Um golpe de mestre do astrólogo ou somente um bafejo da sorte? Nunca saberemos.

As observações cuidadosas de Brahe e seu raciocínio direto não o conduziram a uma admissão completa do sistema copernicano. Pelo contrário, ele trabalhou a meia-distância, com ecos do "sistema egípcio" do astrônomo grego Herakleides, no qual a Lua orbita a Terra, Mercúrio e Vênus orbitam o Sol, o Sol orbita a Terra e Marte e Júpiter e Saturno orbitam o Sol e a Terra.

Em 1574, Brahe iniciou uma série de conferências sobre astronomia na Universidade de Copenhague com um discurso que argumentava sobre a utilidade da astronomia em frear a mente das preocupações terrenas e dirigi-la para os céus: "Negar o poder e a influência das estrelas", declarou, "é depreciar a sabedoria e a influência divina." Estava convencido de que os planetas regentes moldavam nosso caráter. Sem dúvida, olhando para si próprio, disse que aqueles que tinham vindo sob "a feliz influência de Saturno, a estrela mais elevada, investigavam em solidão assuntos que eram elevados e que estavam bem além da compreensão das pessoas comuns",

Brahe ofereceu também uma defesa persuasiva da astrologia contra os seus detratores. "A maioria das pessoas", ele argumentou, "é afetada pelas combinações dos planetas, e em momentos diferentes durante suas vidas fica sujeita em maior ou menor extensão 'aos

raios de um planeta através das progressões escondidas'." Isto explica as diferenças que podem ser vistas em irmãos nascidos dos mesmos pais, no mesmo lugar e criados de maneira semelhante. Brahe não negava que as pessoas podiam ser mudadas por "causas menores tais como criação, educação, conversações, viagens ao exterior e coisas do tipo", mas insistia que as razões para as diferenças entre as pessoas não podiam ser encontradas em lugar melhor do que na astrologia.

Claramente bem versado no assunto, Brahe dirigiu-se às principais objeções tradicionais à astrologia: que é difícil determinar o momento exato do nascimento; o que leva os astrólogos a se referirem ao momento da concepção; que gêmeos nascidos no mesmo horário com frequência apresentam sortes diferentes; que muitos morrem no mesmo momento na guerra ou em uma catástrofe natural, embora seus horóscopos não mostrem mortes idênticas.

A estas objeções, Brahe respondeu que: "Os astrólogos não reivindicam que o céu age precisamente da mesma maneira sobre todos aqueles nascidos no mesmo momento, mas sim que eles estão sujeitos à diversidade e que passam por transformações de maneiras diferentes sob as influências celestes." Além disso, a disposição de diferentes indivíduos receberem as influências, ou de estarem imunes a elas, varia. Consciente das preocupações dos teólogos e dos filósofos, Brahe foi além: "Nem o livre-arbítrio do homem está de modo algum subordinado às estrelas, mas através delas, sob a orientação da razão, ele poderá fazer muitas coisas além da influência das estrelas, se for esse o seu desejo." Na verdade, "se as pessoas desejam viver como seres humanos verdadeiros e supramundanos, elas podem dominar quaisquer inclinações malévolas que possam receber das estrelas".³ Na análise final, se nós nos desenvolvermos como seres racionais e espirituais poderemos ir além das influências da hereditariedade e do condicionamento social e celeste; poderemos efetivamente sobrepujar nossos horóscopos. É um argumento convincente que ainda hoje tem seu valor.

Kepler e a Harmonia do Mundo

O principal colaborador de Brahe foi Johannes Kepler (1571-1630), que o seguiu como *mathematicus* da corte (astrólogo e astrônomo) de Rodolfo II em Praga. Nascido em Württemberg, estudou na Universidade de Tübingen. Embora tenha sido chamado de número 1 entre os astrônomos modernos, ganhou a vida principalmente pela prática astrológica. Envolvido com a tradição hermética, o primeiro trabalho de Kepler, o *Mysterium Cosmographicum* (1596), foi em sua maior parte teórico. Ele desenvolveu a

teoria de que o sistema planetário heliocêntrico era baseado na estrutura dos cinco sólidos perfeitos de Euclides e nas formas numéricas de Pitágoras, que se ajustavam na harmonia do todo. Por exemplo, o tetraedro, que é formado por quatro formas triangulares, ocupa o espaço entre as esferas de Júpiter e Marte, enquanto o cubo separa as esferas de Saturno e Júpiter. Em o *Mysterium*, ele também expressou sua convicção de que padrões regulares simples estão por trás da diversidade do mundo e que os números governam cada aspecto. Notou que Deus criou a quantidade, e depois os sólidos regulares, e que no dia anterior Ele havia criado os céus.

Kepler acreditava na existência da alma no Sol. "O mundo inteiro é cheio de vida",⁴ afirmou. Repetindo a doutrina pitagórica da Harmonia das Esferas, ele acreditava que assim como os raios das estrelas atingiam a Terra em ângulos diferentes, eles emitiam notas diferentes, e todas se misturavam em um harmonioso acorde. Além disso, as influências entre o céu e a Terra trabalhavam de ambas as maneiras: o único mal a ser encontrado no céu era projetado ali pelos pensamentos e atos dos seres humanos na Terra.

Sem dúvida, referindo-se à sua própria classe, Kepler lamentou a prostituição da astrologia durante sua vida: "A astronomia, a mãe sábia: a astrologia, a filha tola vendendo a si mesma a qualquer cliente que a deseja e possa pagar para que ela mantenha sua mãe viva."⁵ A palavra *tola* é um tanto confusa, e uma tradução mais precisa do alemão seria *libertina*. Kepler nunca achou que a astrologia fosse tolice no sentido de ser absurda ou de buscar os tolos. Em *De Stella Nova* confessou que, contra o seu melhor raciocínio e dúvidas mais profundas, "uma experiência quase infalível (até onde se pode esperar na natureza) de excitação de naturezas sublunares através das conjunções e aspectos dos planetas instruíram e impeliram minha crença relutante".⁶

Ao rejeitar a astrologia "supersticiosa", ele reconheceu que as divisões do zodíaco e dos céus eram determinadas pelo homem e não naturais. Enfatizou também que as estrelas eram *sinais* e não *causas*. Mas foi astuto e não agiu precipitadamente, argumentando que as influências nas Casas e os diferentes aspectos entre os planetas podiam ser aceitos com base na experiência — isto é, se eles *funcionassem*. Mais uma vez, o valor elementar das triplicidades dos planetas podia ser montado pelo homem, mas Kepler reconheceu a significativa triplicidade de Áries, Leão e Sagitário na qual se repetiam as "grandes conjunções" de Saturno e Júpiter. Isto o levou a considerar os ciclos de oitocentos anos na história; ele não estava seguro de que o mundo não acabaria em 2400. Gerações futuras, vocês estão avisadas!

Povoando a mente hábil deste brilhante matemático havia uma crença nos antigos meios de divinação — sonhos e presságios celestes, todos admitidos nas Escrituras —, até onde é compreendido que são divinos e não sinais naturais. Não somente ele publicou

calendários astrológicos, como se engajou ativamente na astrologia mundana, prevendo, entre outros, a retirada austríaca diante dos turcos em 1595. Em 1601, realizou um experimento com a astrologia mundana publicando uma tentativa de previsões para o ano seguinte.

Embora bem acolhido por platônicos, pitagóricos e astrólogos, o *Mysterium Cosmographicum* deixou implícito que eram forças naturais e não espíritos que impeliam os planetas em suas órbitas. Foi um trabalho impressionante para alguém com 24 anos, e o velho Brahe convidou o autor para se tornar seu assistente na corte de Rodolfo II.

Quando Brahe morreu em 1601, Kepler não somente ocupou seu lugar como astrólogo real, mas utilizou muito seu observatório, seus instrumentos e sua vasta coleção de dados astronômicos. Após oito anos de observações da órbita de Marte, Kepler compreendeu que havia uma pequena discrepância entre a posição real de Marte e aquela que fora calculada segundo o modelo de Copérnico. Partindo deste ponto, ele inferiu que as órbitas dos planetas em torno do Sol não eram circulares, como Copérnico argumentara, mas elípticas. Ele prosseguiu para demonstrar sua hipótese comparando seus próprios cálculos para as posições planetárias com os dados precisos de Brahe. Isto forneceu um apoio ao modelo com o Sol no centro do sistema solar. Em 1608 Kepler publicou a sua *Nova Astronomia*, um título bem apropriado. Apresentou suas duas famosas leis de movimento planetário: a primeira, que os planetas viajam em elipses com o Sol em um dos focos; a segunda, que quanto mais longe um planeta está do Sol, mais tempo ele levará para completar uma órbita.

Metafísico e astrólogo até o fim, Kepler considerou seu melhor trabalho o *Harmonia do mundo* (1618), no qual, como deixa claro o título, buscou interpretar e explicar o universo em termos dos princípios pitagóricos da harmonia e número celestes. Apresentou sua terceira lei que descreve a relação matemática entre as distâncias dos planetas e o tempo que eles levam para completar suas órbitas.

A nova astronomia trouxe um grave dilema para a Igreja Católica, que desejava reter a noção de uma criação perfeita, com a Terra e o homem no centro do universo. A idéia do Sol no centro levantou o espectro da religião paga, especialmente na sua forma egípcia que Ficino e outros haviam ajudado a reviver. A atmosfera não era propícia à livre inquirição. Até a mãe de Kepler foi acusada de ser feiticeira e torturada pela Inquisição. Galileu tinha vários patronos em Roma e estava bem consciente da situação delicada. Em sua correspondência particular com Kepler, ele concordou que o sistema de Copérnico era verdadeiro, mas se recusou a apoiar a teoria em público. Contudo, em 1613 Galileu apresentou argumentos teológicos que foram considerados heréticos e foi obrigado a permanecer em silêncio por temer pela sua vida. Quando falou novamente, em 1630, foi

conduzido ao seu famoso suplício e subsequente condenação. Passou os últimos anos de sua vida, quando estava cego, sob prisão domiciliar e somente evitou o destino de um herético retirando o que sabia ser verdadeiro em 1633. No mesmo ano, a Igreja Católica Romana condenou o sistema heliocêntrico de Copérnico.

A Magia de Isaac Newton

Isso não refreou a mente inquiridora do protestante Isaac Newton (1643-1727). Ironicamente, o homem que tratou do sopro da morte da cosmologia medieval acreditava firmemente na astrologia e na alquimia — tanto que após ler seus volumosos manuscritos, John Maynard Keynes o descreveu como o "último dos magos, o último dos babilônios e sumérios (...) a última criança-maravilha a quem os Magos deveriam prestar uma homenagem sincera e adequada".⁷

Foi o interesse de Newton pela astrologia e astronomia como aluno em Cambridge que o levou a aprofundar seus estudos matemáticos. Impregnado pela tradição hermética, dedicou grande parte do seu tempo à pesquisa alquímica em Cambridge na busca da Pedra Filosofal. Escreveu muito sobre profecias baseadas em fontes bíblicas e, em 1728, publicou *A cronologia dos reinos antigos retificada*, baseado em padrões astronômicos que admitiu terem causado eventos históricos.

Newton, sem dúvida, conhecia a astrologia, especialmente porque vários dos alquimistas que ele estudou a utilizavam em seu trabalho. É sabido, por exemplo, que ele comprou um livro de astrologia na Feira de Stourbridge em 1663. Uma história famosa, talvez apócrifa, porém característica deste homem, registra que, quando o astrônomo Edmund Halley (o que observou o cometa) zombou do interesse de Newton pela astrologia, ele respondeu: "Senhor, eu a estudei, o senhor, não."⁸

Em seu celebrado *Principia Mathematica* (1687), Newton desenvolveu as suas leis de gravitação universal reunindo a mecânica de Galileu e as leis de Kepler. Embora profundamente religioso, Newton apresentou um modelo mecânico do universo baseado em leis naturais que dominaram o cenário até Einstein, no século XX. Suas leis de movimento forneceram uma explicação simples, porém elegante, para os movimentos dos planetas sem a corte de anjos, espíritos, epiciclos ptolomaicos ou sólidos pitagóricos.

Apesar da revolução heliocêntrica, astronomia, astrologia e visões apocalípticas continuaram juntas. O astrônomo William Whiston, que sucedeu a Isaac Newton em Cambridge, numa conferência pública em 1736 previu que o eclipse da Lua seria acompanhado do aparecimento de um grande cometa na terça-feira seguinte, às cinco horas

da manhã. Estes presságios, declarou, anunciavam o retorno do Messias e prognosticavam o fim do mundo pelo fogo e terremotos na sexta-feira seguinte. A conferência foi amplamente difundida, e quando o cometa apareceu, a cidade de Londres mergulhou no pânico e milhares de pessoas fugiram para a área rural. A nova astronomia pode ter triunfado, mas a astronomia antiga ainda exercia seu fascínio.

33

A Mova Astrologia

*Não confie em todos os Astrólogos,
eu disse: pois a Arte é tão secreta
quanto a Alquimia.*

THOMAS NORTON

A NOVA ASTRONOMIA CENTRADA NO SOL, DESENVOLVIDA PELOS ASTRÔNOMOS QUE acreditavam na astrologia, não impediu que os novos astrólogos trabalhassem segundo o sistema geocêntrico de Ptolomeu. Na verdade, no fim do século XVI e início do XVII, a astrologia desfrutou de uma popularidade não vista desde a época romana. Jean-Baptiste Morin (1583-1656), matemático, astrônomo e médico, praticou tanto a astrologia quanto a alquimia. É conhecida sua sugestão — sem sucesso — ao "Rei Sol" Luís XIV que um grupo de astrólogos lhe daria melhores conselhos do que seus outros conselheiros. Morin deixou um livro extenso, *Astrologia Gallica* (1661), no qual simplesmente ignorava a nova astronomia. Admitia como fato a antiga teoria dos raios estelares que enfraqueciam, à medida que se tornavam mais oblíquos em relação ao horizonte. Celebrou Ptolomeu como *ipse astrologorum princeps* (o príncipe dos astrólogos) e declarou: "Demonstramos que a Terra não se move em uma grande órbita, é fixa no centro do mundo."¹ Morin não apenas rejeitou as "autoridades" árabes, que para ele eram falsas e diabólicas, como insistiu que as divisões das Casas eram pontos naturais e determináveis nos céus. Evidentemente que Kepler passou muito longe da sua mente.

Culpeper e a Astrologia Médica

A astrologia continuou a ser usada como parte integrante da medicina. Ao reconhecer a correspondência entre os planetas, os signos do zodíaco e as partes do corpo humano, o tratamento era tradicionalmente administrado com remédios fitoterápicos baseados em suas afinidades ou diferenças. Uma erva de Vênus, por exemplo, como a alquemila, poderia ser utilizada por afinidade para problemas ginecológicos. Por outro lado, uma erva do Sol, como a erva-de-são-joão, era amplamente usada — e ainda é — para amenizar uma depressão saturnina.

Nicholas Culpeper (1616-1654) foi astrólogo e médico, e seu nome dignifica várias lojas de vendas de ervas. O seu *Complete Herbal*, que faz as correspondências entre as plantas e os planetas, nunca deixou de ser impresso desde que foi publicado pela primeira vez em 1653. Ao ler o *The Stars'Own Vegetable Garden* achei particularmente interessante sua recomendação de que a celidônia, uma erva do Sol regida por Leão, é um dos melhores medicamentos para doenças nos olhos. O lírio-do-vale também é bom para escritores e filósofos: "Está sob o domínio de Mercúrio, e portanto reforça o cérebro, avivando a memória que está fraca, tornando-a novamente forte." Quanto às alcachofras: "Elas estão sob domínio de Vênus, por isso não é motivo de orgulho o fato de excitarem a luxúria."² Em seu esquema de medicamentos fitoterápicos, Culpeper sugeriu ainda que a alcaravia, associada a Virgem, ajuda na digestão, enquanto a lavanda, uma erva de Gêmeos, é boa para dores de cabeça. A labaça, uma praga para os fazendeiros, está astrologicamente ligada a Peixes e reforça o fígado, que é governado por Júpiter, regente de Peixes.

As orientações de Culpeper ainda são amplamente recomendadas nos livros modernos de medicina astrológica: "1 Fortifiquem o corpo com as ervas da natureza do Regente do Ascendente (...) 2 Verifiquem que os seus medicamentos sejam um pouco adversos ao Regente da Casa 6. 3 Verifiquem que os seus medicamentos se inclinem ligeiramente para a natureza do signo Ascendente. 4 Se o Regente da Casa 10 for forte, utilizem os seus medicamentos." Aconselhava em particular uma consideração com o coração: "Mantenham-no controlado, porque o Sol é a base da vida, e portanto aqueles medicamentos universais do *Aurum Potabile* [ouro líquido] e a Pedra Filosofal curam todas as doenças ao fortificar o coração."³

O *Astrological Decumbiture of Disease* de Culpeper permanece como texto fundamental na astrologia médica. Um mapa decumbente é o horóscopo traçado para o momento do aparecimento da doença. Como tal, ele representa o paciente e sua doença, seu desenvolvimento e seus momentos de crise e uma possível cura. O próprio Culpeper

escolheu como momento para o horóscopo a hora do recebimento de uma amostra da urina do paciente. Até Robert Boyle, um dos fundadores da Royal Society e da química moderna, aceitou o uso da astrologia na medicina.

Lilly e a Astrologia Cristã

Culpeper viveu durante a Guerra Civil inglesa e apoiou a causa republicana com suas previsões. Os astrólogos escolheram um lado dentro do torvelinho social e político, embora a maioria seguisse Culpeper em seus compromissos. William Lilly (1602-1681), o astrólogo inglês mais famoso do século XVII, tornou-se o astrólogo oficial do Conselho de Estado da República Inglesa. Após receber uma educação clássica (inclusive latim, grego e hebraico), aprendeu os rudimentos da astrologia de um galês chamado Evans. Casou-se com uma viúva mais velha, e embora ela fosse "da natureza de Marte", trouxe para ele uma bela fortuna e, convenientemente, morreu cinco anos depois. Ele se encontrou então livre para voltar-se à astrologia horária e mundana. Publicou primeiro as suas previsões baseadas nos movimentos das estrelas fixas sob o título de *Merlinus Anglicus Júnior*, em 1644, seguido alguns meses mais tarde por *A Prophecy of the White King and Dreadful Deadman Explained*.

Em 1676 Lilly traduziu do italiano *The Seven Segments*, de "Jerome Cardan". Este trabalho incluía os aforismos que sem dúvida o inspiraram a pensar um pouco em sua própria esposa marciana: "Quando a Lua em Escorpião está em quadratura com Saturno no Leão, ou no seu oposto quando Saturno está em Touro, o nativo raramente possui esposa ou filhos, mas se Saturno estiver em Aquário, ele odiará a mulher (...) Quando Vênus está com Saturno e contempla o Senhor do Ascendente, o nativo é inclinado à sodomia, ou pelo menos amará as mulheres mais velhas e pouco favorecidas, ou as criadas pobres e sujas (...) A mulher que tem Marte com a lua é *correta*, eu garanto."⁴

Segundo Lilly, o seu *Astrologia cristã* (1647) teve boa aceitação tanto na Universidade de Cambridge quanto na de Oxford. Mostrou ser o maior trabalho em língua inglesa do século XVII e ainda é consultado regularmente. Em "Uma Epístola para o Estudante de Astrologia", ele enfatiza que "o conhecimento celestial das estrelas" está em acompanhar a Divina Providência; na verdade, "quanto mais o conhecimento é ampliado, mais aumentam o poder e a sabedoria do Deus Todo-Poderoso". Mais adiante recomendou com sabedoria: "Não atormentem os miseráveis com o terror de um julgamento implacável; dirijam a súplica a Deus para que Ele afaste os julgamentos que pendem sobre eles: sejam educados, moderados, não cobicem os bens; dêem livremente para os pobres, tanto

dinheiro quanto discernimento: não permitam que a riqueza mundana os conduza a um julgamento errado, pois isso poderá desonrar a arte."⁵

O trabalho em si é um texto direto que descreve as características dos planetas (inclusive os nodos da Lua), os signos do zodíaco e a natureza das 12 Casas. É particularmente preciso na astrologia horária. A amplitude da leitura de Lilly é indicada pela explanação das "questões horárias" no apêndice: "Seu nome vem da palavra latina *hora*, uma hora, porque o momento do pedido é anotado, e o número do céu para aquele momento é guardado para julgar o resultado. A palavra *hora* parece derivar da palavra egípcia para Sol, que Heródoto nos informou ser *Horus* ou *Orus*; o hebraico *or*, *lux*, luz ou dia, o *oriens*, oriente, todos parecem ter tido a mesma origem. Os budistas chamam o Sol de *Hiru*, que, com seu nome bramínico, também parece ter derivado do Egito, o primeiro berço da astrologia."⁶

Em 1648 Lilly foi enviado como astrólogo oficial ao Conselho de Estado da República Inglesa para reorganizar as tropas no sítio de Colchester com suas previsões baseadas nos movimentos das estrelas. O valor da propaganda astrológica não foi desperdiçado pelos republicanos. A coluna de Lilly no jornal, que teve início em março de 1649 e foi a primeira deste tipo, foi escrita com a mesma finalidade.

Mas Lilly estava jogando um jogo perigoso. Em 1651, o novo Parlamento o prendeu contra os pedidos de Cromwell, por trinta dias, sob acusação política e, após a Restauração da monarquia, o Rei Charles II o manteve prisioneiro sob a acusação de alta traição. Novamente em 1655 ele foi indiciado por "feitiçaria", por julgar uma "jovem mulher meio desorientada" sobre bens roubados.⁷ Seu indiciamento, contudo, foi em razão das malvistas previsões da peste e do Grande Incêndio de Londres de 1666 num panfleto publicado em 1648. A estrela conhecida como o Chifre Norte do Touro, semelhante a Marte, estava exatamente sobre o Ascendente de Londres, baseado no momento em que foi fincada a primeira estaca da nova Ponte de Londres:

No ano de 1665 o Aphelium de Marte, que é o representante da Inglaterra, estará em Virgem, que é certamente o Ascendente da monarquia inglesa, como o Áries do Reino (...) Então (...) aparecerá neste reino uma estranha revolução do destino, tão grande catástrofe e grande mutação sobre esta monarquia e governo como nunca surgiu até agora, eu não tenho liberdade ou coragem de dar minha opinião — somente que será ameaçador para Londres, até para os mercadores no mar, ao tráfego na terra, para os pobres, para todos os tipos de pessoas que a habitam, ou para as suas próprias liberdades, por razão dos fogos diversos e de uma peste destruidora.⁸

Em sua própria cópia do panfleto "Monarquia ou Não Monarquia", escrito em 1651, Lilly escreveu 1665, 1666 e 1667 como datas possíveis para a peste e o fogo. Ilustrou a

catástrofe em xilogravuras rudes, com pessoas cavando sepulturas e os mortos cobertos com panos. Embora tivesse sido intimado a comparecer diante de um comitê parlamentar de inquirição que investigava as previsões, inclusive as de Nostradamus, ele foi dispensado após argumentar que havia expressado suas previsões em "hieroglíficos" para ocultá-las das pessoas vulgares.

Elias Ashmole (1617-1692), um dos principais intelectuais da época e fundador do Museu Ashmolean em Oxford, era maçom, alquimista e astrólogo. Como astrólogo de Charles II, interveio a favor de William Lilly, que mais tarde escreveu a autobiografia dele. Ashmole continuou a acreditar na possibilidade de previsões verdadeiras da astrologia horária e judicial. Em seu *Theatrum Chemicum Britannicum* (1652), Ashmole incluiu as frases do *Ordinall of Alchimy*, de Thomas Norton:

Não confie em todos os Astrólogos, eu disse:
pois a Arte é tão secreta quanto a Alquimia.

Em um comentário, Ashmole afirmou o seguinte: "A astrologia judicial é a chave para a magia natural, e a magia natural é a porta que conduz para esta Pedra Abençoada." *Magia natural* era naturalmente outro nome para ciência e *Pedra Abençoada* era a Pedra Filosofal, o Santo Graal da alquimia. "A astrologia é uma ciência profunda", continuou Ashmole. "A profundidade desta arte está obscurecida e não é alcançada por qualquer pessoa vulgar disfarçada que tente sondá-la. Nem foi em nenhuma Era tão importunada por uma multidão de pretendentes (...) nem digna de esgotar a insígnia dos ilustres de Urânia." Apesar de toda a sua fé na ciência verdadeira, Ashmole lamentou que "a astrologia fosse vista como uma impostora porque era tida como um vício para todas as práticas e uma faculdade louvável para apoiar as trapaceas de um prestidigitador".

A Era do Iluminismo

Sem dúvida a astrologia entrou em declínio nos séculos seguintes. Porém Jim Tester está errado em *A History of Western Astrology* ao afirmar que no século XVII "a astrologia estava morta, como um animal ou planta deixado à margem pela evolução".¹⁰ Apesar do triunfo do universo mecânico de Newton e do racionalismo do filósofo francês René Descartes, a astrologia sobreviveu nos círculos cultos, como um filamento na tradição hermética, e em meio às massas, como parte do folclore dos marinheiros, fazendeiros e curadores. As vendas dos almanaques, primeiramente impressos em 1469 e ainda mantidos vivos pelo Velho Moore, continuaram.

O fato de no século XVII o filósofo Pierre Bayle e Jonathan Swift se sentirem compelidos a atacar os astrólogos, atesta a continuidade da popularidade da astrologia. Swift tinha como um de seus alvos John Partridge, que alcançou uma vida confortável publicando almanaques de astrologia intitulados *Merlinus Liberatus*. O grande satírico irlandês, sem a menor vergonha, fez seu próprio almanaque, *Previsões para o ano de 1708*, que alegou ter sido escrito por Isaac Bickerstaff, no qual previu a morte de Partridge. Quando a data chegou e passou, Swift retornou com outro panfleto descrevendo a morte do pobre homem, para prosseguir com sua intenção de "mostrar a ignorância destes pretensos candidatos escoceses acerca de suas próprias previsões astrológicas".¹¹ Com a mesma veia satírica, Voltaire mais tarde também publicou um panfleto quando estava com 66 anos desculpando-se por continuar a respirar, pois dois astrólogos haviam previsto que ele morreria aos 32 anos.

Na chamada "Idade da Razão" no século XVIII, a era do Iluminismo baseado na razão analítica e no humanismo fervoroso, houve um "Clube do Zodíaco" na Universidade de Cambridge, enquanto na Universidade de Salamanca, na Espanha, o curso de astrologia continuou até 1776. A astrologia era um elemento da maçonaria, que estava na moda entre os líderes da Revolução Norte-americana, como Jefferson, Adams e Franklin, e na corte de Luís XV. Os poetas Thomas Chatterton e William Blake estavam interessados no assunto. Blake era amigo do médico Ebenezer Sibly, autor de *The Celestial Art of Astrology* (1784) e *New and Complete Illustration of the Occult Sciences* (1790). Blake possivelmente desenhou o quadro *Pulga Humana* para ele, como um exemplo do tipo geminiano.¹²

O primeiro Astrônomo Real John Flamsteed (1649-1719) escolheu a data e a hora da fundação do Observatório Real em Greenwich, segundo a astrologia eletiva. Sir Hans Sloane, presidente da Real Sociedade, tinha a astrologia em alta estima, embora não fosse ele próprio um praticante. Eram homens sérios, práticos, algumas das melhores mentes da sua época, e mesmo assim não descartavam o assunto como vários cientistas modernos. Mas, assim como no início tinha havido uma distinção entre astrologia "natural" e "judicial", não foi preciso muito tempo para que a distinção entre astrologia e astronomia "científica" ficasse firmemente estabelecida. Coube à astronomia a descrição do movimento dos planetas e à astrologia a interpretação da sua influência em questões pessoais. Os próprios astrólogos ficaram animados. Voltaram ao velho argumento de que a astrologia era uma arte de conjecturas, como a medicina. As visões heliocêntrica e geocêntrica nada mais eram do que estruturas de referência para propósitos diferentes. O ponto crucial era se a astrologia funcionava ou não. E se os planetas não eram as *causas* dos problemas humanos no mundo real, pelo menos poderiam ser vistos como *sinais* em um universo simbólico.

34

A Psicologia da Antigüidade

A astrologia representa a soma de todo o conhecimento psicológico da Antigüidade.

CARL JUNG

ENQUANTO A ASTROLOGIA DEFINIU NA SOMBRA DURANTE A BRILHANTE LUZ DO FALSO Iluminismo do século XVIII, o Romantismo do século XIX, com o seu amor pela arte mágica e maravilhosa, predispôs o público para a astrologia. Não foi por acidente que o astrólogo Ebenezer Sibly foi amigo do maior poeta romântico do universo estrelado, William Blake. Uma das xilogravuras mais estranhas de Blake, *I Want a Star*, mostra um homem subindo uma escada para os céus, ilustrando belamente o anseio por uma união com o cosmo.

Na Grã-Bretanha os almanaques astrológicos, com frequência reciclando antigas previsões, continuaram a ser publicados: o *Vox Stellarum* vendeu 560 mil cópias em 1839. O primeiro homem a oferecer uma astrologia produzida em massa na Grã-Bretanha foi um tal de Raphael, cujo nome verdadeiro era Robert Cross Smith (1795-1832), de Bristol. Ao chegar a Londres em 1820, ele logo lançou o *The Stragglng Astrologer of the Nineteenth Century* e conseguiu persuadir a Princesa Olívia de Cumberland a contribuir. Quando a revista faliu, Robert editou o *The Prophetic Messenger* com uma série de previsões. Esta deu certo, mas seu criador logo faleceu.

Richard Morrison (1795-1874), outro celebrado astrólogo do mesmo século, foi anteriormente um erudito tenente da Marinha Real. Adotou o nome hebreu de Zadkiel. Morrison via a astrologia como parte integrante das "ciências ocultas" e reivindicou que sua própria bola de cristal, que ele usava para "prever", era controlada por Miguel, o arcanjo do Sol. Sua prática floresceu e em 1849 ele lançou o *Zadkiel's Magazine*, cujo

subtítulo era *Registro e revisão da astrologia, frenologia, mesmerismo e outras ciências*. Raphael e Zadkiel, os autores pseudônimos, fundaram a primeira organização astrológica britânica apropriadamente chamada de Sociedade dos Mercurii.

Zadkiel também editou e introduziu o *Christian Astrology* (1647), de William Lilly, sob o título *Introduction to Astrology*, e o publicou em 1853 com sua própria *Grammar of Astrology* e as tabelas para os cálculos dos nascimentos. Considerou que podia ser "rapidamente aprendido por qualquer pessoa com habilidade até moderada". Dedicou seu trabalho "à Universidade de Cambridge, local de Aprendizado Matemático e Filosófico (...) este pequeno esforço para abrir a estrada para a investigação matemática da filosofia elementar de Platão e Aristóteles, como ensinada pelo 'divino' Cláudio Ptolomeu".

Sem se sentir impedido por duzentos anos de astronomia e pela descoberta dos planetas Urano, por William Herschel em 1781, e Netuno, em 1846, Zadkiel ainda colocava a Terra no centro do universo em seus cálculos. Ganhou alguma notoriedade e o opróbrio do *Daily Telegraph* em 1861 pela previsão da saúde precária do Príncipe Albert, que morreu logo depois.

O fato de a astrologia ter sido mais uma vez considerada digna de ser estudada, apesar dos intelectuais emergentes, é atestado pelo interesse demonstrado no fim do século XIX pelo estudioso Richard Garnett (1835-1906), mantenedor dos Livros Impressos no Museu Britânico. Ao rejeitar a visão mística da astrologia, ele a admitiu como uma ciência exata baseada em cálculos matemáticos. Ao mesmo tempo, ele a valorizou não somente como meio para prever o futuro, mas como uma tentativa de classificar os diversos elementos do caráter humano em um sistema abrangente. Mãe da astronomia e irmã da matemática, a astrologia estava então encontrando um novo lar na família da psicologia.

Blavatsky e os Teosofistas

Nos Estados Unidos, a primeira literatura astrológica surgiu em torno de 1840. Luke Broughton (1828-1899), um imigrante de Leeds, Inglaterra, foi o primeiro grande astrólogo norte-americano. Entre seus alunos estava W. H. Chaney, pai do novelista Jack London. Madame Blavatsky (1831-1891), jovem viúva de um septuagenário russo e fundadora da Sociedade Teosófica em 1875, contribuiu para que a astrologia fizesse parte das ciências ocultas e da bagagem de mão essencial no caminho para a iluminação espiritual. Foi uma época em que o espiritualismo estava se espalhando pela América, e Madame Blavatsky comandava a nova onda. Médiun antiga e reconhecida, dizia ser guiada pelos

mestres Kut Humi e El Morya do Tibete, que conversavam com ela por intermédio dos seus corpos astrais. Tibete, Índia e Egito eram suas principais inspirações. O seu livro *Ísis sem véu* (1886) foi seguido dois anos depois pela sua obra máxima *A doutrina secreta*, que buscava cristalizar a essência oculta da experiência espiritual das maiores tradições religiosas. Ao casar a astrologia oriental com a ocidental, Madame Blavatsky tornou o assunto aceito entre os seus principais e mais eruditos seguidores.

A astrologia é um conceito subjacente de *A doutrina secreta*. Blavatsky deixa claro que está se referindo a uma astrologia "esotérica" em oposição à astrologia "exotérica" do Ocidente. Enquanto a primeira é uma ciência divina para o iniciado, a última é uma "astrolatria supersticiosa para o profano".² Seguindo sua exploração do oculto e dos mistérios antigos, ela concluiu que o zodíaco era muito antigo. As 12 constelações do zodíaco possuem uma energia poderosa e os sete planetas principais são as esferas dos espíritos. Eles nos afetam através de seus raios, emanções e vibrações. Os sete espíritos (também chamados de anjos e *logoi*) que presidem os sete planetas são os "Construtores do Universo". Além dos quatro planetas exotéricos (Saturno, Júpiter, Mercúrio e Vênus), existem outros três que permanecem sem nome e que possuem uma comunicação direta astral e psíquica com os Guias e Responsáveis na Terra. Vulcano é um planeta do qual recebemos impressões e que está escondido atrás de Mercúrio. Além disso, existem outros setenta planetas sem nome que presidem o destino das nações. Enquanto o Sol é positivo e vivo, a Lua é uma porção residual fria, símbolo do mal: "Ela está morta, embora seja um *corpo vivo*", e seu corpo decadente e sem alma está cheio de vida destruidora.³

Segundo Blavatsky, não são somente os sete planetas que nos influenciam. As sete estrelas da Ursa Maior possuem espíritos planetários, conhecidos como Rishis, que marcam a passagem do tempo e a duração dos eventos. Além disso, as sete irmãs das Plêiades (as supostas esposas dos Rishis) habitaram em uma época a Atlântida e são a fonte de energia. E até onde a estrela Sirius da constelação do Cão Maior é considerada, ela é a origem da "mente lógica" e o grande instrutor da humanidade. Juntos, os asterismos formam um triângulo cósmico nos céus com uma força poderosa que nos atinge na Terra via "o plano mental cósmico".

Blavatsky escreveu em termos precisos: "Sim, o nosso destino está escrito nas estrelas! (...) Isto não é superstição, no mínimo é um fatalismo (...) Está agora amplamente provado que até os horóscopos e a astrologia judiciária não são baseados na ficção, e as estrelas e constelações possuem, conseqüentemente, uma influência oculta e misteriosa e uma ligação com os indivíduos. E se existe esta última, por que não com as nações, raças e humanidade como um todo?"⁴ Porém, embora as influências ocultas dos corpos

celestes sejam poderosas, não são deterministas. Blavatsky insiste que: "Todos os grandes astrólogos admitiram que o homem pode reagir contra as estrelas."⁵

Seguindo a tradição de Blavatsky, em 1922 o ministro presbiteriano Marc Edmund Jones funda a "Sociedade Sabiana" nos Estados Unidos, utilizando o nome de uma irmandade mística que floresceu na cidade de Harran no Noroeste da Mesopotâmia até o século X. Em seu *Key Truth of Occult Philosophy*, publicado em Los Angeles em 1925, Jones declara que a primeira chave é "O Tempo é Ilusão" e a segunda é "O Espaço é Relacionamento". Seus símbolos sabeus oferecem uma imagem simbólica separada para cada um dos 360° do zodíaco. Ele dividiu ainda cada signo ao meio para formar 24 "durações" de 15°, com características ou qualidades diferentes atribuídas a eles. Por exemplo, em Áries (a "Duração da Realização"), o símbolo do oitavo grau é um chapéu de mulher "com tiras tremulando ao vento leste". O Reverendo Jones interpretou isto como "a primeira tentativa real de exteriorização e personificação da consciência. São sugeridas forças individualizadoras orientais".⁶

Pouco antes da morte de Madame Blavatsky, em 1891, apresentaram-lhe um jovem inglês no seu Grupo Interno que deveria transformar a astrologia teosófica em um instrumento prático e popular para as massas no século XX. Seu nome era William Allen (1860-1917), um agradável e ambicioso caixeiro viajante. Transformando-se em um Alan Leo mais sugestivo, ele lançou uma revista, a *Modern Astrology*, com sua ardente esposa teosófica (que insistiu em um relacionamento platônico). Isto auxiliou a reintroduzir na astrologia a dimensão espiritual que é aceita amplamente nos dias atuais. Leo preencheu claramente uma necessidade popular, de modo que sua revista floresceu, e seu grupo de astrólogos enviava pelo correio milhares de horóscopos a um *shilling* cada um (Zadkiel tinha pedido aos seus clientes pagamento em guinéus). Mas Leo se esqueceu da lei e foi acusado duas vezes de vidente. Na segunda ocasião foi penalizado em cinco libras com 25 libras de custo.

Entretanto Leo não se deteve. Como organizador e relações públicas infatigável, não somente fundou três sociedades astrológicas, como a Loja Astrológica da Sociedade Teosófica, fundada em 1917, que originou todas as organizações britânicas subseqüentes. Leo foi o primeiro a produzir uma série de livros de auto-ajuda que visavam a audiência de massa e possibilitava os leitores a compreenderem os rudimentos da astrologia. Os títulos *Astrology for All*, *The Key to Your Own Nativity* e *Practical Astrology* são típicos. No primeiro trabalho, Leo delineou um "Astrologia Sem Cálculos" no qual as características individuais e pessoais eram representadas pelo Sol e pela Lua. Remontando as origens da astrologia até os caldeus (que diziam ter ensinado aos egípcios), ele argumentou que a astrologia era "o início de quase tudo que temos de valor na arte, literatura, religião

e ciência".⁷ Sem dúvida ele foi o responsável pela nova ênfase da personalidade no horóscopo e na astrologia como prática espiritual.

Ao rejeitar a noção de que a astrologia era meramente um renascimento decadente de uma antiga superstição, Leo tentou trazer uma base racional para o assunto. Argumentou que ela se baseava em dois princípios. O primeiro era que o universo inteiro, como o próprio termo denota, era uma unidade, e uma lei que operava em uma parte do universo devia operar no todo. O segundo princípio era que por meio do "estudo dos movimentos e posições relativas dos planetas as operações destas leis podiam ser observadas, medidas e determinadas". Enquanto a primeira foi prontamente aceita pela maioria dos cientistas, a última reivindicação se tornou uma pedra no caminho. Podíamos ser capazes de observar e medir as leis dos corpos celestes — assunto da astronomia —, mas interpretá-los era o objetivo da astrologia.

Leo apresentou a astrologia prática como uma ciência que exigia "um cérebro altamente organizado e uma tendência metafísica do pensamento" para apreender seu significado. E, mais que isso, ele a chamou de "alma da astronomia" e a "exposição mais prática e científica do destino que o mundo jamais conheceu". Era nada menos do que "A Lei que Governa o nosso Sistema Solar". Na verdade, assim como o judaísmo tinha sido a religião da Era de Virgem e o cristianismo da Era de Peixes, a astrologia estava destinada a se tornar "a religião da raça" na próxima Era de Aquário, "o signo do HOMEM, que logo surgiria, com a missão de preparar o caminho para a era da humanidade perfeita em que Deus poderia habitar".⁹ Na verdade, uma grande pretensão!

Mas, com sua base teosófica e interesses esotéricos, a astrologia de Leo estava longe de ser determinista. "O caráter", gostava de dizer, "somente o caráter determina o destino." O verdadeiro ego, insistia, estava além do horóscopo. Era possível melhorar o caráter por meio do crescimento da alma, cujo poder mágico é a vontade: "Sua senha é EU serei aquilo que DEVO SER; e, quando ela *deseja* ultrapassar as limitações das estrelas, então ela se liberta da roda dos renascimentos." A astrologia encerra um segredo: "Aquele que perde sua vida, a encontrará."¹⁰ Terminou o trabalho com o adágio medieval: "Sábio é o homem que rege suas estrelas."

A atividade lucrativa de Leo se mostrou verdadeiramente alquímica quando os seus escritos chegaram ao receptivo compositor Gustav Holst. No processo, eles foram transmutados por sua imaginação celestial em uma das mais sublimes expressões da astrologia: *Os planetas*. Cada uma das peças musicais reflete o caráter astrológico dos planetas. Holst foi sem dúvida inspirado pela astrologia, embora preferisse manter silêncio a respeito da sua fonte de inspiração no trabalho de um companheiro-caixeiro-viajante-e-vidente.

Alice Bailey e a Astrologia Esotérica

A teosofista norte-americana Alice A. Bailey foi outra escritora fortemente influenciada por *A doutrina secreta* de Madame Blavatsky, que propôs um "Novo Grupo de Servidores do Mundo". Ela desenvolveu sua própria versão da *Astrologia esotérica* (1934) que considerou ser uma forma de "astrologia intuitiva" baseada na "ciência antiga". Como a sua grande mentora, ela reivindicou estar em contato com os mestres tibetanos El Morya e Kut Humi e se considerava membro de uma "aristocracia criativa" de exploradores espalhados pelo mundo. Em sua visão, o universo estava sob controle de determinadas "Vidas", cujo propósito estava além da compreensão das mentes mais iluminadas deste planeta. Consciente de que a astrologia baseava-se em uma ilusão (o zodíaco, por exemplo, é o caminho imaginário que o Sol descreve no céu), ela contudo argumentou que "era a apresentação mais pura da verdade oculta no mundo", porque lidava com as energias e forças que atuavam no campo inteiro do espaço.¹¹

Bailey adotou a antiga visão de que os corpos celestes nos influenciavam através de "raios estelares". Mas manteve que esotericamente, em vez de cinco planetas não sagrados existiam sete planetas sagrados (entre os quais o nosso era um deles), que correspondiam aos sete centros de energia no homem. Existiam também setenta "planetas escondidos" em nosso sistema solar, que era somente um entre sete sistemas solares que formavam os sete centros de energia de "Aquele Sobre Quem Nada Pode Ser Dito".¹²

Em uma nota a um mapa das "Sete Hierarquias Criativas em Expressão Planetária Ativa", Bailey reconheceu corretamente que muita coisa parecia obscura e errônea. Ela a tornou ainda mais complicada adicionando que a posição de Sagitário entre Capricórnio e Aquário era "uma ênfase temporária e mudaria em outro ciclo do mundo".¹³ E somente os iniciados seriam de todo capazes de apreender seu significado. Na verdade, Bailey ofereceu novos regentes para os planetas e constelações para aqueles que estavam no "caminho".

Segundo Bailey, os humanos não são influenciados pelos planetas, mas pela constelação da Ursa Maior, as sete irmãs das Plêiades e pela estrela Sirius da constelação do Cão Maior. Juntas, elas formam um Triângulo Sagrado nos céus, isto é, "um agregado de centros no corpo de Aquele Sobre Quem Nada Pode Ser Dito".¹⁴ Novamente, as sete estrelas da Ursa Maior (conhecidas como sete Rishis) são as fontes dos sete raios do nosso sistema solar. Mas a Lua havia perdido seu poder. Na época de Lemúria (uma civilização lendária como a de Atlântida), a Lua era uma entidade vital, mas agora era uma forma morta, fonte de declínio e destruição. Tudo isso lembra fortemente Madame Blavatsky.

Quanto interpretação do mapa natal na astrologia esotérica de Alice Bailey, o Sol indica o problema atual do indivíduo e está relacionado às suas tendências de vida; o Ascendente indica a vida pretendida e contém o segredo do futuro; a Lua indica o passado e resume as limitações e fraquezas. Sim, como Blavatsky, ela também reconheceu que podemos ir além das influências das estrelas pela nossa força de vontade — a característica que distingue a "força de Shambala". É parte da natureza divina do homem que sabe que o bem inevitavelmente triunfará sobre o mal."

Segundo Bailey, em suas inúmeras encarnações a pessoa passa por todo o círculo zodiacal de Peixes a Áries. Mas este não é o fim da matéria. Se o indivíduo emergir da "Grande Ilusão", então a grande "Roda da Vida" será revertida e ele será capaz de trabalhar na direção oposta e finalmente emergirá como um ser iluminado e salvador do mundo.¹⁶ Claramente, o trabalho de Bailey foi contra o contexto da astrologia "exotérica" contemporânea, que representa o universo como um organismo vivo com uma alma do mundo. Recuperou também a antiga crença de que a astrologia é o meio mais importante para a iluminação.

Jung e a Astrologia Psicanalítica

Apesar do interesse de escritores como Goethe, a astrologia, enquanto prática, precisou de muito tempo para ser aceita na Alemanha. Aquilin Backmund (1876-1938), conhecido como Alexander Bethor, fundou a primeira revista astrológica alemã, a *Zodiakus*, em 1909. Alfred Witte (1878-1941) deu a ela um grau de respeitabilidade intelectual e fundou a "Escola de Hamburgo", que utilizava oito planetas transnetunianos hipotéticos e até produziu efemérides para eles. O Dr. Reinhold Ebertin (cerca de 1880) tornou-se membro sênior dos astrólogos científicos e fundou o Instituto Cosmobiológico. A tradição alemã desenvolveu a técnica radical dos "pontos médios", que vê o ponto médio do zodíaco entre dois planetas como a expressão das suas energias. O método geralmente descarta as casas intermediárias e os signos do zodíaco.

Embora vários líderes nazistas, notavelmente Rudolf Hess, Heinrich Himmler e Joseph Goebbels consultassem astrólogos, o próprio Hitler parece ter expressado pouco interesse. Temeroso de previsões desfavoráveis, ele manteve o astrólogo suíço Karl Ernest Krafft (que tinha interpretado Nostradamus para Goebbels) sob custódia da polícia a partir de 1941. Somente quando a Alemanha enfrentou a derrota em maio de 1945 Goebbels foi capaz de persuadir Hitler a considerar o seu horóscopo e o da república traçado em 1933.¹⁷ Durante a Segunda Guerra Mundial, o astrólogo alemão Louis de Wohl, que se

mudara para a Grã-Bretanha em 1935, foi empregado pelo governo britânico para neutralizar todas as influências negativas possíveis.

Vários psicólogos de língua alemã se sentiram atraídos pela astrologia tanto como meio de compreensão do ser quanto como um método para a transformação pessoal. Foi este aspecto que atraiu um dos amigos de Sigmund Freud, o médico Wilhelm Fleiss. Acreditando na doutrina hermética das correspondências e na numerologia pitagórica, Fleiss tentou estabelecer uma relação causal entre os ritmos do metabolismo humano e os movimentos dos planetas. Não foi capaz de convencer Freud, mas o discípulo de Freud, Carl Jung (1875-1961), assumiu a astrologia com o zelo de um convertido. Em uma carta a Freud escrita em junho de 1911, ele descreveu suas noites como "passadas principalmente com a astrologia. Faço cálculos de horóscopo para descobrir a chave para o âmago da verdade psicológica". Jung permaneceu envolvido com a astrologia pelo restante da sua vida.

Onde Freud enfatizava a importância da dinâmica sexual desde os primeiros passos na determinação da personalidade adulta, Jung sentia que o processo de se tornar de fato um indivíduo envolvia o desenvolvimento de uma relação significativa com o cosmo. Isto o levou inevitavelmente a um aprazível estudo tanto da alquimia quanto da astrologia: "Se alguns autores de erudição medíocre acreditaram até agora que poderiam [desdenhar] a astrologia como aconteceu no passado, esta mesma astrologia, que surge na alma das pessoas, se apresenta mais uma vez hoje nos portões da universidade que deixou trezentos anos atrás."¹⁸

Ele se interessou a fundo pelos *insights* psicológicos dos povos antigos e concluiu que a astrologia certamente seria reconhecida sem reservas porque "a astrologia representava o resumo de todo o conhecimento psicológico da Antigüidade".¹⁹ O interesse de Jung não era meramente teórico, pois ele algumas vezes utilizou os horóscopos de seus pacientes para auxiliá-lo em suas análises.

A própria visão de mundo de Jung repetia da astrologia tradicional. Sua noção de "arquétipos" fincados no inconsciente coletivo é similar às "idéias" universais de Platão, que fornecia o padrão para todos os objetos existentes. Sob essa perspectiva, Jung viu os signos do zodíaco como 12 "imagens arquetípicas" ou manifestações do inconsciente coletivo, como o Velho Saturno e a Jovem Virgem Vênus. Isto sem dúvida explica o poder do simbolismo astrológico para inspirar a imaginação.

Graças à precessão dos equinócios, Jung reconheceu que os dados do nascimento em um horóscopo não dependiam das constelações astronômicas verdadeiras, mas de um "sistema de tempo arbitrário, puramente conceitual". Mas isso não significava que o horóscopo não tinha um significado, pois: "Tudo que nasce ou é feito em um momento

do tempo possui as qualidades deste momento do tempo", afirmou.²⁰ No prefácio do *I Ching*, em 1949, ele acrescentou que assim como existem antiquários que podem distinguir a época, o local de origem e o artífice de um *objet d'art*, existem astrólogos "que podem lhe dizer, sem qualquer conhecimento prévio da sua natividade, em que posição o Sol e a Lua estavam e qual o signo zodiacal que despontava no horizonte no momento do seu nascimento. Face a estes fatos, é preciso admitir que um instante pode deixar pistas duradouras".²¹ Considerando esta idéia, o conceito lembra a visão de Ptolomeu sobre a hora do nascimento como uma semente da futura personalidade. Embora Jung tenha mais tarde modificado esta formulação, ela foi considerada por inúmeros astrólogos como uma explicação para o significado do horóscopo.

Essa idéia complexa precisa ser compreendida no contexto da celebrada noção de "sincronicidade" de Jung, que ele desenvolveu tempos depois em *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle* (1950). Ele reconheceu que as ligações entre os eventos em determinadas situações podiam não ser casuais — isto é, elas podiam não ser como uma bola batendo casualmente em outra e fazendo-a cair na caçapa de uma mesa de sinuca. Pelo contrário, poderia haver uma combinação não verdadeiramente casual de eventos, eventos que possuíam "um tipo de ligação cruzada significativa" que era reconhecida pela mente que os percebia. Definiu então a sincronicidade como "uma relatividade psiquicamente condicionada de espaço e tempo" na qual eventos externos e internos (físicos e psíquicos) não estavam casualmente conectados.²²

Este "princípio conectante não casual" explica a experiência comum de coincidências significativas. Um exemplo clássico é quando o relógio pára — e nunca anda novamente — com a morte do seu dono. Outro exemplo é o de Lord Caernarvon, o profanador da tumba de Tutankamon, que ao morrer em um hotel no Cairo o seu cão em North Wales uivou e caiu morto. E outro exemplo dado por Jung foi o besouro dourado fazendo barulho contra a vidraça no momento preciso que uma das suas pacientes mencionou ter sonhado com um besouro na noite anterior.

O princípio da sincronicidade explicaria também a relação entre os eventos nos céus e os eventos na Terra; um não precisa necessariamente causar o outro, mas eles possuem uma ligação importante. A idéia também espelha a idéia dos estóicos da simpatia universal. De fato o próprio Jung não a viu em termos de uma "casualidade mágica" (visão sustentada pelos primeiros astrólogos), mas preferiu a hipótese da filosofia natural que assume "uma correspondência secreta ou conexão significativa entre os eventos naturais".²³ As sincronicidades ocorrem quando o conteúdo arquetípico no inconsciente coletivo emerge na consciência, isto é, quando eles são "constelados". Os Grandes Anos, definidos em relação às constelações nos céus, exemplificam o processo em uma imensa escala coletiva.

Jung reivindicou um interesse científico para a astrologia e apoiou uma pesquisa estatística sobre o assunto. No início da década de 1950, ele tentou até demonstrar o funcionamento da sincronicidade investigando a sinastria dos casais — isto é, sua compatibilidade revelada pela comparação de seus mapas natais. Ele fez um estudo estatístico de 483 casamentos, traçando 966 horóscopos. O objetivo era estabelecer as diferenças entre casais casados e solteiros. Em seus horóscopos, ele procurou três contatos tradicionalmente compatíveis: Lua-Sol (o "casamento cósmico" ideal do Sol e Lua), Lua-horizonte e Lua-Lua. No primeiro grupo de 180 pares casados ele encontrou o aspecto mais comum da Lua em conjunção com o Sol (dez por cento); e no segundo, de 220 pares, a Lua em conjunção com a Lua (10,9 por cento). Unindo os dois grupos, de quatrocentos pares casados a Lua em conjunção com a Lua surgiu em 9,2 por cento, enquanto a Lua em conjunção com o Sol e a Lua em oposição ao Sol, sete por cento, respectivamente.

Jung observou que, embora considerados separadamente, os resultados refletiam as combinações que ele procurava, e quando reunidos eles cancelavam uns aos outros. Declarou o experimento inconclusivo e afirmou: "Se os astrólogos tivessem se concentrado mais nas estatísticas para justificar cientificamente a precisão das suas previsões, teriam descoberto há muito tempo que os seus pronunciamentos repousam em bases instáveis."²⁴ Ao mesmo tempo ele ficou chocado com a observação de que as previsões de alguns astrólogos eram tão precisas que eram estatisticamente perturbadoras. Estudando a pesquisa do Dr. Rhinem, da Duke University nos Estados Unidos, sobre telepatia e clarividência, sugeriu que o astrólogo era como um vidente que podia, às vezes, ter uma rápida visão do futuro.

Jung reconheceu em seus próprios experimentos que o pesquisador tendia a encontrar aquilo que buscava. No caso da astrologia, sugeriu que "existia um segredo de convivência mútua entre o material e o estado psíquico do astrólogo".²⁵ Apesar do seu desejo de parecer científico, colocando a astrologia em um mundo psicofísico do significado humano, Jung demonstrou que os métodos das ciências puramente físicas não eram apropriados para a compreensão do assunto. A relação entre os eventos nos céus e na Terra não é casual; os eventos coincidem e se correspondem.

Jung foi um instrumento na criação da visão contemporânea amplamente difundida do horóscopo natal como um "mapa da psique", no qual os corpos celestes estão ligados aos aspectos da mente. Em *Jung and Astrology* (1992), a astróloga Maggie Hyde destaca que a psicologia do inconsciente se aplica ao astrólogo tanto quanto ao cliente em seu relacionamento.²⁶ Como acontece com qualquer terapeuta ou conselheiro, o astrólogo não pode se esconder sob um manto de objetividade.

Apesar do seu interesse nas forças inconscientes da psique e sua dimensão espiritual, Jung gostava de pensar que sua abordagem da psicanálise era científica. Na verdade, tem havido duas correntes principais na astrologia moderna. Uma é a tentativa para demonstrar que a astrologia é uma ciência objetiva e, a outra, de vê-la como uma ferramenta valiosa para o crescimento psicológico. Esta abordagem psicológica rejeita o determinismo da escola científica de astrologia, que atribui as causas aos corpos celestes mais do que os considera como sinais e símbolos. Os astrólogos com tendências psicológicas se voltam quase que inteiramente para o mapa natal e vêem o horóscopo como um banco de sementes de possibilidades esperando para serem realizadas.

Dane Rudhyar e a Astrologia Humanista

Na França, o renascimento da astrologia começou com o Dr. Gerard Encausse (1865-1916), que assinava suas obras com o pseudônimo de Papus. O Professor Paul Choisy (1867-1920), conhecido como Paul Flamert, foi o primeiro a colocar a astrologia sobre uma base estatística e passou toda a vida tentando fazer com que fosse aceita no mundo científico. Seu trabalho foi assumido e desenvolvido mais tarde pelo psicólogo Michel Gauquelin, que contribuiu mais que qualquer outro para uma justificativa estatística sobre as reivindicações astrológicas da influência extraterrestre.

Além de Gauquelin, cujo trabalho será considerado no próximo capítulo, o astrólogo francês mais influente do século XX foi Daniel Chenevrière, que foi para os Estados Unidos com 21 anos e adotou o pseudônimo de Dane Rudhyar (1895-1985). Ele combinou o interesse pela teosofia e psicologia com a preocupação humanística pelo indivíduo. Rejeitando o "método científico" da astrologia, que utiliza os "raios" ou "ondas" para explicar a influência dos corpos celestes, ele viu a astrologia como o primeiro e mais importante sistema simbólico, um tipo de "álgebra da vida". Seu primeiro livro importante, *A astrologia da personalidade* (1936), menciona os "símbolos sabeus" de Jones e foi publicado a pedido de Alice Bailey. Ele lançou as bases para uma nova abordagem. "As revoluções dos corpos celestes", insistiu, "constituem em sua totalidade um símbolo vasto e complexo que, por si mesmo, é formado somente pelos padrões ciclicamente mutáveis dos relacionamentos."²⁷ Os planetas e as estrelas utilizados na astrologia são, portanto, apenas símbolos e não causas. Na verdade, Rudhyar argumentou que fazia sentido para o indivíduo permitir que os símbolos se organizassem de modo significativo.

Enquanto estabelecia o Comitê Internacional da Astrologia Humanista, Rudhyar desenvolveu suas idéias na obra *The Practice of Astrology: As a Technique in Human*

Understanding (1968). Apresentou o tema em 13 etapas enfatizando a necessidade de "assumir a responsabilidade pessoal pelo uso do próprio conhecimento". O conhecimento que poderia ser adquirido incluía a compreensão de si mesmo e a sabedoria de atingir um relacionamento harmonioso com o universo. Aquilo que o céu revela, reiterou, "nada mais é que *material bruto para a compreensão humana*".^{1*} Longe de causar os eventos que acontecem na Terra, uma conjunção de planetas apenas *indica* a possibilidade de um determinado tipo de evento ocorrer num determinado momento em um determinado lugar. Não prevê "eventos", mas somente delineia fases no desenvolvimento de uma pessoa. A astrologia é portanto uma técnica de compreensão, um método de interpretação do relacionamento entre grupos de fenômenos casualmente relacionados. É um processo tão simbólico quanto uma pintura, uma peça musical ou o cálculo de uma fórmula matemática complexa.

Mais que qualquer outro astrólogo, Rudhyar foi responsável pelo desvio da atitude astrológica em relação à psicologia no século XX.²⁹ Ele enfatizou também a dimensão espiritual. Em seu *The Astrology of Transformation* (1980), sugeriu que o "indivíduo em formação" deveria ver o mapa natal como uma mandala, um meio de meditação sobre o ser, e também como um símbolo do carma individual. Mas enquanto a astrologia trans-pessoal de Rudhyar visa a criação de um indivíduo completamente autônomo, seu objetivo último é transcender a consciência individual, deixando para trás a biologia e a cultura. Isto envolve o casamento da mente com a alma, a "descida" do espírito e a "ascensão" da matéria.³⁰ A realização do sentido de ser do indivíduo é compreendida como um objetivo imaginário antes da transformação final em uma pessoa totalmente realizada que se une à consciência universal, onde centro e circunferência são uma coisa só. Na verdade, desta perspectiva o mapa natal é o primeiro estágio no Grande Trabalho da alquimia espiritual: "Um altar no qual deve arder o fogo da superação constante." Rudhyar finalmente termina em misticismo puro: o fogo alquímico é "o Todo cantando como 'EU' em uma miríade de silêncios".³¹

Alan Oken e a Conscientização Astrológica

Outro influente astrólogo norte-americano que trilhou a estrada psicológica e espiritual é Alan Oken. Como revela o título do seu livro *Assim como é em cima, é embaixo: um guia primordial para a conscientização astrológica* (1973), ele estava bem ciente da lei das correspondências no coração da Tradição Hermética. O epigrama de abertura é do estóico Marcus Aurelius: "Considere sempre o universo como um ser vivo, com

substância material e um espírito." Ele enfatizou que o indivíduo é um microcosmo do universo: em toda a criação existe uma repetição do mesmo padrão em todas as estruturas, do menor átomo à maior unidade do universo. Uma das principais razões de o "Homem" estar na Terra é se tornar cada vez mais realizado. A astrologia é um método desta conscientização progressiva, um meio de expandir a consciência e de ajudar no "Caminho da Iluminação".³²

Escrevendo na década de 1970, Oken estava convencido de que havia uma fusão entre as comunidades esotérica e exotérica, entre o ocultista e o cientista natural, e que a astrologia, que liga as mentes intuitiva e racional, estava liderando o caminho. Em *The Horoscope, the Road and its Travelers* (1974) enfatizou novamente que a astrologia é uma ferramenta prática para compreender o ser e para ajudar os outros, e também um caminho espiritual em direção a uma compreensão maior da lei universal. Vendo a astrologia como um veículo da sabedoria antiga, Oken pensava que era o momento da chegada da Era de Aquário, em que o "templo interior" da astrologia do ensinamento esotérico, até então reservado aos iniciados, seria apresentado às "massas".³¹

Pacote de Sementes e o Bastão Caído

A moderna abordagem psicológica da astrologia vê as correlações entre os planetas e os traços da personalidade em um mapa natal como principalmente simbólicos. Um símbolo atinge, além do reino objetivo e empírico, o reino do inconsciente e da imaginação. Simultaneamente, um símbolo pode organizar e iluminar qualquer experiência a que se refere.

Desta perspectiva, a astrologia oferece uma rica linguagem simbólica que pode ser utilizada para interpretar a experiência humana e para ordenar e compreender nossos sentimentos. A astrologia pode fornecer um veículo para a interpretação da complexidade da experiência humana e dos ritmos profundos da condição humana. Pode ampliar o autoconhecimento. Ao nos ajudar a nos tornar mais conscientes de nossos limites e possibilidades, ela pode nos auxiliar a agir com mais decisão e intenção. O horóscopo é, na sua melhor visão, um mapa da nossa potencialidade. Assim como os antigos viram as estrelas como "janelas" ou "portas" para um outro mundo, ela pode nos dar uma rápida visão dos futuros possíveis.

Ter nossas forças e fraquezas delineadas pelas estrelas pode ser libertador. O que fazemos com o conhecimento é responsabilidade nossa. Pode nos ajudar no processo de despertar e transformar o ser. Podemos ter nascido com certas características, mas não

temos de ser escravos delas. Podemos canalizar nossas energias negativas em uma direção positiva, transformar nossas dificuldades e problemas em oportunidades de crescimento e realização.

A moderna astrologia "centrada na pessoa" focaliza mais a interpretação da experiência subjetiva do indivíduo do que a previsão dos eventos externos. Transcende então o antigo debate a respeito do destino e do livre-arbítrio, apresentando o horóscopo como uma impressão das possibilidades, sem prever que uma dessas possibilidades será realizada. Desta perspectiva, o horóscopo é como um pacote de sementes que recebemos ao nascer. Se as sementes vão cair em um solo pedregoso ou fértil, se murcharão ou florescerão, se darão flores ou ervas daninhas, depende amplamente de nós. Podemos cultivar ou negligenciar o jardim do nosso ser.

Existe, naturalmente, o perigo de que com uma definição psicológica tão sem limites da astrologia ela possa se tornar tudo para todos. Ouspensky conta um caso interessante sobre o seu mestre espiritual, o armênio G. I. Gurdjieff. Um aluno uma vez perguntou a ele sobre astrologia, mas o mestre continuou a falar com um grupo de outros alunos em um bosque. De repente ele deixou cair o bastão. Cada aluno reagiu de uma maneira diferente. Um não notou, outro pulou para apanhá-lo, outro pulou muito tarde e outro viu que ele tinha caído intencionalmente e observou a reação de todos. Quando discutiram sobre as reações instintivas, Gurdjieff observou: "Isso é a astrologia."³⁴

35

Ciência ou Superstição?

A alucinação mais persistente que sempre obcecou o cérebro humano.

FRANZ CUMONT

EM UM ATAQUE SEM PRECEDENTES, OS 19 GANHADORES DO PRÊMIO NOBEL SE solidarizaram com "186 cientistas de renome" e incluíram seus nomes no fim de um artigo intitulado "Objecções à Astrologia", que foi impresso na revista norte-americana *The Humanist* em 1975. Felizmente, trilhando uma área fora das suas especialidades, declararam o assunto como uma superstição grosseira sem base científica e que os astrólogos eram meros charlatões ao pretender qualquer coisa além disso:

Cientistas de vários campos ficaram apreensivos com o aumento da aceitação da astrologia em várias partes do mundo. Nós, abaixo-assinados — astrônomos, astrofísicos e cientistas de outras áreas —, desejamos aconselhar cautela ao público contra a aceitação sem questionamentos das previsões e conselhos dados em particular ou publicamente pelos astrólogos. Aqueles que desejam acreditar na astrologia devem compreender que não existe uma base científica em seus princípios (...) Por que as pessoas acreditam na astrologia? Nestes tempos incertos várias pessoas buscam o conforto de ter uma orientação para tomar decisões. Elas gostariam de acreditar em um destino predeterminado por forças astrais que estão além do seu controle. Entretanto, devemos encarar o mundo e precisamos compreender que o nosso futuro está em nós mesmos e não nas estrelas.

Pode-se imaginar nesta época de esclarecimento e educação amplos que seria desnecessário desmascarar crenças baseadas em magia e superstição. Porém a aceitação da astrologia permeia a sociedade atual.¹

O manifesto revelou não só a arrogância humanista de que "o nosso futuro está em nós", como deixou implícito que a ciência moderna é o único meio para descobrir a verdade a respeito da natureza da mente e do universo. Mais perturbador foi o seu ataque a editores de livros e à mídia por disseminar as descobertas da astrologia que podem somente contribuir para "o crescimento do irracionalismo e do obscurantismo". Esta nova Inquisição não veio de fanáticos religiosos, mas de uma comunidade supostamente fria e racional de cientistas que decididamente se sentiu indignada quando teve de encarar um assunto que não se ajusta à sua compreensão preconceituosa do mundo. Como observou o filósofo e cientista norte-americano Paul Feyerabend, o virulento manifesto contra a astrologia "mostra a extensão que os cientistas estão preparados para afirmar sua autoridade até em áreas nas quais não possuem qualquer conhecimento".²

O aspecto mais extraordinário deste manifesto é que ele jamais deveria ter sido escrito. Cem anos antes ele já teria sido impensável, pois a astrologia era considerada morta e enterrada, esmagada para sempre pelos dois pilares gêmeos da Razão e Ciência. Antes da Segunda Guerra Mundial, Harold Spencer Jones, astrônomo real do Observatório de Greenwich, na Grã-Bretanha, declarou: "A astrologia é uma asneira, mera coleção de regras empíricas que atravessou as névoas confusas do passado (...) enquanto a astronomia é a Rainha das Ciências, a astrologia é a Rainha da Fraude."³ Sentimentos similares foram expressos em uma inserção sobre astrologia na edição de 1957 da *Enciclopédia Britânica*: "Uma pseudociência que (...) ainda floresce, contudo, na Ásia e na África e é meio de vida de vários charlatões que oprimem as classes ignorantes em todos os países." Seguindo os mesmos passos, o astrônomo de uma emissora britânica, Patrick Moore, declarou que a astrologia é "um truque sem base científica e que pode ser resumida na palavra 'bobagem'".⁴ Na verdade, a astrologia tem sido chamada de a "mais persistente alucinação que sempre obcecou o cérebro humano".⁵

É fácil para a mente racional e científica (incluindo a minha em um estágio da minha vida) descartar todo o assunto como bobagem, como uma forma de superstição extravagante que persiste perigosamente na era da razão e do esclarecimento. Afinal, como a posição dos planetas no momento do nascimento pode influenciar nosso caráter e vida? A astrologia deve ser claramente não científica e irracional.

Mas será? A evidência científica é tão distinta como reivindicam seus detratores? Nem todos os cientistas estão preparados para fechar a mente para a possibilidade de forças extraterrestres afetarem os organismos vivos na Terra. O bombardeio e influências celestes são parte inevitável do nosso ambiente maior. A ciência moderna está aceitando a tradição antiga ao reconhecer que o cosmo influencia o tempo atmosférico, a vegetação e a qualidade do ar que respiramos. Ele pode até influenciar nosso humor e personalidade.

Influência Solar

Sem o Sol naturalmente não haveria vida na Terra. O seu nascer e o caso diários fornecem o ritmo básico das nossas vidas, moldando os períodos de sono e vigília. Somos totalmente programados para seguir o ciclo da noite e do dia, dormir e trabalhar. O Sol tanto exerce um efeito físico sobre o nosso bem-estar (como fonte de vitaminas), quanto psicológico. É o movimento que o Sol descreve entre o Trópico de Câncer e o Trópico de Capricórnio que marca as estações. E as estações nas quais nascemos e crescemos afetam nossa personalidade. Após estudar os ciclos em ação em toda a natureza, o Professor Ellsworth Huntington, de Harvard, reconheceu: "Tudo isso confirma a astrologia (...) Contudo, o fato inegável de milhões de nascimentos não deixa dúvida de que as pessoas nascidas em fevereiro ou março diferem decididamente daquelas nascidas em junho e julho."⁶ A taxa de mortes em Londres aumenta em trinta por cento no inverno. Algumas pessoas que vivem nos climas gelados do Norte descobrem que ficam deprimidas pela falta de Sol no inverno, tanto que a condição conhecida como S.A.D. (Desordem Afetiva Sazonal) foi reconhecida há pouco. Não são apenas as margaridas e as quelidônias que se abrem para o Sol.

Existe um corpo crescente de evidências que sugere que a atividade cíclica do Sol exerce um amplo efeito sobre a Terra. Foi argumentado que as erupções solares possuem uma relação definida com os alinhamentos de Júpiter-Saturno, que podem causar uma alteração máxima no Sol provocando uma abundância de manchas solares, o que por sua vez poderia acionar terremotos através de uma injeção maciça de partículas na atmosfera superior.⁷

Têm havido também trabalhos interessantes sobre a influência da atividade das manchas solares. Elas são tempestades magnéticas intensas que aparecem como áreas escuras na superfície do Sol e que emitem quantidades gigantescas de radiação. Elas vem e vão em intervalos irregulares dentro de um ciclo regular de 11,6 anos. O hematologista japonês Dr. Maki Takata desenvolveu um índice para medir o nível da albumina no sangue, um colóide orgânico que estimula a coagulação. Ele descobriu que existe um elo claro entre a variação mundial no nível de albumina e a atividade das manchas solares — agora conhecido como efeito Takata. Concluiu que as flutuações na radiação solar afetam profundamente o nível da albumina: o índice aumenta durante os períodos de maior atividade das manchas solares e logo após o nascer do Sol, enquanto diminui durante os eclipses solares. Após 17 anos de trabalho, Maki Takata concluiu: "O homem é um tipo de relógio solar vivo."⁸

Influência Lunar

A Lua também exerce considerável influência sobre a vida na Terra. Galileu declarou que a teoria de que as marés são causadas pela Lua foi uma "bobagem astrológica".⁹ Shakespeare sabia mais quando escreveu em *Hamlet*: "A estrela úmida/Sob a qual repousa a influência do império de Netuno/Fica pior, quase que incontrolável durante o eclipse." Todo marinheiro e cientista sabe agora que as marés de sizígia ocorrem duas vezes por mês nos dois dias após a Lua Nova e a Cheia. As marés de quadratura ocorrem duas semanas depois. A maré estará no seu máximo (o que acontece duas vezes por ano) quando uma maré de sizígia coincidir com a maior proximidade da Lua.

A lei da gravitação universal de Newton explica o fenômeno das marés. As marés de sizígia ocorrem quando Sol, Lua e Terra se alinham para criar o grau máximo de gravidade nas Luas Nova e Cheia. A parte da superfície da Terra mais próxima da Lua fica sujeita ao empuxo mais forte, de modo que o mar ali fica bojudo, deixando achatada aquelas áreas onde a atração gravitacional está menor. O atraso de dois dias é criado pela resistência da água. O tamanho da maré depende de duas coisas: da distância entre a Lua e a Terra e da sua posição relativa ao Sol. Quando a Lua está mais próxima da Terra, sua força fica trinta por cento mais elevada do que quando está mais afastada. A força das marés do Sol é somente igual a metade daquelas da Lua,

Existem naturalmente dois ciclos lunares principais. A progressão da Lua Nova (quando a Lua está entre a Terra e o Sol e reflete pouca luz solar) para a Lua Cheia, e o seu retorno é conhecido como ciclo lunar *sinódico* e leva cerca de 29 dias e meio para se completar. O outro ciclo é o tempo que a Lua leva para fazer uma revolução completa em torno da Terra em relação às estrelas "fixas". Como a Terra também se move em sua própria órbita em torno do Sol, este ciclo *sideral* leva um pouco menos de tempo, cerca de 27,3 dias.

Segundo o antigo escritor Lucilius: "A Lua alimenta as ostras, enche os ouriços-do-mar, engorda os mariscos e os animais." O que foi descoberto ser verdade é que os ouriços-do-mar no Mar Vermelho e o verme do mar do Pacífico possuem um ciclo sexual ligado ao mês lunar. Até a atividade de um morcego em um quarto escuro varia de acordo com a posição da Lua.¹⁰

Experimentos realizados por Frank A. Brown, professor de Biologia na Northwestern University, o levaram a concluir que os organismos podem ser receptores altamente sensíveis até dos impulsos mais fracos da Lua. Ele levou ostras em caixas à prova de luz de New Haven, Connecticut, para Evanston, Illinois, e descobriu que em duas semanas elas ajustaram os seus ritmos de abertura e fechamento às fases lunares de Evanston. Organismos

diferentes como batatas e caranguejos chama-maré mostram periodicidades anuais (solares) e mensais (lunares). Estudos de organismos vivos, de algas a plantas, de animais invertebrados até vertebrados, mostram que os ritmos metabólicos são bem independentes das condições externas imediatas. Brown concluiu: "Ficou agora bem claro que sob essas condições constantes todos os seres vivos impuseram continuamente sobre eles os ritmos metabólicos do ambiente exatamente iguais aos da natureza das frequências geofísicas."¹¹

Após uma longa série de experimentos sob condições controladas, a teosofista Lily Kolisko, seguidora do sistema de Biodinâmica de Rudolf Steiner, concluiu que existe uma relação entre o ritmo do crescimento das plantas e as fases da Lua sob as quais elas foram plantadas.¹² Pelo método empírico, os vegetais crescem mais rápido quando plantados pouco antes da Lua Cheia e mais lentamente se plantados na Lua Minguante. Segundo testes realizados por outros defensores da Biodinâmica, descobriu-se que vegetais folhosos crescem melhor quando plantados na Lua Cheia e as raízes sob a Lua Minguante ou Nova.

Os seres humanos, parece, não estão a salvo da influência da Lua. Incontáveis mulheres descobrem que seu ciclo menstrual coincide com as fases da Lua; não é um fato arbitrário da palavra *menses* significar meses, e por extensão, "período". Darwin observou: "O homem descende do peixe (...) por que os 28 dias do ciclo feminino não podem ser um vestígio de um passado em que a vida dependia das marés e, portanto, da Lua?"¹³ Há muito foi observado que alguns indivíduos mentalmente perturbados ficam com frequência mais agitados durante o período da Lua Cheia; na verdade, a palavra "lunático" vem de *luna*, palavra latina para Lua. A lenda do lobisomem, do homem que se transforma em um lobo sedento de sangue, era compreendida como uma forma de loucura (conhecida como licantropia) causada pela Lua.

Estudos recentes nos Estados Unidos parecem ter apoiado a antiga prática dos cirurgiões ayurvédicos na Índia que atrasam a operação até que a Lua comece a minguar para evitar as cicatrizes. Um cirurgião da Flórida, Edson Andrews, descobriu que o sangramento excessivo nas operações de amígdalas e de úlceras pépticas coincidia com frequência com a Lua Cheia. "Estes dados têm sido tão conclusivos e convincentes para mim", escreveu, "que corro o risco de me tornar um médico feiticeiro e operar somente em noites escuras, deixando a luz da Lua para o romance."¹⁴

Influências Planetárias

Não é difícil aceitar que o Sol e a Lua influenciam a vida na Terra, mas em relação aos outros planetas e ao cosmo como um todo? Novamente, alguns cientistas chegaram a alguns

resultados e teorias intrigantes. Os experimentos do Professor Giorgio Piccardi na Universidade de Florença com a "água ativada" (utilizada para limpar aquecedores) mostrou que forças extraterrestres mudam as propriedades da água. Em particular, Piccardi descobriu que a velocidade da reação do bismuto de oxícoral varia de acordo com a época das erupções solares, perturbações magnéticas poderosas ou grandes grupos de raios cósmicos. Em uma base anual, ela varia de acordo com o movimento espiralado que a Terra descreve em sua trajetória sinuosa, através de campos de força diferentes em sua viagem pela galáxia. É também afetada pela atividade das manchas solares em seu ciclo de 11 anos.¹⁵

Se essas reações químicas são influenciadas por forças extraterrestres, por que a vida orgânica, incluindo nós, seres humanos, não seria tocada da mesma maneira? Transmissões de ondas eletromagnéticas foram detectadas vindas da Lua, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Poderiam os próprios planetas serem os responsáveis pelas excentricidades do Sol que nos afetam? Como observou Piccardi: "Não é necessário projetar um homem no espaço interplanetário, nem mesmo fazê-lo deixar seu país ou sua casa, para sujeitá-lo aos efeitos do cosmo. O homem está sempre dentro do universo, pois o universo está em toda parte."¹⁶

De uma perspectiva diferente, o controverso astrônomo britânico Percy Seymour argumentou que a vida orgânica responde, através do seu sistema nervoso, às propriedades magnéticas da Terra, Lua e Planetas: "O campo magnético da Terra vibra com uma faixa ampla de frequências naturais" e as "forças das marés" dos planetas são capazes de fazer com que as frequências naturais "mantenham um ritmo" com elas. Ele compara o sistema solar a um enorme transmissor de música cósmica: os planetas, Sol e Lua são suas estações de transmissão, cada uma enviando sinais de uma frequência específica. Todos os elementos do cosmo interagem juntos através de um tipo de "ressonância". A magnetosfera da Terra recebe e amplifica a música. Os seres humanos respondem melhor a certas "estações" do que outras, segundo seus nascimentos e genética. Isto seria uma versão moderna da antiga teoria da Harmonia das Esferas.

Mas como isto afeta um indivíduo no nascimento? A hipótese de Seymour é que as órbitas dos planetas causam mudanças no campo magnético da Terra. A atividade elétrica resultante afetará o feto humano em evolução através da "ressonância" (a pedra de toque da sua teoria), moldando desta forma a personalidade. "Estou sugerindo", ele escreveu, "que um feto com determinado grupo de características herdadas possui um sistema nervoso geneticamente sintonizado para receber flutuações específicas do campo geomagnético, e que não responderá a outras de maior força com as quais não está sintonizado."¹⁷ Qualquer que seja a natureza da personalidade individual, ela ficará automaticamente sintonizada com aquelas flutuações pelo restante da sua vida.

Michel Gauquelin e o "Efeito Marte"

O trabalho de Seymour é principalmente teórico, mas isso não pode ser dito a respeito das pesquisas do psicólogo e estatístico francês Michel Gauquelin (1928-1991), que passou três décadas investigando se os planetas exerciam algum efeito sobre a personalidade humana. Ele decidiu ser rigorosamente científico em seu método: "Primeiro vamos descartar todas as explicações ocultistas de que os planetas ascendentes poderiam 'lançar um encantamento' de um tipo invisível ou simbólico sobre um recém-nascido, um encantamento que estaria ligado à sua vida inteira e ao seu destino. Este tipo de pronunciamento não é pertinente, pois só poderão ser formuladas hipóteses cientificamente concretas, limitadas e precisas."¹⁸

Sua primeira descoberta foi que em um grupo de 508 médicos eminentes havia uma estranha preferência pelo nascimento num momento em que Marte ou Saturno tinha acabado de surgir ou estava em seu ponto mais elevado (zênite). Mas sua descoberta mais celebrada foi o chamado "efeito Marte" sobre os esportistas. Se Marte não desse qualquer indicação de que um bebê se tornaria um campeão nos esportes, então o esperado seria 32 campeões para cada um dos 18 setores nos quais ele dividiu seus mapas natais. Analisando a posição de Marte no nascimento de 570 campeões franceses, Gauquelin encontrou 355 com o planeta em uma "zona quente" — isto é, nos setores dos céus logo após o aparecimento (acima do Ascendente), no ápice (Meio do Céu) e, em menor extensão, em pontos opostos (próximo do Descendente e no Fundo do Céu). A probabilidade de desvios como estes acontecer por acidente é mais de mil contra um. Ele não encontrou relação para nascimentos induzidos por medicamento.

O Comitê Belga para a Investigação dos Fenômenos Reconhecidamente Paranormais (Le Comité Belge pour l'Investigation Scientifique des Phénomènes Reputés Paranormaux), fundado em 1949, repetiu o experimento em 1965 com uma amostra de 535 atletas e confirmou o "efeito Marte". Os membros escolheram não publicar os resultados, apesar do pedido de demissão de um dos seus professores. Uma organização similar nos Estados Unidos, o Comitê para a Investigação Científica das Reivindicações do Para-normal (sigla em inglês SCICOP) — fundada em 1976 pela revista *The Humanist*, que tinha editado o *Objections to Astrology* — repetiu novamente o "efeito Marte" nos atletas, porém novamente os resultados não foram publicados, o que levou a mais demissões e recriminações.¹⁹

Reunindo dados de 25 mil europeus importantes, Gauquelin descobriu ainda uma ligação entre a Lua e os escritores e os políticos, Vênus e escritores, Marte e atletas e soldados, Júpiter e atores, soldados e escritores, e Saturno e médicos e cientistas. Havia

uma clara distinção entre os planetas tradicionalmente "duros", Marte e Saturno, com as profissões "duras" dos esportes, serviços que requerem porte de arma, e a ciência, e planetas "suaves", a Lua, Vênus e Júpiter, com as profissões "suaves" das artes.

E mais do que coincidência que a interpretação astrológica tradicional dos planetas deve se ajustar às profissões? Marte, tradicionalmente, se liga a soldados; Júpiter está associado aos "instrumentos de metal" da orquestra e também aos atores; Saturno é adequado à cautela e ao cientista racional. Com estes dados, a pesquisa de Gauquelin parece sugerir que os indivíduos tendem a escolher profissões que se adaptam ao seu tipo de temperamento, como indicado pelos planetas no momento do nascimento.

Além do seu estudo com 25 mil europeus importantes, Gauquelin também descobriu que em 15 mil relações de pais com seus filhos os dados indicaram uma relação entre o "céu do nascimento" dos pais e o dos filhos.

Embora o trabalho de Gauquelin tenha sido amplamente bem recebido pelos astrólogos, ele não considerou alguns dos aspectos mais importantes da astrologia tradicional. Por exemplo, ele dividiu os horóscopos em 18 setores em oposição aos 12 convencionais. Suas zonas "quentes" caíam nas Casas cadentes (12, 9, 6 e 3) e não nas Casas angulares, como seria esperado pelos astrólogos. Não encontrou evidências para as reivindicações tradicionais sobre o signo solar nem descobriu se a posição dos planetas fazia diferença nas personalidades das pessoas. Manteve que metade dos planetas — Mercúrio, Urano, Netuno e Plutão — não desempenhava papel algum.

Enquanto trabalhava no Laboratório Psicofisiológico na Universidade de Estrasburgo, Gauquelin escreveu *L'astrologie devant la science* (1966), que denunciava a astrologia popular. Na sua visão, ela havia se tornado uma "árida doutrina de preços e taxas ordenadas segundo regras arbitrárias".²⁰ Temendo perder sua respeitabilidade acadêmica, distanciou-se da astrologia. Na verdade, após uma vida de pesquisas estatísticas sobre o assunto, declarou que como "os mais esmerados estudos mostraram a futilidade dos horóscopos, deve haver um forte recuo contra esta exploração da credulidade pública".²¹ Concluiu que a astrologia comercial deveria ser combatida como um perigo psicológico e social.

Apesar de todo o seu ceticismo, insistiu que os antigos astrólogos mereciam nosso respeito e que havia um lugar para uma nova e diferente "cosmobiologia". A vida animal na Terra, afinal, é somente um fragmento da vida total do universo.

Em geral, os astrólogos foram astutos ao promover a pesquisa de Gauquelin para conseguir um peso científico para o assunto. John Addey afirmou que o trabalho que Gauquelin tinha feito pela astrologia era comparável ao de Darwin pela biologia.²² Em sua inspirada defesa da astrologia, John Anthony West argumentou ainda que o "efeito Marte" provava a premissa fundamental da astrologia. Prossegue ainda para declarar: "O

trabalho de Gauquelin equivale à defesa *científica* da antiga doutrina metafísica da Harmonia das Esferas; essa doutrina que reconhece os planetas e as estrelas como personificações e transmissores dos Princípios Divino e Cósmico."²³

Astrologia e Psicologia

Outros experimentos nos Estados Unidos foram menos conclusivos que os de Gauquelin. O psicólogo norte-americano Vernon Clark testou a habilidade dos astrólogos para determinar detalhes biográficos de indivíduos a partir do seu mapa natal. Eles conseguiram mostrar uma habilidade significativa em casar esquemas biográficos com horóscopos certos e em discernir um QI alto e uma paralisia cerebral, mas isto pode ter sido causado mais por sua intuição do que por suas habilidades astrológicas. Tentativas para repetir os experimentos falharam. Seguindo o trabalho de Vernon Clark, Shaun Carlson, em Berkeley, Califórnia, testou julgamentos de "astrólogos" contra Inventários de Personalidade derivados de questionários. Os astrólogos mostraram uma habilidade para detectar descrições de inventário adulteradas a partir de evidências nos horóscopos, mas, segundo o nível de significado estatístico dos experimentos, eles falharam. As descobertas foram publicadas na revista *Nature* em dezembro de 1985 com a inferência questionável de que o experimento "desmente claramente a hipótese astrológica".

John Addey aplicou a pesquisa estatística à astrologia tradicional e a sua "teoria das harmônicas" para reinterpretar as descobertas de Gauquelin. Uma versão moderna da antiga doutrina da Harmonia das Esferas, sua teoria com base matemática tentou consignar correspondências harmoniosas do cosmo. Os elementos principais do mapa natal eram interpretados como "formatos de onda" em ciclos periódicos dos céus — signos (a eclíptica), Casas (a rotação diária da Terra) e os aspectos (as órbitas dos planetas). Os próprios formatos de onda eram expressos em números. Por exemplo, o aspecto do trígono (a divisão dos 360° do círculo em segmentos de 120°) dava o número 3, os quatro ângulos expressavam o número 4 e assim por diante. Além disso, Addey estava particularmente interessado em como a astrologia funcionava. Apesar de sua inspiração pitagórica, ele utilizou a analogia mecânica de uma fechadura para explicar a impressão da assinatura astrológica no nascimento.

Os trabalhos de Gauquelin, Vernon Clark e outros foram cuidadosamente analisados pelos psicólogos britânicos H. J. Eysenck e D. K. B. Nias, no Instituto Britânico de Psiquiatria na Universidade de Londres na década de 1970. Embora céticos desde o início, eles não foram capazes de encontrar algo de seriamente errado com os métodos, estatísticas

ou conclusões de Gauquelin ao ligar certos planetas a profissões, em especial porque o seu trabalho poderia ser refeito outras vezes. Na verdade, concluíram que ele tinha formado "uma amostragem muito convincente" para a premissa astrológica básica de que existe uma conexão entre os assuntos da humanidade e a posição dos planetas no momento do nascimento: "As descobertas são inexplicáveis, mas são também concretas e como tal não podem mais ser ignoradas."²⁴

Utilizando os conceitos de Jung de introversão e extroversão, Eysenck e o astrólogo Jeff Mayo testaram a hipótese de que as pessoas extrovertidas tendem a nascer sob os signos de numeração ímpar do zodíaco (Áries, Gêmeos, Leão, Libra, Sagitário, Aquário) e as pessoas introvertidas sob os signos de numeração par (Touro, Câncer, Virgem, Escorpião, Capricórnio, Peixes). Isto significa que as pessoas nascidas em Leão são muito mais propensas a desenvolver um tipo de personalidade extrovertida do que uma outra nascida com o Sol em Câncer. Os resultados foram chocantes e exatamente de acordo com a previsão astrológica, embora Eysenck fosse cauteloso afirmando que isto poderia ser um resultado de profecias que se cumpriram, já que os indivíduos sabiam que estavam participando de um experimento astrológico.²⁵

Eysenck e Mayo testaram também se indivíduos nascidos nos signos de água (Câncer, Escorpião e Peixes) tendiam a ser mais emotivos e neuróticos do que os nascidos sob signos de outros elementos. E, mais uma vez, quando os resultados foram passados para o computador, a relação prevista entre a personalidade e a data do nascimento surgiu "bem claramente". Confessando o seu "ceticismo instintivo e aversão por qualquer coisa mística", Eysenck escreveu: "Descobrir um fato sólido no campo astrológico foi surpreendente e não inteiramente bem-vindo (...) talvez nossa arrogância não esteja bem colocada: talvez possam existir mais coisas no céu e na Terra do que jamais sonhamos!"²⁶

Embora rejeitassem as reivindicações mais ferozes da astrologia popular, Eysenck e Nias reconheceram que forças extraterrestres influenciam a vida na Terra e pediram mais pesquisas no campo da cosmobiologia. "Talvez tenha chegado a hora", concluíram os cientistas intransigentes, "de afirmar quase que de modo inequívoco que uma nova ciência está no processo de nascimento. Em meio a toda a escória, parece realmente ter havido uma pepita de ouro."²⁷

Astrologia e Ciência

Por disposição e treinamento, os cientistas convencionais tendem a ser hostis à astrologia. O reconhecimento de tais forças misteriosas e invisíveis funcionando no cosmo enfraqueceria sua visão de mundo predominantemente mecânica e materialista. Se as suas

descobertas sugerissem que pode haver verdades na astrologia, a tendência seria ignorá-las ou não publicá-las. Se fossem inconclusivas, eles tirariam conclusões condenando direto a astrologia naquilo que não fosse apoiado por sua evidência fragmentária. Alguns astrólogos acreditam que tem havido um esforço concentrado na comunidade científica para suprimir qualquer evidência que sustente as reivindicações da astrologia.

Os cientistas e os ganhadores do Prêmio Nobel que objetaram a astrologia estavam claramente se aventurando fora dos seus campos de competência de maneira tal que teriam causado uma reação raivosa se tivessem feito o mesmo com o trabalho de outros colegas cientistas. Além disso, até na astronomia e na medicina os cientistas modernos possuem, sem dúvida, pouco conhecimento a respeito da história da sua área de atuação, e menos ainda da enorme contribuição que a astrologia trouxe para o seu desenvolvimento. Eles fingem não perceber que alguns dos maiores astrônomos no passado, como Ptolomeu, Tycho Brahe e Kepler eram astrólogos praticantes. Esquecem-se de que a astrologia foi a mãe da ciência e da psicologia no mundo antigo.

A própria ciência não é a autoridade final e o único meio para o conhecimento. Como todo filósofo e historiador sabe, a ciência se desenvolve ao desaprovar teorias anteriores. Isto, com frequência, resulta num súbito desvio de paradigma quando uma teoria existente não pode mais levar em consideração um número crescente de anormalidades levantadas pela evidência empírica e inconsistências lógicas, como ocorreu nas chamadas revoluções de Copérnico e Darwin. E as leis da natureza não são regras férreas, mas simplesmente padrões regulares observados na natureza. Como escreveu o matemático e filósofo A. N. Whitehead: "As certezas da Ciência são uma decepção. Elas são cercadas de limitações inexploradas. O nosso lidar com as doutrinas científicas é controlado pelos conceitos metafísicos difusos da nossa época."²⁸

Ironicamente, o ponto fraco de grande parte da nova ciência confirma a antiga visão de mundo dos astrólogos. A Teoria da Relatividade descreve um universo muito mais fluido e indeterminado do que o modelo mecânico de Newton, que era governado por leis eternas. A física quântica mostra que os sistemas podem mudar rapidamente de maneira imprevisível — os saltos quânticos — de um estado para outro. O Princípio da Incerteza de Heisenberg sugere ainda que o observador afeta inevitavelmente aquilo que está sendo observado.

Mais recentemente, a Teoria do Caos mostra como os aglomerados de causas e efeitos podem ser complexos. Um evento insignificante em uma parte do nosso planeta pode facilmente influenciar outra parte de uma maneira maior: o bater de asas de uma borboleta em Tóquio pode afetar o tempo em Nova York. A Teoria do Caos enfatizou o comportamento aparentemente aleatório de sistemas regulares em determinados níveis, como

o ritmo de um relógio ou o gotejar de uma torneira. A forma de cada floco de neve é única. É possível prever a órbita de Júpiter, mas não o movimento da chuva escorrendo por uma janela. O mesmo pode ser dito em relação aos seres humanos: sabemos que nascemos para morrer, mas os detalhes da nossa vida parecem intermináveis.

Contudo, embora possa parecer que existe um grande caos e uma imprevisibilidade infinita na natureza, existe uma ordem subjacente. Os padrões finalmente emergem em sistemas caóticos e complexos em computadores. Certas formas, conhecidas como fractais, podem ser discernidas na natureza, como a linha recortada do litoral. Em uma nova versão da doutrina hermética do "Assim como é em cima, é embaixo", o físico britânico David Bohm argumentou que existe uma "ordem enredada" no universo na qual todas as partes daquilo que existe é envolvida dentro de outra parte. Isto não deve ser entendido em termos de uma arrumação regular de objetos ou eventos, mas sim que "uma ordem total é contida, em algum sentido implícito, em cada região do espaço e do tempo".²⁹ Na verdade, assim como o yin e o yang do Tao, enquanto a natureza flui entre os pólos opostos da ordem e do caos, existe uma harmonia geral. Como observou Einstein, Deus não joga dados com o universo. Se tivesse jogado, teria sido com dados marcados.

Até onde a astrologia alcança, é difícil prever exatamente o caráter e a vida futura de uma pessoa, assim como prever o movimento de um rio, do mercado de ações ou de uma corrida de cavalos porque existem inúmeras variáveis envolvidas. Ao mesmo tempo, certas tendências podem ser deduzidas através da marca de um horóscopo. Ele oferece uma plataforma da jornada da vida, um pacote de sementes de possibilidades.

Finalmente, o momento da concepção de uma pessoa e o nascimento devem permanecer como parte importante da sua formação. Se formos concebidos em amor, acredito que transportaremos esta segurança e calor conosco para sempre. Se nossa experiência do nascimento foi feliz, isto se revelará na vida adulta. Na verdade, o que acontece antes afeta o que virá depois: nós, inevitavelmente, interpretaremos nossos encontros posteriores em termos de nossas experiências anteriores. Em certo sentido, podemos dizer que o caráter é destino tanto quanto o destino é caráter.

Contudo, como última consideração, cabe a nós decidir o que fazer das sementes que recebemos no nascimento. Como num jogo de xadrez, existem certas regras e parâmetros no jogo da vida, porém o resultado depende das nossas escolhas racionais e intuitivas. Somos produtos do nosso ambiente celeste e também do natural, social e cultural. Nossa formação genética, nossa criação e educação também nos afetarão. E, embora nos adaptemos ao nosso ambiente, também podemos mudá-lo. As nossas primeiras experiências nos afetarão, mas não podemos dizer "não" ao nosso condicionamento. Em nossa consciência repousa nossa liberdade. Não somos somente objetos passivos manipulados por forças ex-

ternas, mas indivíduos ativos com consciência, visão e previsão capazes de moldar nosso destino. Quanto mais nos desenvolvemos como seres conscientes e espirituais, mais nos libertamos das influências físicas do céu e da Terra. Podemos assumir nosso passado e nos lançar no futuro por meio de nossas escolhas e atos conscientes atuais. Finalmente, podemos ultrapassar nosso horóscopo e criar uma obra de arte do nosso próprio ser.

O Mistério do Céu e da Terra

A astrologia oferece, como a religião e a filosofia, mais uma interpretação do que uma descrição da realidade. É uma interpretação que é fundamentalmente mais simbólica e imaginativa do que racional e descritiva. Como um sistema de crença, não é baseada no mundo objetivo físico, mas em um reino psicofísico de significado humano. Tendo primeiro se desenvolvido como parte de um sistema de iniciação, ela corporifica princípios cósmicos. Como tal, está mais próxima da maneira "mitopoética" de pensamento — isto é, a mentalidade formadora de mitos das primeiras sociedades e das sociedades pré-industriais. Não somente os mitos podem conter elementos disfarçados do fato histórico, como verdades psicológicas e metafóricas. Eles revelam padrões profundos de significado do inconsciente coletivo.

Os símbolos possuem a qualidade de personificar o pensamento das idades, a experiência das gerações e das fantasias da espécie humana. Acendem a imaginação e evocam visões do que está além. Falam uma linguagem sem palavras que todos podem compreender. Os símbolos dos signos solares, por exemplo, agem para nós como os totens dos índios norte-americanos. O meu signo, Leão, se refere a um objeto natural — um grupo de estrelas que lembra um leão no céu noturno —, mas é também o meu "espírito animal" com o qual me pareço vagamente. Ao dizer "Eu sou Leão", estou dizendo que não somente nasci em determinado mês como também que tenho as características do leão, que simboliza minha personalidade. Ao revelar que "Eu sou Cachorro" no esquema astrológico chinês, estou dizendo que nasci em determinado ano e que possuo certas características semelhantes ao cão.

Claramente, a forma mais popular de astrologia — os signos solares — é a mais superficial. É difícil dizer de modo racional ou científico que a duodécima parte da população partilhará na mesma época do mesmo destino no amor, trabalho e diversão. Mas, se estes símbolos e totens forem significativos para aqueles que lêem suas "estrelas" nos jornais, não vejo motivo de não serem aceitos como mitos úteis para ajudar as pessoas a compreender a si mesmas e a trabalhar suas prioridades.

Em uma análise final, a astrologia está mais próxima da divinação do que da ciência, mais próxima da poesia do que da arte psíquica. Apela mais à imaginação do que à razão. Como escapa a uma definição mais precisa, é extremamente frustrante para a mente racional e ordenada. Mas sua qualidade única é que engloba todas essas coisas, pois se volta tanto para os números quanto para as artes, tanto para o observador do céu noturno quanto para o explorador da psique, tanto para o matemático quanto para o artista.

No centro da astrologia repousa o mistério insondável da correspondência entre o céu e a Terra e os relacionamentos entre nós mesmos, o tempo e o cosmo. Com o colapso da ciência antiga e das certezas religiosas, e com os crescentes problemas da alma, ela sem dúvida responderá às profundas necessidades psicológicas e espirituais da humanidade pelos tempos vindouros.

36

Questões não Resolvidas

Do caos nasce uma estrela dançarina.

NIETZSCHE

EXISTEM VÁRIAS QUESTÕES NÃO RESOLVIDAS CONCERNENTES À ASTROLOGIA, MUITAS abertamente reconhecidas pela maioria dos astrólogos sérios. Até John Addey, primeiro presidente da Associação Astrológica da Grã-Bretanha, reconheceu as dificuldades:

Até onde as regras práticas do horóscopo alcançam, elas são um grupo de incertezas — o zodíaco, as Casas, os aspectos —, todos problemas refratários que só podem ser resolvidos por meio de um trabalho cuidadoso e persistente; a base filosófica deve ainda ser adequadamente reproduzida nos tempos atuais; as leis e os princípios metafísicos do nosso tema não são coordenados; nossos registros estão espalhados e contêm vários erros.¹

Da maneira como é amplamente praticada hoje, a astrologia se baseia em uma visão astronomicamente falsa do universo e segue regras arbitrárias estabelecidas dois mil anos atrás. Opera ainda dentro da visão ptolomaica de mundo que coloca o Sol no centro do universo. Isto, é claro, afeta apenas a prática da astrologia que se baseia na suposição de que as influências dos planetas são relativas somente para a Terra.

Novamente, ela não considera a inclinação da eclíptica sobre o equador celeste acima do círculo polar onde a eclíptica coincide com o horizonte, cruzando portanto as Casas. Isto significa que as crianças nascidas na Sibéria, Lapônia e Finlândia não podem ter um horóscopo normal. Nessas regiões, o Sol da meia-noite, que não nasce nem se põe, ilustra graficamente o problema. Por causa da inclinação do eixo da Terra, a extensão do tempo

passado sob cada constelação ou signo do zodíaco para um determinado lugar na Terra varia de acordo com sua latitude e longitude. Como resultado, as Casas variam e algumas são de todo ausentes.

As Casas são uma das áreas mais difíceis na astrologia. Sua divisão varia de acordo com diferentes tradições e escolas: algumas dividem o mapa natal em oito casas, a maioria, em 12. No Egito Antigo, os astrólogos trabalhavam com setores de 10° — os decanos — sobre a eclíptica; na Índia, eles operam com campos de 3°; e no Ocidente, com 30°, embora isto também possa variar. Alguns utilizam os métodos de Campanus ou Regiomontanus, enquanto a maioria segue o sistema de semi-arco do século XVII do monge italiano Placidus de Titis. Um semi-arco é definido como metade do tempo (convertido em graus e minutos do espaço) que um planeta permanece acima ou abaixo do horizonte. Um terço do semi-arco é a extensão da Casa para aquele planeta. A competição entre os sistemas de Casas produz posições zodiacais diferentes para as cúspides das Casas intermediárias, o que é claramente inconveniente.

Isto conduz para a questão dos aspectos, o arco em graus entre dois planetas quaisquer ou pontos no zodíaco. O "orbe", o número de graus em cada lado de um aspecto exato, varia de acordo com os astrólogos; os mais tradicionais variam de orbe dependendo do planeta envolvido. Na astrologia horária, o período para atingir a exatidão para "aplicação de um aspecto" (usado para mostrar eventos futuros) pode ser de horas ou dias depois do momento do horóscopo. A "separação de um aspecto" (usado para mostrar o passado) vem antes do momento do horóscopo.

O estabelecimento das direções e progressões também parece um tanto arbitrário. Direções são métodos de mover planetas e outros fatores para novas posições e aspectos no mapa natal. "Direções primárias" resultam da rotação diária da Terra nas horas após o nascimento. "Direções secundárias" ou "progressões" são derivadas dos movimentos planetários ao longo da eclíptica nos dias após o nascimento. Diz-se que a posição dos planetas um *dia* após o nascimento significa as condições de vida um *ano* após o nascimento. Por que esse seria o caso além de qualquer convenção?

Existem outras direções astrológicas que são ainda mais questionáveis: "direções do arco solar", que adicionam o arco da progressão secundária do Sol para uma data em particular a todos os fatores no horóscopo; "direções terciárias", que igualam os meses lunares após o nascimento com os anos da vida; e as "direções simbólicas" (assim chamadas porque o aumento não é ligado a qualquer movimento astrológico), que adicionam aumentos fixos aos fatores do horóscopo para cada ano. Na astrologia horária, um grau é em geral equivalente a um dia, mês ou ano de acordo com o contexto.

Talvez a crítica mais notável à astrologia ocidental seja que ela não leva em consideração a precessão dos equinócios. A maioria dos astrólogos do Ocidente utiliza o zodíaco "tropical", que é fixo. Cada ano astrológico começa a 0° de Áries, conhecido como primeiro ponto de Áries. Mas, graças à precessão do eixo da Terra, o Sol no equinócio vernal agora surge na verdade a 7° de Peixes. Para a maioria dos astrólogos ocidentais, uma criança nascida em 24 de março é ariana, mas o Sol está na verdade surgindo em Peixes no momento do seu nascimento. Um egípcio antigo "ariano" nascido na Era de Touro seria, presumivelmente, ainda mais diferente de um outro nascido hoje.

Os astrólogos indianos utilizam o zodíaco "sideral", que alinha o ponto de início dos 12 signos com o início da constelação estelar fixa de Áries. O zodíaco sideral não está inteiramente ausente na astrologia ocidental, pois a precessão dos equinócios forma os Grandes Anos. Estamos agora na Era de Peixes, porém próximos de entrar na Era de Aquário.

Onde tudo isso deixa a astrologia dos signos solares? Qual o melhor zodíaco a ser utilizado, o tropical ou o sideral? Pessoalmente, penso que o sideral é preferível, porque ele corresponde mais precisamente à situação real nos céus no momento do nascimento. E quanto ao Círculo de Animais chinês, que é totalmente imaginário?

Isso significa que uma tradição está certa e a outra errada? Uma saída para o dilema é reconhecer que o próprio zodíaco é uma criação da imaginação humana, uma projeção dos arquétipos inconscientes nas formas que lembram certas figuras humanas e criaturas nos céus. A astrologia oferece uma linguagem celeste com a qual podemos expressar sentimentos, pensamentos e imagens sobre nós mesmos. O zodíaco pode variar segundo tradições culturais — assim como somos, assim vemos —, mas isso não significa que uma seja a melhor.

Embora a maioria dos dicionários ateste que a palavra "zodíaco" vem do grego e significa "Círculo de Animais", ela também pode ser traduzida como "Roda da Vida". Como tal, o zodíaco pode ser visto como uma representação simbólica da transformação sazonal e dos ciclos intermináveis da criação.² Na verdade, ele oferece um símbolo do Vários contido no Um.

Embora a astrologia não seja mais parte integrante da astronomia, ela considera algumas descobertas dos astrônomos. Ela adotou os três novos planetas Urano (descoberto em 1781), Netuno (1846) e Plutão (1930) e deu a eles características que refletem o espírito da época em que foram descobertos. Urano, o deus do céu, está associado à revolução, inovação e intuição; Netuno, o deus do mar, ao idealismo, confusão e refinamento; Plutão, senhor do submundo, à destruição, transformação e transcendência. Seguindo os passos de Alice Bailey, alguns astrólogos continuam a trabalhar com os planetas

ocultos que ainda esperam para ser descobertos. Os astrólogos indianos geralmente trabalham com 12 planetas que têm maior função espiritual e que correspondem aos 12 signos do zodíaco.

Alguns astrólogos também incorporaram Quíron, o planetóide — possivelmente um cometa aprisionado —, que fica entre as órbitas de Saturno e de Urano e que foi descoberto em 1977. As efemérides que representam os seus movimentos já se encontram em livros. Filho de Saturno, Quíron é visto como um exemplo do curador ferido que ensina a arte da sobrevivência em um mundo hostil.³ Mais controverso é o uso de asteróides em horóscopos. Eles formam um cinturão de um grande número de fragmentos que se acredita ser um planeta desintegrado entre as órbitas de Marte e de Júpiter. As efemérides de alguns dos asteróides mais conhecidos como Ceres, Palas, Juno e Vesta estão publicadas. Quando terminará a lista de corpos celestes?

Virtualmente, todos os astrólogos não aceitaram a tentativa dos astrônomos em 1995 de alterar a divisão do zodíaco consagrada pelo tempo em 12 signos, introduzindo uma 13ª constelação chamada Ofiúco (associada ao curador grego Esculápio). Os pés de Ofiúco atingem a eclíptica entre as constelações de Escorpião e de Sagitário, com uma amplitude de 18,5°. O Sol passa pela constelação entre 30 de novembro e 18 de dezembro a cada ano. Mas, ainda que haja uma 13ª constelação na eclíptica, isto não significa que há um 13º terceiro signo. Os signos do zodíaco, embora antigos, têm sido sempre um padrão projetado nos céus; como tal, eles são uma convenção, não uma realidade. Enquanto a adição dos três planetas Urano, Netuno e Plutão torna a interpretação de um mapa natal mais sutil e rica, aceitar um 13º signo transformaria todo o simbolismo do zodíaco numa grande confusão.

Permanecem três outras preocupações principais. A primeira é a questão levantada por Santo Agostinho quanto ao motivo de as personalidades de gêmeos serem diferentes. Isto também se aplica a "gêmeos do tempo" — isto é, bebês que nascem no mesmo momento e lugar com pais e mães diferentes. Segundo a astrologia tradicional, os horóscopos de gêmeos deveriam ser idênticos, embora a experiência mostre que gêmeos tendem a ser diferentes tanto quanto outros irmãos. Por outro lado, gêmeos nascidos de mesmos pais não nascem exatamente no mesmo momento, e isto poderia fazer uma diferença em seus horóscopos. A maioria dos astrólogos contemporâneos diria que o mapa natal não é um catálogo rígido de características predeterminadas, mas um mapa de tendências. Gêmeos de tempo partilham das mesmas tendências, mas serão também influenciados pela biologia e pela cultura, pela sua herança genética e pela criação.

Um assunto correlato é o do momento mais apropriado no tempo para ser utilizado no traçar do horóscopo. Deveria ser o momento da concepção ou o momento do nascimento?

Ptolomeu estava bem consciente do dilema, e optou pelo último. O momento da concepção seria o mais apropriado, pois é o instante em que o óvulo e o espermatozoide se unem e o código genético é estabelecido. Segundo algumas tradições espirituais, este é o momento em que a alma penetra no corpo. Os astrólogos esotéricos trabalham algumas vezes com o momento da concepção, mas a grande maioria dos astrólogos modernos segue Ptolomeu e considera o momento do nascimento como mais significativo. O momento exato é em geral considerado como o da primeira inspiração do bebê. Se for o caso, os nascimentos artificialmente induzidos podem alterar a futura personalidade de uma criança.

Um problema associado é saber o momento exato do nascimento. Se não for conhecido com uma variação de até meia hora, ou não for realmente conhecido (com frequência este é o caso em lugares como a Índia e a África, onde os nascimentos nem sempre são registrados), um astrólogo pode traçar um mapa do momento aproximado e procurar indicadores do tempo real. O horóscopo pode ser analisado dentro de um certo espaço de tempo que indique os principais eventos passados, a fim de completar o processo da retificação. Um método tradicional para descobrir o momento da concepção é chamado de "Época Pré-natal" ou, mais pretensiosamente, o "Trutínio de Hermes". Isto envolve a troca do grau do Ascendente ou Descendente no nascimento pela posição da Lua dez meses antes do nascimento.

Em seguida existe a questão das tragédias de massa. Será que todos os judeus asfixiados pelo gás que foram mortos pelos nazistas ou os cidadãos de Hiroshima bombardeados pelos aliados tiveram seu destino escrito nas estrelas? O único sobrevivente da erupção vulcânica em St. Pierre na Martinica teria um mapa natal diferente dos outros cidadãos? É claro que as vítimas de catástrofes naturais, como inundações e terremotos, não podem todas partilhar do mesmo horóscopo. Outros fatores também influenciam.

Isto levanta a questão da astrologia mundana. Os astrólogos desta linha continuam a traçar horóscopos para eventos importantes, como coroações, assinatura de tratados ou início de negócios. Traçam horóscopos para organizações e nações geralmente baseados na descoberta de documentos ou tratados que representam o seu "nascimento".

William Lilly predisse com precisão tanto a peste quanto o Grande Incêndio de Londres no século XVII, e foi até levado diante da Câmara dos Comuns acusado de ter provocado as catástrofes. As profecias enigmáticas de Nostradamus são regularmente interpretadas para se ajustar a eventos recentes. Porém a mais famosa das profecias astrológicas — a previsão de um dilúvio após a grande conjunção de todos os planetas em Peixes em 1524 — não ocorreu. Da mesma forma, a quebra financeira do mercado de ações esperada para 3 de maio de 2000, quando os planetas pesados Urano e Netuno se alinharam, falhou visivelmente em se materializar.

Determinismo e Livre-arbítrio

O tema mais exasperante na astrologia é o do determinismo e do livre-arbítrio. Esta questão tem assombrado os melhores filósofos e teólogos, sendo assunto de discórdia. "São as estrelas/As estrelas acima de nós, que governam nossas condições", nos disse Shakespeare em *Rei Lear*. Mas em *Júlio César*, Cássio declara:

Os homens são em algum momento mestres dos seus destinos. A falha, caro Brutus, não está em nossas estrelas, Mas em nós mesmos, que somos seus subordinados.

Destino significa "Estava dito". Admite-se um universo ordenado e interligado, determinado. Para os hindus, ele aparece sob a forma do carma; para os muçulmanos é a vontade de Alá. Os gregos chamavam a face problemática do destino de Moira, representada pelas três deusas que portavam a Roca da Necessidade, enquanto os cristãos o chamam de face brilhante da Providência.

Com certeza, quando comecei a estudar astrologia, o primeiro grande choque foi a aparente negação da liberdade pessoal. Se os traços principais da nossa personalidade são decididos no nascimento, isto nega seguramente a responsabilidade pessoal pelos nossos atos? O tipo de determinismo intransigente que diz que os nossos destinos estão totalmente "escritos" nos céus enfraquece decididamente o papel da escolha pessoal nas vidas individuais e na história.

A versão mais extrema desta questão foi abordada pelo astrólogo francês Morin de Villefranche no século XVII: "Os dados do nascimento e os eventos na vida dos homens são encadeados pela Providência que visa uma ocorrência necessária da realização comunal do destino, de modo tal que aquele que é destinado por nascimento, por exemplo, a morrer assassinado não falha no encontro com o seu assassino, e aquele que deve ter um casamento infeliz invariavelmente buscará a mulher que fará isso."⁴ Se este for o caso, o assassino não será mais responsável pelo ato do que sua própria adaga; ambos estão aprisionados por forças superiores, meros elos na cadeia da necessidade.

Alguns astrólogos modernos, como Liz Greene, ainda encontram espaço para falar em destino, ou *Moira*. Para ela, existe "algo" que retalia quando os seus limites são transgredidos e que parece possuir "um tipo de 'conhecimento absoluto' não somente daquilo que o indivíduo necessita, mas do que *vai* necessitar no desdobramento da sua vida".^s

Alguns astrólogos modernos acolheram o argumento neoplatônico e hermético que diz que embora o destino possa ser representado pela influência das estrelas que estão

acima, isto não significa que os seres humanos não sejam livres. Quanto mais as pessoas se identificam com o seu ser físico, mais estão sujeitas às influências dos planetas. Inversamente, quanto mais as pessoas desenvolvem seu estado de consciência, mais são capazes de desenvolver seu livre-arbítrio e desta forma moldar suas vidas. Seguindo esta tradição, Margaret Hone escreve:

Visto que o homem se identifica com o seu ser físico e com o mundo físico à sua volta, ele é parte indissolúvel dele e está sujeito ao seu padrão mutável formado pelos planetas em suas órbitas. Somente o reconhecimento daquilo que sente como maior do que ele próprio poderá sintonizá-lo com o que está além do padrão terrestre. Desta maneira, embora não possa escapar dos acontecimentos terrestres, pela doutrina do livre-arbítrio e da "aceitação" imediata, ele poderá "desejar" que o seu eu verdadeiro seja livre da influência deles.⁶

A maioria dos astrólogos contemporâneos adota uma abordagem mais psicológica e vê o horóscopo como uma marca das possibilidades futuras. Como escreveram Jeff Mayo e Christine Ramsdale: "Vocês podem pensar que, se o futuro pode ser previsto, nós não temos livre-arbítrio e estamos enredados em um destino inescapável. O mapa natal mostra nossas características e impulsos *potencialmente* mais fortes e nossas limitações mais prováveis. Dentro do padrão geral do mapa (da nossa formação psicológica) temos uma completa liberdade de escolha."⁷

Para mim, a crença na correspondência entre o céu e a Terra não nega a possibilidade da transformação pessoal. O desenvolvimento do nosso estado de consciência é sem dúvida o caminho para a libertação: quanto mais consciente formos, mais nossas vidas serão criativas e intencionais. Como diz Hermes em sua *Hermética*, aqueles que seguem o princípio "A mente é o meu Guia" não sofrem dos males do destino. Os estudiosos medievais solidários à astrologia concluíram que "as estrelas inclinam, mas não obrigam". A pessoa sábia não é escrava, mas mestre das estrelas.

Uma questão que é geralmente feita é se a astrologia pode de fato prever o futuro. Para mim, os corpos celestes não são as *causas* dos eventos na Terra nem mesmo *sinais* que representam informações específicas, mas *símbolos* que somente evocam a possibilidade de um certo tipo de evento ocorrer no espaço e no tempo. A astrologia pode dar uma idéia de um quadro amplo que cada indivíduo preenche com os detalhes da sua vida. Novamente, as estrelas inclinam, mas não obrigam.

Alguns astrólogos foram capazes de prever eventos tanto sociais quanto individuais com uma precisão excepcional. Mas a habilidade de prever o futuro pode estar baseada

mais em uma leitura esclarecedora da história e da personalidade — sobre hipóteses — do que em uma leitura acurada do futuro. Na minha opinião, o futuro não é suficientemente predestinado e existem incontáveis variáveis desconhecidas agindo para ser possível uma previsão exata do que acontecerá. E o poder formador da mente e da imaginação humanas assegura que, até certo ponto, nós criamos nossas próprias vidas. O livre-arbítrio é parte integrante das nossas personalidades, independente de quanto elas possam estar estabelecidas no nascimento.

O mapa natal é como um aviso: ele aponta para o que pode acontecer em nossas vidas se seguirmos um caminho particular. Ele nos revela a respeito da passagem do tempo e das oportunidades que podem se abrir para nós em estágios diferentes das nossas vidas. Mostra as cartas que o destino poderá nos apresentar, e nós, mesmo assim, podemos influenciar o resultado do jogo. Quanto mais habilidosos formos, mais bem-sucedidos seremos. Ao mesmo tempo, não existe o chamado mapa ruim: as provações poderão inspirar atitudes e atos positivos, e os obstáculos poderão ser encarados como desafios a serem superados. Ambos são meios para a transformação pessoal. Forjamos nosso ego no fogo do sofrimento na Terra e revelamos nosso ser verdadeiro quando as coisas se apresentam difíceis. Até a aceitação de certas limitações — nós nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos — pode trazer sabedoria e paz à mente.

Embora nasçamos em uma determinada situação — social, histórica, ambiental, terrestre e celeste —, isto não significa que somos meramente um produto das nossas circunstâncias e que as nossas vidas estão predestinadas a seguir determinada direção. Na verdade, por um ato supremo da vontade, acredito que podemos transcender nossos mapas astrológicos e rejeitar as indicações dos nossos horóscopos. Nossa natureza ardente pode nos "inclin" à excitação, mas podemos treinar a nós mesmos para permanecermos calmos. Por causa de suas naturezas excepcionais, Sócrates e Cristo escolheram mortes voluntárias; eles não estavam predestinados a serem mortos pelos poderes que governavam em determinado momento. Como mostram alguns exemplos de mestres zens e místicos hindus, podemos ir além do nosso carma e nos tornarmos rodas com uma revolução pessoal.

37

Juntando os Fios

ENQUANTO ESTUDAVA A HISTÓRIA E A FILOSOFIA DA ASTROLOGIA OCIDENTAL E trabalhava sobre os seus complexos princípios, fui suficientemente afortunado ao ter como vizinho um homem que praticava astrologia havia 25 anos. David Thomas era um homem de fala mansa e coração aberto que adorava velejar. Tínhamos discutido sobre Ibn Arabi, o filósofo e poeta sufi, quando ele mencionou pela primeira vez seu interesse pela astrologia. Tinha até escrito um livro sobre o assunto.

Para David, a astrologia não era nem uma disciplina esotérica nem uma ciência, mas um assunto prosaico e bem denso. Ele foi a primeira pessoa que encontrei que me fez sentir que havia "algo" na astrologia.

Um dia perguntei a ele como tinha se tornado astrólogo.

— No início, quando comecei a ler livros sobre astrologia, foi como se não estivesse lendo algo novo, mas relembrando algo que tinha esquecido. A astrologia tomou conta da minha vida e afastou tudo que era contrário do seu caminho.

— E valeu o esforço?

— O valor de ter um mapa traçado é que ele ajuda as pessoas, se elas quiserem, a compreender melhor a si mesmas.

Expressei minhas preocupações sobre as implicações da astrologia e o livre-arbítrio. Ele considerou o assunto com cuidado.

— É uma idéia muito antiga dizer que somos influenciados pelos planetas. Estou certo de que não é assim que funciona. Acho que a idéia de Jung sobre a sincronicidade explica isto melhor. Jung disse que a qualquer momento específico do tempo existe uma correlação entre tudo que está existindo naquele instante do tempo. Aplicando isto à astrologia, a posição dos planetas no momento do nascimento de uma pessoa pode formar uma correlação com o nascimento.

— Então não é um caso de causa e efeito?

— Não. Os planetas não fazem as coisas acontecerem com as pessoas; eles somente indicam o que está acontecendo.

Eu podia ouvir o eco dos estudiosos medievais que disseram que as estrelas inclinam, mas não obrigam: *astra indinant non determinam*. Prosseguimos:

— Os astrólogos pisam um chão firme. Os planetas sempre, sempre se manifestam de acordo com os seus princípios, sempre. Durante 25 anos de prática, numa base diária, nunca achei algo contrário a isto.

David utilizava o sistema de Casas iguais, isto é, marcando 12 Casas de 30° cada uma a partir do Ascendente no mapa natal. Tinha sintetizado o significado delas em: Casa 1 — expressão da personalidade; Casa 2 — posses e sentimentos; Casa 3 — comunicação (mental e física); Casa 4 — lar (cuidados, criação, proteção); Casa 5 — criatividade, liderança, amor, assuntos ligados ao amor, filhos, esportes, jogos, riscos; Casa 6 — trabalho e servir aos outros, dever, responsabilidade; Casa 7 — relacionamentos; Casa 8 — intensidade, profundidade dos sentimentos; Casa 9 — amplitude de ação; Casa 10 — mundo exterior e vivência nele; Casa 11 — ausência de ortodoxia; Casa 12 — o inconsciente, valores, artes. Encontrou a melhor maneira de expressar as duas idéias de "sentimentos e posses" na Casa 2, como "segurança emocional".

Ao reconhecer a importância da interação dos planetas entre si, ele não usou todos os aspectos entre eles. Buscou os trígono e sextis (que auxiliam), oposições, quadraturas, semiquadraturas e quincúncios (que não ajudam) e considerou as conjunções como auxiliares ou não, dependendo da situação. Descobriu pela sua longa experiência que o aspecto do quincúncio em um mapa é particularmente significativo.

Usou a Parte da Fortuna herdada dos muçulmanos, mas dispensou os nodos lunares que foram desenvolvidos pelos gregos e que tinham voltado a ser considerados.

— Uma vez causei um escândalo em um curso de verão sobre astrologia na Universidade em Cambridge — disse com os olhos brilhando. — Estava sentado atrás da mesa quando disse que tinha descartado os nodos. Você podia ouvir uma faca cortando o ar naquele silêncio.

Para ele, a astrologia não é uma ciência, mas uma arte baseada na interpretação.

— Ela envolve um emaranhado de fatores, e as várias tendências precisam ser provocadas e levadas em consideração. Quando fiquei mais velho, usei cada vez mais minha intuição. O impulso de um mapa é rapidamente discernível, embora seja preciso mais tempo para conseguir um mapa correto, mais sutil. Ao considerarmos um mapa, é um erro manter-se dogmático. Uma atividade particular pode resultar em várias interpretações diferentes, dependendo das circunstâncias da pessoa envolvida.

Mapa Natal de Peter Marshall

23 de agosto de 1946 Hora: 15:48:00 Zona 00:00:00
Bognor Regis Lat: 50:48:00 N Long: 000:42:00 O

Cardinal/5
Fixo/4
Mutável/1

Fogo/4
Terra/0
Ar/5
Água/1

Hora Sid
13 50 32

Tropical	
Verdadeiro	Casas Iguais
♈ 29 ♈ 53 58 (9)	As 25 ♈ 58 33
♉ 17 ♉ 38 54 (7)	2 25 ♉ 58 33
♊ 11 ♊ 47 59 (8)	3 25 ♊ 58 33
♋ 15 ♋ 24 6 (10)	4 25 ♋ 58 33
♌ 8 ♌ 56 4 (10)	5 25 ♌ 58 33
♍ 23 ♍ 53 4 (10)	6 25 ♍ 58 33
♎ 2 ♎ 37 48 (8)	7 25 ♎ 58 33
♏ 21 ♏ 16 31 (6)	8 25 ♏ 58 33
♐ 6 ♐ 59 4 (10)	9 25 ♐ 58 33
♑ 11 ♑ 58 49 (8)	10 25 ♑ 58 33
♒ 29 ♒ 42 40 (11)	11 25 ♒ 58 33
	12 25 ♓ 58 33

[illegible]

	Tropical	
	Verdadeiro	Casas Iguais
Cardinal/5	♈ 29 ♌ 53 58 (9)	As 25 ♍ 58 33
Fixo/4	♉ 17 ♎ 38 54 (7)	2 25 ♎ 58 33
Mutável/1	♊ 11 ♏ 47 59 (8)	3 25 ♏ 58 33
	♀ 15 ♐ 24 6 (10)	4 25 ♐ 58 33
Fogo/4	♊ 8 ♑ 56 4 (10)	5 25 ♑ 58 33
Terra/0	♋ 23 ♒ 53 4 (10)	6 25 ♒ 58 33
Ar/5	♌ 2 ♓ 37 48 (8)	7 25 ♓ 58 33
Água/1	♍ 21 ♏ 16 31 (6)	8 25 ♏ 58 33
	♎ 6 ♐ 59 4 (10)	9 25 ♐ 58 33
Hora Sid	♏ 11 ♑ 58 49 (8)	10 25 ♑ 58 33
13 50 32	♐ 29 ♒ 42 40 (11)	11 25 ♒ 58 33
		12 25 ♓ 58 33

Quando me encontrei com David para que ele fizesse o meu mapa, perguntei se ele poderia esclarecer duas questões a respeito do meu aniversário. Tendo nascido a 23 de agosto de 1946, descobri que nos jornais eu era classificado em geral como leonino, embora ocasionalmente pudesse ser de Virgem. Na "cúspide" era a interpretação comum.

David esclareceu o assunto: "Você poderá ser de Leão ou de Virgem, dependendo da hora do seu nascimento. Não pode ser de um e de outro."

Ele procurou o dia e o ano do meu nascimento nas Efemérides e confirmou que eu era definitivamente de Leão. Em um outro ano talvez fosse diferente.

O outro problema era a hora do meu nascimento. Minha mãe achava que tinha sido às quatro horas da tarde, mas aos 86 anos a memória poderia falhar. A resposta de David foi de que o mapa natal tenderia a confirmar a hora.

Antes de traçar o mapa ele me perguntou o que eu considerava importante na minha infância e criação. Relatei como tinha nascido antes da Segunda Guerra Mundial em Bognor Regis, na costa Sul da Inglaterra, e como crescera junto a meu irmão mais velho e minha mãe na grande casa dos meus avós que, antes de se aposentar, tinham gerenciado alguns hotéis. Meus pais tinham se divorciado antes do meu segundo aniversário. Meu pai, que fora piloto durante a guerra e que seguira sua vida para se tornar um bem-sucedido treinador de cavalos de corrida, nunca me procurou depois da separação. Isso não me preocupou na época, eu me sentia um pouco "especial" por não ter um pai como todos os meus amigos na escola.

Minha infância idílica perto do mar foi rompida quando fui para um internato em uma pequena vila aninhada nas pastagens de Downs e descobri como as pessoas podiam ser cruéis.

Enquanto conversava com David percebi que um evento-chave se destacava no fim da minha adolescência. Em um entardecer de inverno eu estava estirado diante de um aquecedor a carvão, lendo um romance francês, quando meu tio entrou e acendeu uma luz forte.

"O que você pensa da vida?", ele gritou. "Você deveria estar fazendo os seus deveres de casa. Você não será nada na vida. É um caso perdido!"

Ele queria que eu fosse contador como ele, mas eu decidira ir para o mar.

Após velejar pelo mundo e passar um ano ensinando na África Ocidental, voltei para a Grã-Bretanha e passei dez anos na universidade, graduando-me em três áreas e, compreendia agora, parcialmente para provar a meu tio que ele estava errado. Ao rejeitar as figuras autoritárias do meu tio, dos professores e oficiais, eu me tornara um partidário do livre-arbítrio. Ao rejeitar o cristianismo limitado e hipócrita da minha escola, tornei-me humanista. Ao rejeitar a obsessão da minha família pelas propriedades, tornei-me um

escritor sem vínculos empregatícios. Agora, com meus cinqüenta e poucos anos, tendo criado dois filhos, me divorciado e iniciado um novo relacionamento, seguia um caminho mais espiritualizado, buscando a harmonia com o cosmo sem me esquecer do bem-estar do planeta. Sempre consciente da negligência do meu próprio pai, tentei ser um bom pai para os meus filhos.

Isso era o suficiente para a primeira sessão. Quando vi David na próxima vez, ele me deu uma cópia do meu mapa.

— Bem, Peter — disse ele sorrindo receptivo. — Eu ia marcar este mapa como "Especulativo", mas um quadro tão claro de você emergiu dele que estou confiante de termos chegado a um horário de nascimento que deve ser bem próximo do verdadeiro.

Isso era no mínimo animador.

— Para começar — prosseguiu ele — existem duas áreas bem cheias no mapa. Você tem quatro planetas em Libra na Casa 10 e três em Leão na Casa 8, com o Sol na seguinte, na 9. Existem somente dez planetas, por isso você pode ver a grande ênfase nestas duas áreas.

— O que tudo isso significa?

— A Casa 10 representa suas atividades no mundo exterior. Ela está em Libra, o que indica que estas atividades envolvem contatos com outras pessoas, muitas no seu caso. Vênus rege Libra, por isso ela está reforçada. Júpiter, que também está bem aspectado, mostra muitas oportunidades e sucesso. Marte traz a energia, iniciativa e empreendimento, e Netuno não representa só o mar, mas traz grande sensibilidade e conscientização dos "Valores".

— E o outro grupo de planetas na 8?

— O outro grupo representa a introspecção. A Casa 8 está em Leão, que é liderança, criatividade, amor, assuntos do amor, filhos, esportes, jogos e épocas do passado que são ligeiramente perigosas, como uma batalha no mar da Irlanda durante uma tempestade! A Casa 8 está associada a Escorpião, o signo mais profundo e mais intenso do zodíaco. Plutão rege Escorpião, por isso novamente a ênfase neste fator, e Mercúrio representa os seus processos mentais. Então temos Escorpião duas vezes, uma pelo regente e a outra pela Casa. Escorpião aparece mais uma vez recebendo ele mesmo a Parte da Fortuna. A intensidade de Escorpião está sendo combinada com a originalidade e ausência de ortodoxia de Urano como é representado pela Casa 11.

— E Saturno na Casa 8?

— O único espectro na festa é o rabugento Saturno, que não forma aspectos com nenhum outro planeta, o que paradoxalmente o torna mais poderoso. O efeito negativo de Saturno é ser inibidor e limitador. Ele também representa o pai e, como o aspecto com

o Meio do Céu é uma quadratura, isto indica um relacionamento não existente, como é o seu caso, ou uma relação difícil.

— E os outros aspectos?

— Eu ia tocar neles agora. Existe um pequeno triângulo de aspectos benéficos ligando o seu Sol, Júpiter e o Meio do Céu e o seu Ascendente, Sagitário. Você não ficará surpreso ao ouvir que Sagitário engloba tudo — físico, mental e espiritual — e que Júpiter rege tanto Sagitário quanto a Casa 9. O seu Sol, que representa a criatividade e a intenção, está na Casa 9. Urano reforça as características de Gêmeos na Casa 6. Ele está ligado a todos os elementos da comunicação externa. Urano é o elemento inovador, original, não ortodoxo. Gêmeos é a comunicação e a Casa 6 é o trabalho.

— Noto que minha Lua está sozinha em Câncer na Casa 7.

— A sua Lua, as suas emoções, sua mãe e as mulheres em geral, não está bem aspectada. Forma uma quadratura com Vênus (relacionamento) e Júpiter (oportunidade). Contudo, as quadraturas são realmente aspectos benéficos disfarçados. Elas chamam a atenção para uma área que precisa ser trabalhada. A Lua rege Câncer e está na 7, que representa os relacionamentos. Câncer rege o lar, mas também os cuidados, as preocupações, a criação, alimentação, proteção etc. Minha impressão é que ela aponta para as dificuldades que você teve nos seus relacionamentos no seu lar de origem e a sugestão é que isso continuará a afligi-lo até que você os resolva.

David seguia claramente a escola que diz que nenhum mapa é mau. Qualquer elemento negativo pode ser transformado em resultados positivos e as dificuldades podem ser encaradas como oportunidades de crescimento. O que ele dissera sobre a necessidade de resolver as dificuldades da minha casa-mãe tocara numa área escura.

— Como você resumiria tudo isso?

— O mapa indica oportunidade e facilidade e é um mapa bem poderoso nesse sentido, e existe somente um aspecto realmente difícil. É uma oposição, isto é, o que encontramos entre Urano em Gêmeos na Casa 6 e o seu Ascendente Sagitário. Urano em um aspecto difícil significa um rompimento e alteração bem acentuados. A Casa 6 é o trabalho, e também a saúde, e está em oposição direta a toda essa comunicação. Não sei o que isso significa. O que lhe sugere?

Gostei de ver a maneira como David relutava em oferecer um conselho ou uma interpretação definitiva. Ele encoraja as pessoas a descobrir coisas por si próprias. Mas fica feliz em discutir o significado ocasionalmente indefinido do mapa e suas implicações nas tendências atuais. Encoraja seus clientes a manter o contato e voltar para considerar tendências futuras por meio das progressões e trânsitos do mapa. Ele trabalha também com o *I Ching*, o antigo método chinês de adivinhação.

Quando trabalha com progressões e trânsitos, David é astuto ao enfatizar e encorajar seus clientes a acentuar o positivo e eliminar o negativo.

David escreveu para mim sua interpretação do meu horóscopo e me deu as anotações que fez durante o processo. Elas pareceram surpreendentemente acuradas e apropriadas:

Expressão dificultada dos afetos e falta de harmonia no lar (sua casa original, presumivelmente). Otimismo, situações extremamente benéficas; possível tendência para confiar na sorte. Alegre, boa disposição. Os lados masculino e feminino se combinam muito bem. Originalidade nas artes. Boas oportunidades freqüentes. Em conexão com Urano oposto ao Ascendente, há a sugestão da necessidade de auto-disciplina e restrição.

David também adicionou algumas notas tiradas dos seus livros de consulta a respeito de alguns aspectos encontrados no meu mapa:

Mercúrio em sextil com Vênus. A mente e a aparência mental são melhoradas através do contato (...) Escritor ou orador se beneficiam deste aspecto.

Mercúrio em sextil com Marte. Mercúrio recebe a força de Marte, por isso a mente é poderosa, incisiva, direta e boa para o debate.

Marte em conjunção com Netuno. Interesse pelo mar, misticismo, por coisas escondidas buscadas com energia e pelo desejo de experimentar coisas novas. Sensibilidade psíquica ou por qualquer forma de idealismo.

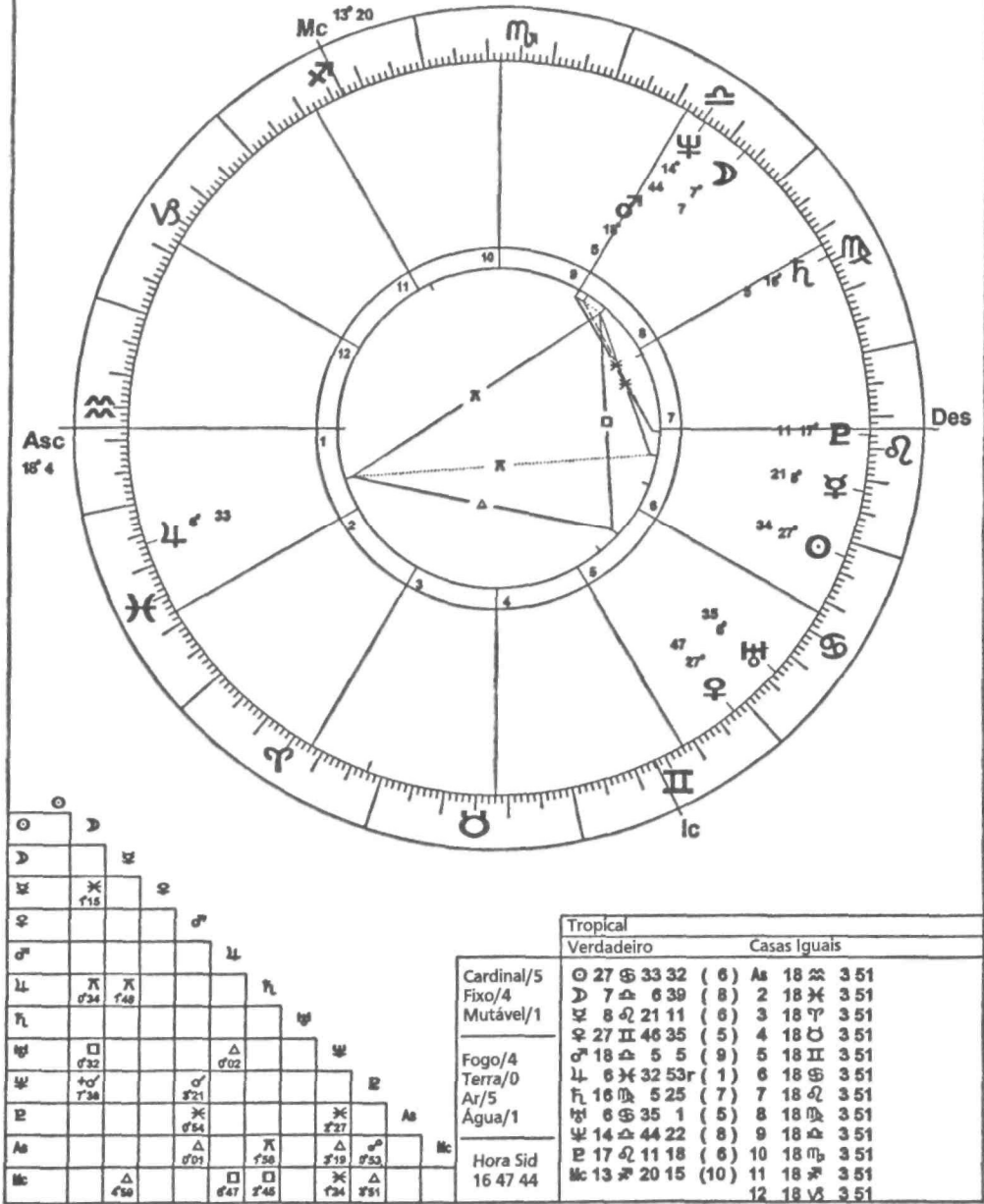
Mercúrio em conjunção com Plutão. Desejo de estudar coisas que estão abaixo da superfície.

Sol em trígono com o Ascendente. Habilidade criativa, vontade de realizar, poder de liderança, senso de independência e empreendimento.

Novamente, eu estava muito impressionado com a confirmação astrológica destes atributos já conhecidos do meu caráter e interesses.

Horóscopo de Elizabeth Ashton Hill

Mapa Natal de Elizabeth Ashton Hill
20 de julho de 1950 Hora: 21:00:00 Zona 00:00:00
Nottingham Lat: 52:57:00 N Long: 001:08:00 W



Quando Elizabeth se encontrou com David, eu não estava presente, por isso não sei exatamente o que eles falaram. Entretanto, soube mais tarde que ela contou a ele sobre o seu primeiro trabalho como professora em educação complementar, como ela reconstruía um Porsche e uma casa com namorados anteriores, viajara pela América do Sul e pelo Japão, trabalhara em televisão e ensinara fotografia e filmagem a nível de graduação e como agora era fotógrafa. Tivera vários empregos de responsabilidade, cinco relacionamentos principais e não tinha filhos.

Em seu encontro inicial, David sentira que havia algo que não conseguia entender, mas ao traçar o seu mapa compreendeu o que era.

— Existem forças poderosas em ação aqui e o problema com as forças poderosas é que elas precisam ser controladas e canalizadas. Existe muita objetividade e subjetividade. Yang e yin. A primeira é bem evidente no que você me contou a respeito de si mesma e me pergunto até que ponto você está consciente da última e qual a participação dela em sua vida. Em todo o mapa existem contradições que não podem trabalhar juntas ou que estão em conflito.

Ele considerou primeiro a objetividade, percorrendo aquilo que ela já havia feito na vida.

— Tudo isto é uma fachada — comentou. — Não me surpreende o fato de sua Parte da Fortuna estar em Áries na Casa 3, indicando que a área na qual você poderá encontrar uma realização verdadeira e também satisfação representa um forte desejo de se comunicar.

Em seguida ele examinou a área da subjetividade como estava revelada no mapa.

— Existe uma quantidade considerável de "carência" presente. Você tem três planetas, um Stellium, na Casa 6, que é ligada ao trabalho e ao servir aos outros; e dois em Câncer, o que envolve o cuidado, o carinho, a alimentação, nutrição e proteção. Urano, um dos planetas que está em Câncer, faz um trígono — o melhor que você pode ter — com Júpiter em Peixes na Casa 1. Urano não aceita a ortodoxia e representa a individualidade. Júpiter é a oportunidade para a expansão e o desenvolvimento em Peixes está ligado às coisas escondidas, incluindo o inconsciente.

"A contradição aqui é que Aquário, seu Ascendente, que é um fator muito importante no mapa, está em quincúncio com Saturno em Virgem na Casa 7 e em oposição a Plutão em Leão na 6. O quincúncio representa algo que precisa de fato ser tratado, o que é consideravelmente difícil. Aquário em um aspecto difícil, como este, é independente e mantém a vontade própria, mas é regido por Urano, que é uma parte importante da síndrome da carência. E Virgem é o trabalho e o servir aos outros, e Saturno é a limitação. Então, existe a limitação na Casa 6 ligada ao trabalho e ao servir aos outros graças às

características negativas de Aquário. Plutão, por outro lado, supre um elemento terapêutico: ele remove os obstáculos e conduz a um renascimento."

Havia outros aspectos benéficos, mencionou David, entre Plutão e Mercúrio em Leão, e a Lua, Marte e Netuno em Libra na Casa 8, que indicavam uma associação harmoniosa em relacionamentos que envolvessem sentimentos intensos.

Seu Meio do Céu, a área ligada à atividade externa, em Sagitário, também ligado à amplitude, fazia excelentes aspectos com Mercúrio, Netuno e Plutão, o que enfatizava a comunicação e a sensibilidade. Juntos eles sugeriam uma amplitude interior.

— Juntando tudo isso — concluiu —, pergunto-me se uma busca unidirecional desta atividade de fachada está mascarando o lado carente, sensível e criativo da sua natureza que não está, talvez, recebendo a atenção devida. Penso que o elemento do cuidar de si deve receber uma ênfase maior.

Ele também lhe deu as anotações que fizera enquanto interpretava seu mapa. No lado difícil havia uma tendência a ser cautelosa e controlada, ou a não fazer algo a respeito, e existia uma questão destacada em seu julgamento. No lado benéfico, ela tinha grande sensibilidade e era também intuitiva e emocional. Havia energia, impulso e um desejo de independência. Com uma natureza visionária, estaria sempre consciente de algum grande ideal.

Suas últimas palavras para ela foram:

— Minha impressão geral é que você está prestes a vivenciar um novo começo e o melhor que poderá fazer é estar bem consciente das impressões e intuições e permanecer aberta para uma orientação.

Sinastry de Peter Marshall e Elizabeth Ashton Hill

Elizabeth e eu tivemos nossos mapas traçados por David antes que eu começasse a escrever este livro e antes de finalmente decidirmos viver juntos. Pedimos então a ele que fizesse uma sinastry para nós — isto é, um cruzamento dos nossos mapas em relação à sua compatibilidade. Um mapa composto simbólico pode ser traçado a partir dos pontos médios dos fatores comuns entre os dois horóscopos, mas ele meramente comparou os dois mapas colocados lado a lado e estudou os aspectos entre os nossos planetas. A situação surgiu bem delineada, embora não totalmente bem-vinda.

— Este é um relacionamento que precisará ser trabalhado para se manter equilibra do. Para começar, vocês dois têm Libra bem carregado em seus mapas natais: Elizabeth tem três planetas em Libra e um na Casa 7 (Libra); Peter tem quatro em Libra e um na 7

— uma carga bem pesada para cada um de vocês. As pessoas trazem necessariamente sua própria bagagem para um relacionamento e é importante verificar que isso seja utilizado construtivamente, ou pelo menos não permitir que cause algum problema.

"Como sabemos, Libra não implica em equilíbrio, como muitos pensam. Pelo contrário, ela indica desequilíbrio e conseqüente necessidade de atingir este equilíbrio.

"Este equilíbrio é indicado perfeitamente na comparação dos seus mapas natais. Existem seis aspectos benéficos e seis negativos; e na área em que procuramos pela possibilidade de um relacionamento feliz e duradouro, existe o melhor aspecto que poderíamos desejar — um trígono —, e o pior, que é uma oposição. Além disso, existem quatro conjunções, cada uma delas em Libra. Vocês entendem o que quero dizer. Só posso mostrar aquilo que está indicado. Vocês é que saberão a maneira como isto se manifestará em sua vida a dois.

"Considerando estes seis aspectos benéficos, Libra aparece em todos eles, e isto indica o partilhar que vocês têm na objetividade. Como contraponto a toda essa atividade está a indicação suave, cuidadosa e amorosa no seu lado, Elizabeth, firmeza e carinho; e no lado de Peter a resposta emocional e também o elemento do carinho, cuidado, alimentação, nutrição e proteção. Então aqui temos um relacionamento harmonioso e amoroso, que tem a ver com Libra.

"Agora, do lado negativo, temos os mesmos elementos trabalhando juntos, porém em desarmonia. Os aspectos mostram o desejo pela domesticidade e pela realização do trabalho desinteressado de cuidar dos outros de um lado e um anseio de independência e do trabalho no mundo exterior do outro. O último aspecto combina um pouco com o lado cuidadoso e sensível da natureza dos dois, mas ainda causa problemas por alguma razão. As quatro conjunções seguem exatamente o mesmo padrão.

"O interessante é que estes elementos passam de um para o outro e não ficam só de um lado. Nunca vi, em 25 anos, um exemplo tão claro do funcionamento de Libra!"

Então esta era a situação básica. Era a "bagagem" que trouxemos conosco que montava o cenário. David recomendou que estudássemos nossos mapas natais em busca de respostas.

Estamos trabalhando. Até então, caminhamos bem. As coisas ficam cada dia mais equilibradas. Suspeitamos que o trígono está ficando mais forte que a oposição...

38

A Era de Aquário

Todos nós estamos na sarjeta, mas alguns olham para as estrelas.

OSCAR WILDE

NO FIM DO SÉCULO XIX, O HISTORIADOR FRANCÊS BOUCHÉ-LECLERQ DECLAROU QUE a astrologia tinha desaparecido para sempre; ele estava escrevendo a história de uma superstição morta.' O renascimento da astrologia teve início na Inglaterra no início do século XX, com os livros sobre astrologia prática de Alan Leo. Sua popularidade na mídia pode ser datada em agosto de 1930, quando R. H. Naylor escreveu um perfil astrológico da Princesa Margareth, filha do futuro George VI, para o jornal *Daily Express*. A resposta entusiasmada que ajudou a vender os exemplares do jornal levou outros periódicos a seguirem a novidade.

A forma mais popular de astrologia baseada nos signos solares enche as colunas de jornais e revistas em todo o mundo. Como faz previsões para a vida amorosa, assuntos financeiros e felicidade de milhões que partilham um dos 12 signos, poucos, incluindo os leitores, a levam a sério. E existem os astrólogos que oferecem seus serviços através do serviço postal, sem mesmo ver por uma vez sequer seus clientes. Seu trabalho tem sido muito auxiliado pelos programas de computação que não somente substituem o tempo gasto em cálculos, como fornecem a impressão da interpretação de um mapa com um simples pressionar de uma tecla.

A astrologia no Ocidente tem sido aceita não apenas por milhões de leitores, mas por líderes influentes na sociedade. Durante a Segunda Guerra Mundial, De Gaulle consultou regularmente um colega general no Exército Francês Livre que era astrólogo. Graças a sua esposa Nancy, o Presidente Ronald Reagan seguia os conselhos astrológicos antes

de tomar decisões importantes, especialmente em relação à União Soviética. O *New York Post* editou um cabeçalho em 9 de maio de 1987 que declarava: "Astrólogo Comanda a Casa Branca". Analistas do mercado de ações e apontadores de corridas de cavalo consultam astrólogos. Departamentos da polícia nos Estados Unidos utilizam astrólogos que os ajudam a traçar o perfil dos criminosos. Até críticos hostis reconhecem "a fênix astrológica" que criou "a maior ressurreição que a astrologia já conheceu desde a revolução científica" do século XVII.²

Na Índia, toda família abastada tem seu próprio astrólogo e os horóscopos são um elemento-chave na decisão de arrumar os casamentos. Existem até reivindicações para que a astrologia volte a fazer parte do currículo universitário. No Egito, políticos e diplomatas não se movem antes de consultar seus astrólogos. Na China rural os jovens cientistas de computador consultam seu astrólogo local e "vidente" em busca de conselhos a respeito da sua vida amorosa e perspectivas de carreira.

Apesar dos ataques furiosos de cientistas e líderes religiosos no século XX, a astrologia dificilmente já mostrou uma saúde melhor. Ela é uma técnica valiosa para a compreensão do caráter e da experiência humana. Fornece uma linguagem para compreender quem somos e como deveremos nos desenvolver, e também um corpo de conceitos para ser discutido e apreciar nossos sentimentos e relacionamentos. Talvez a razão de as mulheres serem mais receptivas à astrologia que os homens seja porque elas estão mais em contato com suas emoções e intuições. Porém um número crescente de homens de Marte está começando a apreciar os *insights* de Vênus.

Acima de tudo, a astrologia oferece um caminho para a transformação, já que pode nos conduzir da confusão da vida diária para uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do nosso lugar no universo. É transpessoal porque vê a pessoa totalmente individualizada, como parte do todo cósmico. Neste nível, o "eu" da consciência individual é transformado no "nós" da consciência universal. Desta perspectiva, o mapa natal é a *matéria-prima* do Grande Trabalho da alquimia espiritual. Descendendo das estrelas, a elas podemos retornar. Poderemos atravessar novamente os portões do céu.

No alvorecer do novo milênio, no limiar da Era de Aquário, estamos sem dúvida entrando em um período de transformação e incerteza. Milhões de pessoas estão buscando novamente a astrologia como um possível guia para a compreensão de si próprias e para planejar o futuro.

Existem boas razões para ser desta forma. A astrologia não somente se estende até a Idade da Pedra, como suas crenças fundamentais são as mesmas em todo o mundo. Meu estudo da astrologia que abrange o mundo inteiro confirmou meu pressentimento de que o conhecimento celeste da China, Índia, Mesopotâmia e Egito possui raízes comuns,

possivelmente um legado de uma civilização anterior perdida. O núcleo da astrologia, a linguagem das estrelas, é a *lingua franca* expressa em formas geométricas e números, sendo personificada em mitos e símbolos que cobrem o mundo inteiro e transcende cultos e crenças locais.³ Ela não somente transmite a compreensão psicológica da Antigüidade, como transporta sob forma disfarçada grande parte da ciência sagrada do mundo antigo, que é altamente relevante para nossa época.

Acima de tudo, a astrologia personifica duas verdades-chave comuns a todas as tradições filosóficas e religiosas. A primeira é que existe uma correspondência insolúvel entre o céu e a Terra. Como diz o maior documento da Tradição Hermética, o anônimo *Tábua das esmeraldas*: "E verdade, sem falsidade, certo e muito verdadeiro. Aquilo que está em cima é igual ao que está embaixo, e aquilo que está embaixo é igual ao que está em cima para realizar o milagre do único."⁴ A segunda verdade é que o microcosmo humano não somente espelha o macrocosmo do universo, como no fim eles são um só. A compreensão de si próprio, torna possível a compreensão do universo. Como declara o Oráculo de Delfos: "Homem, conhece a ti mesmo e assim conhecerás o Universo e os Deuses."

Como expresso nos mitos e nos templos, sinais e símbolos, a astrologia nos ensina ainda que a vida é uma preparação para o que há de vir e que a morte nada mais é do que uma mudança em nossa viagem contínua. Ela nos lembra que a vida é sagrada e que todos os seres vivos merecem nossa compaixão. Ela nos diz que a matéria pode ser transformada em espírito e que o propósito final da vida é desenvolver nossa consciência e nos realizarmos como seres espirituais. Assume que existe ordem, significado e consciência no universo. Afirma que não somente Gaia está viva, como existe uma Alma do Mundo. Mostra-nos que tudo é independente e interligado no mundo: O Todo é Um e o Um é o Todo.

Meu longo estudo da astrologia enfraqueceu para sempre minha crença de juventude no progresso inevitável. Mostrou-me que, como espécie, regredimos mais em vários aspectos do que evoluímos. Ao nos tornarmos escravos da razão instrumental, perdemos a inteligência do coração. Ao nos casarmos com o materialismo, buscando sem cessar o prazer, perdemos nosso comportamento espiritual. Ao nos ligarmos à Terra, perdemos nosso elo arcaico com os céus. Ao nos fragmentarmos, não nos vemos mais como parte do todo.

Não pode haver dúvida de que o mundo atual está cada vez mais destituído de mistérios. Nossa era é mais da informação que do conhecimento, sem tocar na sabedoria. A razão e a ciência reivindicam ser capazes de compreender e explicar tudo. Há pouco espaço deixado para o mágico, o milagroso, o maravilhoso e o sobrenatural.

A astrologia, como a alquimia e a magia, pertence a um modo mais antigo — e mais novo — de perceber o mundo. É uma antecipação da visão de mundo primordial que ainda existe entre alguns povos remotos e que está começando a emergir novamente entre as pessoas mais sensíveis e sérias nas sociedades urbanas. Não distingue entre o interior e o exterior, o sujeito e o objeto. Vivência a alma humana como partícipe na *alma mundi*, a Alma do Mundo. Acredita que o segredo do Ser está escondido nos céus. Vê espíritos brincando nos bosques e anjos flutuando nas nuvens. Encontra significado no vôo dos pássaros que atravessam na frente do Sol poente e nas conjunções dos planetas.

A astrologia aceita que existe uma Harmonia das Esferas e que as estrelas são portais para um outro mundo. Mais que um Buraco Negro de ignorância e superstição, ela mantém a Via Láctea de um pensamento visionário. Faz parte sem dúvida do modo arcaico de pensamento que reconhece que beleza, encantamento e mistério são elementos essenciais do universo.

A astrologia começou quando os seres humanos olharam pela primeira vez para o vasto dossel pontilhado de estrelas do céu noturno e se perguntaram o que tudo aquilo significava. Nasceu do encantamento e da curiosidade. Foi a primeira tentativa dos nossos ancestrais de compreender o mistério do universo e para descobrir o propósito da vida. Esta experiência universal e primordial ajudou a formar — como ainda faz — as questões centrais da filosofia e da religião: Quem somos? De onde viemos? Por que estamos aqui? Para onde vamos? Ao tentar compreender a relação entre céu e Terra, e o nosso lugar no cosmo, a astrologia tentou interpretar o significado do destino humano e o enigma da existência.

Embora não seja uma religião, a astrologia sugere que existe uma dimensão espiritual e mágica na vida. Como a *anima mundi* dos antigos alquimistas, o mundo dos astrólogos é carregado de significado simbólico. Ele tem um lugar para a alma no universo. A astrologia se destaca em nossa cultura fria e mecânica como uma estrela brilhante em uma noite gelada. Inspirada pelo anseio da harmonia em meio ao caos da vida do dia-a-dia e pela permanência em um mundo impermanente, ela tentou compreender a condição humana ligando as principais experiências da vida na Terra aos ciclos maiores e permanentes dos céus. Ao nos religar com o cosmo, ela mantém a possibilidade de nos tornarmos seres humanos totalmente realizados. Ao nos alinhar uma vez mais com os ritmos profundos da natureza, ela nos revela como conquistar a integridade, a sabedoria e a paz.

Notas

Introdução

1. Em John Anthony West, *The Case for Astrology* (Londres: Arkana, 1992), pp. 142-3.
2. Franz Cummont, *Astrology and Religion Among the Greeks and Romans* (Nova York: Dover, 1912), p. 30,
3. Bart J. Bok e Lawrence E. Jerome, *Objections to Astrology* (Búfalo, N. Y.: Prometheus Books, 1976), pp. 9-10.
4. Richard Dawkins, *Independent on Sunday* (31 de dezembro de 1995), artigo retrabalhado em *Unweaving the Rainbow* (Londres: Allen Lane, 1998).
5. Johannes Kepler, *De Stella Nova* (1606), cap. 28; também em John Anthony West, *The Case of Astrology* (Nova York: Viking Arkana, 1991), p. 106.
6. Em David Brewster, *Memoirs of the Life, Writings and Discoveries of Sir Isaac Newton* (Edimburgo, 1855), vol. 2, p. 408.
7. Ver Jane Ridder-Patrick, *A Handbook of Medical Astrology* (Londres: Arkana, 1990), p. 10.
8. Ver Maggie Hyde, *Jung and Astrology* (Wellingborough: Aquarian Press, 1992).

1. Dentro da Boca do Dragão

1. Ver Roderick Whitefield, Susan Whitefield e Neville Agnew, *Cave Temples of Dunhuang* (Londres: British Library, 2000).
2. Cf. Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), vol. 3, p. 276. O mapa estelar de Dunhuang está na Coleção Stein, n. 3.726, Biblioteca Britânica, S612/1 (vol. 14 do catálogo, P 6/2).
3. *Sik Sik Yuen Guide* (Hong Kong: Sik Sik Yuen, 1996).

2. O Cão e o Tigre

1. Ver Bridget Giles e o Grupo do Diagrama, *Chinese Astrology* (Londres: Harper Collins, 1996), p. 104.
2. Ver Man-Ho Kwok, *Chinese Astrology: Forecast Your Future from Your Chinese Horoscope* (Londres: Blandford, 1997), p. 46; Giles, *Chinese Astrology*, p. 76.

3. Giles, *Chinese Astrology*, p. 226.
4. Ver Man-Ho Kwok, *Chinese Astrology*, p. 72.
5. Ibid., pp. 64-5, 60-1.
6. Ver Anistatia R. Miller e Jared M. Brown, *The Complete Astrohgical Handbook for the Twenty-first Century* (Nova York: Schocken Books, 1999), pp. 93-5.
7. Giles, *Chinese Astrology*, pp. 8-9.
8. Jean-Michel Huon de Kermadec, *The Way to Chinese Astrology: The Four Pillars of Destiny*, trad. N. Derek Poulsen (Londres: Unwin, 1983), p. 138, n. 24; Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), vol. 3, p. 405. Para a astrologia tibetana ver Miller and Brown, *The Complete Astrohgical Handbook*, pp. 119-39.

3. O Caminho e a sua Virtude

1. Lao tsu (Lao-Tsé), *Tao Te Ching*, trad. Gia-fu Feng e Jane English (Nova York: Vintage, 1972), cap. 1.
2. *Huai Nan Tzu* (c. 120 a.C.) em *Sources of the Chinese Tradition*, ed. Theodore de Barry (Nova York: Columbia University Press, 1960), vol. 1, pp. 192-3.
3. Lao tsu, *Tao Te Ching*, cap. 4.
4. Ver Huon de Kermadec, *The Way to Chinese Astrology: The Four Pillars of Destiny*, trad. N. Derek Poulson (Londres: Unwin, 1983), pp. 33 e n. 25.
5. Ver Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1954), vol. 2, pp. 216ss.
6. Anistatia R. Miller e Jared M. Brown, *The Complete Astrohgical Handbook for the Twenty-First Century* (Nova York: Schocken Books, 1999), p. 49.
7. Chu Hsi em Needham, *Science and Civilisation in China*, vol. 2, pp. 479-510.
8. *I Ching or Book of Changes*, trad. Richard Wilhelm para o alemão e posteriormente para o inglês por Cary F. Baynes, 3ª edição (Londres: Arkana, 1989), pp. 318-19.
9. Ibid., Hellmut Wilhelm, Prefácio, p. xiv.
10. Ibid., pp. 328-9.
11. Ibid., Carl Jung, Introdução, p. xxi.

4. Observando o Infinito

1. Matthew Ricci, *China in the Sixteenth Century: The journals of Matthew Ricci: 1583-1610*, trad. Louis J. Gallagher (Nova York: Random House, 1953); Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), vol. 3, p. 367.
2. Robert Temple, *The Genius of China: 3.000 Years of Science, Discovery and Invention* (Londres: Prion, 1991), p. 38.
3. *Tai shang chiu yao hsin miao ching*, 4ª; em Edward H. Schafer, *Pacing the Void: Tang Approaches to the Stars* (Berkeley, Calif.: University of Califórnia, 1977), p. 179. Para os trabalhos de Chang Kuo ver também Needham, *Science and Civilisation in China* (1954), vol. 2, p. 356.

4. Ver Temple, *The Genius of China*, p. 36.
5. Needham, *Science and Civilisation in China* (1959), vol. 3, p. 444.
6. Robert Temple, *The Crystal Sun: Rediscovering the Lost Technology of the Ancient World* (Londres: Century, 2000), pp. 59, 116.
7. Em Fung Yu-Luan, *A History of Chinese Philosophy: The Period of the Philosophers*, trad. Derk Bodde (Peiping: Henri Vetch, 1937), p. 397.
8. Needham, *Science and Civilisation in China* (1959), vol. 3, p. 213.
9. Ibid. (1962), vol. 4, parte 1, pp. 320-1.
10. Ibid. (1959), vol. 3, pp. 219-24.
11. Ibid., p. 427.
12. Ver Temple, *The Genius of China*, pp. 33-4.
13. Needham, *Science and Civilisation in China* (1959), vol. 3, p. 433.
14. Ibid. (1957), vol. 2, p. 264.
15. Ibid. (1959), vol. 3, p. 278.

5. Assim Como E em Cima, É Embaixo

1. Ver Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1974), vol. 5, parte 3, pp. 21-2.
2. Ver Edward H. Schafer, *Pacing the Void: Tang Approaches to the Stars* (Berkeley, Calif.: University of Califórnia, 1977), pp. 35-6.
3. Needham, *Science and Civilisation in China* (1959), vol. 3, pp. 361-2.
4. Ibid. (1962), vol. 4, parte 2, p. 479.
5. Schafer, *Pacing the Void*, p. 68.
6. Ibid., p. 124.
7. Li Po, 'Teng T'ai po feng', *Chiu Tangshu*, em ibid., p. 129.
8. Ver Schafer, *Pacing the Void*, p. 100.
9. Ibid., pp. 135-6.
10. Ibid., p. 230.
11. Ibid., p. 39.
12. Ibid., p. 71.

6. O Templo do Céu

1. Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1954), vol. 2, p. 353.
2. Ibid., pp. 378-9.
3. Ibid. (1962), vol. 4, parte 2, p. 478.
4. Edward H. Schafer, *Pacing the Void: Tang Approaches the Stars* (Berkeley, Calif.: University of Califórnia, 1977), pp. 13, 75.

5. Nicholas Trigault, *De Christiana Expeditione apud Sinas* (Viena, 1615), trad. em *Purchases his Pilgrimes* (Londres, 1625), vol. 3, p. 384.
6. Needham, *Science and Civilisation in China* (1954), vol. 2, p. 384. Ver também A. Forke, 'Lun Hêng', *Philosophical Essays of Wang Chhung*, parte 1 (Xangai, Londres, Leipzig, 1907); parte 2 (Berlim, 1911).

7. Os Quatro Pilares do Destino

1. Ver Raymond Lo, *Feng Shui and Destiny for Managers* (Singapura: Times Books International, 1977), p. 14.
2. Ver Anistatia R. Miller e Jared M. Brown, *The Complete Astrological Handbook for the Twenty-first Century* (Nova York: Schocken Books, 1999), pp. 54, 64.
3. Ibid., p. 78.
4. Ibid., p. 81.
5. Raymond Lo, *Feng Shui and Destiny for Managers* (Singapura: Times Books International, 1997), p. 18.
6. Ver Jean-Michel Huon de Kermadec, *The Way to Chinese Astrology: The Four Pillars of Destiny*, trad. N. Derek Poulson (Londres: Unwin, 1983), p. 39. Ver também Miller e Brown, *The Complete Astrological Handbook*, p. 107.
7. Ver Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1959), vol. 3, p. 246.
8. Miller e Brown, *The Complete Astrological Handbook*, p. 90.
9. Ibid., p. 98.

8. Conhecer Todas as Coisas

1. Ver Charles Windridge, ed., *Tong Sing: The Chinese Book of Wisdom* (Londres: Kyle Cathie, 1999), p.7.
2. Matthew Ricci, *China in the Sixteenth Century: The journals of Matthew Ricci: 1583-1610*, trad. do latim por Louis J. Gallagher (Nova York: Random House, 1953), pp. 82-3.

9. Vento e Água

1. Stephan D. R. Feuchtwang, *An Anthropological Analysis of Chinese Geomancy* (Taipei: Southern Material Center, 1974), p. 15. Ver também Raymond Lo, *Feng Shui and Destiny for Families* (Singapura: Times Books International, 1999), p. 126.
2. Ver Man-Ho Kwok com Joanne O'Brien, *The Elements of Feng Shui* (Shaftesbury: Element Books, 1991), p. 3.
3. Ricci, *China in the Sixteenth Century: The Journals of Matthew Ricci: 1583-1610*, trad. do latim por Louis J. Gallagher (Nova York: Random House, 1953), pp. 82ss.; Ernest Eitel, *Feng-shui ou The Rudiments of Natural Science in China* (Hong Kong: Lane, Crawford, 1873), pp. 1, 4ss.;

- Joseph Needham, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press, 1954), vol. 2, pp. 359-61.
4. Paul Wheatley, *The Pivot of the Four Quarters* (Chicago: Aldine, 1971), p. 450; Steven Bennett, "Patterns of the Sky and Earth: The Chinese Science of Applied Cosmos", *Chinese Science*, vol. 3, (março 1978), p. 2.
 5. Ver Eugene Anderson e Marja Anderson, "Changing Patterns of Land Use in Rural Hong Kong", *Mountain and Water: Essays on the Cultural Ecology of South Coastal China* (Taipei: Orient Cultural Service, 1973), pp. 34, 50.
 6. Kwang-chih Chang, *Shang Civilisation* (New Haven: Yale University Press, 1980), p. 159.
 7. Ver Sang Hae Lee, *Feng Shui: Its Context and Meaning*, tese de mestrado na Cornell University, 1986 (Ann Arbor, Michigan: UMI, 1999), p. 10.
 8. Lo, *Feng Shui and Destiny for Families*, p. 129.
 9. Em Lee, *Feng Shui*, p. 341.
 10. Ver Needham, *Science and Civilisation in China* (1954), vol. 2, p. 361.
 11. Man-Ho Kwok, *The Elements of Feng Shui*, pp. 41-2.
 12. Ver Feuchtwang, *Chinese Geomancy*, pp.18ss.
 13. Ver Man-Ho Kwok, *The Elements of Feng Shui*, pp. 61-7.
 14. Ibid., p. 57.
 15. Ver Peter Marshall, *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Aíchetny* (Londres: Macmiiian, 2001), pp. 223-4.

10. Casa Estelar

1. Raymond Lo, *Feng Shui and Destiny for Families* (Singapura: Times Books International, 1999), p. 10.
2. Ibid., p. 57.
3. *I Ching or Book of Changes*, trad. Richard Wilhelm para o alemão e posteriormente para o inglês por Cary Baynes, 3ª ed. (Londres: Arkana, 1989), prefácio de Carl Jung, p. xxiv. Ver também "Synchronicity: An Acausal Principie", de Carl Jung, em *The Structure and Dynamics of the Psyche, Collected Works* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1960), vol. 8.
4. Raymond Lo, *Feng Shui and Destiny for Managers* (Singapura: Times Books International, 1997), p. 148.
5. Jean-Michel Houn de Kermadec, *The Way to Chinese Astrology: The Four Pillars of Destiny*, trad. N. Derek Poulsen (Londres: Unwin, 1983), p. 2.
6. Man-Ho Kwok, *Chinese Astrology: Forecast Your Future from Your Chinese Horoscope* (Londres: Blandford, 1997), p. 9.
7. Ver Peter Marshall, *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Alchemy* (Londres: Macmiiian, 2001), p. 46.

11. A Sabedoria dos Céus

1. Nehru, *Letters to his Sister* (1963), em Louis MacNeice, *Astrology* (Londres: Aldus, 1964), p. 287.
2. *Independem* (Londres: 31 de março de 2001).
3. Ver www.vedicfuture.com.
4. B. V Raman, *Astrology for Beginners* (1940) (Nova Délhi: UBS, 1998), p. xiii.
5. Hart Deíouw e Robert Svoboda, *Light on Life: An Introduction to the Astrology of Índia* (Londres: Arkana, 1996), p. xxiv.
6. Ver *ibid.*, p. ix; Komilla Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 1999), p. 1.
7. Em Defouw e Svoboda, *Light on Life*, p. 20.
8. *Bhagavad Gita*, trad. Juan Mascaro (Harmondsworth: Penguin, 1975), 2:22, p. 50.
9. Raman, *Astrology for Beginners*, p. xxvii; Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology*, p. 4.
10. Raman, *Astrology for Beginners*, p. 2.
11. Ver *ibid.*, p. 5.
12. Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology*, p. 16.
13. Defouw e Svoboda, *Light on Life*, Vasant Lad, Prefácio, p. xx.
14. Defouw e Svoboda, *ibid.*, p. 13.
15. Valerie J. Roebuck, *The Circle of Stars: An Introduction to Indian Astrology* (Shaftesbury: Element Books, 1992), p. 12.
16. *Ibid.*, p. 16.

12. Olhos que Vêem Longe

1. B. L. Dhama, *A Guide to Jaipur Astronomical Observatory*, Prefácio (Jaipur, s. d.).
2. *Ibid.*, p. 3.
3. P. C. Sengupta, *Surya Siddhanta*, trad. Ebenezer Burgess (Calcutá, 1935), p. viii; Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), pp. 137, 139.
4. Ver Shil-Ponde, *Hindu Astrology: Jyotisha-Shastra* (Nova Délhi: Sagar, 1968); Valerie J. Roebuck, *The Circle of Stars: An Introduction to Indian Astrology* (Shaftesbury: Element, 1992), p. 152, n. 7.
5. Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 138.
6. Ver B. V Raman, *Astrology for Beginners* (Nova Délhi: UBS, 1998), pp. xiii-xiv.
7. Giorgio de Santanilla e Hertha von Dechend, *Hamlets MUI: An Essay on Myth and the Trame of Time* (1967), (Boston: David R. Godine, 1977), pp. 3, 301, 346. Ver também John E. Mitchener, *Traditions of the Seven Risis* (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1982).
8. *Brihat Parashara Hora*, 97:1 -2a, em Hart Defouw e Robert Svoboda, *Light on Life: A Introduction to the Astrology of Índia* (Londres: Arkana, 1996), p. 14.
9. *Vrddhayavanajataka of Minaraja*, ed. David Pingree, 2 vols. (Baroda: Oriental Institute, 1976), vol. 1, pp. 1-4; Roebuck, *The Circle of Stars*, p. 21.
10. de Santanilla e von Dechend, *Hamlet's MUI*, p. 138.
11. *Rig Veda*, trad. W. D. O'Tlaherty (Harmondsworth: Penguin, 1981), 5.13.6.

12. *A Sourcebook in Índia Philosophy*, ed. S. Radhakrishnan e C. A. Moore (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1971), p. 7.
13. *Ibid.*, p. 13.
14. *Rig Veda*, 10.127; Roebuck, *Circle of Stars*, p. 3.
15. *Hymns of theAtharva Veda*, trad. M. Bloomfield (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1992) 10.7.12. Ver de Santanilla e von Dechend, *Hamlefs MUI*, pp. 140, 233.
16. Roebuck, *Circle of Stars*, p. 5.
17. Ver Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 143.
18. *A Sourcebook in Indian Philosophy*, ed. S. Radhakrishnan e C. A. Moore (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1971), p. 77.
19. Svetasvatara Upanishad, VI, 11-12.
20. *The Upanishads*, trad. Eknath Easwaran (Londres: Arkana, 1988); Prashna, VI, 3-4, p. 280.
21. Ver Komilla Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 1999), pp. 256-7.
22. *Ibid.*, p. 6.
23. Dhama, *A Guide to Jaipur Astronômica! Observatory*, Prefácio.
24. Ver David Pingree, *Jyotishsastra: Astral and Mathematical Literature* (Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1981); e Roebuck, *The Circle of Stars*, pp. 5-6.
25. Roebuck, *The Circle of Stars*, p. 7.
26. Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 140.
27. Ver *ibid.*, p. 141.
28. O. Neugebauer, "Tamil Astronomy", *Osiris*, X (1952), pp. 252-76.
29. Ver www.loudun-net.com/kamesh/NadiAstrology.

13. A Roda da Vida

1. Raman, *Astrology for Beginners* (Nova Délhi: UBS, 1998), p. 5.
2. Ver *ibid.*, pp. 18-23.
3. Ver Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 1999), pp. 74-92.
4. *Ibid.*, p. 238.
5. Varahamihira, *Brhajjataka*, ed. Sastri (1981), 27:1-3, pp. 518-19, em Roebuck, *The Circle of Stars: An Introduction to Indian Astrology* (Shaftesbury: Element, 1992), p. 124.
6. Ver *ibid.*, pp. 124-7.
7. Hart Defouw e Robert Svoboda, *Light on Life; An Introduction to the Astrology of Índia* (Londres: Arkana, 1996), p. 115.
8. Ver Raman, *Astrology for Beginners*, p. 16. Para um relato mais detalhado ver Defouw e Svoboda, *Light on Life*, pp. 129-49.
9. *Ibid.*, p. 116.
10. Ver Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology*, p. 25.

14. A Família dos Planetas

1. Hart Defouw e Robert Svoboda, *Ligbi on Life: An Introduction to the Astrology of Índia* (Londres: Arkana, 1996), p. 33.
2. Ibid., pp. 8-9.
3. Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 1999), p. 53. Ver também do mesmo autor *The Lunar Nodes: Crisis and Redemption* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 2001).
4. *Vrddhayavanajataka of Minaraja*, ed. David Pingree (Baroda: Oriental Institute, 1976), vol. 2, p. 16.
5. Ver Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology*, p. 22.
6. Ver Raman, *Astrology for Beginners* (Nova Délhi: UBS, 1998), pp. 11, 12.
7. Ver Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology*, p. 21.
8. Ver ibid., p. 27; Raman, *Astrology for Beginners*, p. 13.
9. Defouw e Svoboda, *Light on Life*, pp. 278-306; Sutton, *Essentials of Vedic Astrology*, pp. 265-76.
10. Ver ibid., pp. 212-16.

15. Mansões Lunares

1. *Hymns of the Atharva Veda*, trad. M. Bloomfield (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1997), 19:7 e 8.
2. Ver Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), p. 144.
3. Ver Komilla Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 1999), pp. 228-9.
4. Ver Valerie J. Roebuck, *The Circle of the Stars: An Introduction to Indian Astrology* (Shaftesbury: Element, 1992), p. 94.
5. Ver Hart Defouw e Robert Svoboda, *Light on Life: An Introduction to the Astrology of Índia* (Londres: Arkana, 1996), pp. 204-46; Sutton, *The Essentials of Vedic Astrology*, pp. 168-209; Roebuck, *The Circle of the Stars*, pp. 90-121.

16. Yogastrologia

1. Varahamihira, *Brihat Samhita*, trad. H. Kern (1913), cap. 2:3.

18. Nas Águas da Babilônia

1. Ver W B. Emery, *Archaic Egypt* (Harmondsworth: Penguin, 1987), p. 192; E. A. Wallis Budge, *From Fetish to God in Ancient Egypt* (Oxford: Oxford University Press, 1934), p. 155.
2. Michael Baigent, *From the Omens of Babylon: Astrology and Ancient Mesopotamia* (Londres: Arkana, 1994), p. 27.

3. *The Epic of Gilgamesh*, trad. N. K. Sanders (Harmondsworth: Penguin, 1972), p. 111.
4. Ver Baigent, *From the Omens of Babylon*, p. 29.
5. E. Reiner, *The Venus Tablet of Ammisaduqa* (Malibu, 1975), p. 29.
6. Baigent, *From the Omens of Babylon*, p. 62.
7. *The Epic of Gilgamesh*, p. 80.
8. Ibid., p. 25.
9. Ibid., p. 16.
10. Ver Baigent, *From the Omens of Babylon*, pp. 160-1.
11. Austen Henry Layard, *Discoveries in the Ruins of Nineveh and Babylon* (Londres: John Murray, 1853), pp. 196-8.
12. Robert Temple, *The Crystal Sun: Rediscovering a Lost Technology of the Ancient World* (Londres: Century, 2000), p. 31, ver também pp. 7-24.
13. Ver ibid., pp. 17-18.
14. Ver Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: Faculty of Astrological Studies, 1989), p. 11.
15. Ver Tamsyn Barton, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1994), p. 14; Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), pp. 163-74.
16. Ver B. L. Van der Waerden, "History of the Zodiac", *Archiv für Orientforschung*, vol. 16, p. 219.
17. Em Baigent, *From the Omens of Babylon*, pp. 51, 52.
18. Ver B. L. Van der Waerden, *Science Awakening II: The Birth of Astronomy* (Leiden, 1974), pp. 103-8.
19. Ibid., p. 126. Gleadow fornece a data de 419 a.C. *Origin of the Zodiac*, p. 163.
20. Campion, *Introduction to the History of Astrology*, p. 12.
21. A. Sachs, "Babylonian Horoscopes", *Journal of Cuneiform Studies*, vol. 6 (1952), pp. 54-7.
22. Ibid.
23. Ver A. Sachs e H. Hunger, *Astronomical Diaries and Related Texts from Babylonia*, 2 vols. (Viena, 1988-9).
24. Sachs, "Babylonian Horoscopes", p. 69.
25. Ver O. Neugebauer e H. B. Van Hoeson, *Greek Horoscopes* (Filadélfia, 1959), p. 17.

19. Faça-se a Luz

1. Ver J. C. Cooper, *An Illustrated Encyclopaedia of Traditional Symbols* (Londres: Thames & Hudson, 1999), p. 198.
2. Michael Baigent, *From the Omens of Babylon: Astrology and Ancient Mesopotamia* (Londres: Arkana, 1994), p. 99.
3. R. Thompson, *The Reports of the Magicians and Astrologers of Nineveh and Babylon in the British Museum*, 2 vols. (Londres: Luzac, 1900), vol. 2, 119, p. Ivi.
4. Baigent, *From the Omens of Babylon*, p. 108.
5. Diodorus Siculus, *Diodorus of Sicily*, trad. C. H. Oldfather et al., 9 vols. (Londres, 1933), vol. 2, p. 30.
6. Baigent, *From the Omens of Babylon*, p. 114.
7. Ibid., p. 117.

8. Ibid., p. 119.
9. Heródoto, *The Histories*, trad. Robin Waterfield (Oxford: Oxford University Press, 1998), pp. 87-8.
10. S. Parpola, *Letters from Assyrian Scholars to the Kings Esarhaddon and Assurbanipal*, 1 partes, (Neukirchen-Vluyn, 1983), parte 2, p. 11.
11. Thompson, *Reports of the Magicians*, vol. 2, 243B, p. Ixxvi.
12. Sicilas, *Diodorus of Sicily*, vol. 2, p. 30.
13. Ver Baigent, *From the Omens of Babylon*, pp. 129-30.
14. Thompson, *The Reports of the Magicians and Astrologers*, vol. 2, 100, p. Ixiii.
15. Ibid., vol. 2, 103, p. liv; 272, p. Ixxxviii.
16. A. Livingstone, *Mystical and Mythological Explanatory Works of Assyrian and Babylonian Scholars* (Oxford: Oxford University Press, 1986), p. 123, linha 8.
17. Thompson, *The Reports of the Magicians*, vol. 2, 186, p. Ixvi.
18. Ibid., vol. 2, 218, p. Ixxi; 221, p. Ixxii.
19. H. C. Rawlinson, "On the Birs Nimrud, or the Great Temple of Borsippa", *Journal of the Royal Asiatic Society* (1861), vol. 18, p. 17.

20. A Imagem do Céu

1. E. A. Wallis Budge, *The Book of the Dead* (1899) (Londres: Arkana, 1986), p. xxi.
2. Ver Platão, *Titnaeus*, trad. H. D. R Lee (Harmondsworth: Penguin, 1965), p. 37.
3. Ver John Anthony West, *Serpent in the Sky: The High Wisdom of Ancient Egypt* (Wheaton, 111.: Quest Books, 1993), p. 104.
4. Em John Anthony West, *The Traveller's Key to Ancient Egypt: A Guide to the Sacred Places of Ancient Egypt* (Londres: Harrap Columbus, 1987), p. 157.
5. Alexandre Piankof f, *The Pyramid of Unas*, em vol. 5 do *Egyptian Religious Texts and Representations* (Nova York: Bollingen Foundation, 1964), Utterance 219, Spells 192-3, p. 68.
6. R. O. Faulkner, "The King and the Star Religion in the Pyramid Texts", *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 25, n° 3 (julho de 1966), p. 154.
7. Alexandre Piankoff, *Pyramid of ünas*, Utterance 214, Spell 138, p. 60.
8. Alexandre Moret, *Mystères Égyptiens*, em Wm. R. Fix, *StarMaps* (Londres: Octopus, 1979), p. 98.
9. Heródoto, *The Histories*, trad. Robin Waterfield (Oxford: Oxford University Press, 1998), p. 109.
10. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, trad. R. O. Faulkner (Warminster: Aris & Phillips, 1969), Utterance 467, p. 156.
11. Ibid., Utterance 419, p. 138.
12. Ver Robert Bauval e Adrian Gilbert, *The Orion Mystery* (Londres: Heinemann, 1994).
13. Ver Graham Hancock e Santha Faiia, *Heaven's Mirror: Quest for the Lost Civilization* (Londres: Michael Joseph, 1998), p. 94.
14. Ver Richard A. Proctor, *The Great Pyramid: Observatory, Tomb and Temple* (Londres: 1883), e West, *The Travellers's Key to Ancient Egypt*, pp. 91-2.
15. Em Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), p. 204.
16. Ver West, *The Travellers's Key to Ancient Egypt*, pp. 95-7.

17. Ver Fix, *Star Maps*, p. 32.
18. Giorgio de Santillana e Hartha von Dechen, *Hamlefs MUI: an Essay on Myth and the Frame of Time* (Boston: David R. Godine, 1977), pp. 245-6.
19. Sir Norman Lockyer, *The Dawn of Astronomy* (Londres: Macmillan, 1894), p. 100.
20. Ibid. (Boston, Mass.: MIT Press, 1973), p. 119.
21. Ver Robert Temple, *The Crystal Sun: Rediscovering the Lost Technology of the Ancient World* (Londres: Century, 2000), pp. 213-443.
22. Ver ibid., pp. 348, 364, 440-2.
23. Ver Alan W. Shorter, *The Egyptian Gods* (Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1937), pp. 9-10.

21. O Retorno da Fênix

1. Robert A. Armour, *Gods and Myths of Ancient Egypt* (Cairo: The American University in Cairo Press, 1986), pp. 154-5.
2. *The Book of the Dead*, trad. E. A. Wallis Budge (Londres: Arkana, 1986), p. 622.
3. R. O. Faulkner, ed., *The Ancient Egyptian Coffin Texts* (Warminster: Aris & Phillips, 1994), vol. I, pp. 179-80.
4. *Pyramid Texts* em R. T. Rundle, *Myth and Symbol in Ancient Egypt* (Londres: Thames òc Hudson, 1993), p. 58.
5. Ver R. K. Glanville, *The Legacy of Egypt* (Oxford: Clarendon Press, 1942), pp. 161-2.
6. Diodorus of Sicily, em Christian Jacq, *Egyptian Magic*, trad. Janet M. Davis (Warminster: Aris Sc Phillips, 1985), p. 34.
7. Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), p. 171.
8. I. E. S. Edwards, *The Pyramids of Egypt* (Londres: Penguin, 1993), p. 286.
9. Ver John Anthony West, *Serpent in the Sky: The High Wisdom of Ancient Egypt* (Wheaton, IL: Quest, 1993), p. 95. Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, pp. 177-8, opção para a data 2780 a.C.
10. Em Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 179.
11. Robert Eisler, *The Royal Art of Astrology* (Londres: Herbert Joseph, 1946), p. 80.
12. Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 185.
13. Tamsyn Barton, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1974), p. 28.
14. Ver Athanasius Kircher, *Oedipus Aegyptiacus* (Roma, 1653), vol. 2, parte 2, pp. 182-6.
15. Jacq, *Egyptian Magic*, p. 34.

22. O Horóscopo da Eternidade

1. Ver Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), pp. 188-9. Para o mapa, ver ob. p. 192.
2. Ibid., p. 188.
3. Em West, *The Travellers's Key to Ancient Egypt*, p. 393.

4. J. Norman Lockyer, *The Dawn of Astronomy* (1894) (Boston, Mass.: MIT Press, 1973), p. 176.
5. Ver John Anthony West, *Serpent in the Sky: The High Wisdom of Ancient Egypt* (Wheaton IL.: Quest, 1993), pp. 101-2.
6. Ver artigo de Alexandre Gurshtein em *Scientific American* (maio de 1997), relatado no *Sunday Telegraph* (Londres; 25 de maio de 1997). Ver também Graham Hancock e Santha Faiia, *Heaven's Mirror: Quest for the Lost Civilization* (Londres: Michael Joseph, 1998), pp. 29-30.
7. Ver Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 209.
8. Ver S. R. K. Glanville, ed., *The Legacy of Egypt* (Oxford: Clarendon, 1942), p. 162; Geraldine Pinch, *Magic in Ancient Egypt* (Londres: British Museum Press, 1994), p. 167.
9. Ver West, *Serpent in the Sky*, pp. 99-100.
10. Ver Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, pp. 192, 197, 204.
11. Ver R. A. Schwaller de Lubicz, *The Temple in Man: Ancient Egypt in Architecture and the Perfect Man* (1949), trad. Deborah e Robert Lawlaw (Rochester, Vt.: Inner Traditions International, 1988), p. 110.
12. E. A. E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple* (Manchester: Manchester University Press, 1969), p. 110.
13. Em R. A. Schwaller de Lubicz, *Sacred Science: The King of Pharaonic Theocracy*, trad. A. e G. VandenBroeck (Rochester, Vt.: Inner Traditions International, 1988), apêndice V, pp. 277-8.
14. Ibid., p. 159.
15. Ver Hancock e Faiia, *Heaven's Mirror*, p. 67.
16. E. A. E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple* (Manchester: Manchester University Press, 1969), p. 77.
17. Em Robert Bauval e Graham Hancock, *Keeper of Genesis: A Quest for the Hidden Legacy of Mankind* (Londres: Heinemann, 1996), p. 197.
18. Ver ibid., p. 201.
19. Ver Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: s.d.), p. 26.
20. Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, p. 209.
21. Ver Geraldine Pinch, *Magic in Ancient Egypt* (Londres: British Museum Press, 1994), p. 167.
22. Campion, *Introduction to the History of Astrology*, p. 26.
23. Heródoto, *The Histories*, trad. Robin Waterfield (Oxford: Oxford University Press, 1998), p. 126.

23. A Harmonia das Esferas

1. Franz Cumont, *Astrology and Religion among the Greeks and Romans* (Nova York: Dover, 1912), p. 53.
2. Ver Jack Lindsay, *The Origins of Astrology* (Londres: Muller, 1971), p. 91.
3. Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968), p. 209. Ver também Robin Waterfield, "The Evidence for Astrology in Classical Greece", *Culture and Cosmos*, vol. 3, n° 2 (1999), pp. 3-15.
4. Ver M. R. Wright, *Cosmology in Antiquity* (Londres e Nova York: Routledge, 1995), p. 122.
5. Ver Waterfield, "The Evidence for Astrology in Classical Greece", p. 3.
6. Hesíodo, *Works and Days*, em J. B. Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1955), pp. 564-7.

7. Hesíodo, *Works and Days*, trad. Samuel Butler (Londres, 1923), p. 20.
8. O. Neugebauer, *The Exact Sciences in Antiquity* (Nova York: Dover, 1957), p. 170; S. J. Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell Press, 1987), p. 12.
9. Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 23-6.
10. Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: s.d.), p. 17.
11. Ver Waterfield, "The Evidence for Astrology in Classical Greece", pp. 5, 9.
12. Plutarco, *Alcibiades*, em *ibid.*, p. 10.
13. Em Wright, *Cosmology in Antiquity*, p. 53.

24. A Imagem Mutante da Eternidade

1. Diogenes Laertius, *Lives of Eminent Philosophers*, trad. R. D. Hicks, 2 vols. (Londres, 1925), vol. 1, p. 175.
2. Em Michael Baigent, *From the Omens of Babylon: Astrology and Ancient Mesopotamia* (Londres: Arkana, 1994), p. 177.
3. Platão, *Timaeus*, trad. H. D. P. Lee (Harmondsworth: Penguin, 1965), p. 34.
4. Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: s.d.), p. 20.
5. Platão, *Timaeus*, pp. 44,45.
6. *Ibid.*, p. 53.
7. *Ibid.*, p. 50.
8. *Ibid.*, p. 54.
9. Platão, *The Statesman* 269c4-d2, em M. R. Wright, *Cosmology in Antiquity* (Londres e Nova York: Routledge, 1995), pp. 141-1.
10. Platão, *Timaeus*, pp. 57-8.
11. Platão, *Timaeus* (40c-d), trad. Robin Waterfield. Waterfield cerra questão quanto uma adição errada de um "não" em "naqueles que *não* são capazes de calcular" na tradução de Lee (utilizada amplamente) e outros, que muda completamente o significado. Ver Robin Waterfield, "The Evidence of Astrology in Classical Greece", *Culture and Cosmos*, vol. 3, nº 2 (1999), pp. 7-8.
12. Platão, *The Republic*, trad. Desmond Lee, 2ª ed. (Harmondsworth: Penguin, 1981), p. 450.
13. *Ibid.*, p. 451.
14. *Ibid.*, pp. 451-2.
15. *Ibid.*, p. 452.
16. Ver *ibid.*, pp. 360-1. Ver também Waterfield, "The Evidence for Astrology in Classical Greece", p. 9; James Adams, *The Nuptial Number of Plato* (1891) (Wellingborough: Thorsons, 1985).
17. Platão, *Phaedrus*, trad. Walter Hamilton (Londres: Penguin, 1973), p. 31.
18. *Ibid.*, p. 33.
19. Platão, *The Republic*, p. 453.
20. Em Wright, *Cosmology in Antiquity*, p. 129.
21. Aristóteles, *De Caelo*, trad. Guthrie, Loeb edition, vol. 2, p. 9.

25. O Mundo Helênico

1. Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: s.d.), p. 23.
2. Cícero, *De Divinatione*, em Michael Baigent, *From the Omens of Babylon; Astrology and Ancient Mesopotamia* (Londres: Arkana, 1994), p. 178.
3. Ver B. L. Van der Waerden, *Science Awakening II: The Birth of Astronomy* (Leyden: Brill, 1974), vol. 2, p. 81.
4. Ver Tamsyn Barton, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1994), p. 9.
5. Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), pp. 15-16.
6. Ver Barton, *Ancient Astrology*, p. 25.
7. Ver *ibid.*, p. 27.
8. *Stobaei Hermética*, em Garth Fowden, *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to the Late Pagan Mind* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1993), p. 92.
9. Clement, *Stomata*, livro V, cap. 4, em R. A. Schwaller de Lubicz, *Sacred Science: The King of Pharaonic Theocracy*, trad. André e Goldian VandenBroeck (Rochester: Inner Traditions International, 1985), p. 274.
10. Firmicus Maternus em *ibid.*, pp. 158-9.
11. Em *Hermética*, trad. Brian E Copenhaver (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), p. xxxvii.
12. *Corpus Hermeticum*, *ibid.*, pp. 14, 2.
13. *Ibid.*, p. 52.
14. *Ibid.*, p. 35.
15. *Ibid.*, pp. 60-1.
16. *Asclepius*, *ibid.*, p. 89.

26. A Poesia das Estrelas

1. Plínio, *Natural History*, 35.199, em Tamsyn Barton, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1994), p.34.
2. Cícero, *On Divination*, 1.130, em *ibid.*, p. 36.
3. Em M. R. Wright, *Cosmology in Antiquity* (Londres e Nova York: Routledge, 1995), p. 125.
4. Plínio, *Natural History*, 30.1.1-2.
5. Suetônio, *Augustus*, 94.5, em Barton, *Ancient Astrology*, p. 40
6. Juvenal, *The Sixth Satire*, em *ibid.*, p. 173.
7. Manilius, *Astronômica*, trad. G. E Goold (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997), p. 7.
8. *Ibid.*, pp. 25-6.
9. *Ibid.*, p. 223.
10. *Ibid.*, pp. 26-7.
11. *Dorethei Sidonii Carmen Astrologicum*, ed. David Pingree (Leipzig, 1976), em Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 89.
12. Otto Neugebauer e H. B. Van Hoesen, *Greek Horoscopes* (Filadélfia, 1959), p. 80.

13. *Vettii Valentis Anthologiarum Libri*, ed. W Kroll (Berlim, 1908), em Tester, *A History of Western Astrology*, p. 48.
14. Em Eric Russell, *History of Astrology and Prediction* (Londres: New English Library, 1974), pp. 28-9.

27. O Ambiente

1. Geoffrey Cornelius, *The Moment of Astrology* (Londres: Arkana, 1994), pp. 97-8.
2. Ptolomeu, *Tetrabiblos*, trad. F. E. Robbins (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998), p. 3.
3. *Ibid.*, pp. 3-4.
4. *Ibid.*, p. 13.
5. *Ibid.*, pp. 21, 23.
6. *Ibid.*, pp. 135, 156-7.
7. *Ibid.*, p. 221.
8. *Ibid.*, p. 439.
9. *Ibid.*, p. 225.
10. *Ibid.*, p. 345.
11. *Ibid.*, p. 369.
12. *Ibid.*, pp. 395, 397.
13. *Ibid.*, pp. 426-7.
14. *Ibid.*, p. 447.
15. *Ibid.*, p. 449.
16. Paul Henry, "The Place of Plotinus in the History of Thought", em Plotino, *The Enneads*, trad. Stephen MacKenna, 3ª ed. (Londres: Faber & Faber, 1962), p. xxxv.
17. Porfírio em Plotino, *The Enneads*, *ibid.*, p. 2.
18. Plotino, *The Enneads*, IV8, p. 357.
19. *Ibid.*, II.3.11, p. 99.
20. *Ibid.*, I.6.9, pp. 63-4.
21. *Ibid.*, II.3.5, p. 95.
22. *Ibid.*, II.3.7, p. 96; IV4.33, p. 316; II.3.95, p. 95.
23. *Ibid.*, IV4.33, p. 317.
24. *Ibid.*, II.3.3, p. 93; II.3.7, p. 96.
25. *Ibid.*, II.3.9, p. 97.

28. Miriogênese

1. Galeno, *Prognostics from the [Time of the Patients] taking to Bed*, em Tamsyn Barton, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1994), p. 185.
2. *Papyri Craecae Magicae. Die griechischen Zauberpapyri*, ed. e trad. K. Preisendanz, 2 vols. (Leipzig, 1928-31), 36.320-32.
3. Ver *ibid.*, 7.795-845.
4. *Ibid.*, 7.284-99.

5. Ibid., 13.705-15.
6. Porfírio, *The Cave of the Nymphs*, em Barton, *Ancient Astrology*, p. 198.
7. Em Garth Fowden, *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to the Late Pagan Mind* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1993), p. 92.
8. Em Barton, *Ancient Astrology*, p. 65.
9. Julius Firmicus Maternus, *Mathesis: Ancient Astrology — Theory and Practice*, trad. Rhys Bram (New Jersey: Noyes, 1975), 2.30.
10. Ibid., 1.6.1-2.
11. Ibid., 4.22.2.
12. Em Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 139.
13. Jâmblico, *Theurgia or The Egyptian Mysteries*, trad. Alexander Wilder (Londres: William Rider Ô& Son, 1911), p. 269.
14. Ibid., pp. 266, 268.
15. Em G. R. S. Mead, *Thrice Greatest Hermes*, 3 vols. (Londres: John M. Watkins, 1949), vol. 3, p. 298.
16. E. M. Forster, *Alexandria: A History anda Guide* (Londres: Michael Hagg, 1982), p. 56.
17. Em Barton, *Ancient Astrology*, p. 72.
18. Ibid., p. 74.
19. Ibid., p. 77.

29. Os Astrólogos do Oriente Médio

1. Em Peter Marshall, *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Alchemy* (Londres: Macmillan, 2001), p. 216.
2. Em Seyyed Hossein Nasr, *Science and Civilization in Islan*, 2ª ed. (Cambridge: Islamic Texts Society, 1987), p. 61.
3. Ver *ibid.*, pp. 147-8.
4. Em Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1957), p. 159.
5. Em Michael Gauquelin, *Dreams and Illusions of Astrology* (Londres: Glover &C Blair, 1980), p. 43.
6. Ver Tester, *A History of Western Astrology*, p. 163.
7. Ver Francês Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition* (Londres: Routledge, 2002). Ver também Vivian E. Robson, *The Fixed Stars and Constellations in Astrology* (1923) (Wellingborough: Aquarian, 1979), pp. 236-9.
8. Abu Ma'shar, *De Revolutionibus Nativitatum*, lv. 5, em Tester, *A History of Western Astrology*, p. 171.
9. Ver Anistatia R. Miller e Jared M. Brown, *The Complete Astrological Handbook for the Twenty-first Century* (Nova York: Schocken, 1999), pp. 263-332.
10. Al-Biruni, *Elements of Astrology*, trad. de R. Ramsay (Londres: Wright, 1934), em Tester, *A History of Western Astrology*, pp. 157-8n.
11. Em Marshall, *The Philosopher's Stone*, pp. 250-1.
12. Em Eugênio Garin, *Astrology in the Renaissance: The Zodiac of Life* (Londres: Arkana, 1983), p. 49.
13. Em Tamsyn Barton, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1994), p. 69.

14. Ver Rabino Joel C. Dobin, *The Astroiological Secrets of the Hebrew Sages: To Rule Both Day and Night* (Rochester Vt.: Inner Traditions International, 1977).
15. Miller e Brown, *The Complete Astroiological Handbook*, p. 334.
16. Ver Rabino Joel C. Dobin, *The Astroiological Secrets of the Hebrew Sages: To Rule Both Day and Night* (Rochester Vt.: Inner Traditions International, 1977), cap. 20.
17. Shabbath, 153a, em Miller e Brown, *The Complete Astroiological Handbook*, pp. 335-6.
18. Ibid., pp. 336-45.
19. Dobin, *The Astroiological Secrets of the Hebrew Sages*, em ibid., pp. 344-5.
20. Ver Warren Kenton (Zev ben Shimon Halevi), *The Anatomy of Fate: Kabbalistic Astrology* (Londres: Rider, 1978), pp. 31-3.
21. Ibid., p. 93.
22. Ibid., p. 192.

30. No Início da Luz

1. Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), pp. 200, 129. Ver também T. O. Wedel, *The Medieval Attitude toward Astrology* (New Haven: Norwood, 1920).
2. Macrobius, *Ambrosii Theodisi Macrobiani Commentarii in Somnium Scipionis*, ed. James Willis (Leipzig, 1963).
3. Ibid., I.21.23ss.
4. Isodore, *Etymologiae*, III, 27. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 125.
5. Em Eric Russell, *The History of Astrology and Prediction* (Londres: New English Library, 1972), p. 43.
6. Augustine, *The City of God*, V. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), pp. 108-9.
7. Augustine, *Contra Faustum Manichaeum*, II, 5. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 111.
8. Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres, s.d.), p. 43.
9. Tertuliano, *De Idolatria*, c.9. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 112.
10. Guibert de Nogent, *Gesta Dei per Francos*, VIII.8. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 143.
11. Hugh of St. Victor, *De Eruditione Docta*, lv. II, cap. 11. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 143.
12. Ver M. M. Scarr, *The Dial: Its Background, History and Use* (Cambridge: Queen's College, s.d.).
13. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 177.
14. Ibid., p. 178.
15. Robert Grosseteste, *De Artibus Liberalibus*, ibid., p. 179.
16. *The 'Opus Maius' of Roger Bacon*, ed. J. H. Bridges (Londres, 1900), parte IV
17. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, Ia.q.115, a.4. Em Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 181.

18. Em Tester, *A History of Western Astrology*, p. 186.
19. Em Philip Ziegler, *The Black Death* (Londres: Pelican, 1970), p. 38.
20. Em Louis MacNeice, *Astrology* (Londres: Aldus, 1964), p. 278. Ver também G. W. Coopland, *Nicole Oresme and the Astrologers* (Liverpool: Liverpool University Press, 1952).
21. Em Tester, *A History of Western Astrology*, p. 198.

31. Renascimento

1. Em Louis MacNeice, *Astrology* (Londres: Aldus, 1964), p. 272.
2. Marsilio Ficino, *Liber de Vita* (1489), lv. III, cap. 1. Ver também Thomas More, *The Planeis Within: The Astrological Psychology of Marsilio Ficino* (Nova York: Lindisfarne, 1990).
3. Ficino, *Liber de Vita*, dedicado a Lorenzo de Mediei.
4. Em Eugênio Garin, *Astrology in the Renaissance: The Zodiac of Life*, trad. Carolyn Jackson e June Allen (Londres: Arkana, 1990), p. 63.
5. Ficino, *Theologica Platônica*, X 2, ed. R. Mareei (Paris: Les Belles Lettres, 1964), vol. 2, pp. 208-9.
6. Ficino, *De Vita Coelitus Comparando* (1489).
7. Ficino, *Liber de Vita*, III, 19.
8. *The Letters of Marsilio Ficino*, trad. London Language Department of the School of Economic Science (Londres: Shephard-Walwyn, 1978).
9. Giovanni Pico della Mirandola, *Disputationes Adversus Astrologiam Divinatricem*, ed. E. Garin (Florença: Vallecchi, 1946), p. 19.
10. Ibid., vol. p. 10.
11. *Apologia*, em Garin, *Astrology in the Renaissance*, p. 91.
12. Girolamo Cardano, *De Libris Propriis* (1562); *Encomium Astrologiae* em *The Occult in Early Modern Europe: A Documentary History*, ed. e trad. P. G. Maxwell-Stuart (Londres: Macmillan, 1999), pp. 68, 83.
13. Tommaso Campanella em ibid., p. 113.
14. Campanella, *The Six Books of Astrology of Campanella* (Lyons, 1629), lv. 1, cap. 2, art. 1, 3; em Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 214.
15. Campanella, *Astrologicorum Libri* (1630) lv. 1, cap. 2, art. 3, em *The Occult in Early Modern Europe*, p. 92.
16. Ibid., p. 106.
17. Paracelso, *Paragranum* (c. 1530-4) em Peter Marshall, *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Alchemy* (Londres: Macmillan, 2001), p. 352.
18. Cardano, *De Exemplis Centum Geniturarum Liber* (1547) em *The Occult in Early Modern Europe*, p. 87.
19. Melanchthon, *Initia Doctrinae Physicae* (1549), ibid., p. 94.
20. Jean Calvin, *Avertissement contre Vastrologie judiciaire* (1549), em ibid., p. 74.
21. John Dee on *Astronomy: Propaedeumata Aphoristica* (1558-1568), em latim e inglês, ed. e trad. Wayne Shumaker (Los Angeles, 1978), Aforismo XXI.
22. Nostradamus em Bill Anderton *Prophecies for the Millenium* (Londres: Parragon, 1999), Centúria I, verso 44.

23. Ibid., verso 16.
24. Ibid., verso 89.
25. Ibid., verso 48.
26. Ibid., p. 30.

32. A Nova Astronomia

1. Galileu Galilei para Monsenhor Pietro Dini (23 de março de 1615), em Eugênio Garin, *Astrology in the enaissance: The Zodiac of Life*, trad. Carolyn Jackson e June Allen (Londres: Arkana, 1990), p. 10.
2. Copérnico, *On the Revolutions of the Heavenly Spheres* (Nuremberg, 1543), lv. 1, cap. 1.
3. Tycho Brahe, *De Discipiinis Mathematicis Oratio* (1574) em *The Occult in Modern Europe: A Documentary History*, ed. e trad. P. G. Maxwell-Stuart (Londres: Macmillan, 1999), pp. 84-5.
4. Johannes Kepler, *De Stella Nova in Pede Serpentarii* (1606), em Garin, *Astrology in the Renaissance*, p. 9.
5. Em Eric Russell, *The History of Astrology and Prediction* (Londres: New English Library, 1972), p. 60. Ver também John Anthony West, *The Case for Astrology* (Nova York: Viking Arkana, 1991), p. 105.
6. Kepler, *De Stella Nova*, cap. 28; *ibid.*, pp. 105-6.
7. John Maynard Keynes, "Newton the Man", *Royal Society: Newton Tercentenary Celebrations* (Cambridge: Cambridge University Press, 1947), 27-34. Ver também Peter Marshall, "The Ultimate Magus" em *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Alchemy* (Londres: Macmillan, 2001), pp. 398-409.
8. Em Brewster, *Metnoirs of the Life (...) of Isaac Newton*, vol. 2, p. 408.

33. A Nova Astrologia

1. Jean-Baptiste Morin, *Astrologia Gallica* (Hagae-Comitis, 1661), p. 161, em Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 235.
2. Nicholas Culpeper, *The English Physiáan Enlarged* (1653) em Louis MacNeice, *Astrology* (Londres: Aldus, 1964), p. 282.
3. Em Jane Ridder-Patrick, *A Handbook of Medicaí Astrology* (Londres: Arkana, 1989), pp. 139-40. Ver também Graeme Tobyn, *Culpeper's Medicine* (Londres: Element Books, 1996).
4. Jerome Cardan, *The Seven Segments* (Londres, 1676), trad. William Lilly, em MacNeice, *Astrology*, p. 274.
5. William Lilly, *Introduction to Astrology* (1647), ed. Zadkiel (com a sua própria *Grammar of Astrology*) (Londres: G. Bell Sc Sons, 1939), p. 11.
6. *Ibid.*, p. 342.
7. Zadkiel, "Life of William Lilly", *ibid.*, p. 7.
8. Em Derek Parker, *Familiar to Ali: William Lilly and Seventeenth-Century Astrology* (Londres: Jonathan Cape, 1975), p. 227.

9. Elias Ashmole, *Theatrum Chemicum Britannicum* (Londres: 1652).
10. Jim Tester, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987), p. 240.
11. Isaac Bickerstaff (i.e. Jonathan Swift), *Predictions for the Year 1708* (Londres, 1708).
12. Ver Nicholas Campion, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: s.d.), p. 60.

34. A Psicologia da Antigüidade

1. Zadkiel, *Grammar of Astrology* (1853), publicada com a *Introduction to Astrology* de William Lilly (1647) (Londres: G. Bell & Sons, 1939), pp. v, 351.
2. Madame Blavatsky, *The Secret Doctrine* (Nova York, 1888), 3ª ed., vol. 3, p. 337.
3. Ibid., vol. 3, p. 115, vol. 1, p. 180.
4. Ibid., em John Anthony West, *The Case for Astrology* (Nova York: Viking Arkana, 1991), p. 125.
5. Blavatsky, *The Secret Doctrine*, vol. 3, p. 339.
6. Em Louis MacNeice, *Astrology* (Londres: Aldus, 1964), p. 21.
7. Alan Leo, *Astrology for Ali*, 9ª ed. (Edimburgo: International Publishing, s.d.), pp. vii-ix.
8. Ibid., preliminares.
9. Leo, *Practical Astrology*, 2ª ed. (Londres: William Reeves, 1910), pp. ix-xi.
10. Ibid., p. 220.
11. Alice A. Bailey, *Esoteric Astrology* (Londres: Lucis Press, 1951), p. 5.
12. Ibid., p. 12.
13. Ibid., p. 35.
14. Bailey, *A Treatise on Cosmic Pire*, em um apêndice a *Esoteric Astrology*, p. 658.
15. Ibid., p. 581.
16. Ibid., pp. 20-1.
17. Ver Howe, Ellic, *Urania's Children* (Londres: William Kimber, 1967) e Neil Spencer, *Time as the Stars Above: Adventures in Modern Astrology* (Londres: Victor Gollancz, 2000), cap. 13.
18. Carl Jung, *Collected Works of C. G. Jung* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1964), vol. 10.
19. Carl Jung, "In Memory of Richard Wilhelm", *The Secret of the Golden Flower*, trad. para o alemão, Richard Wilhelm, para o inglês, C. E. Baynes (Londres: Keagan Paul, Trench, Trubner, 1947), p. 143.
20. Ibid.
21. Jung, Prefácio (1949), *I Ching*, trad. Cary F. Baynes (Londres: Arkana, 1989), pp. xxiii-xiv.
22. Carl Jung, "Synchronicity: An Acausal Connecting Principle" (1950) em *The Structure and Dynamics of the Psyche*, *Collected Works*, trad. R. F. C. Hull (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1960), vol. 8. Ver também M. L. von Franz, "The Process of Individuation", *Man and His Symbols*, ed. Carl Jung (1964) (Londres: Picador, 1978), pp. 226-7.
23. Em MacNeice, *Astrology*, pp. 222-3.
24. Carl Jung, *Interpretation of Nature and the Psyche*, escrito com W. Pauli (Princeton N. J.: Princeton University Press, 1955).
25. Ver Geoffrey Cornelius, Maggie Hyde e Chris Webster, *Astrology for Beginners* (Londres: Icon Books, 1995), pp. 158-9.
26. Ver Maggie Hyde, *Jung and Astrology* (Wellingborough: Aquarian, 1992), p. 193.

27. Dane Rhudyar, *The Astrology of Personality* (Nova York: Lucis Press, 1936).
28. Dane Rhudyar, *The Practice of Astrology: As a Technique in Human Understanding* (1968) (Baltimore, Maryland: Penguin, 1970), p. 9.
29. Ver Geoffrey Cornelius, *The Moment of Astrology: Origins in Divination* (Londres: Arkana, 1994), p. 103.
30. Dane Rhudyar, *The Astrology of Transformation: A Multilevel Approach* (Wheaton, IL: Quest, 1980), p. 99.
31. Ibid., pp. 198, 199. Ver também Rhudyar, *Beyond Individualism: The Psychology of Transformation* (Wheaton, IL: Quest Books, 1979).
32. Alan Oken, *As Above, So Below: A Primary Guide to Astrological Awareness* (Nova York: Bantani, 1973), p. 11.
33. Alan Oken, *The Horoscope, the Road and its Travelers* (Nova York: Bantam, 1974), p. 7.
34. P. D. Ouspensky, *In Search of the Miraculous* (Londres, 1950), pp. 366-7.

35. Ciência ou Superstição?

1. Bart J. Bok e Lawrence C. Jerome, *Objections to Astrology* (Londres: s.d.), pp. 9-10. Ver também John Anthony West, *The Case for Astrology* (Nova York: Viking Arkana, 1991), pp. 177-8.
2. Paul Feyerabend, *Science in a Free Society* (Nova York: Schocken, 1978).
3. Em West, *The Case for Astrology*, pp. 142-3.
4. Patrick Moore, *Naked Eye Astronomy* (Londres: Lutterworth, 1966), p. 2.
5. Franz Cumont, *Astrology and Religion among the Greeks and Romans* (Nova York: Dover, 1912), p. 30.
6. Ellsworth Huntington, *Mainsprings of Civilization* (Londres: J. Wiley, 1945).
7. Ver John Gribbin e Steven H. Plagemann, *The Jupiter Effect* (Londres: Macmillan, 1974).
8. Em Michel Gauquelin, *Astrology and Science* (1966), trad. James Hughes (Londres: Peter Davies, 1970), p. 224.
9. Em H. J. Eysenck e D. K. B. Nias, *Astrology: Science or Superstition?* (Harmondsworth: Penguin, 1982), p. 163.
10. Ver Gauquelin, *Astrology and Science*, pp. 192-3.
11. *Science* (4 de dezembro de 1959); ver também West, *The Case for Astrology*, pp. 329-30.
12. Ver Lily Kolisko, *The Moon and Plant Growth* (Londres: Anthroposophical Foundation, 1936).
13. Em Eysenck e Nias, *Astrology*, p. 176.
14. Ibid., p. 180.
15. Ver Gauquelin, *Astrology and Science*, pp. 216-8, 238-40.
16. Em Gauquelin, *Dreams and Illusions of Astrology* (1969) (Londres: Glover & C Blair, 1980), p. 173.
17. Resposta de Percy Seymour à revisão de Nigel Henbest do seu trabalho no *New Scientist* (12 de maio de 1988) em West, *The Case for Astrology*, pp. 383-4. Ver também Percy Seymour, *Astrology: The Evidence of Science* (Londres: Lennard, 1988), pp. 116-18.
18. Gauquelin, *Astrology and Science*, p. 165.
19. Ver Geoffrey Cornelius, Maggie Hyde e Chris Webster, *Astrology for Beginners* (Cambridge: Icon, 1995), p. 153.

20. Gauquelin, *Astrology and Science*, p. 208.
21. Gauquelin, *Dreams and Science*, p. 180.
22. Ver Eysenck e Nias, *Astrology*, p. 208.
23. West, *The Case for Astrology*, p. 312.
24. Eysenck e Nias, *Astrology*, p. 208.
25. Ver *ibid.*, p. 166.
26. *Evening Standard* (Londres, 2 de março de 1977).
27. Eysenck e Nias, *Astrology*, p. 209.
28. A. N. Whitehead, *Adventure of Ideas* (Cambridge: Cambridge University Press, 1933), p. 198.
29. David Bohm, *Wholeness and Implicit Order* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980).

36. Questões não Resolvidas

1. John M. Addey, *Address to the Astrological Association of Great Britain* (1959), em John Anthony West, *The Case for Astrology* (Nova York: Viking Arkana, 1991), p. 227.
2. Ver J. C. Cooper, *An Illustrated Encyclopaedia of Raditional Symbols* (Londres: Thames 8c Hudson, 1999), p. 198.
3. Ver Eve Jackson, *Astrology: A Psychological Approach* (Londres: Dryad Press, 1987), pp. 120-2; Melanie Rheinhart, *Chiron and the Healing Journey* (Londres: Arkana, 1989).
4. Em West, *The Case for Astrology*, p. 474.
5. Liz Green, *The Astrology of Fate* (Londres: Unwin, 1986), p. 8.
6. Margaret Hone, *The Modern Textbook of Astrology* (Londres: Fowler, 1951), p. 7.
7. Jeff Mayo e Christine Ramsdale, *Astrology* (Londres: Teach Yourself Books, 1996), p. 4.

38. A Era de Aquário

1. Ver A. Bouché-Leclerq, *Lastrologie grecque* (Paris: Le Roux, 1899), vol. 2.
2. R. B. Culver e P. A. Ianna, *The Gemini Syndrome: A Scientific Evaluation of Astrology* (Buffalo, N. Y.: Prometheus, 1984), p. v.
3. Ver Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlefs Mill: An Essay on Myth and the Frame of Time* (1969) (Boston: Nopareil, 1998), p. 74.
4. *Emerald Tablet* em Peter Marshall, *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Alchemy* (Londres: Macmillan, 2001), p. 250.

Bibliografia Seleccionada

Astronomia

Dunlop, Storm, *Night Sky* (Londres: HarperCollins, 1999)

Hodson, F. R., ed., *The Place of Astrology in the Ancient World* (Oxford: Oxford University

Press, 1974) Koestler, Arthur, *The Sleepwalkers: A History of Man's Changing Vision of the Universe* (1959)

(Harmondsworth: Pelican, 1982) Krupp, E. C, ed., *In Search of Ancient Astronomy* (Londres: Chatto & Windus, 1980) Lockyer, J. Norman, *The Dawn of Astronomy* (1894) (Boston, Mass.: MIT Press, 1973) Moore, Patrick, *Naked Eye Astronomy* (Londres: Lutterworth, 1966) Staal, Julius, *Patterns in the Sky* (Londres: Hodder & Stoughton, 1961) Temple, Robert, *The Crystal Sun: Rediscovering a Lost Technology of the Ancient World* (Londres:

Century, 2000) Toulmin, S. e Goodfield, J., *The Fabric of Heavens: The Development of Astronomy and Dynamics*

(Nova York: Harper Row, 1965) Van der Waerden, B. L., *Science Awakening II: The Birth of Astronomy* (Leiden: Brill, 1974) Whipple, Fred. L., *Earth, Moon and Planets*, 3ª ed. (Harmondsworth: Pelican, 1971)

Astrologia: história e geral

Allen, Richard Hinckley, *Star Names: Their Lore and Meaning* (Nova York: Dover, 1963)

Anderton, Bill, *Prophecies for the Millennium* (Londres: Parragon, 1999)

Baigent, Michael, Campion, Nicholas e Harvey, Charles, *Mundane Astrology* (Londres: Thorsons, 1995)

Barbault, Arnauld, *Défense et illustration d'astrologie* (Paris, 1955)

Bok, Bart. J. e Jerome, Lawrence E., *Objections to Astrology* (Nova York: Prometheus, 1976)

Campion, Nicholas, *An Introduction to the History of Astrology* (Londres: s.d.); *The Great Year: Astrology, Millenarianism and History in the Western Tradition* (Londres: Arkana, 1994) e Eddy, Steve, *The New Astrology: The Art and Science of the Stars* (Londres: Bloomsbury, 1999)

Cooper, J. C. *An Illustrated Encyclopaedia of Traditional Symbols* (Londres: Thames & Hudson, 1999)

Copland, G. W., *Nicole Oresme and the Astrologers* (Liverpool: Liverpool University Press, 1952)

- Cornelius, Geoffrey, *The Moment of Astrology: Origins in Divination* (Londres: Arkana, 1994) e Devereux, Paul, *The Secret Language of the Stars and Planets: A Visual Key to Celestial Mysteries* (Londres: Pavillion, 1996)
- Crow, W. B., *A History of Magic, Witchcraft and Occultism* (Londres: Abacus, 1972)
- Culpeper, Nicholas, *The English Physician Enlarged* (Londres, 1653)
- Culver, R. B. e Ianna, P. A., *The Gemini Syndrome: A Scientific Evaluation of Astrology* (Buffalo, N. Y.: Prometheus, 1984)
- Curry, Patrick, *Prophecy and Power: Astrology in Early Modern England* (Londres: Polity, 1989)
- Davidson, Ronald C, *Astrology* (Londres: Mayflower, 1963)
- de Santillana, Giorgio e von Dechend, Hertha, *Hamlefs MUI: An Essay on Myth and the Frame of Time* (1969) (Boston: Nonpareil, 1998)
- Eisler, Robert, *The Royal Art of Astrology* (Londres: Herbert Joseph, 1946)
- Eysenck, H. J. e Nias, D. K. B., *Astrology: Science or Superstition?* (Harmondsworth: Pelican, 1984)
- Feyerabend, R, *Science in a Free Society* (Nova York: Schocken, 1978)
- Fix, Wm R., *StarMaps* (Londres: Octopus, 1979)
- Garin, Eugênio, *Astrology in the Renaissance: The Zodiac of Life*, trad. Carolyn Jackson e June Allen (Londres: Arkana, 1990)
- Gauquelin, Michel, *Astrology and Science* (1966), trad. James Hughes (Londres: Peter Davies, 1970) *Cosmic Influences upon Human Behavior* (Londres: Garnstone, 1974) *Dreams and Illusions of Astrology* (1969) (Londres: Glover&Blair, 1980) *Written in theStar: The Best of Michel Gauquelin* (Wellingborough: Aquarian, 1988) *Neo-Astronomy: A Copernican Reuolution* (Londres: Arkana, 1991)
- Gettings, Fred, *The Arkana Dictionary of Astrology* (Londres: Arkana, 1990)
- Green, Liz, *The Astrology of Fate* (Londres: Unwin, 1985)
- Gribbin, John e Plagemann, Steven H., *The Júpiter Effect* (Londres: Macmillan, 1974)
- Harpur, Patrick, *The Philosophers' Secret Fire: A History of the Imagination* (Londres: Penguin, 2002)
- Howe, Ellic, *Urania's Children* (Londres: William Kimber, 1967)
- Hyde, Maggie, *Jung and Astrology* (Wellingborough: Aquarian, 1992)
- Jackson, Eve, *Astrology: A Psychological Approach* (Londres: Dryad Press, 1987)
- Jung, C. G., Introduction and Appendix "In Memory of Richard Wilhem", *The Secret of the Golden Flower*, trad. para o alemão, Richard Wilhelm; para o inglês, C. F. Baynes (Londres: Kegan Paul, Trech, Trubner, 1947) Prefácio (1949), *I Ching*, trad. Cary F. Baynes (Londres: Arkana, 1989) "Synchronicity: An Acausal Connecting Principie" (1950) em *The Structure and Dynamics of the Psyche, Collected Works*, trad. Hull, R. F. C., vol. 8 (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1960) *Collected Works*, vol. 10 (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1964) *Memories, Dreams, Reflections*, ed. Aniela Jaffé, trad. R. e C. Winston (Londres: Fountain, 1977) ed. *Man and his Symbols* (1964) (Londres: Picador, 1978) com Pauli, W, *Interpretation of Nature and the Psyche* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1955)
- Kenton, Warren, *TheAnatomy of Fate: Kabbalistic Astrology* (Londres: Rider, 1978) *Astrology: Celestial Mirror* (Londres: Thames & Hudson, 1989)

- Kolisko, Lily, *The Moon and Plant Growth* (Londres: Anthroposophical Foundation, 1936)
- MacNeice, Louis, *Astrology* (Londres: Aldus, 1964)
- Mann, A. T., ed. *The Future of Astrology* (Londres: Unwin Hyman, 1987)
- Marshall, Peter, *The Philosopher's Stone: A Quest for the Secrets of Alchemy* (Londres: Macmillan, 2001)
- Maxwell-Stuart, P. G., ed., *The Occult in Early Modern Europe: A Documentary History* (Londres: Macmillan, 1999)
- Mayo, J., Whitre, O. e Eysenck, H. J., "An Empirical Study of the Relation between Astrological Factors and Personality", *Journal of Social Psychology* (1978), vol. 105, pp. 229-36.
- More, Thomas, *The Planets Within: The Astrological Psychology of Marsilio Ficino* (Hudson, N. Y.: Lindsfarne, 1989)
- Naylor, Phyllis, *Astrology: An Historical Examination* (Londres: Maxwell, 1967)
- Parker, Derek, *Familiar to Ali: William Lilly and Seventeenth-Century Astrology* (Londres: Jonathan Cape, 1975)
- Pico della Mirandola, Giovanni, *Disputationes Adversus Astrologiam Divinatricem*, ed. E. Garin (Florença: Vallecchi, 1946)
- Ramesey, William, *Astrology Restored* (Londres: 1653-5)
- Robson, Vivian E., *The Fixed Stars and Constellations in Astrology* (1923), (Wellingborough: Aquarian, 1979)
- Ross, J. C. e McLaughlin, M. M., eds., *The Portable Renaissance Reader* (Harmondsworth: Penguin, 1985)
- Roob, Alexander, *The Hermetic Museum: Alchemy and Mysticism* (Colônia: Taschen, 1997)
- Rudhyar, Dane, *The Practice of Astrology: As a Technique in Human Understanding* (1968) (Baltimore, Maryland: Penguin, 1970)
- Psychology of Transformation* (Wheaton, II.: Quest, 1979)
- The Astrology of Transformation: A Multilevel Approach* (Wheaton. II.: Quest, 1980)
- Russell, Eric, *The History of Astrology and Prediction* (Londres: New English Library, 1972)
- Seymour, Percy, *Astrology: The Evidence of Science* (Londres: Lennard, 1988)
- Spencer, Neil, *True as the Stars Above: Adventures in Modern Astrology* (Londres: Victor Gollancz, 2000)
- Tester, Jim, *A History of Western Astrology* (Londres: Boydell, 1987)
- Thomas, Keith, *Religion and the Decline of Magic* (Hammondspont: Penguin, 1991)
- Thorndike, Lynn, *A History of Magic and Experimental Science*, 6 vols. (Nova York: Columbia University Press), vols. 1 e 2 (1923); 3 e 4 (1934); 5 e 6 (1941)
- Tillyard, E. M. W., *The Elizabethan World Picture* (1943) (Harmondsworth: Penguin, 1966)
- Tobyn, Graeme, *Culpeper's Medicine* (Londres: Element, 1996)
- Wedel, T. O., *The Medieval Attitude toward Astrology* (New Haven: Norwood, 1920)
- West, John Anthony, *The Case for Astrology* (Nova York: Viking Arkana, 1991)
- Yates, Francis, *Occult Philosophy in the Elizabethan Age* (Londres: Routledge, 2001)
- Giordano Bruno and the Hermetic Tradition* (Londres: Routledge, 2002)

Guias e Manuais

Addey, John, *Harmonics in Astrology* (Londres: Fowler, 1976) *A New Study of Astrology* (Londres:

UraniaTrust, 1996) Bennett, Judith, *Sex Signs* (Londres: Pan, 1981) Blavatsky, Madame, *The Secret Doctrine*, 3 vols. (Nova York, 1888) Campion, Nicholas, *The Ultimate Astrologer* (Londres: Rider, 2002) Cardan, Jeremy, *The Seven Segments*, trad. William Lilly (Londres, 1676) Carter, Charles E. O., *Astrological Aspects* (Londres: C. W. Daniel, 1960) *The Principles of Astrology*

(Wheaton, IL.: Quest, 1985) Cornelius, Geoffrey, Hyde, Maggie e Webster, Chris, *Astrology for Beginners* (Cambridge: Icon,

199S) Freeman, Martin, *Forecasting by Astrology* (Wellinborough: Aquarian, 1983) Gilchrist, Cherry, *Astrology* (Londres: Batsford, 1982) *Planetary Symbolism in Astrology* (Londres: Saros Foundation, Astrological Association of Great

Britain, s.d.) Goodman, Linda, *Linda Goodman's Love Signs* (Londres: Macmillan, 1979) *Linda Goodman's Sun*

Signs (Londres: Pan, 1988) *Linda Goodman's Relationship Signs* (Londres: Pan, 1999) Greene, Liz, *Saturn: A New Look at an Old Devil* (Wellingtonborough: Aquarian, 1976) *Star Signs for*

Lovers (Londres: Arrow, 1980) Hand, Robert, *Planets in Transiu Life Cycles for Living* (Rockport, Mass.: Para Research, 1976) *Horoscope*

Symbols (Londres: Whitford, 1987) Harvey, Charles e Suzi, *Astrology* (Londres: Thorsons, 1999) Hone, Margaret, *The Modern Textbook of Astrology* (Londres: Fowler, 1951) Kempton-Smith, Debbi, *Secrets from a Stargazer's Notebook: Making Astrology Work for You* (Nova

York: Bantam, 1984) Jones, Marc Edmund, *How to Learn Astrology* (Nova York: Doubleday, 1971) Leo, Alan, *Astrology for Ali*, 9ª ed. (Edimburgo: International Publishing, s.d.) *The Art of Synthesis*

(Londres: Fowler, 1968) *Practical Astrology*, 2ª ed. (Londres: William Reeves, 1910) Lilly, William, *Christian Astrology* (1647), reimpresso por Zadkiel (i.e. Richard Morrison) como

Introduction to Astrology junto com o seu *Grammar of Astrology* e tabelas para calcular as nativi-

dades (1853) (Londres: G. Bell & Sons, 1939) Lyle, Jane, *The Complete Handbook of Astrology* (Londres: W. H. Smith, Marshall Cavendish, 1992) MacNaughton, Robin, *How to Transform your Life through Astrology* (Nova York: Bantam, 1983) Marks, Tracy, *The Art of Chart Interpretation* (Londres: CRCS, 1986) Martens, Ronny e Trachet, Tim, *Making Sense of Astrology* (Nova York: Prometheus, 1998) Mayo, Jeff, *Astrology: A Key to Personality* (Saffron Walden: C. W Daniel, 2000) e Ramsdale, Christine,

Astrology (Londres: Teach Yourself Books, 1996) Miller, Anistatia R. e Brown, Jared M., *The Complete Astrological Handbook for the Twenty-first Century* (Nova York: Schocken, 1999)

Musaios (Charles Muses), *The Lion Puth: You Can Take it With You* (Berkeley, CA.: Golden Scepter

Press, 1987) Nostradamus, *The Complete Prophecies of Nostradamus*, ed. Ned Halley (Londres: Wordsworth, 1999) Oken, Alan, *As Above, So Below: A Primary Guide to Astrological Awareness* (Nova York: Bantam, 1973)

The Horoscope, the Road and its Travelers (Nova York: Bantam, 1974) Alan Oken's *Complete*

Astrology (Nova York: Bantam, 1980) Parker, Julia e Derek, *Kiss Guide to Astrology* (Londres: Dorling Kindersley, 2000) *Parker's Astrology*

(Londres: Dorling Kindersley, 2001) Rheinhart, Melanie, *Chiron and the Healing Journey* (Londres: Arkana, 1989) Ridder-Patrick, Jane, *A Handbook of Medical Astrology* (Londres: Arkana, 1990) Sakoian, Francis e Acker, Louis S., *The Astrologer's Handbook* (Harmondsworth: Penguin, 1981) Thornton, Penny, *Sinastry* (Wellingborough: Aquarian, 1982) Weingarten, Henry, *Investing by the Stars* (Nova York: MacGraw-Hill, 1996) White, Suzanne, *The New Astrology* (Londres: Macmillan, 1986) Zadkiel (i.e. Richard Morrison), *Grammar of Astrology*, com a *Introduction to Astrology* de William

Lilly (Londres: G. Bell & Sons, 1939)

China

Chen, Zungui, *History of Astronomy of China*, 4 vols. (Xangai, s.d.)

Craze, Richard, com Billy Lee, *Chinese Astrology* (Londres: Teach Yourself Books, 1998)

Eitel, Ernest, *Feng-shui or The Rudiments of Natural Science in China* (Hong Kong: Lane, Crawford,

1873) Elliot, Roger, *Peking Lunch. Your Guide to Chinese Astrology* (Londres: Coronet, 1973) Feuchtwang, Stephan D. R., *An Anthropological Analysis of Chinese Geomancy* (Taipei: Southern Material Center, 1974) Fung Yu-lan, *A Short History of Chinese Philosophy*, trad. Derk Bodde (Princeton, N. J.: Princeton

University Press, 1938) Giles Bridget e Diagram Group, *Chinese Astrology* (Londres: HarperCollins, 1996) Gleadow, Rupert, *The Origin of the Zodiac* (Londres: Jonathan Cape, 1968)

Huon de Kermadec, Jean-Michel, *The Way to Chinese Astrology: The Four Pillars of Destiny*, trad. N. Derek Poulsen (Londres: Unwin, 1983) *Heavenly Pennies*, trad. N. Derek Poulsen (Londres: Unwin, 1985) *I Ching or Book of Changes*, trad. Cary F. Baynes da tradução alemã de Richard Wilhelm (Londres: Arkana, 1989) Kwang-chih Chang, *Shang Civilization* (New Haven: Yale University Press, 1980) Lau, Theodora, *The Handbook of Chinese Horoscopes* (Londres: Souvenir Press, 1980) Lee, Sang Hae, *Feng Shui: Its Context and Meaning*, Cornell University, tese de mestrado, 1986 (Ann Arbor, Michigan: UM1, 1999) Lo, Raymond, *Feng Shui and Destiny for Managers* (Singapura: Times Books International, 1997) *Feng Shui and Destiny for Families* (Singapura: Times Books International, 1999)

Man-Ho Kwok, *Chinese Astrology: Forecast Your Future from Your Chinese Horoscope* (Londres:

Blandford, 1997) *Chinese Face and Hand Reading* (Londres: Piatkus, 1995) com O'Brien, Joanne,

The Elements of Feng Shui, (Shaftesbury: Element, 1991) Michio, Kushi, com Esko, Edward, *Nine StarKi* (Becket, Mass.: One Peaceful World Press, 1991) Needham, Joseph, *Science and Civilisation in China* (Cambridge: Cambridge University Press), vol. 2

(1954); vol. 3 (1959); vol. 4 (1962); vol. 5 (1974) Palmer, Martin, *Yin and Yang* (Londres: Piatkus, 1997)

Pan Nai, *History of Observation of Stars in China* (Xangai: Scholar Press, 1989) Ricci, Matthew, *China in the Sixteenth Century: The Journal of Matthew Ricci: 1583-1610*, trad. do

latim por Louis J. Gallagher (Nova York: Random House, 1953) Rigby, Paul e Bean, Harvey, *Getting it Together with Chinese Astrology* (Hong Kong: South China

MorningPost, c.1981) Schafer, Edward H., *Pacing the Void: Tang Approaches to the Stars* (Berkeley, Calif.: University of

Califórnia, 1977) *A Source Book in Chinese Philosophy*, trad. Wing-Tsit Chan (Princeton, N. J.:

Princeton University Press, 1963) Sun Xiaochun e Kistemaker, Jacob, *The Chinese Sky during the Han* (Leiden: Brill, 1997) Temple, Robert, *The Genius of China: 3.000 Years of Science, Discovery and Invention* (Londres:

Prion, 1991) Tung, Jen, *Chinese Astrology* (Londres: Foulston, 1998) Walters, Derek, *Chinese Astrology: Interpreting the Revelations of the Celestial Messengers* (Welling-

borough: Aquarian, 1987) Wheatley, Paul, *The Pivot of the Four Quarters* (Chicago: Aldine, 1971) White, Suzanne, *The New Chinese Astrology* (Londres: Pan, 1994) Windridge, Charles, ed., *Tong Sing: The Chinese Book of Wisdom* (Londres: Kyle Cathie, 1999)

Índia

The Bhagavad Gita, trad. Juan Mascaro (Harmondsworth: Penguin, 1975)

Bhat, M. Ramakrishna, *Fundamentals of Astrology* (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1967)

Bihari, Bepin, *Myths and Symbols of Vedic Astrology* (Salt Lake City: Passage Press, 1990) *Fundamentals*

of Vedic Astrology (Salt Lake City: Passage Press, 1992) Defouw, Hart, e Svoboda, Robert, *Light on Life: An Introduction to the Astrology of Índia* (Londres:

Arkana, 1996) Dhama, B. L., *A Guide to Jaipur Astronomical Observatory* (Jaipur, s.d.) Dreyer, Ronnie Gale, *Vedic Astrology: A Guide to the Fundamentals of Jyotish* (York Beach, Maine:

Samuel Weiser, 1997) Harnass, Dennis, *Nakshatras: The Lunar Mansions of Vedic Astrology* (Twin Lakes, Wi.: Lotus Light,

1999) *Hymns of the Atharva Veda*, trad. M. Bloomfield (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1997) Minaraja, *Vrddhayavanajataka of Minaraja*, ed. David Pingree, 2 vols. (Baroda: Oriental Institute.

1976)

Mitchiner, John E., *Traditions of the Seven Risis* (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1982) Narasimha, *Kalaprakashika*, trad. N. P. Subramania Iyer (Nova Délhi: Asian Educational Services, 1982) Parasara, Maharashi, *Brihat Parasara Hora Sastra*, 2 vols. trad., G. C. Sharma (Nova Délhi: Sagar, 1991) Pingree, David, *Jyotishastra: AstralandMathematicalLiterature* (Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1981) Raman, B. V., *Astrology for Beginners* (1940) (Nova Délhi: UBS, 1998) *How to Judge a Horoscope* (Bangalore: IBH Prakashana, 1981) Mubārtha: *Electional Astrology* (Nova Délhi: UBS, 1993) Rawson, R., *Tantra* (Londres: Arts Council of Great Britain, 1971) *Rig Veda*, trad. W. D. O'Flaherty (Harmondsworth: Penguin, 1981) Roebuck, Valerie J., *The Circle of Stars: An Introduction to Indian Astrology* (Shaftesbury: Element, 1992) Sharma, Vishwanath Deva, *Astrology and Jyotir Vidya* (Calcutá: Vishwa Jyotirvid Samgha, 1973) *A Sourcebook in Indian Philosophy*, ed. S. Radhakrishnan e C. A. Moore (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1971) *Surya Siddhanta*, trad. Ebenezer Burgess, int. P. C. Sengupta (Calcutá, 1935) Shil-Ponde, *Hindu Astrology: Jyotisha-Shastra* (Nova Délhi: Sagar, 1968) Sutton, Komilla, *The Essentials of Vedic Astrology* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 1999) *Vedic Astrology* (Londres: Collins & Brown, 2000) *The Lunar Nodes: Crisis and Redemption* (Bournemouth: The Wessex Astrologer, 2001) *Vedic Love Signs* (Londres: Pan, 2003) *The Upanishads*, trad. Eknath Easwaran (Londres: Arkana, 1988) Varahamihira, *Brihat Samhita*, trad. H. Kern (1913); trad. M. Ramakrishna Bhat (Nova Délhi: Motilal Banarsidass, 1981)

Mesopotâmia

Baigent, Michael, *From the Omens of Babylon: Astrology and Ancient Mesopotâmia* (Londres: Arkana, 1994) Black, J., e Green A., *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotâmia* (Londres: British Museum, 1992) *The Epic of Gilgamesh*, trad. N. K. Sanders (Harmondsworth: Penguin, 1972) Hooke, S. H., *Babylonian and Assyrian Religion* (Londres: Blackwell, 1962) Kramer, S. N., *The Sumerians: Their History, Culture and Character* (Chicago: University of Chicago Press, 1963) Layard, Austen Henry, *Discoveries in the Ruins of Nineveh and Babylon* (Londres: John Murray, 1853) Livingstone, A., *Mystical and Mythological Explanatory Works of Assyrian and Babylonian Scholars* (Oxford: Oxford University Press, 1986) Neugebauer, Otto, ed., *Astronomical Cuneiform Texts*, 3 vols. (Londres: Lund Humphries, 1955) Oates, J., *Babylon* (Londres: Thames & Hudson, 1986) Oppenheimer, A. L., *Ancient Mesopotâmia*, ed. rev. (Chicago: University of Chicago Press, 1977)

Parpola, S., *Letters from Assyrian Scholars to the Kings Esarhaddon and Assurbanipal*, parte I, textos

(Neukirchen-Vluyn, 1970); parte II, comentário (Neukirchen-Vluyn, 1983) Reiner, E., *The Venus Tablet of Ammisaduqa* (Malibu, 1975) *EnumaAnu Entil, Tablets 50-51* (Malibu,

1981) Sachs, A., "Babylonian Horoscopes", *Journal of Cuneiform Studies* (1952), vol. 6, pp. 54-7 e Hunger,

H., *Astronomical Diaries and Related Texts from Babylonia*, 2 vols. (Viena, 1988-9) Thierens, A. E., *Astrology in Mesopotamian Culture* (Leiden: Brill, 1935) Thompson, R. C, ed., *The Reports of the Magicians and Astrologers of Nineveh and Babylon in the*

British Museum, 2 vols. (Londres: Luzac, 1900) Van de Waerden, B. L., "History of the Zodiac", *Archiv für Orientforschung*, vol. 16

Egito

Antoniadi, E. M., *Uastronomie égyptienne depuis les temps les plus reculés* (Paris: Gauthiers-Villars, 1934) *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, trad. R. O. Faulkner (Warminster: Aris & Phillip, 1969) Armour, Robert A., *Gods and Myths of Ancient Egypt* (Cairo: The American University in Cairo

Press, 1986) Bauval, Robert e Gilbert, Adrian, *The Orion Mystery* (Londres: Heinemann, 1994) e Hancock, Graham,

Keeper of Gênesis: A Quest for the Hidden Legacy of Mankind (Londres: Heinemann, 1996) *The Book of the Dead*, trad. E. A. Wallis Budge (Londres: Arkana, 1986) Cumont, F., *U Egypte des astrologues* (Paris: 1937) Edwards, I. E. S., *The Pyramids of Egypt* (Londres: Penguin, 1993) Fowden, Garth, *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to the Late Pagan Mind* (Princeton, N. J.:

Princeton University Press, 1993) Faulkner, R. O., "The King and the Star Religion in the Pyramid Texts", *Journal of Near Eastern*

Studies, vol. 25, nº 3 (julho de 1966) Fix, Wm. R., *Star Maps* (Londres: Octopus, 1979)

Ghalioungui, R., *Magic and Medical Science in Ancient Egypt* (Londres: Hodder & C Stoughton, 1963) Glanville, S. R. K., ed., *The Legacy of Egypt* (Oxford: Clarendon, 1942) Hancock, Graham e Faia, Santha, *Heaven's Mirror: Quest for the Lost Civilization* (Londres: Michael

Joseph, 1998) Jacq, Christian, *Egyptian Magic*, trad. Janet M. Davis (Warminster: Aris & C Phillips, 1985) Kircher, Athanasius, *Oedipus Aegyptiacus* (Roma, 1653) Neugebauer, O. e Parker, Richard A., *Egyptian Astronomical Texts*, 2 vols. (Londres: Lund-

Hum- phries, 1960) Piankoff, Alexandre, *The Pyramid of Unas*, vol. 5 de *Egyptian Religious Texts and Representations*

(Nova York: Bolligen Foundation, 1964) Pinch, Geraldine, *Magic in Ancient Egypt* (Londres: British Museum Press, 1994) Proctor, Richard A., *The Great Pyramid: Observatory, Tomb and Temple* (Londres, 1883) Reymond, E. A. E., *The Mythical Origin of the Egyptian Temple* (Manchester: Manchester University

Press, 1969)

Rundle Clark, R. T., *Myth and Symbol in Ancient Egypt* (Londres: Thames & Hudson, 1959) Schwaller de Lubicz, R. A., *The Egyptian Miracle: An Introduction to the Wisdom of the Temple*, trad. André e Goldian VandenBroeck (Rochester, Vt.: Inner Traditions International, 1985) *Sacred Science: The King of Pharaonic Theocracy*, trad. André e Goldian VandenBroeck (Rochester, Vt.: Inner Traditions International, 1988) *The Temple of Man: Ancient Egyptian Architecture and the Perfect Man*, trad. Deborah e Robert Lawlow (Rochester, Vt.: Inner Traditions International, 1988) Shorter, Alan W., *The Egyptian Gods* (Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., 1937) Wallis Budge, E. A., *From Fetish to God in Ancient Egypt* (Oxford: Oxford University Press, 1934) *Egyptian Religion: Egyptian Ideas of the Future Life* (Londres: Arkana, 1991) West, John Anthony, *The Travellers's Key to Ancient Egypt: A Guide to the Sacred Places of Ancient Egypt* (Londres: Harrap Columbus, 1987) *Serpent in the Sky: The High Wisdom of Ancient Egypt* (Wheaton, IL: Quest, 1993)

Grécia e Roma

Adams, James, *The Nuptial Number of Plato* (1891) (Wellingborough: Thorsons, 1985) Aristóteles, *De Caelo*, trad. W. K. C. Guthrie, Loeb ed. (Londres: Heinemann, 1939) Barton, Tanisyn, *Ancient Astrology* (Londres: Routledge, 1994) Bouché-Leclercq, A., *Uastrologie greeque* (Paris: Le Roux, 1899) *Diodorus Siculus*, trad. C. H. Oldfather et al., Loeb ed. (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1989) Cumont, Franz, *Astrology and Religion among the Greeks and Romans* (Nova York: Dover, 1912) *Les religions orientalis dans le paganisme romain* (Paris, 1937) Fagan, Cyril, *Astrological Origins* (Llewellyn, 1971) *Hermética*, trad. Brian P. Copenhaver (Cambridge: Cambridge University Press, 1995) Firmicus Maternus, Julius, *Mathesis: Ancient Astrology — Theory and Practice*, trad. Rhys Bram (New Jersey: Noyes, 1975) Heródoto, *The Histories*, trad. Robin Waterfield (Oxford: Oxford University Press, 1998) Hesíodo, *Works and Days*, em J. B. Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts* (Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1955) Jámblico, *Theurgia or The Egyptian Mysteries*, trad. Alexander Wilder (Londres: William Rider & Son, 1911) Lindsay, Jack, *The Origins of Astrology* (Londres: Muller, 1971) Manilius, *Astronômica*, trad. G. P. Gold (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997) Mead, G. R. S., *Thrice Greatest Hermes*, 3 vols. (Londres: John M. Watkins, 1949) *Papyri Graecae Magicae. Die griechischen Zauberpapyri*, ed. e trad. K. Preisendanz, 2 vols. (Leipzig, 1928-31) Neugebauer, Otto, *The Exact Sciences in Antiquity* (Nova York: Dover, 1969) e van Hoesen, H. B., *Greek Horoscopes* (Filadélfia, 1959)

Platão, *Timaeus*, trad. H. D. P. Lee (Harmondsworth: Penguin, 1965) *Phaedrus*, trad. Walter Hamilton

(Londres: Penguin, 1973) *The Republic*, trad. Desmond Lee (Harmondsworth: Penguin, 1981) Plotino, *The Enneads*, trad. Stephen MacKenna, 3^a ed. (Londres: Faber & Faber, 1962) Ptolomeu, Cláudio, *Tetrabihlos*, trad. F. E. Robbins (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998) Waterfield, Robin, "The Evidence for Astrology in Classical Greece", *Culture and Cosmos*, vol. 3, n° 2

(1999), pp. 3-15 Wright, M. R. *Cosmology in Antiquity* (Londres e Nova York: Routledge, 1995)

Oriente Médio

Abu Ma'sar, *The Abbreviation of the Introduction to Astrology* (Leiden: Brill, 1994)

Abu Ma'sar on Political Astrology, ed., Keiji Yamamoto *et al.*, 2 vols. (Leiden: Brill, 1995)

Al-Biruni, *Elements of Astrology*, trad. R. Ramsay (Londres: Wright, 1934)

Burckhardt, Titus, *The Mystical Astrology according to Ibn Arabi* (Londres: Fons Vitae, 2001)

Dobin, Rabino Joel C, *The Astrological Secrets of the Hebrew Sages: To Rule Both Day and Night*

(Rochester, VT.: Inner Traditions International, 1977) Forster, E. M., *Alexandria: A History and a Guide* (Londres: Michael Hagg, 1982) Kennedy, S. Edward, ed., *Astronomy and Astrology in the Medieval Islamic World* (Londres: Varorium,

1998) Kenton, Warren (Zev ben Shimon Halevi), *The Anatomy of Fate: Kabbalistic Astrology* (Londres: Rider,

1978) Nasr, Seyyed Hossein, *Islamic Science: An Illustrated History* (Kazi, 1995) *An Introduction to Islamic*

Cosmological Doctrines (Londres: Thames & Hudson, 1978) *Science and Civilization in Islam*, 2^a

ed. (Cambridge: Islamic Texts Society, 1987)

Índice Remissiv/o

Ba = Babilônico; Ch = Chinês; Eg = Egípcio; In = Indiano; Is = Islâmico; Ro = Romano; as seções principais estão em **negrito**. Os diagramas estão indicados por *itálico* + *d*. As tabelas estão indicadas por *itálico* + *t*.

- Abraham ben Neir ibn Ezra 322, 325
Abu Ma'shar (Albumasar) 318,320,322,336,340
Abu Simbel (Egito) 236, 242
Addey, John 394, 395, 401
Agastya 144
Agatharchides de Cnido 234
Agostinho, S., 30, 333-335, 404
Agripa 291
Akenaton, Faraó 231, 240
Akkullanu 215
Al-Biruni 322, 323
Alcuin 335
Alexandre, o Grande 134,150,209,216,253,280
Alexandria 289, 313, 316, 324
Al-Farabi317
Al-Kindi 317-318
Alma do Mundo 305-306, 423-424
Al-Ma'mun, Califa 317
Al-Majriti 323
almanaques 99-102, 166, 364
Amisaduca da Babilônia 210
Amon-Ra (deidade Eg) 236-237, 253, 279
Anaximandro 263, 265
Anaxímenes 263
Andrews, Edson 391
Antioco I de Comagena 217
Antoniadi, Eugène 234
Aquino, S. Tomás 31, 331, 341
Áries 155, 332
Aristarco 282
Aristóteles 271,276-277,282,338,341,360-361
Arnald de Villanova 341
Aryabhta 151
Ascendente 217, 294, 296, 301, 319, 334
Asclepius/Imhotep 230, 286, 311, 347
Ashmole, Elias 371
Ashton Hill, Elizabeth 41, 49, 50, 51, 124, 192-195, 200, 416 d, 417-419
aspectos 27, 172-175, 402 Assíria 207, 209, 253
Associação Britânica de Astrologia Védica 197
Assurbanipal 210, 215, 227 asteróides 404
astrolábio 212, 338
astrologia védica 132, 133, 190, 197-204
astrologia
ataques a 30, 372, 387-388, 396
ciência ou superstição? 125-127, 133, 203, 374, 377, 382, 387-400 *ver também* astrologia médica
contemporânea 32-34, 401-408
divisões da 32
relação com a astronomia 31-32, 134, 299-300, 322, 332, 336, 339, 360, 363, 372

- astronomia 65, 66-70, 276, 282, 359-364
ver também estrelas
- Atlântida 229, 257 Augusto,
Imperador 291, 292
- Babilônia (Caidéia) 150,209,210,216,219,264,
269, 290, 324
- Bacon, Roger 340
- Bagdá 316
- Bailey, Alice 378, 383, 404
- Bede, Venerável 333, 337
- Beijing 48, 63-65, 79-81, 106,107
- Berosus 280
- Bethor, Alexander 379 *Chagava Gita*
(In) 145
- Bhagavad Purana* (In) 145
- Bíblia 209, 211, 222, 257
- Blake, William 372, 373
- Blavatsky, Madame 374-376, 378
- Boethius 332
- Bonatti, Guido 321, 342
- Borsippa Ziggurat 227
- Botticelli, Sandro 345 Boyle,
Robert 368
- Brahe.Tycho 31, 65,361-362
- Breton, André 30, 31
- brotos celestes (Ch) 85-88, 86*t*
- Broughton, Luke 374
- Brown, Frank A. 390
- Bruno, Giordano 320
- Budismo 37, 45-46
- Cabala 326-328, 327*d*, 348
- Caidéia *ver* Babilônia
- calendários
chinês 48-52, 51*t*, 87, 89-90, 92, 93, 118
copta 244
egípcio 241-243, 243-244
grego 266
gregoriano 242, 244, 354
indiano 136, 180
judeu 324
mesopotâmico 215, 217
muçulmano 242, 244, 319-320
primeiro cristão 320, 336, 338, 344
- Calvino, Jean 353
- Campanella, Tommaso 351-352
- Campanus de Novara 340, 343, 402
- Câncer, signo de 251
- Caos, Teoria do 397
- Cardano, Girolamo 345, 349-353, 354, 369
- Carlson, Shaun 395 *carma* (In) 135-137
- Casas 27-2*Si*, 159-161,160*t*, 161*t*, 294,402,410
- Cavaleiros Templários 222
- Cecco d'Ascoli 343
- Chan Ki Kung, Dr. 89, 90, 91, 100
- Chandragupta II, Imperador 145, 150
- Chang Huai, Princesa 52
- Chang Kuo 64, 83
- Chartres, catedral 331
- Chaucer, Geoffrey 336
- Chen Zhuo 70
- chi (energia Ch) 83, 101, 108, 109, 147
- China 37-127
moderna 30-31, 422
- Choi Park-lai 100-104
- Chou Wu Ti, Imperador 66
- Chou Yen/Tsou Yen 57
- Chu Hsi 58
- Chuang Tzu 77
- Cícero 290, 332
- Cidenas/Kidinu 216, 280
- Ciro da Pérsia 209, 216
- Clark, Vernon 395
- Clemente de Alexandria 256, 261, 284, 333
- Cleópatra 280, 289, 313
- cometas 68, 365
- computadores 61, 199
- Confúcio 60
- Constantino, Imperador 310
- Copérnico, Nicolau 271,338,351,354,359-360

- Cosmo 333
cosmologia
 chinesa 65
 estóica 281-282
 indiana 142, 151
 mesopotâmica 208-212
 ocidental 359-360
 platônica 270-272
Crisóstomo, S. João 314
Culpeper, Nicholas 367-368
Cumont, Franz 261, 387
- Daniel, Profeta 209
Dante Alighieri 31, 341, 342
Dario da Pérsia 207, 241-242
Darwin, Charles 391
dashas (In ciclos da vida) 176
Dawkins, Richard 30
De Gaulle, Charles 30, 421
decanos 158, 244-246, 285, 295
Dechend, Herther von 235-237
Dee, John 354-355
demônios 285
Dendera (Egito) 250-254, 289
determinismo *ver* livre-arbítrio
Deus 77, 148, 211, 231, 276, 281, 313, 317, 328, 353, 359-360
Diaz, Emanuel (Yang Ma-No) 65
Dilúvio, mitos 256
Diodoro da Sicília 221, 223, 242, 249, 257
Dobin, Rabino Joel C. 325
dodecatemoria (Ro partes do zodíaco) 293-294
Doroteu de Sidonia 295-296
- Ebertin, Dr. Reinhold 379
eclipses 67, 146, 152, 220, 238, 351-352
Edfu (Egito) 254-257
Eduardo VI da Inglaterra, 354
Edwin da Nortúmbria 331
Egito 31, 229-258, 261-262, 264, 269, 271, 279, 283, 289, 294, 301, 344, 422
- Eitel, Ernest 106
Elagabalus, Imperador 309
elementos 154, 266, 267*t*, 300
 chineses 56-57, 57*d*, 85-86, 110
Elizabeth I, Rainha 354, 355
Empédocles 266
EnumaAnu Enlil (Me) 210-211, 220, 221
Enuma elish (Ba) 224, 225
Épico de Gilgamesh (Me) 208, 257
equinócios, *ver* precessão
Era de Aquário 155, 209, 325, 377, 385, 421-424
Era de Áries 253
Era de Peixes 155, 235, 254, 377
Era de Touro 253
Era de Virgem 377
Eras, *ver* Grandes Anos Erasmo 352
Eridu (Mesopotâmia) 208
esferas armilares 65, 290
Espanha islâmica 316
Estobeu, Johannes 246, 285
estóicos 281-282, 290, 292, 293, 300-301, 309, 334
Estrela Polar (Polaris) 69, 70, 75, 111, 145
Estrela Polar, antiga (*Alpha Draconis*) 233, 235, 240
estrelas
 catálogos e mapas 37-38, 69-71, 241
 constelações 214, 240-241
 movimento para a frente das 245
 religião estelar (Eg) 229-233
 ver também zodíaco
Eudóxio de Cnido 271, 276, 280, 282
Europa
 moderna 373-400
 Renascimento 331-357
 séculos XVI a XIX 359-372
Eysenck, H.J. 395-396
- feng-shui (Ch) 38, 100-102, 105-114, 115-122
fênix, lenda da 243

- Feyerabend, Paul 388
 Ficino, Marsilio 31, 346-348, 365
 "Filho do Céu" (Ch imperador) 74, 81-83
 Filolau de Cróton 264-265, 282
 Firmicus Maternus, Julius, 246, 283, 285, 307,
 310-312, 336
 Flambert, Paul 383
 Flamstead, John 372
 Fleiss, Wilhelm 380
 Ford, Harrison 199
 Forster, E. M. 313
 franco-maçonaria 372
 Frederico II, Imperador 342
 Freud, Sigmund 380
 Fu
 Hsi/Pao Hsi 60, 110
 Gaia 125, 423
 Galeno 307
 Galileu 31, 65, 213, 265, 359, 365, 366, 390
 Gan De *ver* Kan Te
 Gandhi, Indira 132
 Ganges 131
 Gao Cheng, Observatório 64
 Gao Shoufing 64
 Garbett, Keith 113
 Garnett, Richard 374
 Gauquelin, Michel 383, 393-394
 gêmeos, horóscopos de 404-405
 Gerbert d'Aurillac (Papa Silvestre II) 336
 Gleadow, Rupert 257, 261
 gnomons 64
 gnósticos 284, 305
 Goebbels, Joseph 379
 Goethe, Johann von 31, 379
 Grande Ano/Eras
 chinês 48, 86, 87, 120
 dePtolomeu319
 ocidental 155, 209, 235, 271, 324-325, 381
 ver também Era de...; precessão dos equinócios
 Grécia/influência grega 134, 149-152, 216-238,
 253, 261-287
 Greene, Liz 406
 Greenwich, Observatório de 233, 337, 372
 Gurdjieff, G. I. 386
 Gustavo Adolfo da Suécia 361
 Halley, Edmund 365
 Hammurabi da Babilônia 220, 227
 Harmonia das Esferas 216, 264, 273, 277, 347,
 392,395, 424
 Hathor (deidade Eg) 250, 252
 Heliópolis (Egito) 240, 243
 Heracleides 282, 361
 Heráclito de Éfeso 264, 266
 Hermes Trismegisto 229, 323
 hermetismo 256, 283-287, 295-296, 311, 317,
 347, 350, 406, 423
 Heródoto 222, 231, 257
 Herschel, William 374
 Hesíodo 261-262, 262
 Hipácia 313
 Hiparco 150, 204, 283
 Hipócrates 31, 266, 280, 341
 Hire, Philippe de la 141
 Hitler, Adolf 379
 Holst, Gustav 31, 347,377
 Homero 261, 262
 Hone, Margaret 406
 Hong Kong 38-42, 115, 118, 119
 horóscopos
 Exemplos 41-43,121-124,192-195,*193d*, 197-204,
 198d, *411d*, *416d*, 412-415,417-419
 "Horóscopo da Eternidade" (Eg) 249-250, 25 Od
 Hórus (deidade Eg) 254-255
Hsing Tsung (Ch) 83
Huai Nan Tzu (Ch) 54, 65 *bis*
 Huang Ti (Imperador Amarelo) 52, 77, 96
 Hugh de São Victor 335
 humores, teoria dos 267, 307
 Hun-shin Jun-ju, Princesa 52
 Huntington, Ellsworth 389

- I Ching* (Ch) 38, 40, 53, 59-61, 73, 107, 109,
111, 117, 118, 121, 124, 380
- Igreja Cristã 310, 312-314, 331-337, 338-343,
349, 356, 364
- Iluminismo 371-372
- Imhotep/Asclepius *ver* Asclepius/Imhotep
- impressões digitais 40
- Índia 131-204, 262, 272, 279
moderna 131-134, 422
- Inquisição 350, 356, 365
- instrumentos ópticos 66, 237, 337
ver também telescópios
- iogas e dashas* (In) 175-177
- Iraque 207, 316 Ishtar (Ba) 212,
221-222
- Ishtar (Ba) *ver* Vênus
- Isidore, bispo de Sevilha 332
- Ísis (deidade Eg) 232-233, 249
- Islâmico, mundo 315-328
- Jabir Ibn Hayyan 114, 323
- Jade, Imperador de 113
- Jade, Mulheres de (Ch) 76
- jainismo 141
- Jaipur, Observatório de 141-142, 143
- Jâmblico 312
- jataka* (In mapa natal) 138, 139, 140, 181
- Jesus Cristo 217, 253, 309, 408
- Johannes Campanus 343, 349
- Jones, Harold Spencer 30, 388
- Jones, Marc Edmund 376, 383
- judaica, astrologia 324-328
- Juliano, Imperador 310
- Júlio César 241-242
- Jung, Carl Gustav 31, 61, 125, 224, 373, 378-
382, 395, 409
- Júpiter 48, 168
Marduk (Ba) 219, 225-226
- Juvenal 292
- Jyotish* (In) 134
- Kal Sarpa Yoga* (In) 199, 202
- Kala Purusha (deidade In) 164
- Kan Te/Gan De 69, 70, 83
- Karnak (Egito) 236, 254
- Kelly, Edward 354-355
- Kenton, Warren 327
- Kepler, Johannes 31, 265, 362-364, 365
- Ketu (nodo lunar Ch) 170-171
- Keynes, John Maynard 365
- Khumhotep 244
- Kin Wen 60
- Kircher, Atanasio 246
- KoPo 118
- Kolisko, Lily 391
- Konarak (Índia) 140
- Krafft, Karl Ernest 380
- Kumbh Mela 131
- Kundalini* (In) 189, 190, 204
- Kuo Pho 83
- Lambert, Constant 31
- Lao-Tsé 53, 54, 68, 77
- Layard, Austen Henry 213
- Leibniz, Gottfried 61
- leitura de rosto 40
- Leo, Alan 376-377, 421
- Li Cung 77
- Li Po 73, 76
- liberais, artes 331, 335
- Lilly, William 247, 369-371, 374, 406
- livre-arbítrio 133, 202, 282, 313, 315, 326, 333-
334, 339-340, 362, 406-408, 409-410
- Livro das Horas 338, 344
- Livro dos Enterros* (Ch) 231, 239, 247
- Livro dos Mortos (Eg) 231, 239, 247
- Lo Pan, bússola de (Ch) 110-112
- Lo Shu, quadrado de (Ch) 113-114, 113d, 120,
122
- Lo, Raymond 115-125, 126
- Locker, Sir Norman 236
- lua 63-64, 134, 177, 219-220, 390-391

- Lubicz, Schwaller de 254
 Luciano de Samosata 296
 Luther, Martin 353
 Luxor (Egito) 240, 241, 242, 244, 253
 Magao Grottoes 37
 magia 258
Mahabharata (In) 180
 Mandela, Nelson 199
 Manetho 296
 Man-Ho Kwok 126
 Manilius 246, 290, 292-295
 mansões lunares 151, 179-188
 Margareth, Princesa 421
 Marshall, Peter, horóscopos de 41-43, 122-124, 197-204, 198*d*, 411*d*, 412-415
 Marte 167, 393-394
 Mayo, Jeff 396, 407
 McCartney, Paul 199
 médica, astrologia 267, 307-308, 347, 367-368
 Medici, Catarina de 355
 Medici, Lorenzo de 346
 medicina ayurvédica 132, 137, 148
 Melanchthon, Philip 353
 Mercúrio 168, 292, 345
 Hermes (grego) 256, 283-284
 Nabu (Ba) 226, 227
 Thoth 239-240, 255-256
merkbets 234
 Mesopotâmia 31, 207-228, 253, 261-262, 264, 272, 279, 280, 290
 meteoros 68 Meton 91, 266
 milênio, cristão 87
 Minaraja 144-145, 151, 172
Ming Shu (Círculo de Animais Ch) 45-52, 48*t*, 49*t*, 51*t*, 117-118, 120
miriogênese (Ro) 311-312
 Mitras (deidade Ro) 308-309
 Montando Textos (Eg) 256
 Montefeltro, Guido de 342
 Moore, Patrick 388
 Morin, Jean-Baptiste 367
mulApin tabela (Me) 214
 mundana, astrologia 215-216, 280, 282, 405-406
 Museu Britânico 208, 210, 213, 229, 289
 naburianos 216, 280
Nadis (In astrólogos) 143, 152
 Nag Hammadi, biblioteca 284
 Naking, Observatório de 63, 64
 Naylor, R. H. 421
 Nechepso, Faraó 284, 311
 Needham, Joseph 106
 Nehru, Jawaharlal 132
 Nergal (Ba) 224-225
 Nero, Imperador 289, 310
 nestorianos 316
 Netuno 26, 403-404
 Newton, Isaac 31, 135, 365, 390
 Nicolau de Cusa 360
 Nimrud/Kalhu (Assíria) 213
 Nínive (Mesopotâmia) 207-208, 209, 210
 Norton, Thomas 317
 Nostradamus, Michel de 355-357, 405
 novas 68
 números 79-80, 238, 264
 Nut (deidade Eg) 251, 252, 255, 289
 obliquidade do eixo da Terra 236
 Ofúco (13° signo) 404
 Oken, Alan 384-385
 ordem caldaica dos planetas 247, 253
 Oresme, Bispo Nicole 344
 Orígenes 313
 Órion 233, 240, 249-250
 Osíris (deidade Eg) 230-231, 234-235, 243
 Pai Hsieng-Chien 82
Paitamahasiddhanta (In) 143
 Pan Ku 107 Pao His *ver* Fu His

- Papus (Dr. Gerard Encause) 382
- Paracelso 353
- Parashara, Maharishi 144
- Partes Árabes 321-323, 325, 410
- Partridge, John 372
- Pérsia/persas 207, 209, 216, 253, 262, 264, 279
- Peste Negra 343
- Petosiris 284
- Picatrix* (Is) 323-324
- Piccardi, Giorgio 392
- Pico della Mirandola 348-349, 353
- Pirâmide, Grande 233-236
- Pirâmide, textos (Eg) 230-231, 232, 240-241
- Pitágoras 216, 238, 247, 261, 264-267, 273, 364
- Plácido, sistema de Casas 323, 402
- e as idades do homem 303-304
- planetas 28t, 109, 137, 163-177, 271, 392-394
- recentemente descobertos 33, 403-404
- Platão 31 *bis*, 216, 229, 239, 245, 261, 269-278, 281, 283, 306, 360-361, 380
- Plínio, o Velho 291, 333
- Plotino 299, 304-306, 312, 332
- Plutão 33, 225, 403-404
- Posidônio 290
- Prakash, Swami Iogue 189-192, 194-195
- Prakriti ver Purusha* precessão dos equinócios 69, 146, 150, 154-155, 234-236, 251-252, 254, 283, 319, 380, 403
- previsão do futuro 407
- Proclo 234, 266
- projeção astral 78
- psicologia 379-382, 385-386, 394-396
- Ptolomeu, Claudius 31, 150, 271, 279, 297, 299-304, 319, 334, 336, 367, 405
- Puerback, George 360
- Purusha* (In) 148-150
- Quatro Pilares do Destino (Ch) 41, 43, 83, 85-97, 86t, 119, 122-124, 122t, 126
- quiromancia 40, 188
- Quíron (planetóide) 404
- Ra (deidade Eg) 232, 233, 239, 240, 255, 294
- Rahu (In nodo lunar) 170-171
- Raman, B. V. 131, 133, 136
- ramos terrenos (Ch) 85-87, 86t
- Ramsdale, Christine 407
- Raphael (Robert Cross Smith) 373-374
- Rawlinson, Henry Crewicke 207, 227
- Reagan, Ronald e Nancy 30, 421-422
- reencarnação 135, 272, 274-275, 286
- Regiomontanus (Johannes Muller) 344, 349, 360, 402 relógios do sol 235, 337
- Renascença 320, 323, 345-346
- Revolução Científica 31, 32
- Ricci, Matteo 63, 99, 100, 106
- Rishis* (In sábios) 143, 144
- Rober Grosseteste, Bispo 339
- Rodolfo II, Imperador 361, 362, 363
- Roma e influência romana 245-246, 289-314
- Rudhyar, Dane 382-384
- Russell, Bertrand 275
- Sabá 220
- sabeus 228, 316
- Santillana, Giorgio de 235
- Saqqara (Eg) 229-230, 249
- Sargão de Akkad 210
- Sastry, R. Shama 146
- Saturno 170, 223
- Sawai Jai Singh II, Maharaja 141, 142
- Scot, Michael 342
- Septimius Severus, Imperador 291, 310
- Seymour, Percy 392
- Shakespeare 304, 355, 390, 406
- Shamash (deidade Ba) 212, 221, 223
- Shi Chi* (Ch) 80
- Shih Shen 71
- Shukla, Vaidia J.S. 148

Sibly, Ebenezer 279, 372, 373

Siddhantas (In) 317

Sidônio 313

simbolismo 399-400

Sinai, Monte, 220

sinaístria 418-419

sincronicidade 125, 381, 409

Sirius 242-243, 245, 246, 249-250

Sisto V, Papa 350, 356

Sloane, Sir Hans 372

sociedades sabianas 376

Sócrates 269, 408

Sol 63-64, 69, 164-165, 212, 221, 235-236, 389-390

Sol Invictus 308-310

sorte *íídolo* Ch) 95-96, 103-104, 116-117

Sphujidhvaja 150

Srimad Bbagavata (In) 148

Ssuma Chien 81

Stein, Sir Aurel 37

Steiner, Rudolf 391

Su Song 74

Suetônio 291

Suméria 208, 212, 219

Sun Ssu-Mo 76

Surya Siddhanta (In) 143

Sutra do Diamante (In) 37

Sutton, Komila 197-204

tabelas alfonsinas 338

tabelas astronômicas 337, 338

Tábua das Esmeraldas (Is) 323, 423

Tai, Lady 68, 69, 73

Taiwan 118

Takata, Maki 389

Tales de Mileto 261, 262-263, 266

Talmude 324, 325

tântrica, astrologia 140, 190

Tao Te Ching (Ch) 53, 54-55, 66

taoísmo 40, 45-46, 53-61, 66, 76-78, 126

telescópios 65, 213, 236, 359

Tempier, Bispo Stephen 338-339

Temple, Robert, 65, 213, 237, 238

Teógenes 291

teosofia 374-378

Tertuliano 335

Tester, Jim 262, 371-372

thema mundi (mapa do nascimento da criação)

284, 332

Thierry de Chartres 331

Thomas, David 409-416

Tibete 52

Tirth, Swami Naryab 189

Trigault, Nicolas 82

trígonos 296, 296t

trigramas (Ch) 59-61

Tsu Ping 93

Tutancamon 232

Tzu P'ing (método Ch) 43

Tzu Wei (deidade Ch) 111

udjat, olho de (Eg) 237, 237d

Ulugh Beg 141, 323

Upanisbads (In) 146-147

Uraniaborg, Observatório de 361-362

Urano 34, 403-404 Uruk 217

Varahamihira 145, 151, 152, 158, 189-190

varetas da sorte (Ch) 39-40

Vedas (In) 141, 143-144, 145-146, 153, 179

Vénus 169-170, 210, 249-250

Vettius Valens 296

Villefranche, Morin de 406

Vitruvius 280-281

Voltaire 372

Wang Chi 107

Wang Chung 82

Wang Pao 66

Wang Wei 107

Wang Xi-ming 75

Warren, Ten.-cel. John 152

West, John Anthony 394

Whiston, William 365

Whitehead, A. N. 397

Witte, Alfred 379

Wohl, Louis de 379

Wong Tai Sin, templo de 38-39

Wu Hsien/Wu Xian 70

xadrez de imagem (Ch) 66

Xenófanes de Colofon 263-264

Yang Hsiung 79, 81

Yang Quan 67

Yang Wei-Té 68

Yang Yün-Sung 107

Yavanesvara 150

Yaw, Imperador 99

yin e yang (Ch) 54-56, 55d, 64, 86, 101, 109,

118 Yu Xi 69

Yu, Imperador-sábio 78, 113

Zadkiel (Richard Morrison) 373-374

Zaratas 264

zen 45-46

Zenão 281

Zhang Heng 64-67

zodiaco 28 *trabalho*

 Áries como ponto inicial 155, 332

 chinês *ver Ming Shu*

 corpo humano e 267, 267 *trabalho*

 egípcio 250-254, 289

 gêmeos, horóscopos de 404

 grego/romano/ocidental 293-294, 375

 indiano 134, 150, 151, 153-157

 judaico 325

 mesopotâmico 209-210, 214, 216, 217

 relógios solares zodiacais 337

 sideral e tropical 199, 283, 403

Zoroastrismo 216, 264

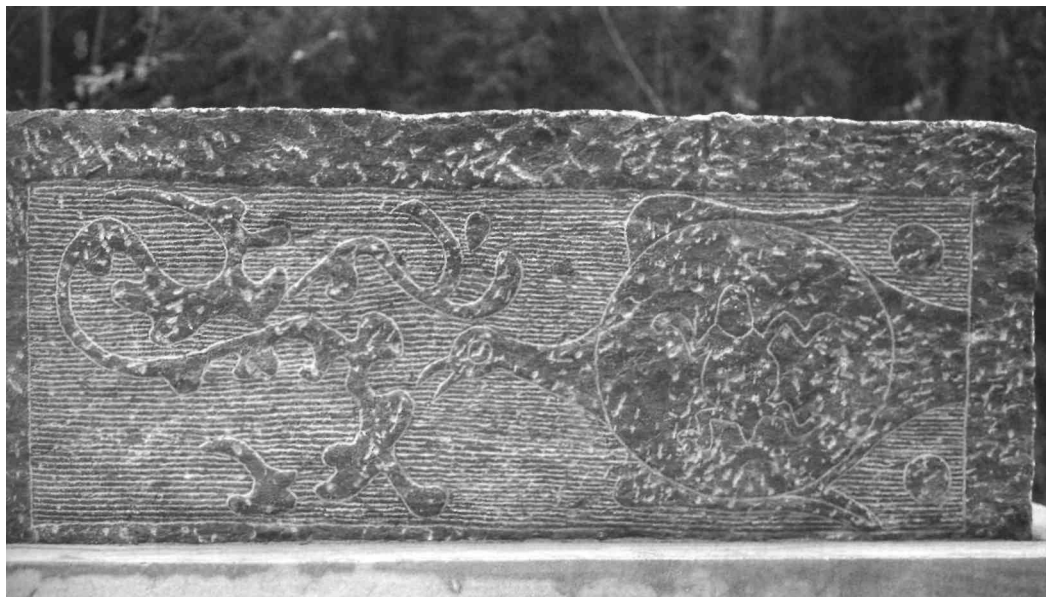
Zoser, Faraó 230, 249

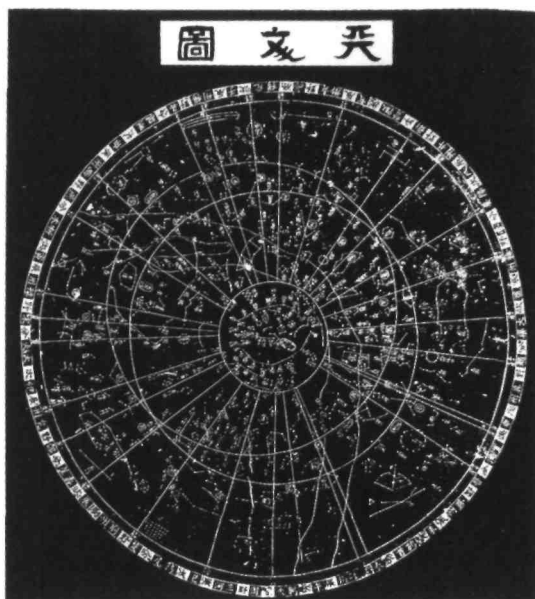
Zu Chongzhi 69



Esfera armilar para medir o movimento dos corpos celestes. Projetada por Kuo Shou-Ching (1276) e reproduzida por Huangfu Chung-Ho (1437). Antigo Observatório de Pequim, China.
(*Peter Marshall*)

Entalhe de um eclipse solar, datado da Dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C). Mostra a Lua, simbolizada por um sapo, cobrindo o Sol, representado por um pássaro. Antigo Observatório de Pequim. (*Elizabeth Ashton Hill*)





Planisfério de Suchow de 1193 representando as estrelas, a eclíptica e o curso em curva da Via Láctea.

Em Joseph Needham, *Science and Civilisation in China*. Cambridge: Cambridge University Press, 1959, vol. 3, fig. 106. (Cortesia do Needham Research Institute, Cambridge.)

304

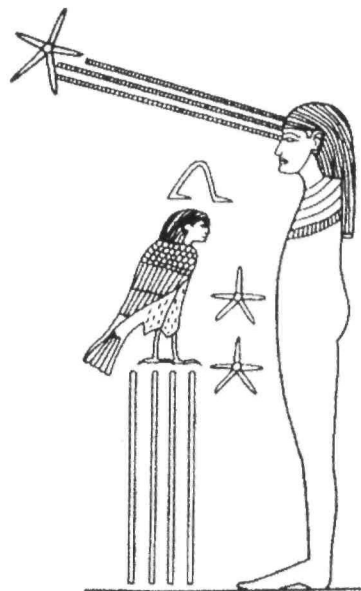


Praticantes de feng shui, cerca do século IV, fazendo o levantamento de um local favorável. A figura inclinada está consultando a sua bússola magnética Lo Pan.

O feng shui é muitas vezes utilizado para ampliar as descobertas de um horóscopo chinês baseado nos Quatro Pilares do Destino. Em Joseph Needham, *Science and Civilisation in China*. Cambridge: Cambridge University Press, 1956, vol. 2, fig. 42. (Cortesia do Needham Research Institute, Cambridge.)

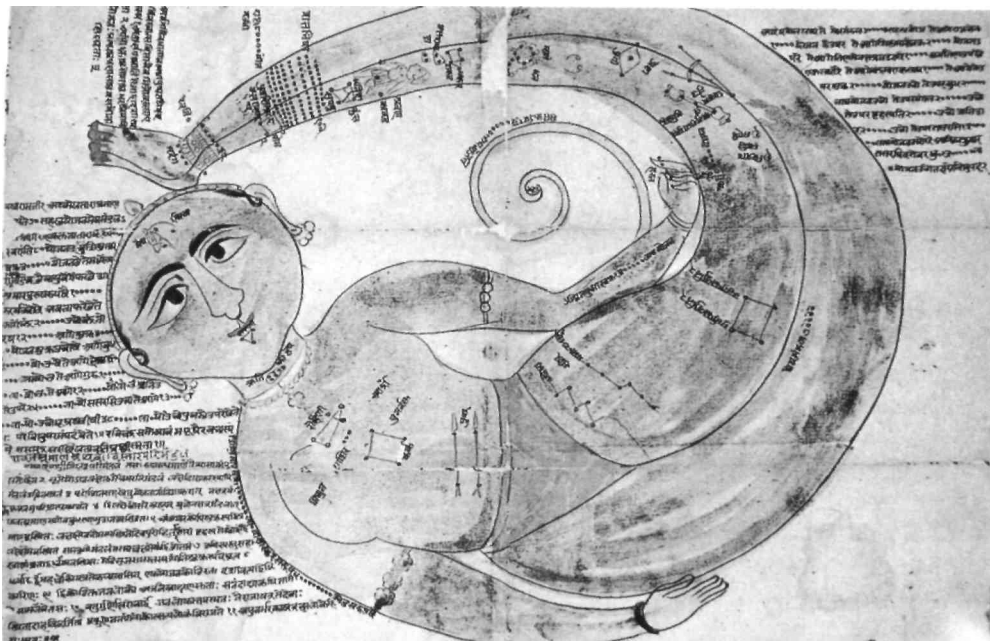


Serpente enrolada representando a energia kundalini, uma manifestação da deusa hindu Shakti. Na astrologia indiana, os nodos da Lua, Rahu e Ketu, indicam a kundalini de uma pessoa. Século XVII, Gujarat. Em Nik Douglas, *Tantra Yoga*. Nova Délhi: Munshiram Manoharlal, 1971.



Detalhe do segundo santuário dourado de Tutancamon. Décima-oitava dinastia (1333-1323 a.C), Egito, Em John Anthony West, *Serpent in the Sky: the High Wisdom of Ancient Egypt*. Wheaton, IL.: Quest Books, 1993.

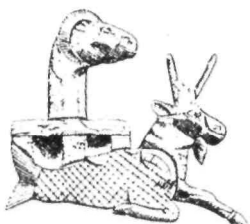
Homem Astrológico mostrando os vinte e oito nakshatras indianos, ou mansões lunares, relacionados ao corpo humano. Século XVIII, Rajastão. Em Ajit Mookerjee e Madhu Khanna, *The Tantric Way*. Londres: Thames & Hudson, 1977.





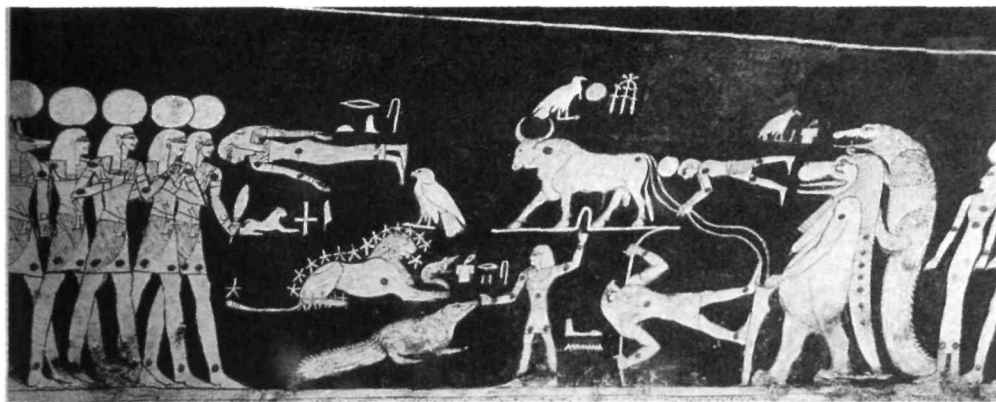
Os signos zodiacais de Sagitário, Capricórnio e Aquário da Babilônia (esquerda) comparados com os do Egito (direita) antes das suas formas finais terem

sido estabelecidas. Em Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, fig. 10. Londres: Jonathan Cape, 1968.



Nut, deusa egípcia do céu, reproduzida de uma urna funerária datada entre os séculos XI e VIII a.C.

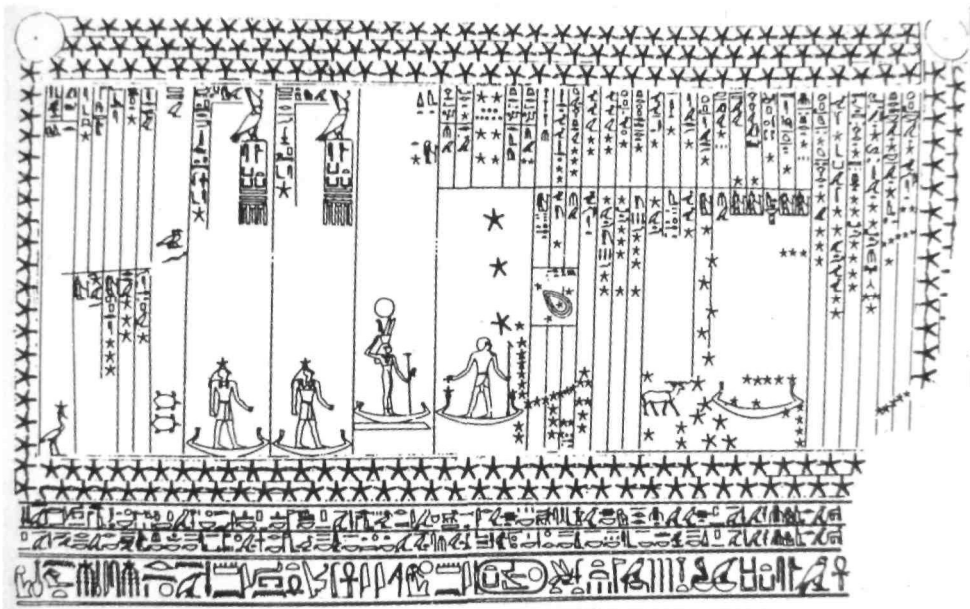
Em E. A. Wallis Budge, *The Gods of the Egyptians*. Londres: Methuen, 1904.



Constelações do Norte Polar representadas no teto da tumba de Seti I. O hipopótamo de pé à direita provavelmente representa a constelação do Draco, enquanto a "coxa" sobre a qual ele repousa a sua pata dianteira é geralmente considerada como a Grande Ursa (Ursa Maior). O leão agachado formado por estrelas é certamente Leão, enquanto o homem de pé é provavelmente Orion e o touro possivelmente Touro.

Décima-nona dinastia (1306-1290 a.C), Vale dos Reis, Luxor.

Em Wm. R. Fix, *Star Maps*. Londres: Octopus Books, 1979.



Um dos primeiros mapas estelares egípcios, cerca de 1473 a.C. no teto da tumba de Senmut, Dar el-Bahari, Luxor. O pássaro com uma estrela, à esquerda, representa Vênus, enquanto as figuras nas barcas solares são Saturno, Mercúrio, a deusa Isis com um disco solar e Orion com as três estrelas do seu cinturão acima da sua cabeça. Os decanos estão descritos à direita.

(Toronto: Jonathan-James, 1979)



Zodíaco circular do teto do Templo de Dendera, Egito. Datando do século I a.C. é o primeiro zodíaco conhecido no mundo. As constelações estão arrumadas em torno do centro.

O original encontra-se atualmente no Louvre, Paris.

(Wheaton, II.: Quest Books, 1993)



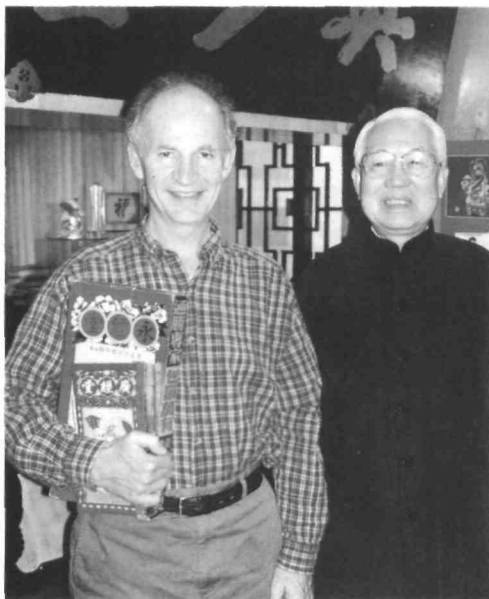
Xilogravura do século XV mostrando uma temida conjunção de Júpiter, prendendo Touro, com Saturno: ambos sob o signo de Escorpião. Acreditava-se que prenunciava um desastre. Em Johannes Lichtenberger, reimpresso em Louis MacNeice, *Astrology*. Londres: Aldus Books, 1964.



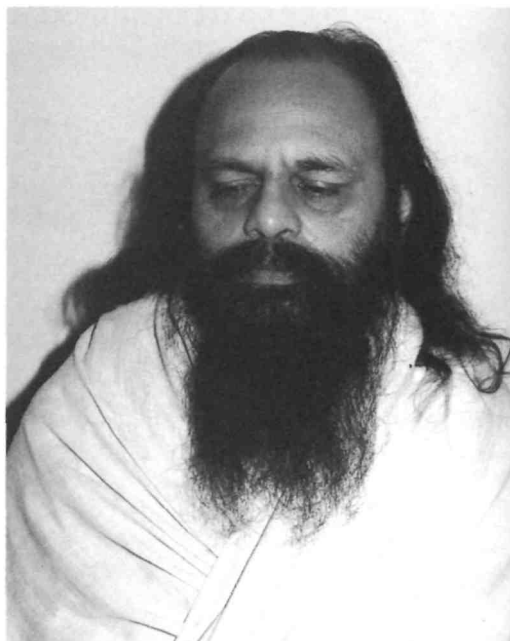
Hieroglifo astrológico do Grande Incêndio de Londres em 1666, previsto por William Lilly em 1651. Mostra os gêmeos do signo de Gêmeos, tradicional signo de Londres, caindo de cabeça para baixo no fogo. Em William Lilly, *Introduction to Astrology*, reimpresso com *A Grammar of Astrology de Zadkiel* (1852). Londres: G. Bell & Sons, 1938.

Homem Astrológico demonstrando as influências celestes sobre as diferentes partes do corpo. Reflete a antiga crença na correspondência entre o macrocosmo' (universo) e o microcosmo (humanidade). Em Athanasius Kicher, *Mundus Subterraneus*, vol. 2. Amsterdã, 1678.





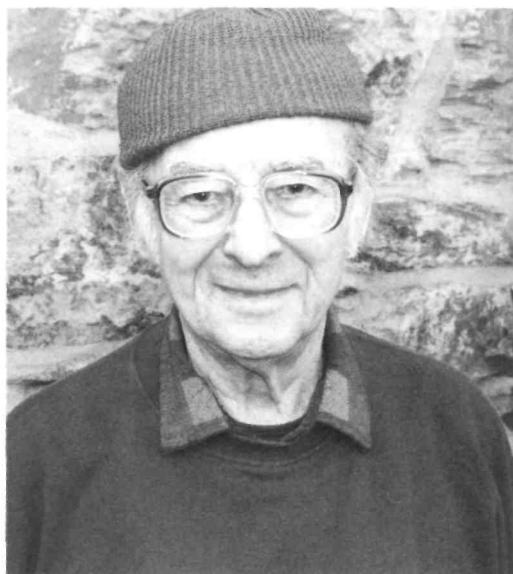
Peter Marshall com Choi Park-lai,
especialista em feng shui e nos Quatro
Pilares do Destino da astrologia chinesa.
Ele publicou também o *Almanaque Chinês*
em Hong Kong.
(Elizabeth Ashton Hill)



O "Yogastrólogo" Swami Yogi Prakash
vive
em Varanasi (Benares), Índia.
(Elizabeth Ashton Hill)



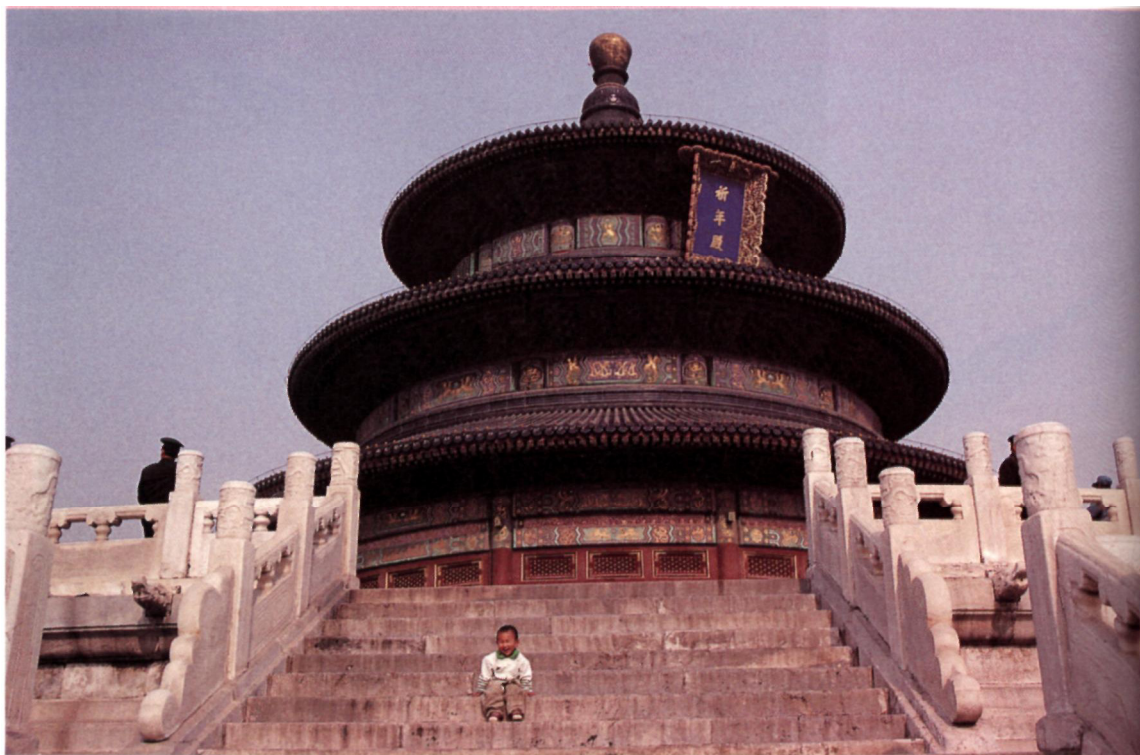
Komilla Sutton, co-fundadora e presidente da
Associação Britânica de Astrologia Védica e
autora de vários livros sobre astrologia.
(Peter Marshall)



David Thomas, astrólogo e escritor.
Vive em North Wales.
(Elizabeth Ashton Hill)

Estrela Polar Sul da Longevidade. Na antiga astrologia chinesa, pensava-se que o deus da Estrela Polar do Sul determinava a extensão da vida da pessoa. Em *Álbum for Taoist Deities and Divine Immortals*. Pequim: Hua Xia, 1995.





O Templo do Céu, Parque Tiantan, Pequim, onde o Imperador vinha a cada ano para pedir boas colheitas. Obra de arte da arquitetura Ming, é uma das maiores construções astrológicas do mundo representando os Quatro Pilares do Destino da astrologia chinesa.
(Peter Marshall)

Detalhe do Templo do Céu. Tocado pelos visitantes para atrair boa sorte, o dragão representa a energia yang masculina, sendo um dos doze signos animais do zodíaco chinês.
(Peter Marshall)



Entalhe de Ganesha, deus hindu da astrologia, destruidor dos obstáculos e começos,
século X, Templo de Lakshmana, Kajuraho, Índia.
(Elizabeth Ashton Hill)



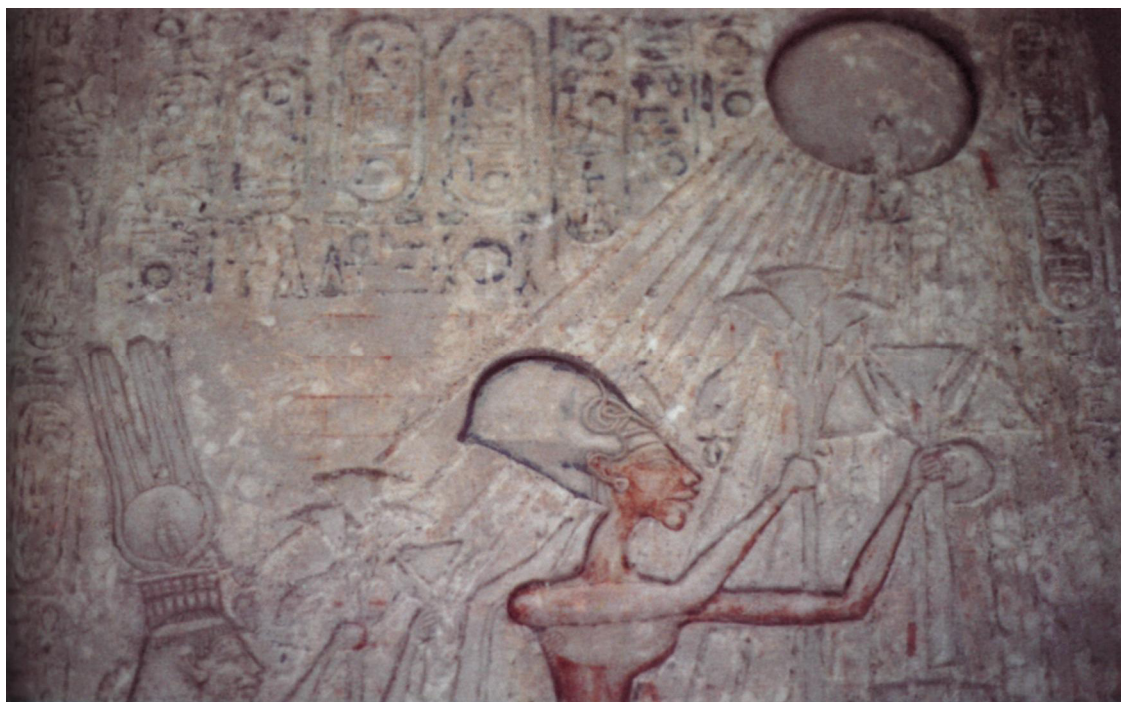
Deus hindu do Sol Surya montado nas costas da constelação do Leão, tecido em uma maravilhosa trama de pessoas e animais. Miniatura indiana, cerca do século XVII. Em Geoffrey Cornelius e Paul Devereux, *The Secret Language of the Stars and Planets*. Londres: Pavilion, 1996.





Deusa egípcia Nut representada duas vezes com os céus noturno e diurno. Após o Sol passar ao longo do seu corpo durante a noite, Nut dá à luz a ele pela sua boca. Teto da câmara mortuária de Ramsés VI, vigésima dinastia (1151-1143 a.C.) Vale dos Reis, Luxor.
(Elizabeth Ashton Hill)

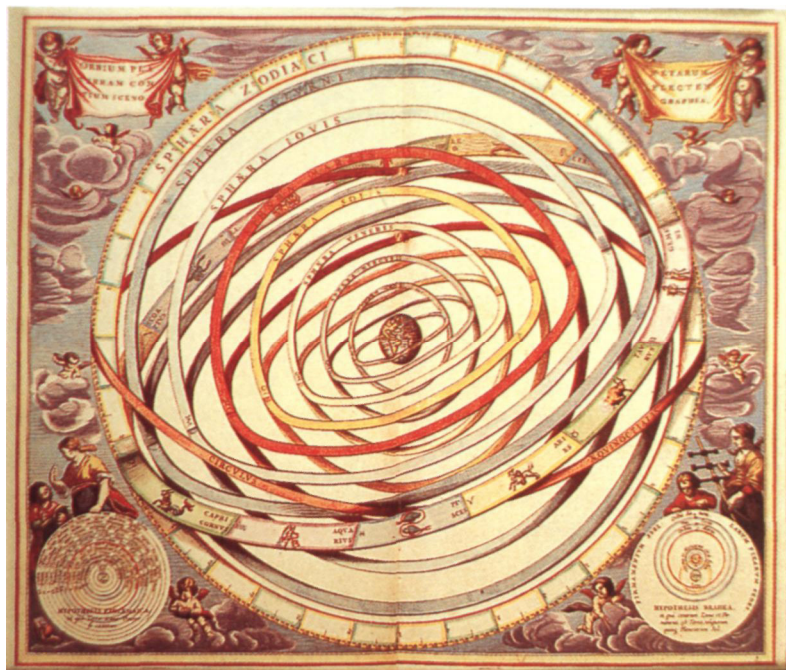
Nefertiti, rainha egípcia, esposa de Akenaton, fazendo uma oferenda ao deus-sol Ra em seu disfarce como disco solar Aton. Tábua em calcário, décima-oitava dinastia (1353-1335 a.C.).
(Elizabeth Ashton Hill)



Deus com cabeça de leão do culto astrológico a Mitra, com os signos do zodíaco entalhados em seu corpo. As sete esferas planetárias correspondiam aos sete graus da iniciação, enquanto a cobra era um símbolo do renascimento. O Mitraísmo floresceu no final do Império Romano.

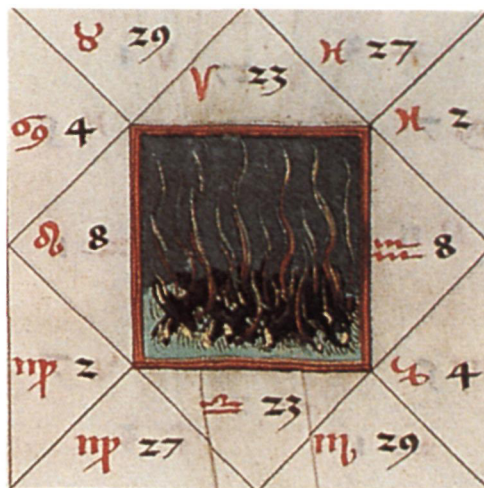
(Peter Marshall)

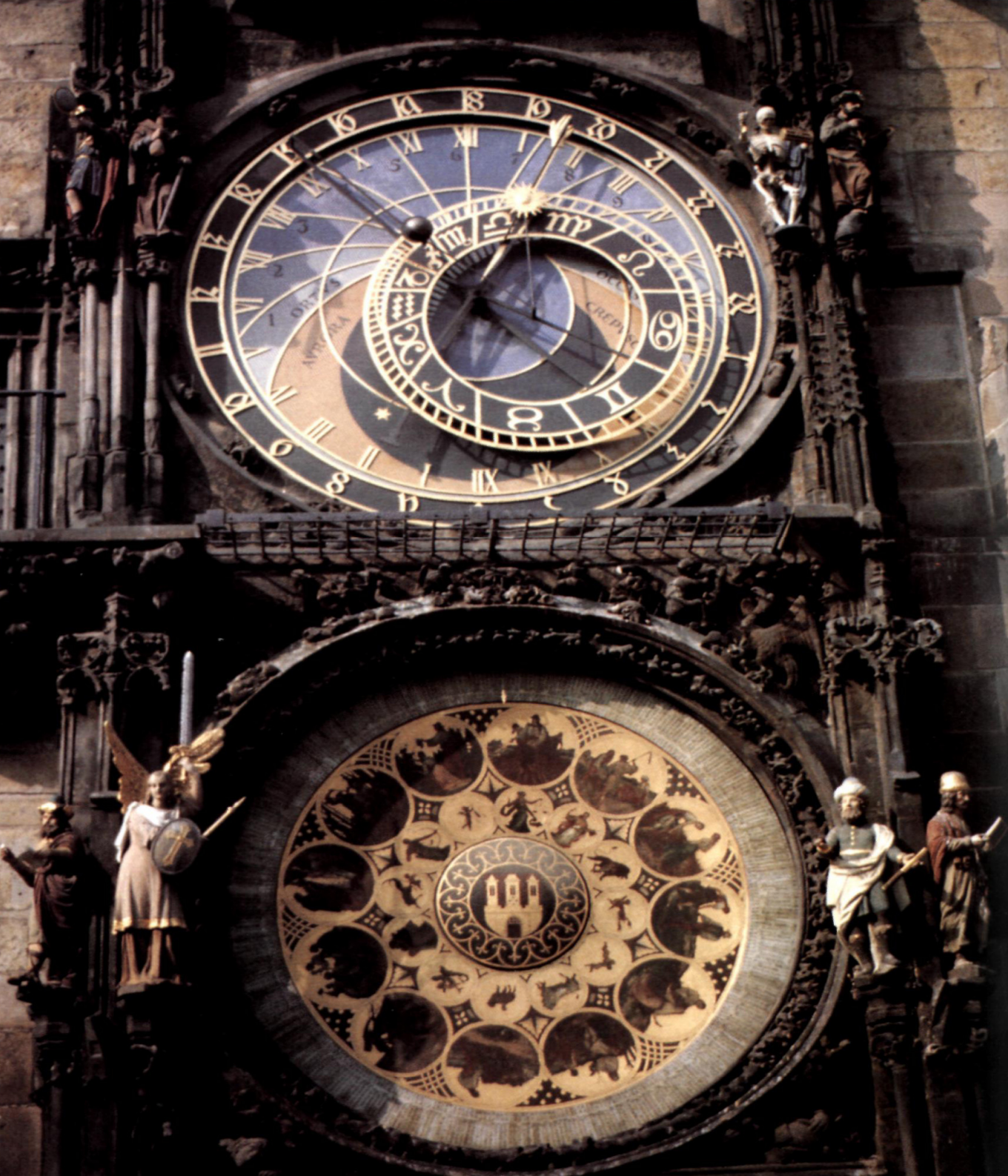




Visão do mundo medieval baseada em Ptolomeu, com a terra no centro e os planetas à sua volta. O sistema ainda é utilizado por astrólogos modernos.
(*Amsterdã, 1660*).

Horóscopos medievais, do *Livro do Destino de Heidelberg*.
Köln: Taschen, 1997.





Relógio medieval construído em 1410, na Antiga Prefeitura, Praga. A face astronômica acima representa o sistema ptolomaico com o sol movendo-se ao longo da eclíptica. A face abaixo, repintada no século XIX, contém um calendário dos meses e signos do zodíaco.

(Elizabeth Ashton Hill)

Este livro foi composto na tipologia Classical
garamond, em corpo 10,5/15, e impresso em
papel off-set 75g/m², no Sistema Cameron da
Divisão Gráfica da Distribuidora Record.

Você pode adquirir os títulos da NOVA ERA
por Reembolso Postal e se cadastrar para
receber nossos informativos de lançamentos e
promoções. Entre em contato conosco:

mdireto@record.com.br

Tel.: (21) 2585-2002 Fax: (21)2585-2085

De segunda a sexta-feira, das 8h30 às 18h.

Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ
CEP 20922-970

Válido somente no Brasil. www.record.com.br

Mais antigo que a civilização e ainda popular em todo o mundo, o estudo das estrelas e planetas e do seu efeito sobre o comportamento humano reflete um impulso primordial para prever o futuro, e faz parte da procura pelo autoconhecimento.

Como veremos neste livro, não existe uma astrologia, mas várias. Para compreender a astrologia chinesa, por exemplo, é essencial entender as noções chinesas do Tao, o yin e yang e os cinco elementos. Todos têm suas raízes no Taoísmo, a mais antiga filosofia da China. Sua maior escritura, o *Tao Te Ching* (O caminho e a sua virtude), é atribuída a Lao-tsé, que morreu por volta do século VI a.C. Da mesma tradição surge o antigo livro de divinação conhecido como *I Ching* (O livro das mutações) que exerce forte influência sobre a astrologia.

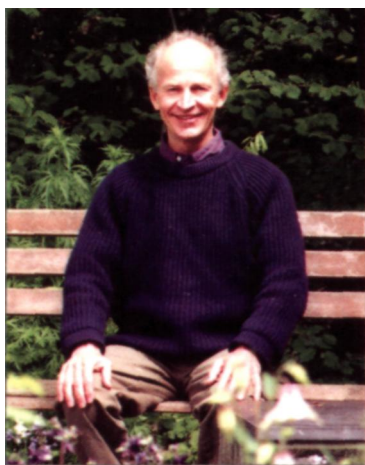
A astrologia na Índia é tradicionalmente utilizada para ajudar a atingir os quatro objetivos principais na vida: *dharma* (trabalho e mérito religioso), *artha* (adquirir riqueza), *kama* (prazer mundano) e *moksha* (libertação). Os pais consultam um astrólogo no nascimento dos filhos não tanto pelas questões materiais de riqueza, casamento e sucesso no mundo, mas para compreender seu destino e auxiliá-los a realizarem o seu potencial. A astrologia pode também ser utilizada para promover a boa saúde, sendo parte integrante da tradicional medicina ayurvédica indiana.

Embora não possa ser provado que os antigos egípcios tenham desenvolvido *todos* os signos do zodíaco, seus astrólogos certamente viram padrões similares no céu. Utilizando as constelações de estrelas como marcadores para traçar o movimento da Lua em seu ciclo mensal, eles provavelmente definiram a forma do Leão, viram as duas crianças em Gêmeos e deram atenção ao carneiro de Áries. O zodíaco final como o conhecemos é, portanto, produto de uma confluência de idéias.

O conceito dos quatro elementos foi resgatado pelo grego Hipócrates, nascido em 460 a.C. Ele associou os quatro elementos aos quatro "humores" do corpo,

e argumentou que o desequilíbrio entre eles resultava nas doenças. Em vários aspectos ele encontrou eco na ayurveda, que define a saúde como o equilíbrio entre os elementos. Presume-se que Hipócrates não somente deu origem ao juramento para salvar vidas que até recentemente era assumido por todos os profissionais da área médica como também lançou as bases da astrologia médica. Antecipando a homeopatia e a medicina "holística", insistiu que o paciente é que deveria ser tratado como um todo, e não a doença.

Como defende Peter Marshall, não existe uma astrologia, mas várias — chinesa, indiana e do Oriente Médio, assim como a ocidental. E as viagens do autor só comprovam o empenho das diversas culturas para entender a personalidade humana.



PETER MARSHALL é doutor em História do Pensamento e já viajou pelo mundo inteiro. Entre seus livros publicados destacamos *The Philosophers Stone*, *Riding the Wind*, *Nature's Web*, *Demanding the Impossible*, *Celtic Gold: A Voyage Around Ireland* (transformado em uma série para a rádio BBC) e *Around Africa* (que foi tema de um seriado para a televisão).

CAPA: GASOLINA VAZ

A ASTROLOGIA NO MUNDO

Para Santo Agostinho, a astrologia envolvia um acordo com os demônios; para o Papa João Paulo II, tinha cheiro de pecado. O astrônomo inglês Harold Jones a repudiou como “absoluta tolice” e muitos cientistas lhe viraram as costas. No entanto, ela permanece mais viva do que nunca, tanto nos lares mais humildes quanto nos corredores dos palácios, nos bastidores do poder ou nos grandes mercados financeiros.

Existe correspondência entre o Céu e a Terra? A posição dos corpos celestes influencia pessoas, eventos e comportamentos? Para responder a essas e outras perguntas, PETER MARSHALL empreendeu uma longa viagem rumo ao coração e à mente da astrologia: China, Índia, Oriente Médio, Europa... Mergulhando nos diferentes níveis dos significados — alegóricos e simbólicos, míticos e místicos —, Marshall abre os portões do Céu e revela os segredos das estrelas.

A partir de suas próprias pesquisas e descobertas, o até então cético Marshall convence-se de que a astrologia contém não somente a psicologia da Antigüidade como também oferece esclarecimentos profundamente atuais para lidar com a mente e a imaginação. Ao encerrar verdades importantes a respeito da personalidade humana, o conhecimento da astrologia pode nos ajudar a descobrir o nosso verdadeiro lugar e propósito dentro do universo.

INCLUI ENCARTE COM BELAS FOTOS

